1 Timóteo
2 Timóteo
e Tito

WILLIAM HENDRIKSEN

© 2001, Editora Cullura Cristã. Publicado originalmente em inglês com o título *New Testament Commentary, Exposition ofthe Pastoral Epistles* *por* Baker Books, uma divisão da Baker Book House Company, P.O. Box 6287. Grand Rapids, MI 49516-6287. © 1981, William Hendriksen. Todos os direitos são reservados.

P edição em Português - 2001
3.000 exemplares

Tradução
Vaiter Graciano Martins

Revisão
Claudete Água de Melo
Rubens Castilho

Editoração -
Eline Alves Martins

Capa
Expressão Exata

Publicação autorizada pelo Conselho Editorial:
Cláudio Marra (*Presidente*), Alex Barbosa Vieira,
Aproniano Wilson de Macedo, Fernando Hamilton Costa,
Mauro Meister, Ricardo Agreste, Sebastião Bueno Olinto.

EDITORA CULTURA CRISTÃ
Rua Miguel Teles Júnior, 382/394 – Cambuci
01540-040 – São Paulo – SP – Brasil
C.Postal 15.136 São Paulo – SP – 01599-970
Fone (0**11) 270-7099 Fax (0**11) 279-1255
www.cep.org.br – cep@cep.org.br

Superintendente: Haveraldo Ferreira Vargas
Editor. Cláudio Antônio Batista Marra

ÍNDICE

I JSTA DE ABREVIATURAS 7

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS 9

I. POR QUE DEVEMOS ESTUDÁ-LAS? 9

(1. QUEM ESCREVEU AS PASTORAIS? 9

III. A QUEM FORAM ENDEREÇADAS 47

IV. QUAL É SEU ANTECEDENTE HISTÓRICO E PROPÓSITO? 54

COMENTÁRIO SOBRE 1 TIMÓTEO

CAPÍTULO 1 65

CAPÍTULO 2 117

CAPÍTULO 3 148

CAPÍTULO 4 182

CAPÍTULO 5 206

CAPÍTULO 6 239

COMENTÁRIO SOBRE 2 TIMÓTEO

CAPÍTULO 1 275

CAPÍTULO 2 301

CAPÍTULO 3 345

CAPÍTULO 4 377

COMENTÁRIO SOBRE TITO

CAPÍTULO 1 415

CAPÍTULO 2 441

CAPÍTULO 3 469

BIBLIOGRAFIA SELETA 491

BIBLIOGRAFIA GERAL 492

LISTA DE ABREVIATURAS

As letras nas abreviaturas dos livros são seguidas por pontos. As nas abreviaturas de periódicos omitem os pontos e são grafadas em itálico. Assim, o leitor pode ver num relance se a abreviatura se refere a um livro ou a um periódico.

A. *Abreviaturas de Livros*

A.R.V.	American Standard Revised Version
A.V.	Authorized Version (King James)
C.N.T.	*Comentário do Novo Testamento* de William Hendriksen
Gram.N.T.	A. T. Robertson, *Grammar ofthe Greek New Testament in the Light of Historical Research*
I.S.B.E.	*International Standard Bible Encyclopedia*
L.N.T.	Thayer's *Greek-English Lexicon ofthe New Testament*
M.M.	*The Vocahulary ofthe Greek New Testament Illustrated from the Papyri and Other Non-Literary Sources*, por James Hope Moulton e George Milligan (edição, Grand Rapids, 1952)
N.N.	*Novum Testamentum Graece*, organizado por D. Eberhard Nestle e D. Erwin Nestle (edição mais recente)
R.S.V.	Revised Standard Version
W.D.B.	*Westminster Dictionaiy ofthe Bible*
W.H.A.B.	*Westminster Historical Atlas to the Bible*

B. *Abreviaturas de Periódicos*

EQ	*Evangélica.I Qucirterív*
JBL	*Journal of Biblical Literatura*
JThS	*Journal of Theological Studies*
GThT	*Gereformeerd Theologisch Tijdschrift*
WThJ	*Westminster Theologica Journal*
ZNTW	*Zeitschrift für die Neutestamentliche Wissenschaft*

INTRODUÇÃO ÀS EPÍSTOLAS PASTORAIS

I. Por que Devemos Estudá-las?

É necessário estudar exaustivamente as Epístolas Pastorais pelas seguintes razões:

(1) Porque elas lançam luz sobre o importante problema da *administração eclesiástica.* Essas cartas contêm algumas diretrizes acerca do culto público que faríamos bem em prestar atenção? Que qualidades deve um homem possuir para ser um bom pastor? Um ancião digno? Um diácono consciente? Até que ponto poderiam as mulheres ser usadas na obra da igreja? Sobre quem repousa a responsabilidade primária de suprir os necessitados? Como o ministro deve tratar os homens de idade avançada que necessitam de conselho pastoral? E as mulheres idosas? E os jovens? E as jovens?

(2) Porque enfatizam a *sã doutrina.* É verdade que não importa *o que* uma pessoa creia contanto que seja *sincera* no que ela crê? A Bíblia é de fato "a Palavra de Deus" tal como ela se apresenta, ou simplesmente se torna a Palavra de Deus quando ela o "toca"? Como deve alguém defrontar-se com hereges? E possível prestar demasiada atenção aos erros deles?

(3) Porque exigem uma *vida consagrada.* E possível que uma pessoa seja "doutrinariamente *sã",* porém "corrompida na prática"? Os homens maus devem ser disciplinados? Com que prontidão? Com que propósito em mente?

(4) Porque respondem à pergunta: *"Os credos têm algum valor'!"* A igreja creu, no período de transição, na formulação de credos, nas

declarações concisas e em outros meios de transmitir a verdade do evangelho aos interessados e à juventude? Havia alguns hinos? O lema: "Credos não, Cristo sim" está em harmonia com o ensino das Pastorais?

(5) Porque nos informam *das atividades finais na vida do grande apóstolo Paulo.* O livro de Atos apresenta um relato completo de todas as suas viagens? Houve realmente duas prisões em Roma?

(6) Porque são *uma valiosa fonte para a compreensão da história da. igreja no terceiro quarto do 1° século d. C.* (Ver M. C. Tenney, *The New Testament, A Su.rvey,* p. 354).

(7) Porque *nessas Epístolas,* tanto quanto nas demais, *Deus nos fala.*

II. Quem Escreveu as Pastorais?

A expressão "epístolas pastorais", como um título comum para 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito, data da primeira parte do século 18.[1] Ora, essas cartas certamente fornecem importantes diretrizes aos pastores. Não obstante, o título não é exato. Timóteo e Tito não eram "pastores" no sentido usual e atual do termo. Não eram ministros de uma congregação local, mas, antes, delegados apostólicos, enviados especiais ou comissionados do apóstolo Paulo, enviados por ele para cumprirem missões específicas. A eles foram confiadas tarefas concretas segundo a necessidade do momento. A tarefa deles era cumprir seu ministério espiritual aqui ou acolá, levando a bom termo a obra que se havia iniciado, para em seguida informar ao apóstolo suas descobertas e realizações.

Marcião, em meados de 2.° século, rejeitou essas três cartas. Tertuliano afirma: "Entretanto, estou surpreso que enquanto ele [Marcião] aceitou esta carta [Filemom] que fora dirigida a um só homem, tenha rejeitado as duas epístolas a Timóteo e a dirigida a Tito, as quais tratam da disciplina eclesiástica" (*Against Marcion* V.xxi). Ora, é natural que um homem como Marcião, que pregava o mais estrito ascetismo, negava a legalidade do matrimônio e estabeleceu regras rígidas para o jejum, rejeitasse as Epístolas Pastorais nas quais o ascetismo é condena-

I. P. Anton chamou sua obra *"E.xegetische Abhandhmg der Pastoralbriefe".* Sugeriu o termo pela primeira vez em 1726,

do (1Tm 4.3, 4; Tt 1.14, 15). Um herege não gosta de um escrito que direta ou indiretamente condena sua heresia ou algo parecido.

No século 19 (1807, para ser exato), F. Shleiermacher rejeitou a autoria paulina de 1 Timóteo. F. C. Baur, em sua obra sobre as Epístolas Pastorais (Stuttgart e Tübingen, 1835), defendia a posição de que é inconsistente aceitar 2 Timóteo e Tito e rejeitar 1 Timóteo. As três deviam ser consideradas como literatura pseudo-epigráfica. Muitos discípulos entusiastas - a Escola de Tübingen - endossaram seu ponto de vista. Hoje essa posição é aceita por muitos, ainda que alguns tenham adotado um ponto de vista um pouco mais conservador (ver p. 27).

Pode-se honestamente sustentar que nessa atitude negativa os críticos são tão objetivos como dizem ser? E possível que a forma em que essas três pequenas jóias tratam "alguns dos mais queridos temas da mente moderna"[2] tenha algo que ver com a forma decidida em que negam que Paulo seja o autor? As Epístolas Pastorais põem ênfase especial em assuntos tais como *a realidade e importância dos ofícios eclesiásticos (*1 Tm 3; Tt 3), *a inspiração da palavra escrita* (2Tm 3.16), *a necessidade de manter a pureza doutrinai* (1Tm 4.1-6; 2Tm 3.14; 4.3; Tt 2.1), *a realidade da ressurreição* (2Tm 2.18) e *a exigência divina de que a fé se torne militantemente manifesta.* (2Tm 4.2, 7, 8).

Ora, se tendências subjetivas têm ou não prevalecido, uma conclusão se torna inescapavelmente clara quando os fatos são examinados: os críticos não conseguiram provar sua tese que afirma que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais.

Os argumentos dos críticos podem ser assim resumidos:[3]

(1) No tocante ao vocabulário, as três epístolas são muito semelhantes entre si, mas inteiramente diferentes das outras dez. epístolas,

2. Cf. Edmund K. Simpson, "The Authenticity and Authorship of the Pastoral Epistles". *EQ* 12 (1940), 311.

3. Quem quer que leia a seguinte literatura - uma seleção dentre centenas de livros e artigos sobre este tema - terá os argumentos dos críticos e as respostas dos que aderem ao ponto de vista tradicional com referência à autoria das Pastorais. *Reconhecemos nossa dívida a todos os seguintes:*

Bouma, C., /, *2 Timóteo e Tito* (in *Korte Verklaring der Heilige Schrift met Nieuwe Vertaling).* segunda edição. Kampen, 1953, especialmente pp. 13-35.

Bouma. *C.. De Brieven vau de» Aposte! Pautas aan Timotheus en Titus* (in *Kommentaar op het Nieuwe Testament).* Amsterdã, 1942, especialmente pp. 17-60.

as quais são tradicionalmente atribuídas a Paulo, a saber. Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses e Filemom.[4]

Brooks, A. E., "The Problem of the Pastoral Epístles", *JThS* 23 (1922).
Dibelius, M., *Die Pastoralbriefe,* segunda edição, Tübingen, 1931.
Easton, Burton Scott, *The Pastoral Epístles,* Nova York, 1947. especialmente pp. 29-35.
Goodspeed, E. J., *Paul,* Filadélfia. Toronto. 1947. p. 238.
Grcydanus, S„ *Bizondere Canoniek,* Kampen, 1949, Vol. 0, pp. 205-226.
Harrison, P N„ *The Problem of the Pastoral Epístles,* Oxford, 1921.
Hawkins. R. M., *The Recovery of the Histórica! Paul,* Nashville, Tenn., 1943, p. 13.
Hotzmann, H. J„ *Die Pastorale Briefe.* Lcipzig. 1880.
Knox, John, *Chapters in a Life ofPaul,* Nova York e Nashville, 1946, p. 20.
Lock, W., *A Criticai and Exegetical Commentary on the Pastoral Epistíes* (in *International Criticai Commentary),* Nova York, 1924, pp. xxv-xxxi.
Michaelis, W., "Pastoralbriefe und Wortstatistik", *ZNTW* 28 (1929), 69-76.
Michaelis, W., *Pastoralbriefe und Gefangenschaftbriefe. Zur Echtheitsfrage der Pastoralbriefe,* 1930.
Moffatt, J. *lntroduction to the Literature of the New Testament.* Nova York, terceira edição, 1918.
Nageli, Th., *Der Worlscliatz des Aposteis Paulus,* Gottingen. 1905, pp. 85-88.
Parry. John, *The Pastoral Epistíes,* 1920.
Pherigo, Lindsey P., "Paufs Life After the Close of Acts". *JBL* 70 (dezembro de 1951), 277-284.
Plummer, Alfred, *The Pastoral Epístles* (in *The Expositor's Bible),* reimpresso cm Grand Rapids. Mich.. 1943, vol. 6, pp. 389-392.
Riddle, W. c Hutson, H. H.. *New Testament Life and Literature.* Chicago, 1946, pp. 203-208.
Robertson, A. T., *Word Pictures in the New 'Testament,* Nova York e Londres, 1931, Vol. IV, pp. 555-558.
Schleiermacher, F. *Ueber den Sogenannten Brief von Paulus an den Timotheus.* I 807.
Schweitzer, A., *The Mysticism of Paul lhe Apostle,* Nova York, 1931, p. 42.
Scott, E. F., *The Literature ofthe New Testament,* 6." edição, Nova York, 1940, pp. 191-197.
Scolt, E. F.. *The Pastoral Epistíes* (in *The Moffatt Commentary).* Nova York e Londres, sem dala.
Simpson, E. K., "The Authenticity and Auürorship ofthe Pastoral Epistíes", *EQ* 12 (outubro de 1940), 289-311.
Simpson, E. K., *The. Pastoral Epistíes,* Londres. 1954, pp. 1-23.
Torm, F., "Ueber die Sprache in den Pastoralbriefen," ZNTW 18(1918), 225-243.
Van Oosterzce, J. J., *The Pastoral Epistíes* (in Lange's *Commentary on the Holy Scriptures),* reimpressão, Grand Rapids, Mich., sem dala, pp. 2-6.
White. N. J. D., *The First and Second Epistíes to Timothv and lhe Epistle to Tttus* (in *The Expositor 's Greek Testament),* reimpressão, Grand Rapids, Mich., sem data, Vol. 4, pp. 57-82.
Zahn, Th., *Einleilung in das Neue Testament.* 1897-1900, Vol. II, p. 85ss.

4. Ver, por exemplo, E. F. Scott. *Literature of lhe New Testament,* Nova York. 1932, p, *193.* Também do mesmo autor, *The Pastara! Epistíes* (in *The Moffatt Commentary),* p. xxi,

Quanto aos seguintes pontos que se acham enfatizados sob esse tópico geral, alguns críticos enfatizam um ponto, outros enfatizam outro:

a. A grande similaridade no vocabulário das três pastorais.

b. Os contraste entre o vocabulário das Pastorais e o das outras dez epístolas.

As vezes quase pareceria que um simples relance nos famosos diagramas de Harrison (em seu livro *The Problem ofthe Pastoral Epistles,* Oxford, 1921) seria suficiente para convencer alguns de que Paulo não poderia ter escrito 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito. O número de palavras novas *por página* (!) do texto grego que o autor introduz nessas três cartas, não está totalmente fora de proporção em relação à quantidade muito menor de palavras novas por página usadas por Paulo nas outras dez epístolas? Se o apóstolo escreveu as dez, é possível que tenha escrito as Pastorais?

Além disso, não apontam para um autor distinto de Paulo expressões como as seguintes: "guarda o depósito" ("cf|v uccpa9r|Kr|v 4>úÀai;ov, I Tm 6.20; 2Tm 1.12, 14); "segue a doutrina" (uma forma de TTapaKoXouSéco com ri] 5i5aaKccA.ía, lTm 4.6; 2Tm 3.10); "linguagem profana" (pé|3r|A,oi Kevocjxovíaç, lTm6.20; 2Tm 2.16); "homem de Deus" (ai'0püouoç 0eoO, 1 Tm 6.11; 2Tm 3.17)?

E, em contrapartida, não é verdade que muitas palavras que são usadas diversas vezes nas dez [epístolas] não aparecem nas três: "fazer injustiça" (àÕLKéoo), "sangue" (a!|ia), "incircuncisão" (àicpopuaiiía), "obras da lei" (epya vó^iou), etc.? Burton Scott Easton realça que o verdadeiro Paulo usa a palavra "Espírito" umas oitenta vezes; o autor das Pastorais, só três vezes.

c. A presença, nas Pastorais, de famílias de palavras inteiramente novas ou grandemente expandidas.

Não é verdade que as Pastorais apresentam pela primeira vez com ramificações sem paralelos, não só muitas palavras particulares, mas famílias completas de palavras? Para apresentar apenas um exemplo: a família de compostos que se centraliza em torno da idéia comum do ensino ou da *didática.:*

As seguintes não ocorrem em parte alguma nas dez:

õLÕCCKTLKÓÇ *apto para ensinar,* L Timóteo 3.2; 2 Timóteo 2.24

voiaoõiõáoKaA,oç *mestre da lei,* 1 Timóteo 1.7

KccÀoÕLÕáaKaloç mestre daquilo que é bom, Tito 2.3

liepoôiõaaKaÀelv *ensinar outra, coisa, ensinar doutrina diferente,* 1 Timóteo 1.3; 6.3

Que ocorrem também em duas ou três das dez:

ôiôáoKalo<; mestre, 1 Timóteo 2.7; 2 Timóteo 1.11; 4.3

ÔiõaoKaÀÍa *ensino,* nas Pastorais ocorrendo com grande freqüência, tanto sentido ativo quanto no passivo *(doutrina)*

õiõctxtí *ensino,* 2 Timóteo 4.2; *doutrina*, Tito 1.9

Que ocorrem também em seis das dez:

ÕLÕáoKG) ensinar, 1 Timóteo 2.12; 4.11; 6.2; 2 Timóteo 2.2; Tito 1.11.

d. A ausência de famílias de palavras paulinas.

Isso é o inverso do precedente.

e. O fato de que várias palavras que se encontram em 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito, porém não nas dez, aparecerem no vocabulário dos Pais Apostólicos, e o fato complementar de que uma alta porcentagem de palavras genuinamente paulinas não aparece nas três e tampouco aparece no vocabulário dos Pais Apostólicos. Alega-se que isso indica que as Pastorais correspondem aos primórdios do 2.° século.

Quanto a isso, é também costumeiramente realçado que durante o 2.° século houve o ressurgimento da dicção clássica. Mantém-se que isso explica a presença de um número considerável de palavras clássicas nas cartas.

f. O uso freqüente de palavras e expressões latinas.

Diz-se que isso indica que o autor das Pastorais não poderia ter sido Paulo, mas que certamente teria sido alguém que morava em Roma ou nas proximidades de Roma. Ou, se tal conclusão não for expressa exatamente dessa forma, o argumento sobre os latinismos que ocorrem nas Pastorais ao menos se encontram na lista das causas para o ceticismo.

g. O sentido totalmente diferente nas Pastorais das palavras que se encontram tanto nelas como nas dez.

Exemplos: *fé* é usada objetivamente nas Pastorais = o que se crê, a verdadeira religião; Paulo, porém, a usa no sentido de confiança subjetiva.

tomar é usado em 1 Timóteo 3.16 em referência à ascensão de Cristo, enquanto que em Efésios 6.13, 16 no sentido de "tomar" armas espirituais.

letra é usada por Paulo num sentido desfavorável; *letras,* porém, são usadas em sentido favorável em 2 Timóteo 3.15 = *os escritos sacros.*

h. Finalmente, o fato de que não só "as pedras" diferem das usadas por Paulo, mas também "as ferramentas e argamassa" (partículas de transição e inferência, que saturam as dez, porém são escassas nas Pastorais).

Não é difícil demonstrar que o valor deste argumento e de suas ramificações tem sido excessivamente superestimado.

Quanto a a., até certo ponto a verdade é exatamente o oposto. Das palavras novas (*novas* no sentido em que não aparecem nas dez) bem poucas se encontram em *todas* as três em conjunto; apenas nove de um total de 306! Daí, *se a falta de similaridade no vocabulário é prova de que o autor é outro, haveria algo a dizer em prol de uma proposição que sustentasse que há um autor diferente para cada epístola pastoral.* 1 Timóteo contém 127 palavras novas; 2 Timóteo, outras 81; e Tito, outras 45. *Em conjunto,* 1 Timóteo e 2 Timóteo contêm apenas dezessete; 1 Timóteo e Tito, apenas vinte; 2 Timóteo e Tito, apenas sete; as três, em conjunto, apenas nove. (Todavia, tanto o vocabulário quanto o estilo, tomados em conjunto, apontam antes para *um só* autor.)

Quanto a b., o fato é que pouco mais de um quarto do vocabulário total da Epístola de Paulo aos Romanos é "novo" no sentido em que não é usado nas outras nove epístolas. A porcentagem de palavras novas, em proporção ao total do vocabulário empregado, em 2 Timóteo (palavras que não aparecem nas dez) é apenas superior a de Romanos. O mesmo vale para Tito. Em 1 Timóteo, cerca de um terço das palavras são novas. Por certo, com base nesses fatos, a tese dos críticos, a saber, que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais, não procede![5]

5. Segue-se a proporção de palavras novas com respeito ao total do vocabulário, dada por

Em cada epístola, Paulo usa as palavras (inspiradas pelo Espírito) de que necessita, a fim de expressar seus pensamentos (inspirados pelo Espírito) acerca do tema específico de que está tratando. Por essa razão, não surpreende que certas palavras, encontradas nas dez, estejam ausentes nas três. Por exemplo, tomemos as primeiras três palavras mencionadas por Harrison em sua lista na p. 31, tomando-as na ordem em que aparecem. A primeira é àÕLKéco: fazer mal, fazer injustiça. A segunda é oú|ia: sangue. A terceira é ccxpopuotía: incircuncisão. Ora, todo o tema da *justiça,* obtida pelo pecador mediante o *sangue* de Cristo e não por meio de ritos tais como a *circuncisâo*, corresponde a epístolas tais como Romanos, Gálatas e, em certa extensão, a 1 Coríntios. Portanto, é nessas epístolas que devemos buscar tais palavras e outras similares. Seguramente, porém, o apóstolo não precisava expor em detalhes a Timóteo e Tito, seus amigos íntimos e colaboradores na obra, a doutrina da justificação mediante a fé! Por isso é que é plenamente natural que essas três palavras não apareçam aqui, embora a doutrina propriamente dita não esteja completamente ausente; ver Tito 3.5-7. O mesmo vale para as demais palavras apresentadas por Harrison nas pp. 31 e 32 de seu livro. A ausência de qualquer uma delas é estranha nas Pastorais, ainda que se torna mais claramente por que não deve ser achada mais num caso do que noutro. Além do mais, se devemos negar que Paulo é o autor das Pastorais pelo fato de que a palavra "Espírito" aparece somente três vezes, não deveríamos também rejeitar a paternidade literária paulina de Colossenses, 2 Tessalonicenses e Filemom?

Quanto a c. e d., é uma espada de dois gumes, pois poder-se-ia também dizer que a própria presença de famílias inteiras de palavras *aqui nas Pastorais como nas dez* aponta na direção de autoria idêntica.

Michaelis e Greydanus:

Romanos:	261:993 = 26.3%
2 Timóteo:	114:413 = 27.6%
Tito:	81:293 = 27.6%
1 Timóteo:	173:529 = 32.7%

Ver Michaelis, o artigo citado, p. 73: Greydanus, *op. cit.,* p. 210.

Isso se harmoniza com as cifras dadas por Harrison, *op. cie,* p. 140. Bouma. *Kommentaar op het Nieuwe Testament.* p. 54, enfatiza o fato de que. das 582 palavras que aparecem nas dez, mas não nas Pastorais, não menos de 469 se encontram em *apenas uma* epístola; e que, portanto, *essas 469 estão ausentes nas outras nove, e também nas Pastorais'.*

Pode-se explicar facilmente que a palavra básica em torno da qual se tem desenvolvido a família de palavras não seja a mesma nas diferentes epístolas: nas cartas a Timóteo e Tito, nas quais havia necessidade específica de bom conselho acerca de sua tarefa específica de *comunicar instrução,* de modo algum surpreende que a família de palavras se desenvolva em torno da idéia de *ensino.*

Além disso, pode-se demonstrar que, se a presença ou a ausência de certas palavras e famílias de palavras é decisiva na determinação da autoria, não seria fácil para os críticos da defesa de Paulo como autor das dez, porque na lista que Harrison apresenta de 41 palavras que aparecem em *cinco epístolas paulinas,* porém não nas Pastorais *(op. cit.,* p. 31), somente *uma* palavra das primeiras 22 aparece em 2 Tessalonicenses! Naturalmente, alguns estariam bem dispostos a desfazer-se de 2 Tessalonicenses também!

Quanto a e., nosso conhecimento do verdadeiro vocabulário que se usava durante a segunda metade do 1.° século d.C., em comparação com o da primeira metade do 2.° século d.C., é por demais escasso para servir como critério fidedigno. Com quanta freqüência ocorre que palavras consideradas como que pertencentes a tempo posterior de repente aparecem em escritos recém-descobertos, e que são de uma época bem anterior? A idéia de que o uso de palavras "clássicas" é indício de um autor do 2.° século d.C. é admitir como verdade algo que precisa ser provado. Por que pareceria irracional supor que Paulo pessoalmente tenha escrito as Pastorais, e que tenha obtido seu conhecimento de vocabulário "clássico" de suas próprias leituras e de havê-lo ouvido? Não fora ele, em sua juventude, estudante? O currículo de Gamaliel nada fornecera da literatura antiga e contemporânea? Não é verdade que o Paulo que temos aprendido a conhecer através das dez epístolas reconhecidas teria tido um extenso conhecimento (direto ou indireto) de autores gregos, de modo a poder citar Menandro (I Co 15.33) e Arato (At 17.28)? É absurdo considerar a possibilidade de que durante sua longa primeira prisão (e, segundo alguns, talvez durante sua segunda prisão, cf. 2Tm 4.13) o apóstolo tenha expandido seu conhecimento fazendo, de vez em quando, incursões na literatura extracanônica? Seja como for, sabemos que algumas palavras que não são usadas em outros lugares do Novo Testamento, mas que foram usadas pelo autor das

Pastorais e por escritores do 2.° século d.C., foram também usadas por contemporâneos dos apóstolos. Quem se atreveria afirmar que muitas outras palavras poderiam não ser do uso comum em data tão antiga que remonte ao 1 século d.C., ou até mesmo anterior a isso?[6]

A similaridade de vocabulário que se nota ao compararem-se as Pastorais com os escritos *cristãos* do 2.° século d.C., não significa necessariamente que, quem quer que tenha escrito 1 Timóteo, 2 Timóteo e Tito tenha vivido nos dias dos Pais Apostólicos e dos apologistas. Poderia significar igualmente que os autores cristãos do 2.° século tenham lido, estudado e, em certa medida, copiado e parafraseado Paulo.

Quanto a f., o uso freqüente de palavras e expressões derivadas do latim é um argumento que pende de um fio muito débil. Os críticos podem assinalar apenas *duas* palavras latinas, e não mais, nas três pastorais, a saber:

|ae|j.ppáva (latim, *membrana), pergaminho*, 2 Timóteo 4.13, e (a mesma passagem) c))eXóvr|ç (latim, *paenula),* a qual tem sido variadamente interpretada como *capa, capa de livro, pasta* [para arquivo]. As palavras latinas, porém, ocorrem naquelas epístolas que mesmo pelos críticos são atribuídas a Paulo: 0picqj|kúto, conduzir em triunfo (cf. latim, *triumphus),* 2 Coríntios 2.14; Colossenses 2.15; |aái<eAJ.ov, açougue (latim, *macellum*), 1 Coríntios 10.25; e upcatcópiov, Guarda Pretoriana (latim, *praetorium*), Filipenses 1.13. Além disso, em seu Evangelho e Atos, Lucas, que fora companheiro de Paulo, e que, segundo 2 Timóteo 4.11, estava novamente com ele durante a segunda prisão do apóstolo, usa quase a metade de um total de cerca de trinta palavras latinas que são usadas no Novo Testamento. Se o companheiro freqüente de Paulo pôde usar palavras latinas, por que Paulo não poderia fazer o mesmo?

E certo que também se ouvem ecos do latim em expressões como as seguintes:

ôeoTTÓrriç *(clominus*), 1 Timóteo 6.1, 2; 2.21; Tito 2.9, dono, senhor

6. Ver W. Lock, *op. ciu,* p. xxix, e especialmente E. K. Simpson. *The Pastoral Epístles,* pp. 16-18; 103, 104.

õUoyoç	(*bilmguis* num de seus significados), 1 Timóteo 3.8, ambíguo
èSpaícopa	*(firmamentum),* 1 Timóteo 3.15, suporte, baluarte, fundamento
eúaép&ia	(*pietas*), 1 Timóteo 2.2; 4.7, 8, piedade, reverência, devoção, viver santo, santidade, religião
laonmoÀoyía	(*vaniloquium*), 1 Timóteo 1.6, conversação fútil
oi rpétepoL	*(nostri),* Tito 3.14, "nosso rebanho", nosso povo
TTPÓOKA.LOLÇ	(*inclinatio*), 1 Timóteo 5.21, inclinação, parcialidade
TrpÓKpi[ia	*(praeiudicium*), 1 Timóteo 5.21, pré-julgamento, preconceito
ae(ayón"|<;	*(gravitas),* 1 Timóteo 2.2; 3.4; Tito 2.7, dignidade, respeitabilidade, gravidade, seriedade
xápiv 'éxeLV	*(gratiam habere),* 1 Timóteo 1.12, reconhecimento, gratidão

Mas, em conexão com isso, observe o seguinte:

1. Também se encontram nos outros escritos do Novo Testamento[7] palavras e frases que nos lembram expressões paralelas no latim.

2. Já durante o 1 século d.C., o grego e o latim haviam alcançado uma posição de intercâmbio e de tradução de um para o outro idioma.

3. O que pode parecer uma expressão copiada pode bem ser apenas o resultado de um desenvolvimento paralelo de cognatos.

Além do mais, mesmo quando se reconhecesse uma considerável medida de influência do latim sobre o grego das Pastorais, provaria isso, de algum modo, que *Paulo* não pôde tê-las escrito? Não é inteiramente natural que o homem que chegara à metrópole do mundo, onde bem recentemente havia passado não menos de dois anos, um homem, ademais, que era altamente suscetível às influências do meio ambiente e que estava desejoso de fazer tudo a todos os homens, começasse a fazer uso mais pleno da dicção "romana" e de sua fraseologia, o que até então não havia feito? Neste ponto o argumento dos críticos parece fracassar completamente!

7. Ver Gram.N.T., p. 109.

Com respeito a g., essas ilustrações se desvanecem imediatamente ao serem examinadas mais detidamente. Assim, alega-se que Paulo usa a palavra *fé* em sentido subjetivo (confiança em Deus e em suas promessas), mas que o autor das Pastorais a usa no sentido objetivo (credo, corpo de doutrina). Mas, para começar pelas Pastorais, a expressão "a fé e o amor que estão em Cristo Jesus" (1 Tm 1.14) indica o exercício dessas virtudes. "Permanecerem fé, em amor e em santificação" (ver lTm 2.15) também ilustra o uso subjetivo. E quando o autor ensina que alguém recebe a "salvação pela fé que está em Cristo Jesus", todos imediatamente entendem que ele está falando da atitude de confiança no Redentor e do exercício dela (portanto, uma vez mais no sentido subjetivo). Ver também 1 Timóteo 3.13; 6.11, 12 e 2 Timóteo 1.13; 3.10; 4.7. E no tocante às dez epístolas, o autor delas nem sempre usa a palavra no sentido objetivo. Assim, em Gálatas 1.23 fala-se de "pregar a fé". Em Gálatas 6.10 usa-se a expressão "os da família da fé". Em Filipenses 1.27: "combatendo unânimes pela fé do evangelho", temos outro excelente exemplo de Uso objetivo. Além do mais, não surpreende que nas Pastorais, Paulo, sendo um homem que está para partir desta vida, esteja preocupado com a preservação de "a verdade", e, conseqüentemente, empregue amiude a palavra "fé" nesse sentido objetivo (1 Tm 1.19; 3.9; 4.1; 5.8; 6.10; 2Tm 3.8; Tt 1.13).

No tocante aos demais exemplos que se supõe demonstram que, quando o autor das três usa uma palavra paulina, o faz num sentido completamente distinto, demonstrando assim que o apóstolo não poderia ter escrito as três, não é de todo evidente por que um autor não poderia usar o mesmo verbo grego no sentido de "tomar" as armas espirituais e no de "recebido no alto", ao referir-se a Jesus e sua ascensão. De forma semelhante, não deve causar estranheza o fato de a expressão "a letra", no singular, ser usada num sentido, porém o termo "letras", no plural, em sentido diferente. Muitos idiomas contêm expressões desse caráter: por exemplo, é muito necessário tomar *ar* puro (no singular), porém não é aconselhável "dar-se *ares"* (plural). Não é verdade que nas epístolas que mesmo os críticos atribuem a Paulo, as palavras "carne" e "lei" são usadas em mais de um sentido, assim como o autor do quarto Evangelho usa a palavra "mundo" em diversos sentidos?

Finalmente, quanto a h., nos discursos *expositivos* ou *argumentati-*

vo.y - pense especialmente em Romanos, 1 e 2 Coríntios e Gálatas podemos esperar naturalmente um uso muito mais extenso de *partículas de transição e inferência* do que num *manual de advertências e instruções* para "pastores". Nesta buscamos e encontramos o modo imperativo.

Em suma, estamos diante de *Paulo*, "já ancião" (denominação que ele mesmo dá a si em Fm 9), escrevendo uma carta. Um homem de idade avançada usaria o mesmo vocabulário de um jovem? Apesar das vigorosas negativas, não é possível que a idade e a experiência de estal-em prisão, quer num passado recente ou no exato momento em que escreve, tenha algo que ver com o vocabulário, com a gramática ou *com ambos?*

O autor das Pastorais está escrevendo a *colaboradores muito achegados que ele mesmo comissionara.* Em nossos dias, quando o ministro de uma congregação grande ministra conselho a seu "auxiliar", com quem tem um trato amistoso, emprega ele o estilo oratório do púlpito que usa aos domingos?

Ao escrever aos seus colaboradores, o autor os aconselha sobre a forma de organizar a igreja, que tipo de presbíteros se devem designar, o que se deve fazer com os hereges, etc. *Temas* dessa natureza requerem o vocabulário que alguém usaria ao expor ante a congregação a doutrina da "justificação pela fé" (Romanos) ou de "a unidade de todos os crentes em Cristo" (Efésios)? N. J. D. White, *op. cit.,* pp. 63, 65, 66, justifica a ocorrência de algumas das novas palavras nas Pastorais, mostrando que sua presença é plenamente natural em cartas que condenam heresias. Ele põe termos tais sob o tópico "Fraseologia polêmica em referência ao falso ensino". Um exemplo é "linguagem profana".

Em conclusão, gostaríamos de perguntar aos críticos: No início de sua carreira como escritor, foi entregue ao apóstolo um catálogo de palavras com a exigência de que, não importa quais fossem as circunstâncias suas e de seus leitores, e sem importar o propósito da epístola ou do tema que fosse escrever, usasse invariavelmente *essas* palavras, e *tão-somente* essas, e além disso as distribuísse em igual proporção em todas as suas cartas, como os salpicos num vestido de bolinhas? Em volume real, físico, a herança literária que Paulo nos legou não é de modo algum imponente: somente 138 páginas pequenas no texto

grego de N.N. (para as *dez* epístolas). Temos o direito de supor que o que está escrito contém *todo* o vocabulário e a sintaxe de Paulo, de modo que qualquer discordância (em palavras ou gramática) que alguém encontra nas Pastorais demonstra que estas devem ser atribuídas a outro autor? Teria alguém o direito de aplicar aos escritos de Paulo um critério que, aplicado a Milton, Shelley e Carlyle, os despojará de grande parte de *seus* escritos?

O argumento baseado no vocabulário e na gramática, não conduz a parte alguma. Mesmo o mais zeloso defensor da autenticidade das Pastorais reconhecerá com prontidão que há uma notável diferença no vocabulário, quando as três são comparadas com as dez, assim como há uma variação *considerável* quando cada uma das três são comparadas urna com as outras duas. É totalmente possível que as explicações que são apresentadas - tais como a idade de Paulo e sua prisão (passada ou presente), o caráter dos leitores, os temas abordados, o propósito - não sejam razão suficiente para tais diferenças. Também podem haver afetado outros fatores, por exemplo, o rápido avanço e desenvolvimento da igreja como uma nova entidade, crescente, mutante e vigorosa, e a necessidade de criar uma nova fraseologia. Expressões tais como "guardar o depósito", "seguir a doutrina" e "homem de Deus" são consideradas por White como pertencentes a essa categoria. Podemos supor que aqui Paulo está usando fraseologia que ouve ao seu redor. Além do mais, tem-se sugerido que em certa medida o "secretário" ou "secretários" poderiam ter influenciado no produto final. Sobre este ponto, veja nota 193, no final do capítulo 2 de Tito.

Entretanto, o ponto a notar é o seguinte: *a responsabilidade da prova repousa inteiramente na crítica, negativa*! Não é o crente conservador que pretende que o vocabulário e a gramática demonstrem que Paulo foi o autor, mas que são *os críticos que proclamam em voz alta que o vocabulário e a gramática indicam que Paulo não poderia ter sido o autor. Os críticos literários dos primeiros séculos, que estavam bem conscientes das peculiaridades gramaticais e do estilo, e portan to puderam pôr em dúvida que Paulo fosse o autor de Hebreus, jamais tiveram dificuldades com as Pastorais.* O crítico moderno tem fracassado completamente em seu intento de demonstrar que uma só palavra sequer do total do vocabulário das Pastorais não tenha sido

escrita por Paulo. Tratei disto com detalhe em conexão com o vocabulário do segundo capítulo de Tito. Veja nota 193.

(2) *O estilo das Pastorais denuncia sua origem forjada.*

Alguns, ao falarem sobre "estilo", usam este termo num sentido que se aproxima de "vocabulário", "dicção". Isso já foi discutido. Outros, contudo, dão uma conotação mais ampla ao termo, e sob esse tópico discutem o *que* o autor das Pastorais diz e especialmente *como* ele o diz, o *caráter geral* de seus pensamentos e particularmente *a maneira* como ele os expressa. Aqui tomaremos o termo neste sentido mais amplo.

Em *um* assunto os críticos estão de acordo, a saber, na afirmação de que o estilo das Pastorais aponta para a direção oposta a Paulo. Mas assim que se formula a pergunta: "por quê?", as respostas se dividem e se tornam contraditórias, afirmando alguns que o estilo propriamente dito de forma alguma é paulino; outros, que em muitos pontos ele faz lembrar Paulo, que teria de ser um falsificador, um imitador consciente. Teria de ter uma cópia das epístolas genuínas de Paulo diante dos olhos. Dessas cópias, teria copiado uma e outra frase, agindo como se fosse Paulo!

A *luz* dessa confusão no campo dos críticos só há uma forma segura de alguém recuar, a saber: mediante um exame imparcial dos próprios fatos. *Estes apontam para Paulo como autor.* Observe o seguinte:

Nessas breves cartas encontramos a mesma classe de pessoa que se revela nas dez. O que aqui se reflete é o caráter de *Paulo,* justamente como, por exemplo, em 1 Tessalonicenses e 2 Tessalonicenses. Veja C.N.T. sobre 1 e 2 Tessalonicenses, pp. 33, 34. O autor das Pastorais está profundamente interessado naqueles a quem se dirige, a saber: em Timóteo e Tito, revelando cordial afeição por eles (1Tm 1.2; 5.23; 6.11, 12; 2Tm 1.2, 5, 6, 7; 2.1, 2, 15, 16; 4.1, 2, 15; Tt 1.4). Partilha suas experiências e sente-se prazeroso em recomendar tudo quanto de bom existe neles (2Tm 1.8; 3.10-15; 4.5-8; Tt 1.4). Atribui à soberana graça de Deus tudo quanto de bom existe nele e em seus destinatários (1Tm 1.12-17; 4.14; 2Tm 1.6, 7, 13, 14; 2.1). Ele revela admirável tato no aconselhamento (1Tm 1.18; 4.6, 11-16; 5.1; 6.11-16; 2Tm 1.2-7; Tt 1.4; 2.7). Trata uma a uma as matérias de especial preocupação para

com Timóteo e Tito (evidentes a todo aquele que porventura leia essas três breves cartas do início ao fim). Está ansioso por vê-los (2Tm 1.4; 4.9, *11;* Tt 3.12).

Além do mais, ele aprecia a figura de linguagem chamada *litotes,* ou seja, afirmação por meio de negação do oposto. Pode-se considerar como um tipo de exposição atenuada ou incompleta de uma ocorrência ou *miosis.* E assim, em vez de dizer que ele está "orgulhoso" de poder pregar a Cristo, ele afirma que "*não* se envergonha" daquele em quem ele crê (2Tm 1.12; cf. 1.8, 16). Semelhantemente, afirma que a Palavra de Deus "*não* está acorrentada" (2Tm 2.9) e que Deus é aquele que *"não* pode mentir" (Tt 1.2). Isto fortemente lembra Paulo, o homem que declarou ser um cidadão de uma "cidade *não* insignificante" (At 21.39); que *"não* fui desobediente" à visão celestial (At 26.19); que *"não* me envergonho do evangelho" (Rm 1.16); que seu ingresso entre os tessalonicenses "não foi infrutífero" (ITs 2.1); que seu apelo *"não* procede de engano" (ITs 2.3); que *não* queria que os leitores fossem ignorantes (ITs 4.13); e que "*não* vos canseis de fazer o bem" (2Ts 3.13).

Ele aprecia as enumerações. E assim ele agrupa as virtudes ou os vícios, catalogando-os em séries (lTm 3.1-12; 6.4, 5; 2Tm 3.2-5; 3.10-11; Tt 3.3). Isto é exatamente o que Paulo faz nas demais epístolas (ver Rm 1.29-32; 2Co 12.20; G1 5.19-23).

Não é contrário a introduzir aqui e ali um "jogo de palavras". Assim ele admoesta o *rico* a depositar sua esperança naquele que dá *ricamente* (lTm 6.17). Ele contrasta "amantes dos prazeres" com "amantes de Deus" (2Tm 3.4). Ele nos informa que um dos propósitos dos escritos inspirados é "para que o homem de Deus seja *completo* (ou *equipado), plenamente* munido (ou *completamente equipado)* para toda boa obra" (2Tm 3.17, passagem esta onde a R.S.V., por meio da sua tradução, perde evidentemente o jogo intencional das palavras). E ele admoesta a Timóteo que, ao pregar a Palavra, que isso "seja a tempo ou fora de tempo".

Aqui, uma vez mais, alguém inevitavelmente pensa em Paulo e em sua inclinação para a mesma característica estilística. E Paulo quem, conhecedor do fato de que a denominação *judeu* (cf. Judá) significa "que ele (isto é, *Deus*) seja louvado, escreve: "Porém *judeu* é aquele... cujo *louvor* não procede dos homens, mas de Deus" (Rm 2.29). E Pau-

lo também quem faz uso do fato de que o nome de um escravo fugitivo, ou seja, Onésimo, significa *útil, benéfico, proveitoso:* "sim, solicito-te em favor de meu filho Onésimo, que gerei entre algemas. Ele, antes, te foi *inútil,* atualmente, porém, é *útil* a ti e a mim" (Fm 10, 11).

Além disso, Paulo gosta de "compostos breves" (E. K. Simpson). Ele às vezes escolhe termos que são compostos de várias palavras (às vezes uma ou mais preposições mais um verbo). Daí, é ele quem diz que o Espírito Santo nos *ajuda* em nossa fraqueza. Ora, essa palavra, *ajudar,* originalmente significa *"ele se apodera de (Xa\i^ávçxai) juntamente com (ovv)* uma pessoa, ou *enfrentando* essa pessoa *ou assumindo seu lugar,* de modo que leva a carga *no lugar* (àvxí) dessa pessoa. O verbo inteiro é o\)vavTiXoL[i.$áveT(xi.[H]

Aqui também as Pastorais se assemelham às dez, atestando compostos tais como Kaxaaxpr\viáou)OLv (se tornam levianas, 1Tm 5.11), ôiaTTapatpípcu (altercações mútuas ou atritos sem fim, 1Tm 6.5), ei)p,exáõoxoL (disposto a partilhar com outros, generoso, 1Tm 6.18), *Beóuvcvoxoç* (inspirado por Deus, 2Tm 3.16) e aútoicaraKpLtoç (condenado por si mesmo, Tt 3.11).

O amor de Paulo por frases "em aposição" - ver, por exemplo, Romanos 12.1, "apresentar-se como sacrifício vivo... (que é) seu serviço segundo a razão (ou *culto racional*)" - é bem conhecido e pode ser ilustrado por várias passagens das dez epístolas. Exemplos semelhantes de aposição ocorrem por todas as Pastorais. Ver, por exemplo, 1 Timóteo 1.17; 3.15, 16; 4.10, 14; 6.14, 15; 2 Timóteo 1.2; 2.1; Tito 1.1, 10; 2.14.

O súbito irromper de doxologias, traço que deparamos ao estudar as dez (ver Rm 9.5; 11.36; 16.27; Ef 1.3ss.; 3.20) aparece uma vez mais nas Pastorais (1Tm 1.17; 6.15, 16; 2Tm 4.18; e cf. outros exemplos de ustilo elevado - "quase doxologias" - em 1Tm 3.16; Tt 2.13, 14).

A expressão de sua indignidade pessoal (Ef 3.8; ICo 15.9) recorre em 1 Timóteo 1.13, a fraseologia "se não... como...?" (1 Co 14.6,7, 9) se encontra também em 1 Timóteo 3.5; além disso, quem, senão o Paulo que conhecemos à luz das dez epístolas, poderia ter escrito esta li-

H. Discuti este verbo em minha dissertação doutorai. "The Meaning of the Preposition *kvxí* in the New Testament", pp. 83, 84.

nha intensamente pessoal e exuberante: "Combati o bom combate, completei a carreira, guardei a fé", etc. (2Tm 4.7, 8)?

Um relance nas frases das Pastorais que Harrison sublinhou (para indicar que também se encontram nas dez) acrescenta ao acúmulo de evidência *em favor* da autoria paulina, ainda que não fosse a intenção de Harrison abonar tal conclusão.

O argumento segundo o qual Paulo não poderia ter escrito as Pastorais uma vez que o estilo de *certas passagens* nas dez não é característica de 1 Timóteo e Tito *nada prova* ou *prova demais.* Existe *algum* autor de nota que *sempre,* em *todas* as circunstâncias, em *todas* as épocas de sua vida, e *sem importar a. quem escreva ou sobre que tema escreva,* empregue *o mesmo estilo sem variaçãol*

Naturalmente admito que há um notável contraste entre a fraseologia de estrutura extensa e complexa de passagens como Efésios 1.3-14; Filipenses 2.5-8, de um lado, e as muitas admoestações breves e cheias de conteúdo das Pastorais, por outro lado. Porém, esta comparação é justa? As sentenças extensas não estão completamente ausentes das Pastorais (ver lTm 1.5-7; 1.8-11; 1.18-20; 2.5-7; etc.). As declarações breves sobejam nas dez.

Tampouco é justo comparar o tom exuberante de certos parágrafos nas dez, com a forma de expressão mais calma e prosaica que caracteriza grande parte do material das Pastorais. Não se deveria comparar 1 Timóteo 2.8-15 com o vigoroso clímax de Romanos 8, e, sim, com uma passagem mais ou menos semelhante: 1 Coríntios 11.1-16. Tampouco dever-se-ia alguém pôr Tito 3.9-14 ao lado de 1 Coríntios 13, mas junto de 1 Tessalonicenses 5.12-22 para comparação. Se as variações no estilo provam um autor diferente, então o autor de 1 Coríntios 13 não poderia ter escrito a epístola a Filemom, nem o autor de Romanos 8 poderia ter escrito Romanos 13!

Além do mais, não é inteiramente natural que o homem que estava bem avançado em anos ao escrever as Pastorais, *agora,* quando a carreira estava chegando ao fim, empregue um estilo mais reservado? Sentir-nos-íamos surpresos com o fato de que com freqüência nas Pastorais notamos que esse fervor rude e vigor fogoso dos primeiros anos haja desaparecido?

Quando as Pastorais são comparadas com aquelas seções das dez que formam a base de uma comparação legítima, torna-se evidente - como já se indicou por numerosos exemplos - que seu estilo é caracteristicamente paulino. Aliás, o estilo dessas três breves cartas é tão notavelmente paulino que vários críticos se dispõem a abrir uma concessão. Admitem que num ou noutro lugar se encontra material genuinamente paulino; por exemplo, as notas pessoais que se encontram em 2 Timóteo 4.6-22. Nesse parágrafo ele solicita a Timóteo que venha antes do inverno e traga a "capa" do prisioneiro e os livros, especialmente os pergaminhos. Demas é descrito como um renegado e Lucas, como leal. Há um breve esboço de sua "primeira defesa". E saudações pessoais são enviadas a várias pessoas. Uma passagem um tanto parecida é Tito 3.12.

Ora, ainda que alguns críticos (especialmente alguns dos primeiros) tenham sido bastante ousados a ponto de considerar também essas notas pessoais como sendo obra de hábil falsificador, o qual tentou dar colorido e verossimelhança a seu hábil produto literário, e que inventou situações irreais - porém de aparência real - com o fim de alcançar seu objetivo, ao mesmo tempo que bafeja ares de profundo respeito pela verdade, essa solução não encontrou aceitação geral.

E de muitos ângulos objetável. E dificilmente provável que um forjador usasse tantos nomes pessoais. Além do mais, ele se veria obrigado a fazer que suas notas de toque pessoal assumissem um aspecto por demais real e vivido. Seguramente, não teria falado de Demas em tom desfavorável (2Tm 4.10), que em nenhuma parte é tomado por Paulo como desertor, um homem que se havia apaixonado pelo mundo (contrastar com Cl 4.14; Fm 24).

Mas a alternativa proposta por outros críticos negativos é algo melhor? Esta alternativa transforma o autor das Pastorais num adaptador que tomou certas passagens genuinamente paulinas, acomodou-as a sua própria composição, e assim deu a impressão de que Paulo era o autor do todo.

Esta teoria, porém, não explica como é que as transições do material genuíno ao forjado veio a ser tão fluente. Como já se observou, poder-se-ia esperar que as costuras fossem percebidas! Além do mais, não é estranho que da correspondência original entre o grande aposto-

lo e seus associados ficassem somente umas poucas notas pessoais genuínas? Em suma, a teoria é vulnerável à luz de diversos aspectos, e hoje é rejeitada por muitos dos próprios críticos negativos. Albert Schweitzer, como era de se esperar, negando que seja Paulo o autor das Pastorais, observa que são vãs as reiteradas tentativas de descobrir nelas "as notas breves escritas por Paulo".[9]

Ora, a verdadeira alternativa à teoria de "recortes e colagem" ou "quebra-cabeça" dos críticos não é negar completamente que Paulo fosse o autor, mas, de conformidade com os dados apresentados, a aceitação de Paulo como o autor de *todo* o conteúdo. O argumento do estilo, quando se tem em conta todos os fatos, indica somente um sentido, a saber, que Paulo é o *autor das Pastorais.*

(3) /l *teologia não é a de Paulo. A cruz já não é mais o centro. Há uma ênfase indevida nas boas obras.*

Causa perplexidade que ainda se reitere tal argumento. Qualquer leitor da Bíblia no idioma inglês [e português] que estude cuidadosamente as Pastorais do início ao fim, e que esteja familiarizado com a doutrina de Paulo como apresentada nas outras dez epístolas, pode responder facilmente aos críticos neste ponto.

Naturalmente, é verdade que nas Pastorais não há uma *exposição detalhada,* da doutrina da salvação pela fé em Cristo sem as obras da lei. Não obstante, essa doutrina é expressa de forma inequívoca em mais de uma passagem, e é totalmente admitida.

A verdade é que a doutrina que é ensinada e pressuposta nas Pastorais é claramente a mesma sustentada nas dez:

Os redimidos foram escolhidos desde a eternidade. São chamados *escolhidos* (2Tm 2.10; cf. Ef 1.4; lTs 1.4).

A salvação deles se deve à graça de Deus em Cristo, e não às obras humanas (lTm 1.14; 2Tm 1.9; Tt 3.5; cf. G1 2.16; Rm 3.21-24).

Cristo é Deus (Tt 2.13; cf. Rm 9.5; Fp 2.6; Cl 2.9).

Ele é o Mediador entre Deus e o homem, sendo o próprio Senhor Jesus Cristo um homem (lTm 2.5; cf. Rm 9.5; ICo 8.4, 6).

9. A. Schweitzer, *The Mysticism of Paul the Aposlle* (traduzido para o inglês por William Montgomery), Nova York, i 93 i, p. 42.

Seu propósito ao vir ao mundo e assumir a humanidade foi salvar pecadores, dos quais Paulo se considera o principal (1Tm 1.15; cf. 2Co 8.9; ICo 15.9; Ef 3.8).

Os homens são salvos por meio da fé neste Mediador divino e humano, Jesus Cristo (2Tm 1.12; cf. Rm 1.17; Ef 2.8).

Esta fé implica a união mística com Cristo: morrer com ele; viver com ele; sofrer com ele; reinar com ele (2Tm 2.11, 12; cf. Rm 6.8; 8.17).

As boas obras são necessárias (1Tm 2.10; 6.11, 18; 2Tm 2.22; 3.17) e devem ser consideradas como fruto da graça de Deus (portanto, fruto da fé) que opera no crente (Tt 2.11-14; 3.4-8; cf. G1 5.22-24; Ef 2.10).

A glória de Deus é o propósito principal do homem (1Tm 6.16; 2Tm 4.18; cf. Rm 11.36; 16.27).

Em tudo isso, onde existe contraste em doutrina, contraste supostamente tão marcante e definido que o autor das dez não poderia ter sido o autor das três? Quando na literatura, mesmo na recente, ainda se defende uma posição tão completamente insustentável e *não se proporciona evidência de qualquer tipo,* alguém sente-se levado a perguntar: "A alta crítica é realmente científica?"

Deus, em sua providência, de forma bem apropriada, cuidou para que nas três epístolas *finais* de Paulo se realçasse *o fruto* (boas obras) da fé, posto que nas cartas precedentes foram apresentadas a *natureza* da fé e a *necessidade* dela em contraste com as obras da lei. Primeiro vem a árvore; em seguida vem o fruto.

(4) Ai" *Pastorais atacam o gnosticismo do 2.^{0} século, especialmente o marcianismo. Ora, Marcião foi expulso da igreja de Roma no ano 144 d.C. Portanto, as Pastorais certamente foram escritas por volta dessa data, ou seja, não antes do segundo quarto do 2.^{0} século, isto demonstra que Paulo não poderia ter sido seu autor.*

Para abonar o ponto de vista de que quem quer que haja escrito as Pastorais está aqui combatendo o ponto de vista dos gnósticos do segundo século, geralmente se põe ênfase nos seguintes pontos:

(a) As "genealogias" (1Tm 1.4; Tt 3.9) são os "aeons" que emanam do seio de Deus dos gnósticos do 2.° século.

(b) As "fábulas" (Tt 1.14) ou "mitos" representam especulações gnósticas do 2.° século.

(c) As práticas ascéticas contra as quais o autor faz advertência ao condenar os pontos de vista de quem proíbe o matrimônio e impõe a abstinência de alimentos (lTm 4.3), apontam para Marcião que praticou o mais estrito ascetismo, rebelando-se contra o matrimônio, a carne e o vinho.

(d) A negação da ressurreição corporal (2Tm 2.18) era uma característica do dualismo gnóstico do 2.° século.

(e) As afirmações de que *toda* a Escritura é inspirada e útil (2Tm 3.16), e que há *um só* Deus (lTm 2.5) não podem deixar de apontar para Marcião, que rejeitava todos os livros do Antigo Testamento e estabelecia uma aguda *antítese* entre o Jeová meramente *justo* do Antigo Testamento e o Deus *gracioso* do Novo Testamento (ou seja, da edição mutilada do N.T. feita por *Marcião).*

(f) O "próprio título do livro de Marcião" ("Antítese") em 1 Timóteo 6.20 confirma o argumento. Seguramente, quem menciona o título da obra de um autor que floresceu no 2.° século não poderia ter sido Paulo que morreu no século!

Aliás, é muito estranho que para algumas pessoas este argumento de seis pontos, que tem sido tão freqüentemente e tão habilmente refutado, esteja ainda sendo reiterado, seja como um todo ou em parte, como se contivesse pelo menos um elemento considerável de valor. A resposta é clara e simples:

Com respeito a (a): As "genealogias", à luz de todo o contexto, são claramente judaicas em seu caráter. Lembram imediatamente as que se encontram no livro de Gênesis (cf. também Crônicas). O *Livro de Jubileus* está repleto de especulações que adornam nomes e histórias do Antigo Testamento. Os judeus eram mestres renomados na arte da *eisegesis* (introduzir os pensamentos e sentimentos do leitor na passagem; oposto a *exegesis:* extrair o sentido que o autor lhe deu). Ora, o próprio Marcião não discute os *aeons.* Não se deve confundir seu ensino com o de Valentino. Mas *em parte alguma* da literatura gnóstica a palavra "genealogia" é usada como sinônimo de "aeon".

Com respeito a (b): As "fábulas" ou os "mitos" são indubitavel-

mente chamados *judaicos* (Tt 1.14). Portanto, simplesmente não é justo equipará-los com as extravagâncias do gnosticismo do 2.° século.

Com respeito a (c): Os críticos parecem ignorar que o apóstolo Paulo advertiu contra tendências ascéticas afins em Colossenses 2.16-23. Então, devemos concluir que Colossenses pertença também ao 2.° século?

Além do mais, poderíamos admitir prontamente que 1 Timóteo adverte contra o gnosticismo ascético, tal como o de Marcião. Isso, porém, não prova que o autor era contemporâneo de Marcião. Aqui não há nada que esteja contra o fato de que um autor do 1 século, a saber, Paulo, possa, sob a diretriz do Espírito, predizer o desenvolvimento de um erro no 2.° século que, em forma incipiente, já existia em seu próprio tempo.

Com respeito a (d): A negação de uma ressurreição física "é tão antiga quanto as colinas". Manifestou-se em formas diferentes. As vezes se rejeitava franca e diretamente a idéia da ressurreição do cotpo. Em outras ocasiões a rejeição era implícita, como em nosso tempo: designa um sentido espiritual para o termo *ressurreição.* Por exemplo, os hereges descritos em 2 Timóteo 2.18 faziam precisamente isto. Em todo caso, em vista do extenso argumento de Paulo em 1 Coríntios 15, contra os que diziam: "Não existe ressurreição dos mortos", é evidente que a afirmação: "a ressurreição já ocorreu" (2Tm 2.18) não prova o que os críticos estão tentando provar. Não prova que Paulo não escreveu as Pastorais.

Com respeito a (e): As passagens a que se faz referência deveriam ser lidas à luz de seus próprios contextos específicos. Então torna-se evidente que, quando o autor está falando de *um* Deus, não está contrastando um Deus do Novo Testamento com um "demiurgo" do Antigo Testamento. Tampouco está pondo o Antigo Testamento numa relação antitética com o Novo, quando usa a expressão "toda a Escritura". Está contrastando o uso incorreto com o uso correto das Escrituras. Quando se faz uso correto das Escrituras de modo que se permaneça em seu claro ensino, a conclusão iniludível será que "*toda* a Escritura é inspirada por Deus e útil".

Finalmente, com respeito a (f): Se isto tem algum valor, eqüivaleria ao seguinte silogismo:

Premissa maior: O autor das Pastorais faz uso do termo "antítese".

Premissa menor: Marcião, herege do 2.° século, também faz uso do termo "antítese", no título de um livro que escreveu.

Conclusão: Portanto, o autor das Pastorais teria conhecido o livro de Marcião.

De forma semelhante, alguém poderia dizer:

Premissa maror: O autor do livro de Gênesis escreve sobre o Paraíso, o rio, a árvore da vida, a serpente.

Premissa menor: O apóstolo João, autor do final do I século d.C., emprega as mesmas palavras em seu livro Apocalipse.

Conclusão: Portanto, o autor do livro de Gênesis teria lido o livro Apocalipse.

Ora, quem quer que leia 1 Timóteo 6.20 com uma mente imparcial e à luz de toda a epístola, facilmente chegará à conclusão de que, ao falar de "antítese", o que o autor tinha em mente não é o contraste de Marcião entre o Cristianismo e o Judaísmo, mas *as opiniões conflitantes* dos que especulavam sobre as genealogias judaicas. Seguramente, *uma coincidência meramente verbal* entre uma palavra usada por um autor e um título usado por outro não pode ser usado como argumento convincente para determinar o autor.

Além do que se disse em resposta ao argumento dos críticos, note-se o seguinte:

Cada vez mais se reconhece hoje que o gnosticismo não surgiu repentinamente no 2.° século, mas teve sua origem muito antes na História. Além do mais, não é um sistema organicamente unificado, mas um sincretismo ou adição religiosa especulativa, à qual contribuíram não só a filosofia platônica, mas também o misticismo oriental, o Judaísmo Cabalístico e o Cristianismo. Portanto, ainda que seja um fato que a heresia condenada pelas Pastorais *tinha certos traços em comum com* o gnosticismo do 2.° século, isso de forma alguma as identifica como uma só.

O erro contra o qual as Pastorais advertem é tanto *presente* (1Tm 1.3-7, 19; 4.7; 6.4, 5, 9, 10, 17; 2Tm 2.16-18; Tt 1.10-16; 3.9) quanto *futuro* (1Tm 4.1-3; 2Tm 3.1-9) - tomados em conjunto abarcam toda a

nova dispensação até a vinda de Cristo; é ao mesmo tempo mormente *doutrinai (*lTm 4) e mormente *moral* (2Tm 3); produz-se *dentro efora* das portas.

Não obstante, um fato é muito evidente, a saber: que *em linhas mestras* o erro aqui condenado se refere *à lei veterotestamentária e sua interpretação* (ver ITm 1.7; cf. 6.4, 5; 2Tm 4.4; Tt 1.14; 3.9). A ênfase é posta aqui. E foi exatamente essa lei com a qual o gnosticismo do 2.° século nada teve que ver. Portanto, não há nada aqui que impulsione alguém a buscar um autor do 2.° século. Pelo contrário, tudo aponta para o 1 s é c u l o e o tempo e época de Paulo.

Pelas razões indicadas, não surpreende que mesmo entre os críticos, os autores mais criteriosos já não mencionem "o argumento baseado na heresia que aqui se condena". Parece que lhes agradaria ignorar que ele foi sempre seriamente usado contra a autoria paulina das Pastorais.

(5) *As Pastorais revelam um marcante progresso na organização eclesiástica, muito mais que no tempo de Paulo. Em seu tempo, ainda não existia um ministério oficial. Em contrapartida, no tempo em que as Pastorais foram escritas havia urna organização bem mais complexa, com oficiais assalariados, cujas qualificações haviam se tornado padronizadas.*

Um crítico chama isso de "o argumento principal", o qual prova que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais. Alguns tentam "reforçá-lo", afirmando ser evidente *o princípio* de organização em forma de pirâmide à luz do fato de que, enquanto as Pastorais reconhecem apenas *um* "bispo" (ITim 3.1, 2; Tt 1.7), elas falam de muitos "presbíteros" ou "anciãos" (Tt 1.5), que evidentemente estavam servindo sob sua diretriz.

Outros críticos, contudo, evitam escrupulosamente fazer referência ao argumento em qualquer de suas formas. Evidentemente também nesse caso gostariam de ignorar que alguém o elaborou. E, por certo, entre os inúmeros argumentos pobres que se têm apresentado em defesa da teoria de que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais, este é um dos piores. Os *fatos* são os seguintes:

(a) E errônea toda a concepção segundo a qual o *ofício* eclesiástico

(comissão divina que implica autoridade sobre vida e doutrina) foi surgindo com o passar do tempo. É simplesmente incorreto dizer que no princípio havia só liderança espontânea com base apenas nos dons espirituais, e que num tempo posterior isso deu lugar aos ofícios eletivos. Ver C.N.T. sobre o Evangelho de João, vol. II. Naturalmente, é verdade que os ofícios extraordinários foram gradualmente cedendo espaço aos ordinários. As Pastorais são os *últimos* escritos de Paulo. Portanto, não surpreende que o ofício "ordinário" de "supervisor" (bispo) ou "ancião" seja introduzido aqui como proeminente.

(b) A noção de que no tempo de Paulo não havia ainda um ministério oficial está em conflito com os fatos mencionados nas Escrituras. Jerusalém tinha seus *diáconos* (homens que "serviam às mesas") muito antes que Paulo empreendesse suas viagens missionárias (At 6.1-6). Desde seus primórdios, a Igreja tinha *anciãos* (At 11.30), ofício que num sentido foi um prolongamento natural da instituição de anciãos no Israel antigo. Já em sua primeira viagem missionária, Paulo havia constituído "anciãos em cada igreja" (At 14.23). Já foi indicado que numa das primeiras cartas escritas por Paulo faz-se menção definidamente de "aos que trabalham entre vós, e vos presidem no Senhor, e vos admoestam" (ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 5.12, 13). Ao regressar de sua terceira viagem missionária, Paulo "convocou os anciãos da igreja" (de Efeso ou de Éfeso e seus arredores). Ele os caracteriza como bispos sobre o rebanho, a igreja "do Senhor, a qual ele comprou com seu próprio sangue" (At 20.17, 28). Numa epístola escrita da prisão se faz menção de "bispos e diáconos" (Fp 1.1).

Ora, com base em tudo isto por certo que não surpreenderia que nas epístolas que o apóstolo escreveu um pouco antes de sua morte, o ofício de "supervisores" ou "anciãos" é reconhecido como já bem notório. E também muito natural que Paulo, sobre a partida desta esfera terrena, especificasse certas qualificações e regulamentações para o ofício, de modo a que igreja se guardasse contra as devastações causadas pelo erro, tanto doutrinai quanto moral.

(c) Nas pastorais, o termo "ancião" (ou "presbítero") e "supervisor" (ou "bispo") são claramente sinônimos, como se prova à luz de Tito 1.5-7 (cf. lTm 3.1-7; Filipenses 1.1; 1 Pedro 5.1,2). Ver comentário sobre esta passagem.

(d) O episcopado, um sistema de governo eclesiástico no qual o bispo governa sobre os presbíteros, parece ter surgido durante o período de transição obscura: o fim do 1 século e princípios do 2.°. Surge passo a passo e se faz evidente pela primeira vez nas epístolas de Inácio de Antioquia (que sofreu o martírio cerca do ano 110 d.C.), onde ele aparece como um episcopado congregacional (não diocesano).[10] ()ra, esse mesmo fato indica que as Pastorais, em que "bispo" é simplesmente outro nome para "ancião" ou "presbítero", *corresponde ao l.° século, e não ao 2°.*

(6) *Posto que Paulo não foi libertado de sua primeira e única prisão em Roma, mas que foi morto, e posto que o livro de Atos, que narra a história, de sua vida desde que perseguia a Igreja até o final de sua prisão, não deixa lugar para. as viagens que estão implícitas nas Pastorais, não é possível que Paulo tenha escrito essas epístolas.*

J. Moffatt declara ousadamente que na realidade Paulo *não saiu de sua prisão*." Esse ponto de vista tem sido defendido por muitos antes e depois dele.

Ora, se isso fosse correto, então os críticos já triunfaram em seu argumento, porque é um fato que as Pastorais implicam um número de viagens que não pode enquadrar-se nos itinerários de Paulo que são relatados no livro de Atos, e para os quais de fato não se pode achar lugar no espaço da vida do apóstolo que cobre Atos. O seguinte deixará isso bem claro:

Quanto a 1 Timóteo, o autor lembra a Timóteo que ele ordenou que este ficasse *em Efeso* enquanto ele se dirigia ao *noroeste partindo de Efeso em direção à Macedônia* (1Tm 1.3). Também o informa (a Timóteo) que ele (o autor) espera ir vê-lo *em breve* (1Tm 3.14).

Ora, segundo Atos, em sua primeira viagem missionária Paulo de Ibrma alguma passou para a Europa (para Macedônia). Na segunda viagem: na ida, o Espírito Santo o proibiu de falar a palavra na Ásia (At 16.6); portanto, não esteve em Efeso; e de volta, ele foi de Corinto

10. Ver um resumo de todo o argumento acerca do surgimento do episcopado em P. Schair, *llixtory ofthe Christian Churcli,* Nova York, 1924, Vol. 2, pp. 132-148.

I I. Ver seu livro *Introduction to the Literature ofthe New Testament,* terceira edição. 1918. p. 417.

para o oriente de Éfeso, em seguida *para o sudeste,* via Cesaréia a Antioquia (At 18.18-23). Na terceira viagem, na ida, Paulo realizou uma poderosa tarefa em Éfeso (At 19). Continuou ali bastante tempo (três anos, At 20.31) e também cruzou depois para Macedônia (At 20.1). Mas dessa vez Timóteo *não foi deixado em Éfeso,* porém foi para Macedônia e Corinto (At 19.21, 22; ICo 4.17; 16.10), e em seguida regressou com Paulo para Macedônia (2Co 1.1. Em seguida vai com Paulo a Corinto, regressa com ele à Macedônia, espera-o em Trôades e, provavelmente, está com ele em Jerusalém (Rm 16.21; At 20.3-5; ICo 16.3). Finalmente, em sua viagem a Roma, Éfeso ficou a longa distância ao norte. Chegando a Roma, seguiram-se dois anos de prisão. E o livro de Atos termina com o relato desse acontecimento. É evidente que nesse relato do livro de Atos não há espaço para a suposta viagem em 1 Timóteo.

Com respeito a Tito, a situação é semelhante. Segundo essa Epístola Pastoral, o escritor deixou Tito em Creta para completar a organização das igrejas nessa ilha (Tt 1.5). Ele então instrui seu colaborador a encontrar-se com ele em Nicópolis (em Epiro, na costa oriental do mar Jônico), onde espera passar o inverno (Tt 3.12).

Segundo Atos, porém, em nenhuma das três viagens missionárias Paulo chegou a Creta. E na viagem a Roma, embora ele e Lucas navegassem "a sotavento de Creta", e chegassem a Bons Portos, o apóstolo é apresentado como um *prisioneiro,* que não realiza nenhuma obra evangelística na ilha, e que não podia dizer nada acerca do lugar onde esperava passar o inverno ou onde desejava encontrar Tito (ver At 27.7-15).

E, finalmente, 2 Timóteo pinta um prisioneiro (em Roma, cf. 2Tm 1.17), considerado "malfeitor" (2Tm 2.9), na véspera de sua execução. *Humanamente* falando, as perspectivas são muito tristes (ver, porém, 2Tm 4.7, 8!). Só depois de uma diligente busca foi que Onésimo pôde encontrá-lo (2Tm 1.16, 17). Em nenhuma parte se vê sua libertação. Quase todos o haviam abandonado. Somente Lucas está com ele (2Tm 1.15; 4.10, 11). Havia chegado (ou está para chegar) o momento de sua partida do cenário terreno (2Tm 4.6, 18).

Em brusco contraste com isso, a notícia da prisão *romana* registrada *em Atos e nas epístolas de Paulo da prisão* (as prisões anteriores certamente não entram no quadro aqui) termina com esperança (ver

também pp. 38-39). O apóstolo vive numa casa alugada à sua própria custa, e nutre esperanças de ser posto em liberdade em breve (At 28.30; Fp 1.25, 26; Fm 22).

A conclusão é inevitável: se *Paulo* escreveu as Pastorais, teria sido posto em liberdade da prisão romana registrada em Atos. Teria feito mais viagens e teria sido novamente preso.

Por muito tempo os críticos (intimidados pelo prestígio de Mof-1'att?) negaram a historicidade de sua soltura ou, pelo menos, procuraram ignorar o assunto. Não obstante, mais recentemente parece ter-se iniciado a volta à posição conservadora. Numa edição da revista *Journal of Bíblica! Literature,* L. P. Pherigo argumenta enfaticamente em prol da posição de que Paulo foi realmente posto em liberdade da prisão registrada em Atos, e que ele trabalhou uns poucos anos mais.[12]

Ora, quem quer que esteja disposto a examinar a evidência se dará conta de que os argumentos contra a posição de que Paulo foi posto em liberdade são muito fracos. Por exemplo, o argumento que afirma que se Paulo tivesse sido posto em liberdade o autor de Atos teria registrado isso - como se Atos fosse a biografia de Paulo! - tem de defrontar-se com o contra-argumento: "se *não* fora posto em liberdade, Lucas *certamente* o teria assim indicado, posto que a nota favorável com que termina seu relato levaria os leitores a esperarem seu livramento" (At 28.30, 31). E não tem apoio a conclusão de que Paulo nunca voltou a I ileso, e portanto não poderia ter escrito 1 Timóteo 1.3, inferência que se deriva da declaração do apóstolo aos anciãos efésios, ou seja: "Agora sei que nenhum de vocês, entre os quais passei pregando o Reino, verá novamente minha face" (At 20.25; cf. v. 38). Nessa passagem de Atos, o apóstolo não disse: "Eu sei que nunca voltarei a Efeso", mas predisse que não voltaria a reassumir pessoalmente a tarefa de percorrer a Ásia Menor, de confirmar as igrejas e de ir de lugar em lugar pregando o evangelho do reino, e desse modo não voltaria a ver os crentes de todos os lugares por onde passara. Tampouco disse Paulo: "Eu sei que *nenhum* de vocês, anciãos, que estão em Efeso, verá nova-

12. L. Pherigo, "Paul's Life After the Glose of Acts", *JBK* LXX (dezembro de 1951), 277-284. Ver também a dissertação doutorai de N. G. Veldhoen. "Het Proces van den Apostei Paulus", Leiden, 1924. E ver *GThT,* Vol. 55, Nr. 2, 3, (1955), pp. 60, 61.

mente minha face", mas: *"Eu sei que todos vocês entre os quais tenho andado pregando o evangelho do reino* não mais verão minha face." O apóstolo estava dirigindo-se aos anciãos *como representantes das igrejas da Asia Menor.* Com tais palavras, não se excluía a possibilidade de uma breve visita a Éfeso. O que se exclui é algo comparável com a atividade diária da obra do reino na região de Éfeso durante três anos (ver *o contexto,* At 20.31).[13]

Os argumentos em prol da posição tradicional (e, como o vemos, *correta)* de que Paulo na verdade foi libertado de sua primeira prisão romana, fez mais algumas viagens, numa das quais escreveu 1 Timóteo e Tito, foi preso pela segunda vez, prisão essa durante a qual escreveu 2 Timóteo, e então foi executado, são os seguintes:

a. O livro de Atos leva o leitor a esperar o livramento de Paulo, e *poderia* ainda implicar essa libertação.

Lucas enfatiza continuamente a justiça relativa, e às vezes as qualidades de amizade e cooperação das autoridades romanas. Resgatado por um tribuno militar das mãos da multidão assassina em Jerusalém, permite-se que Paulo se defenda, primeiro diante do povo e em seguida perante o concilio judaico (At 21.31-23.9). Uma vez mais é resgatado pelo tribuno, dessa vez das mãos dos fariseus e saduceus, que disputam entre si (At 23.10); e uma terceira vez, agora de um grupo de mais de quarenta judeus obrigados por voto. É trasladado para Cesaréia. Cláudio Lísias escreve uma carta em seu favor (At 23.12-35), dirigida ao governador Félix. Este também permite a Paulo defender-se, porém, querendo fazer um favor aos judeus, o deixa na prisão. Quando Festo sucede Félix, o apóstolo apela para César. Festo diz ao rei Agripa que Paulo nada fizera que merecesse a morte, e lhe permite apresentar sua defesa diante do rei. No barco, rumo a Roma, o apóstolo é tratado humanamente pelo centurião Júlio (At 27.3), que em seguida também lhe salva a vida (At 27.43). Depois da tempestade e do naufrágio, sendo acolhido hospitaleiramente pelo chefe da ilha de Malta (At 28.7), e depois de haver coberto a etapa final da viagem, chega a Roma,

13. Assim também F. W. Grosheitlc cm seus comentários sobre esta passagem em *Korte Verklciring.* Para uma solução diferente do problema de Atos 20.25, ver R. C. H. Lcnski, *Interprelation ofihe Acis.* pp. 843, 844.

onde se lhe permite viver por conta própria com um soldado a guardá-lo (At 28.16). Ainda que se trate de um prisioneiro que espera seu julgamento, concede-se-lhe uma considerável liberdade pessoal, bem como a oportunidade de pregar o evangelho (At 20.30, 31). Certamente a noção de que ele fora então *condenado e executado* destoa completamente de todo o relato precedente. Aliás, ainda se tem sugerido (ver o artigo de Pherigo supramencionado) que a expressão "permaneceu dois anos completos" numa casa alugada (ou "por sua própria conta") *poderia* ter um sentido legal, ou seja, que esperou os *dois anos completos* (limite estabelecido pela lei?) durante os quais os acusadores teriam a oportunidade de insistir com suas acusações. Não surgindo nenhuma (Atos 28.21 aponta nessa direção?), o julgamento encerrou-se por desistência, e Paulo foi posto em liberdade, tendo cumprido 0 requisito legal dos dois anos. Não se tem estabelecido se essa interpretação é correta. O *argumento primordial* é este: os capítulos finais de Atos pressupõem uma libertação, e não uma execução.

b. As epístolas de Paulo escritas da prisão revelam que ele esperava ser posto em liberdade (Fp 1.25-27; 2.24; Fm 22).

c. O próprio fato de essas Epístolas Pastorais, que pressupõem viagens que exigiriam a libertação e uma segunda prisão, terem sobrevivido e serem aceitas pela igreja primitiva como autênticas e inspiradas, parece apontar na direção de uma tradição forte e antiga em prol desse aspecto.

d. Ainda muito antes da prisão romana registrada em Atos, o apóstolo nutria o desejo de ir à Espanha (Rm 15.24, 28).

e. Que ele foi posto em liberdade, foi à Espanha, em seguida foi preso pela segunda vez e, tendo prestado testemunho diante das autoridades, foi executado, é certamente a interpretação mais natural da passagem muito discutida de Clemente de Roma que, escrevendo na última década do 1 século d.C., *de Roma,* o centro do império, aos coríntios, admoestando-os a pôr fim a suas lutas oriundas dos ciúmes, disse:

"Paulo ... tendo ensinado a justiça a todo o mundo, *e havendo chegado às fronteiras do Ocidente,* e testificando diante dos governadores, deixou este mundo e foi levado para o Lugar Santo, deixando um extraordinário exemplo de paciência" (Primeira Epístola de Clemente aos Coríntios, V.vii).

A expressão *"às fronteiras do Ocidente",* especialmente quando usada por alguém que escreve *de Roma, o coração e centro do império,* se refere naturalmente ao extremo ocidental da Europa.[14]

De forma semelhante, o *Fragmento Muratoriano* menciona a viagem de Paulo à Espanha.[15] E o grande historiador da igreja, Eusébio, declara de forma significativa:

"Lucas, também, que nos entregou por escrito os Atos dos Apóstolos, chegou ao fim de sua narrativa declarando que Paulo passou em liberdade dois anos completos em Roma, e que pregava a palavra de Deus sem impedimento. A tradição sustenta que o apóstolo, havendo se defendido, voltou a ser enviado em seu ministério de pregação, e ao voltar pela segunda vez à mesma cidade, sofreu o martírio sob o governo de Nero. Enquanto permanecia na prisão, compôs a segunda epístola a Timóteo, significando ao mesmo tempo que já havia ocorrido sua primeira defesa e que seu martírio estava próximo" (*História Eclesiástica* II.xxii. 1, 2). A tradição posterior aceita uma segunda prisão em Roma (Crisóstomo, Jerônimo, Teodoro de Mopsuéstia e outros).

Conseqüentemente, fez-se evidente que o assim chamado argumento "histórico" contra a possibilidade de Paulo haver escrito as Pastorais não tem mais substância do que têm os demais. E preciso encontrar melhores razões, se o intuito é contrabalançar o peso da tradição.

O que já se disse basta para indicar a inadequação dos argumentos dos críticos. Supondo que as Pastorais foram as últimas epístolas de Paulo, escritas depois de sua primeira prisão em Roma, com um propó-

14. Assim Heródoto, no 5.° século a.C., indicou os celtas como a nação *ocidental.* Teodoreto, no 5.° século d.C., falava dos povos da Espanha, Gália e Bretanha como "os que habitam nas fronteiras do ocidente". O uso de Strabo é semelhante. Ver o artigo de Pherigo, supramencionado; também Lightfoot, *St. Clement of Rome,* Londres, 1869, pp. 49, 50. Ver também E. G. Kraeling, *Rantl McNally Bible Atlas.* Nova York, Chicago, San Francisco, 1956, p. 462.

15. O latim está deturpado: lucas obtimc theofile comprindit (para: Lucas optimo Theophilo comprehendit) quia sub pra;sentia eius singula gerebantur sicuti et semote (semota) passione petri (Petri) evidenter declarat sed et profectione pauli (Pauli) ab urbe ad spania (Spaniam) proficiscenti (proficiscentis); ou seja: "Lucas as relata ao excelentíssimo Teófilo porque em sua presença ocorreram os fatos particulares, como o afirma claramente ao omitir a paixão de Pedro assim como a partida de Paulo, quando este se foi da cidade para Espanha." "A cidade" é Roma, é claro.

sito completamente distinto do das outras dez epístolas, fica resolvido o principal problema, pelos menos em grande medida.

De acordo com a informação proporcionada pelas próprias Epístolas, o autor era:

(1) Um homem chamado "Paulo, apóstolo de Jesus Cristo" (1Tm 1.1; 2Tm 1.1), ou "Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo" (Tt 1.1). Assim vemos que essas três cartas identificam seu autor, em contraste com Hebreus, que não menciona o nome de seu autor. Nesse aspecto, as três são semelhantes às dez.

(2) Não só o autor dá seu *nome,* também dá um *perfil* de si mesmo. Esse perfil concorda com o que encontramos em Atos e nas dez *acerca de Paulo.*

a. O "Paulo" de ambas havia sido blasfemo e perseguidor da igreja (ITm 1.12-17; cf. At 8.3; 9.1, 2; 22.4, 5; 26.9-11; ICo 15.9).

b. Convertido, foi divinamente designado para ser pregador e apóstolo (1Tm 1.1, 11; 2.7; 2Tm 1.1, 11; Tt 1.1; cf. At 9.15; 22.14, 15; 26.16-18; 2Co 12.12; G1 1.1; 2.7).

c. Sofreu muito em defesa da verdade, por exemplo em sua viagem por Antioquia, Icônio e Listra (2Tm 1.12, 13; 3.10, 11; cf. At 14; 2Co 11; ITs 1.6; 2.2).

(3) Esse homem escreve três cartas que, com variações menores, são semelhantes *em estrutura* às dez epístolas paulinas. Sobre a natureza da concepção da carta de Paulo, ver C.N.T. sobre 1 e 2 Tessalonicenses. Como exemplo, tomemos 2 Timóteo. Ali encontramos:

a. Menção do nome e o ofício do autor (1.1).
b. Designação da pessoa à qual a carta é dirigida (1.2a), com um breve perfil da pessoa.
c. Saudação inicial (1.2b).
d. Ação de graças, misturada ao corpo da carta (1.3ss.).
e. Saudação final, no presente caso bastante detalhada (4.19-21).
f. Bênção.

Ainda em detalhes menores, como a alínea e: a presença e ausência de palavras de saudação no final da carta, *essas três epístolas* se assemelham, em suas variações, ao que se encontra *nas dez.*. Assim Tímó-

teo tem uma bênção final (6.21b: "A graça seja com vocês"), e não uma saudação. Isso nos lembra Gálatas (6.18). Em 2 Timóteo faz-se menção, um a um, de quem se quer lembrar, e são dados vários nomes (4.19-21). Isso se assemelha ao que se encontra no final de Romanos (cap. 16) e de 1 Coríntios (16.19-21). Em Tito, a saudação final é muito geral (3.15: "Todos os que estão comigo o saúdam"). Poder-se-ia comparar isso com 2 Coríntios (13.13).

(4) Essas três cartas apontam para a mesma relação entre o autor e o destinatário (Timóteo e Tito) que nós conhecemos pelas cartas comumente atribuídas a Paulo (no caso de Timóteo) no livro de Atos.

Era a relação de alguém que escreve com autoridade a quem reconhece sua autoridade, a de um "pai" espiritual a um "filho" espiritual, de amigo para amigo (abrangendo tanto afeição quanto confiança).

Quanto a isso, sobre a relação de Paulo com *Timóteo*, o leitor deve comparar 1 Timóteo 1.2; 2 Timóteo 1.2 com 1 Coríntios 4.17; 16.10; Filipenses 2.19-23; Colossenses 1.1; 1 Tessalonicenses 3.2; e Filemom 1; e sobre sua relação com *Tito,* o leitor deve comparar Tito 1.4 com 2 Coríntios 2.13; 7.6, 13; e 8.17, 23.

(5) As três cartas mencionam nominalmente certas pessoas a quem, por outras fontes, temos aprendido a reconhecer como companheiros e colaboradores de *Paulo.* Ver o comentário sobre 2 Timóteo 4 e Tito 3.

(6) Elas revelam um autor cujo ardente interesse pelas igrejas que estabeleceu, cujo estilo e cuja teologia apontam diretamente para Paulo, como já se demonstrou (ver pp. 23-30).

O testemunho da igreja primitiva está em harmonia com a conclusão que se tem derivado das próprias três epístolas.

Assim Eusébio, havendo feito uma investigação completa da literatura que tinha ao seu alcance, declara: "Mas claramente evidentes e simples são as quatorze [epístolas] de Paulo; não obstante, não temos o direito de ignorar que alguns põem dúvida sobre a [epístola] aos Hebreus" (*História Eclesiástica,* III.iii.4, 5). Obviamente Eusébio, ao escrever em princípios do 4.° século, sabia que toda a igreja ortodoxa aceitava as Pastorais como tendo sido escritas por Paulo. Já observamos que ele faz menção específica de 2 Timóteo como composição do

grande apóstolo, "enquanto estava na prisão", ao vir pela segunda vez à mesma cidade (*Ecclesiastical History*, Il.xxii. 1, 2 e cf. Ill.ii). A atitude negativa de uns poucos hereges (Basílides e Marcião) com respeito às três, e de Taciano e alguns outros que tinham uma forma de pensar afim com respeito a 1 e 2 Timóteo se deveu, provavelmente, ao fato de que o ensino desses homens estava longe de harmonizar-se com o ensino das Pastorais. Pelo menos essa é a explicação dada por Tertuliano, Clemente e Jerônimo. Certamente a opinião de uns poucos hereges não deve ser posta acima do considerado juízo de toda a igreja!

De Eusébio podemos retroceder a Orígenes (cerca de 210-250), que cita um grande número de passagens (por exemplo, em sua obra *Against Celsus:* lTm 2.1, 2; 3.15, 16; 4.1-5, 10, 17, 18; 6.20; 2Tm 1.3, 10; 2.5; 3.6-8; 4.7, 11, 15, 20, 21; Tt 1.9, 10, 12; 3.6, 10, 11) e as atribui a Paulo: "Além do mais, Paulo, que depois chegou ele mesmo a ser um apóstolo de Jesus, disse em sua epístola a Timóteo: Esta é uma palavra fiel, que Jesus Cristo veio ao mundo salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (citando lTm 3.15, *Against Celsus* I. lxiii).

De Orígenes podemos recuar ainda mais, até chegar a seu mestre, Clemente de Alexandria (cerca de 190-200). Este cita a passagem com referência "à ciência, assim chamada falsamente" (1 Tm 6.20, 21), atribuindo esta passagem ao "apóstolo" *(Siromata* Il.xi), Também cita a predição de que "nos últimos tempos alguns apostatarão da fé" (lTm 4.1, 3), atribuindo-a ao "bendito Paulo" *(Stromata* Ill.vi). Um relance no índice de Textos das obras de Clemente (por exemplo, em *The Ante-Nicene Fathers,* reimpressão em inglês de 1951, Grand Rapids, MI, Vol. II) e a leitura dessas passagens no original ou mesmo numa boa tradução basta para provar que nas obras desse pai da igreja há numerosas referências - e citações diretas - às Pastorais, consideradas obra escrita pelo apóstolo Paulo.

Quase ao mesmo tempo, Tertuliano (cerca de 193-216), no breve espaço de umas poucas linhas, cita várias passagens de 1 e 2 Timóteo (1 Tm 6.20; 2Tm 1.14; ITm 1.18; 6.13; 2Tm 2.2, em *Prescription Against Heretics,* XXV), declarando definitivamente que "Paulo dirigiu essa expressão a Timóteo". Já vimos que ele desaprova a rejeição de Marcião das Pastorais *(Against Marcion* V.xxi).

Irineu precedeu por uns poucos anos a Clemente de Alexandria e a

Tertuliano, porém ainda foi contemporâneo deles por longo tempo. Ele começa sua obra *Against as Heresies* (cerca de 182-188) com uma citação de 1 Timóteo 1.4 (passagem sobre as "genealogias intermináveis" que não edificam), a qual definitivamente atribui ao *apóstolo* (ver o Prefácio da obra supramencionada de Irineu). Na mesma obra ele cita ou faz alusão a várias outras passagens, por exemplo 1 Timóteo 1.9 (IV.xvi.3); 2.5 (V.xvii.l); 3.15 (III.i.1); 4.2 (II.xxi.2); e não só da primeira epístola a Timóteo, mas também da segunda (2Tm 2.23; cf. *Against Heresies,* IV., Prefácio, 3) e de Tito (Tt 3.10; cf. *op. cit.,* I.xvi.3). Note especialmente que na última passagem Irineu declara que é Paulo quem nos ordena separar-nos dos que dão atenção a fábulas.

Ora, ao atribuir Irineu as Pastorais ao "apóstolo", ou seja, a "Paulo", sua palavra deveria ter um peso considerável. Ele viajara extensamente e estava intimamente relacionado com quase toda a igreja de seu tempo, e fora discípulo de um discípulo (Policarpo) de um dos apóstolos (João).

O *Fragmento Muratoríano* (cerca.de. 180-200), síntese dos livros do Novo Testamento, declara que o "bendito Paulo... escreve... produto do amor e do afeto, uma a Filemom, uma a Tito e duas a Timóteo... que o proeminente apreço da igreja universal considera sagradas na regulamentação da disciplina eclesiástica".

Entre os escritores ortodoxos, que viveram num ou noutro momento durante o período compreendido entre os anos 90 e 180, encontramos, no final dessa era, Teófilo de Antioquia que faz referência à "água e lavagem da regeneração" *{To Autolycus* Il.xvi), que pode ser considerada uma fusão de Efésios 5.26 e Tito 3.5. Ele cita definitivamente 1 Timóteo 2.2: "Para que vivamos vida tranqüila e mansa" (a mesma obra, III.xiv).

Atenágoras - às vezes chamado "o filósofo cristão do Agora Ateniense" (cf. seu nome *Aten-ágora)* -, era um ateniense de quem se diz que passeando certo dia chegou ao mercado onde encontrou pessoas zombando dos cristãos; então, movido por curiosidade, começou a ler as Escrituras com o fim de refutá-las. Diz-se que se converteu no processo de estudar as Escrituras com tal finalidade. Contemporâneo de Teófilo, considera Deus como "luz inacessível" (*A Pleafor tlie Christians* XVI). Isto certamente nos lembra 1 Timóteo 1.16.

Justino Mártir, escrevendo entre 155 e 161, demonstra conhecer as Pastorais. É certo que nem todas as semelhanças aparentes entre certas passagens de seus escritos e as Pastorais têm valor de evidência. Assim, por exemplo, a expressão "este mesmo Cristo... o Juiz de todos os vivos e os mortos" *(Dialogue with Trypho* CXVIII), embora nos faz lembrar 2 Timóteo 4.1 ("Jesus Cristo, que julgará vivos e mortos"), do que, naturalmente, *poderia* ter-se derivado, era provavelmente uma "palavra fiel" que se havia popularizado numa das primeiras etapas da fé cristã (ver também At 10.42; lPe 4.5; cf. Mt 25.31-46; Jo 5.25-29; 2Co 5.10), de modo que nela não se pode basear qualquer argumento para demonstrar que Justino conhecia as Pastorais. Não obstante, sua referência a "a bondade de Deus e seu amor para com os homens" - note a *filantropia* de Deus - é quase certo que a extraiu de Tito 3.4 ("Porém, quando se manifestou a bondade de Deus... e seu amor para com os homens").

Também, quando chegamos a Policarpo (que escreveu provavelmente em algum momento entre 100 e 135), sentimos que pisamos em lerreno firme. O fato de ele haver conhecido as Pastorais e as citar parece ser indiscutível. Julgue o leitor por si só:

POLICARPO *(Aos Filipenses)*	AS PASTORAIS
"Mas o princípio de todos os males é o amor ao dinheiro" (IV).	"Porque o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males" (lTm 6.10).
"Portanto, sabendo que nada trouxemos para o mundo e que nada dele levamos, vistamo-nos com a armadura da justiça" (IV).	"Porque nada trouxemos para o mundo... nem podemos levar algo dele" (lTm 6.7).
"Da mesma forma os diáconos devem sei' sem doblez, não amantes do dinheiro, temperantes em tudo ..." (V).	"Os diáconos igualmente devem ser dignos, homens de palavra, não amigos de muito vinho nem de lucros desonestos" (lTm 3.8).
"Reinaremos com ele, se realmente livermos fé" (V).	"Se perseveramos, com ele também reinaremos" (2Tm 2.12).
"Porque não amaram este mundo" (IX).	"Pois Demas, amando este mundo, abandonou-me e foi para Tessalônica" (2Tm 4.10).

"Que o Senhor lhes conceda verdadeiro arrependimento" (XI Lat.).	"...na esperança de que Deus possivelmente lhes conceda a conversão" (2Tm 2.15).
"Ore também pelos governantes, pelos potentados e pelos príncipes..." (XII Lat.).	"Antes de tudo, recomendo que se façam súplicas, orações, intercessões e ação de graças por todos os homens; pelos reis e por todos os que exercem autoridade, para que tenhamos uma vida tranqüila e pacífica, com toda piedade e dignidade" (1Tm 2.1, 2).

Aqui, evidentemente, um escritor está usando as palavras de outro, variando um pouco a linguagem de acordo com a necessidade. E muito natural chegar à conclusão de que quando um autor diz: "Demas... amando o mundo", e o outro se refere a pessoas usando que "não amaram este mundo", é o segundo escritor que está usando expressões do primeiro, e não o contrário. Além do mais, *se o discípulo,* Irineu, atribuiu as Pastorais a Paulo, como já demonstramos, não é provável que o *mestre,* Policarpo, também o fizesse? Inácio (não depois de 110), ao exortar Policarpo a agradar àquele que o chamou para ser soldado *{To Polycarp* VI), imediatamente leva o leitor a lembrar-se de 2 Timóteo 2.4. (Outras supostas semelhanças são menos convincentes.)

Devido a seu caráter conflitante, passamos por alto umas poucas alusões prováveis às Pastorais na *Epístola de Barnabé,* e passamos a considerar, finalmente, Clemente de Roma (90-100). As similaridades mais claras são as seguintes:

CLEMENTE DE ROMA *{Aos Coríntios)*	AS PASTORAIS
"Estáveis ... prontos para toda boa obra" (11).	"Lembre a todos... a fazer tudo o que é bom" (Tt 3.1).
"... os que com uma consciência pura servem a seu excelente nome" (XLV).	"Dou graças a Deus, a quem sirvo com consciência limpa" (2Tm 1.3).

Sumariando todo o argumento relativo à autoria, podemos agora dizer com segurança o seguinte:

(1) Os argumentos dos críticos negativos foram examinados deta-

lhadamente e foram achados falhos; ou seja, os críticos não puderam demonstrar que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais.

(2) De acordo com a evidência das próprias epístolas, o autor não foi outro senão o apóstolo Paulo.

(3) Dentro da igreja ortodoxa há uma tradição uniforme que atribui as Pastorais ao apóstolo Paulo. Essa tradição pode ser seguida desde Eusébio, nos princípios do 4.° século, recuando até chegar a Irineu e ao fragmento Muratoriano em fins do 2.° século. Além do mais, as Pastorais se encontram inclusas não só nessa lista (de Muratori), mas em iodas as listas antigas de epístolas paulinas, e também em *todos* os manuscritos e versões que chegaram até nós.

(4) Ainda no período compreendido entre 90 e 180 d.C. descobrimos clara evidência de que 1 e 2 Timóteo e Tito já existiam, eram tidas em alto apreço como a própria palavra de Deus, e eram citadas com freqüência de forma direta ou em paráfrase. É verdade que esses primeiros testemunhos não mencionam Paulo nominalmente como o auior. E, antes, característica deles não mencionar os autores dos livros do Novo Testamento. Eles e seus leitores viviam tão próximo ao tempo dos apóstolos que isso não era considerado necessário.

O próprio fato de que no tempo das testemunhas mais antigas - Teófilo de Antioquia, Atenágoras, Justino Mártir, Policarpo, Inácio e Clemente de Roma - as Pastorais tinham alcançado elevada fama e ampla circulação demonstra que a data de sua origem remonta a um período muito anterior. Daí, toda a evidência histórica aponta para Paulo como o único que durante o período 63-67 d.C. foi no sentido real o autor responsável dessas três pequenas jóias da verdade inspirada.

III. A Quem Foram Endereçadas?

E natural passar do remetente para os destinatários: Timóteo e Tito.

Timóteo, ou Timotheus, era uma pessoa notabilíssima. Seu nome significa "honrar ou adorar a *deus",* originalmente um nome pagão muito comum,[16] que era adotado por judeus e cristãos com mudança de referência, ou seja, para *seu Deus.* Seu caráter era uma mescla de *afeto*

16. Cf. A. Sizoo, *Uit De Wereld vem het Nieuwe Testament,* p. 190.

e fidelidade a despeito de sua natural timidez. Paulo amava Timóteo e admirava seus extraordinários traços de personalidade.

No que tange ao *caráter afetuoso* de Timóteo, é sobre ele que o apóstolo escreveu estas comoventes palavras: "Espero no Senhor Jesus enviar-lhes Timóteo brevemente, para que eu também possa sentir-me animado quando receber notícias de vocês. Não tenho ninguém como ele, que tenha interesse sincero pelo bem-estar de vocês, pois todos buscam seus próprios interesses e não os de Jesus Cristo. Mas vocês sabem que Timóteo foi aprovado, porque serviu comigo no trabalho do evangelho como um filho ao lado de seu pai" (Fp 2.19-22). Aliás, Timóteo era o "filho amado" do apóstolo (2Tm 1.2).

No que tange a sua invariável *fidelidade* e decidida disposição de sacrificar qualquer coisa que parecesse ser-Ihe de interesse pessoal imediato pela causa do evangelho, isso se faz evidente não só à luz da passagem citada, mas também ante o fato de que nenhum dos companheiros de Paulo é mencionado com tanta freqüência e que estivesse com ele tão constantemente como Timóteo. No último capítulo escrito da prisão, o grande apóstolo escreve: "Procura vir ter comigo logo... Procura vir antes do inverno" (2Tm 4.9, 21). Paulo sabia que podia contar com Timóteo, assim como sabia que podia contar com Lucas (2Tm 4.11).

Essa confiabilidade também se faz evidente à luz do fato de que apesar de sua *juventude* - era mais novo que Paulo vários anos (cf. 1 Tm 4.12; 2Tm 2.22) -, sua natural *reserva e timidez* (1 Co 16.10; 2Tm 1.7) e suas *"freqüentes enfermidades"* (lTm 5.23), estava disposto a deixar seu lar para acompanhar o apóstolo em arriscadas viagens missionárias, ser enviado em comissões difíceis e mesmo perigosas e de continuar sendo até o fim um servo digno de Jesus Cristo (Rm 16.21); ver também o comentário sobre ITs 3.2).

Timóteo é mencionado pela primeira vez em Atos 16.1, passagem da qual se poderia inferir com probabilidade que ele era habitante de Listra (cf. At 20.4). Era procedente de um casamento "misto": de um pai grego, pagão, e de uma piedosa mãe judia, Eunice (At 16.1; 2Tm 1.5). Desde sua tenra idade fora instruído nas Sagradas Letras do Antigo Testamento (2Tm 3.15). Com toda probabilidade, em sua primeira viagem missionária (cerca do ano 47 d.C.), Paulo fora o instrumento

para a conversão de Timóteo, por isso desde então podia ser chamado "filho" (espiritual) de Paulo (1 Co 4.17; 1Tm 1.2; 2Tm 1.2). Por isso, não surpreende ler que ele estivesse familiarizado com as perseguições e os sofrimentos que os missionários experimentaram em sua *primeira* viagem (2Tm 3.11), ou seja, antes que o próprio Timóteo se unisse à obra ativa de Paulo. Embora Paulo fosse o pai espiritual de Timóteo, não é de todo improvável que a avó Lóide e a mãe Eunice, cuja conversão ao Cristianismo precedeu à de Timóteo (2Tm 1.5), tenham cooperado muito efetivamente para que esse feliz acontecimento viesse a ocorrer.

Quando, na segunda viagem missionária, Paulo e Silas chegaram a Derbe e Listra, Timóteo atendeu favoravelmente à solicitação do apóstolo de unir-se ao grupo nas tarefas missionárias. Isso deve ter ocorrido em torno do ano 51. A luz de Atos sabemos que as pessoas de sua comunidade "davam bom testemunho dele". Posto ser notório que o pai de Timóteo era grego, de modo que a influência do jovem entre os judeus seria reduzida a zero a menos que se fizesse algo que demonstrasse publicamente sua devoção pelas Sagradas Letras do povo do pacto, ele foi circuncidado (At 16.3). Nesse tempo, provavelmente ocorreu outro acontecimento importante: Timóteo foi ordenado pelos anciãos da igreja local (que fora estabelecida e organizada na primeira viagem) para sua nova tarefa, participando o próprio Paulo da solene "imposição das mãos" (At 14.23; e ver comentário sobre 1Tm 1.18; 4.14; 2Tm 1.6).

Juntamente com os outros missionários, Timóteo subseqüentemente passou para a Europa, tendo Lucas por esse tempo se unido ao grupo. Já expusemos nossas razões para crer que embora Lucas ficasse em Filipos (contrastar "nós" de At 16.11, 13 com "eles" de At 17.1), Timóteo seguiu viagem com Paulo e Silas para Tessalônica (ou pelo menos reuniu-se logo depois com eles ali; ver C.N.T. sobre 1 e 2 Tessalonicenses, pp. 10-11). Também ajudou os demais no lugar seguinte a que chegaram, ou seja, em Beréia, onde ele e Silas foram deixados com o l'im de prestar auxílio espiritual à igreja recém-nascida, enquanto Paulo pessoalmente, acompanhado por alguns de seus amigos, se dirigia à costa, chegando finalmente a Atenas (At 17.10-15). Agindo a pedido de Paulo, Timóteo deixou Beréia e se reuniu com o apóstolo enquanto

este ainda estava em Atenas (ITs 3.1, 2). Foi enviado de regresso a Tessalônia com o fim de fortalecer e animar aos irmãos (ver C.N.T. sobre ITs 3.1, 2). Depois que Paulo partiu de Atenas e começou a obra em Corinto, Silas e Timóteo "vieram de Macedônia" para reunir-se como apóstolo (At 18.1, 5; ver comentário sobre ITs 3.6).

Em Corinto, Timóteo realizou seus trabalhos missionários com Paulo e Silas. Por essa razão (e porque era conhecido em Tessalônica) seu nome é associado com o deles nos cabeçalhos das duas epístolas aos Tessalonicenses, enviadas de Corinto (ver comentários sobre ITs 1.1; 2Ts 1.1).

Na terceira viagem missionária (53/54-57/58 d.C.), Timóteo está com o apóstolo durante o extenso ministério deste em Éfeso. Dali é enviado a Macedônia e a Corinto (At 19.21,22; 1CO4.17; 16.10).Como Timóteo foi por via terrestre - ou seja, a Corinto via Macedônia Paulo esperava que seu colaborador chegasse a Corinto depois que 1 Coríntios houvesse chegado a sua destinação.

Quando Paulo chega a Macedônia, Timóteo reuniu-se a ele, como é evidente à luz do fato de que ele associa seu nome com o do apóstolo na epístola que ora envia aos Coríntios (2Co 1.1). Também é claro que o ajudante e sócio acompanhou o apóstolo até Corinto (Rm 16.21), e que junto com os outros está com Paulo quando regressa a Macedônia (At 20.3, 4), e o está esperando em Trôades (At 20.5). Provavelmente esteve também com o apóstolo em Jerusalém (ICo 16.3).

Por um pouco perdemos Timóteo de vista, mas durante a primeira prisão de Paulo em Roma os dois estão em íntimo contato novamente, como se faz evidente à luz de Filipenses 1.1; Colossenses 1.1; Filemom 1.1. Como o apóstolo espera ser posto em liberdade num futuro próximo (Fp 2.24), ele diz aos filipenses que espera enviar-lhes Timóteo logo (Fp 2.19).

Uma vez mais existe um vácuo na informação que chegou até nós. A próxima vez que ouvimos de Timóteo, ele está em Éfeso, onde Paulo juntou-se a ele. Ao partir, o apóstolo solicita que Timóteo fique em seu lugar (lTm 1.3). Enquanto permanecia ali, certo dia Timóteo recebe a carta que hoje chamamos 1 Timóteo.

Passam-se muitos meses, durante os quais nada se ouve acerca de

Timóteo. Logo chega outra carta, na qual Paulo, escrevendo de Roma como prisioneiro que espera a morte, exorta seu amigo a fazer todo o possível para ir vê-lo antes do inverno (2Tm 4.9, 21). Não existe um relato que esclareça se os dois chegaram realmente a ver-se outra vez. (A declaração enigmática acerca de Timóteo em Hb 13.23 não pode ser discutida aqui.) É possível admitir-se que Timóteo *tentou* ver o apóstolo. Isto está em harmonia com todo seu caráter. Embora seja vacilante e reservado, seu amor por Paulo, e mais ainda pelo Senhor Jesus Cristo, por fim sempre triunfava. Talvez se *estremeça* por um instante (cf. ICo 16.10), porém jamais se *nega.* O seu caráter é digno de admiração. A dinâmica agressividade do apóstolo Paulo encontra uma verdadeira contrapartida em sua natural timidez. Não surpreende que Paulo e Timóteo fossem amigos!

Timóteo e Tito têm em comum a inabalável lealdade à causa do evangelho, a disposição de serem enviados em comissões difíceis e um elevado conceito e respeito por seu amigo e superior, Paulo. Não obstante, em certo aspecto ambos diferem. Tito é mais líder; Timóteo é um seguidor. Tito é o tipo de homem que pode não só receber ordens, mas lambém pode proceder segundo seu próprio critério (2Co 8.16, 17). Timóteo necessita um pouco de estímulo (2Tm 1.6), embora aqui a ênfase esteja posta em "um pouco" e não no "estímulo". Tito é um homem de recursos próprios, um homem com iniciativa numa boa causa. Alguém em quem se vê um pouco da agressividade de Paulo. Timóteo é cooperador, um homem que revela esse espírito mesmo quando tal cooperação exige que se façam coisas que vão contra sua natural limidez. Essa é a forma em que esses dois personagens se exibem na Galeria de Arte dos Escritos Sagrados.

Ora, no que respeita a Tito, seu nome não aparece no livro de Atos, porém em outros lugares do Novo Testamento se encontra treze vezes: duas em Gálatas (2.1; 2.3), uma em 2 Timóteo (5.10), uma vez em Tito (1.4), e não menos de nove vezes em 2 Coríntios (2.13; 7.6; 7.13; 7.14; 8.6; 8.16; 8.23; 12.18; enovamenteem 12.18). Não obstante, aprimeira referência *tácita* a Tito se encontra no livro dos Atos, ainda que ali não se mencione seu nome. Comparando Atos 15.2 ("alguns outros") com Gálatas 2.1,3 ("levando também comigo a Tito"... "mesmo Tito, que estava comigo") sabemos que quando, depois da primeira viagem

missionária, Paulo e Barnabé foram enviados a Jerusalém para ajudar a igreja a chegar a uma conclusão com respeito a se os cristãos gentios deviam circuncidar-se, foram acompanhados por "alguns outros", entre os quais estava "Tito". Com toda probabilidade, Tito era um dos convertidos pelo apóstolo, que o chama "verdadeiro filho na fé comum" (Tt 1.4). Há quem opine que seu lar ficava em Antioquia da Síria, e que se convertera durante a campanha de evangelização especialmente bendita realizada por Paulo e Barnabé nesse lar (At 11.19-26; cf. At 14.26; 15.2; G1 2.1, 3), todavia isso não passa de uma conjetura plausível.

Em seguida Tito se transforma numa pessoa de magna importância para o avanço do evangelho. É posto diante "dos apóstolos e anciãos", em Jerusalém, como *um teste,* um claro desafio aos judaizantes. Tito é grego (G1 2.3) e *ambos* os seus genitores são gentios (em contraste com Timóteo, cuja mãe era judia). Naturalmente, o partido judaizante de Jerusalém exigiu que ele fosse circuncidado. Paulo, porém, não se deixa submeter-se por instante sequer (G1 -2.5), e a questão em disputa fica decidida em favor da livre admissão dos gentios na igreja, com base na fé pura em Cristo, sem que se lhes exija que guardem a lei judaica (At 15.13-29). A importância dessa vitória para a liberdade cristã e para o avanço do Cristianismo dificilmente se poderá superestimar.

Nada mais se ouve de Tito até a terceira viagem missionária de Paulo (data provável, 53/54-57/58). Durante essa viagem, o fiel auxiliar de Paulo é enviado a Corinto em mais de uma missão, ainda que os comentaristas difiram sobre se ele foi enviado duas ou três vezes.[17] Provavelmente, a reconstrução mais simples de suas viagens seja também a melhor. Presumo que na terceira viagem missionária Tito fez apenas duas viagens a Corinto, uma *de Éfeso* (ele foi o portador de 1 Coríntios?) e uma *de Macedônia,* quando levou 2 Coríntios a seus destinatários.

Voltando agora à primeira viagem (Éfeso a Corinto), foi Tito quem recebeu o encargo de realizar a delicada e difícil tarefa de solucionar "a situação coríntia" (rivalidade de partidos, fornicação etc.; ver ICo

17. Este não é o lugar adequado para discutir-se a questão com detalhe. Ela compreende a exegese de passagens, tais como 2 Coríntios 2.4; 8.6, 10.

1.11; 5.6; 16.17). É verdade que sua chegada a Corinto parece ter sido seguida quase imediatamente pela de Timóteo, porém nada se informa em relação com o que este tenha feito na cidade. Não obstante, diz-se aos coríntios que quando Timóteo chegasse, cuidassem para que ele estivesse entre eles "com tranqüilidade" (ICo 16.10). Quanto a Tito, o apóstolo havia esperado encontrar seu emissário de regresso a Trôades. Quando Paulo não o encontrou ali, não teve descanso em seu espírito. Assim que partiu de Trôades e entrou na Europa (Macedônia, 2Co 2.13), seu espírito foi confortado e seu coração se encheu de alegria não só por encontrar Tito, mas por ouvir de seus lábios um relato que *em conjunto* era favorável (2Co 7.6, 13, 14).

A missão para a qual Tito fora chamado a cumprir tinha sido bem sucedida numa medida considerável. Parece que em Corinto ele atuara com base no princípio de que o melhor método de vencer o mal é "com o bem". Assim, enquanto esteve ali, começara a pôr em ação novamente a obra de coleta de fundos para os santos carentes de Jerusalém. Rssa importante obra, que fora iniciada vários meses antes (2Co 8.10), teve a data prorrogada. Tito, com o dinamismo que o caracterizava, lhe imprimira novos impulsos.

Como já se indicou, o relato que Tito havia trazido *não era de todo Javorável.* Os inimigos de Paulo não receberam de bom grado a repreensão que haviam recebido. Atacaram o apostolado de Paulo, e o acusaram de leviandade por haver mudado os planos de viagem (2Co 1.15-24); que ele revelara uma atitude jactanciosa que escondia uma covardia secreta; e que embora pregasse o evangelho sem remuneração, seus motivos não eram puros. Em conformidade com isso, de Macedônia (bilipos?) Paulo então escreve 2 Coríntios, a qual é levada por Tito (o mesmo que levou 1 Coríntios a seus destinatários?). Ele era o homem adequado para lidar com uma situação difícil. Ao mesmo tempo, poderia completar a obra de coletar fundos para os pobres de Jerusalém. Dessa vez Tito é acompanhado por outros dois, um dos quais era um notável pregador (2Co 8.16-24). Tito, fiel a seu caráter, estava desejoso de continuar nessa missão (2Co 8.16, 17). *Nele* não se descobre hesitação alguma.

Segue-se um longo intervalo (talvez cerca de 56 a 63 d.C.) durante o qual nada sabemos de Tito. A próxima menção de seu nome é quan-

do está a cargo de uma igreja em Creta (ou de um grupo de igrejas). Posto em liberdade de sua primeira prisão em Roma, e de viagem em direção ao oriente, Paulo o deixou ali com o fim de levar a bom termo o mandato descrito em Tito 1.5 (ver sobre essa passagem). Encontraremos Tito novamente (ver itens 2, 5, 6 e 10, nas pp. 55-56).

Uma comparação entre 1 Timóteo 4.12 ("Que ninguém despreze sua juventude") e Tito 2.15 ("Exorte e repreenda com toda autoridade. Ninguém o despreze") pareceria indicar que Tito era mais velho que Timóteo. Ele amava os coríntios, amava seu Senhor. Amava a obra do Senhor, e revelou ampla evidência disso pela forma espontânea com que assumiu sua tarefa em Corinto. Nutria o mesmo espírito que Paulo, e seguia de perto seus passos (2Co 12.18). Era original, prudente, corajoso, leal, um amigo íntimo e de confiança do grande apóstolo, o verdadeiro representante deste na causa de Cristo.

IV. Qual é Seu Antecedente Histórico e Seu Propósito?

Tem-se estabelecido (ver pp. 35-40) que toda a evidência histórica aponta na direção de uma libertação de Paulo de sua primeira prisão em Roma. Aonde foi ele imediatamente depois de ser posto em liberdade? Simplesmente não sabemos com nenhum grau de certeza. Naturalmente, as Pastorais implicam uma série de viagens, porém esses são apenas "elos" que podem ser unidos de muitas maneiras diferentes. Teria Paulo ido à Espanha? Teria ido ele de Roma a Filipos, e dali a Éfeso, como afirmam alguns, ou foi o inverso disso (Roma-Éfeso-Filipos), como afirmam outros? *Quando* teria viajado para Espanha? Teria Timóteo pedido permissão a Paulo para sair de Éfeso, permissão essa negada? Se esse é o caso, onde estava o apóstolo quando lhe chegou essa petição? Estava em algum lugar voltando da Espanha e dirigindo-se a Macedônia, como supõem alguns? Ou, e isso me parece preferível, devemos rejeitar a idéia de uma petição procedente de Timóteo, e devemos, quem sabe, pôr *Paulo em Éfeso com Timóteo,* quando solicita ao jovem que permaneça em seu posto, enquanto o apóstolo segue viagem rumo a Europa? É possível formular mais perguntas como essas. Entre as muitas combinações possíveis, o seguinte esquema é tão bom quanto qualquer outro. Ele tem a vantagem de sugerir uma linha

natural de viagem. Veja um bom mapa bíblico do mundo romano do (empo de Paulo (sugiro W.H.A.B., gravuraXV); é também excelente o mapa da edição de dezembro de 1956 de *The National Geographic Magazine,* o mapa que leva o título "Terras Bíblicas da Atualidade". *Não obstante, reafirmo que não há nenhuma certeza:*

1. Imediatamente depois de sua liberação, Paulo envia Timóteo a Filipos com esta boa notícia (Fp 2.19-23). Não pode estar muito fora a data de 63 d.C. Depois de 19 a 24 de julho de 64 (incêndio de Roma), a libertação teria sido muito improvável.

2. Paulo propriamente dito começa sua viagem em direção à Ásia Menor, e ao passar por Creta com essa destinação, deixa Tito na ilha com a finalidade de completar a organização da igreja (ou das igrejas) que fora estabelecida ali (cf. At 2.11; Tt 1.5).

3. O apóstolo chega a Efeso, viaja até Colossos como havia proposto (Fm 22) e regressa para Efeso.

4. Ali ele se reúne a Timóteo que traz notícias da congregação de Filipos (ver 1). Ao partir, Paulo solicita a Timóteo que ficasse em Efeso, o que era indispensável a seu ministério (1Tm 1.3, 4).

5. Paulo pessoalmente vai a Macedônia, como havia planejado (Fp 2.24; 1Tm 1.3). Espera regressar a Efeso em breve, mas antes *prevê* que sua ausência será prolongada (1Tm 3.14, 15). De Macedônia (Filipos?) escreve duas epístolas que se assemelham muito entre si: 1 Timóteo e Tito. Em sua epístola a Tito solicita a esse amado irmão que o encontre em Nicópolis (Tt 3.12).

6. De acordo com o planejado, o apóstolo viaja para Nicópolis (em Epiro), situada nas costa oriental do mar Jônico. Ali passa o inverno (Tt 3.12) e Tito se reúne a ele.

7. Paulo viaja para a Espanha (Rm 15.24), segundo alguns "levando Tito com ele", mas não há indicação alguma nesse sentido. A mera probabilidade de que se Paulo foi à Espanha nessa ocasião Tito foi com ele é algo que se admite. Acerca de Tito não há nada definido até chegarmos a 2 Timóteo 4.10 (ver item 10).

8. Havendo regressado da Espanha, Paulo segue com destino à Ásia menor (ver 5) e deixa Trófimo enfermo em Mileto, ao sul de Efeso (2Tm 4.20). Teria o apóstolo se encontrado novamente com Timóteo e

teria ocorrido a separação com lágrimas (2Tm 1.4) nessa oportunidade ou pouco depois?

9. Em Trôades ele visita Carpo, em cuja casa deixa a capa (2Tm 4.13). Dirige-se a Roma via Corinto, onde Erasto permanece (2Tm 4.20). Volta a ser preso. (Não se sabe onde ocorreu - Trôades, Corinto, Roma ou outro lugar.) Quem reina é o cruel Nero. Esse é o monstro que assassinou seu meio-irmão, *sua própria mãe,* sua esposa (Otávia), seu tutor (Sêneca) e muitos outros. Quando Roma foi incendiada, em 64, o povo acusou Nero de ter ateado fogo à cidade. Ele tentou desviar de si a atenção e culpou os cristãos. O carnaval de sangue que se seguiu foi algo terrível.

] 0. Conseqüentemente, Paulo, ao regressar da Espanha, não mais desfrutou da proteção política. Sua segunda prisão é severa e breve (2Tm 1.16, 17; 2.9). Somente Lucas permanece com ele. Demas o desamparou, havendo amado este mundo e partindo para Tessalônica. Crescente foi para Galácia ou Gália (Gaul), Tito, para Dalmácia (ver comentário sobre 2Tm 4.10, 11). Ao solicitar que Timóteo fosse logo, pede-lhe que leve consigo Marcos. Esses detalhes se encontram em 2 Timóteo, carta que foi escrita quando a morte já rondava o apóstolo (2Tm 4.6-11). Ele é condenado à morte e à decapitação na Via Ostia, quase cinco quilômetros fora da capital. Não sabemos se Timóteo e Marcos chegaram em Roma antes da morte do apóstolo.

Voltamos agora aos itens 4 e 5. Em Éfeso os judaizantes estavam difundindo suas doutrinas estranhas, pondo forte ênfase em coisas tais como genealogias intermináveis e fábulas profanas e de velhas caducas e assumindo a postura de doutores da lei (1 Tm 1.4, 7; 4.7). Segundo vários intérpretes - e é possível que tenham razão esses seguidores do erro também criam que a matéria é má ou, pelo menos, a sede do mal, e, portanto, reconheciam uma ressurreição meramente espiritual (2Tm 2.18). Logo passaram também a proibir o matrimônio e o uso de certos alimentos (lTm 4.3). Já mostramos que os erros condenados eram em parte atuais, em parte futuros e em parte atuais e futuros (ver pp. 32-33).

Além do mais, ao defenderem uma ética e doutrinas falsas, esses sinistros mestres (e talvez outros com eles) parece ter tornado necessário que Paulo estabelecesse algumas regras claras acerca da conduta

apropriada no *culto público* (ver especialmente o capítulo 2). As mulheres também careciam de instrução especial a esse respeito.

A situação era muito grave. Isso se faz evidente quando se tem em conta os fatos adicionais: a. à luz de passagens tais como 1 Timóteo 1.6, 20; 3.3, 6; 5.17-25 provavelmente se poderia presumir que membros proeminentes da igreja - inclusive alguns com "complexo de superioridade" (pessoas "inchadas") - estivessem entre os seguidores do erro; e b. o próprio Timóteo, como já vimos, era por natureza pessoa de disposição muito oposta. Tudo indica ter sido uma pessoa com "complexo de inferioridade". Era realmente difícil que um homem *tal* pudesse fazer frente a *tal* situação.

Por isso, cerca do ano 63, Paulo, recentemente afastado de Éfeso onde deixara Timóteo, e estando então na Macedônia (lTm 1.3), instrui Timóteo sobre *como administrar os assuntos da igreja.* Especificamente, escreve com o fim de:

(1) Fortalecer o espírito de Timóteo, lembrando-o do "dom" que havia recebido (ver comentário sobre lTm 4.14), sua "boa confissão" (ver comentário sobre 6.12) e o depósito que se lhe havia recomendado (ver comentário sobre 6.20).

(2) Transmitir orientação com respeito ao crítico conflito contra os erros destrutivos da alma que estavam sendo difundidos na igreja de Efeso, e exortar Timóteo que continuasse na "sã doutrina" (1.3-11; 1.18-20; cap. 4; cap. 6). Tal orientação se faria absolutamente necessária se a ausência do apóstolo se prolongasse (ver comentário sobre 1 Tm 3.14, 15). Em conexão com essa batalha contra a difusão do erro, ênfase é posta na importância da *organização adequada*: eleição do tipo adequado de líderes (especialmente anciãos e diáconos) e de admoestá-los caso se extraviem (cap. 3; cap. 2).

(3) Fornecer diretrizes para a conduta apropriada no *culto público* (ver comentário sobre o cap. 2).

Voltando uma vez mais ao item 5, notamos que Paulo, então em Macedônia (Filipos?), também escreve a Tito, a quem deixara em Creta e a quem deseja ver em Nicópolis. A reputação dos cretenses não era boa. A necessidade de uma *santificação* total na vida congregacional, individual, familiar e pública tinha de ser enfatizada aqui mais que em

qualquer outro lugar. Os anciãos que iriam ser designados deveriam ser "irrepreensíveis" (1.5, 6). Era necessário fechar a boca de indivíduos contumazes, loquazes fúteis e enganadores (1.10). Era preciso ensinar o povo (especialmente os membros da igreja!) a que se abstivesse dos desejos mundanos e viver sóbria, justa e piedosamente no mundo atual, esperando a gloriosa manifestação do Redentor (2.11-14). Na vida pública, deviam ser obedientes às autoridades e conduzir-se corretamente em relação a todos (3.1, 2). Os que provocavam divisões e eram impenitentes deviam ser disciplinados (3.10). Em contrapartida, os obreiros do evangelho que eram sinceros (como Zenas e Apoio), cujo itinerário podia incluir Creta, e que provavelmente levavam com eles a carta de Paulo endereçada a Tito, deviam receber toda assistência (3.13).

Conseqüentemente, a carta a Tito foi escrita com este tríplice propósito em mente:

(1) Insistir com Tito a ir ter com Paulo em Nicópolis, assim que um substituto houvesse assumido o trabalho em Creta (3.12).

(2) Encaminhar Zenas, o intérprete da lei, e Apoio, o evangelista eloqüente (3.13).

(3) Ministrar diretrizes para a promoção do espírito de *santificação* nas relações congregacionais, individuais, familiares e sociais.

Desses três propósitos enunciados, o último é o que cobre um território mais amplo.

Quando deixamos 1 Timóteo e Tito, e nos volvemos para 2 Timóteo, notamos imediatamente que toda a atmosfera sofre mudança. Quando escreveu 1 Timóteo e Tito, o apóstolo era um homem livre, que podia fazer planos de viagens. Quando escreve 2 Timóteo, ele é um prisioneiro que se acha face a face com a morte. Creta (Tt 1.5), Efeso (1Tm 1.3), Macedônia (1Tm 1.3; cf. Fp 2.24) e Nicópolis (Tt 3.12) são os lugares mencionados nominalmente em 1 Timóteo e Tito (em conjunto), e formam uma rota facilmente traçável no mapa. Embora ninguém saiba se o apóstolo realmente passou por esses lugares, *nessa ordem,* todos terão de reconhecer que essa linha de viagem é natural. Mileto (2Tm 4.20), Trôades (2Tm 4.13), Corinto (2Tm 4.20; cf. Rm 16.23) são lugares que Paulo visitou na viagem - ou nas viagens -

suposta em 2 Timóteo até chegar a Roma e à prisão final (cf. 2Tm 1.8; 4.6). Aqui também, *se* a ordem em que delineamos essas estações for correta, a rota é lógica. Portanto, é natural presumir que a viagem a Espanha ocorreu entre essas duas viagens, ou seja, entre a rota suposta em 1 Timóteo e Tito, de um lado, e a que provavelmente 2 Timóteo indica, do outro.

Pela razão apresentada, provavelmente seja incorreto dizer que Tito 3.12 e 2 Timóteo 4.21 se referem ao mesmo "inverno" e em seguida fixar, portanto, a data de Tito, situando-a o mais próxima possível de 2 Timóteo. E preciso lembrar que o apóstolo havia feito planos definidos quanto ao lugar onde ele, como *um homem livre,* passaria o inverno referido em Tito 3.12 (ou seja, Nicópolis). Nenhum dos planos era possível com respeito ao lugar onde Paulo, *o prisioneiro,* passaria o "inverno" referido em 2 Timóteo 4.21. Esses dois invernos não são o mesmo. Quando ele escreve 2 Timóteo, todo o quadro é diferente. Ver a situação existente sob o item 10 (p. 56). *Esse* é o inverno do ano 65, 66 ou 67. E o *último* inverno de Paulo sobre a terra. O grande apóstolo, escrevendo da prisão na metrópole do mundo, estava em dúvida sobre se seu auxiliar chegaria a Roma antes de sua morte, e admoesta Timóteo a que, seja o que for que lhe aconteça, estivesse firme na *sã doutrina* e a defendesse incessantemente contra todo e qualquer adversário.

Ainda que 2 Timóteo não declare onde se encontrava *Timóteo* quando foi escrita, não obstante há várias passagens que apontam para Éfeso. Assim Paulo diz a Timóteo saber ele que "todos os que estão na Ásia" o abandonaram (1.15). Se a pessoa a quem se dirige estava em Éfeso, que ficava na "Ásia", é compreensível que teria de estar a par de tal situação. Semelhantemente, Paulo escreve que Timóteo "sabe melhor" que o apóstolo, ou "sabe muito bem" dos serviços que Onesíforo prestara, e admite que Timóteo "em Éfeso" (1.18) poderia levar as saudações de Paulo à família deste "portador de benefícios" (4.19). Há outra referência a Éfeso em 4.12: "Enviei Tito a Éfeso." Além do mais, se Timóteo está vivendo em Éfeso, não lhe será difícil demais levar a capa que Paulo deixara "em Trôades, em casa de Carpo" (4.13). De modo algum nos surpreenderia encontrar Priscila (ou Prisca) e Áquila

18. Ver também R. C. H. Lenski, *op. cit*pp. 473-480.

(4.19) de volta a Éfeso (embora não se mencione o lugar), onde viveram anteriormente (At 18.18, 19, 24, 26; cf. ICo 16.19). É verdade que depois de sua estada em Éfeso voltaram a Roma (Rm 16.3), mas não é de estranhar que, havendo uma furiosa perseguição em Roma, tenham abandonado novamente a capital. Anteriormente e por razões semelhantes, haviam deixado a Itália (At 18.2).

Um ponto adicional na evidência circunstancial que associa Timóteo com Éfeso quando essa carta foi escrita é a natureza da heresia a qual é aqui condenada (ver comentário sobre 2Tm 2.14-18). Até certo ponto ela se assemelha àquela denunciada em 1 Timóteo (dirigida a Timóteo enquanto estava *em Efeso,* 1Tm 1.3).

Então, poderíamos presumir que Timóteo ainda não havia saído de *Efeso, onde o erro e a perseguição aos crentes grassavam* (1.8; 2.3, 12, 14-18, 23; 3.8, 12).

Conseqüentemente, é possível resumir assim o propósito de Paulo ao escrever 2 Timóteo:

(1) Solicitar que Timóteo fosse a Roma o mais depressa possível em vista da iminente partida do apóstolo desta vida (4.9, 21; cf. 4.6-8).

(2) Admoestá-lo a persistir na *sã doutrina,* defendendo-a contra todo e qualquer erro e suportando as dificuldades como bom soldado.

Este segundo item é característico de toda a carta.

COMENTÁRIO SOBRE 1 TIMÓTEO

ESBOÇO DE 1 TIMÓTEO

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Timóteo, Prove Diretrizes para a Administração da Igreja*

Capítulo I

O Apóstolo Paulo

A. Saúda Timóteo.

B. Reitera a Timóteo a ordem de permanecer em Éfeso para combater o erro dos que se recusam a reconhecer *sua condição pecaminosa* à luz da santa lei de Deus e pretendem ser doutores da lei.

C. Por contraste, dá graças a Deus por tê-lo feito ministro do evangelho, sendo ele *"o principal dentre os pecadores".*

Capítulo II

Diretrizes com respeito ao Culto Público

A. Deve-se orar "por todos os homens".

B. Em relação ao culto público, homens e mulheres devem comportar-se de forma apropriada.

1. Os homens, em todo lugar de culto público, devem levantar mãos santas;
2. As mulheres, ao preparar-se para "ir à igreja", devem vestir-se decorosamente, e no lugar de culto público devem mostrar que entendem e aceitam sua posição divinamente ordenada.

Capítulo III

Diretrizes com respeito à Instituição dos Ofícios

A. Incentivo para tornar-se bispo: o caráter glorioso da obra. Diretrizes sobre os requisitos necessários do bispo.

B. Diretrizes com respeito aos requisitos necessários dos.diáconos e

das mulheres que os assistem. Incentivos para a realização fiel da tarefa dos diáconos e das mulheres que os assistem.

C. As razões para comunicar essas instruções na forma escrita.

Capítulo IV

Diretrizes com respeito à apostasia

A. Descrição dessa apostasia e prova de seu caráter perigoso.

B. Como deve ser enfrentada por Timóteo.

Capítulos V e VI

Diretrizes com respeito a grupos e indivíduos

Capítulo V —

A. Homens idosos, homens jovens, mulheres idosas, mulheres jovens

B. Viúvas em angústia

C. Viúvas dedicadas à obra espiritual

D. Presbíteros e candidatos a presbíteros

E. Escravos

F. Mestres de novidades que aspiram granjear fama e riquezas

Capítulo VI

G. Timóteo pessoalmente ("Guarda o mandamento")

H. Comportamento dos ricos deste século

I. Timóteo pessoalmente ("Guarda o depósito")

ESBOÇO DO CAPÍTULO I

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Timóteo, Proporciona Diretrizes para a Administração da Igreja*

O Apóstolo Paulo

1.1,2 A. Saúda Timóteo

1.3-11; 18-20 B. Reitera a Timóteo a ordem de permanecer em Éfeso Para combater o erro dos que se recusam reconhecer *sua condição pecaminosa* à luz da santa lei de Deus e pretendem ser doutores da lei;

1 12-17 C. Contrariamente, dá graças a Deus por tê-lo feito ministro do evangelho, sendo ele "*o principal dentre os pecadores*".

CAPÍTULO 1

– < $ > –

1 TIMÓTEO 1.1

I Paulo, apóstolo de Cristo Jesus por ordem de Deus nosso Salvador e Cristo Jesus nossa Esperança, 2 a Timóteo [meu] genuíno filho na fé; graça, misericórdia, paz da parte de Deus o Pai e Cristo Jesus nosso Senhor.

1. 1, 2

1. Como era costume, o remetente menciona primeiro seu nome; em seguida, o nome do destinatário. Daí, **Paulo...** a Timóteo. Em um mundo politicamente unificado por Roma e culturalmente por Grécia, era natural que o escritor usasse seu nome greco-romano, *Paulo,* em vez de seu nome judaico, *Saulo.* (Para mais detalhes sobre o significado e uso desses nomes, ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 1.1.)

Talvez com o fim de facilitar para Timóteo a execução das instruções que Paulo está para ministrar-lhe, e também com o fim de acrescentar peso às palavras de incentivo contidas nesta carta, o escritor acrescenta a seu nome as palavras um **apóstolo de Cristo Jesus.**

Timóteo necessita saber que esta carta não é apenas um substituto de um bate-papo amigavelmente confidencial, ainda quando sua tonalidade é naturalmente muito cordial, porquanto é um amigo que realmente está escrevendo a um amigo. A carta, contudo, se ergue acima do nível puramente humano. O escritor, por certo, é um amigo, mas também um apóstolo de Cristo Jesus.

Ora, no sentido mais amplo, *apóstolo* (àuóaToÀoç, palavra derivada de um verbo que significa *enviar, enviar com uma comissão, despachar:* ânoaréAAco) é *algo* que se envia ou pelo qual se envia uma coisa, ou *alguém* que é enviado ou por meio de quem se envia uma mensagem. Assim temos que, no grego clássico, a palavra podia referir-se a

uma expedição naval, e uma "nave apostólica" era um barco de carga. No judaísmo posterior, "apóstolos" eram pessoas enviadas pelo patriarcado de Jerusalém para recolher tributos dos judeus da dispersão. No Novo Testamento, a palavra toma um sentido claramente religioso. Em seu sentido mais amplo, refere-se a todo mensageiro do evangelho, toda pessoa que é enviada em missão espiritual, quem quer que nessa qualidade represente a quem o enviou e leva a mensagem de salvação. O termo usado assim, Barnabé, Epafrodito, Apoio, Silvano e Timóteo são chamados "apóstolos" (At I4.14; ICo 4.6, 9; Fp 2.25; ITs 2.6; cf. 1.1; e ver também ICo 15.7). Representam a causa de Deus, ainda que ao fazê-lo também pode representar certas igrejas em particular das quais são chamados "apóstolos" (cf. 2Co 8.23). Assim Paulo e Barnabé representam a igreja de Antioquia (At 13.1, 2), e Epafrodito é o "apóstolo" de Filipos (Fp 2.25). Sob essa conotação mais ampla, alguns incluiriam também Andrônico, Júnias (Rm 16.7) e Tiago, irmão do Senhor (G1 1.19), porém o sentido exato das passagens nas quais se mencionam esses nomes junto com a palavra "apóstolos" é algo que está em discussão.

Mas, para determinar o sentido da palavra "apóstolo" em 1 Timóteo 1.1, será melhor estudar as passagens nas quais é usada no sentido mais geralmente conhecido. Ela aparece dez vezes nos Evangelhos, quase trinta vezes em Atos e mais de trinta vezes nas epístolas paulinas (inclusive as cinco vezes que aparece nas pastorais) e oito vezes no restante do Novo Testamento, e geralmente (note, porém, a importante exceção de Hebreus 3.1 e as exceções já assinaladas) se refere aos doze e a Paulo.

Nesse sentido mais pleno, mais profundo, um homem é apóstolo *para a vida* inteira *aonde quer que vá.* Ele está revestido com a autoridade daquele que o enviou, e essa autoridade tem que ver com *a doutrina e a vida.* A idéia, que se encontra em muita literatura religiosa da atualidade, segundo a qual um apóstolo não tem um ofício real, nem autoridade, carece de endosso bíblico. Todos podem ver isso por si mesmos ao estudar passagens como Mateus 16.19; 18,18; 28.18, 19 (note a ligação!); João 20.23; 1 Coríntios 5.3-5; 2 Coríntios 10.8; 1 Tessalonicenses 2.6.

E assim Paulo era apóstolo no sentido mais rico do termo. Seu

apostolado era o mesmo dos Doze. Por isso é que falamos de "os Doze e Paulo". Paulo ainda enfatiza o fato de que o Salvador ressurreto se lhe manifestou tão verdadeiramente como se havia manifestado a Cefas (ICo 15.5, 8). Esse mesmo Salvador o designara para uma tarefa tão extensa e universal que doravante ele iria se ocupar dela a sua vida inteira (At 26.16-18).

Não obstante, Paulo *não* era, definitivamente, um dos Doze. A idéia de que os discípulos haviam cometido um equívoco ao eleger Matias para ocupar a vacância deixada por Judas, e que o Espírito Santo depois designou a Paulo como o verdadeiro substituto, dificilmente merece consideração (ver At 1.24). *Se ele, porém, não era um dos Doze, e foi investido com o mesmo ofício, qual era a relação entre ele e os Doze?* Provavelmente, a resposta é aquela sugerida por Atos 1.8 e Gálatas 2.7-9. Com base nessas passagens, a resposta pode ser formulada assim: Os Doze, ao reconhecerem que Paulo fora chamado especialmente para ministrar aos gentios, de fato estavam ministrando por intermédio dele sua vocação para os gentios.

As características de todo o apostolado, as dos Doze e as de Paulo, eram as seguintes:

Em primeiro lugar, os apóstolos foram escolhidos, chamados e enviados por Cristo pessoalmente. Receberam a comissão diretamente dele (Jo 6.70; 13.18; 15.16, 19; G1 1.6).

Em segundo lugar, Jesus, pessoalmente, os preparou para sua tarefa, tendo sido testemunhas presentes de suas palavras e seus feitos; especificamente são testemunhas de sua ressurreição (At 1.8, 22; ICo 9.1; 15.8; G1 1.12; Ef 3.2-8; Uo 1.1-3).

Em terceiro lugar, foram dotados com o Espírito Santo numa medida especial, e é este Espírito Santo quem os guia a toda a verdade (Mt 10.20; Jo 14.26; 15.26; 16.7-14; 20.22; ICo 2.10-13; 7.40; lTs4.8).

Em quarto lugar, Deus abençoa a obra deles, confirmando sua validade por meio de sinais e milagres, e dando-lhes muito fruto por meio de seu trabalho (Mt 10.1, 8; At 2.43; 3.2; 5.12-16; Rm 15.18, 19; 2Co 12.12; ICo 9.2; Gl 2.8).

Em quinto lugar, o ofício não é restrito a uma igreja local nem se estende sobre um breve período; ao contrário, é para toda a igreja e vitalício (At 26.16-18; 2Tm 4.7, 8).

Ora, aqui Paulo se denomina apóstolo *de Cristo Jesus.*[w] Ele pertence a Cristo, é enviado e comissionado por ele e, conseqüentemente, recebeu dele a autoridade. Em última análise, é Cristo mesmo quem ata e desata. É ele quem está operando em Paulo. A mensagem de Paulo é a mensagem de Cristo. A autoridade de Paulo é a autoridade de Cristo que lhe foi delegada.

O nome pessoal, *Jesus*, que significa "ele certamente salvará" (cf. Mt 1.21), ou "Jeová é salvação", é precedido pela designação oficial, *Cristo* (Ungido), mostrando que essa Pessoa, a quem Paulo deve seu apostolado, foi *ordenada* e *qualificada* por Deus para levar a bom termo a tarefa de providenciar a salvação para seu povo, salvação essa que Paulo, como apóstolo, tem o máximo prazer de proclamar (mais detalhes sobre o significado de "Jesus" e "Cristo" se encontra em C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 1.1).

Paulo não era usurpador. Se não houvera sido designado para ser apóstolo, jamais o teria sido. Ele, porém, fora *designado,* e essa designação não lhe viera da parte dos homens, mas de Deus. Por isso é

19. Surge a pergunta: "Por que Cristo Jesus em vez de Jesus Cristo?" Provavelmente seja eorreto dizer que a ordem exata não tem significação especial. Pareceria que no Novo Testamento haja uns 127 casos em que a ordem é "Jesus Cristo", e cerca de 91 em que c "Cristo Jesus". Nas cartas de Paulo, a ordem "Cristo Jesus", embora a princípio não seja tão proeminente, gradualmente se torna mais freqüente, de modo que, por fim, a ordem "Jesus Cristo" chega a ser a exceção, e "Cristo Jesus", a regra. Nas epístolas mais antigas (Gálatas, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, I Coríntios. 2 Coríntios e Romanos) as cifras são (ou são aproximadamente): 32 casos de "Cristo Jesus" contra 54 de "Jesus Cristo". Nas epístolas da primeira prisão em Roma - Efésios, Colossenses, Filemom e Filipenses - são: 31 casos de "Cristo Jesus" contra 13 de "Jesus Cristo". Nas últimas epístolas que ele escreveu, as Pastorais: 25 "Cristo Jesus" contra apenas 5 "Jesus Cristo". Para explicar esse fenômeno, tem-se sugerido que inicialmente o aramaico "Jesus o Cristo" foi traduzido para o grego na forma mais ou menos literal, dando a ordem em que o nome próprio "Jesus" é seguida do título "Cristo", que indica seu ofício. Depois de um tempo, a palavra "Cristo" começou a ser sentida cada vez mais como um segundo nome próprio agregado a "Jesus". Formando agora parte, ou estando lado a lado com o nome "Jesus", o caráter flexível do grego tornou possível a inversão da ordem; daqui surgiu "Cristo Jesus" ou "Jesus Cristo" sem diferença de significado. Ver sobre o tema. S. Vernon McCasland, "Christ Jesus". *JBL* 65 (dezembro de 1946), 377-383. Acrescentaríamos que para a igreja primitiva a designação "Cristo" não era de modo algum "meramente" um nome. tão sem sentido como às vezes ocorre entre nós. Quando o pronunciavam, seus seguidores imediatamente pensavam nele como o Ungido. Poder-se-ia comparar o nome "Cristo Jesus" com a designação um tanto semelhante "Presidente Eisenhower". Em ambos os casos, a designação do ofício vem seguida do nome pessoal.

que ele designa a si mesmo de apóstolo de Cristo Jesus **por ordem de Deus nosso Salvador e de Cristo Jesus nossa Esperança.** Foi Deus em Cristo quem o separara desde o ventre de sua mãe e por sua graça o chamara (Gl 1.15); elegera-o para dar a conhecer o nome de Deus diante dos gentios, dos reis e dos filhos de Israel (At 9.15), e o enviara às nações distantes (At 22.21).

Paulo declara: "*Deus* nosso Salvador", tanto aqui quanto em 1 Timóteo 2.3; 4.10; Tito 1.3; 2.10; 3.4; em outros lugares, porém, usa "Salvador" em referência a "Cristo" (Ef 5.23; Fp 3.20; 2Tm 1.10; Tt 1.4; 2.13; 3.6). Não obstante, a expressão "*Deus* nosso Salvador" nas Pastorais, e que não aparece nas epístolas anteriores, não significa que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais. Na verdade, se essa linha de raciocínio fosse válida, significaria que um autor desconhecido escreveu 1 Timóteo (aqui o Salvador é *Deus)',* Paulo escreveu 2 Timóteo (o Salvador é *Cristo)* e deixaria um ponto de interrogação sobre Tito (aqui o Salvador é tanto *Deus* quanto *Cristo).*

Além do mais, não surpreende que nas Pastorais se aplique amiúde a Deus o título de Salvador, porque, mesmo em suas primeiras epístolas, Paulo atribui a "Deus" a obra de *salvar* o homem. Por exemplo, "agradou a Deus *salvar* aqueles que crêem por meio da loucura da pregação" (ICo 1.21). "Mas *Deus...* nos ressuscitou com Cristo... pela graça, por meio da fé, *os salvou*; e isso não vem de vocês, *é o dom de Deus*" (Ef 2.4, 5, 8); "mas, para vocês, *a salvação,* e isso *da parte de Deus*" (Fp 1.28). A "Deus" ele também atribui os atos distintos no programa de salvação. E Deus quem não poupou a seu Filho, antes o entregou por todos nós. E Deus quem enviou seu Filho como propiciação por nossos pecados. É ele quem nos recomenda a seu amor. É Deus quem nos abençoa com muita bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo. A presciência, a predestinação, a vocação, a justificação, a glorificação são todas atribuídas a *ele.* E *ele* quem nos escolheu. É *ele* que faz com que o evangelho seja proclamado. *E ele* quem nos outorga sua graça. A fé é dom *seu* (Rm 1.16; 3.24-26; 4.17; 5.8, 15; 8.3, 4, 11, 28-30, 31-33; 9.10, 11; 15.5, 13; ICo 1.9, 26-31; 15.57; 2Co 2.14; 4.7; 5.5, 8, 19, 20, 21; 9.15; Gl 1.15; 3.26; 4.4-7; Ef 1.3-5; 2.4, 5; Fp 2.13; 3.9; Cl 3.3). Em vista de tudo isto, quase se pode dizer que teria sido estranho que em algum lugar em suas epístolas o apóstolo não tivesse

chamado a *Deus* "nosso Salvador".[20] Denominar Deus de "nosso Salvador" é inteiramente apropriado. E visto que para Paulo Deus sempre salva *por meio de Cristo*, o versículo 1 também é um prelúdio adequado para o versículo 15: "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores."

Diante de circunstância que para o homem poderia parecer *sem esperança,* Cristo Jesus se apresenta como "nossa Esperança", ou seja, o próprio fundamento de nosso sincero anelo, nossa confiante expectativa e nossa paciente espera pela manifestação da salvação em toda sua plenitude (cf. 1.16; 6.14-16, 19). E ele quem tornou possível e real essa esperança. E ele quem a revitaliza diariamente. E ele a Fonte, bem como o Objeto, de nossa esperança (cf. At 28.20; Cl 1.27).

2. A Timóteo [meu] genuíno filho na fé.

A autoridade apostólica e o terno amor se fundem de forma bela, porque o apóstolo de Cristo Jesus chama o destinatário, "Timóteo, [meu] genuíno filho na fé". Ainda que aJgun.s comentaristas escrevam extensamente com o fim de provar que a omissão do possessivo, *meu,* no original, indica que Paulo estava pensando em Timóteo, não como *seu* filho, mas como filho *de Deus,* deve ser considerado um esforço inútil da parte deles. Em tais casos, a omissão do possessivo não é absolutamente inusitada; e 2 Timóteo 2.1, onde ele ocorre, seguramente indica que aqui em 1 Timóteo 1.2, e outros lugares (ver versículo 18; também 2Tm 1.2), ele está implícito. Timóteo *era. filho* de Paulo (grego *xíκvov,* de tLKTco, gerar, dar à luz), porque ao apóstolo, como instrumento nas mãos de Deus, ele devia sua vida espiritual (cf. ICo 4.15; Gl 4.19). A grande mudança na vida de Timóteo ocorrera durante a primeira viagem missionária de Paulo, como já se explicou nas pp. 48-49. Se formos criteriosos ao enfatizar o fato de que Paulo era o pai de Timóteo apenas num sentido secundário, sendo o apóstolo instrumento real de Deus, não teremos dificuldade com outras passagens da Escritura, tais como "e a ninguém chamem pai sobre a terra, porque um só é seu Pai, que está no céu" (Mt 23.9; cf. Jo 1.13; Uo 3.9). É exatamente como Calvino assinalou: Ainda que Deus - e *tão-somente* ele - seja o Pai de

20. Ver com mais detalhe a discussão do conceito *Soler* (Salvador, Libertador, Preservador) em conexão com 1 Timóteo 4.10.

todos os crentes, porque os regenerou por meio de sua Palavra e seu Espírito, e porque ninguém senão ele outorga a fé, seus ministros têm o direito subordinado a este título.[21]

O termo "filho" era uma designação muito feliz, porquanto combinava duas idéias: "Eu gerei você" e "você me é muito querido". Timóteo era, além do mais, filho *genuíno*, não bastardo, não simplesmente um crente nominal. Timóteo não era um Demas. Ver comentário sobre 2 Timóteo 4.10. Naturalmente, não no sentido físico, mas *no tocante à fé,* ou *na esfera tia fé,*[12] o apóstolo havia gerado Timóteo. Provavelmente seja melhor tomar a*fé* no sentido subjetivo aqui, um verdadeiro conhecimento de Deus e de suas promessas e uma sincera confiança nele e em seu Filho unigênito. Isso corresponde a frases tais como "se permanecerem na fé, no amor..." (lTm 2.15); "no amor, na fé e na pureza" (lTm 4.12); "Retenha, com fé e amor em Cristo Jesus, o modelo da sã doutrina que você ouviu de mim" (2Tm 1.13).

Sobre seu genuíno filho na esfera da fé, o apóstolo agora pronuncia **graça, misericórdia, paz da parte de Deus o Pai e de Cristo Jesus nosso Senhor.** *Graça* é o favor imerecido de Deus em operação no coração de seu filho, e *paz é* aquela consciência no filho de ter ele sido reconciliado com Deus por intermédio de Cristo. *Graça é* a fonte,

21. "Todavia, como seria isso consistente com o mandamento de Cristo: 'A ninguém sobre a terra chameis vosso pai' [Mt 23.9], e com a própria afirmação do apóstolo: 'Porque, ainda que tivésseis milhares de preceptores em Cristo, não teríeis, contudo, muitos pais'; 'não havereis de estar em muito maior submissão ao Pai dos espíritos?' [ICo 4.15; Hb 12.9]? Minha resposta é que a alegação de Paulo de ser *pai* de forma alguma anula ou diminui a honra devida a Deus. Diz-se com freqüência que, se uma coisa é subordinada a outra, não haverá conflito entre elas. Isso procede no tocante à reivindicação de Paulo ao título *pai* em relação a Deus. Deus é o único *Pai* de todos no âmbito da fé, porquanto regenera a todos os cientes pela instrumentalidade de sua Palavra e pelo poder de seu Espírito, e é exclusivamente ele que confere a fé. Aqueles a quem graciosamente lhe apraz empregar como seus ministros, ao fazer isso ele admite que participem de sua honra, todavia sem resignar nada de si próprio. Assim. Deus era o Pai espiritual de Timóteo, e. estritamente falando, exclusivamente; Paulo, porém, que fora ministro de Deus no novo nascimento de Timóteo, reivindica para si o direito ao título, porém em segundo plano" (João Calvino, *Comentário às Pastorais,* Edições Parakletos, São Paulo, 1998, pp. 26, 27).

22. A frase "em fé", no sentido de "na esfera da fé", não é estranha a Paulo, e não prova que Paulo não pudesse ter escrito as Pastorais. Ela aparece *com* o artigo em 1 Coríntios 16.13 e 2 Coríntios 13.5; e *sem* o artigo cm Gálatas 2.20. E verdade que ela se encontra com maior freqüência nas Pastorais (lTm 1.2.4; 2.7, 15; 3.13; 4.12; 2Tm 1.13; Tt 1.13; 3.15; e, em conexão com 1 Timóteo 2.15, cf. Atos 14.22).

e *paz* é o fluxo que emana dessa fonte (cf. Rm 5.1). Esta graça e esta paz têm sua origem em Deus o Pai, e foi merecida para o crente por Cristo Jesus, seu Senhor. (Tudo isso já foi discutido muito mais plenamente em C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 1.1. Daí, tanto para a natureza da salvação quanto para o significado dos conceitos "graça" e "paz" e dos nomes divinos, refiro-me ao que está expresso ali.)

Num aspecto importante, essa saudação difere das outras. Em nenhum lugar, salvo em suas cartas a Timóteo, Paulo usa em suas saudações os *três* substantivos: graça, misericórdia e paz. Não obstante, essa tríade também é empregada por João numa de suas saudações (2Jo 3; cf. Jd 2: "misericórdia, paz e amor").

Quando se faz a pergunta: "Por que Paulo inclui "misericórdia" entre "graça" e "paz"? - a resposta provável é:

a. A palavra "misericórdia" é muito adequada neste contexto, no qual Paulo demonstrou seu *afetuoso interesse* por Timóteo, chamando-o "[meu] genuíno filho". A própria essência de "misericórdia" é *cordial afeto* que inclui a *terna compaixão*, porém não deve se restringir a ela.

b. Timóteo estava numa situação difícil. Enfrentava problemas que eram prova grande demais para um homem de sua disposição. Daí, era definitivamente necessário *o temo amor de Deus para os que se encon tram ca ren tes.*

Tudo isso se fará ainda mais claro quando estudarmos com mais afinco o conceito "misericórdia". Paulo usa esse termo dez vezes: cinco vezes fora das Pastorais (Rm 9.23; 11.31; 15.9; Gl 6.16; e Ef 2.4) e cinco vezes nas Pastorais (1Tm 1.2; 2Tm 1.2, 16, 18; Tt 3.5).

O modo costumeiro de distinguir entre *graça* e *misericórdia é* dizendo que a graça perdoa, enquanto a misericórdia sente compaixão; a graça é o amor de Deus para com o culpado, a misericórdia é seu amor para com o miserável ou digno de piedade; a graça tem que ver com o estado, a misericórdia, com a condição. Em grande medida, tal distinção é correta. O termo "misericórdia" ocorre com freqüência num contexto que estende auxílio aos que estão em miséria. E a palavra usada na parábola do Bom Samaritano (Lc 10.37; cf. 10.33). Ali se descreve o que esse nobre personagem fez em favor do homem que caíra nas

mãos de ladrões, fora golpeado e ferido, ficando como morto à beira do caminho. Da mesma forma, o Senhor diz em Isaías 54.7: "mas com grandes misericórdias torno a recolher-te", onde "misericórdias" (LXX eÀeoç) é a tradução do hebraico *rahamínv.* sentimento de ternura, bondade materna, compaixão, piedade (aqui no plural). Assim também, quando dentre a massa da humanidade considerada como caída e numa condição de miséria, Deus escolhe alguns, esses são chamados "vasos de misericórdia" (Rm 9.23; cf. 11.31).

Não obstante, a palavra empregada no original (eÀeoç) é amiúde de um escopo bem mais amplo. Indica não só o próprio fato da efusão de *compaixão* sobre os que estão *em angústia,* mas também a benignidade subjacente da qual as criaturas de Deus, particularmente seu povo, são o objeto, sem importar se no dado contexto sejam vistos como quem está "em profunda miséria" ou mais geralmente "carente de auxílio". No último caso, a pessoa normalmente é vista como filha de Deus, que depende, em todas as coisas, do Pai celestial, que nutre para com ela um sentimento de *temo afeto* e está *sempre disposto a ajudá-la.* Timóteo, sobre quem a misericórdia "cai do céu como suave orvalho", é um excelente exemplo do uso da palavra nesse sentido um tanto mais extenso.[23] Conseqüentemente, a saudação não só lhe assegura graça perdoadora, a qual opera como uma dinâmica espiritual em sua vida, mas também a *misericórdia* divina intimamente relacionada com as dificuldades atuais e em toda situação da vida. Quando esta *graça* e esta *misericórdia* ou *benignidade* estão presentes, segue-se naturalmente a *paz.* Aquele que for espicaçado e ferido pelo pecado, o mesmo

23. No Antigo Testamento, o qual forma a base do uso paulino dos termos, essa conotação mais ampla é ilustrada em passagens tais como as que se seguem, em cada uma das quais a Septuaginta tem ⇐Àcoç como uma tradução do hebraico, *hesedlv.*

"O Senhor, porém, era com José, e lhe foi *benigno"* (Gn 39.21).

"...e faço *misericórdia* até mil gerações daqueles que me amam" (Ex 20.6; cf. Dt 5.10).

"Mas a minha *misericórdia* se não apartará dele [Davi]" (2Sm 7.15).

"...que guardas a aliança e a *misericórdia"* (Nc 1.5 = LXX, 2 Esdras 11.5).

(Note a estreita ligação entre o pacto de Deus e sua longanimidade!)

Ver passagens adicionais nos Salmos, tais como 5.7; 36.5, 7, etc.

O termo "misericórdia" de Deus, conseqüentemente, pode ser traduzido ou *benignidade* o LI *longanimidade* (cf. o alemão Herzensgüte, Huld; holandês "goedertierenheid") ou *compaixão, piedade* (cf. o alemão Barmherzigkeit; holandês "barmhartigheid"). Tudo depende do contexto específico, no qual o termo é usado. Os dois significados, além do mais, se fundem entre si como fazem as cores do arco-íris.

é curado e unificado pela graça. O sentimento resultante da *integridade, tranqüilidade* e *segurança é paz.* (Para alguns o termo grego para *paz* - €Ípr|vr| - é ligado ao verbo que significa *ligar ou juntar;* cf. o latim, *sem;* o inglês, *series.)*

3 Em meu caminho para Macedônia, insisti com você para que permanecesse cm Éfeso,[M] a fim de ordenar a certos indivíduos a não ensinarem diferentemente, 4 nem a dedicar-se a mitos e genealogias intermináveis, os quais antes suscitam disputas, em vez de promover a administração centrada na fé requerida por Deus; 5 enquanto o propósito da responsabilidade é o amor [que promana] de um coração puro e uma consciência sã, bem como uma lê sem hipocrisia; 6 objetivos dos quais alguns indivíduos, havendo se desviado, volveram-se a conversação fútil, 7 pretendendo ser doutores da lei, embora não entendam nem as palavras que eles mesmos falam, nem os temas sobre os quais discutem com tanta confiança. 8 Ora, nós sabemos que a lei é excelente se alguém faz dela uso legítimo, 9 tendo isto em mente, que a lei não foi promulgada para o justo, e, sim, para os transgressores e insubordinados, para os ímpios e pecadores, para os homens irreverentes e profanos, para os parricidas e matricidas, para os que matam seus semelhantes, 10 para os homens imorais, os sodomitas, os seqüestradores, os mentirosos, os perjuros e para todos quantos se opõem à sã doutrina. 11 [a qual está] em harmonia com o glorioso evangelho do bendito Deus, [o evangelho] que me foi confiado.

1.3-11

3. Em meu caminho para a Macedônia, insisti com você para que permanecesse em Éfeso.

Escrevendo, pois, a seu confiável amigo, Paulo imediatamente expressa o que ele considera a mais premente necessidade, ou seja: que Timóteo, por todos os meios, continuasse trabalhando em Éfeso a fim de dar seguimento à batalha em prol da verdade. É quase desnecessário enfatizar que o apóstolo não estava interessado em que Timóteo simplesmente *continuasse* em Éfeso, mas que sua permanência ali fosse com *o objetivo* de corrigir o que estava errado.

É preciso observar que Paulo insiste com Timóteo para *continuar* em Éfeso. É uma maneira mais forte de expressá-lo (mais forte que

24. Ou: "Insisto agora com você, como quando cu estava viajando para Macedônia. a permanecer em Éfeso, a fim de que", etc. Cf. o sueco: "Jag bjuder dig, nu sasom nar jag for astad till Macedonien, att stanna kvar i Efesus, och dar ..." (Bibeln eller Den Heliga Skrift, Konungen 1917, edição de Estocolmo, 1946).

ficar) e provavelmente implique também que os dois tivessem estado juntos em Éfeso.[23]

"Timóteo", diz Paulo, "você deve continuar em Éfeso", e com este propósito: **a fim de ordenar a certos indivíduos a não ensinarem diferentemente.**

"Certos indivíduos", diz Paulo. Ele omite propositadamente os nomes com o intuito de *poupá-los*? O fato de mencionar nomes de forma definida no versículo 20, porém não no versículo 3, tem dado lugar ã opinião de que esses "indivíduos" do versículo 3 não incluem homens tão avançados no erro como Himeneu e Alexandre. Aliás, é verdade que o apóstolo era uma pessoa de muito tato, e poderia ter-se expresso de forma definida pelas razões dadas por esses intérpretes. (Alguém poderia comparar 2Ts 3.11, 15, onde os "intrometidos", acerca dos quais Paulo expressa o desejo de que sejam tratados como "irmãos", são mencionados de um modo igualmente indefinido; verC.N.T. sobre essa passagem.) Não obstante, o argumento em prol da exclusão de Himeneu e Alexandre está longe de ser conclusivo. Lendo repetidas vezes - regra exegética a que se fez referência insistentemente na presente série deste comentário, o leitor chega à conclusão de que a expressão "certos indivíduos", no versículo 3, é suficientemente ampla e forte para incluir ainda os nomes mencionados no versículo 20. Porque é preciso que se note que o que se diz nos versículos 6 e 7 sobres esses "certos indivíduos" do versículo 3 não é de modo algum suave: "querendo ser mestres da lei, quando não compreendem nem o que dizem nem o que afirmam tão categoricamente." Além do mais, no versículo 19, o apóstolo está *ainda* (ou *novamente)* falando de "alguns indivíduos." E prossegue: "Entre eles estão Himeneu e Alexandre" (v. 20). É natural crer que a expressão "certos indivíduos" do versículo 3 e "certos indivíduos" do versículo 19 se refiram às mesmas pessoas, e que

25. Embora a construção da sentença não seja fácil, as explicações mais naturais resultam no mesmo sentido. Se lermos a frase como um anacoluto: "como lhe pedi quando ia para a Macedônia, que ficasse em Efeso para que", etc., com "assim faço agora" subentendido; ou se o interpretarmos o *in/milivo* "ficar em" imediatamente como um *imperativo*; ou, finalmente, se *o próprio ato de escrever* for considerado como um substituto para as palavras "omitidas", não há diferença substancial no sentido: Paulo, alarmado pela infiltração e a influência de doutrinas perigosas, uma vez mais imprime em Timóteo a idéia de que certamente não é oportuno que ele saia de Efeso!

desse grupo Himeneu e Alexandre são os piores representantes, os líderes. Com base nessa suposição, a referência indefinida (tanto no v. 4 quanto no v. 19) se deve provavelmente a uma ou mais das seguintes razões:

a. O grupo inclui não só alguns que devem ser nomeados, mas também vários que não é necessário nomear ainda os casos menos graves.

b. Timóteo, por viver justamente entre essas pessoas em Éfeso, naturalmente está mais capacitado que Paulo (que está na Macedônia) para dizer quem pertence ou não ao grupo.

c. O grupo não é grande; por isso, "certos indivíduos", ou simplesmente "alguns", não "muitos".

d. Os que pertencem a esse grupo não são tão importantes como pensam. Não são "mandachuvas", mas simplesmente "certos indivíduos". Esta explicação concorda com o que o apóstolo diz deles no versículo 7.

Ora, ainda que esses "certos indivíduos" queiram ser "doutores da lei" (v. 7), na realidade não passam de mestres de *novidades.* Estão ensinando *diferentemente,* ou seja, ensinando algo "diferente", ou, traduzido um pouco mais livremente, "doutrina diferente". (Cf. 1Tm 6.3; também Inácio, *A Policarpo* III.) Lembramo-nos imediatamente da severa mensagem de Paulo aos Gálatas:

"Admiro-me de que vocês estejam abandonando tão depressa aquele que os chamou pela graça de Cristo, para seguirem um evangelho *diferente* - o qual, na realidade, não é *outro"* (Gl 1.6, 7).

Certas pessoas vivem sempre ansiosas para dar as boas-vindas a tudo o que é *novo* ou *diferente.* Como os atenienses de outrora que "de nenhuma outra coisa cuidavam senão em dizer ou em ouvir algo novo" (At 17.21). Deleitavam-se em medir sua força contra tudo aquilo que consideravam antigo ou fora de moda. As vezes ainda encontramos essa tendência nas universidades e seminários, onde algumas mentes imaturas, que apenas iniciaram um estudo sistemático do antigo e já estabelecido, proclamam estridentemente o novo, acerca do que nada sabem. Geralmente, o que eles consideram "novo" é heresia antiga vestida de trajos novos. É preciso estar alerta diante de toda nova desço-

berta que sirva para progresso do conhecimento, e o anseio por preservar tudo o que há de bom e antigo. Os seguidores do erro em Éfeso careciam do senso de cuidadoso escrutínio e cautelosa ponderação.

Para tais pessoas, pois, Paulo tem uma mensagem que Timóteo tinha de *passar adiante* para eles (note o verbo TTapccyYf AAto). Sua responsabilidade era *acusá-los* ou *ordenar-lhes* que desistissem.

4. Não só devem desistir de *ensinar* o erro, mas também de *pensar* de forma distorcida, porque o primeiro é resultante do segundo. Os indivíduos em questão ocupavam a mente com novidades nocivas. Por isso Paulo prossegue: **a não dedicar-se a mitos e genealogias intermináveis.** Esse era o problema. Tais pretensos doutores da lei estavam se dedicando à tarefa de *volver* (a mente) *para* (de TTpooéxw com *vovv* implícito) "mitos e genealogias".

A expressão "mitos e genealogias" é *una.* Não deve ser dividida como se Paulo estivesse pensando nos mitos, de um lado, e nas genealogias, do outro. Indubitavelmente, o apóstolo está pensando nos suplementos da lei de Deus (ver v. 7), meros mitos ou fábulas (2Tm 4.4), casos de velhas caducas (1Tm 4.7) que eram definidamente de caráter judaico (Tt 1.14). Medido pela regra da *verdade*, o que esses seguidores do erro ensinavam merecia o nome de *mitos.* Quanto ao *conteúdo material*, esses mitos tinham que ver com *relatos genealágicos* que, em grande medida, *eram fictícios.*

Prontamente sentimos que aqui nos introduzimos na esfera do saber tipicamente *judaico.* É um fato notório que desde os tempos mais antigos os rabinos "contavam suas histórias" - e quão *intermináveis* eram! - com base no que consideravam algum "sinal" fornecido pelo Antigo Testamento. Tomavam um nome de uma lista genealógica (por exemplo, de Gênesis, 1 Crônicas, Esdras ou Neemias) e a partir daí formavam uma bela história. Esses adornos intermináveis que agregavam ao relato sagrado eram parte do "menu" regular da sinagoga, e posteriormente foram postos na forma escrita na porção do *Talmude* que se conhece como *Haggadah.*

O Livro dos Jubileus (também chamado *O Pequeno Gênesis*) oferece outro notável exemplo do que Paulo tinha em mente. É uma espécie de comentário *haggádico* sobre o Gênesis canônico; ou seja, uma

exposição salpicada com uma abundante provisão de anedotas ilustrativas. Esse livro provavelmente tenha sido escrito em fins do 2.° século ou princípios do 1 a . C . Abarca toda a era desde a criação até a entrada em Canaã. Essa extensa peça se divide em cinqüenta jubileus de 49 anos (7x7) cada um. Aliás, toda a cronologia está baseada no número 7, e para esse arranjo se reivindica a autoridade celestial. Assim não só a semana tem 7 dias, o mês 4x7 dias, mas ainda o ano tem 52x7 = 364 dias, a semana de anos tem 7x7 anos e o jubileu tem 7x7 = 49 anos. Os acontecimentos em separado referentes aos patriarcas, e outros, são insignificantes de conformidade com esse esquema. A narrativa sagrada de nosso livro canôníco de Gênesis é adornada, às vezes quase a ponto de ficar irreconhecível. E assim agora sabemos que o sábado era observado até pelos anjos; e que os anjos também praticavam a circuncisão; que Jacó nunca enganou a ninguém, etc.

Em todas as épocas existem pessoas que se deleitam em entregar-se a tais misturas estranhas de verdade e erro. Chegam até mesmo a crer que essas adulterações são de suprema importância. Mantêm extensos debates sobre datas e definições. Em vez de pôr de lado todo esse refugo sincrético, descobrem finas distinções e se engalfinham em disputas minuciosas. Empilham mitos sobre mitos, fábulas sobre fábulas, e *o fim* se perde de vista. Assim a lei de Deus é invalidada pela tradição humana (cf. Mt 15.6), e o quadro pintado no original sagrado é distorcido de forma grotesca.

Em nossos dias, o mesmo erro se mostra em formas muito diversas. Em vez de estudar-se a Palavra infalível, alguns recorrem a toda sorte de fantasias milenistas, ou preferem ver na tela um embelezamento antibíblico da história de José, com ênfase especial, naturalmente, no famoso incidente em conexão com a mulher de Potifar; ou um suplemento igualmente antibíblico da história de Sansão, com ênfase exagerada, naturalmente, em sua Dalila.

Ora, é verdade que há um lugar legítimo para o exercício do dom da imaginação. Há lugar para a dramatização, sim, até mesmo para as fábulas e os contos de fada. Os adultos, da mesma forma que as crianças, podem desfrutar do "Pinheiro" de Hans Andersen e levar a sério suas lições. Mas se alguém começa a misturar a história sagrada com a ficção, e isso para o efeito teatral, para um prazer grotesco, uma emo-

ção inebriante, ou a satisfação da vão curiosidade, está distorcendo a própria essência e o propósito do registro sagrado. A lei de Deus não foi dada com o fim de que, os que arrogam para si o título "doutores da Lei", possam "brilhar" aos olhos do público, ou com o fim de que o próprio público seja "entretido" com mitos intermináveis e histórias genealógicas e fictícias **que antes geram disputas do que a administração centrada na fé requerida por Deus** (literalmente, "a mordomia de Deus, a que é da fé").

Tem-se observado corretamente que o ensino de uma pessoa deveria ser julgado por seus frutos. Tudo o que deixa de promover a administração deveria ser rejeitado ainda quando não tivesse outra falha. E tudo o que não gera outra coisa senão disputas merece dupla condenação.[26]

O verdadeiro objetivo de todo líder e mestre do evangelho, o propósito e meta de todas as suas lutas, tem de ser "a administração da fé requerida por Deus". Essa administração[27] é o *cuidado* que o Senhor ordenou com respeito à casa ou a família de Deus, a sábia *administração* e *distribuição* dos mistérios do evangelho para a edificação da igreja. Não há dúvida de que a palavra *administração* é usada aqui no mesmo sentido de 1 Coríntios 9.17: "uma administração a mim confiada." Ver também Tito 1.7, onde o bispo é chamado administrador de Deus; e 1 Coríntios 4.1, 2, onde o apóstolo refere-se a si mesmo e a seus associados como "despenseiros dos mistérios de Deus", e afirma que a qualificação primordial de um despenseiro é que seja fiel.

As passagens do Novo Testamento em que aparece a palavra *administração* são Lucas 16.2-4; 1 Coríntios 9.17; Efésios 1.10; 3.2, 9; Colossenses 1.25 e 1 Timóteo 1.4 (a que ora estamos considerando). A palavra parece referir-se ao ofício que se recomenda ao administrador e/ou à administração ativa dos negócios por uma pessoa que exerce o ofício. "Mordomo" (OÍ,KOVÓ[ÍOÇ) é literalmente o administrador de uma casa ou de um estado (Lc 12.42; 16.1, 3, 8; ICo 4.2; Gl 4.2). Não

26. Calvino disse algo semelhante, *op. cit.*. p. 30: "Tudo o que não edifica deve ser rejeitado, ainda que não tenha nenhum outro defeito; e tudo o que só serve para suscitar controvérsia deve ser duplamente condenado."

27. A melhor redação traz olKovo^íav (mordomia), e não oi,Ko6o|j,r|V (construir, edificar).

obstante, amiúde aparece o sentido figurado. No sentido mais elevado do termo, o mordomo é um administrador dos tesouros espirituais (ICo 4.1; Tt 1.7).[28]

5. Ora, essa administração divinamente ordenada, administração essa que tem sua origem em Deus e, conseqüentemente, é demandada por ele, está centrada no exercício ativo da *fé,* cujos frutos ela procura multiplicar. Por isso sua meta é o *amor* e não uma demonstração fútil de *conhecimento* especulativo. Paulo prossegue: **enquanto o propósito da responsabilidade** é **o amor.** Timóteo foi incumbido de transmitir uma *responsabilidade* à igreja de Éfeso, que *transmitisse uma mensagem* que tinha referência especial a "alguns indivíduos" (ver o v. 3). Essa responsabilidade, podemos estar certos, não se limitava estritamente a ordens negativas, tais como: *"Não* ensine o que difere do evangelho integral, e *não* perca tempo com fábulas e fantasias genealógicas." Naturalmente que o negativo implicava o positivo: "*Testifique* do evangelho puro e *exerça* uma fé viva no Senhor Jesus Cristo, uma fé opere por meio do amor". Considerado assim, essa responsabilidade é de fato a suma e substância de *toda* exortação cristã, especificamente, de toda pregação hortativa. O *amor* é o cumprimento da lei (de *ambas* as tábuas, Mc 12.30, 31) e a essência do evangelho. Por isso, o que se declara nessa passagem está em íntima harmonia com outra grande afirmação de Paulo: "Porque em Cristo Jesus nem circuncisão nem incircuncisão tem efeito algum, mas a fé que atua pelo amor" (G1 5.6). Note também a ênfase sobre o amor em outras passagens em 1 Timóteo, tais como 1.14; 2.15; 4.12; 6.11.

Esse amor poderia ser acolhido como um deleite pessoal em Deus, uma grata entrega a ele de toda a personalidade, um profundo anelo pela prosperidade de seus redimidos, e um sincero desejo pelo bem-estar temporal e eterno de suas criaturas. Não obstante, é muito melhor a exposição que Paulo faz de seu significado em 1 Coríntios 13.

28. Usos do termo que requerem um comentário especial são os seguintes:

a. Em Romanos 16.23, o οἰκονόμος é um *tesoureiro,* significado da palavra que encontra sobejo apoio na literatura Koinê extracanônica (ver M. M., p. 443).

b. Em 1 Pedro 4.10. o sentido metafórico se amplia e se aplica aos crentes em geral.

c. Em Efésios 1.10 e passagens relacionadas, o sentido do termo está em discussão. O sentido "dispensação", quando o termo é definido como "*um período de tempo* durante o qual está em operação um arranjo divino das coisas", c discutível.

Ora, nem tudo o que se chama amor *é* realmente amor. Daí, o apóstolo especifica que está pensando no amor que procede **de um coração puro, de uma sã consciência e de uma fé sem hipocrisia.**

Quando um pecador é atraído a Cristo, o primeiro a ser regenerado é *o coração.* O resultado é que a *consciência* do homem começa a importuná-lo de tal modo que, dominado pela convicção, ele sente-se feliz por abraçar o Redentor por meio de uma fé viva e consciente. Daí ser plenamente natural a seqüência: *coração, consciência, fé.* Além do mais, é claramente evidente por que o apóstolo declara que esses três - e nesta ordem - *dão origem ao amor.* Quando o *Deus de amor* (amor é seu próprio nome, 1 Jo 4.8) implanta sua nova vida no *coração* do homem, este chega de forma natural a ser um coração *amoroso.* Uma consciência isenta de culpa e obediente à lei de Deus começará a aprovar somente aqueles pensamentos, palavras e ações, passados ou futuros, que estejam em harmonia com o propósito único que resume a lei, a saber: *o amor.* Uma *fé* genuína, que abraça a Cristo e todos os seus benefícios, dará como resultado o *amor* genuíno para com o benfeitor e para com todos os que se acham incluídos em seu amor. Por isso, Paulo fala de "um amor (que procede) de um coração puro, uma sã consciência e uma fé sem hipocrisia".

O coração é a sede dos sentimentos e da fé, tanto quanto a mola mestra das palavras e ações (Rm 10.10; cf. Mt 12.34; 15.19; 22.37; e ver C.N.T. sobre João 14.1). E a medula e o cerne do ser humano, o ser íntimo do homem. "Porque dele procedem as fontes da vida" (Pv 4.23). "O homem vê o exterior, porém o Senhor vê o coração" (ISm 16.7). Ora, o propósito da responsabilidade que promana do evangelho é o amor que flui de um coração *puro.* O coração é *puro* quando experimenta a obra purificadora do Espírito Santo (SI 51.10, 11). Quando isso ocorre, então começa a vir à tona um amor fervoroso (1Pe 1.22).

Consciência é a intuição moral do homem, seu ego moral no ato de julgar seu próprio estado, suas emoções e seus pensamentos, bem como suas palavras e ações, quer do passado, do presente e do futuro.[29] É tanto positiva quanto negativa. Aprova e condena (Rm 2.14, 15).

29. Ainda que *o termo consciência* não ocorra no Antigo Testamento, *a idéia* certamente se encontra ali (Gn 3.7,10; 39.9; 1 Sm 24.17; 26.21; 2Sm 24.10; Jó 42.5, 6; Is 6.5; Dn 9.19).

A palavra usada no original e nos idiomas (estreita ou remotamente) relacionados tem o mesmo sentido quando analisada etimologicamente. Significa *conhecimento juntamente com, conhecimento conjunto* ou *co-conhecimento*: grego, auveíõqoLç; latim, *con-scientia*; inglês (do latim), *con-sçience*; sueco, *sam-vete;* dinamarquês, *sam-vittighed*\ [português, *consciência],* Como, porém, esse *co-entendimento* deve ser interpretado? Alguns dizem: "E o conhecimento do homem unido ao conhecimento de Deus, a voz interior do homem no ato de repetir a voz de Deus, seu juízo pessoal que endossa o juízo de Deus, seu espírito que testifica juntamente com o Espírito de Deus." Outros arrazoam mais ou menos assim: "É o ego *moral* do homem que ecoa seu ego *cognitivo."*

Essa diferença de opinião não é tão importante a ponto de ser necessário ter em mente que, seja qual for a verdadeira história da maneira pela qual *o termo* se originou, seu *significado,* segundo a Escritura, de modo algum é obscuro. Não se pode ter dúvida de que "a consciência é a resposta do senso moral do homem"à revelação divina acerca de si mesmo, de suas atitudes e atividades" (Rm 2.14, 15).

E *no crente* que a consciência alcança sua meta mais elevada. Para o homem regenerado, *a vontade de Deus* expressa em sua Palavra se torna "o Senhor da consciência, seu Guia e Diretor" (lPe 2.19). A *"boa* consciência", da qual o apóstolo fala aqui em 1 Timóteo 1.5, é mais do que meramente uma "consciência *nítida". É* antes a consciência que:

a. é guiada pela revelação especial de Deus como sua norma;

b. pronuncia juízos que são aceitos e emite ordens que são obedecidas;

c. produz "a tristeza segundo Deus produz arrependimento que leva à salvação" (2Co 7.10), salvação essa por meio da qual "o amor de Deus derramado em nosso coração, pelo Espírito Santo que ele nos concedeu" (Rm 5.5). E o amor de Deus evoca uma resposta de amor.

No Novo Testamento, a palavra ocorre duas vezes em Atos (23.1; 24.16); cinco vezes em Hebieus (9.9; 9.14; 10.2; 10.22; 13.18); três vezes em 1 Pedro (2.19; 3.16; 3.21); e pelo menos vinte vezes nos escritos dc Paulo. Nas Pastorais ela se encontra em 1 Timóteo 1.5, 19; 3.9; 4.2; 2 Timóteo 1.3; Tito 1.15.

O aspecto positivo de uma consciência realmente "boa" é a *fé,* pois uma boa consciência não só abomina o erro, mas abraça o certo. *Tal* fé é verdadeira e genuína. Não é uma mera representação teatral, "um engano vi] expresso com palavras pomposas", uma mera *máscara,* como aquela *sob* a qual o ator se põe com intuito de ocultar sua verdadeira identidade. Estaria Paulo fazendo um contraste entre a fé viva com a "fé" (?) dos seguidores do erro? Seja como for, a fé em que ele está pensando é "um *verdadeiro* conhecimento de Deus e de suas promessas reveladas no evangelho, e uma sincera confiança de que todos os meus pecados já foram perdoados por amor a Cristo" (Compêndio ao Catecismo de Heidelberg, resposta 19). Essa fé resulta em amor.

Em suma, a substância do versículo 5 é esta: a essência da responsabilidade que lhe dou, Timóteo, e que por meio da pregação pública e a admoestação privada você deve dar a conhecer aos efésios é: "Orem e se esforcem diariamente para que obtenham um coração puro, uma sã consciência e uma fé sem hipocrisia, a fim de que esses três, operando juntamente em cooperação orgânica, produzam aquele *amor* que é a mais preciosa de todas as jóias."

6. Ora, sempre que este propósito primordial de toda pregação e de toda a obra do ministério cristão se perde de vista, produzem-se tristes resultados, como indica o apóstolo quando prossegue: **objetivos dos quais certos indivíduos, havendo se extraviados, volveram-se à conversação fútil.**

Estes "certos indivíduos" são as pessoas a quem se faz referência no versículo 3 (ver comentário sobre essa passagem). Diz-se que se *extraviaram* ou se têm *extraviado* (ver também comentário sobre lTm 6.21 e sobre 2Tm 2.18) de seus objetivos adequados: um coração puro, uma sã consciência e uma fé sem hipocrisia. Naturalmente também erraram o verdadeiro *destino,* a meta final, a saber: *o amor.* São como atiradores que erram o alvo, como viajantes que nunca chegam a seu destino, porque se volveram para uma direção equivocada e não se preocuparam em observar a sinalização que se encontra ao longo da estrada. A vereda que tais pessoas têm seguido nem mesmo chega a ser um desvio que logo volta à estrada. Parece-se mais com uma rua sem saída além da qual existe um pântano de "conversação fútil", raciocínio inútil, argumentação que não leva a lugar nenhum (cf. Tt 1.10),

discussões áridas como o pó, arengas sobre fábulas fantásticas acerca de genealogias. Sim, sua jactanciosa sabedoria os fez cair, finalmente, na terra de ninguém, nas sutilezas cerimoniosas, no terrível pântano de ridícula minudência. E o dono desse lodaçal é... Satanás, que preside o comitê de boas-vindas (lTm 5.15).

7. E, por que esses homens *se volveram* para conversação fútil? Porque querem brilhar! Diz Paulo: **querendo ser doutores da lei.** Ora, em si mesmo o desejo de ser doutor do Antigo Testamento, particularmente da lei de Moisés, não é mau. O problema, porém, com esses homens, é que desejam alcançar o alvo **ainda que não entendam as palavras [ou coisas] que usam nem os temas sobre os quais discorrem com tanta confiança [ou, sobre os quais põem tanta ênfase].**

Com satisfação, esses pseudodoutores esgrimiam suas palavras pomposas, seu vocabulário árido. Tudo isso, porém, não passava de mera altissonância, linguagem afetada e retumbante. Sempre que ouviam uma palavra impronunciável, logo a aprendiam de memória e a usavam para desfiar suas fábulas tediosas; eles mesmos, porém, não sabiam o sentido da última adição a seu vocabulário. Pior ainda, não entendiam os próprios temas sobre os quais dissertavam com absoluta segurança (cf. Tt 3.8).

8. Não obstante, para que ninguém pensasse que Paulo menosprezava o ensino e o estudo cotidiano da lei, ele acrescenta: **Nós, porém, sabemos que a lei é excelente, se alguém faz uso legítimo dela. O** melhor comentário disso é Romanos 7.7, 12: "Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum. De fato, eu não saberia o que é pecado, a não ser por meio da lei. Pois, na realidade, eu não saberia o que é cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçarás... Portanto, a lei é santa, e o mandamento é santo, justo e bom".

"Sabemos", diz Paulo. Em outros termos, ele quer deixar gravado em Timóteo - e por meio dele nos efésios, particularmente nos que promoviam as doutrinas errôneas - que a proposição: "O estudo constante da lei é algo excelente", não é nova. "Esta proposição", o apóstolo parece dizer, "é um princípio amplamente conhecido, algo que todos sabemos muito bem." Ler Salmos 19 e 119; Mateus 5.17, 18.

Por certo, Paulo não quer dizer "todo e qualquer" uso da lei é ad-

mirável. Não, a lei é de grande valor prático somente "se alguém fizer dela uso legítimo". Assim também alguém poderia dizer que a pregação é algo excelente, mas, naturalmente, nem *toda* pregação. Ela é algo excelente supondo-se que alguém saiba pregar.

Quando a lei é sepultada sob um fardo de "tradições" que anulam seu próprio propósito (Mt 15.3, 6; Mc 17.9; então Mt 5.43), ou quando é usada como ponto de partida para contos fascinantes sobre os antepassados, ela perde seu poder. Como nos jogos públicos, recebe o prêmio somente quem competiu de acordo com as regras (cf. 2Tm 2.5), assim também a pessoa que a usa como deve ser usada. Daí Paulo prosseguir:

9a. Lembrando isto, que a lei não foi promulgada para o justo.

Este era precisamente o ponto que os falsos mestres de Éfeso estavam ignorando. A razão por que gastavam o tempo com todo tipo de fábulas sobre os antepassados era que não haviam aprendido a reconhecer-se como *pecadores* diante de Deus. Estavam "inchados", eram arrogantes, jactanciosos, fúteis, confiantes em sua própria justiça (ver sobre o v. 7 acima; também sobre lTm 6.4, 20; 2Tm 3.2; e cf. Tt 1.10; 3.5). Este era o grande pecado deles, como Paulo indica reiteradas vezes. Eram carentes de humildade, do senso de culpa.

Essas pessoas podiam estudar a santa lei de Deus com seus preceitos e mandamentos básicos, e podiam permanecer muito serenas diante de tudo isso, como se não lhes tocasse. Simplesmente liam (ou recapitulavam) até que chegassem a um nome próprio ou, talvez, a algum detalhe cerimonial. *Então*, repentinamente, se entusiasmavam! *Agora* podiam brilhar com suas histórias e espiritualizações.

Em vez disso, deveriam ter-se sentido quebrantados pela lei, como, por exemplo, aconteceu com Paulo (ver comentário sobre o v. 15, e ver também Rm 7, especialmente os versículos finais). *Essas* pessoas, porém, criam que eram boas por natureza, não se consideravam más. Eram "justas" a seus próprios olhos, como os fariseus, com referência aos quais Jesus disse: "Não vim chamar justos, e, sim, pecadores" (Mt 9.13; e cf. Lc 15.7 e 18.9). Aliás, é bem provável que o apóstolo estivesse pensando no dito do Salvador em Mateus 9.13, quando escreveu na forma que o fez (a data em que os Evangelhos foram escritos nada

tem a ver com isso, é claro). A possível conclusão é de alguma maneira fortalecida pelo que ele disse no versículo 15 deste capítulo:

"Esta afirmação é fiel e digna de toda aceitação: Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o pior." Cf. também Tito 3.5.

Ora, é razoável que a *lei* - *qualquer* lei, naturalmente (ou seja, qualquer lei no tocante à moral), porém aqui com referência especial à lei de Moisés - não foi promulgada para o "justo". Se sou tão bom que de forma natural guardo a lei, não necessito de lei (seja a lei de trânsito ou a lei dos dez mandamentos). Um dos propósitos primordiais, da lei de Moisés era levar *os pecadores* ao ponto de se sentirem totalmente quebrantados sob o fardo de seus pecados. Admitamos, porém, em prol do argumento, que esses pretensos líderes efésios e os que se agrupavam ao redor deles eram o que pretendiam ser, segundo a posição de Paulo; admitamos que em si mesmos fossem bons e justos, então com certeza a *lei* estaria sendo desperdiçada neles.[30] Como pode ser ela um *freio* (Mc 10.20; SI 19.13) para quem pensa que não precisa ser refreado? Como pode ser ela um *espelho que revela a imundícia* (fonte do conhecimento do pecado, Rm 3.20 e Gl 3.24) para quem pensa que não tem mancha que precisa ser lavada? Como pode ser ela um *guia* (SI 119.105; 19.7, 8; cf. Rm 7.22) que aponte para as avenidas de gratidão para o livramento do pecado para quem em seu orgulho e arrogância (dos quais Paulo fala reiteradas vezes) está convencido de que não se extraviou?

9b, 10. Não, a lei não foi promulgada para esse gênero de pessoas,

30. A idéia de que Paulo aqui ensina que "o cristão justificado nada tem que ver com a lei" bate de frente com as seguintes objeções:

a. E totalmente alheia ao contexto, no qual o apóstolo (salvo a saudação que corresponde a toda a carta) até aqui nada disse acerca de cristãos justificados.

b. Aqui no versículo 9 ele está falando de uma forma totalmente geral acerca de "uma (note *uma,* não *a)* pessoa justa; e está dizendo que não se impõe a *lei* para *uma* tal pessoa justa.

c. Com freqüência uma palavra é explicada por seu antônimo. Aqui "um justo" contrasta com "transgressores, desobedientes, ímpios, pecadores, irreverentes, profanos, panicidas, matricidas", etc., palavras que têm que ver com pecados da esfera moral e espiritual, pecados de atitude e conduta, pecados contra a lei moral dos Dez Mandamentos. Por isso, seguramente parece bem provável que nós aqui estamos na esfera moral e não na esfera forense.

mas para os transgressores e desobedientes, para os ímpios e pecadores, para os irreverentes e profanos, para os parricidas e matricidas, para os homicidas, para os imorais, os sodomitas, os seqüestradores, mentirosos, perjuros e para todos quantos se opõem à sã doutrina.

Era como se apóstolo, ao referir-se às pessoas para quem a lei foi promulgada (aqui com referência particular à lei moral e divina), primeiramente os encadeia em termos gerais como transgressores e desobedientes, ímpios e pecadores, e em seguida desce aos detalhes, seguindo aproximadamente a ordem dos dez mandamentos.

Os efésios seguidores do erro deveriam perguntar a si mesmos: "Esse não é um retrato exato de nós mesmos?" Paulo admitia que ela era aplicável a ele mesmo. Os mestres da falsa doutrina, da região de Éfeso, não admitiam *nada.* Essa era a diferença!

A primeira palavra apropriada que ele usa é *transgressores.* Os transgressores (plural de avop.oç), aqui, não são as pessoas que ignoram a lei, mas as que vivem como se não houvesse lei (ver C.N.T. sobre 2Ts 2.3). Simplesmente vivem fazendo o que agrada a si próprias. E assim vivem separadas da lei e são contrárias a suas exigências básicas. Estaria Paulo pensando em si mesmo (como pessoa incluída no grupo) e em sua vida pregressa? (Cf. Rm 7.9.) Para poder fazer uma exegese adequada dessa porção, deve-se ter em mente que nos versículos que vêm imediatamente em seguida o apóstolo faz reiterada referência a si próprio e a sua vida pecaminosa (vv. 13, 15, 16). Além do mais, um texto deve ser interpretado à luz de seu contexto. Do contrário nossa interpretação perde a unidade. Ora, os transgressores são também *insubordinados.* Eles se negam *a pôr-se sob* (note a palavra: plural de ávuTTÓxaKToç) o governo do Deus que promulgou a lei. Na vida cotidianamente prática, isso significa que, *negativamente* falando, tais pessoas são *ímpias*, irreverentes, profanas (plural de áoeprjç), uma palavra que no uso paulino se aplica até mesmo aos eleitos enquanto (ou até onde) ainda vivam em harmonia com o princípio da incredulidade. São, pois, "profanos", ainda que pela graça soberana de Deus tenham sido (ou em algum momento de sua vida serão) justificados (Rm 4.5; 5.6). Paulo, naturalmente, se colocaria entre eles. *Positivamente* falando, tais indivíduos são *pecadores* por natureza (plural de à|iapTQlóç),

erraram o rumo ou o alvo de sua existência, a saber, a glorificação consciente de Deus. Paulo de forma bem definida e explícita nos diz que se inclui nesse rol; note o versículo 15 (que provavelmente já estava no pensamento do autor, quando escreveu o versículo 9): "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os *pecadores, dos quais eu sou o principal."*

A lei, pois, foi promulgada para os transgressores e insubordinados ou desobedientes, para os ímpios e pecadores, com o fim de sacudi-los até o mais profundo âmago de seu ser, e espantá-los de qualquer autocomplacência que porventura restasse neles. *Ela foi. promulgada para que o homem inquieto sinta uma maior inquietude, de modo que clame desesperançado de si mesmo: "Miserável homem que eu sou.' Quem me livrará?"* (Rm 7.24; e cf. Rm 3.20).

O apóstolo então faz uma síntese da lei dos Dez Mandamentos. O resumo revela claramente que não há lugar em Sião para *alguém* sentar-se em repouso *(menos ainda para os seguidores do erro que havia em Éfeso),* dominado pelo senso de segurança, de tal modo que agora passe a usar a lei com perfeita compostura como uma espécie de palavras cruzadas ou como matéria-prima para a fabricação de interessantes histórias sobre os antepassados.

Por conseguinte, primeiramente o apóstolo declara que a lei foi promulgada àt/ooLOLç Kcd pePqAmç

"para os homens irreverentes e profanos".

A palavra *irreverente* (áfócnoç), que no Novo Testamento só aparece aqui e em 2 Tessalonicenses 3.2, e aqui no versículo 9 está associada a *profano*, é muito adequada num contexto que descreve os que são negligentes em seus deveres *para com Deus.* Em *Gorgias* (507B), Platão representa Sócrates como que dizendo: "E outra vez, quando alguém está fazendo o que é adequado em relação aos *homens,* faz o que *é justo* (õÍKcaa); (quando faz o que é correto) em relação aos *deuses,* (faz o que é) *santo* (ocua)".[31] Semelhantemente, em 2 Macabeus

31. Eu não estou querendo dizer que os adjetivos oaioç e *àvóaLoç* sejam tão restritos de modo que *em todos os* casos se refiram à atitude do homem em relação a seus deveres sob a primeira tábua da lei. Trench tem razão quando afirma que as Escrituras não reconhecem a divisão arbitrária entre primeira e segunda tábuas. O que eu quero dizer é que nessa passagem o uso propriamente dito da palavra *irreverente,* em imediata conexão com *profa-*

7.34, Antíoco Epífanes, que por todos os meios tentou destruir a religião de Jeová, é chamado "homem profano".

O que se expressa negativamente no adjetivo "irreverente" se expressa positivamente no adjetivo *profano* (pépr|Àoç, de Paávco, caminhar, dar um passo, pisar). O que é profano *pode ser pisado. É* como em nosso idioma indica: "em frente do templo", ou seja, *"fora* do templo" *(pro* = diante ou fora d*e;fanum* = templo, santuário). Uma *pessoa profana* é alguém que não se refreia ou não vacila em *pisotear* o que é santo. O adjetivo é usado em relação a *coisas* em 1 Timóteo 4.7; 6.20; 2 Timóteo 2.16 (ver comentário sobre essas passagens) e em relação a *pessoas* nessa passagem e em Hebreus 12.16. Essa passagem menciona a pessoa tipicamente/?*roja na,* a saber, Esaú, que por uma simples comida vendeu sua primogenitura com suas implicações messiânicas.

Portanto, é plenamente natural presumir que, quando Paulo faz menção de pessoas *irreverentes* e *profanas*, ele esteja pensando naqueles que ridicularizam a própria idéia de que há unicamente um Deus verdadeiro, e naqueles que negam que esse Deus é um Espírito de perfeição infinita, que seu nome, ou o nome de Cristo, deve ser reverenciado e que seu dia deve ser observado. Os que são irreverentes e profanos escarnecem dos quatro mandamentos da primeira tábua da lei. Que ninguém diga que Paulo se excluiu desse rol (ver v. 13 e At 26.11) ou a qualquer outro *pecador.*

Em segundo lugar, essa lei foi promulgada

"para parrícídas e matricidas".

O pecado assinalado aqui é uma flagrante violação do seguinte mandamento do decálogo: "Honre seu pai e sua mãe, para que se prolonguem seus dias na terra que o Senhor, seu Deus, lhe dá" (Ex 20.12). Além disso, a lei declarava especificamente: "Quem ferir seu pai ou sua mãe será morto" (Ex 21.15). Ora, se o simples *golpear* o pai ou a mãe levaria a pena de morte, quanto mais *feri-los* (dar-lhes um golpe destrutivo, matá-los)! Não obstante, o pecado maior, em cada caso, inclui o menor. Aqui se condena qualquer forma de negligência em honrar os pais. *Nenhum pecador escapa.*

no, parece apontar para a distinção tradicional. Quanto ao resto, ver R. C. Trench, *op. cit.* lxxxviii; também M. M., 45, 460.

Em terceiro lugar, a lei visava aos

"homicidas".

Literalmente, o original aqui tem "para os homicidas involuntários". Não obstante, a expressão em nosso idioma é ambígua, e poderia ser tomada como uma referência a quem mata sem intenção, embora ilicitamente. Contudo, o original se refere a todo aquele que tira a vida de outra pessoa. Tem referência a *todo e qualquer homicídio.*

O mandamento violado é o sexto: "Não matarás" (Êx 20.13). Veja interpretação de Cristo, Mateus 5.21-26. Como teria magoado Paulo escrever isso! Trouxe a sua mente lembranças do passado, de seu próprio passado (At 9.1, 4, 5; 22.4, 7; 26.10).

Em quarto lugar, a lei foi estabelecida

"para as pessoas imorais, sodomitas".

Isto se refere claramente aos que violam o sétimo mandamento: "Não adulterarás" (Êx 20.14).

Note que aqui também (assim como as frases "para os ímpios e pecadores", "para os irreverentes e profanos") a descrição negativa (imorais) precede a positiva (sodomitas). A violação indicada é, primeiro, "fornicação" ou imoralidade, muito incíusiva; o segundo é "sodomia", muito flagrante. Com respeito ao primeiro termo (fornicação), não é verdade que está sempre estritamente confinado à relação sexual ilícita entre pessoas *solteiras.* Como é verdade com respeito a nossa própria palavra *fornicação,* assim também com respeito à palavra grega, o sentido, ainda que a princípio restrito, gradualmente adquire um significado mais inclusivo, de modo que na presente passagem é simplesmente *imoralidade sexual* em toda e qualquer forma que ocorra. A luz de Mateus 5.32; 19.9, é evidente que pode ainda incluir *adultério* (relação sexual ilícita entre pessoas das quais pelo menos uma é casada com outra pessoa). Em Efésios 5.5, o fornicário ou imoral é mencionado junto com o imundo ou impuro. Cf. Também Hebreus 13.4. De acordo com Mateus 5.27, 28, qualquer pensamento impuro é uma forma de "adultério". *Que pecador não é culpado?* Paulo menciona em 1 Coríntios 5.1 um caso horripilante de imoralidade. O mundo pagão estava repleto de tais vícios, porém o caso men-

cionado em Coríntios é de tal parte como algo que "nem mesmo se nomeia entre os pagãos".

Imediatamente depois de "imorais", Paulo menciona os "sodomitas". A palavra empregada no original é composta de duas partes: *homem* e *leito* (particularmente o leito matrimonial). Portanto, a referência é *diretamente* aos homossexuais *masculinos*; em outros termos, aos sodomitas (cf. Gn 19.15), "que cometem atos vergonhosos homens com homens" (Rm 1.27; 1 Co 6.9); *indiretamente,* a referência é a *todos* os homossexuais, masculinos e femininos.

Em quinto lugar, a lei foi instituída

"para os seqüestradores".

No Novo Testamento, a palavra (ávõpcaroÔLaTriç) ocorre somente aqui. Sua origem é bastante incerta, ainda que, considerando seus componentes, alguns a façam derivar da idéia verbal "apanhar um homem pelo pé". Mas, seja qual for sua origem, ela se refere clara e primariamente a "mercadores de escravos" (a palavra àyõpáTToõov significa escravo) e assim, por extensão, a *todos* os "ladrões de homens" ou "seqüestradores". O apóstolo está pensando numa horrível violação do oitavo mandamento: "Não furtarás" (Êx 20.15; quanto ao roubo *de homens,* ver Êx 21.16; Dt 24.7). Certamente também os que entram nos lares de cristãos, levando presos os que são de "O Caminho", quer homens quer mulheres, estão incluídos, a despeito do fato de que podem portar consigo cartas do sumo sacerdote (cf. At 9.1, 2)1 Sim, estão implícitos os ladrões de homens de todo matiz ou cor. Paulo está incluído, e por uma legítima extensão da idéia, também está toda pessoa que tem infringido os direitos ou liberdades de seus semelhantes. *Que pecador está livre?*

Em sexto lugar, essa lei foi feita

"para os mentirosos e perjuros".

Certamente o apóstolo está pensando no nono mandamento: "Não dirás falso testemunho contra o teu próximo" (Êx 20.16). Não obstante, segundo a visão de Paulo, não só os *cretenses* são mentirosos (Tt 1.12), mas, por natureza, *todo homem é* mentiroso (Rm 3.4). De acordo com o uso bíblico do termo, mentiroso não é apenas o indivíduo que

realmente expressa algo que não confere com a verdade, mas também aquele que cujas ações e atitudes não se harmonizam com sua confissão (IJo 2.4; 4.20). O arquimentiroso de todos é o diabo (ver C.N.T. sobre João 8.44, 55). Seu mais ardente discípulo, o anticristo, é também um mentiroso (1 Jo 2.22; e ver C.N.T. sobre 2Ts 2.9, 10).

"Perjuros" são todos quantos são culpados de afirmar *solenemente* ("pelo meu nome", Lv 19.12), o que é falso com a intenção de causar dano ao próximo; ou aqueles que, ao fazerem um voto solene, não têm a intenção de cumpri-lo. Essa é a mais espantosa forma de pecado contra o nono mandamento, assim como o seqüestro é a mais vergonhosa manifestação de pecado contra o oitavo, e a sodomia, um horrível exemplo contra o sétimo. Naturalmente, como nos casos anteriores de violações contra a lei moral, assim é aqui: *o pecado mencionado inclui pecados que conduzem a este e a todos os pecados relacionados com ele.* O Senhor denunciou o desígnio egoísta dos fariseus em restringir o sentido do mal de forma a achar-se culpado somente aquele que não cumpria *uma promessa em relação à qual houvesse alguém pronunciado literalmente o nome de Deus* (Mt 5.33-37).

Se nos lembrarmos de que o pecado de jurar falso às vezes era cometido com o fim de obter-se a posse da propriedade do próximo, é evidente que não é tão absurda a teoria de que, ao mencionar essa violação particular da lei moral, Paulo não só está pensando no pecado contra o nono, mas também contra o décimo mandamento: "Não cobiçarás a casa do teu próximo... nem coisa alguma que pertença ao teu próximo" (Ex 20.17). O perjúrio tem com freqüência (talvez pudéssemos dizer *sempre)* sua raiz na *cobiça.*

Uma vez dada uma atitude geral e mais detalhada das pessoas para as quais a lei foi promulgada, o apóstolo agora acrescenta "e para tudo quanto é contrário à sã doutrina". *Na forma como Deus os vê, nenhum pecador e nenhum pecado pode escapar*, e muito menos os efésios seguidores do erro. A única pessoa para quem a lei não tem vigor é o *justo,* o seguidor do erro tal *como ele se vê.* Ver comentário sobre 1.9a. Quanto aos demais, a lei condena a todos e a cada um, fazendo com que ele sinta a sentença de condenação. *Ela está estabelecida (Keitca)* para todo aquele que *se põe contra* (ávxÍKeiim) a sã doutrina. Esta *doutrina* corresponde à teoria e à prática. Portanto, todo *pecado é* um

pecado contra a sã doutrina. E esta doutrina é qualificada de *sã*[32] (ÚYiaivoúari, donde vem nossa palavra *higiênico),* porque promove a saúde espiritual. Ver também 2 Timóteo 4.3; Tito 1 .9; 2.1; então Tito 3.13; finalmente, 1 Timóteo 6.3; 2 Timóteo 1.13. Isto não causa surpresa, porquanto seu ensino está:

11. em harmonia com o glorioso evangelho do Deus bendito.

A sã doutrina exige que o homem guarde a lei de Deus. Também declara que por natureza ele *não pode* guardá-la. Portanto, ele revela sua total perdição, sua condição completamente *pecaminosa.* Naturalmente que isto nos lembra (é "de acordo com" ou "em harmonia com") o *evangelho,* porque a mensagem central deste é: "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os *pecadores*" (v. 15). Que glorioso evangelho é este![33] E glorioso porque exibe a glória dos atributos divinos. (Ver C.N.T. sobre João 1.14.) Declara a justiça, a graça, o amor, etc. "do Deus bendito". Com respeito a esta bem-aventurança divina, um grande teólogo escreveu o seguinte:

"Ora, quando a *bem-aventurança é* atribuída a Deus, ela compreende três elementos: Primeiro, expressa o fato de que Deus é perfeição absoluta, porque a bem-aventurança e a propriedade de cada ser que é perfeito ou completo: que tem vida, e é livre de perturbação, seja interior ou exterior... Pelo fato de que Deus é perfeição absoluta, a soma total de todas as virtudes, a essência suprema, a excelência da bondade e verdade, em outros termos, porque é a vida absoluta, a fonte de toda a vida, ele é o Deus da bem-aventurança absoluta... Segundo, a palavra *bem-aventurança,* quando aplicada a Deus implica que essa perfeição

32. Deve-se rejeitar a idéia de que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais porque aqui é usada a palavra "sã", e que essa palavra deve significar "em harmonia com a razão". "São" (no sentido de "ortodoxo") não é um conceito meramente intelectual; e o uso metafórico da palavra certamente era conhecido do apóstolo Paulo, por exemplo, da versão LXX de Provérbios 13.13, segunda linha. Cf. nota 193.

33. De acordo com as versões inglesas A.V., Berkeley, Goodspeed, Moffatt, R.S.V., Weymouth, Williams e outras, construímos o genitivo "da glória" como adjetivai (2Co 4.4 nada prova em contrário). Não é verdade que quando ôó^c é precedido pelo artigo não pode ser adjetivo. Cf. "mordomo da injustiça" em Lucas 16.8. Além do mais, no grego bíblico, o genitivo adjetivai aparece com freqüência, devido, sem dúvida, a sua base semítica.

Não é necessário buscar uma conexão mais remota para a frase que estamos discutindo. É a frase imediatamente precedente, "sã doutrina", a que é "segundo" ou "em harmonia com" o glorioso evangelho do Deus bendito.

absoluta é objeto do conhecimento e amor de Deus... Deus conhece a si mesmo com um conhecimento que é absoluto e ama a si mesmo com um amor absoluto. Daí a palavra *bem-aventurança,* aplicada a Deus, implica, em terceiro lugar, que Deus deleita-se em si mesmo num sentido absoluto, que descansa em si mesmo, que é perfeitamente autosuficiente. Sua vida não é um contínuo desenvolvimento, um mero lutar e tornar-se como o panteísmo ensina, mas um repouso ininterrupto, uma paz eterna" (H. Bavinck, *The Doctrine ofGod*, tradução minha, Grand Rapids, MI, 1951, **p.** 248).

A palavra empregada no original para expressar esta qualidade de bendito é iiaxapioç. É a mesma palavra usada nas bem-aventuranças, por exemplo, "Bem-aventurados os humildes de espírito" (Mt 5.3), e outros lugares nos Evangelhos (ver C.N.T. sobre João 13.17), em Tiago, 1 Pedro e Apocalipse. Paulo a usa em Romanos 4.7, 8 (citação do SI 32); 14.22; 1 Coríntios 7.40; na passagem que estamos considerando e também em 1 Timóteo 6.15 e Tito 2.13.[34]

Ao mencionar "o glorioso evangelho do Deus bendito", o apóstolo naturalmente pensa em sua própria relação com ele. Por isso acrescenta: **[o evangelho] que a mim foi confiado.** Paulo era profundamente cônscio dessa responsabilidade. Ele refere-se a ela reiteradas vezes (1 Co 9.17; G1 2.7; e ver comentário sobre lTs 2.4, C.N.T.). É por essa mesma razão que ele se denomina de "apóstolo de Cristo Jesus" (ver supra, comentário sobre o v. 1). É por essa mesma razão que ele podia confiar a Timóteo uma tarefa (ver comentário sobre o v. 3). Ora, o próprio Timóteo estava plenamente consciente da responsabilidade que Paulo lhe havia confiado. Não obstante, outros - lembre-se dos doutores de doutrinas estranhas de Efeso - necessitam de uma advertência.

Não obstante, não é primariamente o desejo de lembrar a outros de sua autoridade o que faz o apóstolo escrever sobre o que lhe fora confiado. Antes, ele faz menção aqui com o intuito de fazer uma transição

34. Um sinônimo próximo de naKápioç *é* cú/toyriTÓç. O primeiro é equivalente ao hebraico *ashrey,* que como plural de construção poderia ser traduzido "Oh, a bem-aventurança de...!" Aparece, por exemplo, com referência a homens que têm comunhão com Deus, que receberam benefícios especiais de Deus, particularmente a bênção do perdão (SI 32.1; cf. Rm 4.8). Esta última traduz a palavra hebraica *bamk,* e significa "ser louvado" ou "digno de louvor" (Mc 14.61; Lc 1.68; Rm 1.25; 9.5; 2Co 1.3; 11.31; Ef 1.3; IPe 1.3).

para um parágrafo (vv. 12-17) no qual irá expressar sua gratidão a Deus, por ter feito *dele,* o principal dos pecadores, um ministro do evangelho. Portanto, de acordo com o contexto, o verdadeiro sentido da frase final do versículo 11 é este: "O glorioso evangelho do Deus bendito, [o evangelho] que me foi confiado, *a mim que sou totalmente indigno de um privilégio tão grande."*

12 Reconheço minha gratidão[35] para com aquele que *me* deu força, Cristo Jesus nosso Senhor, que-[16] *me* considerou digno de confiança e me designou para ele mesmo,[37] com vistas a [este] ministério, 13 embora anteriormente tenha sido um blasfemo e um perseguidor c um agressor voluntarioso. Porém me foi concedida misericórdia, visto que agia ignorantemente na incredulidade. 14 E a graça de nosso Senhor excedeu ricamente, com fé e amor [centrados] em Cristo Jesus. 15 Fiel [é] a confissão, e digna de plena aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo pecadores salvar, sendo eu o primeiro de todos. 16 Por essa razão, porém, alcancei misericórdia, para que em mim, o primeiro, Jesus Cristo exibisse toda sua longanimidade, como um exemplo para os que viessem a depositar nele sua fé com vistas à vida eterna. 17 De modo que, ao Rei dos séculos. Deus imperecível, invisível e único, [seja] a honra e a glória para sempre e sempre![38] Amém.

1.12-17

12. Reconheço minha gratidão para com aquele que *me* deu força, Cristo Jesus nosso Senhor, que *me* considerou digno de confiança e *me* designou para ele mesmo, com vistas a [este] ministério.

A referência pessoal da última frase do versículo 11 é agora explicada. Numa forma bela, o apóstolo combina duas idéias: a. embora seja eu completamente indigno, fui comissionado para proclamar o evangelho da graça de Deus; e, b., essa graça e misericórdia se revelaram de uma forma gloriosa em minha própria conversão.

Neste breve parágrafo (vv. 12-17), não encontramos a costumeira

35. Ou, simplesmente, "agradeço-lhe", etc. Mas xápiv í%ui seja provavelmente um pouco mais forte do que eixapiotéto. Parece significar "sinto e expresso minha gratidão". Ver também p, 19; cf. Lucas 17.9; Hebreus 12.28.

36. Ou, "que". Se OTL é considerado declarativo ou causai, não tem importância aqui.

37. O originai traz Bépeuoç, nominativo, singular, segundo aoristo particípio, *médio*, de TÍ8TIPL; daí "havendo me designado para ele", mas em tal caso sendo simultânea a ação expressa pelo particípio com a expressa pelo verbo finito, podendo o sentido ser expresso usando-se dois verbos finitos conectados com "e".

38. Literalmente, "pelos séculos de [os] séculos".

ação de graças rígida, estereotipada e formal "aos deuses ou a uma divindade particular" que nas cartas antigas comumente segue as palavras iniciais. Em contrapartida, encontramos uma explosão de gratidão sincera e cordial. Procedente de um coração que está saturado de imensa emoção, sobe cada vez mais alto até chegar aos píncaros de uma sublime doxologia (v. 17). O que realmente vemos aqui é Paulo como um radiante exemplo do que a lei de Deus usada legitimamente é capaz de fazer na vida de um ex-perseguidor. Que os falsos doutores de Éfeso tomem nota desse fato, para que não mais considerem a lei como um joguete, ou como um instrumento para o engrandecimento de seu próprio ego.

O apóstolo está profundamente consciente de sua incapacidade de expressar adequadamente seu sentimento de fervorosa gratidão. E essa gratidão ele oferece, não aos deuses, mas a "Cristo Jesus nosso Senhor" (cf. v. 2).

Paulo reconhece sua gratidão a Cristo por três benefícios estreitamente relacionados: a. por lhe haver comunicado força (chama a Cristo meu Capacitador ou Qualificador); b. por considerá-lo digno de confiança; e c. por havê-lo "designado" - isso combina o *destino* com o *dever* (cf. C.N.T. sobre lTs 5.9) - para o "ministério" (do apostolado), serviço prestado ao Senhor no espírito de amor e devoção pessoais (porque esse é o sentido da palavra õiaKoiÁa; ver Ef 4.12; Cl 4.17; Hb 1.14; também C.N.T. sobre lTs 3.2. Quanto ao sentido técnico, ver comentário sobre lTs 3.10). Naturalmente, essas três idéias se reúnem *numa só.* Podem ser assim parafraseadas: "Dou graças a Cristo Jesus, meu fortalecedor (cf. 2Co 12.9; Fp 4.13; 2Tm 4.17), que em sua soberana misericórdia me considerou digno de confiança - sem olhar para o que eu pessoalmente fui, mas para o que sua graça fez em mim (cf. ICo 4.7; Ef 2.8) -, e de conformidade com seu propósito me designou para o ministério do ofício apostólico." A *capacitação*, a *consideração favorável* e a *designação* foram simultâneas. Ocorreram quando Paulo se converteu no caminho de Damasco. Ver seu vivido relato em Atos 9.15, 16; 22.1-21; 26.16-18; cf. Atos 13.1-4; e ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 2.4.

13. Ele fez isso em favor de alguém como eu, **embora anteriormente tenha sido um blasfemo e perseguidor e voluntarioso agressor.**

Este era exatamente o fato assustador, a saber: que *tal* misericórdia fosse outorgada a um pecador *tal* como ele.

"Não sei por que a maravilhosa graça de Deus me foi dada a conhecer,
Nem por que a mim, indigno, Cristo em amor me redimiu para si."

Tanta misericórdia! Porque, note bem: este mui grande pecador não só foi *salvo,* mas também foi tido como digno de que se lhe confiasse o ministério do apostolado! Tudo isso ocorreu, embora antes de sua conversão o apóstolo permanecesse na mesma categoria dos terríveis pecadores supramencionados (ver comentário sobre os vv. 9b, 10): irreverentes e profanos, etc. Sim, com respeito à primeira tábua da lei, o apóstolo havia sido *blasfemo* (At 26.11), ridicularizando o nome de Cristo; e em referência à segunda, havia sido *perseguidor* (ver C.N.T. sobre 1TS3.12; 2Ts 1.4; cf. At 9.1-4, 5; 22.4, 7; 26.10; G1 1.13). Além do mais, ao perseguir "ao extremo" a igreja de Deus, havia perseguido o próprio Cristo. "Saulo, Saulo, por que você *me* persegue?", lhe perguntara Jesus. (Daí, na realidade, aqui, como sempre, o homem peca concomitantemente contra *ambas* as tábuas!) Tão violento e injurioso era seu ataque contra os crentes - sua própria respiração se tornara uma ameaça de morte (At 9.1) -, que não fora nada menos que "um voluntarioso agressor", alguém que cometeu atrocidade sobre atrocidade contra os que eram do "Caminho". Não devemos passar por alto o fato de que o homem que depois de sua conversão foi tratado afrontosamente (em Filipos), ele mesmo, antes de sua conversão, tratara afrontosamente os seguidores de Cristo.

E assim esse retrospecto dos pecados passados alcança seu triste clímax: "blasfemo, perseguidor e voluntarioso agressor". Foi assim que a graça alcançou esse pecador. Com certeza, se essa graça não fora *soberana, incondicional, ele* jamais teria sido alcançado. **Porém me foi concedida misericórdia, visto que agia ignorantemente na incredulidade.** Embora sua conduta pregressa fosse terrível, não chegara ele ao ponto de pecar contra o Espírito Santo, o pecado voluntário contra um melhor conhecimento (Hb 10.26). Para tal pecado não há perdão (Mt 12.31, 32; Hb 6.4-6; lJo 5.16; cf. Nm 15.30), nem deseja o perdão quem vive nele. O caso de *Paulo,* porém, foi diferente. Durante sua campanha de agressão, o apóstolo, em seu estado de "incredulida-

de" acerca da verdade em Cristo, pensava realmente que oferecia a Deus um bom serviço (ver C.N.T. sobre João 16.2). Estivera completamente convencido de que tinha de "fazer muitas coisas contra o nome de Jesus de Nazaré" (At 26.9). Portanto, para ele houve perdão, assim como, pela mesma razão, houve perdão para os homens de Israel que mataram o Príncipe da vida (At 3.17; cf. também Lc 23.34). Sim, *misericórdia,* compaixão divina (ver comentário sobre o v. 2), fora concedida a este ex-membro do grupo dos legalistas - os fariseus - que sempre estavam a gabar-se de suas demonstrações de "misericórdia" ("doação de esmolas") aos demais (note que no original o substantivo "esmolas" em Mt 6.2-4 e o verbo "conceder misericórdia" em lTm 1.13 derivam da mesma raiz).

14. Essa *misericórdia,* como sempre, estava unida à *graça.* Graça abundante, sim, superabundante. Diz Paulo: **E a graça de nosso Senhor excedeu ricamente, com fé e amor [centrados] em Cristo Jesus.**

A transição do versículo 13 para o 14 é do pecado abundante para a graça superabundante. Aqui, no versículo 14, a ênfase está posta na grande mudança que por essa graça se produziu na vida do apóstolo. Note a posição do verbo no início da oração à guisa de ênfase: "E a graça de nosso Senhor excedeu ricamente." *Graça,* aqui como em 1.2, é o favor de Deus que imerecidamente é outorgado ao eleito, produzindo vidas consagradas (ver C.N.T. sobre 1 Ts 1.1). O verbo *superabundou* indica claramente que Paulo é o autor das Pastorais, porque em nenhuma outra parte do Novo Testamento achamos essa ênfase constante no caráter "super" da redenção em Cristo. E Paulo quem declara:

"Mas onde o pecado excedeu, a graça *supemxcedeu* (ultrapassou o nível)" (Rm 5.20).

"A fé 5w/?eraumenta (está crescendo além da medida, 2Ts 1.3)." O mesmo se dá com o amor.

"Eu swpertransbordo (transbordo abundantemente) de alegria (estou super-alegre, 2Co 7.4)."

"Estamos orando íMperabundamentemente (com intenso fervor, ITs 3.10)."

"A paz de Deus que *ultra {-super)*-passa todo o entendimento" (Fp 4.7).

"Tenham-nos (os líderes) «/perabundantemente (muito nobremente) em amor" (1 Ts 5.13).

"A fim de que eu não me *superexalte* (me eleve a um grau excessivo), me foi dado um espinho na carne" (2Co 12.7).

E evidente que este vocábulo "super" é característico de Paulo.

A frase "com fé e amor" indica o efeito da graça no coração e vida de Paulo. A graça *acende* a fé e o amor, inunda a alma com esses dons divinos. O apóstolo se deleita nessa combinação (ver C.N.T. sobre 1 Ts 1.3 e 5.8). Para ele a graça é sempre a *raiz',* a fé e o amor, o *tronco-,* e as boas obras, o *fruto* da árvore da salvação. Isto vale para as Pastorais tanto quanto para as demais epístolas (Rm 4.16; 11.6; Gl 5.22-24; Ef 2.4-10; 2Ts 2.13; Tt 2.11-14; 3.4-8). Para os conceitos de "fé" e "amor", ver C.N.T. sobre 1 Ts 5.8. Esta fé e este amor são "em Cristo Jesus", ou seja, estão centrados nele. Paulo possui essas graças em virtude de sua união com Cristo, o Salvador.

15. Além do mais, o que se aplica a Paulo é aplicável a todos os pecadores salvos. Por isso, primeiro vem a declaração de uma verdade aplicável a *todos* os pecadores a quem Cristo veio salvar. A seguir vem imediatamente uma cláusula de aplicação *pessoal.* **Fiel** [é] **a confissão, e digna de plena aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo pecadores salvar, dos quais eu sou o primeiro.**

A confissão de Paulo com respeito ao glorioso propósito da primeira vinda de Cristo é o tema da maravilhosa declaração que poderia ser considerada como sendo o próprio coração do evangelho, sua suma e substância. (E comparável a Jo 3.16, sobre o qual ver C.N.T.)

A *confissão* é considerada à luz de três aspectos: 1. sua confiabilidade; 2. seu conteúdo; e 3. sua apropriação pessoal.

1. Sua confiabilidade

Simples e grande, como uma rocha de granito, se põe a palavra *fiel* no início da sentença, sem nenhuma partícula que a conecte com o anterior. Indica que a proposição que introduz sustenta a crucial e candente prova da experiência. Não é uma simples *fórmula,* mas um *juízo* procedente de reflexão. Passou de boca em boca, como costuma ser o caso com tais confissões, e havendo-se incrustada no coração da comunidade cristã, onde todos os temores, esperanças, lutas de alegrias desses primeiros cristãos giravam em tomo dela, sobreviveu gloriosamente. De fato, ela se converteu num epigrama resplandecente, uma

confissão concisa e corrente, que exige o consentimento e apoio imediatos, espontâneos e entusiastas de todos os crentes que a ouvem. A confissão é o testemunho da experiência cristã, e é agora também a voz do Espírito Santo.

As Pastorais contêm cinco dessas *confissões* fiéis: 1 Timóteo 1.15; 3.1; 4.8, 9; 2 Timóteo 2.11-13; Tito 3.4-8. Embora a expressão "fiel é a confissão" apareça somente nessas cinco passagens nas Pastorais, e em nenhuma parte, exatamente dessa forma, nas dez, isso não dá a ninguém o direito de concluir que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais. Certamente não se pode oferecer razão por que quem escreveu "fiel [é] Deus" (ICo 1.9) e "fiel [é] o que chama" (ITs 5.24) não poderia ter escrito uma declaração gramaticalmente semelhante: "fiel [é] a confissão."

A famosa confissão, permanecendo sujeita às chamas da perseguição e ridicularizada por Satanás, emergira desse crisol ainda mais resplendente e gloriosa do que antes. Mesmo quando não havia ainda passado quatro décadas desde a morte do Salvador, ainda em data tão recente, se convertera numa convicção inabalável: "digna de plena aceitação", ou seja, digna de *ser recebida pessoalmente,* e de todo o coração, por todos, sem reservas de quaisquer espécies.

2. *Seu conteúdo*

A confissão é: "Que Cristo Jesus veio ao mundo pecadores salvar." Deve-se dizer algo, primeiro, sobre a *forma* dessa confissão; em seguida, sobre seu *significado.*

Quanto *h forma,* diversos comentaristas asseveram que a confissão é distintamente joanina, uma vez que unicamente João fala do Salvador como "vindo ao mundo". Ainda que entre os que consideram Paulo como o autor das Pastorais há quem vá mais longe e não vacile em relacionar esse caráter joanino da linguagem com a confissão de que as epístolas a Timóteo iam com destino a *Éfeso* (onde Timóteo estava desenvolvendo sua obra como enviado especial de Paulo), *o próprio quartel-general de João!* De acordo com isso, sustenta-se que Timóteo e a membresia da igreja de Éfeso (presumindo-se que a epístola foi lida também para a igreja), afeitos ao estilo de João, por causa de seus trabalhos na cidade, apreciariam essa fraseologia mais que os crentes que viviam em outros lugares.

Não obstante, tal apresentação está sujeita às seguintes objeções:

a. O título "Cristo Jesus" é antes paulino que joanino (jamais se encontra nos escritos de João, mas com freqüência nos de Paulo).

b. Tudo indica ser bem provável que o apóstolo João não chegou a Éfeso senão *depois* da morte de Paulo, portanto *depois* de 1 Timóteo ser escrita. O fato de Pedro já haver recebido sua "herança" nos céus, e Paulo, sua "coroa", poderia ter induzido João a tomar sobre si o encargo das igrejas órfãs da Ásia Menor. Ao supormos que João chegou a Éfeso em 67 ou 68, não podemos estar muito equivocados (ver também C.N.T. sobre João, vol. I). Paulo, porém, escreveu 1 Timóteo em 63 ou 64!

c. Aliás, em medida considerável, a fraseologia é joanina, mas somente no sentido em que João a *preservou* e a *transmitiu.* Ele não a *cunhou.* Foi Jesus mesmo quem, de acordo com o quarto Evangelho, reiteradas vezes se referiu a si mesmo como tendo vindo ao mundo (Jo 3.19; 9.39; 12.46; 16.28; 18.37). Seus primeiros discípulos aprenderam dele e o imitaram. Daí, não surpreende que "o discípulo a quem Jesus amava" começasse a usá-la (Jo 1.11); e assim o fizeram outros, por exemplo, Marta (Jo 11.27). Conseqüentemente, aqui em 1 Timóteo 1.15, Paulo simplesmente está fazendo uso da maneira de falar do Salvador quando falava de si próprio, e está empregando uma linguagem que fora adotada por seus primeiros discípulos, que a extraíram dos próprios lábios dele, e a difundiram amplamente. É natural - por exemplo, em vista do estreito contato entre Éfeso e Jerusalém e a dispersão proveniente da perseguição - que a confissão chegara também a Éfeso. E quanto a isso, não é de forma alguma improvável que o grande apóstolo João, *antes de partir da Palestina*, tenha contribuído para a perpetuação dessa *confissão.*

Quanto ao *significado* da expressão, a combinação "Cristo Jesus" já foi explicada (ver C.N.T. sobre lTs 1.1 e nota 1 no presente comentário). O fato de que este Salvador divinamente ungido tenha vindo ao mundo indica *não só uma mera mudança de posição*, uma "descida" de um lugar para outro (do céu para a terra), *mas uma mudança de estado e de ambiente espiritual e moral.* Portanto implica o supremo *sacrifício,* a culminação da graça condescendente. Cristo se dispôs a descer da posição infinita do eterno deleite na própria presença de seu

Pai às profundezas cada vez mais intensas na esfera do pecado e da miséria. (A "vinda ao mundo" inclui a encarnação, os sofrimentos, a morte.) No original, a palavra *pecadores* segue imediatamente a palavra *mundo,* daí não deve seguir a maioria das versões que trazem "...veio ao mundo para salvar pecadores", mas "...veio ao *mundo pecadores* salvar". A justaposição de *mundo* e *pecadores* revela que *mundo é* um conceito *ético.* Quanto ao sentido de *mundo,* ver também C.N.T. sobre João 1.10, 11, inclusive a nota 26. O Senhor da glória, tão puro e santo que em sua presença até mesmo os mais consagrados dos homens caem como mortos (Ap 1.17; cf. Is 6.1-5), entrou voluntariamente na esfera à qual parece não pertencer, a saber, a esfera na qual reina a maldição. A razão para sua entrada neste reino de pecado aparece nas palavras "pecadores salvar". Isso mostra que a *vinda* paradoxal foi, acima de tudo, plenamente justificada e gloriosamente motivada.

Foi preciso um ex-fariseu para que se imprimisse um sentido completo e terrível à palavra *pecadores.* Pelo prisma dos fariseus, até mesmo comer com os *pecadores* era um escândalo (Mc 2.16; Lc 5.30; 15.1, 2). Presumia-se que um profeta não podia ter qualquer tipo de contato com um *pecador* (7.39, uma *pecadora).* Quando os fariseus queriam cumular insultos sobre Jesus, chamavam-no "glutão, bebedor de vinho e *amigo de* [publicanos e] *pecadores* (Lc 7.34). Dividiam a humanidade em dois grupos: "os justos", que era sinônimo de "nós próprios" para eles; e os "pecadores", ou seja, "os demais", "a ralé", "a escória", "o povo da terra". O Espírito Santo, na pessoa de Paulo, toma este vergonhoso epíteto, "pecadores", e o aplica a *todas* as pessoas que, pelo uso adequado da lei, são dominadas por profunda convicção. Foi para estes, e *tão-somente* para estes, que Cristo veio (Mt 9.13; Lc 15.7; 19.10):

"Venham, pecadores, pobres e necessitados,
Fracos e quebrantados, enfermos e oprimidos;
Jesus está pronto a salvá-los,
cheio de compaixão, amor e poder;
Ele pode, ele pode,
Ele quer, não tenha dúvida;
Ele pode, ele pode,
Ele quer, não tenha dúvida.

"Venham, cansados, sobrecarregados,
Pela queda esmagados, destroçados;
Se demoram até melhorarem,
Nunca virão, nunca poderão;
Não os justos, não os justos,
Mas pecadores Jesus veio chamar.
Não os justos, não os justos,
Mas pecadores Jesus veio chamar."
(Joseph Hart)

Se aqueles de Éfeso que estavam usando ilegitimamente a lei tinham de ser salvos, então tinham de experimentar uma mudança fundamental. Esses "justos" tinham de reconhecer-se pecadores diante de Deus. E assim se percebe que o versículo 15 está em estreita conexão com *todo* o precedente; não só com os versículos 12-14, mas também com os versículos 3-11.

Se Cristo Jesus vero ao mundo, então foi *para salvar* pecadores. Ele não veio ajudá-los a salvarem-se a si mesmos, nem induzi-los a salvarem-se a si mesmos, nem ainda a dar-lhes capacidade de salvarem-se a si mesmos. Ele veio *salvá-los.*

Nos escritos de Paulo, a expressão *salvar* significa:

NEGATIVAMENTE	POSITIVAMENTE
resgatar os homens de seus pecados:	conduzir os homens ao estado de:
a. culpa (Ef 1.7; Cl 1.14)	a. justiça (Rm 3.21-26; 5.1)
b. servidão (Rm 7.24, 25; G1 5.1)	b. liberdade (G1 5.1; 2Co 3.17)
e	e
c. castigo:	c. bem-aventurança:
(1) separação de Deus *(Ef* 2.12)	(1) comunhão com Deus (Ef 2.13)
(2) ira de Deus (Ef 2.3)	(2) amor de Deus "derramado no coração" (Rm 5.5)
(3) morte eterna (Ef 2.5, 6)	(3) vida eterna (Ef 2.1, 5; Cl 3.1-4).

Note que a cada mal corresponde uma bênção. Ser salvo, pois, significa ser emancipado do maior de todos os males e ser posto na posição do maior de todos os bens. O estado de salvação é oposto ao estado de "morte" ou de "perdição". Cf. Lucas 19.10; João 3.16.

3. Apropriação pessoal

"...Cristo Jesus veio ao mundo *pecadores salvar, dos quais eu sou o primeiro."* A frase final (que termina com a palavra "primeiro") tem provocado grande variedade de interpretações, quase mais que qualquer outra escrita por Paulo. A dificuldade é esta: não parece correto que quem declara que antes de sua conversão vivia em conformidade com a seita mais estreita de sua religião como fariseu (At 26.5), agora chame a si mesmo de o "primeiro dos pecadores". Veja nota para as diversas interpretações as quais rejeito, e as razões por que as rejeito.[39]

39. O apóstolo tem isto em mente:

1. *"Eu pertenço ao grupo* de pessoas que consiste dos piores pecadores." Em Atos 28.17. a palavra "piores" ("principais") é usada no plural. Daí, o que o apóstolo tem em mente é: *"Eu sou dos maiores pecadores"* (não necessariamente *o maior).* Além do mais, não se usa o artigo determinante. Por isso ele realmente não disse: "*sou o principal* dos pecadores."

Objeção: A presença ou ausência do artigo não caracteriza uma diferença apreciável, como se prova pelo fato de que o Novo Testamento contém várias passagens nas quais "principal" (o "primeiro"), ainda quando esteja sem o artigo, tem o sentido absoluto: Mateus 10.2; João 8.7; 20.4; Efésios 6.2; 1 João 4.19. No presente caso, o contexto imediatamente seguinte (v. 16) também mostra que o apóstolo se apresenta como *alguém* que segue à frente de uma procissão.

2. "Eu sou o principal dos pecadores, ou seja, o maior pecador." Esta, porém, é simplesmente uma figura retórica: uma *hipérbole*, como o é, por exemplo, a declaração de 2 Reis 17.10, segundo a qual os filhos de Israel levantaram colunas idoláuicas "em todo lugar alto e debaixo de cada árvore frondosa".

Objeção: O versículo 16 revela claramente que o apóstolo, consistentemente, segue avante a idéia contida em "primeiro". Daí, esse não é um exagero retórico.

3. "*Historicamente*, sou o pecador n.° 1. No curso do tempo virão outros."

Objeção: Ainda quando, provavelmente, haja um *pequeno elemento* de verdade nesta explicação (ver v. 16), certamente não explica a intensidade do sentimento expresso na famosa frase e que o leva a terminar com uma doxologia. O que Paulo diz é claramente não menos que um caso de auto-recrnninação e de louvor à infinita e incompreensível misericórdia de Deus.

4. *"Sou o pecador mais importante*, visto que, como apóstolo, eu trabalhei mais sobejamente do que todos os demais" (cf. 1 Co 15.10).

Objeção: Esta interpretação é alheia ao contexto, no qual Paulo, longe de exaltar-se, se designa como um ex-blasfemo, perseguidor e voluntarioso agressor (v. 13).

5. "Sou o pior dos pecadores." Isso é claramente o que o apóstolo quis dizer. Revela o humilde homem que ele era, e o quanto seus pecados pregressos o atribulavam. Não obstante, ainda que psicologicamente essa auto-recriminação seja compreensível e até certo ponto justificável, não é necessário que estejamos de acordo com a estima que Paulo tinha de si. Era realmente um homem muito melhor do que pensava.

Objeção: Este ponto de vista subestima a gravidade da vida de Paulo corno perseguidor, e não faz justiça plena à infalibilidade das Escrituras.

A completa objetividade na exegese requer que declaremos que o contexto imediato parece deixar lugar a uma *única* explicação, e que esta explicação é a mesma que oferece o estudante comum da Escritura ao ler a Bíblia em silenciosa meditação, e a que geralmente oferecem os hinos. Quando, com o coração comovido pela vivida lembrança de seus horríveis atos de outrora, o apóstolo dá expressão escrita à convicção profundamente arraigada e o pungente pesar de seu ser interior, e declara: "Cristo Jesus veio ao mundo pecadores a salvar, dos quais eu sou o primeiro", com certeza quis dizer: "De todos os pecadores que Cristo Jesus veio ao mundo salvar, eu sou o maior deles."

Ele na verdade não só declara, porém *enfatiza,* que nenhum outro, além dele mesmo, é "o principal dos pecadores". No original, ele reserva para o pronome da primeira pessoa do singular um espaço no próprio final da cláusula. Não posso ver uma razão plausível para mudar a ordem das palavras. A tradução seria: "dos quais o primeiro sou *eu",* ou "o primeiro dos quais sou *eu".* Paulo concentra a atenção em si mesmo como uma clara ilustração da profundidade do pecado humano, com o fim de voltar, no versículo 16, ao maravilhoso tema em que estava (ver vv. 12-14), a saber: a exaltação do poder da grafa, *&â misericórdia* e da *clemência* divinas.

Esta interpretação da frase em questão não só concorda com o contexto, mas também está em harmonia com o que Paulo diz de si mesmo em outro lugar:

"Pois sou o menor dos apóstolos, e nem sequer mereço ser chamado apóstolo, porque persegui a igreja de Deus" (ICo 15.9).

"Embora eu seja o menor dos menores dentre todos os santos, foi-

6. "De *todos* os homens, passados, presentes e futuros, eu sou o pior." A declaração deve ser tomada em seu sentido mais absoluto.

Objeção: O apóstolo, pois, estaria dizendo que se considerava ainda pior que Judas e também pior que "o homem da iniqüidade". O contexto não aponta para esse sentido, e não podemos crer que o homem que escreveu 2 Tessalonicenses 2 apresentaria tal veredicto de si mesmo.

7. "Eu sou o pior dos homens." Este auto-aviltamento é mórbido. Paulo não pode ter escrito tais palavras. Soam como carentes de sinceridade e indicam outro autor.

Objeção: O fato é que esta auto-recriminação ou autocondenação é tão característico de *Paulo* (ver o que ele disse de si mesmo em ICo 15.8, 9; Ef 3.8) que outros têm exclamado: "Ninguém, senão Paulo, teria escrito isso."

me concedida esta graça de anunciar aos gentios as insondáveis riquezas de Cristo" (Ef 3.8).

Em ambos esses casos, como aqui em 1 Timóteo 1.15, o apóstolo está fazendo uma comparação entre ele e outras pessoas a quem Cristo veio salvar (se foram destinadas a tornar-se apóstolos ou crentes não investidos de algum ofício especial), e ele faz a humilde confissão de que é *o menor* de todos os santos, *o primeiro* (o "principal") dos pecadores que Cristo veio salvar.

Tomada neste sentido e como confissão do que *Paulo* sentia, são plenamente corretas as palavras de um hino:

"Embora eu seja o principal dos pecadores,
Jesus derramou seu sangue por mim;
Morreu para que eu viva no céu;
Vive para que eu jamais morra."

(William McComb)

Que o apóstolo, que certamente conhecia seu próprio passado, podia confessar com toda sinceridade como sendo "dos pecadores o primeiro", é menos difícil de compreender se os seguintes fatos são lembrados:

Quando, anos antes disso, Paulo ouviu pela primeira vez as boas-novas da salvação em Cristo, não creu. Essa incredulidade ele partilhou com muitos. Tivera sua atitude em relação à fé cristã permanecido nesse nível, ou seja, de incredulidade, provavelmente jamais teria se denominado de "dos pecadores *o primeiro".* Contudo, ele veio a ser um *perseguidor*, e não só "um" perseguidor, mas, *de todos, o mais amargo perseguidor!* Toda sua alma se viu concentrada na obra de aniquilar a igreja. Ele respirava ameaça e matança (At 9.1). Implacavelmente, manietava e aprisionava homens e mulheres. Não confinou seus esforços a Jerusalém, mas propôs-se a erradicar a nova religião onde quer que a encontrava, mesmo que para isso lhe fosse necessário percorrer todo o caminho até Damasco. Ele se ocupara em perseguir o povo de Deus "até a morte", como ele mesmo declara posteriormente (At 22.4, 5). Se seu plano alcançasse êxito, a igreja teria sido estrangulada em seu próprio nascedouro; o decreto de Deus teria sido anulado; e Satanás teria triunfado. Aliás, tão imenso era seu pecado que, se não

tivesse sido cometido na ignorância (ver sobre o v. 13), teria sido imperdoável.[40] Conseqüentemente, quando o apóstolo então afirma: "... pecadores salvar, dos quais o primeiro sou eu", não devemos começar a atenuar o significado de "primeiro". Permitamos que essa gloriosa confissão permaneça dentro de seu próprio contexto, sem acrescentar nada a ela nem nada subtrair dela.

Paulo escreve: "eu *sou",* não "eu *fui".* Isto indica que ainda então, anos depois de sua conversão, ele profundamente deplora seu passado. Além disso, ainda que plenamente perdoado, um pecador é um pecador.

16. O *propósito* da maravilhosa graça de Deus é agora expresso: propósito *imediato,* versículo 16; propósito *final,* versículo 17. **Por essa razão, porém, alcancei misericórdia, para que em mim, o primeiro, Jesus Cristo exibisse toda sua longanimidade.** Principal dos pecadores, *não obstante* o recipiente de infinita misericórdia! Isso explica o "porém". De fato, a magnitude do pecado fez com que a misericórdia se revelasse absolutamente superabundante. Este é o argumento que o ajjóstolo está apresentando no versículo 16. Para a expressão "alcancei misericórdia", veja comentário sobre o versículo 13. A frase que indica propósito, "para que mim, o principal", em conexão com o que se segue, indica que o apóstolo se considerava não apenas o principal dos pecadores, mas *também* - e em certo sentido *por essa mesma razão* - a mais gloriosa ilustração da clemência de Cristo. Aqui no versículo 16, duas idéias se fundem numa só: Paulo é o "primeiro" como exemplo do que a clemência de Cristo pode fazer. Ele, ao mesmo tempo, é o "primeiro" como cabeça de uma fila de pessoas às quais essa clemência foi demonstrada. *Clemência* expressa a paciência divina para com as pessoas, em virtude da qual a ira é refreada, o pecador é perdoado e misericórdia lhe é mostrada (para maiores detalhes, ver **C**.N.T. sobre lTs 5.14). No caso de Paulo, essa clemência fora exibida *numa medida plena* (note "toda sua clemência" ou, alguém poderia dizer, "a totalidade dela"), perdoando-lhe seus horríveis delitos, pondo-o no apostolado e dando-lhe forças para cada dia. Essa clemência fora exibida desse modo **como um exemplo para os que viessem depositar nele sua fé para a vida eterna.** Em sua galeria da graça, o

40. Ver J. Van Andei, *Paulus' Brievcn aan Timoiheus.* Leiden, 1904. p. 28.

Salvador Artista, por assim dizer, traçou e pôs em exibição um *modelo* (úiToiútrcooLç, acusativo - *iv* usado somente aqui e em 2Tm 1.13), precisamente como um mestre primeiro traça um rascunho a lápis antes de empreender seu trabalho final. Esse modelo revelava a Paulo, como ilustração, exemplo ou modelo, o tipo de obra que a graça soberana iria efetuar na vida de todos aqueles que por sua eficácia *chegariam a* (cf. At 13.48: "haviam sido ordenados para") *depositar sua fé* (note o presente infinitivo durativo liiaieúeLv) *em* (note éiú) Cristo, a rocha ou a preciosa pedra angular (Mt 7.24, 25; Is 28.16; cf. Rm9.33; 10.11; lPe 2.6), *para a vida eterna*, vida que é o oposto de "corrupção" (Gl 6.8) e a "morte" (Rm 6.22). Morte é "*salário*"; vida eterna é uma "*dívida"* (Rm 6.22, 23). Expressa-se em comunhão com Deus em Cristo (Jo 17.3), na participação do amor de Deus (Jo 5.42), de sua paz (Jo 16.33) e de sua alegria (Jo 17.13). Além do mais, é também o que realmente indica seu nome: vida que dura para sempre, que não termina nunca, é eterna.

17. "E de meu coração ferido com lágrimas,
Duas maravilhas confesso:
A maravilha de seu glorioso amor
E meu demérito pessoal."

(Elizabeth C. Clephane)

A contemplação dessas duas maravilhas que Paulo vem expondo conduz naturalmente a uma doxologia, que é altamente exuberante, visto que, no presente caso, a atenção gira em torno da clemência incompreensível de Cristo exibida não só naquele pecador *singular,* mas em toda uma multidão de pecadores a quem Cristo veio salvar: Paulo, "o primeiro", e todos os que vieram depois dele. Portanto, por meio de Cristo Deus exibe seus gloriosos atributos *em todos os tempos,* porque ele é "o rei das eras". Isso explica a forma em que a doxologia é apresentada. **De modo que, ao Rei dos séculos, Deus imperecível, invisível e único, [seja] a honra e a glória para sempre e sempre. Amém.**

O homem propõe, Deus dispõe. O homem - por exemplo, Paulo antes de sua conversão -, pode tentar *destruir* a igreja; Deus a *estabelecerá.* E nesse propósito usará o próprio homem que tentava destruí-la. Daí, ainda que o homem seja uma mera *criatura* do tempo, Deus é *o*

Rei das eras, que vence o mal com o bem; que dirige para o alvo predeterminado tudo quanto acontece ao longo de cada era da história do mundo. Seu domínio dura ao longo de *todas* as gerações (SI 145.13).

Isso subentende que ele é o Deus eterno e, como tal, "imperecível"[41] (a melhor tradução). *Seus* braços jamais se cansam (Dt 32.27). Não se fatiga (Is 40.28). A decadência e a morte não lhe são aplicáveis (SI 103.15-17). *Ele* jamais muda (Ml 3.6). Ao contrário disso, suas reservas de força são inesgotáveis; são sempre novas para seu povo (Is 40.29-31). Sobre a doutrina da *qualidade imperecível* de Deus, ver também Romanos 1.23; e cf. o sinônimo *imortalidade* (ver comentário sobre 1Tm 6.16).

Quando alguém pensa em Deus como o *imperecível*, a mente inevitavelmente se volta para as coisas perecíveis, por exemplo, a erva, as flores dos campos (SI 103.15-17), o corpo do homem, as aves, os quadrúpedes, os répteis (Rm 1.23). Todas estas coisas são visíveis. Deus, sendo imperecível, é também invisível "a quem nenhum ser humano jamais viu nem jamais verá" (1Tm 6.16). É unicamente em sua imagem (Cl 1.15, 16) que o homem "vê aquele que é invisível", tão-somente *pela fé* (Hb 11.27) e de um de um modo finito. Jamais poderemos "chegar à perfeição do Todo-Poderoso" (Jó 11.7, 8). Paulo certamente não podia compreender a graça de Deus que lhe fora revelada. Aqui todos os raciocínios são detidos. Só há lugar para doxologias!

Finalmente, esse Deus é o único Deus; não apenas no sentido friamente abstrato de que numericamente há *um* Deus, mas no sentido calidamente bíblico, a saber, que este Deus *uno* é "único, incomparável, glorioso, digno de ser amado" (Dt 6.4, 5; Is 40.12-31; Rm 16.27; ICo 8.4, 5).

Dos mananciais da espontaneidade de Paulo emana a exclamação - uma autêntica explosão provinda de um coração que experimentara o que significa ter *tal* Deus como seu próprio Deus -, ou seja, que "pelos séculos dos séculos", isto é, "para todo o sempre e sempre" honra e

41. Embora seja verdade que a idéia da "imortalidade" de Deus se encontra também nas obras de filósofos gregos e alguns judeus mais recentes, é altamente arriscado afirmar que Paulo tenha "tomado" *ou* "derivado" deles a idéia, e isso por duas razões: a. a doutrina da imortalidade de Deus é ensinada e está implícita em todo o Antigo Testamento; b. a idéia filosófica e a bíblica não são idênticas (ver comentário sobre 1Tm 6.16).

glória (louvor e adoração) são rendidas ao Deus que, em seus atributos, é infinitamente maravilhoso. A doxologia termina com a palavra de solene assentimento e enfática confirmação: "Amém" (ver C.N.T. sobre João 1.51).

18. Confio-lhe esta responsabilidade, meu filho Timóteo, em conformidade com as declarações proféticas já enunciadas a seu respeito, para que, com o apoio delas, você empreenda o bom combate, 19 mantendo a l'é e a boa consciência, [o tipo de consciência] que alguns têm descartado e têm naufragado em referência à sua fé; 20 entre os quais estão Himeneu e Alexandre, aos quais já entreguei a Satanás a fim de que sejam disciplinados a não mais blasfemarem.

1.18-20

18. Confio-lhe esta responsabilidade. A responsabilidade aqui referida já foi claramente apresentada em toda a seção precedente, especialmente nos versículos 3-11. É o "mandato" ou "instrução" (ver C.N.T. sobre 1 Ts 4.2) para que Timóteo ficasse em Éfeso com o fim de instruir certos indivíduos a não mais fazer mau uso da lei, mas a utilizar-se dela legitimamente, para a conversão a Cristo, o Salvador dos *pecadores.*

Paulo *entrega* ou *confia* (cf. Lc 12.48; 23.46) essa responsabilidade a alguém a quem chama **meu filho Timóteo.** Essa expressão de afeto especial não é estranha se tivermos em mente os seguintes três fatos: a. abaixo de Deus, Timóteo devia a Paulo sua conversão, o qual era, portanto, seu pai espiritual; b. o discípulo era vários anos mais novo que Paulo; c. ele era amável, digno de confiança e cooperador, ao ponto de realizar tarefas que contrariavam sua disposição natural.

A responsabilidade não era nova, arbitrária nem injusta, mas inteiramente **em conformidade com as declarações proféticas já enunciadas a seu respeito.** A construção dessa oração composta é difícil e tem levado a uma ampla diversidade de interpretações.[42]

42. O original li a/. Kaxà xàç TTpocc/oúaai; tiA oè npotjniTCÍixç. No Novo Testamento, o verbo upoávu significa *trazer à luz* (ou *produzir)* (At 12.6; 16.30; 17.5; 25.26); ou *preceder* (Mt 2.9; 14.22; 21.31; 26.32; 28.7; Mc 19.32; 14.28; 16.7). Em todos os exemplos mencionados, a forma verbal tem um pronome objeto que a segue de imediato. Não obstante, às vezes o objeto não é mencionado, mesmo quando se acha implícito, ou a forma verbal pode vir a ser inteiramente intransitiva (Mc 6.45; 11.9; Lc 18.39: 1Tm 5.24). A conotação intransitiva

As declarações proféticas já anunciadas incluíam pelo menos as seguintes:

a. As recomendações dirigidas pelo Espírito segundo as quais na segunda viagem missionária, cerca do ano 51, a atenção de Paulo se dirigira *uma vez mais* para Timóteo (At 16.1-3). Deve ter-se em mente que anteriormente o próprio Paulo e Barnabé foram "separados" pela igreja com a cooperação de alguns *profetas* (At 13.1-3). A *conversão* de Timóteo à fé cristã tudo indica ter ocorrido na *primeira* viagem missionária.

b. As palavras inspiradas pronunciadas em conexão com a ordenação de Timóteo (ver especialmente comentário sobre 1Tm 4.14. Cf. 1Tm 6.12; 2Tm 2.2; At 14.23).

Essas declarações proféticas prévias provavelmente foram da seguinte natureza. Destacavam Timóteo para um serviço especial no reino de Deus, resumiam seus deveres, prediziam seus sofrimentos e o confortavam com a promessa do auxílio divino em suas tribulações. Pelo menos, essas foram as declarações proféticas em conexão com a vocação *de Paulo* para a obra (At 9.15, 16; 22.14, 15, 21; 26.16-1 8). Podemos presumir que no caso de Timóteo foram pronunciadas palavras de um caráter semelhante.

E como se Paulo estivesse dizendo: "Meu filho Timóteo, quero que se lembre dessas declarações proféticas", **para que, com o apoio delas, você empreenda o bom [ou nobre, ou excelente] combate.** Timóteo é visto como um oficial da mais excelente categoria, que acatara as "ordens" e está "empreendendo a peleja" (ver 1 Co 9.7; 2Co 4.4; 19.3) contra o mal, particularmente contra a perversão da doutrina, inspirada por Satanás, a qual se acha exposta nos versículos 3-12 (cf. 1Tm 6.12; 2Tm 4.7; Ef 6.10-20). Nessa guerra é possível receber-se alento por meio da meditação nas profecias já anunciadas (ver C.N.T.

faz entender que está presente de uma forma especial em casos tais como 2 João 9 ("todo aquele que *vai além")* e Hebreus 7.18 (caso esse em que o particípio tem a força de um adjetivo: "Um mandamento precedente" = "A ordenança *anterior").* Na passagem que estamos estudando (1Tm 1.18) não se acha expresso um pronome objeto, e provavelmente não há um que esteja implícito. Parece que temos um uso intransitivo semelhante ao de Hebreus 7.18. Daí traduzirmos: "as declarações proféticas já anunciadas a seu respeito". O fato de que èní com acusativo pode significar "concernente" é óbvio à luz de Marcos 9.12.

sobre João 16.1,4). Esse fato projeta na mente do leitor que nada acontece que seja contrário ao eterno decreto de Deus, que alguém se encontra engajado numa batalha que não é mera e propriamente sua, mas do Senhor, e que tal coragem e fidelidade certamente serão galardoadas.

19. A maneira na qual esse combate deve ser empreendido é agora estabelecido: *mantendo a fé e uma boa consciência.*

Timóteo é admoestado a *manter* a fé, ou seja, a *persistir* nela. Ao empreender o combate contra os erros e os seguidores do erro, ele deve continuar apegado *à verdade* do evangelho. 2 Timóteo 2.17, 19 mostra claramente que a palavra da*fé,* aqui no versículo 19, significa a *verdade.* Ao viver e ensinar em conformidade com essa verdade, ao permanecer firme e constante em meio a toda oposição, Timóteo estará obedecendo à voz da *consciência.* Quanto ao significado de "boa consciência", ver comentário sobre o versículo 5. Paulo prossegue: **[o tipo de consciência] que certos indivíduos têm descartado e têm naufragado em referência a sua fé.**

O cristão deve ser, ao mesmo tempo, bom soldado e bom marinheiro. Ora, um bom marinheiro não *lança fora* nem *dispensa* o timão do navio. A boa consciência - a que obedece aos ditames da Palavra na forma em que o Espírito a aplica ao coração - é o timão que guia a nave do crente rumo ao porto seguro do descanso eterno. "Certos indivíduos" (os hereges efésios; ver comentário sobre o v. 3), porém, têm dispensado o timão.[43] O resultado inevitável foi que, em referência à sua *fé* - a verdade que haviam professado com seus lábios; o nome de Cristo que haviam adotado (ver comentário sobre 2Tm 2.17-19) - *sofreram naufrágio.* Se mesmo o naufrágio literal é doloroso, como Paulo o sabia por experiência pessoal (At 27.39-44; 2Co 11.25), quanto mais o naufrágio *religiosol*

43. Paulo não diz definitivamente que considera a consciência como *o limão.* No abstrato, ele poderia estar pensando na consciência como os acessórios, o cordame ou a carga do navio. Neste caso, o verbo que traduzimos por "descartado" poderia ser traduzido por "lançar para fora" (At 27.18, 19, 38). Inclusive poderia estar pensando na âncora do navio. Não obstante, se, como parece provável, sua referência ao naufrágio como o resultado de haver "descartado" a consciência implica que está pensando na consciência sob o simbolismo de algum objeto pertencente ao navio, que figura poderia ser mais lógica que a de um *timão?* Cf. Romanos 2.14, 15, passagem na qual a consciência é representada como uma lei à qual alguém obedece (por exemplo, como o navio obedece a seu timão). Além do mais, um navio sem um timão poderia estar prontamente à mercê de um naufrágio.

20. Agora se mencionam os líderes entre os náufragos: **entre os quais estão Himeneu e Alexandre.** O nome do primeiro deriva-se de Hímen, o deus do matrimônio. Himeneu também é mencionado em 2 Timóteo 2.17. Junto com ele se menciona Alexandre, que significa "defensor dos homens". Naquele tempo, como agora, esse era um nome bem comum. Por isso, não há boas razões para identificar-se Alexandre, de quem Paulo faz menção em 1 Timóteo 1.20, com aquele mencionado em Atos 19.33, 34, o qual por ocasião do tumulto em Éfeso tentou apaziguar a ira do populacho contra os judeus; tampouco é o mencionado em 2 Timóteo 4.14, 15, o qual era ourives *em Roma.* O Himeneu e o Alexandre de quem Paulo faz referência aqui em 1 Timóteo 1.20 eram líderes entre os *hereges* efésios. Eram pessoas hipócritas que ansiavam ser mestres da lei ainda quando não entendiam as palavras que falavam nem os temas que abordavam com tanta confiança (ver comentário sobre o versículo 7). Como já se indicou (ver comentário sobre o versículo 4), eles se especializaram em mitos e histórias fantásticas acerca de genealogias. Ver também comentário sobre 2 Timóteo 2.17.

Tão longe tinham ido esses mestres da heresia em seu erro, que chegavam a vituperar a verdadeira apresentação do evangelho. Por isso Paulo diz: **aos quais já entreguei a Satanás a fim de que sejam disciplinados a não blasfemarem.** A expressão "entregues a Satanás", que também aparece em 1 Coríntios 5.5, é um tanto obscura. Parece certo que se trata da expressão da igreja ("excomunhão"), sentença ditada pela congregação sob a direção dos presbíteros (cf. ICo 5.2, 7). Implicaria mais que isso, por exemplo, sofrimentos ou enfermidades *corporaisl* Ainda que alguns neguem isso,[44] a evidência, todavia, parece favorecer a idéia. Que o leitor estude Jó 2.6, 7; 1 Coríntios 5.5; 11.30; Apocalipse 2.22; e em seguida também Atos 5.1-11; 13.11. Este dom extraordinário, o de entregar uma pessoa ao poder de Satanás para que sofra angústias não só em sua alma, mas também no corpo, pode parecer-nos incrível, mas, acima de tudo, é por demais estranho que se some ao dom carismático da *cura* física o de infligir *sofrimentos* físicos? Se negamos este, não deveríamos também negar aquele?

44. Por exemplo, por Lenski, *op. cit.*. p. 534.

Não obstante, quando se chegou a tomar tal medida extrema, seu propósito era *curativo.* O objetivo não era prejudicar, mas recuperar, "a fim de que sejam *disciplinados* (cf. 2Tm 2.25) a não blasfemar". Aqui fala o mesmo coração amoroso de 2 Tessalonicenses 3.14, 15 (ver C.N.T. sobre essa passagem) e em 2 Coríntios 2.5-11. O apóstolo está sinceramente desejoso de que a disciplina - a pedagogia divina - imposta exerça um efeito saudável em Himeneu e Alexandre. Ele nutre esperança e está orando para que, por meio dessa lamentável aflição, esses falsos mestres possam chegar a um arrependimento genuíno, de modo que já não mais caçoem da verdade e não blasfemem contra seu Autor.

Síntese do Capítulo 1

Ver o esboço no início do capítulo.

Paulo saúda Timóteo. Nessa saudação o apóstolo mostra que ele pertence a Cristo Jesus, o qual lhe confiou a tarefa de pregar o evangelho. Sua autoridade é igual à dos Doze. Associando de forma bela a autoridade apostólica e o terno amor, Paulo denomina Timóteo um filho legítimo na esfera da fé, e lhe comunica graça, misericórdia e paz que procedem de uma dupla fonte: "Deus o Pai e Cristo Jesus nosso Senhor."

Ele ordenou a Timóteo que permanecesse em Éfeso com o fim de combater os erros dos mestres de novidades, que em vez de sentir-se quebrantados pela lei moral de Deus, aqui sumariada, usam a lei como ponto de partida para narrações fictícias sobre os antepassados. O apóstolo denomina seus argumentos de "conversação fútil", e os acusa de ambição egoísta. Ele indica a essência do mandamento que Timóteo deve entregar às igrejas de Éfeso e seus arredores, a saber, "o amor que procede de um coração puro, uma boa consciência e uma fé sem hipocrisia".

Paulo dá graças, a Deus pelo que lhe fora feito - *"o primeiro dos pecadores*" - um ministro do glorioso evangelho da salvação plena e gratuita.

Em conexão com isso, ele introduz o primeiro de cinco "confissões fiéis". Tomadas juntas, as cinco formam um resumo de doutrina

(desde a teologia até a escatologia) na forma em que a igreja primitiva confessava.

Ai" *Cinco Palavras Fiéis*

"Fiel [é] a palavra, e digna de plena aceitação, que Cristo Jesus veio ao mundo pecadores salvar." Paulo acrescenta as palavras de apropriação pessoal: "dos quais eu sou o primeiro" (1Tm 1.15).

"Fiel é a palavra, se alguém aspira o ofício de bispo, esse deseja uma obra nobre" (1Tm 3.1).

"[Porque] embora o exercício físico seja de *algum* benefício, a vida piedosa é, *em todos os sentidos,* benéfica. Fiel é essa palavra e digna de plena aceitação" (1Tm 4.8, 9).

"Fiel é a palavra:

[Porque] se morrermos com [ele], também viveremos com [ele];
se sofrermos, também reinaremos com [ele];
se [o] negarmos, ele também nos negará;
se formos infiéis, ele permanecerá fiel" (2Tm 2.11 -13).

"[Mas] quando a bondade de Deus, nosso Salvador, e seu amor para com o homem se manifestou, ele nos salvou, não por virtude das obras que nós mesmos temos realizado em [um estado de] justiça, mas segundo sua misericórdia, mediante o lavar de regeneração e renovação pelo Espírito Santo, que ele derramou sobre nós ricamente por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, a fim de que, uma vez justificados por sua graça, nos tornemos herdeiros em esperança da vida eterna. Fiel [é] esta palavra" (Tt 3.4-8a).

ESBOÇO DO CAPÍTULO 2

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Timóteo, Indica Diretrizes para a Administração da Igreja*

Diretrizes com Respeito ao Culto Público

2.1-7 A. Quando a congregação se reúne para o culto, deve-se orar "por todos os homens".

2.8-15 B. Homens e mulheres devem comportar-se de forma conveniente:

1. Os homens, em todo lugar de culto público, devem levantar mãos santas;
2. As mulheres, ao preparar-se para "ir à igreja", devem vestir-se decorosamente, e no lugar do culto público devem mostrar que entendem e aceitam sua posição divinamente ordenada.

CAPÍTULO 2

1 TIMÓTEO 2.1

2 1 Antes de tudo, pois, insisto em que se façam súplicas, orações, intercessões e ações de graças em favor de todos os homens, 2 em favor dos reis e de todos quantos ocupam posições elevadas, para que vivam vida tranqüila e calma em toda piedade e seriedade. 3 Isso é excelente e aceitável à vista de Deus nosso Salvador, 4 o qual deseja que todos os homens sejam salvos e venham ao reconhecimento da verdade. 5 Porque [há] somente *um* Deus e [há] somente um Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus, 6 o qual se deu como resgate por todos, testemunho [que se deve dar] no devido tempo; 7 propósito para o qual fui designado arauto e apóstolo - e estou dizendo a verdade, não minto - mestre dos gentios em [a esfera da] fé e verdade.

2.1-7

Aqui tem início um novo tema: Diretrizes para o Culto Público:

1. Antes de tudo, pois, insisto em que se façam súplicas, orações, intercessões e ação de graças em favor de todos os homens.

Paulo tem algo sobre o que "insistir" com Timóteo. É como se o "chamasse à parte" com o intuito de exortá-lo acerca de algum assunto de suprema importância (note o "antes de tudo"). Tem algo que ver com a relação da igreja com o estado. Se as igrejas se destinam ao florescimento espiritual, é sublimemente desejável o culto público, para dizer o mínimo; mas tal culto público não pode ser conduzido a seu melhor proveito (calmamente, sem perturbação; ver sobre o v. **2b),** a menos que a igreja cumpra seu dever para com o estado. Além disso, a igreja é uma luz brilhando nas trevas. Ela deve buscar conquistar outros para Cristo e seu reino. Seria o caso que Paulo, em sua visita a Éfeso, notasse que a oração em favor dos governantes estava sendo negligenciada?

Assim o apóstolo solicita a seu representante que providencie para que em todos os lugares, no território de Éfeso, em que o povo de Deus se reiina para o culto público, que em suas orações sejam lembrados os reis e todos os que ocupam posições de proeminência, que, em suma, sejam feitas súplicas, orações, intercessões e ações de graças por *toclos* os homens.

Os quatro sinônimos que aqui são usados não eqüivalem a repetições sem sentido.

A primeira palavra, *súplicas*, significa petições em prol do cumprimento de certas necessidades específicas que são agudamente sentidas. Plenamente cônscio de sua completa dependência de Deus em tudo, alguém suplica que *essa* enfermidade em particular seja removida, ou que essas notícias inquietantes sejam direcionadas para o bem etc. As súplicas, pois, são solicitações humildes que alguém expressa verbalmente à luz dessa ou daquela situação concreta em que Deus, tão-somente ele, pode fornecer o auxílio de que se necessita.

A palavra seguinte, *orações,* tem um sentido mais geral. Como freqüentemente usada, ela cobre todas as formas de discurso reverente dirigido à Deidade. Seja "apegarmo-nos a Deus" pela confissão, intercessão, súplica, adoração, ou pela ação de graças, podemos em cada caso falar do engajamento em *oração.* Tanto a palavra grega, quanto a de nosso idioma, possui esse sentido geral. Entretanto, em vista do fato de que a palavra é aqui usada como numa lista de quatro sinônimos, e visto ser evidente que cada uma das outras três enfatiza um aspecto particular da vida de oração, parece correto concluir que seu sentido, nessa passagem específica (e provavelmente também em 1 Tm 5.5 e Fp 4.6) deve ser um tanto restrito. Atrevo-me a pensar que aqui ela se refere a petições em prol de necessidades que estão *sempre* presentes (em contraste com *súplicas* em situações *específicas*): necessidade de mais sabedoria, mais profunda consagração, progresso na administração da justiça, etc. Ainda quando interpretada desse modo, o sentido ainda é muito amplo.

O substantivo *intercessões* aparece somente aqui e em 1 Timóteo 4.5. Hesitei por muito tempo antes de adotar para mim pessoalmente (quanto à passagem que ora discutimos) a tradução de A.V., A.R.V., R.S.V. e muitas outras. Talvez seja impossível encontrar *uma* palavra

em nosso idioma que seja o pleno equivalente do original. Começaria por enfatizar o fato de que de forma alguma é verdade que o substantivo (usado no original: eyxeuÇiç) em e por si mesmo (ou seja, à parte do contexto) necessariamente comunica o pensamento que *hoje* geralmente associamos com a palavra *intercessão:* "uma súplica no interesse de outrem." Na outra única passagem do Novo Testamento em que ela aparece (lTm 4.5) *não tem necessariamente* esse sentido. E o verbo derivado (évuuyxáyco) pode ser usado em conexões nas quais (junto com uma preposição) indica uma súplica *contra*, mais do que uma súplica *em favor de* (Rm 11.2; e cf. At 25.24).

A idéia básica contida tanto no verbo quanto no substantivo é antes a de "concordar com", "reunir-se para conversar livremente com", daí, "livre acesso". Uma pessoa (ou Pessoa) se encontra na mesmíssima sala de audiências de Deus o Pai. O privilégio de ter uma entrevista com ele *lhe corresponde,* quer *por natureza,* como no caso de Cristo ou do Espírito Santo, ou *por graça,* como no caso do crente.

Mas ainda que essa seja a idéia básica da palavra, o contexto particular no qual ela é usada muda ligeiramente seu sentido. Assim é deveras verdade que a forma *verbal* nas passagens neotestamentárias que ainda não citamos indica uma entrevista confidente que visa aos "interesses de outrem". Daí assumir o sentido de *intercessão.* Segundo Romanos 8.27, vindo em nosso socorro, o Espírito Santo *intercede* por nós. Cristo, em seu trono celestial, lembra-se de nós semelhantemente (Rm 8.34). De fato, ele *vive sempre a interceder por nós* (Hb 7.25). Em nossa presente passagem (1 Tm 2.1), este sentido - a saber, suplicar em favor de outrem e fazer isso sem de modo algum "hesitar" - se ajusta com exatidão, como o demonstra o que se segue imediatamente: "por todos os homens, pelos reis e por todos quantos ocupam posições elevadas."

A expressão final, *ações de graças* (ou seja, a que completa o círculo, de modo que as bênçãos que provêm de Deus voltem para ele na forma de *gratidão verbalmente expressa) é* bastante clara. Não obstante, deve ter-se em mente que não só é preciso fazer súplicas, orações e intercessões, mas também ações de graças *em favor de todos os homens,* inclusive dos reis, etc.

Aliás, tais invocações devem ser feitas "em favor de" ou "por" (ver

C.N.T. sobre João 10.11, para o sentido da preposição) *todos os homens.* Vários expositores de fato sentem que isso significa cada membro de toda a raça humana; cada homem, mulher e criança, sem exceção alguma. E deve admitir-se prontamente que *tomada isoladamente,* a expressão *todos os homens* pode ser interpretada desse modo. Não obstante, todo intérprete calmo e de espírito isento também reconhece que *em certos contextos* esse pode não ser o sentido.

Tito 2.11 realmente ensina que a graça salvífica de Deus se manifestou a cada membro da raça humana, sem exceção? Com certeza não! Pouco importa se alguém interprete "a manifestação da graça salvífica" como uma referência à concessão da salvação propriamente dita, ou ao fato de que o evangelho da graça salvífica tem sido proclamado a cada pessoa sobre a terra. Em ambos os casos, é impossível tomar "todos os homens" no sentido de "cada indivíduo no globo terrestre, sem exceção".

Além disso, Romanos 5.18 realmente ensina que "cada membro da raça humana" é "justificado"?

1 Coríntios 15.22 realmente pretende ensinar-nos que "cada membro da raça humana" é "vivificado em Cristo"?

Se esse, porém, fosse o caso, então segue-se que Cristo não só *morreu* por todos os membros da raça humana, mas que ele também de fato *salvou* cada um sem qualquer exceção. A maioria dos conservadores hesitaria em ir tão longe.

Além do mais, onde quer que apareça a expressão, "todos os homens", ou uma expressão equivalente que possua essa conotação absolutamente universalista, então o seguinte seria verdadeiro:

(a) Cada membro da raça humana considerou João Batista um profeta (Mc 11.32).

(b) Cada membro da raça humana quis saber se João era, quem sabe, o Cristo (Lc 3.15).

(c) Cada membro da raça humana se maravilhou ante o endemoninhado gadareno (Mc 5.20).

(d) Cada membro da raça humana passou a buscar a Jesus (Mc 1.37).

(e) João Batista foi informado de que todos os membros da raça humana seguiam a Jesus (Jo 3.26).

E assim poder-se-ia prosseguir facilmente. Ainda hoje, quão amiúde não usamos a expressão "todos os homens" ou "todo mundo" sem referir-nos a cada membro da raça humana? Quando dizemos: "Se todo mundo está pronto, a reunião pode começar", não nos referimos a todas as pessoas da terra!

E assim também na presente passagem (1 Tm 2.1), é *o contexto* que deve decidir. Neste caso, o contexto é claro. Paulo definitivamente menciona *grupos* ou *classes* de homens: reis (v. 2), os que ocupam posições elevadas (v. 2), os gentios (v. 7). Ele está pensando nos governantes e (por implicação) súditos, nos gentios e (também por implicação) judeus, e está insistindo com Timóteo para providenciar que no culto público não se omita nenhum grupo. Em outros termos, a expressão "todos os homens", na forrna em que se usa aqui, significa "todos os homens sem distinção de raça, nacionalidade ou posição social", e não "todos os homens individualmente, tomados um a um".

Além do mais, como seria ainda possível, salvo de uma maneira muito vaga e global (exatamente o oposto da ênfase constante *de Paulo),* lembrar-se em oração de *cada pessoa sobre a terra?*

2. Ao explicar a expressão "em favor de todos os homens", o apóstolo prossegue: **em favor dos reis e de todos quantos ocupam posição elevada.**

Quão necessária se faz essa admoestação! Inclusive hoje! É provável que o apóstolo esteja pensando, em primeiro lugar, nos soberanos que governam os estados, que se sucedem uns aos outros no curso da História, e então em todos os demais funcionários a eles sujeitos. Talvez estivesse em seus pensamentos o imperador então reinante Nero e outros com ele: os procônsules (At 19.38), os asiarcas [autoridades asiáticas] (At 19.31), o arquivista ou secretário da câmara municipal (de posição muitíssimo influente, At 19.35), etc.

Contudo, fosse o imperador Augusto, Tibério ou Calígula, fosse Vespasiano, Tito ou Domiciano, fossem reis como tais os que estavam sob suas ordens, por exemplo, Herodes o Grande, tetrarcas como Herodes Antipas ou etnarcas como Arquelau - mesmo os imperadores,

tetrarcas e etnarcas às vezes se chamavam *reis* (Jo 19.15; Mt 14.9; Mt 2.22) fossem eles procuradores tal corno Pôncio Pilatos, ou estivessem investidos com algum ofício político, o mandamento teria sido o mesmo: "Orem por eles". É um mandamento que está em vigor para toda época e toda região. O Espírito Santo nos ordena, por meio de Paulo, que nos lembremos dos presidentes, reis ou rainhas diante do trono da graça. Esse preceito é tão geral como o que encontramos em Romanos 13.1 e que está estreitamente vinculado a este.

E o propósito está vinculado às palavras que se seguem: **para que vivamos uma vida tranqüila e calma, em toda piedade e seriedade.** Os adjetivos raros, *tranqüilo* e *calmo* (o primeiro ocorrendo somente aqui; o último, somente aqui e ern lPe 3.4) só diferem ligeiramente no sentido. O primeiro parece referir-se a uma vida que está isenta de inquietações *externas*; o segundo, a uma vida que está isenta de perturbações íntimas; Paulo exorta os tessalonicenses a procurarem ter "tranqüilidade" (ver C.N.T. sobre ITs 4.11).

Naturalmente, isso apenas "sugere" o propósito real de orar-se pelos governantes. Paulo certamente não pretende estimular uma vida fácil. Seus propósitos nunca são egoístas. Ao contrário, a idéia é a seguinte: a isenção de perturbações, tais como guerras e perseguições, facilitará a disseminação do evangelho da salvação em Cristo para a glória de Deus. Que o leitor leia a presente passagem à luz do contexto imediatamente seqüente (vv. 3 e 4), de outras passagens dentre as Pastorais (lTm 1.15; 4.16) e de passagens dentre as demais epístolas paulinas (ICo 9.22; 10.31).

Incluído no propósito da oração de Paulo está também este: que os crentes, ao viverem uma vida de tranqüilidade e calma, nada façam para criar perturbação desnecessária, e se conduzam "em toda piedade e seriedade", ou seja, "em toda *piedade* e *respeitabilidade* ou *dignidade",* esforçando-se por ser inculpáveis em sua conduta ou atitude *para com Deus* e *para com os homens.* Ver também p. 19 acerca dessas duas palavras. Para a primeira, ver sobre 1 Timóteo 3.16; para a segunda, 1 Timóteo 3.4, 8, 11.

3, 4. Agora expressa-se como essas orações são consideradas por Deus: **Isso é excelente** [ou **belo, admirável] e aceitável à vista de**

Deus nosso Salvador, o qual deseja que todos os homens sejam salvos e venham ao reconhecimento da verdade.

A vista de Deus, essa oração é excelente ou admirável. E agradável, bem-vinda em *seu coração.* Isto é razoável, porque seu nome é "Deus, nosso Salvador" (ver comentário sobre 1 Tm 1.1). Ainda quando os *homens* às vezes viessem a sentir-se inclinados a evitar a oração pelos reis e por aqueles que estão investidos com autoridade, especialmente quanto a cooperação por parte dos príncipes não é a que deveria ser, à vista de Deus a questão é diferente. Ele não vê as coisas como nós as vemos (ISm 16.7). Em mais de uma maneira, as condições de tranqüilidade e paz promovem a extensão do evangelho da salvação. E é ele quem deseja que "todos os homens sejam salvos". A expressão "todos os homens", aqui no versículo 4, deve ter o mesmo sentido do versículo 1; ver a discussão ali. Em certo sentido, a salvação é universal; ou seja, não se limita a certo grupo em particular. As igrejas não devem começar a pensar que têm de fazer orações pelos súditos e não pelos governantes; pelos judeus, e não pelos gentios. Não, a intenção de Deus, nosso Salvador, é que "todos os homens", sem distinção de posição social, raça ou nacionalidade, sejam salvos.[45] O que implica este "ser salvos" já foi tratado em conexão com 1 Timóteo 1.15.

45. Sobre a pergunta: "Cristo morreu por todo ser humano individualmente, inclusive por Judas e o Anticristo, expiando realmente a culpa e pagando a dívida de todos e de cada um?" Ver C.N.T. sobre João 10.11 e as excelentes discussões nas seguintes obras:

L. Berkhof, *Vicarious Atonemenl Through Christ,* Grand Rapids, Mi. pp. 151-178.

L. Boettner, *The Reformed Doctrine ofPredestination,* Grand Rapids, 1932, pp. 150-161.

Um documento original da posição arminiana é "theremonstrarvce" ou "Os Cinco Artigos Arminianos" (1610 d.C.). R Schaff, em *Creeds of Cliristendom,* Nova York, quinta edição de 1919, Vol. lll, pp. 545-549, fornece o texto holandês original, uma tradução latina e inglesa, em colunas paralelas. Aí lemos: "...Jesus Cristo, o Salvador do mundo, morreu por todos e por todos os homens, de modo que ele obteve, para todos eles, por meio de sua morte na cruz, a redenção e o perdão dos pecados; todavia... ninguém realmente desfruta do perdão dos pecados senão o crente." A grosso modo, nesse documento histórico, os arminianos se expressam com restrição. (Para outra literatura sobre esta questão, apresentando o outro lado - ou ambos os lados ver as bibliografias em R. L. Dabney, *Systematic and Polemic Theology,* Richmond, 1927, p. 579; H. Bavinck, *Gereformeerde Dogmatiek,* Kampen, terceira edição, 1918, Vol. III, pp. 519-521; e as obras catalogadas no final do artigo "Arminius and Arminianism", em *The New Schaff-Herzog Encycloptedia of Religious Knowledge,* Vol. 1, pp. 296, 297. Também *The Writings ofAnninius* (3 volumes).

A disputa entre os seguidores de Armínto e os de Gomaro chegou ao clímax no Sínodo de Dort. Ali obtiveram vitória os que favoreciam a expiação limitada. Ver *"Os Cânones de*

Ora, no processo de *ser salvos* (tomado como um todo), os homens não são passivos. Pelo contrário, tornam-se ativos. E a vontade de Deus que venham ao reconhecimento *da verdade,* ou seja, do caminho da salvação revelado na Palavra. Esse *reconhecimento é* mais que um mero *conhecimento* intelectual (yvcjoiç). E o *reconhecimento* (éiTLyyaxnç) com alegria, *discernimento* espiritual profundo. Ver seu uso em Filipenses 1.9; Colossenses 1.9; 2.2; 3.10. Assim podemos também entender a expressão "arrependimento para conhecer a verdade" (2Tm 2.25). E possível que uma pessoa aprenda muitas coisas boas de um modo meramente intelectual, mas que jamais chegue realmente ao *reconhecimento* ou à *apropriação* da verdade (2Tm 3.7). Há um "conhecimento" que é diferente de um "conhecimento pleno" (ver o verbo relacionado em ICo 13.12). O propósito da oração por todos os homens, sem distinção de classe, raça e nacionalidade, é para que sejam salvos e possam chegar ao conhecimento "pleno", conhecimento esse no qual não participa exclusivamente a mente, mas também o coração. O propósito dessa oração corresponde ao desejo soberano de Deus.

5. A posição, "Deus deseja que *todos* os homens - homens de *cada* posição, condição, tribo e nação - sejam salvos" é verdadeira, **porque [há somente] *um* Deus, e [há somente] um Mediador entre Deus e os homens, o homem Cristo Jesus.**

Não há um Deus para esta nação, outro para outra; um Deus para os escravos e um para os livres; um Deus para os reis e outro para os

Dort", publicados em português pela Editora Cultura Cristã, São Paulo. O segundo capítulo de doutrina declara que o desígnio da expiação é limitado aos eleitos, mas que a promessa do evangelho deve ser dada a conhecer a todas as nações, e que o sacrifício de Cristo é *suficiente* para todos sem exceção. Entre as diversas obras em que se discutem os processos do Sínodo de Dort, descobri que L. H. Wagenaar, *Van Strijd En Overwinning é* especialmente informativo. Às vezes ambos os grupos parecem ter ido longe demais em sua *conduta.* Os "remonstrantes" extremados (preferiam este título ao de "arminianos") qualificaram de "triunfo do diabo" as decisões do Sínodo. Deformaram grotescamente a posição calvinista, como alguns de seus seguidores ainda o fazem. Em contrapartida, é difícil defender o modo em que o presidente do Sínodo, estritamente calvinista, despediu os oponentes arminianos. Gesticulando bruscamente para que saíssem, o geralmente muito respeitado Rev. Johannes Bogerman os lembrou de que haviam começado com mentiras e que terminaram com mentiras. Em seguida, com voz de trovão, gritou: "Estão despedidos. Vão embora."

A posição arminiana nesse ponto doutrinai e outros relacionados conquistou muitos adeptos, especialmente durante o século 18. Diz-se que o mesmo impregnou o pensamento religioso dos Estados Unidos. Um forte defensor da expiação ilimitada é Lenski e seus comentários.

súditos. Paulo é quem melhor interpreta a si mesmo: "Porque num só Espírito fomos todos batizados num corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres; e a todos nos foi dado beber de um só Espírito" (ICo 12.13). Outra vez: "ou Deus é Deus somente dos judeus? Não é ele o Deus também dos gentios? Sim, também dos gentios; se é verdade (e certamente é verdade) que Deus é *um só..."* (Rm 3.29). Que o apóstolo está pensando realmente na distinção "governo... súdito", deduz-se do contexto imediatamente *precedente* (lTm 2.2a). Que ele tem em mente a distinção "judeu... gentio", faz-se evidente à luz do contexto *seguinte* (lTm 2.7b).[46]

Não só a esfera da criação, mas também a da redenção se une sob *uma só* Cabeça. Daí, não só há um *único* Deus; também há "um *único* Mediador *de* (aqui no sentido de *entre*) Deus e os homens". Essa passagem é a única em que Paulo fala de *Cristo* como "Mediador". Entretanto, em Gálatas 3.19, o apóstolo também usa o termo, com provável referência a Moisés que, como mediador, transmitiu a lei de Deus ao povo. Em Gálatas 3.20, ele fala em termos gerais sobre "um mediador". É o autor da epístola aos Hebreus que discute em certa extensão a posição de Cristo, nosso sumo sacerdote celestial, como Mediador (Hb 8.6; 9.15; 12.24), "o Mediador da nova aliança". Por derivação, a palavra simplesmente indica alguém que se põe "no meio". O propósito para o qual ele toma essa posição intermediária deve ser derivado, em cada caso particular, do contexto ou de passagens paralelas. No presente caso, não fica brecha para uma dúvida legítima de que o apóstolo toma como *ponto de partida* o fato de quê Cristo é aquele que voluntariamente assumiu a posição entre o Deus ofendido e o pecador ofensor, com o fim de levar sobre si a ira de Deus que o pecador mere-

46. Não é de todo **necessário** considerar aqui *um.* corno sujeito, c *Deus.* como predicado, de modo que traduzamos: "Porque *um é* Deus; *um* também é Mediador", etc. O Dr. C. Bouma, em seu comentário sobre esta passagem, tem toda razão quando afirma que o argumento de Paulo, aqui, não se dirige (salvo por dedução) contra o politeísmo, mas, antes, contra as conseqüências práticas do politeísmo, a saber, que cada nação tem seu próprio Deus que se preocupa especialmente com essa nação. Não, há *um só* Deus que cuida de lodo seu povo chamado de todo o mundo!

O que temos aqui, conseqüentemente, é simplesmente um exemplo de expressão abreviada. As palavras: "há somente" são um complemento natural. O próprio contexto as requer. Sobre a "expressão abreviada", ver C.N.T. sobre João 5.31.

cia, salvando, portanto, a este. Isto se faz evidente porque todo o contexto fala de *salvação* (v. 4) e de Cristo como um *resgate* (ver comentário sobre o v. 6). Em Gálatas 3.13 encontra-se uma surpreendente explicação: "Cristo nos redimiu da maldição da lei, tornou-se maldição por nós [ou *sobre* nós)." Nesta passagem, o Salvador se apresenta como posto sobre nós, ou seja, *entre* nós e a maldição da lei, para que a maldição caísse sobre ele, e nós fôssemos salvos.[47] Não obstante, é evidente que nesta passagem (lTm 2.5) o conceito *Mediador* é ligeiramente mais amplo. Nesta condição, Cristo não só restaura os pecadores a uma correta relação legal com Deus, mas também os leva ao "*conhecimento* da verdade" (v. 4); e faz com que eles *testifiquem* dessa gloriosa verdade (v. 6). Daí, *ele ao mesmo tempo estabelece a paz e a revela aos homens* persuadindo-os a aceitarem as boas-novas. Ele se revela como Mediador nesse *duplo* sentido.[4ii]

Observe o modo como a identidade desse Mediador é revelada: *"um só* Mediador entre Deus e *os homens, o homem* Cristo Jesus." Nessa relação, pensar em *homens* significa pensar no *homem,* o homem Jesus Cristo. Aqui *homens* e *homem* estão justapostos. Fosse a salvação destinada tão-somente para um grupo particular - isto é, somente para os judeus -, o apóstolo teria escrito: *"O judeu* Cristo Jesus." Já que se destinara a judeus e gentios, ou seja, aos homens em geral, sem distinção de raça ou nacionalidade, ele escreve *"o homem* Cristo Jesus". (Isto de modo algum constitui uma negação da *deidade* de Cristo. Que ele é o objeto da fé e de adoração, é evidente à luz de 1 Timóteo 3.16. A palavra *homem,* aqui em 1 Timóteo 2.5, não é contrastada com *Deus*, mas com *judeu* ou *gentio.)*

6. Deve-se orar por todos os homens (vv. 1, 2), porque:

a. A salvação visava a todos, sem consideração de condição, posição, raça ou nacionalidade (vv. 3, 4);

47. Ver A. T. Robertson, *The Minister and His Greek New Testament,* Nova York, 1923, p. 39.

48. Com respeito ao caráter duplo da obra medianeira, excelentes são as palavras de L. Berkhof, *Teologia Sistemática,* Campinas, Luz para o Caminho, 1990. Fica de imediato em evidência que o sentido de "árbitro" em disputas legais, sentido que amiúde tem a palavra nos papiros, é superficial demais para ser adequada ao contexto *aqui.* Cristo não só "fala de paz", mas a *estabelece*: com sua obediência ativa e passiva, ele lança-lhe o fundamento; *em seguida* persuade os homens a aceitarem-na. Acerca do sentido nos papiros, ver M. M., p. 339.

b. Há *somente um Deus e* um Mediador para todos (v. 5), não um para cada grupo; e então:

c. Há um único resgate para todos: **o qual se entregou em resgate por todos.**

O que Paulo acaba de mencionar é o elemento básico naposição de Cristo como Mediador. Mediante seu sofrimento e morte, Cristo pagou o castigo exigido pela lei de Deus, produzindo com isso satisfação. Ele deu-se a si mesmo como "um resgate substitutivo" (âvzíXvTpov). Ver sobre Tito 2.14, onde se acha uma lista de passagens pertinentes. A morte vicária de Cristo, seu sacrifício pessoal *em lugar de* outros, é aqui ensinado tão claramente quanto as palavras podem possivelmente comunicá-lo.[49]

Ao acrescentar a preposição "por" ou "em favor de" (para a qual ver C.N.T. sobre João, Vol. II) à preposição "em lugar de", Paulo insinua a dupla idéia de que a morte *substitutiva* de Cristo foi para o *benefício de* todos. Não só mereceu o livramento da ira, mas a salvação completa e gratuita (ver comentário sobre lTm 1.15) para *todos os homens,* sem levar em conta condição, posição, raça ou nacionalidade.

Agora indica-se o segundo elemento na posição de Cristo como Mediador: **testemunho [que se deve dar] no *devido* tempo.** A morte de Cristo como resgate, para satisfazer a justiça de Deus, *deve ser proclamada.* Era intenção de Deus que, quando viesse "o tempo oportuno" ou "oportunidade favorável", viesse a lume o fato de que Deus deseja que *todos os homens* sejam salvos e cheguem ao reconhecimen-

49. Cito o seguinte de minha tese doutorai *The Meaning of the Preposition àvxi. in the New Testament,* não publicada, apresentada no curso de pós-gradução do Seminário Princeton, 1948, pp. 74. 75:

"E evidente que aqui o prefixo *àvxí* (em th>TÜ.UTpov) tem o sentido substitutivo. Significa *em troca cie.* Tal conclusão tem por base as seguintes considerações:

(1) O conceito *substituição* está em harmonia com a idéia que imediatamente se sugere pela palavra base á qual *ccvxí é* prefixada. Um Áúxpov é um resgate; ou seja, é a soma paga pela liberdade de uma pessoa do cativeiro ou escravidão. Cf. 1 Pedro 1.18, 19,0 que mostra que o sangue de Cristo era entendido como sendo o preço.

"(2) O termo áviLÀuipov, em 1 Timóteo 2.6, parece estar baseado na expressão lúipov *àvxi ttokXwv* (resgate por muitos) em Mateus 20.28: Marcos 10.45. Além do mais, se a preposição independente *àvxí,* nessas passagens sinóticas, tem o sentido substitutivo, é certamente provável que quando se usa a preposição em composição *com o* substantivo lenha o mesmo sentido."

to da verdade. Tudo o que está contido nos versículos 4-6 deve ser publicado. O "devido tempo" (ver notas 13 e 16 do capítulo 6) compreende toda a *nova* dispensação. É um "devido tempo" ou uma "ocasião *oportuna",* porque corresponde ao eterno plano de Deus a este respeito. Além do mais, em seu princípio foi trazido resgate, e isso *para todos*; e o Espírito Santo foi derramado, novamente *sobre toda carne.* (Ver também C.N.T. sobre João 7.6 e sobre ITs 5.1.) Daí, o momento adequado para a publicação do *testemunho* por fim chegara (os que deviam publicá-lo eram especialmente aqueles que viram com seus olhos e ouviram com seus ouvidos; ver C.N.T. sobre João 1.7, 8). Não foi durante a antiga dispensação, mas somente durante a nova que pôde ser revelado plenamente o mistério de que *todos os homens*, tanto gentios quanto judeus, agora se encontram em pé de igualdade; ou seja, que os gentios vieram a ser "co-herdeiros e membros do mesmo corpo, e co-participantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho" (Ef 3.6; cf. Ef 2.11-22).

7. Ora, foi exatamente com esse propósito, ou seja, dar testemunho a *todos os homens,* que Paulo fora designado "mestre *dos gentios"* (com toda ênfase na última frase). Daí, ele prossegue: **propósito para 0 qual fui designado arauto e apóstolo - e estou dizendo a verdade, não minto mestre dos gentios em [a esfera da] fé e verdade.**

Visto que uma vez a expressão "todos os homens", nos versículos 1 e 3, se refere a "todos os homens sem distinção de posição social, nacionalidade e raça", e não "cada membro da raça humana, um a um, do passado, do presente e do futuro, inclusive Judas e o Anticristo", a lógica de toda a passagem salta aos olhos. *Todos os homens,* no sentido exposto, devem ser lembrados em oração e ação de graças (v. 1), tanto os governantes quanto os súditos (v. 2), porque Deus deseja que todos os homens sejam salvos e cheguem ao pleno reconhecimento da verdade (vv. 3 e 4). Não há *um* Deus para este grupo, e *outro* para aquele grupo; não há *um* Mediador para esta nação, e *outro* para aquela nação, mas unicamente *um* Deus para todos os homens e unicamente *um* Mediador para todos os homens, *o homem* Cristo Jesus (v. 5), o qual se deu em resgate, não por *este* grupo particular ou por *esta* nação, mas *por todos,* aos quais, quando chegasse o momento oportuno, deveriam dar testemunho das boas-novas (v. 6). Por essa razão, eu, Paulo, fui

designado mestre *de gentios*, para que não só os judeus, mas também os gentios - *todos os homens em pé de igualdade* - possam vir a aceitar a verdade com uma fé viva (v. 7).

Para que o plano de Deus para a salvação de homens de toda tribo e nação (não apenas dos judeus, mas também dos gentios) pudesse ser concretizado, Paulo/o/ *designado* por mandato divino. Ele não foi usurpador, nem alguém que pretendia uma autoridade à qual não tinha direito. Não *forçou* caminho avançando adiante, mas que foi *chamado* para o ofício por nenhum outro senão por Deus mesmo. Além do mais, era um vaso escolhido por Deus "para levar meu nome [de Cristo] perante os gentios e reis e dos filhos de Israel" (não *só* dos filhos de Israel, mas também - sim, *especialmente* - perante gentios e reis). Ele seria uma testemunha perante "todos os homens". Foi enviado aos gentios para abrir-lhes os olhos, a fim de que pudessem receber remissão de pecados e uma herança entre os santificados pela fé em Cristo. Tudo isto fica claramente estabelecido em Atos 9.15; 22.15, 21; 26.17, 18.

E bastante claro que Paulo não considerava a igreja como um grupo exclusivo, esotérico, que guardava segredos que deviam ficar "ocultos" do público. Que diferença entre seus ensinamentos inspirados e a "ordem" que encontramos em *O Manual de Disciplina* que se descobriu numa caverna junto ao Mar Morto! Segundo esse manual, "o conselho da lei" devia ficar "oculto" dos "homens do erro", Se alguém perguntasse algo sobre as crenças, a um membro da comíunidade, ele devia recusar a resposta. Ver Millar Burrows, *The Dead Sea Scrolls,* Nova York, 1956, pp. 333, 377 e 383. Paulo, ao contrário, fora designado para proclamar publicamente a verdade.

As vezes os inimigos punham em dúvida a questão se ele fora divinamente designado (Gl 1.1, 12). E natural supor que também em Éfeso os mestres da falsa doutrina começaram a suscitar dúvidas sobre esse aspecto, *especialmente* com referência à designação do apóstolo para proclamar o evangelho da rica graça *aos gentios.* É por essa razão que ele introduz as palavras: "e estou dizendo a verdade, não minto" (cf. Rm 9.1; 2Co 11.31; Gl 1.20).

Ora, a questão sobre a qual Paulo está dizendo a verdade, e que não está mentindo, é que ele fora divinamente designado para ser arauto e apóstolo, mestre dos gentios na esfera da fé e da verdade.

Um "arauto", no mundo antigo, era a pessoa que, por ordem de um superior, fazia um anúncio público em voz alta. Assim, nos jogos públicos, sua função consistia em anunciar o nome e o país de cada competidor, e também o nome, a nação e o pai do vencedor. Segundo Daniel 3.4, 5, o arauto gritava em voz alta: "Ordena-se a vocês... que, assim que ouvirem o som de... todo tipo de instrumento musical, se prostrem e adorem a imagem que o rei Nabucodonosor ergueu..." Tem-se alegado que o evangelho deu esse título "de um oficial subordinado em conexão com reuniões públicas e outras" uma "estranha dignidade e uma importância mundial".[5]" Mas é provável que a dignidade e importância que a palavra levava em si tenha precedido a era do Novo Testamento. Certamente foi a *voz do arauto* que, como se predisse muito tempo antes do começo da nova dispensação, proclamou: "Preparai no deserto o caminho do Senhor; endireitai no ermo vereda a nosso Deus" (Is 40.6-9; e ver C.N.T. sobre João 1.23). Assim como na profecia de Isaías Jeová prometeu visitar com boas demonstrações de sua graça aos que se apresentam como que regressando do cativeiro babilônico, e emprega um arauto para anunciar a vinda do Rei dos reis e ordenar ao povo que aplaine o caminho do Senhor que conduz a seus corações, Paulo é *o arauto* de Deus (únicas outras ocorrências do termo no Novo Testamento: 2Tm 1.11; 2Pe 2.5) e embaixador que proclama às nações: "Rogamo-lhes, em nome de Cristo, que se reconciliem com Deus" (2Co 5.20). Esse é o próprio cerne da "pregação", ou seja, da "proclamação". Os rebeldes - porquanto o pecado é rebelião -, que mereciam uma mensagem de *calamidade*, recebem boas-novas de *bem-estar*. O quadro é belo. Não é a cidade rebelde que envia um embaixador para negociar as condições de paz, mas o Rei dos reis, ofendido, que envia seu próprio arauto para proclamar paz por meio de um resgate, e esse resgate: o sangue de seu próprio Filho amado.

Paulo fora designado não só para ser arauto, mas também para ser apóstolo, representando Cristo, plenamente investido com autoridade delegada no que diz respeito à doutrina e conduta, autoridade que continuaria em prol da vida e se estenderia a toda a igreja, onde quer que ela existisse sobre a terra. Foi nessa condição mais ampla como após-

50. M. M„ p. 343.

tolo que Paulo foi um arauto. Para o significado do termo *apóstolo,* especialmente como aplicado a Paulo, ver sobre 1 Timóteo 1.1.

Havendo sido designado arauto e apóstolo, Paulo era "mestre dos gentios em [a esfera da] fé e verdade", ou seja, ele e sua mensagem foram usados por Deus como um meio para levar à mente e ao coração dos gentios a fé viva na verdade do evangelho.

8 Eu quero, pois, que os homens ofereçam orações em todo lugar, erguendo mãos santas, sem ira e sem má deliberação.

9 Semelhantemente, que as mulheres se adornem, vestindo-se com modéstia e bom senso, não com tranças e ouro, nem com pérolas e nem com roupas caras, 10 mas - como é próprio de mulheres que professam ser tementes a Deus - [que se adornem] fazendo uso de boas obras. 11 Que a mulher aprenda em silêncio em total submissão. 12 Eu, porém, não permito que uma mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o homem, mas que permaneça em silêncio. 13 Porque o primeiro a ser formado foi Adão, então Eva. 14 E não foi Adão a ser enganado, mas foi a mulher que de fato foi enganada e caiu em transgressão. 15 Ela, contudo, será salva por meio de sua[51] gravidez, se prosseguirem na fé e no amor e na santificação associados ao bom senso.

2.8-15

Uma vez esclarecido que as orações devem ser oferecidas em prol de todos os homens, o apóstolo prossegue indicando quem deve oferecer essas orações e em que espírito devem ser oferecidas. Isso naturalmente diz respeito à conduta dos *homens* no culto público (v. 8). Por meio de uma transição natural, ele então ministra diretrizes com referência ao comportamento apropriado das *mulheres* no culto público (vv. 9-15).

8. Eu quero, pois, que os homens ofereçam orações em todo lugar.

Paulo, exercendo sua autoridade plena como apóstolo de Jesus Cristo, prossegue ministrando diretrizes. A tradução da A**.V.,** "Eu quero", se coaduna com o contexto e justifica a palavra que é usada no original. A palavra *pois* (imprecisamente inferencial ou continuativa; cf. C.N.T. sobre João Vol. II, nota 246) liga esse parágrafo com o pre-

51. Literalmente, "por via da".

cedente. As orações devem ser oferecidas por toda pessoa (vv. 1-7); daí, que essas orações sejam oferecidas, não, porém, *pelas mulheres,* mas *pelos homens* (v. 8). É evidente que o verbo *oferecer oração,* ou simplesmente *orar*, aqui, deve ser tomado no sentido mais amplo, incluindo toda forma de invocação mencionada em 2.1 (ver comentário sobre esta passagem).

Tais orações devem ser oferecidas "em todo lugar" de culto público. Com freqüência uma grande sala na casa de um dos membros podia ser usada para tal propósito. Provavelmente havia vários lugares de culto em Éfeso e nas vizinhanças. Até onde foi possível, seguiu-se a ordem e a forma de culto prevalecentes nas sinagogas. A idéia de que *os homens* deviam liderar em oração não teria surpreendido os que estavam acostumados à sinagoga, salvo no caso em que a ênfase de Paulo quanto à igualdade dos sexos "em Cristo" (Gl 3.28) pudesse ter levado alguns a perguntarem a si mesmos se essa participação espiritual da mulher não implicaria uma mudança de sua posição no culto público. Além do mais, deve-se ter em mente que muitos dos convertidos tinham vindo do mundo *gentílico.* E a igreja era ainda muito nova, e ainda estavam se estabelecendo novos centros de culto. Além do mais, não se deve deixar de considerar a possibilidade de que falsos mestres andavam difundindo idéias errôneas com respeito aos respectivos papéis do *homem* e da *mulher* "na igreja". Seja qual for o problema, Paulo sabia ser necessário dar ordens com respeito a esse ponto. Ele enfatiza que a fé cristã não pressupõe uma ruptura total com o passado. Naturalmente, pressupõe-se a *presença* da mulher na assembléia religiosa. O que Paulo quer ensinar é que essas mulheres deviam orar como Ana: "Ana só *no coração* falava; seus lábios se moviam, porém não se lhe ouvia voz nenhuma" (1 Sm 1.13).

Quanto aos *homens,* deviam orar **erguendo mãos santas, sem ira e má deliberação.** A postura na oração não é uma questão indiferente. É uma abominação ao Senhor assumir uma postura displicente quando se presume estar alguém orando ao Senhor. Em contrapartida, é certo que a Escritura em parte alguma prescreve uma, e tão-somente uma, postura correta durante a oração. Indicam-se diferentes posições dos braços, das mãos e do corpo. Todas essas são permitidas até onde simbolizem diferentes aspectos da atitude reverente de quem adora, e in-

lerpretem genuinamente os sentimentos do coração. Note as seguintes *posturas de oração:*

(1) *Em pé:* Gênesis 18.22; 1 Samuel 1.26; Mateus 6.5; Marcos 11.25; Lucas 18.11; Lucas 18.13. (Note o contraste entre as últimas duas passagens. Ainda faz diferença *como* e *onde* alguém está em pé.)

(2) *As mãos estendidas ou/e erguidas para o céu:* Êxodo 9.29; Êxodo 17.11, 12; 1 Reis 8.22; Neemias 8.6; Salmo 63.4; Salmo 134.2; Salmo 141.2; Isaías 1.15; Lamentações 2.19; Lamentações 3.41; Habacuque 3.10; Lucas 24.50; 1 Timóteo 2.8; Tiago 4.8. (Compare os "Orantes" das Catacumbas. E veja A. Deissmann, *Light From the Ancient East*, traduzido por L. R. M. Strachan, quarta edição, Nova York, 1922, pp. 415, 416.)

(3) *A cabeça inclinada:* Gênesis 24.48 (cf. v. 13); Êxodo 12.27; 2 Crônicas 29.30; Lucas 24.5.

(4) *Os olhos erguidos para o céu:* Salmo 25.15; 121.1; 123.1, 2; 141.8; 145.15; João 11.41; 17.1; cf. Daniel 9.3; Atos 8.55.

(5) *De joelhos:* 2 Crônicas 6.13; Salmo 95.6; Isaías 45.23; Daniel 6.10; Mateus 17.14; Marcos 1.40; Lucas 22.41; Atos 7.60; 20.36; 21.5; Efésios 3.14.

(6) *Prostrado com o rosto em terra:* Gênesis 17.3; 24.26; Números 14.5, 13; 16.4, 22, 45; 22.13, 34; Deuteronômio 9.18, 25, 26; Josué 5.14; Juizes 13.20; Neemias 8.6; Ezequiel 1.28; 3.23; 9.8; 11.13; 43.3; 44.4; Daniel 8.17; Mateus 26.39; Marcos 7.25; 14.35; Lucas 5.12; 17.16; Apocalipse 1.17; 11.16.

(7) *Outras posições:* 1 Reis 18.42 (ajoelhado com o rosto entre os joelhos); Lucas 18.13 (de pé, ao longe, e batendo no peito).

Como se vê claramente à luz dessa referência final, as posturas e posições indicadas dos membros do corpo podem ocorrer em várias combinações. Em Lucas 18.13, os itens (1) e (7) são combinados. Em 1 Reis 8.22 (Salomão), combinam-se (1) e (2). Em Neemias 8.6, combinam-se (1) e (3). Em João 11.41 (ver v. 38), os itens (1) e (4) se interligam. Além de combinar-se com (1), o item (2) pode também combinar-se com (5): "Tendo Salomão acabado de fazer ao Senhor toda esta oração e súplica, estando de joelhos e com as mãos estendidas para os céus, se levantou de diante do altar do Senhor" (IRs 8.54;

cf. Ed 9.5). Além do mais, a *inclinação da cabeça* (3) era com freqüência tão profunda, que a pessoa caía prostrada em terra (6). Ver, por exemplo, Números 22.31. De fato, um método favorito de prostração entre os orientais tem sido sempre o de cair de joelhos (5) e então, inclinando gradualmente o corpo, inclinar a cabeça até tocar o chão (3), o que chega a ser a posição (6). E ainda na maioria dos casos onde a Escritura não o indica especificamente, pode-se deduzir, à luz do contexto, que a pessoa que estendia as mãos ou as erguia estava *em pé.* E o caso da passagem que estamos considerando (lTm 2.8).

Ora, todas essas posturas eram apropriadas. A posição *em pé* (1) indica reverência. Levantar ou estender as mãos (2) - braços estendidos com as palmas das mãos para cima - é um símbolo adequado da completa dependência de Deus e de humilde esperança nele. A cabeça inclinada (3) é a expressão externa do espírito de submissão. Os olhos erguidos ao céu (4) indicam que alguém crê que seu auxílio vem de Jeová, dele somente. O ajoelhar-se (5) representa a humilhação e a adoração. Prostrar-se com o rosto em ferra (6) é a manifestação de reverente temor na presença divina. O bater no peito (7) harmoniza-se extraordinariamente com o sentimento de completa indignidade.

O costume moderno de fechar os olhos com as mãos juntas é de origem incerta. Ainda que não apareça nas Escrituras e fosse desconhecido na igreja primitiva, pode ser considerado como um bom costume, caso seja interpretado corretamente. Ajuda a quem ora barrar o acesso de distrações prejudiciais e a ingressar numa esfera onde "ninguém, senão Deus, está perto". Seja como for, é muito melhor que certas posturas do corpo que prevalecem entre os cristãos modernos enquanto oram.

Não obstante, o que se enfatiza ao longo de toda a Escritura e também na passagem ora em discussão, não é a postura do corpo ou a posição das mãos, mas *a atitude interior da alma.* As mãos que se erguem devem ser *santas,* ou seja, devem ser mãos que não estejam contaminadas por delitos anteriores. Uma pessoa que acaba de cometer um homicídio, um adultério ou um roubo não deve imaginar que sem o perdão e a reparação, quando essa "boa obra" for possível, pode ela agora erguer as mãos numa oração que seja agradável a Deus. Ver Salmo 24.3, 4; cf. Mateus 5.23, 24.

Além do mais, o ato de erguer as mãos deve ser feito "sem ira e sem má deliberação". *Ira* (cf. C.N.T. sobre João 3.36), ou seja, a *indignação estabelecida* contra um irmão, a atitude do devedor incompassivo da parábola (Mt 18.21-35), faz com que a oração seja inaceitável (ver também, nesta conexão, Mt 6.14, 15; Ef 4.31, 32; Cl 3.8; Tg 1.19, 20). E o mesmo ocorre com qualquer forma de *má deliberação.* A palavra usada no original está relacionada com nossa palavra *diálogo. A* alma humana é constituída de tal forma que pode efetuar um diálogo consigo mesma. Assim uma pessoa pode debater consigo mesma, em seu interior, se fará *isto* ou *aquilo* a seu vizinho, contrabalançando um pensamento com outro (nossa palavra *deliberar* - do latim, *de* e *libra* literalmente significa *pesar meticulosamente*, visto que *libra é* uma *balança).*[51] Embora a palavra usada no original não qualifique esse *diálogo* como *mau* (ver Lc 2.35, onde as deliberações referidas não são necessariamente más), todavia é digno de nota (cf. Gn 6.5; 8.21) que em quase toda passagem em que se usa a deliberação referida é claramente de uma natureza pecaminosa (Mt 15.19; Mc 7.21; Lc 5.22; 6.8; 9.46, 47; Rm 1.21; 14.1; ICo 3.20; Fp 2.14. Em Lucas 2.35 ela indica *dúvida, questionamento).* Aqui em 1 Timóteo 2.8 o uso da palavra em conjunção com *ira* torna esse sentido indiscutível.

Portanto, a soma e substância da presente admoestação é que no culto público *os homens,* não as mulheres, devem oferecer orações enT voz alta com as mãos erguidas. Naturalmente, os anciãos devem tomar a dianteira (1Tm 5.17). Não obstante, essas mãos devem estar limpas ou santas e a oração deve ser oferecida num espírito íntegro. Se o coração de uma pessoa se enche de ira ou malícia contra seu irmão, a ponto de planejar o mal contra o mesmo, a oração não será aceitável.

9. Semelhantemente, que as mulheres se adornem vestindo-se com modéstia e bom senso.

A palavra *semelhantemente* revela que Paulo está continuando suas observações em relação à conduta no *culto público.* Assim como *os*

52. Em Demóstenes (orador ateniense do século 4.° a.C.) e em outros autores a palavra õiaÀoYiap.óç indica uma *ajuste de contas*; cf. o significado etimológico de nossa palavra *deliberação.* E fácil ver que desse sentido literal proveio o figurativo: balanço mental, cálculo, consideração, etc. O sufixo ^óç é de ação final; daí o sentido primário, *deliberando;* enlão, *deliberação.*

homens devem fazer os preparativos necessários, de modo que com coração apercebido e sem disposição prévia para o mal, eles "vão à igreja" capazes de erguer mãos santas, assim *as mulheres* devem dar evidência do mesmo espírito de santidade, e devem demonstrar isso quando ainda estão em casa, preparando-se para participarem do culto.

Por conseguinte, devem "adornar-se vestindo-se com decoro". A sentença terá de ser assim traduzida, caso a aliteração do original tiver de ser preservada. Prontamente admitimos que a aliteração nem sempre pode ser reproduzida sem alterar o sentido do original. No presente caso, porém, cremos que a aliteração do original tem de ser retida na tradução. Além do mais, o argumento empregado por diversos comentaristas no sentido de que o adjetivo usado no original aqui significaria *virtuoso* ou *honrado,* porque em fontes não literárias é usado nesse sentido (ver M. M., p. 356), ignora o fato de que ele tem esse sentido quando analisa o *caráter* de uma pessoa (como em lTm 3.2). Tais referências são de pouco valor quando o adjetivo modifica um substantivo que não se refere ao caráter, mas a um "vestido". Nesse caso, o sentido mais literal, "adornar", imediatamente salta à vista. As mulheres, pois, devem adornar-se, *adornando-se com trajo,* ou seja, *com decoro (*KO. *xaoxokr],* literalmente, "algo que desça").

Portanto, é evidente que o apóstolo não condena o desejo por parte das jovens e senhoras - desejo esse criado na alma delas por seu Criador - de adornar-se, de estarem bem-vestidas". Se a roupa de uma mulher, porém, deve ser de fato como tal, então deve expressar modéstia e bom senso. Daí Paulo escrever: "adornando-se com modéstia e bom senso". *Modéstia* (CÍlÔGÓÇ) indica *senso de pudor,* receio de ultrapassar os limites da decência; daí, *reserva própria.* A palavra seguinte, a qual traduzimos *bom senso,* literalmente significa *mente sadia* (au^poowri). Ao vestir-se para ir à igreja, as mulheres devem pôr em prática o *juízo perfeito.* Devem vestir-se com *sensatez.* Seu intuito não deve ser o de exibir-se, de "provocar indignação", usando aparato apelativo com o intuito de levar outrem a invejá-las. Devem *adornar-se,* sem dúvida. Elas não têm de esquivar-se da moda, a menos que uma moda em particular seja imoral ou indecente. Decididamente não têm de manter um tipo antigo de moda, desconfortável ou bizarro. Devem ter sempre em mente que amiúde um coração soberbo se oculta por

trás de uma máscara de pretensa modéstia. Isso também é pecado. É preciso evitar criteriosamente os extremos. Isso é o que "bom senso" subentende. A roupa deve ser a expressão de uma modéstia interior e uma saudável perspectiva cristã. Aplicado a nosso tempo e época, significa que as famosas linhas de Pope têm de ser criteriosamente levadas em conta: Elas contêm matéria sobre a qual pensar:

"Não seja a primeira a provar a novidade,
nem a última a abandonar o que é antigo."[53]

Ora, adornar-se com vestuário que revele modéstia e bom siso significará que a mulher **não** se adornará **com franças e ouro, ou pérolas, ou roupas caras.**

Paulo tem sofrido sérias críticas por essas palavras, como se não quisesse que os membros do sexo belo desfrutem de boa aparência. Tem-se observado o seguinte: "Ainda pensar que ele se oponha a cabelos trançados! Que mal há nisso?" Entretanto, essa crítica é inteiramente injustificada. A própria combinação da palavra "tranças" com "e ouro ou pérolas ou roupas caras" deveria ser suficiente para informar ao leitor que o apóstolo está pensando no pecado da extravagância no adorno externo. Quanto às "tranças", o sentido não é que sob quaisquer e todas as circunstâncias as mulheres de todas as gerações futuras são aqui proibidas de usar cabelo trançado. De modo algum! Os seguintes pontos devem estar presentes:

a. A vista do contexto (ver v. 10), Paulo quer dizer isto: A mulher cristã deve compreender que seu verdadeiro adorno não consiste em penteados ou jóias ou aparato de vestuário, mas algo mais, o que o apóstolo está para mencionar, a saber: a prática de boas obras que são os frutos de um caráter transformado pelo Espírito Santo.

b. O que, porém, dizer dessas *tranças* que eram tão populares no mundo do tempo de Paulo? Não se poupava nenhuma despesa para torná-las deslumbrantes. Realmente resplandeciam. As tranças eram presas com pentes de concha de tartaruga incrustada com jóias, ou por meio de broches de marfim ou prata. Ou eram alfinetes de bronze com

53. Sobre todo esse tema, ver W. A. Maier, *For Better Not For Worse,* St. Louis, MO, 1935, pp. 205-219. Esse excelente livro deveria estar na biblioteca de toda igreja e em todo lar i|iie possa obtê-Io.

cabeça de jóias, quanto mais variadas e mais caras, melhor ainda. As cabeças dos alfinetes amiúde eram imagens em miniatura (um animal, uma mão humana, um ídolo, uma figura feminina, etc.).[54] Naqueles dias, as *tranças* amiúde representavam *uma fortuna.* Eram um artigo de luxo. A mulher cristã é advertida a não ceder a tais extravagâncias.

Semelhantemente, a mulher crente não deve procurar chamar a atenção para a fútil exibição de enfeites *dourados.* Além do mais, não deve ambicionar *pérolas,* obtidas (naquele tempo) no Golfo Pérsico ou no Oceano Índico. As vezes seus preços eram fabulosos e ficavam fora do alcance do poder aquisitivo da maioria dos membros da igreja. Para se obter uma pérola de grande valor, um mercador tinha de vender todas as suas possessões (Mt 13.46). Não obstante, alguém que vivia nos dias de Paulo, disse: "Eu vi Lollia Paulina [esposa do imperador Calígula] coberta de esmeraldas e pérolas reluzentes sobre sua cabeça, cabelos, orelhas, pescoço e dedos, de um valor superior a um milhão de dólares."

A mulher de fé não deve (pelo menos *não deveria)* ambicionar *vestidos custosos,* por exemplo, um vestido caro e ostensivo. A túnica ou o manto usado pelas damas aparentava a toga do homem. Não obstante, era produto de artesanato mais fino e se caracterizava por uma ornamentação mais rica e uma vasta variedade de cores.[55]

O fútil exibicionismo por parte da mulher era e é ofensivo ao que há de melhor nos gostos orientais. O que é ainda mais importante: também ofende o Criador. Numa mulher que professa ser crente, essa busca do culto à beleza e o adorno pessoal é duplamente imprópria. Ofende o Criador *e* o Redentor. Ver também Isaías 3.16-24 e 1 Pedro 3.3, 4. Embora seja sempre errôneo, é mais repreensível numa mulher que se prepara para ir à igreja; porque o vestido ostentoso dificilmente se en-

54. Ver o quadro e descrição em T. G. Tucker, *Life in the Roman World of Nem and St. Paul.* Nova York, 1922, p. 311. Também, *The Good News, The New Testament OfOur Lord and Savior Jesus Christ, Witk Over 500 Illuslrations and Maps,* publicado por The American Bible Society, 1955; a ilustração em conexão com o texto de 1 Timóteo, p. G 19. Finalmente, *Everyday Life In Ancient Times,* publicado por The National Geographic Society, Washington, D.C., pp. 244, 245.

55. Sobre o tema completo, ver A. Sizoo, *De. Antieke Wereld En Het Nieuwe Testament,* Kampen, 1948, II. 62-64; T. G. Tucker, *op. cit.,* pp. 289-313.

quadra no coração contrito e humilhado, no coração que agrada a Deus no serviço da Palavra e dos sacramentos.

10. "Quero, pois, que... a mulher se adorne... não com tranças e ouro, ou pérolas ou vestidos caros, **mas - como é próprio para a mulher que professa ser temente a Deus - por meio de boas obras.**

O adorno genuíno da mulher se obtém pela realização de *boas obras* (cf. 1Tm 6.11, 18; 2Tm 2.22; 3.17). A divina graça dá existência à árvore da fé em que se produzem essas boas obras como tantos frutos. Esta é a doutrina do apóstolo, tanto aqui nas Pastorais (Tt 2.11-14; 3.4-8) quanto em outros lugares (Gl 5.22-24; Ef 2.10). Ora, a coisa *própria* para a mulher é que ela se adorne pelo uso de boas obras, visto ela *professar* ser *temente a Deus.* Literalmente, Paulo está dizendo: "que professam *temor de Deus."* O verbo traduzido por *professam* tem o sentido básico de *transmitir uma mensagem em voz alta, claramente;* daí, *proclamar.* Essa proclamação pode ser na forma de *uma promessa* ou de *uma confissão*; geralmente a primeira (Mc 4.11; At 7.5; Rm 4.21; Gl 3.19; Tt 1.2; Hb6.13; 10.23; 11.11; 12.26; Tg 1.12; 2.5; 1Jo 2.25), mas aqui e em 1 Timóteo 6.21, o segundo sentido. O substantivo traduzido por *temor de Deus* (ver LXX, Gn 20.11) não aparece em outro lugar no Novo Testamento; ver, porém, o adjetivo em João 9.31.

Toda a idéia nos lembra imediatamente 1 Pedro 3.3, 4: "A beleza de vocês não deve estar nos enfeites exteriores, como cabelos trançados e jóias de ouro ou roupas finas. Pelo contrário, esteja no ser interior, que não perece, beleza demonstrada num espírito dócil e tranqüilo, o que é de grande valor aos olhos de Deus."

11, 12. Em seguida o apóstolo ministra algumas diretrizes acerca tia relação das mulheres com o *recebimento* e *comunicação de conhecimento (aprendizagem* e *ensino),* uma vez mais com referência especial ao culto público. Ele escreve:

Que a mulher aprenda em silêncio em total submissão. Eu, porém, não permito que uma mulher ensine, nem que exerça autoridade sobre o homem, mas que permaneça em silêncio.

Embora estas palavras e as paralelas de 1 Coríntios 14.33-35 possam soar como pouco amistosas, na verdade são precisamente o oposto. Aliás, expressam o sentimento de terna simpatia e de compreensão

básica. Significam que a mulher não deve entrar na esfera de atividade para a qual a força de sua própria criação não é apta. Que a ave não tente viver debaixo d'água. Que o peixe não tente viver em terra seca. Que a mulher não queira exercer autoridade sobre o homem, instruindo-o nos cultos públicos. Por amor a ela e para o bem-estar espiritual da igreja, proíbe-se essa pecaminosa intromissão na autoridade divina.

No serviço da Palavra, no dia do Senhor, a mulher deve *aprender,* não *ensinar.* Deve *permanecer em silêncio, permanecer quieta* (ver C.N.T. sobre lTs 4.11 e sobre 2Ts 3.12). *Não deve fazer com que sua voz seja ouvida.* Além do mais, essa aprendizagem em silêncio não deve ser com uma atitude de rebeldia no coração, mas "em total *submissão"* (cf. 2Co 9.13; G1 2.5; 1 Tm 3.4). Deve de bom grado *refugiar-se sob* a lei de Deus para sua vida. Sua plena igualdade espiritual com o homem como participante em todas as bênçãos da salvação (G1 3.28: "não há homem nem mulher") não implica nenhuma mudança básica em sua natureza *como mulher* ou na tarefa correspondente que, *como mulher,* foi chamada a cumprir. Que a mulher continue sendo mulher. Paulo *não pocle permitir* outra coisa. Ele não pode permiti-lo, porque *a santa lei de Deus* não o permite (1 Co 14.34). Essa santa lei é sua vontade expressa no Pentateuco, particularmente na história da criação da mulher e de sua queda (ver especialmente Gn 2.18-25; 3.16). Daí, *ensinar,* isto é, pregar de um modo oficial e, desse modo, *exercer autoridade* sobre o homem pela proclamação da Palavra no culto público, *domináo, é* algo impróprio para a mulher. Ela não deve assumir o papel de mestre.

13, 14. Como já foi indicado, essas diretrizes acerca do papel da mulher em relação ao culto público se baseiam não numa condição temporal ou circunstâncias contemporâneas, mas sobre dois fatos que têm significação para todos os tempos, a saber: o fato da *criação* e o da *entrada do pecado.* Em conformidade com isso, Paulo escreve: **Porque o primeiro a ser formado foi Adão, então Eva. E não foi Adão a ser enganado, mas foi de fato a mulher foi enganada e caiu em transgressão.**

Ao *formar* ou *moldar* (cf. Rm 9.20) o casal humano, Deus primeiro fez Adão; em seguida Eva. Não só isso, mas ele fez Eva *por causa de* Adão, para ser sua auxiliadora (Gn 2.18-25), e sua glória (ICo 11.7-

9). Nenhum deles é completo sem o outro (ICo 11.11). Em sua soberania, porém, Deus fez o casal humano de tal forma ser natural que *ele* guie, e *ela* o siga; que *ele* seja agressivo, e *ela* receptiva; que *ele* invente, e *ela* use as ferramentas que ele inventa. A tendência *a seguir* foi incorporada à própria alma de Eva quando ela saiu das mãos de seu Criador. Daí não seria correto inverter essa ordem em relação ao culto público. Por que estimular uma mulher para que faça as coisas que são contrárias a sua natureza? Seu próprio corpo, longe de *preceder* o de Adão na ordem da criação, *foi tomado do* coipo de Adão. Seu próprio nome - *Ish-sha, derivou-se do nome* do homem - *Ish* (Gn 2,23). Só quando a mulher reconhece essa distinção básica e age em conformidade com ela é que ela pode vir a ser uma bênção para o homem, pode exercer uma graciosa influência, porém muito poderosa e benéfica sobre ele e pode promover sua própria felicidade, para a glória de Deus. Longfellow estava certo quando disse:

"Como o arco é para a corda,
E o homem para mulher;
Ela o obedece mesmo que o dobre;
Um sem o outro seria de nenhum valor."

(Hiawatha)

Adicionado a esse fato da *criação* se acha aquele da entrada do *pecado.* A queda de Eva ocorreu ao ignorar ela sua posição divinamente ordenada. Em vez de *seguir,* ela decidiu *dirigir.* Em vez de permanecer submissa a Deus, ela quis ser "*como* Deus". Na verdade foi *ela* - não Adão — a ser (*completamente) enganada* ou *iludida?*[6]

Eva "foi realmente enganada"; Adão, porém, "não foi enganado". Naturalmente, isso não pode ser tomado em termos absolutos. Deve significar algo mais ou menos assim: Adão não foi enganado da mesma forma que Eva o foi. Ver Gênesis 3.4-6. *Ela* deu ouvido a Satanás de forma direta; *ele* não. *Ela* pecou primeiro que *ele. Ela* foi o líder.

56. Embora seja verdade que Paulo usa os verbos áTiaráu e èíjanaráco para expressar a mesma idéia básica (ver C.N.T. sobre 2Ts 2.3a), quando, como aqui em 1 Timóteo 2.14, usa a forma reforçada e a não reforçada lado a lado, é razoável presumir que sua intenção era comunicar uma diferença em significado. Daí, *não foi enganado... foi realmente, enganada* (ou: *foi completamente enganada).*

Ele a seguiu. Ela guiou, quando deveria ser guiada; ou seja, ela guiou no caminho do pecado, quando deveria ter seguido na vereda da retidão.

E assim ela caiu *em transgressão*, no *passo fatal para fora* da vereda da obediência. E agora o que antes fora uma bênção sem mistura - ou seja, que Eva, em virtude de sua criação, seguia constantemente a Adão - já não é uma bênção sem mistura; porque agora ela, pelo seu exemplo pecaminoso, decidiu *governar* aquele que até aquele instante era ainda seu esposo *impoluto, obedeceria* à criatura de seu próprio desígnio, ou seja, seu esposo *pecador.* Portanto, que nenhuma de suas filhas a siga invertendo a ordem divinamente estabelecida. Que nenhuma assuma o papel que não lhes estava destinado. Que a filha de Eva não ensine, não governe e nem dirija quando a congregação se reúne para o culto público. Que aprenda, não ensine; que siga, não dirija.

15. Ela, contudo, será salva por meio de sua gravidez. Não por meio da pregação a *adultos* (ver sobre o v. 12), mas é por meio de dar à luz *filhos* que uma mulher granjeia a real felicidade, a *salvação*, com ênfase no aspecto positivo (ver sobre 1 Tm 1.15). A vereda que conduz à salvação é sempre a da obediência às ordenanças de Deus. Sua vontade é que a mulher influencie a humanidade "de baixo para cima" (ou seja, por meio *do filho),* não "de cima para baixo" (ou seja, por meio *do homem).* Ela deve escolher fazer aquilo para o qual está naturalmente equipada pela ordenança criadora de Deus, tanto física quanto espiritualmente. Ela deve atingir seu alvo *por meio de* (õtá) *sua gravidez.*

Assim, a mulher alcança o estado de verdadeira liberdade e bênção não pelo *exercício do domínio* sobre os homens, mas pela *submissão* (ver sobre os vv. 1 i e 12). Ora, a maldição pronunciada sobre Eva incluía dois elementos: a. *submissão* a seu esposo (agora pecador); e b. *gravidez* dolorosa (mencionados em ordem inversa em Gn 3.16). Portanto, de forma alguma surpreende que Paulo, que se sentia plenamente familiarizado com a Lei e escrevendo por inspiração [divina], imediatamente mencione a *gravidez,* depois de haver mencionado a *submissão.* Ele vê o que Adão também viu. Paulo, contudo, vê mais claramente. Adão já percebia que pela graça de Deus a *maldição* da gravidez (reflita sobre seu caráter *doloroso)* se converteria em *bênção* (Gn 3.20). Em virtude da prospectiva da gestação, a esposa de Adão foi chamada *Eva,* ou seja, "Vida" (mãe de todos os *viventes).* Paulo toma

esse pensamento e o desenvolve. Para a mãe cristã o parto significará *salvação,* pois que mãe cristã não experimenta prazer e alegria interior, bênção e glória a ver a imagem de seu Salvador refletida nos pequeninos que pertencem a ele? Na *geração de filhos* (aqui o substantivo é *gestação; o verbo é* usado em 1 Tm 5.14) a mãe cristã, pela fé na promessa pactuai de Deus (Gn 17.7; At 2.38, 39), antecipa todas as alegrias da maternidade cristã para a glória de Deus. Para ela isso é *salvação?*[1]

Quando Paulo diz *ela* (na cláusula "Ela... será salva por meio de sua gravidez"), ele está pensando na "mulher" do versículo 14. Isso se referia antes de tudo a Eva, mas em seguida a toda mãe cristã tomada como representante de *toda a classe* a que ela pertence. Daí, não causar estranheza que o apóstolo agora passe do singular para o plural (de "ela" para "elas") quando prossegue: **se prosseguirem na fé, no amor e na santificação associados ao bom senso.** Nenhuma forma de gravidez como tal se apropria da salvação. O amor de Deus derramado no coração, a paz que excede todo o entendimento, o deleite que se experimenta quando alguém se submete às ordenanças divinas, o deleite da verdadeira maternidade *cristã,* tudo isso só será experimentado se a mulher "prosseguir na fé", etc. A fé vem primeiro. Ela é o produto da graça soberana de Deus. Para serem realmente abençoadas, as mulheres devem *continuar* nela. A questão da salvação é considerada aqui não do lado divino, mas do individual humano. Aliás, é verdade que uma vez a mulher (ou o homem, porém esta passagem tem que ver com a mulher) seja verdadeiramente salva, ela permanece salva para sempre, porém Deus não a guarda no caminho da salvação sem esforço, diligência e vigilância de sua parte. O poder para perseverar desse modo

57. Rejeito as seguintes explicações:

(1) "Ela será salva pelo nascimento do Filho" (ou seja, o nascimento de Cristo).

(2) "Ela passará em segurança pela gestação."

Objeção: ambas essas idéias são estranhas ao presente contexto. Além disso, o item (2) dá ao verbo um significado que não tem o endosso do presente contexto. Ver o verbo em 1.15 e 2.4.

(3) "Por meio da gestação de filhos ela será resgatada da condenação eterna e merecerá a glória eterna."

Objeção: esta idéia de fazer da gravidez um ato meritório golpeia o próprio cerne da teologia de Paulo como expressa tanto nas Pastorais quanto nas demais (ver pp. 29-30). Além disso, as palavras imediatamente seguintes ("...se continuarem na fé", etc. é suficiente para descartá-la).

é sempre de Deus, e tão-somente dele (ver também C.N.T. sobre João, Vol. II).

Os substantivos usados nesta passagem já foram todos explicados. Quanto *a fé e amor,* ver comentário sobre 1 Timóteo 1.5. Para *santificação* (a mortificação diária para o pecado e a renovação para a santidade; aqui talvez com ênfase especial na oposição ativa a toda imoralidade ou imundícia em pensamento ou ação, pecados tão freqüentemente relacionados com a condição matrimonial), ver C.N.T sobre 1 Tessalonicenses 4.3-8. Quanto ao *bom senso,* ver sobre 1 Timóteo 2.9. Portanto, o pensamento completo é o seguinte: se os membros femininos da igreja permanecerem na fé e no amor e na santificação, ao mesmo tempo que exerçam um autocontrole e reserva adequados, encontrarão genuína alegria e salvação em gerar filhos para a glória de Deus, sim, em todos os deveres e deleites da maternidade cristã.

Síntese do Capítulo 2

Ver o esboço no início do capítulo.

Quando a congregação se reúne para o culto público, *todos* devem ser lembrados em oração, ou seja, tanto governantes quanto súditos, porque:

a. a salvação se destina a "todos", sem distinção de posição, condição, raça ou nação;

b. há um só Deus e um só Mediador, não um Deus e um Mediador para *este* grupo e um para *aquele* grupo;

c. há um *único* resgate;

d. daí Paulo ter sido designado para ser mestre dos *gentios,* a fim de que não só os judeus, mas também os gentios pudessem aceitar o evangelho por meio de uma fé viva.

No culto público, *os homens,* não as mulheres, devem pôr-se de pé com as mãos erguidas, a fim de oferecer oração em voz alta. Para essa oração deve haver uma preparação adequada, a fim de que o coração não esteja saturado de malícia contra um irmão nem com predisposição para o mal.

As mulheres também devem preparar-se para ir à igreja, e devem

fazê-lo de forma adequada. Devem evitar toda extravagância no adorno externo, tendo em mente que o verdadeiro adorno da mulher é a prática de boas obras. No lugar do culto público, as mulheres devem compreender que seu dever é aprender, não ensinar; obedecer, não governar; seguir, não dirigir. Se permanecerem na fé e no amor e na santificação, enquanto exercem um adequado autocontrole e reserva, encontrarão alegria e salvação nas alegrias da maternidade (é verdade que Priscila - bem como Aquila - instruiu Apoio, porém *não do púlpito.* Ler At 18.26).

Este ensino acerca do lugar que a mulher deve ocupar quando se reúne a congregação para o culto está baseado não numa condição temporal, mas na prioridade de Adão na criação e a prioridade de Eva na transgressão.

Neste sentido, é preciso realçar que, embora definitivamente o apóstolo atribua às mulheres uma posição *diferente* da dos homens, ele não considera que seu papel nos assuntos da igreja seja menos importante que o que os homens realizam.

A *Dignidade da Mulher nas Epístolas Paulinas*

(1) Paulo menciona favoravelmente as seguintes, a muitas das quais ele envia saudações: Febe, Priscila, Maria, Trifena e Trifosa, Pérside, Júlia, a irmã de Nereu, Apia, Loide e Eunice (ver Rm 16; Fp 4; 2Tm 1; Fm).

(2) Ele emprega mulheres no serviço do evangelho (Rm 16.1-3; Fp 4.3); especificamente, as viúvas idosas (lTm 5.9, 10), assistentes de diáconos (lTm 3.11), mulheres que são capazes de fornecer sustento a outras (lTm 5.16). Cf. o que o livro de Atos diz com referência a Lídia (16.14, 40), Dorcas (9.36), Maria, mãe de João (12.2) e as filhas de Felipe (21.8, 9).

Que diferença entre a condição da mulher na igreja primitiva, de um lado, e na seita de Qumran, registrada nos rolos do Mar Morto, do outro! Na igreja, as mulheres mantêm um lugar de honra. Na seita de Qumran, a mulher quase não tem lugar. Ver Millar Burrows, *op. cit.,* pp. 233, 244 e 333.

(3) Ele enfatiza que em Cristo não há homem nem mulher (Gl 3.28). I • in relação a ele há perfeita igualdade.

(4) Ele recomenda o casamento até mesmo para as viúvas, e enaltece as alegrias da vida conjugai e maternal da mulher cristã (ICo 7.39; lTm 5.14; em seguida lTm 2.15; 4.3). Não obstante, há circunstâncias nas quais é melhor "não casar-se" (ICo 7.26, 27).

(5) Quem afirmar que Paulo tem as mulheres em baixa estima deve ler as seguintes passagens. Se forem interpretadas de forma honrosa, o leitor terá de reconhecer que de muitas formas nenhum homem é capaz de outorgar à mulher toda a honra que, segundo o ensino de Paulo, se deve outorgar-lhes:

"Pois o marido descrente é santificado por meio da esposa, e a esposa descrente é santificada por meio do marido" (ICo 7.14).

"A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher" (ICo 7.4).

"...a mulher é a glória do homem" (ICo 11.7).

"No Senhor, todavia, a mulher não é independente do homem, nem o homem independente da mulher" (ICo 11.11).

"Maridos, amem suas esposas, assim como Cristo amou a igreja e entregou-se a si mesmo por ela, para santificá-la... Da mesma forma, os maridos devem amar suas esposas como a seus próprios corpos. Quem ama sua esposa, a si mesmo se ama... Portanto, cada um de vocês também ame sua esposa como a si mesmo, e a esposa trate o marido com todo respeito" (Ef 5.25-33).

A atitude prática de Paulo para com as mulheres que trabalham para o reino é expressa nesta ordem concisa e bela:

"AJUDE ESSAS MULHERES" (Fp 4.3).

ESBOÇO DO CAPÍTULO 3

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Timóteo, Fornece Diretrizes para a Administração da Igreja*

Diretrizes com Respeito à Instituição dos Ofícios

1 -7 A. Incentivo para ser bispo: o caráter glorioso da obra.

Diretrizes sobre os requisitos necessários do bispo.

3.8-13 B. Diretrizes sobre os requisitos necessários dos diáconos e das mulheres que os assistem.

Incentivos para a execução fiel da tarefa dos diáconos e das mulheres que os assistem: a gloriosa recompensa deles.

3.14-16 C. Razões para comunicar essas diretrizes na forma escrita:

1. Embora eu espere vê-lo logo, receio que me demore.
2. Não obstante, o assunto não permite delonga, porque ele tem que ver com a casa de Deus, a igreja, que é importante em virtude de sua Cabeça exaltada, Jesus Cristo. Hino de adoração a Cristo.

CAPÍTULO 3

— < $ > —

1 TIMÓTEO 3.1

3 1 Confiável é a afirmação: se alguém aspira ao ofício de bispo, o mesmo deseja uma obra nobre. 2 Portanto,[58] o bispo deve ser irrepreensível, esposo de uma só esposa, temperado, sensato, virtuoso, hospitaleiro, apto para ensinar; 3 não [alguém que demora] junto do [seu] vinho, não dado a violência, mas cordial, não contencioso, não amante do dinheiro, 4 que administre bem sua própria casa, com genuína dignidade, mantendo seus filhos em submissão 5 (pois se alguém não sabe como administrar sua própria casa, como tomará sobre si o cuidado da igreja de Deus?), 6 não recém-convertido, para que não se deixe cegar pelo engano e caia na condenação do diabo. 7 Deve também desfrutar do testemunho favorável dos de fora, para que não caia em descrédito e no laço do diabo.[5<J]

O culto público geralmente precede a instituição dos ofícios. Daí, não surpreende que Paulo, havendo tratado do primeiro, agora prossiga ministrando diretrizes acerca do último. No presente capítulo, ele mostra que os presbíteros, os diáconos e as mulheres que prestam serviço auxiliar devem ser espiritual e moralmente aptos para a realização de suas tarefas na igreja de Jesus Cristo, Aquele que "se manifestou na carne... e recebido na glória".

3.1-7

1. Conseqüentemente, o apóstolo começa, escrevendo: **Confiável**[60]

58. Algo se pode dizer em favor da tradução "todavia" (para oijv). Mas o sentido mais comum da partícula grega (de preferência "portanto") lhe imprime um sentido excelente: *"em vista do fato de que* o episcopado ser uma obra nobre, o homem que ocupar esse ofício deve ser irrepreensível." Também *é* possível o sentido continuativo ("ora", "então"). Ver também C.N.T sobre João, Vol. II, nota 246.

59. Com respeito aos paralelos possíveis (de tal lista de requisitos) na literatura secular, ver sobre Tito 2.1.

60. A interpretação "popular" *ou* "humana" *(ápOptUtivoç) é* a afirmação conta com um

é a afirmação: se alguém aspira ao ofício de bispo, deseja uma obra nobre.

Esta é a segunda das cinco "confissões fiéis" ou provérbios correntes dignos de confiança, máximas sábias. Quanto a seu caráter geral, ver sobre 1 Timóteo 1.15.

Às vezes se afirma que a afirmação não só carece de significado ou valor, mas também é ainda prejudicial, incentivando aspirações pecaminosas a um ofício. Essa opinião, porém, resulta do fato de ser a afirmação lida à luz de situações posteriores. Alguns intérpretes raciocinam assim: "E decididamente errôneo que alguém *estenda a mão* (note o verbo òpéycj) a fim de tomar posse do sagrado ofício. Tal ambição é pecaminosa e merece *condenação.* O ofício deve sair em busca do homem, e não o homem ir após o ofício. Portanto, é muito estranho que Paulo expresse uma palavra de elogio a esse esforço pecaminoso." Em oposição a isso, porém, merecem ênfase estes dois pontos:

a. Embora seja verdade que se acha *implícito* na afirmação um elogio dirigido ao aspirante, ele não é expresso numa forma *definida.* O apóstolo simplesmente diz: *"Se* alguém aspira." O que se descreve definidamente como *excelente ou nobre* ("boa obra") é o *ofício,* e não esforço.

b. Embora seja verdade que se acha *implícito* um elogio ao aspirante, deve-se ter em mente que *na história dos primeiros dias da igreja o desejo de servir como bispo significava sacrifício.* Com muita freqüência grassava perseguição, do lado dos judeus, do lado dos gen-(ios ou, como ocorria amiúde, de ambos os lados. Os falsos mestres faziam de tudo para minar o fundamento da verdade. De fato, em tempos *tais* e em meio a *tais* circunstâncias, não estavam totalmente fora ile lugar palavras de *incentivo para o episcopaclo e de elogio implícito*

apoio muito frágil; ver N.N. Possivelmente pode ser atribuída a um vacilo do escriba ao puTixar a profunda cláusula introdutória: "*Confiável* é a afirmação" a uma declaração que deixa de dar expressão a um ponto essencial da fé cristã.

Possivelmente, pela mesma razão, alguns prefeririam unir essa frase ao parágrafo precedente (por exemplo, Lock e A. T. Robertson). Mas é difícil ver como algo no parágrafo imediatamente precedente (que trata da conduta das mulheres, seu atavio adequado para participar do culto público da igreja, etc.) poderia vir a ser "uma frase proverbial de sabedoi ia cristã". Além do mais, a afirmação se harmoniza de forma bela com todo o parágrafo si')limuc.

a quem se mostrasse disposto a servir nesse alto ofício. E o ofício em si era certamente "uma obra nobre". E ainda é, porém não como foi nas primeiras décadas.

Ao falar Paulo do ofício de *bispo* (êtuaKoïTri - íjç), ele está pensando na tarefa divinamente autorizada dos *anciãos,* como já se indicou (e ainda se indicará, ver também sobre Tito 1.5-7). Esses bispos ou anciãos constituíam um presbitério ou junta de presbíteros ou anciãos. Com respeito à idade ou dignidade, seus membros eram chamados *presbíteros* ou *anciãos,* como em Israel. Com respeito à natureza de sua tarefa, eram chamados *supervisores* ou *superintendentes.*

O modo como esses homens, em geral, se conduziam no sagrado ofício, e sua disposição em suportar inumeráveis dificuldades pela causa de Cristo, justificavam o provérbio popular: "Se alguém aspira a ser bispo, deseja uma tarefa nobre." Que ninguém faça pouco do bispo! Que ninguém o despreze por ele não possuir *todos os dons* especiais. Ele nutre o desejo de dar seu tempo e suas energias, e ainda se dispõe a sacrificar seu descanso físico e sua segurança pessoal em prol da nobre tarefa de "apascentar a igreja do Senhor, a qual ele comprou com seu próprio sangue" (At 20.28). Que o caráter glorioso da obra seja *um incentivo* para todos os que estão considerando a possibilidade de ser bispos, para que possam desejar essa função com ansiedade!

Mas, justamente por ser a tarefa tão nobre e a obra tão imensa, certos requisitos são estipulados. Para que tais requisitos sejam vistos na forma em que o apóstolo os agrupa, os seguintes versículos são impressos na forma em que, tudo o indica, foram intencionalmente classificados:

2-7.

2. O bispo deve ser
irrepreensível,
esposo de uma só esposa,
temperado,
sensato,
virtuoso,
hospitaleiro,
apto para ensinar,

3. Não [alguém que demora] junto do [seu] vinho,
não violento,
mas amável,
não contencioso,
não amante do dinheiro,

4. que administre bem sua própria casa, com verdadeira dignidade, mantendo seus filhos sob submissão; 5. (pois se alguém não sabe administrar sua própria casa, como tomará sobre si o cuidado da igreja de Deus?)

6. não recém-convertido, para que não se deixe cegar pela presunção e caia na condenação do diabo.

7. Deve também desfrutar do testemunho favorável dos de fora, para que não caia em descrédito e no laço do diabo.

Torna-se imediatamente claro que, em conformidade com o ensino inspirado de Paulo, o candidato ao episcopado deve desfrutar do testemunho favorável de dois grupos: (a) *os de dentro,* ou seja, os membros da igreja; e (b) *os de fora,* ou seja, os que não são da igreja.

Como era de se esperar, a ênfase recai sobre o primeiro, a reputação que o homem desfruta entre os membros da igreja. Os diversos aspectos que pertencem à primeira classificação se dividem em dois grupos de sete cada um. Não obstante, o primeiro de todos, "irrepreensível", pode ser considerado uma espécie de cabeçalho ou título para todos os pontos de ambos os grupos dessa *primeira* classificação. A *segunda* classificação se resume na forma um pouco semelhante, porém sem uma lista detalhada de requisitos.

Começando com a primeira categoria, no que diz respeito à sua posição ou reputação *diante dos membros da igreja,* o bispo dever ser *irrepreensível* (ou "estar acima de censura").

Note que o primeiro grupo de sete características é *positivo* (exce**lo** o próprio cabeçalho: *sem* - ou *acima de* - censura ou inatacável). O segundo grupo é, em sua maioria, *negativo.* Cinco vezes lemos *não* (dessas cinco, três trazem prj; duas vezes, á -privativo). Assim, ao todo **há** oito (6 + 2) requisitos expressos positivamente, seis **(1+5)** expres**sos** negativamente.

Não deve escapar a nossa atenção que o primeiro e o último dos

oito requisitos *positivos* esclarecem a relação da pessoa com *sua família.* Essa relação é novamente enfatizada em conexão com os diáconos. Paulo (e o Espírito Santo falando por seu intermédio) certamente considerava de grande relevância essa relação familiar.

No primeiro grupo de sete requisitos, a subdivisão é a seguinte: sob o tópico "irrepreensível" encontramos primeiro um grupo de quatro requisitos que se relacionam com a atitude do homem para com a *moral cristã em geral:* ele deve ser conjugalmente puro, sóbrio, equilibrado, virtuoso. Em seguida, dois requisitos que descrevem a atitude do homem para com (e influência sobre) as pessoas que estão em alguma relação definida com *a igreja.* Como ele trata as visitas de outras igrejas, etc.? E hospitaleiro? Que influência para o bem ele exerce sobre os que necessitam de diretriz ou instrução? É apto para ensinar?

No segundo grupo de sete requisitos vemos o homem em sua *vida cotidiana,* solidarizando-se com seus *semelhantes* no trabalho e em todo lugar. O item "não [alguém que demora] junto do [seu] vinho" facilmente se mescla com o seguinte, a saber, "não violento", porque a bebedice amiúde conduz à violência. Em oposição a isso está o requisito positivo, *amável.* Paralelamente está "não contencioso". A pessoa contenciosa geralmente é egoísta, por isso é "amante do dinheiro". De fato, a pergunta é esta: "E possível que tal candidato se responsabilize pelas *finanças* da igreja?" (Note que aqui, como no final do primeiro grupo de requisitos, a atenção se fixa uma vez mais na relação do homem *com a igreja.)* Além do mais, ele pode cuidar de *seus negócios?* Como administra ele sua família? Isto é suficiente para provar se ele pode tomar sobre si o cuidado dos negócios da igreja! E, por fim, pode-se esperar, logicamente, que ele granjeie o respeito de seus *membros,* tanto dos experientes quanto dos recém-convertidos? Neste caso, porém, ele tem de ser um homem com alguma experiência no viver cristão. Não deve ser um *neófito.*

Portanto, vemos que os itens na lista não foram alinhados a esmo. Seguem um após outro num arranjo lógico e natural.

Agora faremos umas poucas observações com referência a cada um dos quinze (7+7+1) requisitos. O primeiro grupo de sete é o seguinte: O bispo deve ser:

1. *"irrepreensível"* na estima dos membros da igreja

Ver também 1 Timóteo 5.7 e 6.14. A palavra usada no original significa literalmente "não tirar proveito de", daí *irrepreensível* ou *inexpugnável.* Os inimigos podem suscitar todo gênero de acusações, mas as mesmas são tidas como falsas ao se empregarem métodos justos de investigação. Em relação à igreja e em conformidade com as normas da justiça, esse *homem* não só desfruta de boa reputação, mas de fato a *merece.*

Exemplo de um homem "irrepreensível":
Simeão

"Havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, que era justo e piedoso, e que esperava a consolação de Israel; e o Espírito Santo estava sobre ele" (Lc 2.25). Cf. Jó 1.8.

Os detalhes com respeito à pessoa que é irrepreensível são estes:

2. *Na relação conjugai,* "esposo de uma só esposa"

Ver também 1 Timóteo 5.9 ("esposa de um só esposo"). Isso não pode significar que um bispo ou ancião deva ser um homem casado. Antes, *presume-se* ser ele casado - como era comumente o caso e estipula-se que em sua relação conjugai deve ser exemplo para os demais na fidelidade para com sua esposa. A infidelidade nessa relação é um pecado contra o qual a Escritura reiteradamente nos adverte. A luz de muitas passagens, é evidente que esse pecado e os relacionados com ele (imoralidade sexual em qualquer forma) eram de ocorrência freqüente entre os judeus e, por certo, entre os gentios (entre muitos outros: Êx 20.14; Lv 18.20; 20.10; Dt 5.18; 22.23; 2Sm 12; Is 51; Pv 2.17; Pv 7; Jr 23.10, 14; 29.23; Os 1.2; 2.2; 3.1; Mt 5.28; Jo 8.3; Rm 1.27; 7.3; ICo 5.1, 9; 6.9-11; 7.2; Gl 5.19. Ver também C.N.T sobre ITs 4.3-8). E não nos esqueçamos do que Paulo fala nessa mesma epístola (ver sobre lTm 1.10).

Conseqüentemente, o sentido desta passagem (lTm 3.2) é simplesmente este: que um bispo ou ancião deve ser um homem de moralidade inquestionável, que seja inteiramente fiel e leal à sua única e exclusiva esposa; que, sendo casado, não se põe, segundo o costume dos pagãos, **em** relação imoral com outra mulher.

Considerando isso, é injustificável a tentativa de alguns mudarem o sentido do original - fazendo-o dizer o que não diz. Em harmonia com o ponto de vista de *alguns* pais da igreja (por exemplo, Tertuliano e Crisóstomo), e em concordância com as explicações favorecidas por outros (por exemplo, Jerônimo e Orígenes), esses tradutores e comentaristas são da opinião de que Paulo, aqui, está se referindo a homens que, vindo a ser viúvos, tornam a casar-se. A tradução (?), pois, vem a ser esta: "O bispo deve ser um homem *que se tenha casado uma única vez".*[61] E possível *entender* como homens que rejeitam ou abafam a infalibilidade da Escritura - os quais, conseqüentemente, já não se sentem mais obrigados a aceitar as indubitavelmente verdadeiras palavras "Paulo... a Timóteo" (lTm 1.1, 2) - podem também dar um passo a frente, supondo que as Pastorais refletem condições que prevaleciam *depois* da partida de Paulo deste mundo, num tempo quando muitos começaram a exaltar o celibato e o estado de virgindade acima do matrimônio, e introduzir no texto sua reconstrução particular da formação dessas cartas, de modo que pensem do autor das Pastorais como um homem que considerava o matrimônio e um *segundo casamento* como pecaminoso ou algo desse gênero. *Não é possível justificar* uma tentativa de fazer um texto dizer o que realmente não diz no original. O original simplesmente diz: "Ele deve ser... esposo de uma só esposa" (Õ6l-|iLâç ywcuKÒç ãuõpa).[62]

O autor genuíno das Pastorais, ou seja, Paulo, não se opunha ao casamento depois da morte de um dos cônjuges (ver especialmente lTm 5.14; e então 4.3; cf. Rm 7.2, 3; ICo 7.9), ainda que, *sob certas circunstâncias específicas*, ele considerava ser mais prudente continu-

61. Assim, ou de um modo semelhante, Parry, Goodspeed, Moffatt, R.S.V. e outras.

62. As traduções corretas são as seguintes, entre outras: siríaca (publicada pela Sociedade Bíblica Britânica e Estrangeira, Londres, 1950. 1. 142); latim (Teodoro Bcza: "unius uxoris virum"; inglês (A.V., A.R.V.. Weymouth, Lenski. Berkeley; a mesma idéia, Williams: "must have only one wife" - "deve ter somente uma esposa"; Riverside: "true to one woman" - "fiel a uma só mulher"); holandês (Statenvertaling: "eener vrouwe man" - "esposo de uma só esposa"; Nieuwe Vertaling: "de man van een vrouw" - "o esposo de uma só esposa"); frísio; sul-africano; francês (versão D'Ostervald); alemão (versão de Lutero e as subseqüentes); sueca (autorizada em 1917, edição de Estocolmo 1946). (Em português, só Matos Soares traz: "que tenha esposado uma só mulher" e a Bíblia de Jerusalém: "esposo de uma *única* mulher", transparecendo esta idéia. Segundo nosso entendimento [tradutor], todas estão concorde com o acima exposto.)

ar no estado de solteiro do que de casado (ICo 7.26, 38). Podemos estar certos de que Paulo estava em completa harmonia com o autor de Hebreus, quando diz: "O casamento deve ser honrado por todos" (Hb 13.4).

Exemplo de um homem que fornece toda evidência de ter sido fiel a sua única e exclusiva esposa, e da bela harmonia entre ambos, inclusive em assuntos religiosos:

Aquila

"Quando Priscila e Áquila o ouviram, convidaram-no para ir a sua casa e lhe explicaram com mais exatidão o caminho de Deus" (At 18.26).

3. *No modo de vida (gostos* e *hábitos),* "temperado"

Ver também 1 Timóteo 3.11; Tito 2.2. Para o verbo relacionado, ver C.N.T. sobre ITs 5.6, 8 e ver sobre 2Tm 4.5. Outras traduções possíveis do adjetivo seria *sóbrio* (contudo, não no sentido de *sombrio, triste), circunspecto.* Tal pessoa vive uma vida profunda. Seus prazeres não são primariamente os dos sentidos, como, por exemplo, os prazeres dos boêmios, mas os da alma. Ele é dominado pelo fervor espiritual e moral. Não é dado aos excessos (no uso do vinho, etc.), mas moderado, equilibrado, calmo, prudente, firme e sadio. Isto pprtence a seus gostos e hábitos físicos, morais e mentais.

Exemplo de uma pessoa equilibrada, sóbria, prudente, temperada:

Lucas

"Eu mesmo investiguei tudo cuidadosamente, desde o começo..." (Lc 1.3). Mesmo os que não podem ser contados entre os crentes às vezes não são de todo desprovidos de virtude; note o escrivão em Éfeso, o qual apaziguou a ira da multidão (At 19.35).

4. *Na maneira de julgar e de agir sobre esses juízos,* "sensato".

Ver também Tito 1.8; 2.2, 5; e ver sobre 1 Timóteo 2.9, 15 para o substantivo correlato. Quem *tem domínio próprio* ou *sensato é* a pessoa de *mente sadia. E discreto,* racional; daí, não se deixa dominar por impulsos repentinos sobre os quais não exerce controle, nem está de modo algum disposto a aceitar os disparates que estavam disseminando os seguidores do erro em Éfeso (ver sobre lTm 1.3, 4, 6, 7). A pessoa sensata está sempre disposta e desejosa de aprender.

Exemplo de um indivíduo racional:

Apoio

Ainda que fosse um orador dotado, poderoso nas Escrituras e instruído no caminho do Senhor, mesmo assim se dispôs a ser instruído por Priscila e Aquila, a fim de aprender o caminho de Deus mais acuradamente (At 18.26, supracitado sob o item 2).

5. *Na moral, em geral,* "virtuoso"

Ver também 1 Timóteo 2.9. O bispo deve ser um homem "de excelência moral interior e de uma conduta externa bem ordenada". Eis um epíteto de honra. Ver M.M., p. 356. O adjetivo naturalmente tem um matiz de significado ligeiramente diferente quando se aplica ao mesmo caráter que se aplica à *roupa* e à *aparência externa* (como em 1 Tm 2.9). O sentido básico do substantivo relacionado é *ordem.* Ver C.N.T. sobre João, Vol. I, nota 26.

Exemplo de uma pessoa virtuosa, pessoa essa de força moral:

Rute

"Todos... sabem que és uma mulher virtuosa" (uma mulher de valor, LXX: cf. força, Rt 3.11).

Mais: Jó (Jó 1.8); Zacarias e Isabel (Lc 1.5, 6); Simeão (Lc 2.25); Ana (Lc 2.37).

6. Quanto à *hospitalidade,* "hospitaleiro"

Ver também Tito 1.8; em seguida, Romanos 12.13; Hebreus 13.2; 1 Pedro 4.9. Uma pessoa hospitaleira é literalmente *amiga dos forasteiros* (cJjLÂÓÇevoç). "Ele compartilha de suas necessidades." Podemos bem imaginar quão profundamente apreciada foi esta hospitalidade num tempo em que virtualmente não existia um sistema organizado de *bem-estar* social em alta escala; quando as viúvas e órfãos dependiam da bondade de parentes e amigos; quando grassavam ferozes perseguições com seus encarceramentos; quando a pobreza e a fome eram muito mais evidentes que o que agora se vê nos países do ocidente; quando as mensagens de uma setor da cristandade tinham de ser entregues por mãos de um mensageiro pessoal, que para isso era preciso longas viagens; e quando ter alojamento com incrédulos era menos que desejá-

vel. Daí, se a hospitalidade era um requisito para *todo* crente segundo sua capacidade e oportunidade de oferecê-la, era um requisito indispensável para o bispo.

Exemplo:

Onesíforo

"Onesíforo... muitas vezes me confortou, e não se envergonhou de minhas cadeias" (2Tm 1.16). Ver também Gênesis 18.1-8; 1 Reis 17.8-16; 1 Reis 18.13; 2 Reis 4.8; Hebreus 13.2.

7. Quanto à capacidade pedagógica, "apto para ensinar"

Ver também 1 Timóteo 5.17; 2 Timóteo 2.2; 2.24; 3.14; em seguida, 1 Coríntios 12.29. Todo bispo ou ancião deveria possuir este dom em alguma medida. Além do mais, ninguém será *apto para ensinar* (õiôaKTLKÓç) se o mesmo não for *instruído* (ôiõaKTÓç). Havendo sido instruído por "testemunhas fiéis", ele comunica a outros essa instrução, os quais, por sua vez, ensinam a outros.

Ainda, porém, que todos os bispos devam ter essa capacidade em certa medida, de modo que possam aconselhar aos que buscam seu conselho, alguns têm recebido talentos *maiores* ou *diferentes* do que outros. Daí, mesmo nos dias de Paulo, o trabalho dos anciãos estava dividido, de modo que, embora todos tomassem parte no governo da igreja, a alguns era confiada a responsabilidade de trabalhar na palavra e no ensino (lTm5.17). Conseqüentemente, manifestou-se a distinção entre os bispos que atualmente são geralmente denominados "ministros" e os que simplesmente são denominados "presbíteros".

Exemplo:

Esdras e seus auxiliares

"Ele [Esdras] era escriba versado na Lei de Moisés... Esdras, sacerdote e escriba, e os levitas que ensinavam todo o povo, lhe disseram: Este dia é consagrado ao Senhor, vosso Deus" (Ed 7.6; Ne 9.8). Ver também Atos 6.10.

E agora, *o segundo grupo de sete requisitos.* O bispo deve também ser *irrepreensível* nos seguintes aspectos. Deve ser:

(1) "Não [alguém que demora] junto do [seu] vinho"

Ver também 1 Timóteo 3.8; Tito 1.7, e ver ainda comentário sobre 1 Timóteo 5.23. (O original traz o acusativo de uápoLvoç.) Com respeito a beber vinho, a Escritura evita os extremos. O mesmo autor inspirado que aconselha Timóteo a usar um pouco de vinho por causa do estômago e suas freqüentes enfermidades (lTm 5.23), também declara francamente que aquele que não pratica a temperança não tem direito a um lugar no presbitério. Um bebedor de vinho, uma pessoa dominada pela bebida, ou um ébrio, não pode ser um bom bispo.

Exemplo de pessoas culpadas do pecado aqui condenado:

Alguns que participavam da Ceia em Corinto

"Um está com fome, e outro se embriaga" (ICo 11.21). Cf. ISm 25.36: Nabal. Ver também Gênesis 9.20-27.

(2) "Não violento"

Ver também Tito 1.7. Literalmente, Paulo diz: "não um espancador." Ele está pensando num homem que está sempre com seus punhos preparados para espancar, uma pessoa belicosa, irascível ou brigona. Pense nos lenhadores de outrora que literalmente usavam uma lasca de madeira em seus ombros à guisa de desafio para lutar com quem quer que se atrevesse a tirá-la com um golpe, donde procede a expressão: "Ele leva uma lasca em seus ombros."

Do uso imoderado do vinho ao desejo de travar combate com alguém há apenas um passo curto. Daí estas duas vão uma após a outra na lista das qualidades expressas negativamente. Disse Sêneca: "O vinho acende a ira" (*Vinum incendit iram).* E a mesma relação se vê em Provérbios 23.29, 30. Assim os exemplos são:

Os homens contra quem o autor de Provérbios pronuncia sua advertência

"Para quem são os ais? Para quem, os pesares? Para quem, as rixas? Para quem, as queixas? Para quem, as feridas sem cura? E para quem, os olhos vermelhos?

"Para os que se demoram a beber vinho,

"para os que andam buscando bebida misturada" (Pv 23.29, 30). Ver também Gênesis 4.23: Lameque; Gênesis 49.5, 6: Simão e Levi.

(3) "amável"

Ver também Tito 3.2; em seguida, Filipenses 4.5; Tiago 3.17; 1 Pedro 2.18. A pessoa aqui indicada é diametralmente o oposto da irascível. Embora nunca comprometa a verdade do evangelho, ela se dispõe a ceder quando se trata de seus próprios direitos, no espírito de 1 Coríntios 6.7: "Por que não sofrer antes o agravo?" A tradução "consentir" ou "ceder" - que também corresponde à idéia básica do termo usado no original - expressa em parte o significado. Não obstante, é duvidoso encontrar uma expressão num só termo que seja plenamente equivalente ao original. As qualidades de condescendência, eqüidade, gentil racionalidade, brandura, disposição de ajudar e generosidade são mais bem combinadas nessa pessoa *conciliatória, considerada, amável,* que *cortês.*

Salvo pelo que está registrado em Atos 15.39, alguém que se aproxima desse ideal é

Barnabé

"José, um levita de Chipre a quem os apóstolos deram o nome de Barnabé (que significa *filho da consolação),* vendeu um campo que possuía, trouxe o dinheiro e o colocou aos pés dos apóstolos. ...Então Barnabé o tomou e o levou aos apóstolos... Ele era um homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé" (At 4.36, 37; 9.27; 11.24). Outros exemplos: Abraão como descrito em Gênesis 13.8, 9; Isaque (Gn 22; 26.12-22); José (Gn 50.15-21); Moisés (Nm 12.3); Jônatas (1 Sm 18.1); Timóteo!

(4) "não contencioso"

Veja também Tito 3.2. Note que "amável" está interposto entre "não violento" e "não contencioso", isto pelo fato de que está em contraste com ambos. O requisito "não contencioso", literalmente "avesso a briga", é ainda mais profundo do que "não violento". Uma pessoa pode não estar disposta a esmurrar, mas pode ser boa em disputas orais, como sem dúvida o eram os seguidores do erro em Éfeso (ver lTm 1.4), e lhe faltaria, portanto, uma das características indispensáveis ao bispo.

Além dos falsos mestres de Éfeso, que certamente eram pessoas contenciosas, pensemos também em:

Os Contenciosos de Corinto

"Com isso quero dizer que cada um de vocês afirma: Eu sou de Paulo; e eu, de Apoio; e eu, de Cefas; e eu, de Cristo" (ICo 1.12).

(5) "não amante do dinheiro"

Ver também 1 Timóteo 3.8 e Tito 1.8. O bispo não só deve ser um homem que esteja longe da atitude de Judas (Jo 12.6), tudo fazendo para enriquecer-se por meios desonestos (o pecado indicado em 1 Tm 3.8 e Tito 1.8), mas deve também estar longe de ter como meta principal a aquisição de tesouros terrenos, mesmo quando os meios empregados sejam honrados. É possível que Paulo estivesse pensando antes de tudo em alguns homens de Éfeso, onde Timóteo estava exercendo seu ministério (lTm 6.9, 10). Além disso, alguém pode pensar em:

O Rico Insensato

"Insensato, esta mesma noite sua vida lhe será exigida. Então, quem ficará com o que você preparou?" (Lc 12.20). Pense também no homem rico da parábola O Rico e Lázaro (Lc 16.19-31).

(6) administrando bem sua própria casa"

Ver também 1 Timóteo 3.12; 5.17; em seguida, Romanos 12.8; 1 Tessalonicenses 5.12.0 bispo, presumindo-se que seja um homem casado e pai de filhos, deve ser dotado com a habilidade de supervisionar, presidir, administrar. Paulo raciocina do menor para o maior, neste duplo sentido:

a. Se um homem não pode presidir ou *administrar,* como poderá *tomar sobre si* (ou seja, em seu coração) *o cuidado* de algo? A segunda atividade indica uma consideração vigilante que é ainda mais solícita e incessante que a primeira.

b. Se um homem não pode desincumbir-se de sua responsabilidade com respeito a *sua própria* família, como poderá fazer isso com respeito à família de Deus, ou seja, a igreja (congregação local), a família que tem Deus como seu Pai?

Ora, essa capacidade de administrar ou governar bem sua própria família se faz evidente quando o pai mantém sua *prole em submissão* (ver sobre 1 Tm 2.11). A assim chamada idéia "progressiva" de permitir que a criança faça o que bem lhe agrade não tem apoio algum na

Bíblia. Mas, ainda que se deva exercer autoridade, isso deve ser feito "com real dignidade", ou seja, deve ser feito de maneira tal que *a. firmeza* do pai torne *aconselhável* que o filho obedeça, que sua *sabedoria* faça com que o filho descubra que é *natural* obedecer, e que seu *amor* leve o filho a sentir que obedecer se converte em *prazer.*

Imagine quão ideal teria sido que essa vida familiar de outrora, que nos anos posteriores floresceu na relação descrita em Atos 21.9:

Filipe, o evangelista

"Ele tinha quatro filhas virgens, que profetizavam." E ver a fascinante vida familiar retratada no Salmo 128.3. Cf. Gênesis 1 8.19; Salmo 78.3, 4; 105.8-10; Lucas 2.51; Atos 2.39; 16.14, 15; 16.33.

(7) "não recém-convertido"

Não obstante, um membro da congregação podia possuir todas as características mencionadas anteriormente, e ainda não estar qualificado para servir como bispo. Talvez fosse um *principiante,* alguém que fosse recentemente convertido, fosse idoso ou jovem. Não tinha maturidade e não desfrutava ainda do prestígio que se requeria de um bispo. Era um *novato.* Literalmente, o apóstolo diz: "não um *neófito* (acusativo de veó^uxoç, *recém-plantado;* daí, *planta nova:* Jó 14.9; SI 128.3; 144.12; Is 5.7). A igreja é o *campo* de Deus (ICo 3.9). Os crentes são suas *plantas* (ICo 3.6). Com urna leve mudança de metáfora, Paulo também diz que haviam se tornado "uma-planta-eom-Cristo" (Rm 6.5). Cf. C.N.T. sobre João 15.1-8.

A eleição de ura neófito poderia trazer resultados desastrosos para ele mesmo e, portanto, para a igreja. Por isso é que não se deve eleger um neófito, "para que não fosse obscurecido (ou: cegado) pela presunção". O verbo significa literalmente "envolto em fumaça"; neste caso, a fumaça da arrogância. Ver 1 Timóteo 6.4; 2 Timóteo 3.4. O resultado seria: "e caia *na condenação* (KOL|ia) do diabo." Isso indubitavelmente significa: "a condenação pronunciada sobre o diabo".[63] Cf. 2 Timóteo

63. A idéia de que õia(3ó?.ou, quando usado no versículo 6, na expressão "condenação do diabo", deve ser um genitivo subjetivo, porque essa mesma palavra, ao aparecer no versículo 7. na expressão "laço do diabo", é um genitivo subjetivo, me parece superficial. Ao determinar a natureza desses genitivos, é preponderante uma pergunta. Ei-la: Qual é seu uso nas Escrituras? E mais bíblico representar o diabo pronunciando uma sentença de con-

2.26. Lemos acerca dessa sentença de condenação em 2 Pedro 2.4 (e ver nota 63). O orgulho sempre conduz à queda. A fim de evitá-la, a igreja não deve eleger um principiante como bispo.

Em harmonia com essa norma, em sua primeira viagem missionária Paulo não designou anciãos em toda a igreja, senão quando as visitou pela segunda vez (At 14.23). Note também que o próprio Timóteo não foi ordenado imediatamente depois de sua conversão. Havendo sido conduzido a Cristo na primeira viagem missionária de Paulo, não foi ordenado senão depois (na segunda viagem missionária, pelo menos). A regra: "Sempre que possível, não devem ser eleitos neófitos para o episcopado na igreja", se porventura for levado também em conta o caso de

José, chamado Barsabás, e Matias

"Portanto, é necessário que escolhamos um dos homens que estiveram conosco durante o tempo que o Senhor Jesus viveu entre nós... E preciso que um deles seja conosco testemunha de sua ressurreição" (At 1.21, 22). De fato, Paulo mesmo, depois de sua conversão em 33/34 d.C., passou três anos na Arábia antes de fazer uma obra eficaz em Tarso e Antioquia, e não foi comissionado para ir em sua primeira viagem missionária enquanto não se passaram dez anos depois de sua conversão! Ver meu livro *Bible Survey,* Grand Rapids, MI, quarta impressão, 1953, pp.189-195.

Havendo terminado a lista de requisitos que têm que ver com o conceito em que um irmão é tido pelos demais membros da igreja, o apóstolo procede agora a indicar a opinião dos de fora (os que não pertencem à igreja) com respeito a ele:

denação, ou representá-lo como sendo condenado? Presumivelmente, o último! Ver as seguintes passagens: Gênesis 3.15; Isaías 14.12 (por inferência); Zacarias 3.2; Mateus 4.10; 12.29; Lucas 10.18; João 12.31; Romanos 16.20; Efésios 6.11; Tiago 4.7; 2 Pedro 2.4; Judas 6; Apocalipse 12.7-9; 20.10. Daí, "a condenação do diabo" significa "a condenação pronunciada (e executada) sobre o diabo" (genitivo objetivo).

Igualmente, a representação bíblica mais comum é falar do diabo como tentando atrair outros para dentro de seu laço, ou é descrito mais geralmente como que caindo ele mesmo no laço? Naturalmente que é o primeiro. É o diabo que, também nas Pastorais, se apresenta pondo laços. 2 Timóteo 2.26 determina este ponto; cf. 1 Timóteo 6.9. Daí, "o laço do diabo" significa "o laço que o diabo põe" (genitivo subjetivo).

(1) Irrepreensível no conceito dos de fora

"Também deve desfrutar do testemunho favorável dos de fora." Mesmo em relação a eles, o candidato a bispo, bem como o bispo que já se encontra no exercício da função, deve ter uma boa reputação. A necessidade de somar esta qualidade vem do fato de que com freqüência "os de fora" conhecem melhor o homem em questão do que os próprios membros da igreja. Por exemplo, amiúde ocorre que a maioria ou todos os que são relacionados a ele, em suas ocupações diárias, são incrédulos. Seu juízo é de alguma importância. Além disso, a igreja se esforça em exercer sobre o mundo uma poderosa influência para o bem, levando os pecadores a Cristo. A má reputação de um bispo, aos olhos do mundo, não é de ajuda alguma na consecução desse propósito.

Ora, é um fato que a opinião freqüentemente adversa, por parte do mundo, em relação ao cristão, é motivada pelo ódio que nutrem por Cristo (Rm 15.3; Hb 13.12, 13). O que Paulo, porém, está pensando não é acerca *desse* conceito leviano. O que ele tem em mente é que, para que seja um bispo eficaz, o irmão deve ser conhecido até mesmo pelas pessoas do mundo com quem está (ou esteve) em contato, como *um homem de caráter,* um homem contra quem não é possível levantar nenhuma acusação *justa* de infâmia *moral.* Deve ser possível dizer em referência a ele: "Ele se conduz corretamente para com os de fora" (ver C.N.T. sobre 1 Ts 4.12. Cf. Cl 4.5).

Uma pessoa que não desfrute desse testemunho favorável, e que não obstante é eleita para exercer o ofício de bispo na igreja pode facilmente "cair no descrédito". Aqui, porém, por exceção, "a acusação do mundo" não é crédito para o membro da igreja. Ele agora não é uma honra, como no caso de outras passagens onde a mesma palavra "acusação" é usada (Rm 15.3; Hb 10.33; 11.26; 13.13). Podemos imaginar como, na manhã seguinte à eleição dessa pessoa sem mérito para o ofício, os homens que trabalham com ela a saudariam com zombeteira exclamação: "É verdade o que acabamos de ouvir? Realmente fizeram de você um presbítero... você?!" E *o diabo* se regozijará.[64]

64 Isso c válido, quer a palavra "acusação" tanto quanto "laço" seja ou não construída romo modificada por "do diabo". A despeito dos argumentos em sentido contrário, as duas sno gramaticalmente possíveis (ver argumentos em Lenski, *op. cit.,* p. 591). A não repeti-

Além do mais, tal pessoa pode facilmente tornar-se muito ousada, pensando: "Se com esta conduta posso me sair bem, e ainda ser eleito bispo, posso me sair bem em tudo." Deste modo cairá no *laço* do diabo, ou seja, na *armadilha* do diabo, daí em seu *poder.* Ver especialmente 2 Timóteo 2.26; em seguida, 1 Timóteo 6.9; finalmente, Lucas 21.35; Romanos 11.9; e para um sinônimo, ver C.N.T. sobre João 6.61.

Ter uma boa reputação ainda para com os de fora da igreja, sob as condições mais favoráveis, deve ser considerado uma bênção.

Exemplo:

Cornélio

"Ele é um homem justo e temente a Deus, respeitado por todo o povo judeu" (At 10.22).

8 Os diáconos, igualmente, [devem ser] honrados, sem ambigüidade, não dados a muito vinho, não cobiçosos de lucro escuso, 9 conservando o mistério de nossa fé com uma consciência pura. 10 E que também sejam antes provados; então exerçam a função, se são irrepreensíveis.

11 As mulheres, semelhantemente, [devem ser] honradas, não caluniadoras, temperantes, em todas as questões dignas de confiança.

12 Que o diácono seja esposo de uma esposa, governando bem a seus filhos e a sua própria casa. 13 Porque os que têm servido bem adquirem para si uma posição nobre e grande confiança na fé [centrada] em Cristo Jesus.

3.8-12

8-12. Note bem que os requisitos das mulheres que prestam serviços auxiliares se encontram entre os requisitos dos diáconos.

Embora o Novo Testamento contenha apenas umas poucas referências específicas aos *diáconos* (além de nossa presente passagem, também Fp 1.1 e naturalmente At 6.1-6,[65] onde não obstante o termo

ção da preposição (cLç) favorece a vinculação de "do diabo" com ambos os substantivos, mas não determina de forma absoluta a questão. Não obstante, materialmente há bem pouca diferença no significado, se é que há alguma. Quando o mundo acusa, o diabo também acusa. Quando Lenski diz que o diabo é o último a acusar as falhas do cristão, não estaria ele ignorando Zacarias 3.1-3?

65. Outras referências, tais como Romanos 12.7; 16.1; 1 Coríntios 12.28; e 1 Pedro 4.11, pareceriam ser de uma natureza mais geral. Não se referem - ou, em alguns casos, não exclusivamente - ao ofício e obra do diácono.

"diácono" não ocorre), isso não significa que a obra do diácono era considerada de um valor inferior. Era e é uma tarefa gloriosa. Tem por base a amorosa preocupação de Cristo por seu povo. Tão próxima de seu coração está essa terna solicitude que considera o que quer que seja feito ao menor de seus irmãos, como se houvera sido feito a si mesmo (Mt 25.31-46).

A luz de Atos 6 aprendemos que os diáconos foram eleitos porque os presbíteros não tinham tempo e energia para tomar sobre si o encargo dos pobres e necessitados, além da realização de sua outra obra: governar a igreja, pregar a Palavra, administrar os sacramentos, guiar a congregação na oração, etc. Conseqüentemente os diáconos foram eleitos para "servir às mesas". Sua *tarefa* específica é recolher as ofertas do povo de Deus traz como sinal de gratidão ao Senhor, distribuir esses donativos no espírito adequado a todos os que estão necessitados, para prevenir a pobreza onde quer que seja possível fazê-lo, e por meio de suas orações e palavras baseadas nas Escrituras consolar e animar os angustiados.

Ora, com o fim de levar a bom termo tarefa tão digna, eles, assim como os presbíteros, devem ser homens cheios de fé e do Espírito Santo (At 6.5).

Conseqüentemente, os diáconos igualmente [devem ser]:

(1) honrados

Ver também Tito 2.2; cf. Filipenses 4.8. Acerca do substantivo, ver comentário sobre 1 Timóteo 2.2; Tito 2.7. Isto se refere não só ao decoro necessário ou à decência de atitude e conduta, mas também ao fato de seus pensamentos e atitudes interiores revelarem que são homens de honradez e respeitabilidade operadas pelo Espírito Santo. Homem de tal seriedade mental foi

Estêvão

"homem cheio de fé e do Espírito Santo" (At 6.5).

Além do mais, quando tal homem ministra bom humor, ele crê no que está fazendo. Por isso,

(2) **sem ambigüidade**[66]

(66) Aqui alguém poderia esperar uma forma de ôívXuoooç, como no livro apócrifo Ecle-

Ele não diz uma coisa a uma pessoa e algo diferente, a outra. Ele não "fala de ambos os cantos de sua boca". Não *diz* uma coisa e *sabe* outra, como:

Geaz.i (2Rs 5.19-27), ou *Sambalá* e *Gesén* (Ne 6.2), ou *Ananias e Safira*

"E ela disse: Sim, por tanto" (At 5.8).

(3) **Não dados a muito vinho**

Cf. "não [alguém que demora] junto do [seu] vinho", no versículo 3. O diácono qualificado é moderado em seu uso do vinho, se porventura quiser beber algum. Ele não é um

Nabal

"e ele, já muito embriagado" (1 Sm 25.36).

(4) **Não cobiçosos de lucro escuso**

Cf. Tito 1.7; 1 Pedro 5.2; também "não amante do dinheiro", no versículo 3. Entretanto, aqui no versículo 8, a ênfase é ligeiramente diferente. Um homem que é amante do dinheiro não é necessariamente alguém que faz desfalque. No versículo 8, porém, o que Paulo tem em mente é aquele que faz desfalque ou larápio e o homem que abraça uma boa causa por amor de alguma vantagem material. E o homem de espírito mercenário que se entrega totalmente à busca de riquezas, ansioso por aumentar suas possessões sem importar os métodos, sejam justos ou espúrios. Pense em

Judas

"Ele não falou isso por se interessar pelos pobres, mas porque era ladrão; como portador da bolsa de dinheiro, costumava tirar o que nela era colocado" (Jo 12.6). E cf. Simão, o mágico (At 8.9-24).

(5) **Mantendo o mistério de nossa fé com uma consciência pura**

Um bom diácono, portanto, é atento ao dever por amor a Cristo. É

siástico 5.9, onde "o homem que "joeira com qualquer vento" é assim caracterizado (cf. Pv 11.13 na LXX). A palavra que Paulo emprega realmente (acusativo, masculino, plural de ὁλλὸνοὸς), e que em outros lugares aparece com um sentido diferente ("alguém que repete", ver M.M., p. 163), leva-nos a pensar no latim *bilinguis* num de seus significados. Isso significa que o autor das Pastorais o toma por empréstimo do latim? Ver p. 19.

consciente. Fosse ele destituído de honra, de caráter ambíguo, dado ao vinho e cobiçoso de lucro escuso, então não seria o tipo de homem que, *com consciência purificada pelo Espírito Santo (ver comentário sobre* lTm 1.5), "conserva o mistério de *nossa* fé (literalmente, 'da')". E difícil crer que a expressão "o mistério de nossa fé", aqui em 1 Timóteo 3.9, signifique algo diferente de "o mistério de nossa religião", no versículo 16. Ver comentário sobre esse versículo. Por *amor a Cristo,* o diácono apto vigia a si mesmo escrupulosamente, fazendo tudo a seu alcance para permanecer na mais íntima união possível com *ele,* ou seja, com o mais sublime dos mistérios divinamente revelados, a saber: "Deus manifestado na carne" para a salvação, em termos iguais, de judeus e gentios.

A característica aqui exposta encontra uma bela ilustração em

José

que, *por amor a Deus,* permaneceu na vereda da justiça.

"como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus?" (Gn 39.9).

(6) E que sejam antes de tudo provados; então, que exerçam o ofício, sendo irrepreensíveis

Cf. 1 Timóteo 3.6. O que se diz aos bispos vale também para os diáconos. Não deve ser eleito nenhum neófito. Devem servir somente homens *provados* (ver comentário sobre v. 13) nessa capacidade. Isso não significa que o futuro diácono deva antes de tudo viver um período de prova, mas, antes, mediante uma vida consagrada, deve ele dar testemunho de seu caráter. Deve estar em condições de sustentar a prova tendo os olhos de toda a igreja (e dos de fora!) focalizados nele. Se passar no teste com êxito, então é irrepreensível (literalmente, "sem ser chamado a prestar contas", um sinônimo próximo de "irrepreensível" no versículo 2).

Este método de selecionar os diáconos certamente está bem distante do que às vezes é sugerido, a saber: "Quem sabe se o fizermos diácono ele não pára de criticar! Ponhamo-le-na lista de candidatos ao diaconato. Se for eleito, talvez possamos transformá-lo."

Os Sete Homens de Boa Reputação

que vieram a ser os primeiros diáconos da igreja primitiva fornecem um excelente exemplo da maneira em que os diáconos devem ser escolhidos.

"Irmãos, escolham entre vocês sete homens de bom testemunho, cheios do Espírito e de sabedoria" (At 6.3).

A seção com respeito aos diáconos é interrompida por uma passagem que apresenta os requisitos no caso das *mulheres.* A sintaxe mostra claramente que essas mulheres não são "as esposas dos diáconos", nem "todas as mulheres adultas da igreja": "o bispo *deve ser...* Igualmente os diáconos [devem ser]... Semelhantemente as mulheres [devem ser]..." Um e o mesmo verbo coordena os três: bispo, diáconos e mulheres. Daí, essas mulheres são aqui vistas como a prestar serviço especial na igreja, como fazem os presbíteros e os diáconos. Elas formam um grupo específico, não são as esposas dos diáconos, nem *todas* as mulheres que pertencem à igreja.

Em contrapartida, o fato de que não se use um parágrafo especial, à parte, para analisar as qualidades necessárias, mas que são introduzidas na esfera dos requisitos estabelecidos para os diáconos, indica com igual clareza que não se deve considerar que essas mulheres constituam um terceiro ofício na igreja, o ofício das diaconisas, num plano de igualdade e dotadas com autoridade igual à dos diáconos.

E verdade que desde os tempos mais remotos, em justificação da teoria do ofício de diaconisa, apelo tem sido feito a passagens como a que agora estamos analisando (lTm 3.11); 1 Timóteo 5.9 e Romanos 16.1. No tocante a 1 Timóteo 5.9, porém, ver comentário sobre esta passagem. Quanto a Romanos 16.1, não há razões plausíveis para provar que a palavra usada no original não tenha seu sentido mais comum, *servo* (corretamente traduzido na A.V. e no texto da A.R.V.), ou *assistente,* alguém que *ministra com amor* (ver C.N.T. sobre João, Vol. I); nesse caso, à causa do evangelho.

Nada pode desconsiderar que, conforme as Escrituras, e particularmente segundo as epístolas de Paulo, as mulheres realizam ministérios importantíssimos na igreja. Também é verdade que o alcance e valor do serviço que podem prestar nem sempre tem sido reconhecido ou plenamente apreciado. Ver comentário sobre 1 Timóteo 5.9. Mas é contrário ao espírito das observações de Paulo acerca da mulher e seu lugar na igreja (ver comentário sobre lTm2.11, 12;ecf. ICo 11.1-16;

] 4.34, 35), e contrário também ao significado do modo em que o apóstolo aqui em l Timóteo 3.11 inclui num parêntese os requisitos para as mulheres que auxiliam, considerar a tarefa delas como um terceiro ofício que deve ser coordenado com o dos bispos e diáconos.

A explicação mais simples do modo como Paulo, sem haver ainda terminado a exposição dos requisitos para o ofício de diácono, interpõe umas poucas observações sobre as mulheres, é que ele considera essas mulheres como *assistentes dos diáconos*, socorrendo os pobres e necessitados, etc. Essas são *mulheres que prestam um serviço auxiliar,* desenvolvendo ministérios para os quais as mulheres se acham melhor adaptadas. Aqui novamente nos referimos a nossa explicação de 1 Timóteo 5.9. Umas poucas palavras simples indicam as qualidades que lhes são necessárias. Diz Paulo: **Semelhantemente, as mulheres [devem ser] honradas, não caluniadoras, temperantes, em tudo dignas de confiança.**

Para *verdadeiramente respeitáveis* ou "honradas", ver comentário sobres os versículos 4 e 8. Para *temperantes* ou *sóbrias,* ver sobre o versículo 2. Também o requisito de "em tudo dignas de confiança", ou plena *confiabilidade* tanto vale para as mulheres quanto para os presbíteros e diáconos (implícito para os últimos dos grupos nos vv. 6 e 10). Portanto, aqui não se faz necessário detalhar novamente estas três virtudes.

Também se pode entender facilmente por que Paulo enfatiza que as mulheres percorrem a igreja realizando ministérios de misericórdia não devem ser caluniadoras. E como se ele dissesse: "Não queremos traficantes de escândalos, por favor!" Os que caluniam imitam o maligno, cujo próprio nome é *cliabolos,* ou seja, caluniador.

Extensa é a lista de mulheres verdadeiramente respeitáveis, temperantes, dignas de confiança, mencionadas nas Escrituras. Entre elas estão, em maior ou menor grau, as duas Déboras (Gn 35.8; Jz 4.4); Joquebede(Hb 11.23), Noemi e Rute (Rt 1.15-18), Ana (1 Sm 1.15, 16; 1.22-2.10), a mãe de Icabode (ISm 4.21), Abigail (contrastada com seu esposo *intemperante,* ISm 25.3, 15, 36), a viúva de Sarepta (lRs 17), a mulher sunamita (2Rs 4.8), Hulda (2Rs 22.14), a rainha Ester (livro de Ester), Isabel (Lc 1.5, 6), Maria mãe de Jesus (Lc 1.46-55; 2.19; At 1.14), Ana (Lc 2.36, 37), Maria e Marta (Lc 10.38-42; Jo 11;

12.1 -8), as mulheres que seguiram Jesus e o serviram, tais como Salomé, tia de Jesus, Maria, esposa de Cleofas, Maria Madalena, Joana (Lc 23.55; 24.1, 10; Jo 19.25), Dorcas (At 9.36-43), Lídia (At 16.14, 15, 40), Priscila (At 18.26), Febe (Rm 16.1), Trifosae Trifena (Rm 16.12) e, finalmente, mas não menos que as demais, Lóide e Eunice (2Tm 1.5). A despeito das debilidades que a Bíblia não oculta, os nomes de Sara (Gn 12.5, e note seu nome na lista dos heróis da fé, Hb 11.11, 12), Rebeca (Gn 24) e Raquel (Gn 29) - e também Lia (Gn 29.35) - deveriam ser adicionados a essa lista. Como era grande o contraste entre *essas* mulheres e algumas das conhecidas por Timóteo (2Tm 3.6, 7)!

Em contraste com essa longa lista de mulheres nobres, a Escritura menciona mulheres *perversas e caluniaáoras*, como a esposa de Potifar (Gn 39.7-33) e Jezabel (lRs 21.5-10).

O que Paulo quer dizer, então, é: "Timóteo, cuide que as assistentes dos diáconos sejam escolhidas com cuidado. Elas devem ser Rutes e Lídias, não 'mulheres tolas' e nem do tipo que lembrem Jezabel."

A enumeração dos requisitos para os diáconos continua e conclui:

(7) Que o diácono seja esposo de uma só esposa, e que administre bem seus filhos e sua própria casa. Ver comentário sobre 1 Timóteo 3.2, 4.

13. O apóstolo prossegue mostrando como sabe que os diáconos *devem* ser tudo isso. Ele está profundamente convencido disso, e não apenas por uma questão de revelação divina direta, mas também pela manifesta recompensa especial por meio da qual agrada a Deus coroar os esforços dos diáconos. O sentido das palavras que imediatamente se seguem é: "Eu sei que isso é verdadeiro, **porque os que têm servido bem adquirem para si uma nobre posição e grande confiança na fé [centrada] em Cristo Jesus."**

Isto é ao mesmo tempo *um incentivo* para os diáconos, de modo que possam trabalhar fielmente. Não é antibíblico falar de tais incentivos. *É* antibíblico não reconhecê-los (Mt 19.29; 2Tm 4.7, 8; Hb 12.2; Ap 2.7, 10, 17, 26-29; 3.5,5, 12, 13,21,22, etc.). Esperar uma recompensa de modo algum é pecaminoso, sempre que alguém tem planos de usar essa recompensa para a glória de Deus e para um serviço ainda maior (se é possível) em seu reino.

É plenamente correto e natural considerar a recompensa que aqui se promete como pertencente *aos diáconos e a seus auxiliares. O* apóstolo esteve falando *deles,* e de ninguém mais, nos versículos 8-12. Além do mais, a conexão é muito estreita, havendo-a introduzido com a palavra "porque". Portanto, não é aceitável dizer que Paulo ainda está pensando *nos bispos,* dos quais se fala no versículo 1, e que os inclui na recompensa prometida aqui. Por certo que esses bispos também recebem um incentivo, a saber: o incentivo baseado no glorioso caráter de sua tarefa (ver v. 1). Podemos ainda avançar mais e admitir que a bênção contida no versículo 13 realmente será desfrutada pelos presbíteros, como também o será pelos diáconos e seus assistentes. E provavelmente devemos aceitar como correta a posição de que o primeiro verbo usado no original aqui no versículo 13 (cf. v. 10) não deve traduzir-se *"têm servido* [bem] *como diáconos*", mas simplesmente *"têm servido* [bem]".[67]

Mas ainda que todas as coisas pudessem ser admitidas sem reserva, segue sendo verdadeiro que nessa passagem o apóstolo, com toda probabilidade, está falando das pessoas mencionadas no contexto imediatamente precedente (vv. 8-12). No versículo 1 assinalou-se o incentivo aos presbíteros: sua *tarefa é* gloriosa. O versículo 13 então acrescenta o incentivo aos diáconos: sua *recompensa* é rica. Que ninguém se deixe desviar pelo fato de que a tarefa dos diáconos é *servir,* e não *governar* (como a dos presbíteros) e comece a pensar levianamente sobre eles e seu ofício. Tenha-se em mente que aqueles diáconos que têm servido bem adquirem para si uma nobre *posição.* A igreja terá deles um alto conceito, porque executaram suas tarefas de uma maneira digna. (De passagem, digamos que a palavra traduzida por *posição* tem como sentido básico *um degrau,* como de uma escada. Posto que essa escada com seus degraus podia ser usada para medir a sombra do sol, ver 2 Reis 20.9-11 na LXX, o significado *degrau* - cf. os "graus" no relógio de sol - não é estranho. Daqui se chega facilmente ao sentido figurado *grau, hierarquia, posição.)*

67. Em lugar algum do Novo Testamento õiaKOvéc.) significa *servir como didcpno.* Significa *servir, ministrar, cuidar das necessidades de alguém* (Mt 20.28; Mc 10.45; Lc 10.40; 22.26, 27: Jo 12.2; 2Tm 1.18; lPe **4.1**1; etc.) ou, *suprir ministrando* (IPe 1.12; 4.10). O mero fato de que Paulo esteve falando de diáconos dificilmente seria suficiente para atribuir ao verbo o sentido técnico que não tem em outros lugares da Escritura.

Além do mais, a própria consciência do fato de que, com o auxílio de Deus, ele fez o melhor que pôde, de modo que não é castigado pela angústia da consciência, dará ao diácono grande *confiança.* Ele não reterá, mas *dirá tuclo* (mxppriaía se deriva de u&ç, *tudo,* e prjoiç, *dizer, falar).* Esta confiança tem referência *àfé* (sentido subjetivo aqui) centrada em Cristo Jesus. É a respeito *dele* que o diácono livre e alegremente testificará.

14 Estou escrevendo-lhe essas coisas, embora eu espere ir vê-lo em breve, 15 mas [as escrevo] a fim de que, se eu tardar, você saiba como conduzir-se na casa de Deus, que é a igreja do Deus vivo, [a] coluna e fundamento da verdade. 16 E, reconhecidamente, grande é o mistério da [nossa] devoção:

Que foi manifestado na carne,
Vindicado pelo Espírito,
Visto por anjos,
Proclamado entre [as] nações,
Crido em e pelo mundo,
Recebido na glória.

3.14-16

14. Paulo agora declara as razões para ministrar essas instruções (2.1-3.13) *por escrito.* Elas são:

(1) Embora eu espere vê-lo logo, temo que demore.

(2) Não obstante, a questão não admite delonga, porque ela tem que ver com a casa *de Deus.*

Estou escrevendo-lhe essas coisas, embora eu espere ir ter com você em breve. Queria ele dizer: "Espero ir ter com você ainda antes do inverno em Nicópolis?" Ver p. 55.

15. mas [as escrevo] a fim de que, se eu tardar, você saiba como conduzir-se na casa de Deus.[68]

68. Condição de terceira classe (que declara o propósito depois de *iva).* A prótese tem *iáv* com primeira pessoa singular, presente ativo subjuntivo de Ppaôúvu (cf. 2Pe 3.9; e ver o adjetivo relacionado, *tardos,* em Lc 24.25). A apódose tem segunda pessoa singular perfeito ativo subjuntivo de olõa.

Literalmente, "...como é necessário na casa de Deus conduzir-se (ávaoTpé<j)Eo8ai, infinitivo presente médio de áirajipécjxj, *ir para cima e para baixo, conduzir-se, portar-se).* Isso pode significar ou "como é necessário que *alguém* se conduza" ou "como é necessário *que você* se conduza". Note o contexto: "escrevo-//ie... ir vê-to em breve... *para que* saiba". Daí o

Timóteo deve saber supervisionar o culto e a eleição de presbíteros. Além do mais, deve lembrar-se de que não lhe é recomendado um negócio particular, mas *a casa de Deus*\ "Casa", aqui, é a tradução correta (no sentido de habitação), e não "família" (ou "casa" no sentido de família), como nos versículos 4, 5 e 12. Os crentes são a *casa* de Deus ou seu *santuário* (1 Co 3.16; 6.19; 2Co 6.16), porque *Deus habita neles.* Daí, Paulo prossegue: **que *é*[w] a igreja do Deus vivo (***não o templo de ídolos mortos.* Cf. C.N.T. sobre ITs 1.9, 10), **a coluna e fundamento da verdade.** Tendo sido chamada "*casa* de Deus", agora notamos que a igreja em seguida é comparada a uma coluna e fundamento. Como a[70] coluna sustém o teto, melhor ainda (note o clímax) como o fundamento sustém toda a superestrutura, assim a igreja sustém a gloriosa verdade do evangelho. Cf. 2 Timóteo 2.19; em seguida, Mateus 16.18. Sustém a verdade por meio de:

Ouvi-la e obedecê-la (Mt 13.9)
Manuseá-la corretamente (2Tm 2.15)
Guardá-la no coração (SI 119.11) e
Proclamá-la como a Palavra da Vida (Fp 2.16).

Ou, se preferir em:

Digeri-la (Ap 10.9). Isso requer estudo e meditação.
Defendê-la (Fp 1.16)
Divulgá-la (Mt 28.18, 20)
Demonstrar seu poder na vida consagrada (Cl 3.12-17).

Cristo é o cerne desse evangelho e de toda nossa devoção. Paulo prossegue:

16. E, reconhecidamente, grande é o mistério de nossa devoção.

Grande é a igreja, porque grande é seu exaltado Cabeça, Jesus Cristo. Que a expressão, "o mistério de nossa devoção", se refere a *Cristo é* evidente à luz do fato de que tudo o que se segue no versículo 16 se refere a ele. E ele que é grande, e isso *reconhecidamente,* ou seja, as-

nalural aqui parece ser: "como é necessário que *você* se conduz.a" (como conduzir-se).

(>y. TYRIÇ (atraído para o gênero de ÔKKÀRIOÍA) ÉOTLV "porque é" ou "sendo ela".

70. A omissão do artigo não faz que os substantivos "coluna" e "fundamento" sejam indefinidos, mas enfatiza sua força qualitativa: a igreja c nada menos que *coluna* da verdade; melhor ainda, é o próprio *fundamento* da verdade.

sim reconhecido pela igreja em seu testemunho diário, sua pregação e, como aqui, seus hinos.

"O mistério de nossa devoção" é "o mistério de nossa fé" (v. 9), significando que ele pertence à nossa fé, ã nossa devoção. É pela fé que o abraçamos. É por meio de nossa devoção que o glorificamos. A palavra usada no original (eôaépeia - aç) ocorre aqui num sentido ligeiramente diferente de *piedade* ou *santidade,* quando esta é considerada como uma *qualidade* ou *condição* da alma. Ela é usada aqui num sentido mais ativo. É *piedade em ação* ("piedade operativa", M.M., p. 265), *viver piedosamente* (como em 4.7) a *devoção* consciente de nossa vida a Deus em Cristo, o temor de Deus (cf. o alemão *Gottesfurcht* e o holandês *godsvrucht).*

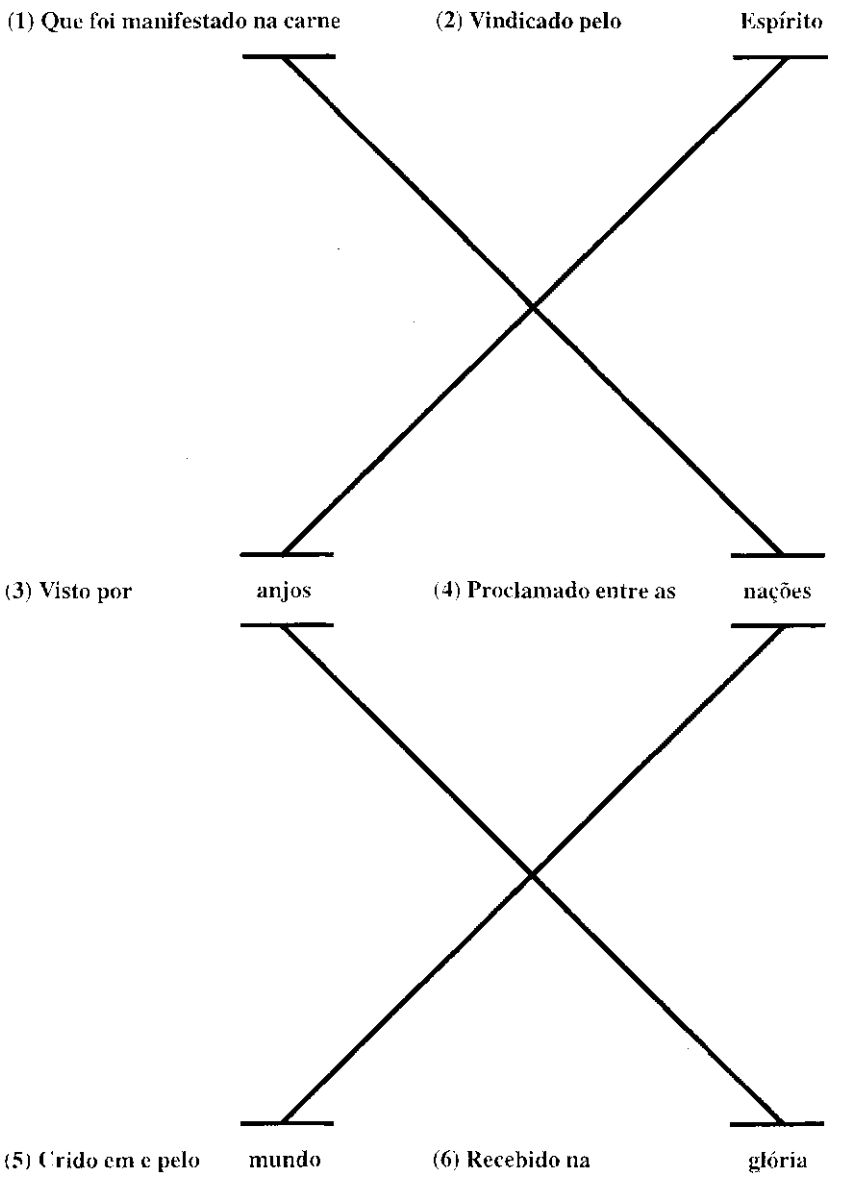
Cristo é chamado *o mistério* de nossa devoção, não só porque se não nos fora revelado, não o teríamos conhecido (sendo um "mistério" "um segredo revelado"), mas também porque ele transcende nossa compreensão (Ef 3.18, 19). Quanto mais o conhecermos, mais seremos capazes de discernir o caráter misterioso, insondável, de seu amor e de todos seus atributos.

E exatamente esta *grandeza incomensurável de Cristo* que constitui o tema do hino do qual Paulo agora cita seis linhas. Esse tema era familiar na igreja primitiva, como o demonstram passagens como as seguintes: Atos 2.22-36; 4.11, 12; 10.38-43; 13.26.41; Romanos 8.31-39; 1 Coríntios 1.30; 15.1-20, 56, 57;Efésios 1.20-23; Filipenses 2.5-11; Colossenses 1.12-20; 2 Tessalonicenses 1.7, 8; 2.8; Tito 2.13; Hebreus 1.1-4; 7.23-8.2; 9.24-28; 10.5-25; 12.1-3; Ap 5.6-14; 12.10-12; 19.6-8.

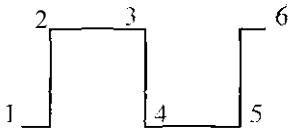
Dependente de um antecedente tal como *Logos* (Verbo) ou *Cristo,* ou *Theos* (Deus),[71] o hino prossegue: "quem" ou "aquele que" (oç) se manifestou na carne, etc.

71. Não obstante, a interpretação 0eóç aqui em 1 Timóteo 3.16 é considerada por muitos como sendo de pouco apoio. E defendida por E. F. Hills, *The King James Version Defended,* Des Moines, lowa, 1956, pp. 59, 60. A interpretação ocidental o cm vez de oçe provavelmente o resultado da tentativa de algum escriba de fazer com que o relativo concorde com o gênero, de puatfip tov. O relativo, porém, concorda com qualquer antecedente *no hino do qual* foi feita a citação.

As Seis Linhas em Seu Arranjo Quiásmico



O movimento do pensamento é:



Da (1) esfera inferior (a carne) para a (2) esfera superior (o Espírito). E

(3) esfera superior (os anjos) para a (4) esfera inferior (nações). E

da (5) esfera inferior (o mundo) para a (6) esfera superior (glória)

Ao traçar linhas conectivas entre as palavras que indicam realidades que pertencem à mesma esfera, unem-se as palavras *carne, nações* e *mundo*; o mesmo ocorre com *Espírito, anjos* e *glória.* Veja essas linhas na página anterior. Assim a [letra] X - que é a vigésima segunda letra do alfabeto grego e que se chama *chi,* - é traçada duas vezes. Portanto, podemos dizer que as seis linhas são arranjadas *chi*-asmicamente.

As seis linhas desse *Hino de Adoração a Cristo* começam com uma linha acerca do *nascimento humilde de Cristo* e termina com uma referência a *sua gloriosa ascensão.* É evidente que, se num hino tal de humilhação à exaltação o movimento do pensamento quiásmico deve ser retido, não pode haver menos de seis linhas.

Os contrastes são claramente delineados:

Carne fraca (linha 1) contrastada com *Espírito que comunica força* (linha 2)

Anjos celestiais (linha 3) em contraste com *nações terrenas* (linha 4)

Mundo inferior (linha 5) em contraste com *glória acima* (linha 6).

Aliás, a beleza de tudo isso consiste em que, embora o hino apresente tais contrastes regionais, o pensamento que a tudo permeia é de *glória* e *adoração.* Certamente, a palavra *carne,* na linha 1, indica a humilhação de Cristo; mas a expressão "*manifestado* na carne" ("vê-se a Deidade velada na carne") aponta para sua natureza exaltada, gloriosa. Sua glória também é também assinalada pelas expressões "vindicado pelo Espírito", "visto [com adoração] por anjos", "proclamado [com alegria] entre as nações", "crido [para a salvação] pelo mundo" e "recebido [para exaltação] na glória". Daí, o que temos nessas seis linhas não é paralelismo antitético (no sentido em que o termo é normalmente empregado), mas *paralelismo quiásmico, cumulativo.*

As Seis Linhas Consideradas Separadamente:

(1) "Que foi manifestado na carne."[72]

Na natureza humana, debilitada pela maldição, entrou Cristo, o filho de Deus. Ele foi enviado por Deus (G1 4.4); daí, nascido de uma virgem. O fato de que alguém tão glorioso em sua preexistência estivesse disposto a adotar a natureza humana nessa condição carregada de maldição, debilitada, foi uma manifestação de amor infinito, condescendente. Cf. João 1.1-14; 2 Coríntios 8.9; Filipenses 2.5-11. Daí, **esse** auto-ocultamento voluntário foi ao mesmo tempo uma auto-revelação. Desde o início dessa vinda na *carne,* esse auto-ocultamento e essa auto-revelação caminharam lado a lado em relação a esse "mistério de nossa devoção". Quanto ao sentido de "carne", ver C.N.T. sobre João 1.14; e quanto ao significado de "foi manifestado", ver C.N.T. sobre João 21.1, nota 294.

(2) "Vindicado pelo Espírito."

Nem todos viram sua glória. Foi "desprezado e rejeitado entre os homens" (Is 53.3). Seus inimigos negaram suas reivindicações, e ele próprio foi lançado fora (Hb 13.12). Mas foi vindicado pelo Espírito:

/.'.. Os seis verbos são todos terceira pessoa singular passivo, *aoristos.* O uso desse tempo indica que cada uma das seis ações é considerada como algo completo, sem importar o rlcincnto estrito de tempo. Assim, embora a declaração "que foi manifestado na carne" indique não só o *nascimento* de Cristo, mas todo o período de sua peregrinação terrena, desde o nascimento até seu sepultamento, toda essa manifestação na carne é considerada romo *um fato único.* O mesmo vale para os outros cinco verbos.

sua justiça perfeita e a validade de suas reivindicações foram plenamente estabelecidas.

A A.V. e a R.S.V. estão plenamente corretas em grafar Espírito com letra maiúscula, como uma referência ao Espírito Santo. A combinação "carne" e "Espírito" conta com o endosso bíblico. Note: "E a Palavra se fez *carne* e habitou entre nós como numa tenda. E vimos sua glória, uma glória como do unigênito do Pai, cheio de graça e verdade ...E João testificou, dizendo: Vi *o Espírito* como uma pomba descendo do céu, e repousou sobre ele" (Jo 1.14, 32; cf. 3.34). Tendo sido assim ungido pelo Espírito Santo (SI 2.2; 45.7; Mt 3.16; Mc 1.10; Lc 3.22; At 4.27; 10.38), ele foi capacitado, enquanto na "carne" (a natureza humana enfraquecida), para realizar milagres, expulsar demônios etc. (Mt 12.28). *Sua justiça* foi estabelecida mediante todos os atos de poder, pois seguramente o Espírito Santo não teria dado esse poder a um pecador (Jo 9.31). Mas foi especialmente pela sua *ressurreição dentre os mortos* que o Espírito vindicou *plenamente* a reivindicação de Jesus de que ele era o Filho de Deus (Rm 1.4).

(3) "Visto por anjos."

A grandeza de Cristo *em sua ressurreição* se destaca na pregação apostólica em seus primórdios. A ressurreição era sua vindicação plena. Foi também em conexão com essa ressurreição que ele foi "visto por anjos" (Mt 28.2-7; Mc 16.5-8; Lc 24.4-7; Jo 20.12, 13). Por certo que os anjos demonstraram interesse em seu nascimento (Lc 2.9-14) e em seu triunfo sobre Satanás quando o tentou no deserto (Mt 4.11). Além do mais, os anjos falaram aos discípulos depois de sua ascensão (At 1.10, 11). Os anjos lhe deram as boas-vindas ao voltar para o céu (Ap 12.12). Estavam e estão intensamente interessados em todo o programa de redenção (1Pe 1.12). Mas ainda que não seja necessário excluir nenhum desses grandes acontecimentos do sentido da linha "visto por anjos", é clara como a luz do dia a referência à *ressurreição* gloriosa de Cristo, fato redentor que era proeminente na consciência da igreja primitiva.[73]Enquanto os olhos dos *homens* - e também das

73. Daí eu não concordar aqui com os intérpretes que vêem pouca ou nenhuma referência às atividades angélicas em torno da *ressurreição*; por exemplo, C. Bouma, *Kommentaar op het Nieuwe Testament* (Timóteo e Tito), pp. 149, 150. Lenski certamente tem razão quando diz em referência a esta linha: "Verdadeiramente os anjos o viram redivivo", *op. cit.,* p. 614.

mulheres! - estavam empanados pelo nevoeiro da "pequena fé", e em certo sentido pela falta de fé (Mc 16.11, 13, 14; Lc 24.10, 11; Jo 20.8, 9, 15, 24, 25), os *anjos* viram-no claramente. Reconheceram-no como seu glorioso Senhor.

(4) "Proclamado entre as nações."

Foi *o Cristo redivivo* que, *antes de sua ascensão,* anunciou a Grande Comissão: "Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações" (ver Mt 28.18-20: A Grande Reivindicação, A Grande Comissão, A Grande Presença). Assim, aquele que não foi estimado, o desprezado (Is 53.3), começou a ser *proclamado* universalmente (ver sobre 2Tm 4.2) como o Salvador do mundo. Embora isto tenha acontecido durante *o Pentecoste e depois dele, a "grande comissão "foi anunciada antes da ascensão!*

(5) "Crido no mundo e pelo mundo."

Naturalmente, esse foi o resultado direto do mandato dado antes da ascensão. Homens de toda tribo e nação começaram a adorá-lo como seu Senhor e Salvador, como fora predito (Sl 72.8-11,17; 87; cf. Gn 12.3; Am 9.11, 12; Mq4.12).

(6) "Recebido na glória."

Tendo sido manifestado na carne, vindicado pelo Espírito, visto por anjos e havendo dado a ordem que deu como resultado da proclamação de seu nome entre as nações e o ajuntamento de uma superco-Iheita espiritual do mundo, "foi recebido na glória". Este é o mesmo verbo usado em Marcos 16.10 e em Atos 1.2. Lucas 24.51 diz: "ia se retirando deles"; e em Atos 1.9: "foi elevado". Quando mal se haviam apagado os ecos das vozes dos homens que gritavam: "Crucifique-o! Crucifique-o!", os céus abriram seus portões e, ao receber de regresso seu Rei vitorioso, ressoaram com os ecos de hinos de júbilo, entoados dez milhares vezes dez milhares e milhares de milhares: "Digno é o Cordeiro". Certamente ele foi recebido na *glória.*

Quão imensa é a igreja que possui tal Cabeça excelso! Que Timóteo tenha isto em mente, e que continue em sua tarefa de supervisão.

Síntese do Capítulo 3

Ver o esboço no início do capítulo.

Temos aqui uma lista de requisitos para o ofício; também uma declaração acerca do caráter glorioso de tal obra e a recompensa que a coroa. Declaram-se os requisitos para os presbíteros e diáconos (e em relação aos últimos, das auxiliadoras dos diáconos). A ênfase recai sobre as qualidades, como confiabilidade, dignidade, sobriedade, disposição de ajudar, relações adequadas com a família e, até certo ponto, a experiência cristã.

As listas revelam dois fatos:

De um lado, os requisitos para o ofício são suficientemente sublimes, a tal ponto que são excluídas as pessoas que tenham defeitos morais notórios, e de fato são excluídas de qualquer posição que requeira considerável responsabilidade na igreja.

Não obstante, em contrapartida, esses requisitos são suficientemente baixos para que qualquer membro que tenha uma boa posição e uma merecida reputação possa optar pelo ofício. Não se exigem impecabilidade, riquezas materiais nem os triunfos excepcionalmente culturais.

Conseqüentemente, um grupo de convertidos que demonstre uma manifesta falta de qualidades das supramencionadas, não está ainda em condições de ser organizado como uma igreja.

Ao declarar suas razões para transmitir *por escrito* estas listas, Paulo cita um belo hino de adoração a Cristo, que confessa a glória do mesmo a partir de sua encarnação até sua coroação. Temos assim uma evidência da existência de *um princípio* de hinódia durante esse período inicial. Quanto ao tema do canto de salmos e de hinos nos dias apostólicos, ver também Atos 16.25; 1 Coríntios 14.26; Efésios 5.19; e Colossenses 3.16. E não esquecer o Saltério do Antigo Testamento com seus muitos clamores implorando por resgate, cânticos que comemoram libertação e hinos de ações de graças.

ESBOÇO DO CAPÍTULO 4

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Timóteo, Ministra Diretrizes para a Administração da Igreja*

Diretrizes com Respeito à Apostasia

4.1-5 A. Descrição dessa apostasia e prova de sua sinistra natureza.

4.6-16 B. Como Timóteo deve lidar com ela:

1. Nutrindo-se com as palavras de fé e preparando-se para a vida de piedade;
2. Rejeitando os mitos profanos e de velhas caducas;
3. Prosseguindo resolutamente na exortação e no ensino positivos, baseados na Palavra.

CAPÍTULO 4

– < $ > –

1 TIMÓTEO 4.1

4 1 Mas o Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns se apartarão da fé por dar ouvidos a espíritos sedutores e a doutrinas de demônios, 2 [incorporados] em [as] declarações hipócritas dos que falam mentiras, cuja própria consciência é cauterizada, 3 proibindo [as pessoas] de se casarem, e [impondo-lhes] a abstenção de alimentos que Deus criou, a fim de que os que crêem e reconhecem a verdade participem deles com ações de graças. 4 Pois tudo o que Deus criou é bom, e nada deve ser descartado, se for recebido com ações de graças; 5 porque é consagrado pela palavra de Deus e pela oração.

Ainda que a igreja seja tão gloriosa, refletindo a glória de seu precioso Senhor e Salvador (lTm 3.15, 16), a apostasia está sempre à mão, porque nem todos os que pertencem exteriormente à igreja lhe pertencem interiormente.

O presente capítulo trata dessa apostasia.

4.1-5

1. Mas o Espírito diz expressamente que nos últimos tempos alguns se apartarão da fé.

"O Espírito diz", ou seja, "está agora dizendo". A quem estava o Espírito falando? Atos 20.29, 30 me leva a pensar que o apóstolo quer dizer "a mim mesmo" (talvez também a outros). O Espírito, pois, está dizendo que "nos últimos tempos" - eras desta nova dispensação, eras definidamente assinaladas na presciência de Deus - alguns *se apartarão* ou *apostatarão da fé* (sentido objetivo), o corpo de verdade redentora, a religião cristã.

O Espírito estava dizendo isso *expressamente* ("em termos claros"). Não havia dúvidas nem imprecisão a respeito. Doze anos antes, falan-

do aos presbíteros das igrejas da mesma região em que Timóteo estava agora trabalhando, Paulo lhes havia dito: "Eu sei que depois de minha partida lobos vorazes entrarão no meio de vocês, não poupando o rebanho. E dentre vocês mesmos se levantarão homens falando coisas que não são corretas, com o fim de arrastar os discípulos após eles." Uns poucos anos depois deste discurso registrado em Atos 20, ao escrever aos Colossenses de sua primeira prisão romana, o apóstolo os advertira contra a aceitação do erro de que a fé em Cristo e sua obra expiatória linha de ser suplementada por crenças ascéticas e práticas correspondentes (Cl 2). E agora, ao escrever a Timóteo da Macedônia, o Espírito Santo o informa claramente que o erro, já presente em sua forma incipiente, *crescerá e se expandirá* na forma indicada no versículo 3.

Os homens se apartarão da fé **dando ouvidos a espíritos sedutores e a doutrinas de demônios.** Como o contexto o indica (e ver também 1 Jo 4.6, onde "o espírito de sedução" é contrastado com "o espírito da verdade"), esses *espíritos* não são homens, mas *demônios.* Como *planetas errantes* entre as constelações, esses espíritos vagueiam; além do mais, *eles fazem os homens também errantes. Seduzem, desencaminham.* Quando alguém lhes dá ouvidos, está dando ouvidos a *doutrinas de demônios* (cf. 2Co 4.4; Ap 13.11, 14).

2. Tais doutrinas são **[incorporadas] em [as] declarações hipócritas** (literalmente, *com hipocrisia*) **de quem fala mentiras.** Assim como Satanás fez uso de uma serpente para enganar Eva, e isso por meio de uma *declaração hipócrita* (Gn 3.1-5: estava escondendo seu verdadeiro objetivo; porque enquanto pretendia elevar Eva a um nível superior de glória, para que pudesse ser "como Deus", seu verdadeiro propósito era destronar Deus e tomar ele mesmo o trono para si), assim esses espíritos sedutores ou demônios fazem uso de *homens que falam mentiras,* e que falam piedosa e fluentemente com o fim de esconder na própria arrogância ou imoralidade.

Tais hipócritas são julgados como **tendo a consciência cauterizada** (literalmente, "*que estão cauterizados no tocante a sua própria consciência*"). Ao argumentar constantemente com a consciência, ao rejeitar suas advertências, e ao abafar o som de sua campainha, por fim < lirgoLi ao ponto em que a consciência já não o molesta mais. Por ter *entristecido* o Espírito Santo, foi levado a *resistir-lhe-,* e, resistindo-

lhe, *o apagou.* Então, mediante sua própria rebelião e obstinação, a consciência se tornará *caut.eriz.ada* (e isso será permanentemente). Cria calosidade. Um bom exemplo é Balaão (Nm 22.12, 19, 21, 22, 32; 25.1-3; 2Pe 2.15; Ap 2.14).

3. Seu ensino é - ou será - tão nocivo como seu caráter: **proibindo [as pessoas] de se casarem, e [impondo-lhes] a abstenção de alimentos.**

Princípios produzem frutos. Os falsos mestres aqui mencionados, provavelmente aceitam como um de seus pontos de partida a tese: Tudo o que é físico ou sensual contamina. Não é difícil ver a forma em que este princípio fez com que, ao longo do tempo, os seguidores do erro desaprovassem *o matrimônio.* Também *os alimentos* seriam condenados, embora, naturalmente, não de forma absoluta. O jejum seria enaltecido.

Um cumprimento prematuro da profecia entrou em cena no século 2°. Não é difícil entender como os escrúpulos ritualísticos judaicos, já em evidência nas adjacências de Colossos e outros lugares (ver Cl 2 e cf. Rm 14), fizeram aliança com a filosofia dualista pagã. Tinham em comum o *ascetismo,* a renúncia às comodidades da vida com vistas a atingir a felicidade e a perfeição.

A seita sincrética do século 2.° (ver pp. 30-31), na qual a pi'ofecia se cumpriu em parte, era o *gnosticismo,* o qual elevava a *gnosis,* ou seja, o *conhecimento,* a uma posição de proeminência acima da *pistis,* ou seja, a *fé.* Segundo esse mesmo sistema, o bom Deus - o Deus da nova dispensação - não poderia ter criado o mundo, porque o mundo é material, e a matéria é a sede do mal. Foi o Jeová do Antigo Testamento, o Demiurgo, quem criou o mundo, o corpo humano, a matéria. Esses são nossos inimigos. Devem ser derrotados. Daí, todos os gnósticos favoreciam "o abuso da carne". Mas tal abuso da carne pode ser expresso em dois imperativos diametralmente opostos: a. "afaste-se dela"; b. "vença-a entregando-se a ela". A primeira era defendida pelos *gnósticos ascetas,* entres os quais Marcião, Saturnino e Taciano (ver Tertuliano, *Against Marcion,* I. xxix; Irineu, *Against Heresies,* I. xxviii); a segunda forma era a dos *gnósticos antinomianos* ou *licenciosos,* tais como os nicolaítas. Aqui em 1 Timóteo 4, o apóstolo Paulo prediz e ao mesmo tempo adverte contra a heresia dos primeiros. O

apóstolo João (1 Jo 3.4-10; Ap 2.15, 20, 24), o apóstolo Pedro (2Pe 2.12-19) e Judas (vv. 4, 8, 11 e 19) combatem a segunda. Contudo as duas nunca estão muito longe uma da outra. Paulo de fato combate as *duas variedades*, porque temos não só essas declarações aqui em 1 Timóteo 4, mas também a de 2 Timóteo 3.1-9. (Para a aplicação cerintiana da tese básica do gnosticismo, ver C.N.T. sobre João, Vol. I.)

Mas esse é apenas *um* cumprimento. Outros se seguem; pois ainda que em suas formas antigas o gnosticismo já se foi, seu espírito tem estado em evidência repetidas vezes através dos séculos. Também em nossos dias, sempre que o Antigo Testamento não é encarado com seriedade, sempre que a razão humana é exaltada acima da fé cristã, sempre que se rejeite a tese: "O pecado é real e é, em sua essência, rebelião contra Deus", ou sempre que se proclame a capacidade do homem de salvar-se a si mesmo (que é a negação de Cristo como o único e perfeito Salvador), o espectro do gnosticismo se faz sentir novamente.

O gnosticismo despreza as ordenanças de Deus, por exemplo, a do matrimônio (Gn 2.24) e a ordenança concernente aos alimentos (Gn 1.29, 30; e especialmente Gn 9.3). Esses seguidores do erro, cujo surgimento Paulo em certa medida *anuncia,* mas ainda mais *prediz,* ordena aos homens que se abstenham dos alimentos **que Deus criou para que, os que crêem e reconhecem a verdade, possam participar deles com ações de graças** (literalmente, *que Deus criou para participar deles com ações de graças pelos que crêem e reconhecem a verdade).*

Estas palavras se referem aos *alimentos,* não ao *matrimônio.* Naturalmente, por implicação elas se aplicam a ambos; *diretamente,* porém, só aos alimentos. O apóstolo tem expressado seu ponto de vista favorável ao *matrimônio* e à *família* em passagens tais como 1 Timóteo 2.15; 3.2, 4, 12. Com respeito aos alimentos, pois, note que Deus - o único Deus verdadeiro, que é o mesmo em ambas as dispensações - os criou. Daí não poderem ser nocivos nem contaminantes. E os criou com um propósito definido, a saber: "para a participação com ações de graças" (ICo 10.31), de modo que o círculo se complete, e o que veio de Deus possa, em forma de gratidão, ser-lhe devolvido. Mas o homem *natural* não pode derramar seu coração em gratidão a Deus. Daí Paulo acrescentar: "os que crêem e reconhecem a verdade." A deleitosa aceitação da verdade conduz, não ao ascetismo, mas à participação com

ações de graças. Este pensamento recebe uma ênfase maior quando Paulo prossegue:

4. Pois tudo o que Deus criou é excelente, e nada deve ser descartado, caso seja recebido com ações de graças. Esta oração confirma a passagem precedente. Os alimentos que foram criados para o consumo com ações de graças são excelentes. Aliás, *toda* criatura de Deus é excelente: "E viu Deus tudo quanto havia feito, e eis que era muito bom" (Gn 1.31). Nada é para ser desprezado, como se fosse mau ou como se fosse a sede do mal. Ultimamente a ciência está começando a descobrir que o que se considerava sem valor para o homem pode provar ser a fonte de grande bênção; aliás, pode vir a ser a solução do problema alimentar de futuras gerações; pense, por exemplo, em "alimento vegetal do oceano".

Toda criatura de Deus é excelente:

(a) Pela própria razão de Deus a ter *criado*

e

(b) Porque ele também a *consagrou.*

Daí, Paulo continua:

5. **Porque é consagrado pela palavra de Deus e pela oração.** Por intermédio da *bênção* divina, e por intermédio de nossa *oração confiante,* tem sido *consagrado* (cf. 2Tm 2.21), ou seja, separado para uso santo, transportado para a esfera espiritual. Para o cristão, comer e beber não são atividades seculares (ICo 10.31). Quando, antes de participar do alimento, ele pronuncia sua petição e ação de graças, *Deus* ao mesmo tempo pronuncia sua palavra de bênção (cf. Dt 8.3). Ele se lembra do pacto da graça (SI 11.5).

6 Submetendo essas questões aos irmãos, você será um excelente ministro de Cristo Jesus, nutrido com as palavras da fé e da doutrina excelente que você vem seguindo. 7 Rejeite, porém, os mitos profanos e de velhas senis. Exercitc-se para o viver piedoso. 8 Porque, ernbora o exercício físico seja de *algum* benefício, esse viver piedoso é *de todas as formas* benéfico, visto que tem a promessa da vida, tanto a presente quanto a futura. 9 Confiável é essa afirmação e digna de plena aceitação. 10 Porque para esse fim é que labutamos e nos esforçamos, visto que temos posto nossa esperança no Deus vivo, que é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem.

11 Ordene essas coisas e ensine[-as], 12 Que ninguém despreze sua juventu-

de, porém torne-se o modelo dos crentes na linguagem, na conduta, no amor, na fé, na pureza. 13 Até eu chegar, aplique-se à leitura [pública da Escritura], à exortação e ao ensino. 14 Não negligencie o dom que está em você, que lhe foi concedido por meio de declaração profética com a imposição das mãos do presbitério. 15 Que essas coisas sejam sua preocupação constante. 16 Atente bem para sua própria vida e para o ensino, persevere neles, pois fazendo assim você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem.

4.6-16

6. Submetendo essas coisas aos irmãos, você será um excelente ministro de Cristo Jesus.

O dever de Timóteo é advertir os irmãos do perigo por vir. Ele deve realçar qual será o produto de determinados erros que em sua forma inicial ainda agora estavam se manifestando, mas que, quanto a seu desenvolvimento, ainda pertenciam ao futuro. Ele deve deixar bem evidente para os líderes e para o povo de Éfeso e suas adjacências o que o Espírito revelara claramente quanto à natureza da falsidade que se aproximava e quanto à forma de combatê-la. Daí, a expressão "essas questões" se refere às coisas mencionadas nos versículos 1 a 5. Timóteo deve *submeter* essas coisas aos irmãos, ou seja, deve *colocar* um sólido fundamento *sob* seus pés (note o verbo îTTOTL0r|ii somente aqui e em Rm 16.5).

O apóstolo escreve que essas coisas devem ser submetidas a "os irmãos" (cf. 5.1; 6.2; 2Tm 4.21). Paulo gosta de usar esse termo (ver *(\N.T.* sobre lTs 1.4). Embora ele não receie asseverar sua *autoridade* como apóstolo de Jesus Cristo, não obstante ele põe a ênfase sobre o *amor.* Os crentes na comunidade de Éfeso são *irmãos,* membros da família espiritual de Paulo (e de Deus!). *Paulo* os ama. *Deus* os ama.

Ora, submetendo estas coisas aos irmãos, Timóteo provará ser "um excelente *ministro* de Cristo Jesus". O original usa para "ministro" o lermo "diakonos", do qual derivamos a palavra "diácono". Em 1 Timóteo 3.8, 12, seu significado é "diácono". Em 1 Timóteo 1.12, porém, a palavra estreitamente correlata, "diakonia", não significa *diaconato,* mas *ministro,* e é provável que o verbo correlato, sempre que é usado no Novo Testamento (ver sobre 1 Tm 3.13), não significa "a função de diácono", mas a de "ministro", ou "suprir ministrando". "Um ministro excelente" é alguém que, com amorável devoção à sua tarefa,

ao seu povo e, acima de tudo, ao seu Deus, adverte contra a apostasia da verdade, e mostra como se deve tratar o erro. Tal homem realmente representa (e pertence a) Cristo Jesus. "Cumprindo seu dever, você, Timóteo", diz Paulo, se adequará a este padrão, sendo **nutrido nas palavras da fé e da doutrina excelente que vem seguindo.**

"As palavras" são as que incorporam "a fé" e "o ensino excelente" da igreja, a verdadeira doutrina cristã. O apóstolo poderia estar pensando em certos sumários de doutrina que (talvez na forma de "confissões confiáveis" correntes e outras formulações fixas de verdades) poderiam ser considerados boa nutrição espiritual. Timóteo tinha e ainda continuava seguindo essa doutrina ou ensino excelente. Se ele quiser *continuar sendo um* ministro qualificado de Jesus Cristo, *então deve* ser *constantemente nutrido* por (ou "em") esse tipo de alimento. Um ministro que negligencia o estudo de sua Bíblia, e a doutrina baseada nela, *atrofia* seus poderes pelo desuso.

7a. Timóteo deve nutrir-se. Naturalmente que deve usar os alimentos *apropriados.* Não deve alimentar-se de refugos. E assim Paulo prossegue: **Rejeite, porém, os mitos profanos e de velhas senis.** Note que o apóstolo definitivamente continua dizendo a Timóteo o que ele deve fazer para ser um ministro excelente. As expressões: "nutrido nas palavras da fé", "mitos profanos e de velhas senis", "exercite-se para o viver piedoso" se enfeixam. Praticar um e descartar o outro é, indubitavelmente, contraditório. Daí, a tradução "porém" (para δέ), no início do versículo 7, se ajusta excelentemente.[74]

Os mitos profanos e de velhas senis que o apóstolo ordena a Timóteo descartar são os "mitos e genealogias infindáveis" mencionados em 1 Timóteo 1.4. Em contraste com a heresia contra a qual Paulo

74. Aqui concordo com as versões inglesas A.V. e A.R.V. e com muitas outras versões e comentaristas. Não posso seguir o raciocínio de Lenski na p. 629 de seu comentário. Os versículos 6 e 7 traçam um nítido contraste. O versículo 6 implica: "Continue a ser nutrido nas palavras da fé." O versículo 8 afirma: "Rejeite, porém, os mitos profanos e de velhas caducas." Paulo não está meramente dizendo a Timóteo como enfrentar esses mitos, mas também está, ao mesmo tempo, aconselhando seu jovem colega sobre o que fazer em prol de seu próprio progresso espiritual e profissional, a fim de se tornar um ministro de Cristo Jesus cada vez mais útil. Esta interpretação se harmoniza maravilhosamente com o que se segue diretamente no versículo 8, com respeito ao treinamento para o viver piedoso *versus* treinamento físico.

adverte a Timóteo na seção que acabamos de discutir (1Tm 4.1-5), heresia essa que tinha ampla referência, ainda que não exclusivamente, *ao futuro,* essas friteis anedotas judaicas por meio das quais os mestres do erro tentavam embelezar a lei, faziam parte *do presente.* Timóteo deve recusar-se a deixar-se aborrecer por elas (cf. 2Tm 2.23). Ele deve "ficar isento". Esses mitos eram *profanos,* próprios para serem pisoteados sob a planta dos pés (ver sobre 1Tm 1.9). Não passam de sandice, e pertencem à categoria de superstições disparatadas que *velhas senis* costumam esforçar-se por imprimir em seus vizinhos ou em seus netos.

7b, 8. Dando seguimento ao seu conselho com respeito ao progresso espiritual de Timóteo e os meios que ele deve usar para tal fim, Paulo diz:

Exercite-se para o viver piedoso. Porque, ainda que o exercício físico seja de *algum* benefício, esse viver piedoso é *de todas as formas* benéfico.

A figura que serve de lastro à passagem é, naturalmente, a do *ginásio* grego (ou sua imitação popular), que compreendia pistas de corrida, de luta, etc. Era um lugar onde os jovens *se despiam* com o fim de promover a graça e o vigor do corpo por meio de treinamento físico. Timóteo, pois, é considerado um *praticante de ginástica.* Mas, em conformidade com o contexto precedente, que o recomenda a nutrir-se com as palavras da fé e a rejeitar os mitos profanos para poder ser (e prosseguir sendo) "um excelente ministro de Cristo Jesus", ele recebe ordem de exercitar-se com vistas à *piedade* ou ao *viver santo.* O exercício para o qual ele é exortado a praticar é de caráter *espiritual.*

Por conseguinte, o que Paulo tinha em mente teria incluído *uma* ou *mais* das seguintes comparações:

(a) Justamente como um jovem treina num ginásio o máximo que pode, assim você também, pela graça e poder de Deus, não deve poupar esforços para alcançar o alvo.

(b) Justamente como um jovem se desvencilha de todo e qualquer obstáculo ou peso para exercitar-se mais livremente, assim também você deve desvencilhar-se de tudo quanto prejudique seu progresso espiritual.

(c) Justamente como um jovem tem seus olhos postos num alvo -

talvez o de exibir habilidade superior no arremesso do disco, ou o de vencer a luta ou a pugna no boxe no ginásio, o de ser o primeiro a alcançar o poste que assinalava o lugar da vitória na pista de corrida, ou, pelo menos, o de melhor o físico -, assim você deve apontar constantemente para seu objetivo espiritual, a saber, o da plena dedicação pessoal a Deus em Cristo.

Não surpreende de forma alguma que o apóstolo, com a figura do ginásio ou seus substitutos menos pretensiosos em seus pensamentos, agora estabeleça uma comparação entre o valor do *exercício físico* (literalmente, "ginástica corporal") e o *exercício para a vida piedosa.* Ele afirma que o primeiro é de *algum proveito.* E útil para algo. Não obstante, o segundo é *em todos os sentidos* benéfico. É útil para todas as coisas. Ele de modo algum menospreza o valor do exercício físico. Ele está dizendo duas coisas: a. que a bênção que procede do exercício físico, por maior que seja, é definitivamente inferior à recompensa que a vida piedosa promete. O primeiro, no melhor dos casos, promove a saúde, o vigor, a beleza física. Estas coisas são maravilhosas e devem ser apreciadas. O segundo, porém, promove a vida eterna; b. que a esfera em que o exercício físico é de proveito é muito mais restrita do que aquela em que a vida eterna concede sua recompensa. O primeiro tem que ver com o aqui e agora. O segundo, com o aqui e agora, mas também atinge o além.

Por certo que isto é o que ele tem em mente, como o demonstra claramente o que se segue ao versículo 8 depois das palavras "o viver piedoso é em todos os sentidos benéfico", a saber: **visto que tem a promessa da vida, tanto para o presente quanto para o futuro.**

A essência e o conteúdo da promessa é *vida,* comunhão com Deus em Cristo, o amor de Deus derramado no coração, a paz que excede a todo o entendimento (ver também C.N.T. sobre João, Vol., I). A devoção plena, a piedade ou o viver santo, fruto inerente da graça de Deus, resultam na crescente *posse* ou *desfruto* dessa recompensa, em conformidade com o ensino das Escrituras em sua totalidade (Dt 4.29; 28.1-3,9, 10; ISm 15.22; SI 1.1-3; 24.3-6; 103.17, 18; Uo 1.6, 7; 2.24, 25; Ap 2.10, 17; 3.5, 12, 21).

Deus prometeu isso, e ele sempre cumpre sua promessa. E essa *vida* que Deus concede e que ultrapassa a todas as demais bênçãos em

valor é tanto para o presente quanto para o futuro, para a *presente* era e para a *vindoura.* Ela jamais poderá cessar.

A explicação de 1 Timóteo 4.7b e 8 que tenho dado se afasta em alguns pontos daquela favorecida por outros. Ver nota de rodapé.[75]

9. Em contraste com o valor amplamente proclamado do exercício físico, a igreja confessava sua fé no valor infinitamente superior do exercício *espiritual.* Daí que, em referência à importante declaração que acabamos de estudar - "ainda que o exercício físico seja de *algum* benefício, o viver piedoso é, *em todos os aspectos,* mais benéfico, já que ele tem a promessa de vida tanto para o presente quanto para o futuro" - os crentes viveram constantemente afirmando: **Confiável** é **essa afirmação e digna de plena aceitação** (ver sobre **1** Tm **í**. 15, onde ocorre exatamente a mesma fórmula).

10. Do que Paulo e bem assim Timóteo estão deveras profundamente convencidos, acerca da confiabilidade da declaração concernente

75. As explicações divergentes formam uma legião. Mencionarei apenas duas das principais diferenças entre minha explicação e as de outros. São elas:

(1) Alguns interpretam a expressão "exercício físico" como uma referência às práticas ascéticas, sejam as mencionadas no versículo 3 ou as pertencentes ao "ascetismo cristão" (ter os apetites sob controle).

Objeções:

a. Aqui nos versículos 7b e 8 o apóstolo já não está mais pensando na heresia que em grande medida ainda é futura (vv. 1-5), mas na heresia do presente (ver v. 7a), e ainda esse não é seu pensamento primordial. O ponto que ele enfatiza é o que Timóteo deve fazer para crescer em eficiência profissional e espiritual como ministro de Cristo Jesus. Essa ênfase naturalmente pressupõe a figura de um atleta, porque ele também está procurando melhorar sua condição.

b. A mesma palavra *exercício* ou *ginástica* traz à mente o exercício físico, e não o jejum. Chamar a abstenção de alimentos de "exercícios físicos" parece ser deveras impróprio.

c. Paulo amiúde extrai metáforas da esfera esportiva (Rm 9.16; 1 Co 9.24-27; G1 2.2; 5.7; Fp 2.16; 2Ts 3.1).

d. Ele definitivamente extrai, *nas Pastorais,* metáforas da esfera dos esportes (1 Tm 6.12; 2Tm 2.5; 4.7, 8). Portanto, é totalmente razoável concluir que ele esteja fazendo o mesmo aqui em 1 Timóteo 4.7b e 8.

(2) Alguns traduzem a cláusula final do versículo 8 como se dissesse: "tendo a promessa para a vida presente e para a vindoura" (ou algo semelhante).

Objeção:

Obviamente não é isso o que o apóstolo escreve. Ele não usa o datívo "para a vida", mas o genitivo de qualidade, "da vida". A vida em seu sentido mais pleno, mais bendito, é sempre o conteúdo da promessa (Jo 3.16; 1 Jo 2.24, 25). E isso vale tanto para a era ora em vigor quanto para a vindoura.

ao dom da vida, agora e no porvir, a ser desfrutado por todos os que vivem uma vida piedosa, deduz-se do que o apóstolo agora declara: **Pois para esse fim Iabutamos e nos esforçamos, visto que temos posto nossa esperança no Deus vivo.**

É verdade que estamos profundamente convencidos da verdade expressa na confissão fiel, *porque* doutro modo nós, os missionários (eu, Paulo, e você, Timóteo), não estaríamos labutando nem nos esforçando tanto. Esta parece ser a conexão entre os versículos 7.b, 8 e 9, de um lado, e o 10, do outro.

O fim ou propósito para o qual Paulo e Timóteo estão labutando e se esforçando é, indubitavelmente, este: para que os homens do mundo inteiro, quer judeus, quer gentios, ouçam o bendito evangelho de salvação e, melhor ainda, para que o recebam e adquiram a vida eterna. É essa *vida,* ou seja, *a salvação,* o que Deus prometeu (v. 8).

Esses missionários *labutam* ou *trabalham.* Esforçam-se ao máximo no labor de levar o evangelho, aplicá-lo a situações concretas, advertindo, admoestando, ajudando e dando alento em meio a grandes dificuldades. Paulo usa a palavra *labor* ou *trabalho* em referência ao trabalho manual (ICo 4.12; Ef4.28; 2Tm 2.6; cf. o substantivo em ITs 1.3; 2.9; 2Ts 3.8) e também em conexão com a obra religiosa (Rm 16.12, duas vezes; ICo 5.10; Gl 4.11; Fp 2.16; lTs5.12; lTm5.17;e nesta passagem).

Esforçam-se, ou seja, na arena espiritual eles lutam contra as forças das trevas, para arrancar os homens das trevas e levá-los para a luz. Sofrem *agonias.* Cf. 1 Timóteo 6.12; 2 Timóteo 4.7; em seguida, Colossenses 1.29; 4.12. Ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 2.2.

Alegremente levam a bom termo essa difícil tarefa, visto terem depositado sua esperança não nos ídolos, que não podem fazer nem cumprir promessa alguma, uma vez que estão *mortos,* mas no Deus *vivo* (ver C.N.T. sobre ITs **1**.9, **10), que é o Salvador de todos os homens, especialmente dos que crêem.**

Essa cláusula tem dado lugar a uma variada gama de interpretações. Aqui se deve andar com cuidado. Algumas explicações, como eu as vejo, são errôneas logo à primeira vista.

(1) Deus é o Salvador de todos os homens no sentido em que ele

finalmente salva *realmente a todo ser humano* que já viveu sobre a terra.

Objeção: Isto contraria todo o ensino bíblico. Nem todos os homens se salvam nesse sentido pleno, espiritual. Além do mais, se esse fosse o caso, por que Paulo teria acrescentado: "*especialmente* dos que crêem"? A última frase não teria sentido algum.

(2) Ele *realmente* concede salvação - no pleno sentido evangélico do termo - a *todo tipo de pessoas.* Concede vida eterna a todas elas.

Objeção: Essa explicação tampouco é possível, considerando a frase final: *"especialmente* dos que crêem".

(3) Ele *quer* que todos os homens sejam salvos (ver comentário sobre 2.3), mas, no caso de alguns, sua vontade se vê "frustrada" pela incredulidade obstinada. (A explicação de Lenski segue esta linha; *op. cit.,* p. 639.)

Objeção: A presente passagem, contudo, não diz que ele *quer* salvar, mas que *realmente* salva; ele é *realmente* o Salvador (em algum sentido) de todos os homens. Além do mais, torna-se impossível a *"frustração"* - no sentido absoluto, final - da vontade divina. Do contrário Deus não seria Deus!

(4) Ele *pode* salvar a todos os homens; mas ainda que todos *possam* ser salvos, somente os crentes é que são *realmente* salvos. (Ver N.J.D. White, *The Expositor's Greek Testament* sobre esta passagem.)

Objeção: Isso não é o que o texto afirma. Ele afirma: "Ele *é* o Salvador de todos os homens."

Parece-me que a verdadeira explicação se encontra num estudo cabal do termo *Salvador* numa passagem desse gênero. A frase final, "especialmente dos que crêem", claramente indica que se dá aqui ao termo uma dupla aplicação. Deus é o Salvador de *todos* os homens, mas de *alguns* homens, ou seja, dos crentes, ele é o Salvador num sentido mais profundo e glorioso que dos demais. Isso evidentemente implica que, quando ele é chamado o Salvador de todos os homens, isso não pode significar que a todos ele comunica a vida eterna como faz com os crentes. O termo *Salvador,* pois, deve ter um significado que *nós, hoje,* de um modo geral imediatamente lhe atribuímos. E essa é exatamente a causa de nossa dificuldade. E preciso estudar este ter-

mo à luz não só do Novo Testamento, mas também do Antigo Testamento e da Arqueologia.[76]

Ora, na versão LXX do Antigo Testamento a palavra *Soter* que é usada aqui em 1 Timóteo 4.10, e que geralmente é traduzida *Salvador,* às vezes é empregada num sentido bem inferior ao que geralmente lhe atribuímos. Assim, por exemplo, o juiz Otniel é chamado *Soter* ou "salvador" ou "libertador" porque *salvou* os filhos de Israel das mãos de Cusã Risataim, rei da Mesopotâmia (Jz 3.9). Ver também 2 Reis 13.5: "O Senhor deu um salvador [libertador] a Israel, de modo que os filhos de Israel saíram de sob o poder dos sírios e habitaram, de novo, em seus lares, como dantes". Em certo sentido, todos os juizes de Israel foram "salvadores" (libertadores), justamente como lemos em Neemias 9.27: "Pelo que os entregaste nas mãos de seus opressores, que os angustiaram; mas no tempo de sua angústia, clamando eles a ti, dos teus tu os ouviste; e, segundo tua grande misericórdia, lhes deste libertadores que os salvaram [ou seja, os *libertaram*] das mãos dos que os oprimiam". Cf. também o uso um pouco semelhante da palavra em Obadias 21: "Salvadores [libertadores] hão de subir ao monte Sião, para julgarem o monte de Esaú; e o reino será do Senhor".

Não causa estranheza que especialmente Jeová seja chamado Salvador, porque foi ele quem repetidas vezes salvou seu povo (Dt 32.15; SI 25.5). Ele "fez grandes coisas no Egito ... coisas formidáveis sobre o Mar Vermelho", sendo, conseqüentemente, o "Deus de sua salvação" (SI 106.21).

Havendo libertado Israel da opressão de Faraó, ele veio a ser o Salvador daquela multidão inteira que saiu do Egito. Todavia, "Deus não se agradou da maioria deles" (ICo 10.5). *Em certo sentido,* pois, ele foi o Salvador ou o *Soter* de todos, mas *especialmente* dos que creram. Destes, e tão-somente destes, ele "se agradou". Todos saíram do Egito; nem todos entraram em "Canaã".

76. Consulte os seguintes:
Deissmann, A., *op. cit.,* p. 363, e veja seu índice; I.S.B.E. sobre "Saviour"; M.M., pp. 621, 622; Ramsay, W., *The Bearing qfRecent Discovery on the Trustworthiness ofthe New Testament,* reimpresso em Grand Rapids, MI, 1953, pp. 172-198; Taylor, F. J., sobre "Saviour" em *A Theological Word Book OfThe Bihle* (organizado por Alan Richardson), Nova York, 1952; W.D.B., sobre "Saviour"; Wendland, "Soter", ZNTW, Número 5 (1904), p. 335ss.

Especialmente em certas passagens de muita beleza de Isaías é que se imprime um conteúdo rico e espiritual à palavra *Soter:* Jeová é o Salvador de Israel, e isto não só porque ele liberta seu povo da opressão, mas também porque *coletivamente* ele os *ama.* Todavia, mesmo nessas passagens exaltadas, o significado que hoje geralmente daríamos ã palavra não havia sido alcançado. As passagens não podem ser interpretadas no sentido em que atribuímos vida eterna a todos os indivíduos do grupo. Note Isaías 63.8-10:

"Porque ele dizia: Certamente, eles são meu povo, filhos que não mentirão; e se lhes tornou seu Salvador. Em toda a angústia deles, foi ele angustiado, e o Anjo de sua presença os salvou; por seu amor e por sua compaixão, ele os remiu, os tomou e os conduziu todos os dias da antigüidade. Mas eles foram rebeldes e contristaram seu Espírito Santo, pelo que se lhes tornou em inimigo e ele mesmo pelejou contra eles." Cf. Isaías 43.3, 11; 45.15, 21; 49.26; 60.16. Cf. Jeremias 14.8; Oséias 13.4. (Na última referência, note especialmente o contexto: "além de mim não há salvador" precedido por "Jeová teu Deus desde a terra do Egito", e seguido de "Eu te conheci no deserto".) Segundo o Antigo Testamento, pois, Deus é *Soter* não só dos que entram em seu reino eterno, mas, em certo sentido, também de outros; aliás, de todos aqueles a quem ele liberta de catástrofes temporais.

Além disso, o Antigo Testamento ensina em outra parte aquele tipo de providência que Deus estende a todos os homens, num sentido até mesmo às plantas e aos animais: Salmos 36.6; 104.27, 28; 145.9, 16, 17; Jonas 4.10, 11. Ele provê suas criaturas com alimento, as mantém vivas, está profundamente interessado nelas, amiúde as livra de doenças, calamidades, dor, fome, guerra, pobreza e perigo em qualquer forma. Ele é, por conseguinte, seu *Soter* (Preservador, Libertador e, *nesse* sentido, Salvador).

No Novo Testamento, este ensino é contínuo, como era de se esperar. Em seu amor, bondade e misericórdia, o Pai celestial "faz seu sol nascer sobre o mau e o bom, e envia chuva sobre o justo e o injusto"... "é bom para com os ingratos e maus" (Mt 5.45; Lc 6.35). A perversidade dos homens maus consiste em parte no fato de que eles não dão graças a Deus por sua bondade (Rm 1.21). E ele quem "dá a todos vida e fôlego e todas as coisas" (At 17.25). E ele "em quem vivemos e nos

movemos e temos nosso ser" (At 17.28). Ele preserva, livra e, nesse sentido, *salva*; e essa atividade "salvífica" de modo algum se limita aos eleitos! Na viagem perigosa (a Roma), Deus "salvou" não só a Paulo, mas a todos os que estavam com ele (At 27.22, 31, 44). Não houve perda de vida.

Além do mais, Deus também faz com que seu evangelho da salvação seja solicitamente proclamado a *todos os homens*, ou seja, aos homens de cada raça e nação. Verdadeiramente, a bondade de Deus se estende a todos. Não há sequer um que de uma maneira ou outra não esteja ao alcance de sua benevolência,[77] e ainda o círculo daqueles que ouvem a proclamação da mensagem de salvação é mais amplo que o círculo dos que a aceitam com verdadeira fé.

Isso é realmente tudo o de que se necessita na classificação de nossa presente passagem, 1 Timóteo 4.10. Então, o que o apóstolo ensina eqüivale a isto: "Nós temos nossa fé posta no Deus vivo, e nessa esperança não somos desapontados, pois ele não é apenas um Deus bondoso, daí o *Soter* (Preservador, Libertador) de todos os homens, derramando bênçãos sobre eles, mas ele é, num sentido muito especial, o *Soter* (Salvador) dos que pela fé abraçam a ele a sua promessa, pois a esses ele comunica salvação, vida eterna em toda sua plenitude (como explicado em conexão com lTm 1.15; ver sobre essa passagem).

É *esse Deus vivo* que em Jesus Cristo é o Salvador! No grego clássico e koinê, o termo *Soter* era usado como uma designação de vários deuses (Zeus, Apoio, Hermes, Asclépio), imperadores romanos e oficiais de alta estirpe, conquanto fossem vistos como libertadores dos homens desta ou daquela calamidade, suprindo esta ou aquela necessidade física ou outorgando saúde geral ou "bem-estar". Segundo Paulo, porém, por trás de todo livramento real está Deus, o Deus vivo. O mais glorioso "bem-estar" de todos (para a alma, porém no fim também para o corpo), e eterno, ele promete e proporciona a todo aquele que crê.

77. Diz Calvino, op. cit. [Ar *Pastorais*, Edições Parakletos], pp. 120, 121, sobre esta passagem: "Seu argumento consiste no fato de que a benevolência divina se estende a todos os homens. E se não há um sequer sem a experiência de participar da benevolência divina, quanto mais aquela benevolência que os piedosos experimentarão e que esperam nela!" Algo semelhante c a explicação dada por Crisóstomo, Bengcl, Barnes, Lock, J. Van Dyk, C. Bouma, J. Van Andei (ver Bibliografia para os títulos).

Para eles, *e tão-somente para eles,* Deus é o *Soter* no sentido em que o termo é também usado em 1 Timóteo 1.1; 2.3; Tito 1.3; 2.10; 3.4. Ele os resgata do maior dos males, e a eles outorga o maior dos bens. É nesse sentido pleno e evangélico que a palavra se aplica a Deus também em Judas 25 (e, segundo alguns, também em Lc 1.47).

Embora como um título para Deus, Paulo não tenha usado a palavra até escrever as Pastorais, a *idéia* de que Deus é *Soter* está verdadeiramente presente em seus primeiros escritos, como já se demonstrou (ver sobre 1 Tm 1.1). E provável que quanto mais próximo esteve Paulo do contato com o mundo romano e com o epíteto *Soter* aplicado a deuses e líderes, mais ele passou (ele e também os demais crentes) a usar o mesmo termo *Soter* como designação para o Deus vivo e verdadeiro, baseando o *conteúdo* dessa convicção não em algo que o mundo que os rodeava lhes oferecia, mas na revelação especial dada no Antigo Testamento e no ensino do Senhor.

11. Ordene e ensine essas coisas.

Timóteo recebe a ordem para que *ordene* (ou: continue ordenando) *e ensine* (ou: continue ensinando; ambos os verbos estão no imperativo presente) essas coisas. Ele deve ordenar coisas tais como: "rejeitar mitos profanos e de velhas senis", "Exercite-se [e a outros] para o viver piedoso" (v. 7). Ordens tais como essas se aplicam não só a Timóleo pessoalmente, mas a todos os presbíteros, sim, e ainda a todos os cristãos. E provável que a expressão "essas coisas", em conexão com "ordene", se refira também a mandamentos *implícitos,* tais como: "Nunca rejeite o que Deus destinou ao uso, mas participe dele com ações de graças" (vv. 3, 4); "Nutra-se [e a outros] das palavras da fé e da sã doutrina" (v. 6); "Confie no Deus vivo e em sua promessa a todos os que vivem vida piedosa e o aceitam com fé genuína" (vv. 8, 9).

Timóteo deve *ensinar* coisas como: "A apostasia está chegando na lorma de ascetismo" (vv. 1-3); *"esse* erro é um insulto a Deus e à sua obra de criação" (vv. 4, 5); "um ministro excelente é aquele que se alimenta da sã doutrina que ele transmite a outros" (v. 6); "O benefício que advém da vida piedosa transcende aquele que resulta do treinamento físico" (vv. 8-10).

12. Que ninguém despreze sua juventude.

É possível presumir que cerca do ano 51, quando Timóteo juntou-se a Paulo, durante sua *segunda* viagem missionária, havia atingido a idade de 22-27 anos. É pouco provável que o apóstolo tivesse permitido que um homem de menos idade ainda se juntasse a ele para uma tarefa tão difícil. Além do mais, sabemos que Timóteo deve ter atingido um grau de maturidade já durante a *primeira* viagem missionária de Paulo, porque foi então que ele "confessou sua fé". Se esse cálculo é correto, agora Timóteo tem, cerca do ano 63, entre 34 e 39 anos. Segundo Irineu, a primeira etapa da vida abarca trinta anos e se estende até os quarenta (*Against Heresies,* Il.xxii). Portanto, Timóteo ainda era "um jovem". Além disso, ele deve ter sido considerado *muito jovem para o posição* que ocupava: representante apostólico e, como tal, líder sobre todos os *presbíteros* nas igrejas de Éfeso e seus arredores. Esses *presbíteros* (como o próprio nome indica), no Israel antigo, na sinagoga dos tempos posteriores e também na igreja primitiva - que em muitos aspectos era cópia da sinagoga - eram geralmente *idosos* ou, pelo menos, de idade *madura.* E aqui está Timóteo, um homem muito mais jovem e, além do mais, pessoa naturalmente reservada e tímida, exercendo autoridade sobre quem era mais idoso talvez dez ou até mesmo quarenta anos! Daí o mandamento: "Que ninguém despreze sua juventude". O idioma grego diz: "Que ninguém *pense pouco* de você". Timóteo não deve permitir que alguém o menospreze por causa de sua juventude. Deve fazer com que o respeitem em consideração a seu ofício. Mas deve conseguir isso não "se fazendo grande" ou se vangloriando de suas credenciais, mas conduzindo-se como um homem de sábio conselho e consagrado, e de sabedoria prática. O respeito *pelo homem* eqüivale a respeito *por seu ofício!* Daí, Paulo continua: **Mas torne-se modelo dos crentes na linguagem, na conduta, no amor, na fé, na pureza.** De um modo totalmente natural e orgânico, ele deve conquistar o respeito de todos os crentes. Note que Paulo de fato não diz que Timóteo deve tornar-se um modelo *para que* os crentes o sigam (ver C.N.T. sobre ITs 1.7; 2Ts 3.9), senão que cada vez mais, de uma forma crescente, deveria ser o modelo *do* que os crentes são, e isso em cinco aspectos:

a. *na linguagem,* ou seja, na conversação pessoal (quanto à *pregação,* ver o versículo seguinte).

b. *na conduta,* ou seja, nos costumes, hábitos, modo de tratar as pessoas, etc.

c. *no amor,* ou seja, no profundo apego pessoal a seus irmãos e uma genuína preocupação por seu próximo (inclusive seus inimigos), buscando sempre a promoção do bem-estar de todos.

d. *na fé,* ou seja, no exercício desse dom de Deus, que é a raiz da qual brota o amor (note bem: aqui provavelmente o *amor* indique a relação horizontal; a *fé,* a relação vertical).

e. *na pureza* (ver também 1Tm 5.2), ou seja, na completa conformidade, de pensamento e ato, com a lei moral de Deus.

13. Reafirmando as diretrizes do versículo 11, Paulo prossegue: **Até minha chegada, aplique-se à leitura [pública da Escritura], à exortação e ao ensino.**

"Até minha chegada" é a tradução correta, e se harmoniza com 3.14 ("esperando ir ter com você em breve"). A idéia é esta: "Se e quando eu regressar, lhe darei novas instruções". Talvez Paulo tivesse em mente alguma outra missão na qual Timóteo pudesse então ser enviado.

Durante a ausência do apóstolo, pois, seu representante recebe instruções acerca de seu dever com respeito ao culto público em todo o distrito. Ele deve providenciar para que em todas as igrejas de Éfeso e arredores três elementos recebessem devida proeminência, a saber:

a. *a leitura pública da Escritura* (justamente como na sinagoga, Lc 4.16; At 13.15; 2Co 3.14; agora, porém, não só a leitura da lei e dos profetas, mas adicionando porções do Novo Testamento em desenvolvimento, Cl 4.16; 1Ts 5.27; Ap 1.3).

b. *a exortação.* Isso inclui advertência (por exemplo, contra erro em doutrina e moral), conselho e encorajamento. Ver uma discussão mais ampla da palavra em C.N.T. sobre Tessalonicenses, e sobre João, Vol. II.

c. *o ensino.* O que alguém crê faz certa *diferençai* A *atitude* do coração não é tudo. Há certos *fatos* com respeito à doutrina e à moral que devem ser ensinados, e os quais alguém deve aceitar e abraçar de modo que a vida do mesmo se fundamente neles. Ver, por exemplo, João 3.16 e todo o ensino da presente epístola.

Este não é um sumário completo das coisas essenciais que compreendem o culto público. A *oração,* por exemplo, não é mencionada. Mas não carece que seja mencionada, porque Paulo a discutiu detalhadamente no capítulo 2. Isto é tão claro: se não há leitura feita no púlpito, exortação e ensino, o título *culto divino* é uma denominação imprópria. Na igreja primitiva, quando bem poucos indivíduos possuíam exemplares próprios da Santa Escritura, e todos os materiais deviam ser copiados à mão, é possível imaginar-se a importância que tinha a *leitura pública* das Escrituras. Mesmo hoje, porém, a seleção criteriosa, a leitura clara e a interpretação de uma porção adequada da Santa Escritura é "a parte mais importante do culto público".[78] E ainda hoje, se o coral toma todo o tempo e deixa pouco tempo para a exortação e o ensino, algo fica desencaixado. Timóteo, pois, deve *continuar dedicando atenção* a esses importantes assuntos.

Porventura não há aqui outra indicação que seja de tanto valor para hoje quanto para os tempos de Paulo e Timóteo, a saber: que o ministro deva esforçar-se por alcançar equilíbrio adequado entre a leitura da Palavra, a exortação e o ensino? Alguns jamais exortam. Outros nunca ensinam. E a leitura das Escrituras às vezes é considerada apenas como um prefácio necessário ao que o próprio pregador tem a dizer.

14. Timóteo fora dotado especialmente para sua tarefa. Daí Paulo prosseguir: **Não negligencie o dom que há em você.** Timóteo precisa empregar com a máxima vantagem o dom do discernimento entre o verdadeiro e o falso e, conseqüentemente, de ser apto para exortar, ensinar e guiar. Precisa fazer uso dele quando administra a Palavra e precisa também exercê-lo quando diz a outros como devem pregar. Não deve jamais *descuidar-se* dele ou negligenciá-lo. Ele é um *carisma* precioso, ou seja, um dom especial da graça de Deus que lhe fora outorgado pelo Espírito Santo. Por isso Paulo prossegue: **o qual lhe foi concedido por meio de declarações proféticas das mãos do presbitério.** Com toda probabilidade, isto se refere ao que ocorreu em Listra na segunda viagem missionária de Paulo. Foi então que Timó-

78. Ver A. W. Blackwood, *The Fine Art of Public Worship,* Nashville, 1939, cap. 7; "The Public Reading of the Scriptures", pp. 128-141; note especialmente as excelentes sugestões das pp. 140, 141.

teo, pela operação do Espírito Santo, foi dotado amplamente com esse dom. *Por meio* (õiá) *de declarações proféticas* de circunstantes inspirados ele fora advertido sobre isso e o caráter de sua tarefa. Além do mais, tudo isso estava em *associação com* (ou *acompanhado por.* petá) a imposição das mãos *do presbitério* (usado noutros lugares para indicar o Sinédrio, Lc 22.66; At 22.5, porém aqui para o *conselho de presbíteros* ou, nesse sentido, o *consistório da igreja).* As próprias mãos de Paulo haviam repousado sobre ele (2Tm 1.6). Esta imposição de mãos simboliza a *transferência* de um dom do Doador para o recipiente. No presente caso, significa que o ato gracioso do Espírito Santo por meio do qual ele confere seu favor especial a Timóteo, capacitando-o para levar a bom termo os deveres de seu importante ofício com representante apostólico (cf. também At 6.6; 8.17; 13.3, 4).

15. Que essas coisas lhe sejam uma preocupação constante. Em contraste com "não se descuide", Paulo escreve: "Que essas coisas lhe sejam uma preocupação constante" (cf. vv. 14, 15). Pela expressão "essas coisas" ele está pensando em todo o conteúdo do capítulo 4 (que a apostasia está a caminho, e contra ela Timóteo precisa advertir a outros; que mesmo agora há quem pretenda substituir o verdadeiro evangelho pelos mitos profanos; que Timóteo precisa nutrir-se das palavras da fé e que precisa preparar-se para a vida piedosa; que precisa conduzir-se de tal modo que ninguém menospreze sua juventude; etc.). **Que nessas coisas seja [absorvido],** "Seja *nelas",* diz o apóstolo, como se quisesse dizer: "Põe nelas todo seu coração, toda sua alma; envolva-se completamente nelas." O resultado contemplado será **para seu progresso seja evidente a todos.**

Aceitamos como correta e natural a interpretação usual dessas palavras, isto é, que se Timóteo se devotar completamente à sua tarefa, como indicado, *todos* (especialmente aqueles que pertencem à igreja, mas em alguma extensão até mesmo os de fora que entrarem em contato próximo com os crentes) irão notar seu progresso espiritual e profissional, para a glória de Deus. Cf. Fp 1.12, 25. As últimas palavras do capítulo são:

16. Atente para si mesmo e para o ensino, persevere neles.

O viver santo e o ensino íntegro devem ir juntos, caso Timóteo (ou, nesse sentido, qualquer representante apostólico, ministro ou presbíte-

ro, etc.) queira ser uma bênção. Daí Paulo admoestar Timóteo a continuar *atentando* (implícito *sua mente)para si mesmo,* ou seja, para seus deveres, seus dons, seu privilégio de atingir as profundezas da promessa de Deus; particularmente, também para *a doutrina* (a sua e a dos outros no distrito de Éfeso). Ele precisa *permanecer* ou *perseverar* nessas coisas, ou seja, na vida santa e na vigilância em referência ao ensino. A promessa é: **"porque, fazendo isso você salvará tanto a si mesmo quanto aos que o ouvem."** Por certo que uma pessoa é salva pela graça, mediante a fé; não por meio das obras (Tt 3.3; cf. Ef 2.6-8); todavia, uma vez que o viver santo e a sã doutrina são o fruto da fé, Paulo está apto a dizer que "ao agir assim" Timóteo salvará a si e aos ouvintes. É *ao longo da vereda de* um viver santo e da diligência no ensino e na vigilância sobre a vida e o ensino de outros que se obtém a *salvação* (tanto presente quanto futura; ver comentário sobre lTm 1.15). Além do mais, Deus promete uma recompensa especial para seus ministros fiéis, sim, para todas as suas testemunhas fiéis (Dn 12.3; Mt 13.43; Tg 5.20); e ameaça com castigos severos os infiéis (Ez 33.7, 8).

Síntese do Capítulo 4

Veja o esboço no início do capítulo.

Ainda que Cristo sempre seja tão exaltado (veja o final do capítulo 3), e a igreja seja sempre muitíssimo gloriosa, a apostasia se encontra sempre bem próxima. Os instigadores da apostasia são os espíritos sedutores que invadem o coração dos enganadores. Esses enganadores proibirão ao povo que se case, ordenarão que se abstenha de certos alimentos, como se a salvação pudesse ser obtida por meio de certas práticas como essas, práticas que, além do mais, levam Cristo ao demérito como o único e suficiente Salvador. Quanto aos alimentos em questão, são eles excelentes porque Deus os criou e porque, em resposta a nossas orações, ele os consagra.

Timóteo, ao combater tais erros que proliferavam viçosamente, e os quais iriam desenvolver-se até ficarem cada vez piores, precisa ficar forte. Por isso ele deve usar armas *positivas.* Não deve concentrar sua atenção e energia nos *mitos.* Antes, deve nutrir-se das palavras de fé e continuar resoluto na leitura pública das Escrituras, na exortação e no ensino.

Sim, que Timóteo se exercite para a vida piedosa. Uma vida positiva e um ensino positivo são os melhores meios para o autodesenvolvimento espiritual e também as melhores armas contra o erro. Quanto a esse exercício para a vida piedosa, ele confere uma bênção muito maior do que o exercício físico pode conferir. Traz vida eterna, que é uma bênção para o presente e para o futuro. Se Paulo e seus colaboradores não estivessem plenamente convencidos disso, não teriam trabalhado tão arduamente. Puseram, porém, sua complea confiança em Deus, que não os defraudará, porque ele é o Deus de amor. Ele preserva não só o homem e o animal, mas especialmente seu povo. Que Timóteo, pois, atente fielmente para seus deveres ministeriais. Que ele se conduza de tal forma que ninguém o olhe com menosprezo, pensando: "Ele é ainda muito jovem." Usando plenamente o dom que recebeu quando foi ordenado, e estando absorvido por coisas tais como a leitura pública das Escrituras, a exortação e o ensino, ele salvará a si próprio e aos que 0 ouvem.

Note especialmente as palavras:

"Embora o exercício físico seja de algum proveito, a vida piedosa é *em todos os aspectos* benéfica."

Os gregos rendiam culto à beleza e à cultura física. Muito antes ilos dias de Paulo, eles já haviam estabelecido os jogos olímpicos, ístmicos e píticos. Nos dias de Paulo celebravam-se competições desse caráter em muitas províncias romanas.

Ora, nessa comparação entre o valor do exercício corporal e o valor do exercício que visa à piedade não se deve descuidar de um ponto importante. O exercício físico, especialmente com vistas à participação de competições públicas, estava intimamente conectado à *religião l>agã.* De fato, na mente popular, as duas coisas eram inseparáveis. Os jogos olímpicos eram celebrados em honra de Zeus; os ístmicos, em honra de Posêidon; e os píticos, em honra de Apoio. As competições atléticas *romanas* eram precedidas de procissões nas quais estátuas dos deuses eram levadas em belas carruagens. *Suas* mais importantes competições eram celebradas em honra de deuses tais como Júpiter, Apoio, 1)iana e outros. E ainda em conexão com a execução de criminosos no anfiteatro, punham-se em cena contos com referência às divindades pagãs e eram apresentadas de maneira vivida na forma em que se exe-

cutava a sentença. Sobre este tema, ver *Evervday Life in Ancient Times*, publicado *por National Geographic Magazine,* pp. 209, 227; além do mais, Erich Sauer, *In the Arena of Faith,* Grand Rapids, 1955, pp. 30-68.

Em vista de tudo isto, surpreende o fato de Paulo dizer: "O exercício físico é de *algum* proveito"? Certamente ele beneficia o corpo. Antes que pudesse contribuir mesmo que fosse em um pequeno ponto para o bem-estar da alma, era preciso colocá-lo num contexto completamente diferente.

ESBOÇO DO CAPÍTULO 5

Tema: *0 Apóstolo Paulo, Escrevendo a Timóteo, Ministra Diretrizes para a Administração da Igreja*

Diretrizes com Respeito a Certos Grupos e Indivíduos Definidos

5.1,2 A. Idosos e jovens, homens e mulheres

5.3-8 B. Viúvas angustiadas

5.9-16 C. Viúvas dedicadas à obra espiritual

5.17-25 D. Presbíteros e candidatos a presbíteros

CAPÍTULO 5

_ ^ _

1 TIMÓTEO 5.1

5 1 Não trate asperamente um homem de [mais] idade, mas admoeste-o como se fosse seu pai; aos [mais] jovens, como a irmãos; 2 às mulheres [mais] idosas, como a mães; ás [mais] jovens, como a irmãs, com toda pureza.

Até este ponto, Paulo comunicara conselhos acerca de assuntos que em sua maioria tinham que ver com toda a comunidade cristã que tinha seu centro em Éfeso. Ele declarara a razão por que Timóteo fora deixado em Éfeso (capítulo 1), dera diretrizes concernentes à conduta dos homens e mulheres em relação com o culto público (capítulo 2), estipulara os requisitos para os presbíteros e diáconos (capítulo 3) e apontara a vereda que Timóteo (e os presbíteros que estavam sob sua supervisão) deveria seguir a fim de enfrentar a apostasia e tornar-se mais eficiente como ministro de Cristo (capítulo 4).

Em grande medida - porém com importantes digressões pessoais - tudo isso era muito geral. Agora o apóstolo começa a dirigir a atenção de forma mais especial para *indivíduos* e para *grupos* dentro da comunidade cristã. Ver o esboço.

Não obstante, é preciso ter em mente que esta é urna carta autêntica e que as divisões não tão rígidas. Os pensamentos se sobrepõem continuamente. Idéias que já haviam sido apresentadas uma vez mais voltam a aparecer de uma forma alternada. O esboço abarca o conteúdo e marca as divisões *em geral.*

5.1,2

1. Não trate asperamente um homem de [mais] idade, porém exorte-o como se fosse seu pai.

No curso de sua obra pastoral, Timóteo terá às vezes de corrigir as faltas de alguns membros da igreja. Tais indivíduos podem ser distinguidos por sexo e idade: mais idosos, mais jovens, mais idosas e mais jovens. A idéia comparativa (*mais idosos*, em vez de *anciãos; mais jovens,* em vez de *jovens)* já quase desapareceu.

Nenhum desses deve ser tratado com aspereza, especialmente os membros mais idosos da congregação. Ver Levítico 19.32; Provérbios 20.29; Lamentações 5.12b. O verbo usado no original significa literalmente *atacar,* e daí *tratar asperamente.* A palavra que traduzimos "homem mais idoso" é TrpeapÚTçpoç *[presbíteros].* Em outros lugares das pastorais (lTm 5.17, 19; Tt 1.5) significa ancião ou *presbítero.* Aqui é usado seu sentido primário de homem de idade avançada (cf. At 2.17), como o contexto o demonstra claramente.

Em vez de tratar asperamente os que necessitam de correção, Timóteo deve *admoestar. O* verbo usado no original significa *chamar à parte.* Esse chamar à parte pode ser com o propósito de estimular, consolar, exortar, rogar, apelar a, ou admoestar. E óbvio que este último pensamento é predominante nesta passagem.

Ora, é preciso enfatizar que aqui também Paulo conserva um equilíbrio formidável. De um lado, ele não quer que Timóteo poupe as pessoas de mais idade, permitindo-lhes que "escapem ilesas" com seus pecados. Do outro, ele deseja que sejam tratados com o devido respeito. Timóteo deve admoestar o ancião como se fosse *seu próprio pai.* Com quanta consideração, com quanto tato, gentileza e moderação ele trataria uma pessoa tão intimamente ligada a ele! Então que trate o que estiver errado com a mesma humildade, amor e ternura. Porque, acima de tudo, a comunidade cristã é uma família, a mais gloriosa das famílias (Mt 12.49, 50); e, por certo, ela é formada de pais, mães, irmãos e irmãs... *no Senhorl* Daí, os anciãos devem ser tratados como pais, ou seja, com respeito; **aos mais jovens, como a irmãos,** ou seja, no espírito de igualdade, uma igualdade de pessoas, o que não excluir o exercício da autoridade por parte daquele que administra a admoestação.

2. Às mulheres de mais idade, como a mães.

Os membros femininos da congregação não devem ser excluídos da esfera do conselho pastoral em relação ao pecado. Ainda que tal

tarefa às vezes seja demasiadamente delicada, não deve ser descartada. Quando, porém, Timóteo admoestar mulheres de mais idade, deve tratá-las como um filho adulto amoroso trata sua mãe que porventura tenha errado. Corrigir a própria mãe certamente requer profunda humildade, genuíno esquadrinhar do coração, lutar diante do trono da graça, e sabedoria! É nesse espírito que Timóteo deve proceder quando sentir-se obrigado a admoestar mulheres de mais idade que tenham errado.

As mais jovens, como a irmãs, com toda pureza.

As mais jovens são também objeto do cuidado pastoral. Devem ser admoestadas *como irmãs*; daí, *com toda* pureza. Quando alguém tenta ajudar *sua irmã* a vencer certas falhas em seu caráter, a *impureza* está completamente ausente (pelo menos no sentido mais popular). Timóteo deve tratar da mesma maneira as jovens solteiras que porventura estejam sob sua orientação espiritual, ou seja, como se fossem suas próprias irmãs, porque realmente o são *...no Senhorl* Com Calvino, cremos que a frase "com toda pureza" pertence à oração precedente: "exorta... as mais jovens como a irmãs." Ora, é verdade que aqui, assim como em 4.12, a frase "com toda pureza" significa "em completa conformidade, em pensamento e palavra, com a lei moral de Deus", e não deve restringir-se à pureza *sexual.* Não obstante, seria incorreto dizer que a idéia da pureza sexual esteja excluída dela. Que o mandamento tinha razão de ser não só para Timóteo, mas também para todos os "ministros" em toda ocasião, é evidente a quem porventura tenha o trabalho de ler os tristes relatos que contêm o que tem ocorrido quando não se lhe presta atenção.[79]

Naturalmente, é verdade que a diretriz que Paulo fornece nesses dois versículos não é *apenas* para Timóteo, mas também para seus assistentes nas várias igrejas de Éfeso e vizinhança. Em contrapartida, a mesma linguagem usada indica claramente que é errôneo considerar Timóteo como um "superintendente" sem deveres pastorais próprios. Inclusive seu superior, Paulo, *era um verdadeiro pastor,* profundamente preocupado com cada membro (At 20.20; e ver C.N.T. sobre ITs 2.7-11). Então, por que não Timóteo?

79. Ver, por exemplo, Charles Chiniquy. *Fifiy Years in the Chnrch of Rome* (Cinqüenta anos na Igreja de Roma), pp. 580-602; também seu livro *The Priest, the Woman. and the Confessional* (O Padre, a Mulher e o Confessionário) [ambos já em português].

3 Quanto às viúvas, honre aquelas [que são] realmente [o que está implícito no título] *viúvas.* 4 Mas se uma viúva tem filhos ou netos, que estes primeiro aprendam seu dever religioso para com sua própria família, e façam uma verdadeira restituição a seus pais; porque isso é aceitável aos olhos de Deus. 5 Ora, a [que e] de fato viúva, aquela que foi deixada completamente sozinha, depositou sua esperança em Deus, e persevera em suas súplicas e orações noile dia; 6 mas aquela que se entrega aos prazeres, ainda que esteja viva, está morta.

7 Você deve ordenar também essas coisas, para que elas sejam irrepreensíveis. 8 Ora, se alguém não provê para os seus, e especialmente para os membros de sua própria família, tem negado a fé e é pior que o incrédulo.

5.3-8

3. Quanto às viúvas, honre aquelas [que são] realmente [o que está implícito no título] viúvas.

Os versículos 3-8 tratam *das viúvas em angústia',* os versículos 9-*16, das que são empregadas pela igreja.*

Se as mulheres de mais idade devem ser tratadas *como mães,* como Paulo acaba de declarar (ver v. 2), e se as mães devem ser honradas (Ex 20.12; Dt 5.16; Ef 6.2), deduz-se que as viúvas desamparadas devem também ser honradas.

Essas viúvas (citadas no v. 5) devem *ser honradas,* ou seja, tratadas com alta consideração, e isto implica que as que estão sofrendo necessidades devem receber sustento material. Ver também comentário sobre 1 Timóteo 5.17.

O que a Escritura ensina com respeito às viúvas é surpreendentemente belo:

(1) Deus é "Pai dos órfãos e juiz das viúvas" (SI 68.5).

Elas estão sob seu especial cuidado e proteção (Ex 22.23; Dt 10.18; Pv 15.25; SI 146.9).

(2) Por meio do dízimo e de "os feixes esquecidos", ele lhes faz provisão (Dt 14.29; 24.19-21; 26.12, 13). Nas festas que ele instituiu, elas também deviam regozijar-se (Dt 16.11, 14).

(3) Ele abençoa aos que as ajudam e as honram (Is 1.17, 18; Jr 7.6; 22.3, 4).

(4) Ele repreende e castiga os que as afligem (Êx 22.22; Dt 24.17; 27.19; Zc 7.10; Jó 24,3, 21; 31.16; SI 94.6; Ml 3.5).

(5) Elas são o objeto da terna compaixão de Cristo, como se vê claramente à luz dos Evangelhos, especialmente do de Lucas (Mc 12.42, 43; Lc 7.11-17; 18.3, 5; 20.47; 21.2, 3).

(6) Na igreja primitiva, elas não eram esquecidas. Foi a negligência para com algumas viúvas o que causou a designação dos primeiros diáconos, para que no futuro as viúvas recebessem um melhor cuidado (At 6.1-6). E, segundo Tiago, uma das manifestações de uma religião pura e sem mácula é esta: "Visitar os órfãos e as viúvas em suas tribulações" (Tg 1.27).

Timóteo, pois, certamente estava consciente do que Paulo tinha em mente quando diz: "Honre... as que realmente são [o que está implícito no título] viúvas."

Há aqui um jogo de palavras, pois no original a palavra *viúva* significa *despojada, privada* (de seu esposo; portanto, amiúde sem meios de sustento). Daí, o que o apóstolo está dizendo eqüivale a isto: "Como *desprovidas,* honre as que são realmente *desprovidas"* (ou "Como *destituídas*, honre as que são realmente *destituídas").* Se determinados etimologistas estão certos (nem todos estão de acordo), então teríamos um jogo de palavras semelhante em inglês, pois a palavra "widow" = latim *vidua,* está ligada a palavras tais como *lacuna* e *desprovido.* Daí, alguém pode dizer: "Como *viduce* (viúvas), honre as que são realmente desprovidas (de meios de sustento)."

Os empregos remunerados para as viúvas eram escassos. Além do mais, algumas viúvas eram demasiadamente idosas para prover seu sustento. Daí, as que não contavam com outros meios de sustento deviam receber provisão da igreja.

4. Não obstante, há viúvas que não cabem nessa categoria. Por isso Paulo prossegue: **Mas se uma viúva tem filhos ou netos, que estes[80] primeiro aprendam seu dever religioso para com sua própria família e façam uma real restituição a seus pais; porque isso é aceitável aos olhos de Deus.**

80. E preciso considerar como errônea a idéia de que a expressão "*estes* aprendam primeiro" se refere às *viúvas* e não aos filhos - idéia favorecida mesmo por Calvino. Note a ordem das palavras na oração, o uso do verbo no plural (o singular conta com pouco apoio), a idéia natural e inteiramente bíblica de que os filhos honrarão seus pais, que ao fazerem isso estão fazendo uma retribuição, etc.

A igreja não deve ser sobrecarregada desnecessariamente. Não obstante, esta não é a razão principal do presente mandamento. É antes esta: os filhos e netos devem honrar seus progenitores! Que este é o seu primeiro dever religioso (cf. At 17.23) para com aqueles que os criaram. Precisam esforçar-se para que haja uma *verdadeira retribuição* (acc. pl. de á(j,oi(3r|, plural de intensidade) por todo o cuidado com que foram tão amorosamente tratados. Note "que esses *aprendam* primeiro" essa lição. Por natureza, os filhos amiúde não se sentem inclinados a prover para seus pais necessitados. Segundo o provérbio holandês [e também português], às vezes parece mais fácil *um* pai pobre criar *dez* filhos do que *clez* filhos ricos cuidarem de *um* pai pobre. Mas ainda quando signifique extrema renúncia, essa lição deve ser *assimilada.* Ela está, indubitavelmente, implícita no quinto mandamento. Além do mais, isto deve ser feito com alegria, no espírito de amor, como sinal de apreço pelo que os próprios filhos já receberam de seus pais. A preocupação legítima de José pelo bem-estar de seu pai deveria servir de lição para todos os tempos: "Eu sou José; meu pai ainda vive?" (Gn 45.3). Observe com que ternura e sincera devoção ele sustentou *seu pai* (Gn 45.9-13; 46.28-34; 47.7, 27-31; 50.1-14). E leia também as palavras do crucificado com respeito a *sua mãe* (ver C.N.T. sobre João 19.26, 27). Certamente, quando os filhos honram seus pais e avôs, essa conduta é agradável aos olhos de Deus. Sua *promessa* se cumprirá.

5.0 apóstolo agora volta à discussão acerca daquela que é verdadeiramente viúva (ver o v. 3), aquela que não tem filhos nem netos que possam sustentá-la. Diz ele: **Ora, a que** é **realmente viúva, aquela que foi deixada totalmente sozinha, tem depositado sua confiança em Deus.**

A verdadeira viúva, pois, não tem para onde ir! Seu refúgio é o Deus vivo, porque na terra ela não depende de ninguém. Foi deixada *totalmente sozinha* e permanece nessa condição. Não tem filho, nem neto nem pessoa alguma que tenha o dever de dar-lhe o sustento. Ela firmou de vez sua esperança em Deus (terceira pessoa, singular, indicativo perfeito). Sua esperança está nele (SI 123.2).

Esta esperança é real e vital. Daí Paulo acrescentar: **e persevera em suas súplicas e orações noite e dia.**[81] As palavras *súplicas* e *ora-*

81. "Noite e dia" (em vez de "dia e noite") é a ordem também em 1 Tessalonicenses 2.9;

ções já foram explicadas previamente (ver sobre 1Tm 2.1). No presente caso, o original tem artigo com cada substantivo: *"as* súplicas... *as* orações." Em outros termos, elas são propriamente *suas,* o derramar de sua própria alma. Além disso, ela ora não só de dia, mas também de noite: cada noite, e talvez especialmente quando, premida pela ansiedade, não consegue dormir durante a vigília da noite, etc. A ênfase está posta no fato de que, em seu caso, não é uma atividade "de vez em quando"; ela *persevera* em suas súplicas e em suas orações. Parte de cada dia e parte de cada noite ela emprega em súplicas e orações. Ela traz a nossa memória a viúva Ana (Lc 2.36, 37).

Esta é uma situação realmente bela de "a viúva genuína". O apóstolo não repete que uma viúva desse caráter deve ser "honrada" pela igreja. Timóteo naturalmente haverá de associar os versículos 3 e 5. 0 óbvio não carece de reiteração.

6. Nossa admiração e elevada consideração pela [mulher] que é realmente viúva cresce quando ela é comparada com sua "oposta", que então é citada por Paulo: **mas aquela que se entrega aos prazeres, embora viva, está morta.** Tal viúva está vivendo nos prazeres, e talvez desenfreadamente (cf. Tg 5.5), como as filhas de Sodoma (Ez 16.49). Ela é alegre, frívola, dissoluta, louca por seus prazeres, uma "viúva alegre". Qualquer interesse que porventura tenha demonstrado em questões religiosas, agora desapareceu totalmente. Como a semente que caiu entre os espinhos e foi asfixiada por seu deleite nas riquezas e nos prazeres. Isto nos lembra a viúva de Windsor, de Kipling, com "barcos nas ondas e milhões em casa". Ainda qu*e, fisicamente esteja viva, na realidade já morreu* e, *portanto, agora está morta para todos os interesses mais elevados.* Naturalmente, ela nunca foi realmente cristã, mas acostumou-se a prestar seus respeitos à *religião.* Ia à igreja e aparentava ouvir a leitura da Palavra. Seus lábios costumavam mover-se em oração e, às vezes, se sentia tocada emocionalmente. Não obstante, hoje tudo *isto* pertence definitivamente ao passado. Veste seu vestido mais festivo e seu propósito é "divertir-se" e, quem sabe, "fazer uma boa pescaria". Não é necessário que Paulo acrescente: "Não honre viúva como essas." ,,

3.10: 2 Tessalonicenses 3.8: 2 Timóteo 1.3; cf. Jeremias 14.17; cf. Jeremias 16.13.

7. Você deve ordenar também essas coisas, para que sejam irrepreensíveis.

Timóteo deve insistir sobre a obediência não só às coisas referidas em 1 Timóteo 4.11 ("Ordene essas coisas e ensine-as"), mas também às coisas sobre as quais Paulo vem falando. Seguramente, o ponto de vista mais natural é que a expressão "essas coisas" se refere a todo o parágrafo (vv. 3-6). Timóteo precisa providenciar para que a igreja honre as viúvas realmente necessitadas e que o mereçam (vv. 3, 5); que os filhos e netos cumpram seu dever para com seus progenitores (v. 4); e que todos saibam distinguir entre a viúva que deve ser honrada e a que não o deve ser (implícito nos vv. 5, 6).

Se todas as pessoas interessadas obedecerem a esses mandamentos, então serão irrepreensíveis, tanto aos olhos do mundo quanto aos olhos da igreja.

8. Ora, se alguém não provê para os seus, e especialmente para os membros de sua própria família, tem negado a fé e é pior do que o incrédulo.

O que se afirmou positivamente no versículo 4, agora se afirma negativamente, de forma mais inclusiva e com maior força. O pecado aqui censurado está presente em toda comunidade e toda época. Daí, a norma "Levem as cargas uns dos outros, e assim cumprirão a lei de Cristo" (Gl 6.2) tem validade para todos os tempos, particularmente com referência aos que devem levar em conta "os seus". A expressão "os seus", na forma que se encontra aqui, significaria "seus próprios parentes próximos", por exemplo, uma mãe ou avó viúva, um pai ou avô idoso ou enfermo, um primo enfermo física ou mentalmente, um tio ou uma tia que está à beira de um colapso? Inclui também *amigos,* ou somente *parentes*? Sem dúvida, aqui a indefinição é uma virtude. Cada caso deve ser julgado por seus próprios méritos, segundo a necessidade existente e a capacidade de prestar assistência. Mas, João 13.34; 15.12; Gálatas 62 são sempre aplicáveis.

Não obstante, dentro deste círculo um tanto indefinido (sem limitação exata) de entes queridos há um mais estreito que é muito mais definido: "e especialmente para os membros de sua própria família." O que aqui se pretende imediatamente é a família, ou seja, [a família] imediata no sentido indicado no versículo 4.

Em seguida, o apóstolo tem uma palavra de censura contra a pessoa que negligencia o dever para com "os seus", e especialmente contra quem não sustenta os membros de sua família direta. Esse indivíduo negligente *"tem negado* a fé" (o mesmo verbo com o mesmo significado em 2Tm 2.12; mas ver também Tt 2.12). A negação não consistia *necessariamente em palavras,* mas (o que amiúde é ainda pior) em *sua negligência pecaminosa.* A falta de ação positiva, o pecado de omissão, desmente sua profissão de/e (sentido subjetivo). Embora professe ser um cristão, ele carece do mais precioso dos frutos que são produzidos na árvore de uma vida e conduta verdadeiramente cristãs. Carece de *amor.* Onde este bom *fruto* está ausente, não pode haver uma *árvore* boa.

Diz-se que tal pessoa é "pior do que um incrédulo". Isto é verdade pelas seguintes razões:

(1) Muitos "incrédulos" (no sentido de "não convertidos") nunca ouviram o *preceito específico* que se encontra em João 13.34; 15.12; Gálatas 6.2. Mas o que foi instruído na religião cristã já ouviu este mandamento reiteradas vezes.

(2) Muitos "incrédulos" ignoram completamente o *glorioso exemplo de Cristo* de amor pelos seus (inclusive o amor por sua mãe). O membro da igreja, porém, tem se familiarizado com a história de seu amor infinito.

(3) Os "incrédulos" em geral nada sabem da promessa de um *poder capacitador,* ou seja, o poder do Espírito Santo que opera no coração do crente. Mas, aquele que professa ser cristão tem sido testemunha das evidências desse poder na vida dos demais.

(4) Não obstante, a despeito de faltar-lhes essas três coisas, os "incrédulos" com freqüência demonstram certo afeto para com os que pertencem a seu círculo familiar, num sentido amplo ou num sentido mais restrito. Amiúde eles realmente fazem provisão para a mãe ou para a avó viúva, e a reverência pagã pelos antepassados é um fenômeno bem conhecido. Daí que a pessoa que deseja ser considerada cristã, mas que, a despeito da clara luz e dos muitos privilégios que tem recebido, não cumpre seu dever religioso com respeito aos que Deus pôs dentro da esfera de sua especial responsabilidade, é certamente "pior do que um incrédulo".

9 Uma viúva, para que conste na lista de viúvas, não deve ter menos de sessenta anos de idade; [deve ter sido] esposa de um só esposo, 10 bem conhecida por leitos nobres. [Ela pode constar na lista] se tiver criado filhos, se tiver praticado a hospitalidade, se tiver lavado os pés aos santos, se tiver dado assistência aos al litos, se tiver se devotado a todo gênero de boa obra.

11 Você deve recusar [incluir na lista], porém, as viuvas mais jovens; pois amiúde ocorre que, contrariando [sua penhorada dedicação] a Cristo, se tornam insaciáveis em seus desejos, querem casar-se [novamente]; 12 incorrendo em culpa, porque têm repudiado seu primeiro compromisso. 13 Ao mesmo tempo, também aprendem a viver ociosas, andando de casa em casa; e não só ociosas, mas também tagarelas e intrometidas, dizendo coisas que não deveriam [dizer],

14 Por isso gostaria que as viúvas jovens se casassem [novamente], tivessem filhos, administrassem seu lare não dessem ao adversário ocasião para calúnia. 15 Porque mesmo agora algumas se têm desviado após Satanás. 16 Mas se alguma mulher crente tem viúvas, que as auxilie, e não sobrecarregue a igreja, para que esla possa dar assistência às que são realmente [o que está implícito no título] viúvas.

5.9-16

9. Uma viúva, para constar na lista de viúvas, não deve ter menos de sessenta anos de idade.

O tema dos versículos 9-16 difere num importante aspecto do tratado nos versículos 3-8. *Ali,* o tema foi "*As viúvas e suas necessidades". Aqui,* Paulo discute *"as viúvas e sua obra". Aquela* seção tratou das viúvas em geral; *esta* tem a ver com "as viúvas que devem constar dc uma lista" ou "catalogadas".

Com respeito à pergunta: "Quem são essas viúvas?" há principalmente quatro pontos de vista:

(1) São as diaconisas (Schleiermacher).

Objeções:

a. Note a idade: não menos de sessenta (v. 9).

b. As "diaconisas" (melhor, "assistentes dos diáconos", "mulheres que ministram") já foram discutidas previamente (ver sobre 3.11).

(2) São aquelas viúvas que estão qualificadas para o sustento material da igreja (Crisóstomo, Calvino, N. J. D. White em *The Expositor 's (ireek Testament,* Dibejius e muitos outros). As teorias variam. Alguns pensam em *todas* as viúvas de 60 anos para cima. Outros crêem que se

refere tão-somente a viúvas que queriam *trabalhar* para a igreja. Pensam num contrato: "Nós, as viúvas idosas, prometemos prestar serviço à igreja." - "Nós, as autoridades eclesiásticas, prometemos sustentá-las quando surgir necessidade."

Objeções:

a. Deve a igreja recusar sustento a viúvas *com menos de 60 anos, com filhos pequenos?*

b. Não indica o versículo 10 que as viúvas das quais fala esta seção desfrutavam de comparativo bem-estar?

c. Não é verdade que a pergunta: "Quais as viúvas devem receber ajuda e quais não?" já foi discutida (vv. 4 e, por implicação, 5, 7 e 8)? Por que se haveria de agregar agora outro grupo de restrições, e estas de "uma natureza por demais exclusiva"? (Ellicott); ver versículo 10.

(3) A pergunta deve ser deixada sem resposta (Lenski).

Objeção:

Ainda que partilhe das objeções de Lenski ao segundo ponto de vista, não concordo com sua argumentação contra o ponto de vista número (4).

(4) Essas são as viúvas que preencheram os requisitos necessários para a realização de certas funções caritativas e espirituais na igreja (C. J. Ellicott, A. T. Robertson, E. F. Scott, C. Bouma e muitos outros).

Creio ser este o ponto de vista correto. Razões:

a. As qualificações a inclusão na lista apontam na direção da *obra* que teria de realizar, como no caso da lista de qualificações das "mulheres auxiliadoras" de 3.11, e as listas de qualificações para os presbíteros e diáconos em 3.1-10, 12.

b. É preciso admitir-se que a maioria das viúvas acima de 60 anos poderia ser considerada de muita idade para cuidar de órfãos - a objeção de Lenski, *op. cit.,* p. 669 -, sendo simples a resposta a isto (afora o fato de que *algumas* mulheres dessa idade ainda não são idosas demais, e de fato insistem em realizar trabalhos desse tipo): *o versículo 10 não afirma que devam cuidar de órfãos, mas que devem estar criando filhos.* Certamente que as viúvas que estão criando filhos com êxito são as indicadas para ministrar bons conselhos a mulheres mais

jovens. Elas podem ensinar-lhes "o amor por seu esposo e por seus filhos" (Tt 2.4), e podem prestar-lhes todo gênero de auxílios valiosos.

c. Há suficiente evidência para se demonstrar que na igreja primitiva existia essa corporação de *viúvas,* com *funções bem definidas.* Assim Tertuliano (possivelmente cerca de 204), referindo-se definidamente a 1 Timóteo 5.9 ("sessenta anos"), declara que a tarefa dessas mulheres era "sua experiente preparação em todos os afetos as teria capacitado a prontamente dar assistência aos demais com conselho e conforto" (*On the Veiling ofVirgins,* IX).

Na igreja primitiva, viúva deste tipo era chamada "intercessora da igreja", "guarda da porta" e "altar de Deus".

Tudo indica que seus deveres eram: ministrar bom conselho às mulheres mais jovens, orar e jejuar, visitar os doentes, preparar as mulheres para o batismo, levá-las à comunhão e ministrar orientação e diretriz às viúvas e órfãos que eram sustentados pela igreja (ver artigo "Woman" em I.S.B.E., IV. 5, Vol. V, p. 3103).

d. Se ainda hoje, como qualquer ministro que tem servido numa igreja grande sabe muito bem, as mulheres de mais idade são às vezes consultadas e enviadas em missões nas quais se destacam, e que seria difícil que outros as realizassem, torna-se imediatamente compreensível que nas *terras bíblicas* (e particularmente *naquela época,* e até certo ponto na atualidade), com suas barreiras sociais e psicológicas entre homens e mulheres (ver C.N.T. sobre João 4.27) havia muitos trabalhos que essas viúvas estavam em condições de executar com maior eficácia do que qualquer outra pessoa (especialmente trabalho *entre mulheres).* E havia muito trabalho semelhante que devia ser feito pelas *casadas* mais jovens. As razões pelas quais *as viúvas mais jovens* - com menos de 60 anos - deviam ser excluídas da execução desse tipo de trabalho, o apóstolo as apresenta nos versículos 11-15.

Como segundo requisito, Paulo afirma: **[deve ter sido] esposa de um só esposo** (ver comentário sobre lTm 3.2, 12). Naturalmente, isso não pode significar: "Ela não poderia ser uma viúva que subseqüentemente se casou outra vez, e que então perdeu também seu segundo esposo", porque Paulo teria se contradito. Essa viúva poderia ter feito exatamente o que o apóstolo queria que as viúvas jovens fizessem -

queria que se casassem (v. 14) - e com certeza teria sido injusto depois de tudo isso eliminá-las da lista de viúvas. A expressão "esposa de um só esposo" significaria simplesmente que, enquanto esteve casada, foi fiel a seu único esposo. Seguem-se outros requisitos:

10. bem conhecida por feitos nobres. Quem quer que realize a obra da igreja deve desfrutar de boa reputação (ver sobre 1Tm 3.2, 7, 10; cf. At 6.3; 16.2; Hb 11.2).

Seguem-se aí cinco cláusulas "se". Temos aqui outro caso de *discurso abreviado* (o qual discutimos em C.N.T. sobre João 5.31, Vol. I).

Então:

A igreja deve investigar se ela criou filhos, se tem praticado a hospitalidade, etc.

Ou;

Ela pode constar na lista se criou filhos, *se* tem praticado a hospitalidade, etc.

Em ambos os casos o sentido é: não deve constar na lista a menos que seus antecedentes revelem que ela tem sido diligente nesses assuntos.

Os itens são em si mesmos imediatamente compreensíveis. Seguramente uma mulher que vai realizar a obra para a qual foi indicada (ver sobre v. 9) deve possuir as qualificações que estão implícitas nas cinco cláusulas:

a. **[Ela pode constar na lista] se tiver criado filhos.** Precisa ter experiência neste campo, caso tenha de aconselhar e ministrar diretriz a outras.

b. **se tiver praticado a hospitalidade.** Ver comentário sobre 1 Timóteo 3.2. Esta graça foi praticada de maneira bela pela viúva de Sarepta que "sustentou" Elias (1Rs 17.9), pela mulher de Suném ("uma mulher importante") que deu alojamento a Eliseu (2Rs 4.8-11) e por Lídia (At 16.40).

c. **se tiver lavado os pés aos santos.** Talvez no sentido literal de que esse serviço tenha sido prestado pela mesma ou sob sua supervisão; seguramente na forma figurada: que ela tem prestado serviço humildemente aos pregadores itinerantes. Ver Gênesis 18.6; 1 Samuel

25.41. Sobre todo o tema da lavagem dos pés, ver C.N.T. sobre João, Vol. II.

í d. **se tiver assistido os aflitos.** Os cristãos primitivos eram perseguidos, oprimidos. Cf. João 16.33; 1 Tessalonicenses 1.6; 2 Tessalonicenses 1.4. Necessitavam de socorro, auxílio (o mesmo verbo no v. 16). Devem partilhar as cargas (G1 6.2).

e. **se tiver se devotado a todo gênero de boa obra.** Isto poderia ser considerado como uma reiteração de "bem conhecida por feitos nobres" do início do versículo. Não obstante, é possível que o pensamento tenha encontrado corroboração aqui: essa viúva não só deve *desfrutar da reputação de boas obras*; deve ter vivido *realmente dedicada, com diligência: a (deve ter seguido) todo gênero de boa obrai A* reputação é algo bom, mas às vezes é destituída de mérito. Para ela constar na lista deve desfrutar de reputação merecida!

11, 12. O apóstolo agora continua apresentando duas razões por que as viúvas mais jovens deveriam ser excluídas da lista. A primeira razão é declarada nos versículos 11 e 12: **Você deve recusar [incluir na lista] as viúvas mais jovens; pois amiúde ocorre que, contrariando [sua penhorada dedicação] a Cristo, se tornam insaciáveis em seus desejos, e querem casar-se [novamente].**

Para boa parte da obra em que Paulo estava pensando (ver comentário sobre v. 9), era preciso requerer das mulheres mais idosas, mulheres com mais experiência, que tivessem tempo e oportunidade, portanto *viúvas idosas.* Mas também havia a possibilidade de que fossem *incluídas* viúvas mais jovens. Não obstante, a importância da obra exigia uma devoção de todo o coração. Se os interesses estão divididos, de modo que a mente da viúva, mesmo durante a execução de suas funções espirituais, está preocupada com a idéia de encontrar um esposo adequado, sua eficiência será prejudicada. *Com freqüência é* isso que sucede (note o indefinido orai/). Esta é uma das razões por que a solicitude das viúvas *mais jovens* (abaixo de 60) deviam ser rejeitadas.

Naturalmente, Paulo não acha falha na idéia de que uma viúva mais jovem queira casar-se outra vez. Aliás, ele *quer* que elas façam justamente isso (ver v. 14). Mas definitivamente acha errado que viúvas jovens, *que haviam assumido um compromisso com um importante*

ministério espiritual, e que depois, não obstante, rompem seu compromisso, casando-se novamente! O apóstolo diz: "contrariando... a Cristo." A luz do versículo 12 se faz evidente que sua intenção é que ela "contraria sua penhorada devoção a Cristo" (ou seja, à obra de Cristo que prometera realizar).

A tendência dessas viúvas jovens, como Paulo teria notado repetidas vezes, era *agitar-se por seus desejos.* Visto que a mente delas se ocupa de outras questões (por exemplo, com respeito ao próximo esposo), se aborrecem com seus deveres eclesiásticos e começam a rebelar-se contra eles. O verbo KaTaoxpriviáw é usado somente nesta passagem. Parece significar "exercer o vigor juvenil de alguém contra" (ver M.M., p. 593). O verbo simples se encontra também em Apocalipse 18.7, 9, onde se diz que Babilônia e os reis da terra se entregaram à luxúria. O acúmulo de sentimento indicado aqui em 1 Timóteo 5.11 não é necessariamente mau. É natural que uma viúva jovem acalente o desejo de voltar a casar-se. Ela é jovem, exuberante de vida, desejosa de ter esposo. Então que se case, caso tenha oportunidade, porém enquanto for uma jovem viúva que não esteja inclusa na lista de viúvas que exerçam serviços especiais na igreja. Paulo era um homem muito prático.

Ele prossegue: **incorrendo em culpa, porque têm repudiado seu primeiro compromisso.** A idéia de vários comentaristas de que essas jovens viúvas haviam rejeitado sua *fé* em Jesus Cristo, de que queriam casar-se com *pagãos,* e que, conseqüentemente, sofreram o juízo de "condenação eterna", seguramente é totalmente estranha ao contexto. O apóstolo está escrevendo acerca de viúvas cristãs jovens, que amam o Senhor suficientemente a ponto de solicitar um serviço especial no reino! Que, subseqüentemente, se preocupassem com a idéia do matrimônio, além de tudo, é completamente natural. Só que, neste caso, estariam *repudiando* (como em Lc 10.16) seu primeiro (upcÓTqv) *compromisso* (TTtoriy) com a igreja, ou seja, o de continuar na obra do Senhor. Isso as envolveria em *um juízo,* isto é, em *culpa* (Kpípo:). Paulo deseja poupá-las e promover a obra, espiritual e de amor, da igreja. Portanto, aconselha que as jovens não sejam postas na lista, mas que se casem novamente (v. 14).

13. A segunda razão pela qual as viúvas jovens não deveriam cons-

lar na lista é agora apresentada: **Ao mesmo tempo também aprendem a andar ociosas, indo de casa em casa, e não só ociosas, mas também tagarelas e intrometidas, dizendo coisas que não deveriam [dizer].**

Naturalmente, Paulo não quer dizer que *todas* as viúvas jovens eram assim. Sua intenção é que tal coisa pode ocorrer, e que a igreja não pode "arriscar-se".

Escrevendo, pois, sobre certo tipo de viúvas jovens, a decisão do apóstolo se torna muito vivida.

Primeiro ele diz que "aprendem a andar" (p.av9ávoi)ai.v; o idioma grego não requer eivou) ociosas: adquirem o hábito da ociosidade. Tal ociosidade é produzida por seu "andar de casa em casa" (literalmente, "fazendo o circuito das casas"; cf. At 19.13; 28.13). Ora, esta atividade de "ir de casa em casa", com toda probabilidade estava incluso em sua obra (ver sobre o v. 9) com o propósito de prestar auxílio e ministrar conselho. Mas a tendência dessas *jovens* viúvas era "fazer de *tudo"* isso *uma* fase de sua tarefa, e o leitor pode facilmente presumir por que: eram do tipo sociável. Apreciavam companhias festivas. Gostavam de ser entretidas com (o que em nossos dias chamaríamos) "reunião social". E assim convertiam sua tarefa em mera *atividade social.* Não só aprendiam a ser *ociosas,* mas também *tagarelas* e *intrometidas.* (Note o jogo de palavras: ápyaí. irepíepyoi. Isto poderia ser traduzido assim: "não trabalhadoras ocupadas, mas intrometidas", como eram algumas pessoas em Tessalônica; ver C.N.T. sobre 2Ts 3.11.) A experiência é tão vivida que não se pode evitar o pensamento de que as jovens viúvas haviam vivenciado esse tipo de obra, e isso foi o que ocorrera. Naturalmente, deste modo o resultado facilmente podia ser mais nocivo que bom. Em meio a sua vivaz tagarelice, com freqüência diriam "coisas que não deveriam", *criando* problemas para a igreja, em vez de *resolver* algum!

14,15. O que, pois, as jovens viúvas deveriam fazer? Eis a resposta: **Portanto, quero que as viúvas jovens se casem [novamente], gerem filhos, administrem sua casa.**

Paulo não favorece o ascetismo. Ele não quer que as viúvas jovens permaneçam solteiras. Isto por certo indica que o apóstolo não consi-

dera o celibato como uma forma mais elevada de Cristianismo. Há um amplo abismo entre Paulo e Tertuliano. Este chegou a considerar o segundo casamento como uma "poligamia sucessiva". Na igreja primitiva (2.° século e depois) houve muitos que assumiram um ponto de vista um tanto parecido, embora nem sempre apresentassem argumentos em tanta quantidade e extensão como Tertuliano em favor de uma monogamia absoluta.

Paulo quer que essas viúvas jovens sejam inteiramente felizes e cumpram sua vocação natural. Daí, não só deseja que se casem ao apresentar-se uma boa ocasião (sempre "no Senhor", naturalmente, ICo 7.39), mas que ainda *tenham filhos* (o verbo aparece somente aqui, porém para o substantivo relacionado ver lTm 2.15). Além do mais, ele quer que assumam o papel divinamente ordenado de criar esses filhos. Ele quer que "administrem seu lar" ou "governem sua casa" (este verbo tampouco ocorre em outros lugares do Novo Testamento; ver, porém, M.M., p. 441).

E claramente evidente que Paulo está buscando promover o bem-estar, não só da igreja, mas também dessas jovens viúvas. Ele não quer que ajam de forma inconveniente. Devem aceitar uma oferta de casamento se conscientemente puderem aceitá-lo. Não devem desperdiçar seu tempo em mexericos ociosos. Devem adornar sua confissão com uma vida que honre a Deus. Daí acrescentar ele: **e não dêem ao adversário ocasião para calúnia** (ou: favorável à calúnia). Paulo está pensando num adversário humano, quer judeu, quer gentio. Tal pessoa estaria sempre disposta a vituperar ou injuriar (cf. 1 Pe 3.9). Assim não só a reputação da viúva viria a sofrer, mas também seria desonrado o nome de Deus. Com tristeza no coração, o apóstolo agrega: **Porque mesmo agora algumas já se desviaram após Satanás.** Ele está ainda pensando nas *viúvas jovens.* O significado é: "E necessário que eu enfatize isto, a saber, que o adversário não deve ter ocasião alguma para injuriar, porque eu sei de casos concretos em que isso tem ocorrido." Essas viúvas haviam se desviado do caminho reto (ver sobre lTm 1.6), e agora estavam seguindo a *Satanás* em vez de obedecer ao mandamento de Cristo: "Siga-me" (Jo 21.19).

16. Porventura não há trabalho algum no reino para uma jovem viúva que possui meios e desejos de auxiliar a boa causa? Oh, certa-

mente há! Além do que ela está apta a fazer de uma maneira estritamente pessoal (por exemplo, orar pela igreja e por todos quantos necessitam, visitar *pessoalmente* os necessitados, etc.), há outro modo em que pode ajudar a igreja. E não só *ela,* mas *qualquer outra mulher crente* (nLoiri, é a melhor leitura aqui; ver N.N.) que tenha meios de fazer o que Paulo expressa nestas palavras: **Mas se alguma mulher crente tem viúvas, que as assista.**

Digamos que aqui temos uma senhora como Lídia, que possui uma casa espaçosa. Tem uma serva, uma amiga ou uma parenta que fica viúva. É provável que possa proporcionar a essa viúva um lar ou mesmo a mais de uma viúva. Ou pode ajudar a viúva em termos econômicos, proporcionando-lhe trabalho. Que ela, pois, cumpra seu dever cristão para que Deus seja glorificado, para que essa senhora caridosa possa experimentar em seu coração a paz que vem da aprovação divina das obras bem-feitas, e para que a pessoa necessitada receba socorro. Não obstante, Paulo dá expressão não a esses objetivos, mas a outro: Diz ele: **E que a igreja não seja sobrecarregada, para que esta possa dar assistência às que são realmente [o que está implícito no título] viúvas.**

Aqui o apóstolo volta ao pensamento expresso nos versículos 3 e 4. As viúvas necessitadas, *acima de tudo,* são responsabilidade de quem são seus familiares mais próximos; por exemplo, filhos, netos, mulheres que possuem meios e que têm com elas uma relação estreita. Que cumpram, pois, seu dever. Isso, moralmente, é não só correto, mas também é uma consideração eminentemente prática. A igreja já tem muito que fazer. Entre seus membros não se encontram muitos ricos (Mc 10.25; cf. ICo 1.26). Daí, ela não deve ser *sobrecarregada* (oprimida com fardos por demais pesados; para o verbo, ver também 2Co 1.8; 5.4; então, Mt 26.43; Lc 9.32; 21.34). Sem esse peso extra, ela estará apta a dar assistência "às que são realmente [o que está implícito no lítulo] *viúvas".* A última cláusula já foi explicada (ver sobre o v. 3). Kssas são as viúvas completamente destituídas, não possuindo ninguém para sustentá-las. Se cada um fizer sua parte, será muito mais fácil para a igreja cuidar *dessas* viúvas. Uma lição que é válida também para hoje!

17 Os presbíteros que governam bem sejam dignos de duplicada honra, especialmente os que labutam na pregação e no ensino. 18 Porque a Escritura diz: Não

amordace o boi que está debulhando, e: O trabalhador é digno de seu salário. I[l]) Nunca receba acusação contra um presbítero, a menos que [seja] endossada poi duas ou três testemunhas. 20 Os que cometem erro, você deve repreender na prc sença de todos, a fim de que os demais se encham de temor.

21 Ordeno[-lhe] na presença dc Deus e de Cristo Jesus e dos anjos eleitos, que observe essas instruções [ou: essas coisas] sem preconceito, nada fazendo com parcialidade. 22 Não imponha precipitadamente as mãos [para ordenação| sobre alguém, nem seja participante nos pecados de outrem: conserve-se puro. 23 Não continue a beber [somente] água, mas use um pouco de vinho por causa de seu estômago e suas freqüentes enfermidades.

24 Os pecados de alguns homens são claramente evidentes, e vão adiante deles a juízo; os pecados de outros, porém, seguem após [eles]. 25 Semelhante mente, os feitos nobres [são] claramente evidentes, e os que não o são não podem permanecer ocultos.

5.17-25

17. Os presbíteros que governam bem sejam dignos de duplicada honra, especialmente os que labutam na pregação e no ensino.

A honra devida às viúvas pressupõe a honra devida aos presbíteros. Além do mais, justamente como o termo *viúva* foi primeiramente usado num sentido geral (v. 3), o último (v. 9), porém, no sentido daqueles cujos nomes constavam numa lista e que realizavam determinadas funções na igreja, assim também o termo *presbítero* aparece primeiramente no sentido geral de *idoso* (5.1), porém agora como sinônimo de *supervisor,* o último termo indicando o caráter da obra do homem, e o primeiro a idade e a dignidade que lhe pertence em decorrência de sua idade e ofício.

É evidente que pelas palavras *bispo* e*presbítero* se indica a mesma pessoa, pois em ambos os casos somos informados de que esses homens *governam* e *ensinam* (cf. 1 Tm 3.2, 5 com 5.17). Não causa estranheza que um supervisor ou bispo fosse chamado *presbítero* ou *ancião,* porque no antigo Israel na sinagoga, e também na igreja primitiva os investidos com tal ofício eram os homens de *mais idade.* De forma bem adequada, o termo *bispo* (supervisor) é usado quando a ênfase recai sobre sua *obra* (1Tm 3.1), e o termo *ancião,* quando a ênfase recai sobre a *honra* que lhe é devida (nessa passagem, 1 Tm 5.17).

É digno de nota que Timóteo, aqui, seja instruído a providenciar que os "anciãos [presbíteros] que governam excelentemente" (assim

I ileralmente) sejam honrados pela congregação. O apóstolo estaria cônsi IO do fato de que, em muitos casos, os membros da igreja são propensos a esquecer esse fato. Inclinam-se a crer que os bispos vivem de modo folgado e tranqüilo, "especialmente os que labutam na pregação c no ensino", ou que, se porventura se deve conceder-lhes alguma honra, que isso seja feito por meio do sermão fúnebre! Porventura cause admiração que tantos ministros sofram de colapso nervoso? E que enIre eles houvesse um bom número que estava fazendo sua obra conscientemente?

As palavras "especialmente os que labutam na pregação (literalmente *em palavra)* e no ensino" mostram que já no tempo de Paulo começava a fazer-se distinção entre os que hoje chamamos "ministros", ou "pastores", e os que ainda chamamos "presbíteros". *Todos* governam, e em certo grau *todos* ensinam, mas *alguns* (além de governarem) *labutam* na *pregação* (expondo a Palavra na congregação reunida) e no *ensino* (ministrando instrução à juventude, aos que a buscam, e a todos os que têm necessidade dela). Eles se especializam e labutam arduamente nisso. A tarefa lhes exige a dedicação de muito tempo e esforço: pregar, ensinar e preparar-se para isso.

Ora, todos esses presbíteros que governam excelentemente devem receber "honra duplicada". Mas, o que se quer dizer com essa expressão? As interpretações variam:

(1) honra e honorários. Devem receber honra e uma recompensa material (Crisóstomo, C. Bouma).

(2) amplo pagamento, melhor remuneração, duas vezes o salário c]Lie recebem (algo nessa direção, mas com variações pessoais, Mofíatt, White em *Expositor 's Greek Testament*, Williams).

(3) o dobro da "honra" devida às viúvas, ou uma porção duplicada das primícias das viúvas (*Constitutions ofthe Holy Apostles* Il.xxviii; no mesmo sentido, Calvino, Lock).

(4) honra como irmãos e honra como governantes; ou honra quanto à idade e honra quanto ao ofício (Tertuliano, Bengel).

(5) honra como presbíteros, honra adicional como quem governa de forma excelente (Lenski).

Creio que esta última interpretação é a correta, e aceito a declara-

ção de Lenski de que o próprio contexto explica a "duplicada honra". Não obstante, essa duplicada honra não deve ser interpretada como se fosse excluída toda a idéia de remuneração, e como se em conexão com o versículo 18 o pensamento desse a entender simplesmente isto: os presbíteros que governam de forma excelente deveriam receber o que é justo, a saber, duplicada honra; justamente como o boi que debulha recebe o que lhe corresponde, ou seja, punhados de grãos; e como o obreiro recebe o que lhe é devido, ou seja, seu salário (ver Lenski sobre o v. 18). Desse modo toda noção de remuneração econômica ficaria completamente excluída da "duplicada honra" devia aos presbíteros que servem bem e são dependentes disso. Mas isso dificilmente seria correto, porque também no caso das viúvas, a *honra* que lhes é devida estava imediatamente ligada ao sustento material (vv. 3 e 4), e as analogias usadas por Paulo no versículo 18 certamente apontam na mesma direção no que respeita aos presbíteros. Portanto, a verdadeira explicação pareceria ser esta:

O presbítero merece ser honrado; particularmente, se seu labor se destaca por sua qualidade. Esta honra se deve especialmente aos que trabalham na pregação e no ensino. E isto implica, naturalmente, que, onde se faz necessário (e seria necessário especialmente no caso do "ministro"), seu trabalho deveria também ser remunerado de uma maneira material. O homem que dedica todo seu tempo e esforço na obra do reino (o "ministro") certamente merece "um bom salário". *Não* significa que a palavra "honra", em si e por si, tenha aqui o sentido de *honorário*,[82] Significa *honra.* Mas seria evidência *de falta* de honra se a igreja exigisse de um homem a total dedicação à obra espiritual e que o fizesse gratuitamente.

A explicação que eu tenho dado não significa simplesmente que *todo* presbítero, ou ainda que *todo* presbítero que governa excelentemente, receba salário. *Todos* os que governam bem merecem duplicada

82. No Novo Testamento, a palavra rL(j.r| *nunca significa soldo, ou pagamento, ou salário.* Antes, tem o sentido de *preço* (Mt 27.6, 9; At 5.2, 3; 7.16; ICo 6.20; 7.23; plural em At 4.34; 19.19) e *estima, honra* (Rm 12.10; 13.7; ICo 12.23; etc.). Isso corresponde à conotação da palavra nos papiros (M.M., p. 635). No grego clássico, a palavra tem uma vasta gama de significados: valor, preço; compensação, satisfação, recompensa; multa; honra, dignidade; senhorio, ofício; prêmio, presente, oferenda; estima, honra.

honra, e no caso dos que se dedicam inteiramente à obra da igreja isto implica o direito à remuneração. (E implica ainda mais que isso; ver vv. 19, 20, 22.)

18. Porque a Escritura diz:

Não amordace o boi que está debulhando

e

O trabalhador é digno de seu salário.

Ambos os provérbios estão claramente coordenados. Se o primeiro é "Escritura", então o segundo também o é. Assim uma palavra dita por Jesus é posta em paralelo com um provérbio do cânon do Antigo Testamento.

O primeiro provérbio é uma citação de Deuteronômio 25.4. Paulo faz uso semelhante dele em 1 Coríntios 9.8-12. O quadro é o de uma eira: um terreno circular exposto ao relento. As vezes era uma rocha plana no cume de uma colina. Os feixes de grãos eram desatados e se estendiam no piso, arranjados e em círculos. Os bois eram guiados a pisarem sobre as espigas para que, pelo impacto de seus pés, o grão maduro se soltasse das espigas (Os 10.11; Mq4.13). Ou, com o mesmo propósito, os bois podiam ser arreados e montados por um condutor que guiava os bois para que dessem repetidos giros (Jz 8.7; Is 28.27; 41.15), Esse arreio era uma espécie de trenó formado por duas tábuas pesadas, atadas uma ao lado da outra e curvadas para cima na parte dianteira. Punham-se-lhes debaixo pedras pontiagudas para fazer soltar os grãos de trigo.[83]

Ora, os cruéis pagãos às vezes punham bocais nos bois enquanto debulhavam, mas Jeová proibira claramente a Israel que fizesse tal coisa. () propósito dessa ordem era para que os homens pudessem ver a bondade de Deus; particularmente, para que pudessem discernir este princípio básico, ou seja: que *a todo obrei.ro* (quer aquele que trabalha com bois, ou um trabalhador comum, ou um ministro do evangelho) Deus lem dado o direito de participar dos frutos de seu trabalho. (O contexto

X3. Ver W. D. B., pp. 604, 605. a gravura e o artigo. Era I.S.B.E. se encontram excelentes quadros da eira e do trilho com bois, artigo "Agriculture"; ver também o artigo "Threshing-lloor". Também Thomson, *The Land and The Book.* vol. 2, p. 314; M.S. e J.L. Miller, *Eneyclopcedia of Bible Life*, o artigo na p. 19, e as belas ilustrações nas páginas opostas, 15 e 22.

em Deuteronômio trata de *homens*, não de animais. Cf. ICo 9.9, 10.) No presente caso, isso significaria que "os que proclamam o evangelho devem viver do evangelho" (ICo 9.14).

O segundo provérbio, "O trabalhador é digno de seu salário", encontra-se precisamente nessa forma em Lucas 10.7. (Em Mt 10.10, o provérbio ocorre numa forma ligeiramente diferente: "O trabalhador é digno de seu *alimento".)* Paulo e Lucas eram amigos, e com freqüência estavam juntos. Lucas estivera com Paulo durante a primeira prisão deste em Roma (Cl 4.14; Fm 24). Não é impossível que o evangelho de Lucas já tivesse sido concluído. Daí, se esse foi o caso, o apóstolo estava em condições de citá-lo. Ou também poderia ser que estivesse citando uma coleção de provérbios que presumivelmente fora usada como fonte do Evangelho de Lucas.[84]

Combinando as duas citações, e considerando-as à luz do contexto precedente, notamos que Paulo está enfatizando que o respeito do qual são dignos os presbíteros que governam bem, implica que os que entre eles se dedicam inteiramente à obra do evangelho têm o direito a salário, e que tal salário não lhes devia ser retido.

19. Ora, essa "honra" que é devida ao presbítero deveria ser também expressa noutro sentido: **Nunca aceite uma acusação contra um presbítero, a menos que [ela seja] endossada por duas ou três testemunhas.**

Uma acusação contra um presbítero deve ser *sobre* - ou seja, deve ter por *base* o testemunho oral de - duas ou três testemunhas. Note que, embora de antemão *todo* israelita estivesse salvaguardado de *processo* e *sentença*, a menos que duas ou três testemunhas fidedignas testificassem contra o mesmo (cf. Dt 17.6; cf. Nm 35.30; e ver C.N.T. sobre João 5.31; 8.14), aqui (! Tm 5.19) os *presbíteros* são excetuados ainda de ter de *responder a uma acusação* (cf. Ex 23.1 na LXX), a menos que esteja imediatamente endossada por tuas ou três testemunhas. Sem esse apoio, a acusação não deve ser *levada em conta nem ainda recebida.* Não se deve prejudicar desnecessariamente a reputação de um presbítero, e sua obra não deve sofrer uma interrupção desnecessária.

84. Sobre o tema de datas prováveis de quando os livros do Novo Testamento foram escritos, bem como o Problema Sinótico, ver meu livro *Bible Survey,* pp. 325. 383-394.

20. Não obstante, às vezes a acusação contra um presbítero pode contar com suficiente endosso para ser *recebida* e em seguida ser endossada pelos fatos. O que fazer, então? Diz Paulo: **Os que cometem erro, você deve repreender na presença de todos, a fim de que outros também possam encher-se de temor** (literalmente: *possam ter temor).*

Os presbíteros que andam por vias pecaminosas não devem ser poupados. Aliás, seus pecados devem ser punidos ainda com mais severidade do que os demais. A lei fazia a mesma distinção (Lv 4.22, 27). Timóteo devia não só fazer com que *seu pecado ferisse sua consciência,*[85] mas que, no caso deles, isso fosse feito *não privativamente,* nem na presença de apenas uns poucos (Mt 18.15-17), *mas publicamente,* ou seja, na presença de todo o consistório, para que os demais presbíteros também viessem a sentir-se cheios de um piedoso temor de praticar o mal (cf. Gn 39.9; SI 19.13).

21. Ora, nos assuntos discutidos nos versículos 19 e 20 e, na realidade, em todo assunto que tange à disciplina de líderes eclesiásticos, pode-se ser facilmente influenciado por considerações puramente subjetivas. Mas isto pode significar a ruína para a igreja e para todos os envolvidos. Timóteo, como delegado apostólico nas igrejas de Éfeso e suas cercanias, não deve permitir que isto ocorra. Ainda em nossos dias, os juizes tendenciosos, as "máquinas" eclesiásticas, os assim chamados "comitê de investigadores" integrados por caçadores de intrigas, o "companheirismo" e coisas afins podem destruir facilmente uma denominação. A corrupção geralmente começa "na cúpula". A história eclesiástica proporciona vários exemplos. O homem do banco da igreja não sabe o que de fato ocorreu "enquanto dormia". Ao despertar - se é que desperta! - geralmente já é tarde demais.

Daí, é essencial a imparcialidade e a honestidade absolutas em todos esses assuntos. É por essa razão que a ordem que o apóstolo agora dá a Timóteo é tão importante. *Tuclo* está em jogo. A igreja do século 21 bem que poderia levar a sério estas solenes palavras: **Ordeno[-lhe] perante Deus e Cristo Jesus e os anjos eleitos que observe essas instruções sem preconceito, nada fazendo com parcialidade.**

85. Para uma discussão mais detalhada do verbo usado aqui, ver C.N.T. sobre João 16.8.

É evidente à luz da cláusula introdutória, "que observe essas instruções", que o verbo usado no original não pode, *aqui,* significar "testifico-lhe" (como, por exemplo, em ITs 4.6), mas "encarrego", ou seja, *"admoesto* solenemente" ou "*ordeno* solenemente" ou "*conjuro*". Paulo enfatiza que é ante os olhos do próprio Deus e com sua plena aprovação que as instruções devam ser ministradas (vv. 19, 20). Este é o mesmo Deus que, por intermédio de Cristo Jesus, *um dia julgará todos os homens.* E esses são os anjos que estarão junto a Cristo no juízo final. Daí Paulo estar, por assim dizer, pondo Timóteo sob o *juramento* de cumprir o mandamento que recebeu (no espírito de Gn 24.3, 9). Quem quebrar o juramento *será julgado.* Comparando-se a linguagem semelhante de 2 Timóteo 4.1, fica evidente que, ao ministrar essa ordem, Paulo está pensando realmente no *juízo final.* Note bem os detalhes que são mencionados aqui em 1 Timóteo 5.21:

O juiz é *Deus* (Gn 18.25; Hb 12.23). O destinatário deve estar profundamente cônscio do fato de que Paulo, ao escrever, e Timóteo ao pôr em prática essa ordem, estão agindo ante os olhos de Deus, o juiz.

Não obstante, Deus não julga diretamente, e, sim, por intermédio de *Cristo Jesus.* A honra do juízo foi conferida ao Mediador, como recompensa pela expiação que ele operou (Mt 25.31-46; Jo 5.22, 23, 27; At 19.42; 17.31; 2Co 5.10; Fp 2.10, 11; 2Tm 4.1; Ap 14.14-16).

Associados a Cristo nessa tarefa de juízo estarão os *anjos,* como é ensinado por toda parte nas Escrituras Sagradas (Dn 7.10; Mt 13.27, 41, 42; 16.27; 24.31-33; 25.31; 2Ts 1.7; Hb 12.22; Ap 14.15, 17-20). Recolherão os redimidos e conduzirão os maus ante o trono do juiz.

Esses são os anjos *eleitos* de Deus, distintos dos anjos "que não guardaram seu estado original" (Satanás e seus demônios; cf. Jd 6). Em seu decreto soberano e inescrutável, que transcende todo o entendimento humano, Deus, desde toda a eternidade, decidiu que *esses* anjos (aqui chamados *eleitos)* recebessem a graça de perseverar, de modo que pudessem permanecer em seu estado. Sendo *eleitos*, naturalmente são também *amados.* (Quanto à doutrina da eleição dos *homens,* segundo o ensino de Paulo, ver C.N.T. sobre ITs 1.4.)[86]

86. Partindo da analogia da eleição *dos anjos,* tem-se argumentado que também no caso *dos homens* deve-se conceber a eleição como supralapsariana, de modo que, ao fazer a lista

Não é estranho que o apóstolo mencione também esses *anjos.* Ele quer que Timóteo *obedeça* à importantíssima ordem acerca da disciplina dos presbíteros; ou seja, ele quer que se assemelhem aos anjos em *obediência.* Além do mais, esses anjos são espectadores das ações de Timóteo e acompanharão a Cristo no juízo final, quando tudo o que estiver oculto será revelado e castigado a quebra dos juramentos. Segundo Paulo, e em harmonia com todo o restante das Escrituras,

OS ANJOS SÃO:

Assistentes de Cristo (2Ts 1.7), sua Cabeça exaltada (Ef 1.21, 22; Cl 2.10)

líons mensageiros do evangelho de nossa salvação, que vieram ao Senhor não só em seu nascimento, mas também em sua ressurreição e na glória de sua vinda posterior à ressurreição (ver comentário sobre ITm 3.16; cf. Lc 2.14; 24.4; At 1.11)

Cantores no coral celestial (1 Co 13.1; cf. Lc 2.14; Lc 15.10; Ap 5.11, 12)

Defensores dos filhos de Deus (2Ts 1.7-10; cf. SI 91.11; Dn 6.22; 10.10, 13, 20; Mt 18.10; At 5.19; Ap 12.7), embora estes terão uma posição mais elevada que eles e os julgarão (ICo 6.3; cf. Hb 1.14)

Exemplos de obediência (ICo 11.10; cf. Mt 6.10)

Fiéis amigos dos redimidos, que os vigiam constantemente, profundamente interessados em sua salvação e os servem de toda forma, executando também o juízo de Deus sobre o inimigo (G1 3.19; ICo 4.9; 2Ts 1.7; cf. Mt 13.41; 25.31, 32; Lc 16.22; lPe 1.12; Hb 1.14; Ap 20.1-3).

[Por conseguinte, já que as ações de Timóteo são vistas por Deus, por Cristo Jesus (ambos *divinos,* note que no original usa-se somente

de cima para baixo dos elementos que correspondem ao decreto, a decisão de Deus, de revelar sua misericórdia na salvação de alguns homens, e sua justiça na perdição de outros, (cria de colocar *acima (supra)* sua decisão de permitir a *queda (lapsus).* Não obstante, nem iodos reconhecem a legitimidade desse raciocínio da analogia. A maioria dos teólogos provavelmente concorda que, até onde a predestinação tem que ver com os *homens*, tanto o supralapsarianismo quanto o infralapsarianismo são parciais. Quanto a todo este tema, ver I,. Berkhof, *Teologia Sistemática* (note a literatura); também minha tradução de H. Bavinck, *The Doctrine ofGod,* pp. 382-394.

um artigo) e pelos anjos (*criaturas*, note a repetição do artigo), e isto com vistas ao juízo final, que Timóteo observe (cuide de cumprir) as ordens comunicadas "sem preconceito", isto é, sem deixar-se influenciar por nenhum tipo de consideração subjetiva pecaminosa, guiado somente pela norma objetiva da verdade revelada por Deus, e "nada fazendo com parcialidade (ou favoritismo)", *sem inclinar-se* para este lado nem para aquele, nem para o acusador nem para o acusado, até que todos os fatos importantes de cada caso concreto tenham se estabelecido plenamente.

22. E possível evitar muitos problemas se Timóteo, ao ordenar homens para o ofício, exercer a devida precaução. Daí Paulo continuar: **Não imponha as mãos [para a ordenação] precipitadamente sobre ninguém, nem seja participante dos pecados de outros: conserve-se puro.**

A indicação simbólica da comunicação de dons dos quais alguém necessitará para o cumprimento dos deveres de seu ofício já foi mencionada (ver sobre 1Tm 4.14) e será mencionada uma vez mais (2Tm 1.6). Essa tarefa não deve ser feita "com precipitação". As qualificações dos homens que estão sendo considerados devem ser examinadas completamente antes que possam ser designados para o ofício. Isso está em harmonia com o que o apóstolo esteve afirmando em 1 Timóteo 3.2, 7, 10. A ordenação sem uma criteriosa investigação prévia tornava Timóteo responsável pelos males que tais presbíteros pudessem subseqüentemente cometer. Em contrapartida, isso aumentaria a dificuldade em discipliná-los. Timóteo deve esforçar-se por "manter-se *puro*" (em plena conformidade com a lei moral de Deus) com respeito a esse a todos os demais assuntos. (Acerca do substantivo relacionado, *pureza,* ver sobre 1Tm 4.12; 5.2.)

23. O preceito "mantenha-se puro" era de natureza pessoal. Isso leva a outra observação que é também pessoal: **Não continue a beber [somente] água, porém use um pouco de vinho por causa de seu estômago e suas freqüentes enfermidades.**

Timóteo era uma pessoa conscienciosa. Ele não queria ser acusado de ser o tipo de pessoa que "se demora ao lado do vinho" (ver sobre 1Tm 3.3). Daí, ele formara o hábito de beber nada mais senão água. Não obstante, no Oriente a água com freqüência está longe de ser "dig-

na de confiança". Os que já estiveram por lá, inclusive, por exemplo, os que estiveram por lá enquanto serviam às forças armadas, sabem bem disso. Se alguém insiste em não beber nada mais senão água sem ferver, é passível de sofrer ataques de disenteria. Aliás, algo pior pode acontecer-lhe. Por conseguinte, com o fim de ajudar Timóteo a vencer seus problemas estomacais, bem como outras enfermidades colaterais que tudo indica o afetavam com freqüência e de forma grave, Paulo lhe aconselha que pare de ser pura e simplesmente um bebedor de água. Timóteo deve usar um pouco de *vinho,* não *muito,* apenas *um pouco.* Isso iria fazer-lhe bem fisicamente.[87] Paulo aqui está falando do vinho como *medicina,* não como *bebida,* como observa corretamente Wuest.

24, 25. Voltando agora ao tema da precaução necessária antes da ordenação de alguém para o ofício (ver v. 22). Paulo diz:

Os pecados de alguns homens são claramente evidentes, e vão adiante deles para juízo, mas os pecados de outros seguem após Ides].

Semelhantemente, os feitos nobres [são] claramente evidentes, c os que não o são[88] não podem permanecer ocultos.

Das muitas explicações, a mais razoável parece ser esta:

87. Note hem que, com respeito ao uso de vinho, Paulo evita extremos. Por um lado, adverte contra o que "se demora ao lado do vinho" (1Tm 3.3. 8). Por outro, crê ser, no caso dr Timóteo, aconselhável o uso de um pouco de vinho, tanto para melhorar sua saúde quanto como precaução no uso da água (provavelmente devido ao perigo de contaminação).

Muitos têm apresentado seus pontos de vista sobre o tema do sinistro eleito do costume de beber vinho socialmente e o uso de diversas bebidas alcoólicas. Ver o artigo "Negative or Positive" em *The Foundation Issue* de julho de 1955, publicado pela fundação de Tempei ança de Michigan. com sede em Lansing, Mich.; também outro artigo. "Hereditary Consequences of Alcoholism" ["Conseqüências hereditárias do alcoolismo"], em *Christian Economies* de 6 de setembro de 1955. Literatura semelhante está sendo distribuída regularmente. sem dúvida com muitos efeitos saudáveis.

I ',m contrapartida, o valor do vinho como alimento e remédio é discutido pelo dr. Salvatoir cm seu livro *Wine As Food And Medicine,* Blakiston Co. Acha-se resumido e analisado na revista *Newsweek,* edição de 19 de julho de 1954.

Na atualidade, convém a realização de uma vigorosa campanha contra *toda* forma de inlemperançá. As palavras de Paulo devem ser interpretadas à luz das condições que prevaleciam no Oriente e à luz da condição física de *Timóteo.*

88. c'x;u *mais advérbio* significa aqui *estar numa determinada condição.* Quanto a esta expressão, ver também Mateus 4.24; Marcos 5.23; 16.18; João 4.52; Atos 7.1; 15.36; 21.13; **'4**.25 e 2 Coríntios 12,14.

No versículo 24, Paulo está falando dos pecados, ou seja, os pecados de homens que não são aptos para o ofício. No versículo 25, ele está falando sobre os feitos nobres (ou obras excelentes), ou seja, os feitos nobres de homens que são aptos para o ofício.

Por implicação, ele divide o primeiro grupo principal, os pecados de homens não aptos para o ofício, em duas subdivisões:

a. os pecados claramente evidentes de alguns homens;

b. os pecados que não são claramente evidentes de outros homens (isto está mais implícito do que explícito).

Expressamente, ele divide o segundo grupo principal - os feitos nobres de homens que são aptos para o ofício - em duas subdivisões similares:

a. os feitos nobres claramente evidentes de alguns homens;

b. os feitos não nobres claramente evidentes de outros homens.

Portanto, com respeito ao primeiro grupo, Paulo diz que os pecados de alguns homens são tão *claramente evidentes* (upóõr|A.oi, ver também Hb 7.14), tão conspícuos ou óbvios, que em seu caso nem sequer é necessário um exame detido para se chegar a uma *decisão* ou *juízo* (ver C.N.T. sobre João, Vol. I). Os pecados precedem o homem! Isso não significa meramente que o homem em questão desfruta de má reputação (porque tal coisa poderia estar baseada numa calúnia), mas que *é mau:* suas más ações estão a descoberto. Estão à vista de todos. A própria idéia de designar tais homens para o ofício é ridícula.

No caso de outros homens, a situação é diferente. *Seus* pecados os seguem (literalmente, *seguem após eles,* ou *os perseguem).* Ao considerar seu caso para chegar a uma decisão, depois de um *cuidadoso exame,* descobre-se que não são aptos para o ofício. *Antes* que seu caso venha a lume, Timóteo, e talvez os diversos presbíteros, deve considerar tais homens como candidatos para o ofício. *Depois* de um exame criterioso e o veredicto, as coisas tomam um aspecto completamente diferente. Os pecados desses homens agora foram descobertos, de modo que, havendo emitido o juízo, já não resta dúvida alguma da falta de aptidão dos mesmos para o ofício.

A situação com respeito a homens que são espiritualmente aptos para o ofício é semelhante neste aspecto, a saber: que também em seu

caso Timóteo, como regra, não necessita temer que as qualidades ocullas continuem ocultas. Em geral, os feitos nobres (ou obras excelentes) que adornam a vida desses homens serão claramente evidentes. Mesmo no caso excepcional em que não fazem evidentes de imediato, não podem permanecer ocultos. As averiguações e perguntas adequadas os farão vir à superfície.

Com vistas ao incentivo de Timóteo que, como já se demonstrou (ver p. 48), era por demais tímido, Paulo está tentando estabelecer este ponto: se ele tiver o devido cuidado e não se precipitar na ordenação de homens para o ofício (ver v. 22), terá bons presbíteros nas igrejas de Iileso e suas cercanias; a regra é que mesmo no caso de homens tais que não se mostram de imediato, de forma clara, se são ou não aptos, um exame cuidadoso o conduzirá a conclusões válidas. E, em todo caso, então Timóteo não se verá envolvido nos pecados de outros homens.

Síntese do Capítulo 5

Ver o Esboço no início deste capítulo, o qual pode ser parafraseado assim:

Quanto *aos membros que necessitam de conselho pastoral ou correção*, você (Timóteo) deve tratá-los como o requer sua idade e seu sexo: Admoeste um homem [mais] idoso como se fosse seu pai; os homens [mais] jovens, como a irmãos; as mulheres [mais] idosas, como a mães; as mulheres [mais] jovens, como a irmãs, com toda pureza.

Quanto às *viúvas que se acham em necessidade,* devem honrar e dar assistência às que são realmente destituídas de amparo. Devem receber tanto apoio moral quanto físico. O Objeto de sua constante esperança e oração lhes será provido por meio da igreja.

Entretanto, há viúvas que têm filhos e netos que podem proverlhes sustento. Estes devem quitar aquela dívida que contraíram ao serem eles criados por elas. Deus tem prazer em tal atitude. Se negligenciam seu dever, são piores que os infiéis. E a viúva que carece de meios ile sustento que devem ser assistidas *pela igreja.*

Há algumas viúvas, contudo, que passam a viver nos prazeres. Essas, ainda que fisicamente vivas, estão espiritualmente mortas. Nem é preciso acrescentar que tais viúvas não merecem ser honradas pela igre-

ja. Enfatiza constantemente tais regulamentações a respeito do dever da igreja e dos filhos e netos para com as viúvas.

Ora, *quanto às viúvas e sua obra,* com vistas a qualificá-las para obras tais como ministrar bom conselho às mulheres mais jovens, prepará-las para o batismo, levá-las à comunhão, ministrar orientação aos órfãos, etc. (esta é uma *conjetura* acerca da natureza de sua obra), estas não devem ter menos de 60 anos de idade, devem ter sido esposas fiéis, mães sábias, boas hospedeiras, benfeitoras bondosas; em suma têm de ter dado provas de sua aptidão para essa posição.

Para este tipo de obra, você *não* deve engajar viúvas *jovens,* porque a experiência tem provado que em muitos casos elas se inquietam e quebram o compromisso de trabalho devotado à igreja, incorrendo, portanto, em culpa. Também amiúde põem as atividades sociais acima das atividades do reino, de modo que ao visitarem diversos lares aparentemente com o intuito de ministrar orientação, realmente não fazem outra coisa senão tagarelar e intrometer-se nos assuntos de outrem. Assim causam mais dano que benefícioé provocam escândalos. É preciso evitar isso por todos os meios. Por isso, em vez de serem engajadas para tais obras do reino, que as viúvas jovens cumpram seu desejo natural. Ao apresentar-se-lhes boa oportunidade, que se casem novamente. Que tenham uma família e a administrem com propriedade. Isso é honroso e removerá suspeita e calúnia. E necessário que eu adicione isso, pois estou a par de certas viúvas que se têm desviado do honroso curso com o fim de seguir *Satanás.*

Não obstante, isso não significa que não há oportunidade para as viúvas jovens na obra do reino. Há trabalho para todos, bem como para toda e qualquer mulher. Por exemplo, se há alguma mulher crente que possua meios, que se ponha em alguma relação de responsabilidade para com as viúvas desamparadas; que as ajude para que a igreja não seja sobrecarregada e estejam em melhores condições de auxiliar as viúvas que não recebem sustento de ninguém.

Quanto aos *presbíteros*, e *futuros presbíteros,* note o seguinte:

O presbítero deve ser honrado por causa de seu ofício; e deve receber honra *duplicada* caso execute bem sua tarefa. Isso recebe ênfase especial com respeito aos "ministros", homens que labutam na prega-

ção e no ensino. Deve-se respeitá-los de forma elevada e prover-lhes de forma generosa, porque diz a Escritura:

"Não amordace o boi quando está debulhando" (Dt 25.4)

e

"O trabalhador é digno de seu salário" (Lc 10.7).

Acerca de acusações contra um presbítero, as mesmas não devem ser aceitas a não ser que sejam endossadas por duas ou três testemunhas. Mas, se o pecado fica claramente determinado, o homem que o cometeu deve ser reprovado na presença de todo o consistório para que os demais presbíteros se encham de piedoso temor diante de Deus e de (Visto Jesus e dos anjos eleitos, para que você observe essas diretrizes sem preconceito. Não deve permitir a influência de considerações subjetivas. Não se apresse a ordenar um homem. Assim não será responsável com ele pelos males que venha a cometer no futuro. Conserve-se puro. (Incidentemente, cuide também de seu corpo. Não beba apenas água, mas use um pouco de vinho por causa de seu estômago e suas freqüentes enfermidades.)

Em conexão com os homens que estão sendo considerados para algum ofício, você não deve preocupar-se indevidamente, *unia vez que exerça a devida prudência.* No caso de homens que *não são aptos,* seus *pecados*, os quais os desqualificam, com freqüência se fazem evidentes mesmo antes de começar-se uma investigação de seu caráter; e se não se tornam evidentes *antes,* se tornarão evidentes *depois* da investigação. E no caso de homens que são *aptos,* seus *feitos nobres,* os quais revelam que são qualificados, são geralmente tão claramente evidentes, ainda antes da investigação; e se não antes, se farão evidentes posteriormente.

ESBOÇO DO CAPÍTULO 6

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Timóteo, Ministra Diretrizes para a Administração da Igreja*

Diretrizes com Respeito a Certos Grupos e Indivíduos Definidos (continuação)

6.1,2	E. Escravos
6.3-10	F. Mestres de novidades que aspiram a fama e riquezas
6.11-16	G. O próprio Timóteo ("Guarde a comissão!")
6.17-19	H. Pessoas que são ricas em termos desta presente era
6.20, 21	I. O próprio Timóteo ("Guarde o depósito!")

CAPÍTULO VI

— < $ > —

1 TIMÓTEO 6.1

6 1 Quantos estão sob [o] jugo, ou seja, os escravos, que considerem seus próprios[89] senhores como dignos de toda honra, a fim de que o nome de Deus e a doutrina não sejam vituperados. 2 E os que têm senhores crentes, que não considerem esses [senhores], porque são irmãos, com menos respeito, senão que os sirvam ainda melhor por serem *crentes e amados,* havendo reciprocidade nesse lipo de serviço.

Ensine essas coisas e insista.

Prosseguindo com suas admoestações com respeito a grupos denIro da comunidade cristã, Paulo diz:

6.1, 2

1. Quantos estão sob [o] jugo, ou seja, os escravos, que considerem seus próprios senhores como dignos de toda honra.

É óbvio que *nessa* passagem a palavra usada no original (ÕOÜÀOL) significa *escravos,* não *servos.* Com freqüência ela possui o último significado, e mesmo na presente passagem o apóstolo está tentando o melhor de si para converter um *escravo* em *servo* amado (ver mais em C.N.T. sobre João, Vol. II, nota de rodapé 184). Em nossa passagem, pois, ele começa falando de *escravos* reais, como é evidente à luz do fato de que ele define o conceito, dizendo: "quantos estão sob [o] jugo". O poder de um senhor sobre seu escravo era quase absoluto, semelhante ao que exercia sobre seus animais *de jugo.*

O mundo romano estava cheio de escravos. Estima-se que em Roma um terço da população pertencia a essa classe social. Tornavam-se escra-

89. Ou simpesmente "seus", poríôioç (aqui Lõíouç) perdeu algo de sua força.

vos: a. como prisioneiros de guerra; ou b. como homens condenados; ou c. por causa de alguma dívida; ou d. por causa de rapto (mal que ainda se pratica em algumas partes do mundo); ou e. por haverem sido vendidos por seus pais como escravos. Além disso, muitos *nasciam* escravos. Com freqüência os escravos tinham seus próprios escravos.

Entre esses escravos havia alguns que haviam adquiridos certo grau - às vezes um *elevado* grau - de cultura. Não só o bárbaro, o mordomo e o cozinheiro, mas ainda o médico da família podia estar "sob jugo".

A lei romana não proibia os senhores de tratar mal os escravos. Estes podiam ser condenados a trabalho forçado, ser presos, ser açoitados, ser marcados na fronte (por exemplo, se eram considerados ladrões ou fugitivos), ou podiam até mesmo ser crucificados. Não obstante, a opinião pública com freqüência servia como uma espécie de freio à justiça e crueldade intoleráveis. Além disso, em muitos casos conhecidos por terem sido encontrados registros por escrito, os romanos tratavam seus subordinados com uma justiça notável, dando-lhes liberdade e até tornando-se seus amigos "(cf., por exemplo, a amizade de Plínio e seu "escravo" Zósimo). A alforria não era algo inusitado. Permitia-se ao escravo que comprasse sua liberdade, pagando uma soma de dinheiro que fora acumulando progressivamente mediante a liberalidade de seu senhor ou como resultado de serviços "extraordinários" pelos quais tal escravo era dado a seu deus mediante uma cerimônia celebrada no dia da emancipação, e desse deus ele recebia a liberdade e a quem sentia-se perenemente devedor. Amiúde os escravos eram libertados no testamento de seus senhores.

Com o ingresso da religião cristã na estrutura da sociedade romana surgiram problemas difíceis. Portanto, não surpreende que Paulo trate de diversas fases da escravatura em passagens tais como a que ora consideramos, bem como em Efésios 6.5-9; Colossenses *3.22-4.*1; Tito 2.9; e na epístola a Filemom.

Seu caminho para uma solução é digno de elogio em razão de sua evidente sabedoria. Evita os extremos que poderiam causar dano ao escravo e ao senhor e desonrar a causa da religião cristã. *Ele não defendeu a rebelião franca por parte dos escravos nem a continuação do status quo.* Em vez de favorecer algum desses extremos, propôs-se a destruir *a própria essência* da escravatura com todos seus males cola-

trrais por via indireta. Esse método, ainda que mantivesse a escravatuia em sua forma externa, era, não obstante, a forma mais segura e digna de encômio de trabalhar em prol da meta final da completa abolição dessa horrível instituição desumana. Tinha o propósito de destruir a escravatura sem declarar guerra para consegui-lo. "Que o escravo honre a seu senhor, e que o senhor seja bondoso para com seu escravo. Que ambos tenham em mente que para Deus não há acepção de pessoas." I isse era o princípio. Assim a má vontade, a desonestidade e a indolência de muitos escravos seriam substituídas por serviço honrado, integridade e laboriosidade. Assim também a crueldade e brutalidade de alguns senhores se converteriam em bondade e amor. A graça de Cristo, operando *de dentro para fora,* que é sempre o método de Deus, agiria como o fermento penetrante que transformaria toda a massa.

E assim aqueles que se encontram debaixo de jugo considerem a seus senhores (plural de "déspota", cf. 2Tm 2.21; Tito 2.9, palavra essa que ainda mais que *kuríos* enfatiza a *autoridade* que o senhor linha sobre seu escravo[90]) como dignos de toda *honra* (ver nota 82). Até onde é possível respeitar assim ao senhor, que o escravo o faça **para que o nome de Deus e a doutrina não sejam vituperados** (literalmente, *não sejam blasfemados*; quanto ao substantivo relacionado, "blasfêmia", ver comentário sobre 1Tm 6.4). A revelação redentora de Deus em Cristo, em outros termos, o *nome* de Deus, bem como suas *instruções,* o ensino do evangelho, seriam desprezíveis ante os olhos dos senhores, caso os escravos os tratassem com desdém e com espírito de rebelião. E nada é mais importante que o *nome* de Deus e *sua doutrina*! Estes não devem ser expostos ao ridículo ou ao abuso (cf. Is 52.5; Rm 2.24).

2. Um problema peculiar surgiu com respeito aos escravos crentes que tinham senhores *crentes.* Diz Paulo: **E os que têm senhores crentes, que não considerem esses [senhores], porque são irmãos, com menos respeito, mas que lhes sirvam ainda melhor por serem crentes e amados, havendo reciprocidade nesse tipo de serviço.**

90. Acerca desses sinônimos, ver R. C. Trench, *Synonyms Of The New Testament*, par. xxviii. Devido à ênfase que esta palavra "déspota" põe na autoridade ilimitada, é usada também com respeito a *Deus* (Lc 2.29; At 4.24; Ap 6.10) e *Cristo* (2Pe 2.1; Jd 4).

O escravo cristão que tinha um senhor cristão poderia sentir-se inclinado a dizer em seu coração: "Se meu senhor é realmente cristão, com é possível que me mantenha *como seu escravo*? Sua religião não parece muito profunda. Além do mais, como é possível que eu seja *igual* a meu senhor *na igreja* (G1 3.28) e, contudo, lhe seja *inferior no larl* Tal atitude geraria problemas em toda parte. E assim o apóstolo recomenda a atitude exatamente oposta: se o escravo se encontra numa posição excepcionalmente privilegiada, tendo um senhor crente, então que ele preste um serviço excepcional! Os senhores cristãos são *irmãos* em Cristo. São *crentes, bem-amados, amados* tanto pelos demais crentes quanto por Deus (ver C.N.T. sobre lTs 2.8). E não só por *essa* razão deveriam os escravos servir melhor a tais senhores, mas também porque esses são bons e considerados. Os empregadores cristãos são aqueles em quem há "reciprocidade[91] nesse *tipo de serviço*" (literalmente, *os bons feitos).* Estão *tomando sobre si* (Àa|j,pcívó[ievo 0 a responsabilidade de *dar uma retribuição* (CÍVTÍ; daí o particípio completo ser kvxíXoí\i^oivó\icvoi) pela pronta e entusiasta cooperação dos escravos. Temos, porém, de dizer ainda *escravos*? Tais *escravos* já não se tornaram *servosl*

Ensina e insiste sobre essas coisas (ou: *continue ensinando e insistindo).*

O que Paulo esteve dizendo com referência aos escravos (nos vv. 1 e 2) precisa ressoar nos ouvidos das pessoas. Timóteo precisa *ensinar* essas coisas. Não obstante, não deve imprimir só na *mente* das pessoas e dos presbíteros, mas também na *vontade* deles. Deve tanto *insistir* sobre quanto *ensinar essas* coisas. Quanto a *isso,* o imperativo presente de ambos os verbos provavelmente aponte na direção da necessida-

91. No Novo Testamento, esse verbo aparece três vezes (na voz média). Em Lucas 1.54 e Atos 20.35 significa *ajudar* (provavelmente: segurar alguém para si, *sucessivamente:* ver, porém, A. T. Robertson, Gram. N.T. para uma explicação diferenciada). Estreitamente relacionado com este é o significado que pode ser atribuído ao verbo aqui em 1 Timóteo 6.2: *ter reciprocidade.* Assim, faz-se justiça à idéia contida no prefixo *àvzí.*

As interpretações que não posso aceitar são:

(1) *devotar-se a, empenhar-se em.* Isso se afasta demais da idéia contida no prefixo.

(2) *beneficiar-se por.* A tradução proposta é: "porque aqueles que se beneficiam por seu serviço são crentes e bem-amados." Mas isso converte um predicado em sujeito. A cláusula "havendo reciprocidade nesse tipo de serviço" está claramente no predicado, em aposição a "crentes" e "bem-amados", palavras essas que se acham na posição de predicado.

ilo de uma repetição constante: *continue ensinando e continue insistindo. O* segundo verbo tem o sentido básico: chamar alguém para o lado. Ver também 1 Timóteo 1.3; 2.1; 5.1; 2 Timóteo 4.2; Tito 1.9; 2.6; 2.15. Significados derivados são: apelar a, rogar, admoestar, exortar, insistir, animar ou consolar. Aqui o sentido que melhor condiz com o contexto é *insistir.*

O que é especialmente importante aqui é que, contrariando totalmente certas tendências modernas, o apóstolo é definitivamente contrário à opinião de que todas as proposições relativas à religião e à ética são necessariamente subjetivas e relativas, e que o único método justificável de chegar, em alguma medida, à verdade é o *de fazer perguntas, tais como:* "Irmão José, qual é sua opinião sobre isso?" *Paulo aceitara certas proposições definidas que considerava ser a verdade de Deus! Ele quer que isso seja ensinado! E solicita a Timóteo que insista, em sua aceitação e aplicação à vida!* Ver Também 4.11 e 5.7.

3 Se alguém ensina diferentemente, e não se apossa das sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e da doutrina que se harmoniza com a piedade, 4 está cego por presunção, nada conhecendo, mas [está] possuído de mórbido anelo por controvérsias e disputas por palavras, [fontes] das quais procedem invejas, contendas, injurias, suspeitas ignóbeis 5 e altercações mútuas entre homens depravados na mente e privados da verdade, os quais imaginam que a [prática da] piedade é lucro.

6 E *é* um grande lucro, a saber: a [prática da] piedade *com suficiência na alma.*[92] 1 Porque nada trouxemos para o mundo, [como é bem evidente] que nada podemos levar dele. 8 Mas tendo nutrição e abrigo, consideremos estes como suficientes.[93]

9 Mas os que são ávidos por ficar ricos caem em tentação e em laço e numerosos desejos tolos e nocivos, os quais precipitam os membros da raça humana em ruína e destruição. 10 Porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males, e algumas pessoas, correndo para ele, se têm bandeado da fé e se têm traspassado com numerosas angústias.

6.3-10

3-5. Se alguém ensina diferentemente, e não se apossa das sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, e da doutrina que se harmoniza com a piedade, está cego por presunção.

Da doutrina sadia e intensamente prática de Paulo - exemplos do

[1])2. Ou: "com contentamento". Ver também nota 94.

93. Ou: "com estes estejamos contentes."

que acabamos de dar - às disputas infrutíferas de falsos mestres havia, por certo, uma longa distância. O próprio contraste faz com que Paulo volte ao tema do capítulo 1 (ver especialmente, naquele capítulo, vv. 3-7, 19, 20). Note a similaridade entre os dois parágrafos:

Capítulo 1:	Capítulo 6:
certos indivíduos (v. 3)	alguém (v. 3)
ensinem diferentemente (v. 3)	ensina diferentemente (v. 3)
disputas (v. 4)	controvérsias (v. 4)
sã doutrina (v. 10)	sãs palavras (v. 3)

Mestres de novidade e meticulosos! O apóstolo estava plenamente familiarizado com eles. Ele enfatiza que qualquer vendedor ambulante de volumosas trivialidades sobre a lei de Moisés, qualquer especialista em especulações aparentemente plausíveis sobre os antepassados, está "cego por presunção". Tal pessoa está "cheia de fumaça", enfumaçada, perturbada, obscurecida (ver sobre lTm 3.6). Aqui temos duas idéias combinadas: a *obtusidade* moral e espiritual e a *presunção.* A primeira é o resultado da segunda. Este conceito é verdadeiro em relação a todo dissidente que "não se apossa das sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo". O verbo usado no original (npoaépxexca, que é favorecido pela evidência textual tanto interna quanto externa) tem aqui um sentido que não está longe de seu sentido primário: *chegar, aproximar-se.* Aqui parece significar apossar-se, ou seja, *unir, harmonizar.* Isto é mais forte que *consentir* ou *concordar com.* Um mero ouvinte pode *concordar* mentalmente com as palavras do orador. Um ouvinte dominado pelo *entusiasmo se apossará* do orador ou *se unirá* a ele. Ele não só *concordará,* mas *expressará* tal concordância. Ele "repetirá a mesma melodia". Avidamente chegará à mesma fonte e beberá da mesma água. Revestir-se-á de coragem e começará a proclamar "as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo", as *verdades* puras e perfeitas, sem deterioração, "sem contágio" e, nesse sentido, "sãs", que saíram dos lábios de Cristo e foram exemplificadas em sua vida e em sua morte. Consideradas como um todo, essas "palavras" constituem a "doutrina que se harmoniza com a piedade". Esta doutrina é a expressão da atitude interior de "completa devoção a Deus", ou seja, de *piedade* (para este substantivo, ver sobre lTm 2.2; 3.16; 4.7, 8; 6.5, 6, 11; 2Tm 3.5; Tt 1.1. Cf. o verbo, lTm 5.4; e o advérbio, 2Tm 3.12; Tt 2.12).

Ora, a pessoa que, em sua cega presunção e obstinada dissidência, se nega a tomar posse da doutrina que se harmoniza com a piedade, está impossibilitada de conhecer algo. Ao viver num mundo mental, moral e espiritual de sua própria feitura, ela está completamente alheia à realidade. Daí Paulo continuar: **nada conhecendo, mas [está] possuído de mórbido anelo por controvérsias e disputa de palavras, |fontes] das quais procedem inveja, contendas, injúrias, suspeitas ignóbeis e altercações mútuas entre homens depravados na mente e privados da verdade.**

Quando uma pessoa rejeita as palavras *sãs* ou *saudáveis*, o resultado é *enfermidade.* Tal enfermidade se revela em um "anelo mórbido por controvérsias e disputas por palavras" (ver sobre 1 Tm 1.4). A pessoa atingida por tal enfermidade faz tempestade em copo d'água. Mais ou menos no estilo ilustrado no Talmude, se sentirá excitado por perguntas como esta: "E permissível, no dia de sábado, tirar os caroços de tâmaras?" Alguém poderia responder: "Os caroços de tâmaras a que aderiu alguma polpa podem ser tirados. Outros caroços não devem ser tirados." Outra pessoa responderá expressando sua discordância e sua opinião contrária em termos não incertos. Então poderia haver outra pergunta: "Se é permissível tirá-los, *onde* e *como* devem eles ser lançados?" E a resposta poderia ser: "Devem ser jogados fora." Ao que outro poderia responder: "Não, devem ser jogados debaixo da cama." Ou, poderia dizer: "A pessoa que depara, no dia de sábado, com o problema sobre o que fazer com os caroços de tâmaras deve voltar seu rosto para a parte posterior da cama e expelir os caroços com sua língua."

As vezes o mero *nome* de algum antepassado pode dar início a uma controvérsia. O nome poderia converter-se em diversos anagramas, um sugerindo isto, outro sugerindo aquilo. Ou, o nome poderia levar alguém a recordar uma história que foi transmitida por tradição oral. Mas *uma* história poderia contradizer a outra, e isso poderia também suscitar uma calorosa discussão.

E assim as cisternas rotas que não retêm a água deveriam ser substituídas pela fonte viva da Palavra de Deus.[94]

94. Isso poderia ser comparado com as controvérsias muitíssimo fúteis nos círculos dos reformados - apenas ontem! - entre os infralapsarianos extremados e os supralapsarianos

Há quem parece deleitar-se em tais sutilezas, nas *batalhas de palavras.* Daí Paulo apresentar seus frutos amargos:

a. *inveja.* Um dos disputantes, atingido pela derrota, começa a debilitar-se. Deixa-se dominar por uma maligna má vontade, de peçonhento rancor contra o vencedor.

b. *contenda.* Esta resulta da inveja. A pessoa prejudicada na discussão não quer admitir a derrota. Naturalmente daí procede amarga discórdia. Um está sempre contradizendo o outro. Se usarmos a linguagem da mitologia, diríamos que Eris, a deusa da Discórdia, que se considerava intimamente relacionada com Ares (Marte), o deus da guerra, teve um dia de êxito.

c. *injúrias.* A palavra grega empregada é *blasfêmias.* Mas no grego esta palavra tem um sentido um pouco mais amplo que em inglês [e em português]. Enquanto em nosso idioma ela se refere a uma linguagem insultuosa contra Deus ou contra as coisas religiosas, ou seja, uma *irreverência desafiante* (ver comentário sobre o v. I), no original se refere a insultos dirigidos a Deus ou ao homem. No presente caso, é evidente que o sentido é o segundo: palavras depreciativas e insolentes dirigidas contra o oponente humano, insulto, difamação.

d. *suspeitas ignóbeis.* "Tudo parece ruim para quem tem o olho deformado" (Pope). A mente do indivíduo invejoso está saturada de desconfiança e pressentimentos. Começa suspeitando de cada ação de seu oponente, de cada palavra, de cada gesto. Acredita que há uma "razão oculta" por detrás de cada movimento da pessoa que considera como sua antagonista. Além do mais, tal enfermidade é contagiosa.

e. *altercações mútuas ou fricções incessantes.* Quando o "enfure-

extremados. Ou com os "calorosos" debates ainda em vigor sobre a idade da terra.

Ora, nas discussões desse caráter nauseabundo, os dois oponentes às vezes querem dizer a mesma coisa, porém o *expressam* de forma distinta. Para usar uma ilustração atual, alguém poderia afirmar: "A obtenção da salvação está *condicionada* à fé." Outro insiste com igual firmeza: "A Escritura *não* reconhece *condições."* Mas se pelo menos o primeiro membro da disputa estivesse disposto a admitir que Deus supre o que ele exige, de modo que o exercício da fé é sempre o resultado do dom divino, e se o segundo membro da disputa estivesse disposto a admitir que (pelo menos no caso de quem chegou à idade da razão) o exercício da fé é *indispensável* para a salvação, e que é *o homem* - e *não Deitai* - quem crê, logo ficaria claro que a disputa era *tuna batalha de palavras.*

cido" amante de novidades volta a encontrar seu oponente, para discutir outras questões "religiosas", ele assume uma de duas atitudes: ou seu olhar lança chamas e ameaças, ou arde por dentro, porém simula tranqüilidade mediante a aparente impenetrabilidade de sua conduta. Não obstante, "ferve" por dentro. Está vingativamente exasperado; está eonvulsivamente agitado; sedento de "sangue". As duas pessoas "se incomodam mutuamente" (note a idéia radical no original). Suas discussões religiosas freqüentemente adquirem a natureza de *diatribes,* no sentido desfavorável do termo (no original, "dia-para-tribes"). Tais disputas estão saturadas de provocações obscenas, insultos ferinos e invectivas ardentes, ou também de insinuações ocultas, indiretas, maliciosas e desdém tenuamente veladas.

Tal conduta e seus amargos frutos são marca de homens "depravados na mente e privados da verdade". Foi o próprio Deus que dotou o homem com inteligência, para que pudesse refletir nas coisas elevadas da vida. Não obstante, com respeito a este precioso dom, a saber, a inteligência, os seguidores do erro, de Éfeso e suas cercanias, se corromperam, de tal maneira que agora chegaram ao estado *permanente* de "depravação mental". A mente depravada se opõe à verdade e recebe de bom grado a mentira, até que, por fim, quem possui uma mente assim chega ao ponto de ser completa e permanentemente separado da *verdade:* a revelação objetiva de Deus, revelada em sua Palavra. A inveja, contendas, injúrias, suspeitas ignóbeis e altercações mútuas conduzem à *esterilidade* mental, moral e espiritual. Os que praticam tais coisas vivem tão completamente ocupados consigo mesmos e com seus próprios interesses, que no coração deles não há tempo nem lugar para Deus e para sua verdade revelada. Esse egoísmo é evidente também à luz do fato de que o apóstolo os qualifica como homens, os **quais imaginam que a [prática da] piedade é lucro.** Praticam uma "piedade" externa com o fim de *tornar-se ricos* (não só com o fim de ganhar a vida). Fazem uma exibição de sua "religião" (ver sobre lTm 3.16). No ínterim cobram tarifas exorbitantes pela "instrução" (?) que transmitem. (Para a atitude de Paulo com respeito à questão de receber remuneração pelo labor evangelístico, ver C.N.T. sobre 1 e 2 Tessalonicenses.)

6, 7. A pessoa *realmente* piedosa não se interessa por enriquecer.

Ela possui *recursos interiores* que lhe proporcionam riquezas muito maiores que as que a terra pode oferecer. Por isso, com respeito a essa vida genuinamente piedosa, Paulo continua: **E ela é um grande lucro, a saber, a [prática da] piedade com suficiência da alma.** Esta é a vida de verdadeira devoção a Deus. E de "proveito em todo sentido" (ver comentário sobre 1 Tm 4.8). Esta vida cristã emana da fonte de - e é acompanhada por - *suficiência da alma.*[95]

A pessoa realmente piedosa tem paz com Deus, alegria espiritual, certeza da salvação, convicção de que "para os que amam a Deus, todas as coisas cooperam juntamente para o bem, para os que foram chamados segundo seu propósito" (Rm 8.28). Daí, ela não sente necessidade de "muitos bens [terrenos] guardados para muitos anos", que jamais podem satisfazer *a alma* (Lc 12.19, 20). Ela vive contente com o que tem. Cf. Filipenses 4.10-13. **Porque,** as possessões terrenas não pertencem à "alma", o que é evidente à luz do fato de que **nada trouxemos ao mundo, [justamente como é evidente] que'[6] nada podemos levar dele.**

95. A palavra usada no original poderia ser traduzida mais literalmente "auto-suficiência", se não fosse o fato de que em nosso idioma essa palavra é ambígua, porque pode ser usada em sentido favorável (capacidade inerente e adequada para esta ou aquela atividade) ou em sentido desfavorável (satisfeito consigo mesmo, arrogante). Usada em sentido desfavorável, o antônimo correspondente seria *humildade.* No sentido favorável, seu antônimo é *impotência espiritual* ou *pobreza de espírito.* A palavra é empregada no Novo Testamento no sentido favorável. Por meio de uma transição simples, esta admirável *suficiência da alma* começa a incluir o elemento *contentamento.* No Novo Testamento aparece somente aqui e em 2 Coríntios 9.8.

96. Literalmente, o original diz: "porque nada trouxemos ao mundo, OTL e nem podemos tirar nada dele." A pergunta é: Que devemos fazer com a partícula OTL? Soluções propostas:

(1) A partícula é supérflua (E. F. Scott).

Objeção: Esta é uma saída fácil. Scott não explica como esta palavra supérflua foi introduzida, nem como foi que mesmo as mais antigas tentativas de "corrigir" o texto *retiveram* a partícula.

(2) A partícula deve ser tomada no sentido causai: "porque nada podemos levar do mundo, nada trouxemos para ele" (nesta linha, Belser. Weiss, Lenski).

Objeção: Isso não cabe na seqüência lógica do presente pensamento nem é adequado à evidente fonte do dito veterotestamentário.

(3) A partícula é recitatíva ou tem o sentido "porque o diz provérbio". Lock menciona esta como uma dentre as várias possibilidades.

Objeção: Neste caso, era de esperar-se que estivesse no início da paráfrase veterotestamentária, e não no meio.

(4) OTL oúôe deveria ser oúS' OTL: "não fala de não poder levar nada" (Isto é favorecido por

É claro que o apóstolo está pensando no famoso dito de Jó: "Nu saí tio ventre de minha mãe, e nu voltarei" (Jó 1.21; cf. Ec 5.14, 15).

8. Por isso, não nos esforçaremos pela obtenção de riquezas terrenas. **Mas tendo nutrição e abrigo, consideremos estes como suficientes** (ou: *com estes estaremos contentes).*

Para "nutrição e abrigo" o original tem o plural (cf. "víveres e roupas"). Nossa palavra "nutrição" é suficientemente abrangente para incluir todos os artigos alimentícios necessários para manter a vida física, assim como a palavra "abrigo" indica o que é necessário para a proteção externa do corpo. A tradução "comida e *roupa"* é menos exata. O original ("abrigo" ou "com que cobrir-se") com toda a probabilidade inclui *a habitação* onde o homem reside, assim como a *roupa* que usa. O Senhor não exige de nós que, tendo roupa, não busquemos uma tenda ou uma casa na qual vivermos. O desejo de satisfazer as *necessidades* do corpo não é condenado. O que é condenado é o anseio por *riquezas materiais*, *como* se estas *pudessem satisfazer* a *alma, como se* faz evidente à luz do que se segue:

9. Mas os que são ávidos por ficar ricos caem em tentação e em laço e numerosas cobiças insensatas e nocivas.

Paulo não condena o "desejo" como tal. Ele não é estóico, e, sim, cristão. O que ele condena é o desejo de *ser rico.* Tais pessoas caem em *tentação.* (A palavra no original significa *provação ou tentação.* O

Parry; cf. também Lock.)

Objeção: rsto também não concorda com a fonte evidente do dito veterotestamentário. Além do mais, conta com oposição da evidência textual. Esta, tanto externa como internamente, favorece não só a retenção de ou, mas também sua posição diante de oúõc. exatamente como está no texto de N.N.

(5) As duas frases da oração composta estão frouxamente coordenadas, de modo que a OIL aqui deve imprimir-lhe um sentido similar a "assim como". Esta é a solução proposta por Dibclius e Bouma.

Comentário: Esta solução não está sujeita às objeções apresentadas contra as demais. Poderia ser a correta. E esta ou a (6), com pouca diferença no sentido resultante.

(6) Aqui temos outro caso de expressão abreviada. Note o uso elíptico de OIL em João 6.46 (ver C.N.T. sobre João; Vol. I). Expresso na forma completa, o pensamento poderia ser assim reproduzido: "Porque nada trouxemos ao mundo, *assim como é evidente* que nada podemos levar dele" (estando implícitas as palavras em itálico). Ainda que os textos posteriores introduzissem erroneamente a palavra *evidente* ou *certo*, como se o original contivesse esta palavra, elas discerniram corretamente o pensamento que o apóstolo (que amiúde abrevia!) pretendia dar. Ver também A.V., baseada no *Textus Receptus.*

exemplo clássico que ilustra primeiro um sentido e logo o outro é Tiago 1.2, 12. No presente caso, o sentido *tentação* é claro à luz do contexto.) Como um *laço* (ver sobre 1Tm 3.7) mantém um animal prisioneiro, assim a paixão incontrolável pelas riquezas fecha seus tenazes tentáculos sobre os que "cobiçam até o pó da terra" (Am 2.7). Cf. Salmo 39.6; Provérbios 28.20; Mateus 6.19-21, 24-26; 19.24; Tiago 5.1-6.

Além do mais, o pecado nunca anda só. O desejo de enriquecer faz com que o homem que, na terminologia atual, é uma "encarnação de gordos dividendos", caia em numerosas cobiças. Um gênero de cobiça conduz a outro. A pessoa que cobiça riquezas geralmente também anela por honra, popularidade, poder, comodidade, satisfação dos desejos da carne, etc. Tudo emana da mesma raiz, o egoísmo, o qual, sendo o pior método possível para satisfazer *realmente* a "alma", é um método insensato e nocivo (cf. Mt 20.26-28; ver C.N.T. sobre João 12.25, 26).

No original, a sentença é notável em virtude de sua bela aliteração. A recorrência constante à letra *p* (ir) capta a atenção dos olhos e dos ouvidos, e provavelmente sirva para fixar mais solidamente na mente o provérbio, como se disséssemos:

"Os que vão após a opulência se precipitam a investigações malignas, ciladas arriscadas e numerosas paixões perigosas."

Estas cobiças, paixões ou concupiscências, das quais o apóstolo fala, são arroladas como **as quais precipitam os membros da raça humana em ruína e destruição.**

Em vez do *ganho* que estavam buscando (ver v. 5), os homens cujo coração está assentado nas riquezas só experimentam *perda.* No original, os termos *ruína* e *destruição* são ambos derivados de um verbo cujo significado secundário é *perder.*

Note o caráter progressivo e culminante do movimento que é aqui retratado. Primeiro, esses homens são descritos como *desejando* o mal, a saber: a riqueza material. Logo perdem pé e *caem* em tentação e em laço e em numerosas cobiças insensatas e nocivas. Finalmente, essas cobiças os *precipitam* em ruína e destruição. Homens desventurados! Conduziram seu barco até a própria borda da catarata, que, por sua vez, os lança nas terríveis profundezas. Quanto a exemplos, ver o versículo seguinte.

10. A situação exposta é correta: **porque o amor ao dinheiro é raiz de todos os males.**[97]

O apóstolo não diz que o amor ao dinheiro é *a* (única e exclusiva) raiz de todos os males existentes, mas, sim, que é *uma* raiz. Embora seja verdade que uma palavra não precisa estar sempre precedida pelo artigo *o ou a* para ser definida, certamente não seria sábio aplicar a exceção, quando isso poria conflito entre as palavras de Paulo e os fatos da experiência diária e com outras passagens da Escritura. Há outras raízes ou fontes de males além do amor ao dinheiro, por exemplo, a "amargura" (Hb 12.15; cf. também Tg 1.15). Mas, indubitavelmente, a avareza é *uma* raiz "de todos os males", ou "de todo gênero de mal". Ela levou o homem que possuía muitos rebanhos e tropas (na parábola de Natã) a roubar a única cordeirinha do homem pobre; o jovem rico a afastar-se de Cristo; o rico insensato (na parábola de Cristo) a enganar a si próprio pensando que tudo estava bem; o rico (de outra parábola relatada pelo Senhor) a negligenciar o pobre Lázaro; Judas a trair seu próprio Mestre e suicidar-se; Ananias e Safira a mentir; e os ricos opressores da epístola de Tiago (cf. Am 2.6, 7) a explorar os que trabalhavam para eles. Nenhum deles escapou ao castigo. A avidez por riquezas, além do mais, tem sido a causa de inumeráveis fraudes, casamento por dinheiro, divórcios, perjúrios, latrocínios, envenenamentos, homicídios e guerras. E, no coração do homem, esta pecaminosa cobiça o tem levado a sofrer "muitos tormentos" (ver abaixo).

No presente contexto, Paulo está pensando especialmente nos membros da igreja, como também se faz evidente à luz do que se segue: **e alguns, sendo atingidos por ele,**[98] **se desviaram da fé e se espicaçaram com numerosas dores.**

97. A máxima inspirada traz à memória outras, por exemplo: "O amor ao dinheiro é a *metrópole de lodo o mal"* (ou: "de todos os males"), a qual tem sido atribuída a Bion e a Demócrito; e: "Expulsa *a avareza, a mãe de toda impiedade,* a qual, sempre ávida por mais, abre desmesuradamente suas fauces de ouro" (Claudiano). Não se pode demonstrar que Paulo estava "indubitavelmente citando" uma máxima secular de seu tempo.

98. Literalmente. "*o qual* (riç), tentando alcançar alguns", etc. Cf. A.V. e A.R.V. A pergunta é: A quefjç se refere? Alguns intérpretes (C. Bouma, R. C. H. Lenski) respondem que se refere a (fnÀapyupLa. Bouma explica isto da seguinte maneira: conscientemente, tais pessoas cobiçosas vão após *o dinheiro,* mas inconscientemente se esforçam movidas pelo *amor ao dinheiro.* Mas os pronomes relativos (especialmente no grego koinê) são flexíveis. As

As pessoas que assim *vão após* (ou "aspiram ao", ver sobre lTm 3.1) dinheiro são como os *planetas.* Elas têm *vagueado* da fé; literalmente, "*planetado* longe da fé" *(àvíi\Xavr\Qr\aav).* A palavra *planeta* significa *errante,* pois isso é precisamente o que um planeta é. Não no sentido em que a terra ou outros planetas são "expelidos de suas órbitas designadas". Suas órbitas foram prefixadas, de modo a ser possível, por meio de seis ou sete "elementos de uma órbita planetária" predizer exatamente onde no céu cada planeta estará. Mas em relação às estrelas "fixas", os planetas, girando em torno do sol, parecem vaguear. Essa é a razão de seu nome.

Ora, essas pessoas têm se extraviado ou se desviado *da fé,* a verdade confessada pela igreja (quanto a este sentido objetivo da palavra*fé,* ver p. 20). Elas têm se extraviado na atitude interior, na conduta exterior e ainda na confissão dos lábios, ou seja, nas coisas que ora estão ensinando. Mas, ao agir assim, traspassaram-se (como a pessoa que se traspassa com uma lança) com *numerosas dores.* Entre essas dores se encontra a inquietude, o aborrecimento, a insatisfação, a tristeza, a inveja. No bolso de um homem rico que acabara de cometer suicídio foi encontrada a soma de trinta mil dólares e uma carta que em parte dizia: "Descobri, durante minha vida, que as altas somas de dinheiro não ocasionam felicidade. Tiro minha vida porque já não posso suportar mais a solidão e o aborrecimento. Quando era um trabalhador comum em Nova York, eu era feliz. Agora que possuo milhões, sinto-me infinitamente triste, e prefiro a morte". (Citado por W. A. Maier, *ForBetter Not For Worse* [Para melhor, não para pior], p. 223.)

11 Você, porém, homem de Deus, fuja dessas coisas e corra atrás da justiça, da piedade, da fé, do amor, da paciência, da mansidão. 12 Lute a nobre luta da fé; tome posse daquela vida eterna para a qual você foi chamado quando publicou a bela confissão" na presença de muitas testemunhas. 13 Na presença de Deus que reveste de vida todas as coisas, e de Cristo Jesus que, testificando diante de Pôn-

regras que os regem não são demasiadamente rígidas. Daí, a explicação natural deve ter a preferência. Embora gramaticalmente r\ç concorde com cfnÀapyupía, todavia, no significado real, se refere a àpyúpioi'. conceito que mentalmente tem sido abstraído de 4>LÀapYup[a. Assim também N. J. D. White *(The Expositors Greek Testament,* Vol. IV, p. 144).

99. Literalmente, à qual foi chamado e confessou a bela (ou *excelente* ou *nobre)* confissão".

i io Filatos, fez a bela confissão,"*' 14 concito-o a guardar a comissão[101] sem má-i ula e acima de censura até o aparecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, 15 que no devido tempo[102] se manifestará, [sim, ele] o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, 16 o único que possui imortalidade, que habita em In/ inacessível, a quem nenhum ser humano [jamais] viu nem é capaz de ver; a quem [seja] a honra e o poder eterno. Amém.

6. 11−16

íl. Em contraste com os vícios que Paulo acaba de condenar (ver vv. 3-10) estão as virtudes, as quais Timóteo precisa cultivar: **Você, porém, homem de Deus, fuja dessas coisas e corra atrás da justiça, da fé, do amor, da paciência, da mansidão.**

Ele insta com Timóteo *a fugir de* coisas tais como a maldade, a lome de ouro, o erro, a inveja, as contendas, as injúrias, e a *correr atrás, perseguir ou buscar avidamente* (ver C.N.T. sobre ITs 5.15; cf. Rm 12.13; ICo 14.1; Fp 3.12), seus opositores, a saber: justiça, piedade, fé, amor, paciência, mansidão. Isto se lhe condiz como um "homem de Deus". Na antiga dispensação, essa era a designação da pessoa a quem Deus confiava um elevado ofício (Moisés, Dt 33.1; SI 90.1; Davi, .'Cr 8.14; Elias, 2Rs 1.9; os profetas, ISm 2.27). Na nova dispensação, agora que *cada* crente é visto como um participante da unção do Santo, c portanto como um profeta, sacerdote e rei (Uo 2.20; cf. IPe 2.9), a descrição é usada com respeito a todo e qualquer crente, como é evidente à luz de 2 Timóteo 3.17. E, seguramente, se *cada* cristão é um "homem de Deus", Timóteo, tendo sido posto na posição de grande responsabilidade, é isso num sentido especial. Ora, um "homem de Deus" é uma possessão peculiar de Deus, seu embaixador especial. Ele é, por conseguinte, o exato oposto do homem cujo senhor é Maniiim, e a cujos mandamentos obedece.

Timóteo, pois, como "homem de Deus", deve "*correr atrás" da justiça,*[m] o estado do coração e mente que está em harmonia com a lei de Deus, e que conduzirá à piedade, à vida piedosa, à conduta verda-

I ()(). Literalmente, "que testificou (ou *atestou.*) diante de Pôncio Pilatos a bela confissão".

101. Ou, "o preceito", "o mandato". Ver C.N.T. sobre João, Vol. II.

102. Ou, "em seu próprio tempo". Ver também nota 105.

103. Tenho assim tentado reproduzir ambos os sentidos do original e a aliteração: co/ra iiti ás da justiça representa ôíUKC ÔIKAI.oawr)V. Assim também em 2 Timóteo 2.22.

deiramente pia. "A fé, o amor e a *paciência*" vão juntos'[104] (Tt 2.2; cf. 2Tm 3.10; então 1 Ts 1.3), justamente como "fé, amor e *esperança.*" (Cl 1.4, 5; cf. ICo 13.13), porque a *paciência é* fruto da *esperança* (lTs 1.3). E a graça de *suportar sob* adversidades; por exemplo, a perseguição. Eqüivale a *permanecer firme* não importa qual seja o custo, na plena certeza de vitória futura. (Para um estudo completo da *paciência* e seus sinônimos, ver C.N.T. sobre lTs 1.3; 5.14, nota 108; 2Ts 1.4; 3.5.) Quanto à/e, este conceito é usado aqui no sentido subjetivo, confiança ativa em Deus e em suas promessas. O *amor,* para Paulo, é amplo como o oceano, e tem como seu objeto Deus em Cristo, os crentes e, em certo sentido, "todos" (lTm 1.5, 14; 2.15; 4.12; 2Tm 1.7, 13; 2.22; 3.10; Tt 2.2; cf. lTs 3.12). Quando estas virtudes estão presentes, o resultado será *mansidão* de espírito. A palavra assim traduzida aparece somente aqui na Bíblia grega. Uma comparação com 2 Timóteo 3.10 indica que está relacionada em significado com longanimidade (paciência em referência a pessoas).

12. Comparando a vida cristã com- uma competição, o apóstolo continua sua admoestação com estas palavras: **lute a luta nobre da fé.** O sentido é que Timóteo deve *continuar a* empreender essa luta nobre, assim como deve *continuar* a fugir dos vícios de seus oponentes e a perseguir as virtudes opostas. É verdade que literalmente, no original, as palavras são: "Pelege [na] nobre *competição* da fé", e que a palavra *competição (kyáv,* a. *reunião,* especialmente para jogos ou concursos desportivos; b. a *competição* propriamente dita; c. a *agonia,* angústia ou ansiedade que se relacionada com a competição; e d. agonia, angústia, ansiedade, preocupação ou *solicitude,* em geral) poderia referir-se a *qualquer* tipo de competição ou conflito, quer físico - por exemplo, uma *corrida* (Hb 12.1) - ou espiritual (Fp 1.30; Cl 2.1; e ver C.N.T. sobre 1 Ts 2.2). Não obstante, também é verdade que quando *Paulo* (de modo diferente do autor da epístola aos Hebreus) está comparando a vida cristã com uma *corrida,* ele deixa isso bem claro ao usar palavras tais como *correr, corrida, estádio* (ICo 9.24; 2Tm 4.7). Pode-se concluir com segurança que quando ele compara a vida cristã com qualquer tipo de *competição* (seja usando o substantivo ou o verbo ou am-

104. Daí, não posso concordar com Meinertz, Wohlcnberg e Lenski, que dividem os seis em três grupos de dois cada.

lios), salvo uma *corrida,* a figura subjacente é a de um *ringue de boxe,* uma *luta* ou algo semelhante (ver especialmente ICo 9.24-27). Portanlo, a tradução "Lute a boa luta da fé" (A.R.V., R.S.V., cf. A.V.) não é propriamente errônea, porém chega bem perto do que o apóstolo tinha em mente. A passagem de 1 Timóteo 6.12 nos lembra uma figura ligeiramente distinta. "Guerreie a boa [ou *nobre* ou *excelente*] guerra" (1 Tm 1.18). (Para o uso que Paulo faz de metáforas tomadas da esfera do esporte, ver comentário sobre lTm 4.7b, 8.)

Ao contrário das *batalhas de palavras* dos oponentes (ver sobre I Tm 6.4), Timóteo deve levar avante a *nobre* luta que emana de sua *fé* e é inspirada por ela (provavelmente no mesmo sentido do versículo precedente).

Paulo prossegue: **tome posse daquela vida eterna para a qual você foi chamado quando confessou a bela confissão na presença de muitas testemunhas.**

Ao empreender uma luta com êxito, alguém já está *tomando posse* (note agora o tempo aoristo, em distinção do presente na frase precedente) *da vida eterna.* Esta vida pertence naturalmente à *eva.futura,* à esfera da glória, mas em princípio se torna a possessão do crente mesmo aqui e agora. Realmente ela é vida que dura *para todo o sempre,* infindável. Não obstante, ainda que não esteja excluída a idéia *quantitativa* da vida assim qualificada, a ênfase é posta no *qualitativo*: esta é a vida que se manifesta na comunhão com Deus, na participação de sua santidade, amor, paz e alegria. (Ver C.N.T. sobre João 3.16.)

A idéia de que esta vida eterna se apresenta aqui como sendo inteiramente futura - uma espécie de recompensa que alguém de modo algum recebe enquanto não terminar o conflito - dificilmente faz justiça ao sabor do imperativo e pareceria estar em conflito com as palavras que seguem imediatamente: "para a qual você foi chamado quando confessou a bela confissão na presença de muitas testemunhas." Note bem: *para a qual,* ou seja, essa vocação torna alguém possuidor da vida eterna. Quando foi chamado (tanto externa quanto interiormente), na primeira viagem missionária de Paulo, Timóteo professara publicamente sua fé em conexão com seu batismo. Ainda que mesmo hoje tal confissão seja "bela" ou "nobre" (ΚΚΚΑΤ), deve ter parecido muito mais num tempo em que praticamente todo o mundo se opunha ao evangelho de Cristo.

A admoestação: "lute a nobre luta da fé, tome posse daquela vida eterna para a qual você foi chamado", não implica que Timóteo era negligente ou relapso no cumprimento de seus deveres religiosos. Todo crente necessita todos os dias de tal admoestação. Uma natureza tímida como a de Timóteo, confrontada com oponentes decididos e sutis, havia necessidade dela de forma muito especial. Que Timóteo, pois, se lembre das "muitas testemunhas" que ouviram sua confissão.

13,14. Com impressionante solenidade, que nos lembra 1 Timóteo 5.21, o apóstolo prossegue: **Na presença de Deus que reveste de vida a todas as coisas, e de Cristo Jesus que, testificando perante Pôncio Pilatos, fez a bela confissão, concito-o a guardar a comissão sem mácula e acima de censura até o aparecimento de nosso Senhor Jesus Cristo.**

Paulo diz: "concito-o" ou "ordeno-lhe", ou seja, "entrego-lhe uma mensagem autoritativa" (ver sobre lTm 1.3; 4.11; 5.7). Ele apresenta duas razões por que Timóteo deveria agir de conformidade com o que ele acabara de dizer:

(1) Não deve temer por sua vida, porque a ordem é dada e recebida na presença de Deus, que é o Doador e Preservador da vida, o Deus que gera vida. Cf. Lucas 17.33; Atos 7.19.

(2) Deve lembrar do que fez *Cristo Jesus* (ver sobre 1 Tm 1.1; especialmente nota 19) quando estava testificando perante um inimigo da verdade. Perante Pôncio Pilatos, ele esteve firme e, dando testemunho diante dele com *palavra* e *ato* (Mt 27.1, 2, 11 -13; Mc 15.1 -20; Lc 23.1 - 7, 13-25; Jo 18.28-19.16), fez assim a bela confissão, demonstrando por si só que era "a testemunha fiel" (Ap 1.5; 3.14).

Daí, que Timóteo *guarde* - isto é, vigie, proteja e preserve - sua comissão. Essa *comissão, preceito* ou *mandamento,* compreende tudo o que lhe fora ordenado fazer em relação ao ministério do evangelho e o governo da igreja. Cf. 1 Timóteo 6.20; então, Mateus 28.20. Além do mais, deve cuidar para que sua atitude e sua conduta sejam tais que sua comissão permaneça "sem mácula" (ver Tg 1.27; 2Pe 3.14; cf. Ef 5.27) e "acima de censura" (ver sobre lTm 3.2; literalmente, "que não pode ser tirado", daí, "irrepreensível", "inexpugnável").

Um mandamento semelhante vem a todos os que já receberam uma

responsabilidade semelhante. Cada um deve guardar sua comissão sem mácula e irrepreensível até o dia de sua morte; ou, se a consumação dos séculos ocorrer antes desse tempo - Paulo jamais estabelece datas; ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 5.1,2-, então até "o aparecimento cie nosso Senhor Jesus Cristo". Esse *aparecimento,* ou *manifestação,* I ileralmente é a *epifania* de Cristo, o primeiro *raiar da aurora,* ou seja, aquela aurora para a qual o crente olha com ávida antecipação, *o nascer* (nunca mais o pôr) "do sol da justiça, trazendo cura em suas asas". Cf. Malaquias 1.11; 4.2; Isaías 60.1-3; Lucas 1.78, 79; Apocalipse 1.7; e para a palavra *epifania* propriamente dita, ver C.N.T. sobre 2 Tessalonicenses 2.8; e cf. 2 Timóteo 1.10; 4.1, 8; Tito 2.13.

15,16. Com referência a este *aparecimento,* Paulo prossegue: **que no devido tempo se manifestará, [sim, ele]**

	Paralelos veterotestamentários
a. o bendito e único Soberano ...	Deuteronômio 6.4; Salmo 41.13; Isaías 40.12-31; Daniel 4.35
b. o Rei dos reis	Ezequiel 26.7; Daniel 2.37; Esdras 7.12
e	
c. Senhor dos senhores	Deuteronômio 10.17; Salmo 136.3
d. o único que possui imortalidade	Salmo 36.9; Isaías 40.28; Daniel 4.34
e. que habita em luz inacessível	Êx 24.17; 34.35; Salmo 104.2
f. a quem nenhum ser humano [jamais] viu nem é capaz de ver	Êxodo 33.20; Deuteronômio 4.12; Isaías 6.5
U. a quem [seja] a honra e o poder eterno. Amém	Neemias 8.6; Salmo 41.13; 72.19; 89.52

Às duas razões que apresentamos, indicando por que Timóteo devia "guardar a comissão sem mácula e isento de censura" se acrescenta agora uma terceira, porém só por implicação, ou seja, que receberá sua

recompensa quando Jesus regressar em glória. Não obstante, a idéia de recompensa para Timóteo fica em segundo plano pela extasiada contemplação e conseqüente exaltação dos majestosos atributos daquele que, *no devido tempo* (ou: "em seu próprio tempo"),[105] o tempo designado pelo Pai desde a eternidade (At 1.7; 3.20, 21; cf. G14.4), mostrará esse grande acontecimento que, em certo sentido, todo o universo espera (cf. Rm 8.19): a *epifcinia* ou manifestação visível de Jesus Cristo nas nuvens de glória. Assim como, no pensamento de Paulo, é *Deus* (ICo 6.14; Ef 1.20), ou, mais particularmente, *Deus o Pai* (Rm 6.4; G1 1.1; cf. 1 Pe 1.3) quem *ressuscita* o Filho (ainda que também é verdade que Cristo ressuscitou por meio de seu próprio poder, Jo 10.18), assim é *Deus* quem exibe a *epifania* do Filho. *Ele a exibe como prova* (quanto ao verbo nesse sentido, ver Jo 2.1 8) ao mundo, porque esta é a vindicação pública do Filho e de seu povo.

A doxologia em louvor a Deus é uma das mais belas das Escrituras. Para compreender sua origem deve-se recorrer à filosofia pagã. Ainda que algumas de suas frases tenham paralelo na literatura judaica extra-canônica,[106] certamente deve ser considerada como uma explo-

105. O original traz o plural "tempos", aqui como também em I Timóteo 2.6; Tito 1.3. Não obstante, provavelmente esse seja um plural idiomático que deve ser traduzido no singular. Cf. quanto a este uso Jeremias 5.26 (27.26 LXX); ver também plural de xpóvoç como aparece em Lucas 20.9; 23.8).

106. S.B.K. III, 656. Os comentaristas têm feito as seguintes conjeturas com respeito à origem dessa doxologia:

1. Era um elemento numa oração eucarística que Paulo costumava pronunciar.
2. Era uma adaptação cristã de uma doxologia usada nas sinagogas.
3. Foi extraída de um antigo hino cristão.
4. Em parte (especialmente b. e c.) foi derivada de fontes pagãs; particularmente da fórmula do culto imperial.

Para começar com a última, a usurpação de títulos divinos por reis terrenos poderia ter sido *uma* de várias razões pelas quais os primeiros cristãos falavam de *seu* Senhor como (o único) Rei dos reis e Senhor dos senhores. Ver A. Deissmann, *op. cit.,* pp. 362-366. Também E. Stauffer, *Christ and the Caesars* (versão inglesa de K. e R. Gregor Smith), Filadélfia, 1955; especialmente pp. 95, 150, 240. Em contraste com os ídolos e imperadores que *se chamam* deuses, ele é o único Deus *verdadeiro.* 1 Coríntios 8.5, 6 indica este sentido. Não obstante, o título como tal não foi derivado do paganismo. A verdadeira fonte é o Antigo Testamento.

Quanto às sugestões feitas em 1, 2 e 3, ainda quando tenham razão, estas não indicam a fonte *original escrita,* que deve ter sido o Antigo Testamento. Entre aquela fonte primitiva e a mente de Paulo pode ter havido vários condutos, diretos e indiretos. Não obstante, é

são espontânea provinda do coração de um crente devotado a Jesus Cristo, um apóstolo que, enquanto escreve ou dita, está plenamente consciente da amável presença de seu Senhor e que em sua juventude lez um pleno estudo do Antigo Testamento, de modo que sua fraseologia ficou engastada em sua alma. Já foram indicados os paralelos do Antigo Testamento (ver uma lista parcial de referências acima, junto com a passagem citada). É possível duplicar o sentido - e em muitos casos minhas palavras - da doxologia sem sair do texto do Antigo Teslamento. Assim, citando o Antigo Testamento, alguém poderia parafrasear a doxologia da seguinte maneira:

"o bendito e incomparável, que age segundo sua vontade no exército do céu e entre os habitantes da terra, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, em quem se acha a única fonte de vida, que se veste de luz como com uma túnica, a quem nenhum ser humano [jamais] poderá ver, cujo glorioso nome seja bendito para sempre. Amém e Amém."

Era de se esperar que assim como a contemplação da *primeira* vinda de Cristo produziu uma doxologia (1Tm 1.17), assim a meditação sobre a *segunda* vinda (aqui em 1 Tm 6.15, 16) conduziria a uma doxologia *semelhante* e *expandida.*

Esta doxologia consiste em sete palavras características da Deidade. No original, como em nossa tradução, a., b. e c. são substantivos ; d. e e. são modificadores principais; f. e g, são orações relativas.

Quanto ao conteúdo do pensamento, todos os elementos dessa doxologia enfatizam a transcendência ou incomparável grandeza de Deus. Iile é *Soberano* (palavra aplicada a governantes humanos em Lc 1.52; At 8.27; e a Deus em 2 Macabeus 3.24; 12.15; 15.4, 23; ver, porém, Dn 4.35). Como soberano, ele é totalmente *bendito.* Ver comentário sobre I Timóteo 1.11. Além do mais, ele é o *único* Soberano (cf. Jd 25); daí, absolutamente incomparável em seu direito de fazer o que bem lhe apraz, por exemplo, escolher o tempo próprio para a epifania de Cristo (note o contexto precedente). Assim, "o Deus bendito" (de 1Tm 1.11) e o "único Deus" (de 1Tm 1.17) aqui são combinados. Sejam quais forem os títulos que os homens porventura portem, quer por direito ou

preciso que fique claro que o que temos aqui em 1 Timóteo 6.15, 16 não é uma obra de cópia, mas uma explosão espontânea de louvor!

por usurpação, ele - e *tão-somente ele* - é o verdadeiro Rei dos reis e Senhor dos senhores. Literalmente, o original diz: "o Rei dos que estão reinando e Senhor dos que estão dominando" (Ap 17.14; 19.16, usado ambas as vezes em referência a *Cristo,* tem a forma mais simples). A forma ampliada (de particípio) provavelmente acrescenta frescor e vigor ao significado.

Havendo estabelecido a relação de Deus com o universo e particularmente com todos os governantes da terra, nos últimos quatro termos (d., e., f. e g.), Paulo se concentra na própria essência, o majestoso *Ser* de Deus.

Ele é o único que possui *imortalidade.* Isso não deve ser confundido com "existência sem-fim". Naturalmente, isto também está implícito, mas o conceito *imortalidade é* muito mais excelso. Significa que Deus é a fonte inesgotável de vida. Sobre o conceito *vida,* aplicado a Deus, ver C.N.T. sobre João 1.4. Esta imortalidade é o oposto de *morte,* como se vê claramente pela derivação da palavra tanto em nosso idioma quanto em grego. *Atanásia é* a qualidade de ausência de morte. E plenitude de vida, *imperecível* (cf. 1Tm 1.17) bem-aventurança, o inalienável desfrute de todos os atributos divinos. Os únicos seres humanos que, *até onde é possível às criaturas,* participam desta imortalidade e, portanto, se tornam participantes da natureza divina (2Pe 1.4), são os *crentes,* ainda que também os incrédulos tenham existência sem-fim. *É por meio do evangelho* que foi trazida a imortalidade ou qualidade de imperecível (2Tm 1.10). Portanto, para o crente, a imortalidade é um conceito redentor. E *salvação eterna.* Para Deus, é *bem-aventurança eterna.* Mas, enquanto o crente *já recebeu* a imortalidade, como alguém que recebe uma porção de água da fonte, Deus a *possui.* Ela é inerente a seu próprio ser. Ele mesmo é a Fonte.

A idéia de vida, implícita na imortalidade, naturalmente leva à idéia de *luz.* "Nele estava a vida, e a vida era a luz dos homens" (Jo 1.4). Ora, esta luz é como o sol. Necessitamos dele para ver, porém não podemos fitá-lo, porque seu brilho é por demais intenso. Nesse sentido, Deus também habita a luz *inacessível.* A metáfora é ainda mais forte que aquela empregada no Salmo 104.2 ("coberto de luz como de um manto"). Como uma residência vela seus ocupantes e os oculta ainda mais quando a mesma é *inacessível,* assim a própria essência de

Deus, em virtude do que ela é, vela-o. Daí, o termo *luz,* como aqui usado, reenfatiza sua incomparável grandeza. "Verdadeiramente, tu és Deus misterioso, ó Deus de Israel, ó Salvador" (Is 45.15). "Eis que Deus é grande."

Essa grandeza de Deus tem seu corolário: "...e não o podemos compreender" (Jó 36.26). Semelhantemente, aqui em 1 Timóteo 6.16 a linha: "que habita em luz inacessível", já implica e é imediatamente seguida por: "a quem nenhum ser humano [jamais] viu nem pode ver." Cf. 1 Timóteo 1.17, em conexão com o qual já se explicou o sentido em que Deus é invisível. Ver também C.N.T. sobre João 1.18; e cf. 1 João 4.12.

A piedosa contemplação deste ser majestoso, que tem maravilhosas bênçãos em depósito para seus filhos, conduz ao clímax: "a quem seja a honra e o poder eterno. Amém." Verdadeiramente esse Deus é digno de toda *honra-,* reverência, estima, adoração (ver nota 82 acima). Ele é também digno de eterno *poder,* ou seja, poder que se manifesta em ação, para a frustração de seus inimigos e para a salvação de seu povo. O desejo expresso de Paulo é que Deus receba essa honra e venha manifestar seu eterno poder. Esse desejo está profundamente solidificado, porque o apóstolo ama a Deus, muito, muitíssimo. Daí, como em 1 Timóteo 1.17, ele sela o desejo com a solene palavra de afirmação ou confirmação: Amém (cf. Nm 5.22; Ne 8.6; SI 41.13; 72.10; 89.52; e ver C.N.T. sobre João 1.51).

17 Quanto aos [que são] ricos em termos desta presente era, ordene-lhes que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança sobre [a] incerteza das riquezas, mas em Deus, que ricamente nos supre com tudo para [nosso] gozo. 18 [Ordene-lhes] a fazerem o que é bom, a serem ricos em feitos nobres, a serem diligentes em contribuir, prontos em repartir, 19 [assim] entesourando um tesouro para si próprios, [o qual formará] um excelente fundamento para o [tempo] por vir, de modo a tomarem posse da vida real.

6.17-19

17. Verdadeiramente, os crentes são ricos em termos da era por vir, era que será introduzida pela gloriosa epifania de Cristo! Que contraste entre eles e os que são ricos em termos desta *presente* era. Que os ricos, membros da igreja, se cuidem para que a palavra "somente" não

se aplique a eles! Paulo não *diz* que a riqueza deles se limita a esta esfera terrena, mas lhes ministra uma advertência. Diz ele:

Quanto aos [que são] ricos em termos desta presente era, ordene-lhes que não sejam arrogantes, nem ponham sua esperança em [a] incerteza das riquezas, mas em Deus, que ricamente nos supre com tudo para [nosso] gozo.

Isso não se dirige aos que são aspirantes à riqueza, como no versículo 9, mas aos que realmente são ricos. Ao acrescentar imediatamente: "em termos da presente era" (expressão usada somente aqui e em 2 Tm 4.10; Tt 2.12), o apóstolo já está começando a fixar a mente do leitor e ouvinte no caráter transitório da riqueza terrena. Ele quer dizer: "esta presente era que logo passará." Timóteo, pois, deve dizer a essas pessoas: (a) que atitude *não* deveriam ter (v. 17a); e (b) que atitude deveriam ter (vv. 17b, 18, 19).

Quanto a a., não devem ser *arrogantes,* mas humildes (Ef 4.2; Cl 3.12); e não devem *ter sua esperança depositada*[107] na incerteza das riquezas, isto é, em suas riquezas, as quais de fato são muito incertas. Os ricos que são membros da igreja, pois, não devem ser presunçosos nem presumidos.

Quanto a b., devem ter a esperança fixada em *Deus* (esta é a melhor tradução; melhor que "no Deus vivo"). Este Deus é sempre fiel a suas promessas. Ele é o Deus de amor. Ele supre *ricamente,* abundantemente. Note o jogo de palavras: "Quanto aos [que são] *ricos,* ordene-lhes... que não ponham sua esperança em... *riquezas,* mas em Deus que supre *ricamente."* Deus é não apenas rico (SI 50.10-12), de modo que para ele *desejar* e *ter* são a mesma coisa, mas que sempre dá "*segundo* suas riquezas" (Ef 1.7; cf. Tt 3.6), não só "*de* suas riquezas". Para a munificência de Deus, em virtude da qual ele nos supre com *todas as coisas* necessárias tanto para o corpo quanto para a alma, para o tempo e para a eternidade, ver também Atos 14.17; Tiago 1.17; e inumeráveis passagens no Saltério, tais como 37.25; 68.19; 81.19b; e ver também

107. Note f)ÀiHKéwu, infinitivo perfeito ativo de éA.uíÇa), que enfatiza que esta ação de esperar, havendo começado no passado, tem continuado até que por esse tempo se converte num estado fixo. Por conseguinte, os ricos que são membros da igreja são advertidos a que não cheguem ao ponto de depositar todo o peso de sua confiança nos tesouros terrenos.

Salmos 103, 104, 107, 111, 116, 145, etc. Além do mais, todas estas coisas nos são dadas a fim de que sejamos não só "participantes" delas (1 Tm 4.3), mas que também *desfrutemos* delas. Quando *nós* cantamos, *Deus* canta juntamente conosco (Sf 3.17).

18. Paulo prossegue dizendo qual deve ser a atitude do rico, com esta diferença: no versículo 17b indica a atitude adequada *para com Deus*\ agora, no versículo 18, sua correta relação *para com as demais pessoas*, particularmente para com os demais crentes. Paulo diz: **[Ordene-lhes] que façam o que é bom, sejam ricos em feitos nobres, sejam diligentes em contribuir, prontos em repartir.**

O membro da igreja, que é rico, deve diligenciar em ser rico em feitos nobres, em "obras belas", como foi o caso de Maria de Betânia. Deveria ser *diligente em contribuir,* estando sempre *disposto a repartir* com os demais que pertencem à *companhia* ou *comunidade* dos crentes em Cristo. Deveria fazer isto no espírito de Atos 2.42-44; 4.34-37.

19. O resultado da prática desse procedimento adequado será: **[assim] entesourando um tesouro para si mesmos, [o qual formará] um excelente fundamento para o [tempo] por vir, de modo que tomem posse da vida real.**

Ao praticar a graça de partilhar, uma pessoa está acumulando um tesouro para si mesma. *Os dons são investimentos.* Ao dar materialmente, a pessoa se enriquece espiritualmente, e se assegura da recompensa futura. "Vá, venda tudo o que você possui e dê aos pobres, e você terá um tesouro no céu" (Mc 10.21). Este tesouro no céu consiste em:

a. uma boa consciência (cf. lTm 1.5),
b. uma recepção entusiástica por aqueles que foram beneficiados (Lc 16.9),
c. em geral, a entrada em todos os deleites e glórias do céu.

Esse tesouro será um *excelente fundamento*[m] sobre o qual edificar

108. Dizer que a palavra no original significa tanto *fundamento* quanto *fundos* ajuda bem pouco aqui e ainda pode confundir. Não pode ter ambos os significados ao mesmo tempo na mesma passagem. O pensamento de Paulo é. além de tudo. muito claro. As boas obras (o fruto da fé, e assim da graça) realizadas aqui em baixo são retribuídas com tesouros em cima. E o sentimento consciente de haver desfrutado desse tesouro celestial será um firme fundamento para a esperança de todo bem no dia do juízo. O apóstolo poderia estar pensan-

quando, na era por vir (particularmente no grande Dia do Juízo), sejam levadas em conta as obras dos crentes. Haver estado com Jesus no céu é uma *base sólida* para confiança naquele grande dia. O crente mesmo não terá de recordar suas boas obras. Aliás, se eram realmente obras *boas,* nem sequer poderá fazê-lo. Cristo o fará por ele (Mt 25.34-40). Com respeito ao corpo e à alma, havendo ouvido as palavras de aprovação dos lábios de Cristo, o crente entrará no mais pleno desfrute da vida, a única que é vida verdadeira. O ensino de Paulo aqui em 1 Timóteo 6.19 está em exata concordância com as de Cristo em Mateus 25.34-40, 46b. Naturalmente, a salvação é inteiramente *pela graça mediante a fé* (Ef 2.8; Tt 3.5); a recompensa, porém, é *de conformidade com as obras* (Dn 12.3; 2Co 5.10; Ap 20.12).

20 Guarde, ó Timóteo, o que lhe foi confiado,[109] fugindo do falatório profano e lutil e das contradições do que é falsamente denominado "Conhecimento", 21 porque, ao professá-lo,"[0] certos indivíduos se têm extraviado com respeito à lê.
Graça"[1] [seja] com vocês.

6. 20, 21

20. Guarde, ó Timóteo, o que lhe foi confiado.

Uma vez chegando ao final da carta, Paulo se dirige a seu amigo e colaborador com solene formalidade: "O Timóteo"."[2] Timóteo, pois, é admoestado a guardar o que *lhe foi confiado* ou *depósito',* ou seja, ele deve fielmente velar sobre *o que fora confiado ao seu cuidado.* E como se Deus houvesse feito um depósito no banco de Timóteo. A palavra empregada no original está relacionada com um verbo que significa "pôr de lado", daí "depositar", "confiar a (alguém)". Ver M.M. para ilustrações quanto ao sentido de "depósito", "penhor", "garantia".

do nas palavras de Cristo no Sermão do Monte, porque ali também se encontram juntas as duas idéias - *tesouro* e *bom fundamento* (Mt 6.19, 20; 7.24, 25).

109. Literalmente: "a [coisa] confiada guarde." Pode-se também dizer: "Guarde o depósito."

110. Literalmente: "o qual certos indivíduos professam."

111. Literalmente: "a graça." Em inglês o artigo geralmente é omitido (nota do tradutor).

112. "O" com vocativos não é muito comum em grego. A adição da interjeição reforça o vocativo. Outros casos em Paulo: 1 Timóteo 6.11; então. Romanos 2.1, 3; 9.20; 11.33; Gálatas 3.1. É também Paulo quem o usa em Atos 13.10; 27.21; Lucas em Atos 1.1; Gálio em Atos 18.14. Jesus o usou algumas vezes: Mateus 15.28; 17.17 (cf. Mc 9.19; Lc 9.41); Lucas 24.25.

Além do mais, o objeto que fora assim entregue à sua responsabilidade, para proteção, é *o evangelho,* como é evidente à luz de 2 Timóteo 1.11. É *a verdade redentora de Deus* a ele confiada pelo Espírito Santo (ver 2Tm 1.14). Aqui, porém, o termo "evangelho" deve ser tomado em seu sentido mais amplo, como a abarcar "toda a [santa] Escritura" (2Tm 3.16). Isto *inclui,* naturalmente, o que o apóstolo está escrevendo na presente carta: todas as ordens dadas a Timóteo e todo o ensino que esta epístola contém. O ponto, pois, é que este evangelho pertence não a Timóteo, mas *a Deus.* Cf. Romanos 3.2 (aos judeus haviam sido confiados "os oráculos *de Deus"). Ele* o fez possível enviando *seu* Filho. *Ele* o revelou. Timóteo terá de dar conta *a Deus* quanto ao que fez com ele [o depósito]. Os ministros são "administradores" de Deus (Tt 1.7). Os "talentos" que empregam na realização de suas tarefas não são seus, mas propriedade *de Deus* (Mt 25.14-30). Devem ser usados para o melhor proveito na promoção de *sua* causa e o progresso de *seu* Reino.

Isto implica que Timóteo deve continuar proclamando o puro evangelho, e como uma *sentinela* intrépida e vigilante (note o verbo grego), deve lançar-se em sua defesa sempre que suas preciosas verdades são atacadas ou são mal apresentadas, como era a situação na região de Éfeso. Tendo isto em mente, Paulo prossegue: **fugindo do falatório profano e fútil e das contradições do que é falsamente denominado *Conhecimento.***

Timóteo deve fugir de um erro. Não deve perder tempo com as *futilidades* daqueles falsos mestres que "não entendem as palavras que usam nem os temas que, com tanta confiança, tratam (1Tm 1.7). Esse "falatório fútil" e *profano* (destituído de santidade, impuro, 2Tm 2.16: Lv 10.10) ele deve simplesmente *descartar* (1Tm 4.7). Deve *fugir* dele com aversão. Por que iria ele preocupar-se com "mitos e genealogias infindáveis" (1Tm 1.4), com "discussões inúteis" (1Tm 1.6)? Por que se envolveria com "contradições" ou "batalhas de palavras" nas quais os homens se envolvem entre si, os quais são "depravados na mente e privados da verdade" (1Tm 6.5)? Por certo que esses falsos mestres vociferam em defesa de seus sistemas de "Conhecimento". Mas o insípido produto de suas bocas são '*[falsamente chamados* Conhecimento". O mesmo deveria ser *evitado* como pestilência. O conselho inspirado de Paulo, por meio do qual, ao concluir a carta ele volta ao tema

que mencionou no início, deveria ser recebido de todo o coração pela igreja em todos os tempos. Também *hoje* se presta demasiada atenção ao "falatório fútil" de homens que, em última análise, rejeitam a infalível revelação de Deus. O mandamento de Paulo dirigido a Timóteo está sempre atualizado. E o apóstolo João está em plena harmonia com ele (2Jo 10). Alguém *guarda* a verdade *fugindo de* toda grandiloqüência msípida.

21. Contra esse pseudo-"Conhecimento", segue uma palavra de advertência, com ênfase na necessidade de ouvir-se a admoestação expressa no versículo 21: **porque, ao professá-lo, certos indivíduos se extraviaram com respeito à fé.** Aqui estão novamente aqueles "certos indivíduos". Já consideramos que a maneira na qual são aqui caracterizados está em perfeita harmonia com sua identificação em 1 Timóteo 1.3, 4, 6, 7, 19, 20. Os charlatães "fúteis e profanos" desta passagem são os que falam "palavras fúteis" em 1 Timóteo 1.6. Ainda o mesmo verbo é usado em ambos os lugares para encontrá-los. Diz-se que *se extraviaram* (1Tm 1.6; 6.21).

Ora, esses "certos indivíduos", ao *professarem* (ver sobre 1 Tm 2.10), ou seja, ao proclamarem e fazerem propaganda em prol de seu jactancioso "Conhecimento", haviam se desviado *da fé,* ou seja, *da verdade* (cf. 1Tm6.10, 12; 2Tm 2.18). Mas isso não significa que todos haviam rompido com "a igreja". Eram *então,* como são *agora*, pessoas que estavam *na* igreja e que haviam abandonado a verdade. Elas preferem não deixar a igreja, mas arrastá-la consigo à ruína.

Em nenhuma das cartas de Paulo há uma bênção mais sucinta: A **graça [seja] com vocês.** Mas, embora breve, é rica em significado, porque a *graça* é a maior de todas as bênçãos. E o favor de Deus, em Cristo, em prol de quem nada merece, transformando-lhe o coração e a vida para conduzi-lo à glória. O apóstolo, que em sua saudação falara de *graça,* como o primeiro elemento na série "graça, misericórdia e paz", agora encerra a carta pronunciando *esta* graça (note o artigo: "a graça") sobre... bom, sobre quem? O leitor que está familiarizado com o original é quase certo que pensará que as palavras "A graça seja com vocês" significam "A graça seja com *você, Timóteo".* A versão R.S.V. não melhorou a tradução em nada. E a A.V. está baseada numa interpretação inferior. Isto mostra quão necessário é que em nossa tradu-

ção, em vez do singular, "com você", usemos "vocês" (plural), porque, de forma surpreendente, aqui é usado *o plurall* Ainda que a epístola esteja dirigida a *uma* só pessoa, Timóteo, este certamente providenciaria para que seu conteúdo chegasse a outros. A graça de Deus, conseqüentemente, é pronunciada sobre *toda a comunidade cristã.*

Síntese do Capítulo 6

Ver o esboço no início deste capítulo que pode ser assim parafraseado:

Quantos estão debaixo de jugo, ou seja, os escravos, que considerem seus senhores como dignos de toda honra. De outro modo o evangelho seria injuriado, e o nome e a doutrina de Deus seriam difamados. Os escravos que estão na posição especialmente privilegiada de ter senhores crentes deveriam prestar um serviço excepcional. O fato de que seus senhores são irmãos não é razão para que esses escravos os olhem com desprezo. Deveriam antes lembrar que esses seres amados lhes retribuirão por sua bondade.

Continue ensinando e insistindo sobre essas coisas.

Se alguém é mestre de novidades - minúcias sutis ao extrair falsas "deduções" da lei de Moisés, histórias fantásticas sobre antepassados - e não se harmoniza com as sãs palavras de nosso Senhor Jesus Cristo, a doutrina que promove a verdadeira piedade, tal indivíduo está cego pelo orgulho. Ainda que pudesse jactar-se de seu "Conhecimento" superior, na realidade nada sabe. Um mórbido apego a controvérsias e a batalhas de palavras tomou posse dele; e isto, por sua vez, fomenta a inveja, lutas, injúrias, suspeitas abjetas e altercações mútuas entre homens privados da verdade e que são depravados em sua mente. Tais homens imaginam que o verdadeiro propósito de ser religioso é tirar proveito.

Ora, a verdadeira religião, que existe quando a alma não mais está vazia, mas cheia da graça e contentamento, realmente produz proveito. Não obstante, as possessões materiais não podem comunicar as verdadeiras riquezas às alma, como é evidente à luz do fato de que não importa quão rica de bens terrenos é uma pessoa, ela deixará este mundo tão desprovida deles como quando entrou nele. Por isso nós, crentes, tendo alimentação e teto, consideremos isto como sendo suficiente.

Mas os que são ávidos em ficar ricos caem em tentações e laço e em numerosas cobiças. Tais desejos são insensatos e nocivos, porque defraudam seu próprio propósito. Em vez de enriquecer verdadeiramente o homem e fazê-lo feliz, o tornam pobre e desditoso, porque precipitam os homens na ruína e destruição. Porque o amor ao dinheiro é uma raiz de todos os males; e alguns, correndo atrás dele, se extraviaram da fé e se espicaçaram com numerosas angústias: intranqüilidade, preocupação, aborrecimento, insatisfação, tristeza, inveja.

Mas você, ó homem de Deus, fuja das coisas tais como cobiça pelo ouro, inveja, contendas; corra atrás da justiça - estado de mente e coração que está em harmonia com a lei de Deus - piedade, fé, amor, paciência, mansidão. Lute a luta nobre da fé. Tome posse daquela vida eterna para a qual você foi chamado quando, por ocasião de seu batismo, confessou a bela confissão na presença das muitas testemunhas que a ouviram. Não tenha medo de perder a vida. Lembre-se de que o mandato lhe é dado e você o recebe na presença de Deus que é quem confere a vida e a preserva, e de Jesus Cristo que, testificando perante o inimigo da verdade, Pôncio Pilatos, fez a bela confissão. Portanto, você também deve tomar posse de sua comissão em relação à pregação e à disciplina. Sim, você deve pôr-se de guarda acerca dessas coisas para que se conserve sem mácula e plenamente isento de toda possibilidade de crítica justificável. Guarde o depósito até o dia em que nosso Senhor Jesus Cristo manifestar-se gloriosamente, o dia de seu aparecimento. Deus mesmo mostrará o grande acontecimento. Além do mais, ele é o bendito e único Soberano, o Rei dos reis e Senhor dos senhores, o único que possui *imortalidade* - não simplesmente *existência sem-fim, mas vida real* possuída eternamente - que habita em luz inacessível, a quem nenhum ser humano [jamais] viu nem é possível ver; a quem [seja] honra e poder eterno. Amém.

Aos que são ricos de bens materiais, ordene-lhes que não sejam altivos nem depositem sua esperança na incerteza das riquezas, mas em Deus, que nos supre ricamente com todas as coisas para nosso gozo. Ordene-lhes que façam o que é bom, sejam ricos de feitos nobres, sejam diligentes em dar, prontos em partilhar. Lembre-se: os dons são investimentos. Daí, esses doadores estão realmente entesourando para si mesmos um tesouro. Não só terão uma boa consciência, mas tam-

bém, quando se separarem alma e corpo, uma recepção entusiasta nas glórias dos céus. Esse será um fundamento muito sólido para a era por vir, particularmente para o dia do juízo final. Com respeito ao corpo e ã alma, então começarão a entrar no desfruto mais pleno dessa vida, a única que é vida e que nunca cessará.

Guarde, ó Timóteo, o evangelho que lhe foi confiado como o depósito mais precioso. Nesse ínterim, fuja do falatório fútil e profano e das contradições do que falsamente chamam "Conhecimento", esses mitos e genealogias intermináveis, aquelas batalhas de palavras sobre a lei. Lembre-se de que, ao fazer propaganda, certos indivíduos se extraviaram da vereda da verdade redentora de Deus. A graça de Deus esteja com você, e não só com você, mas também com toda a comunidade cristã em cujo meio você habita.

COMENTÁRIO SOBRE 2 TIMÓTEO

ESBOÇO DE 2 TIMÓTEO

Tema: *O Apóstolo Paulo Diz a Timóteo o Que Fazer no Interesse da Sã Doutrina*

Nenhuma forma de esboço breve pode fazer justiça ao rico e variado conteúdo de uma carta tão pessoal como é 2 Timóteo. Não obstante, a nota dominante é clara: "Timóteo, não se envergonhe, mas, pela graça de Deus, esforce-se ao máximo, e esteja disposto a suportar o árduo trabalho para preservar e promover a sã doutrina."

Não há divisões marcantes. Antes, a ênfase muda gradualmente de um ponto a outro. Ao começar com um novo ponto, ele não abandona completamente o anterior. Os pensamentos se sobrepõem como telhas num telhado. Por exemplo, uma passagem-chave no capítulo 1 é: "Não se envergonhe" (w. 8, 12, 16). Em seguida, a idéia reaparece no capítulo 2 (v. 15). Igualmente, uma passagem-chave do capítulo 2 é: "Suporte os trabalhos juntamente com os outros" (v. 3; cf. v. 9). Mas isto já havia aparecido no capítulo 1 (v. 8).

Chamei "Não se envergonhe" de *uma* passagem-chave. Dificilmente poderia chamá-la a passagem-chave, pelo menos não no sentido em que a idéia principal de Paulo no primeiro capítulo seria *negativa.* "Não se envergonhe" é, naturalmente, um exemplo da figura de linguagem chamada *litotes:* "uma afirmação enfática expressa por meio de uma negação." Daí, a idéia predominante do capítulo 1 é: "Seja muito corajoso. O que quer que aconteça, *retenha* a preciosa doutrina da igreja."

Semelhantemente, no capítulo 2, a idéia predominante não é simplesmente que Timóteo deve estar disposto a suportar trabalhos juntamente com Paulo e os demais, mas que deve estar disposto a suportar isso *em conexão com* toda a obra que compreende o ministério do evangelho, uma fase do qual é enfatizada nesse capítulo, a saber: a do *ensino*: comunicar instrução adequada na Palavra contra a heresia.

No capítulo 3, a admoestação a *permanecer na* verdadeira doutrina

recebe uma ênfase justificável na observação: "Virão tempos difíceis."

E no capítulo 4 é introduzida muito solenemente a exortação "Pregue (literalmente, "seja arauto", "proclame") a Palavra" como um encargo autoritativo: "Ordeno-lhe."

Em vista de tudo isto, a principal linha de pensamento que percorre 2 Timóteo pode ser indicada brevemente da seguinte maneira (note a transposição):

COM RESPEITO À SÃ DOUTRINA:

RETENHA-A	Capítulo I
ENSINE-A	Capítulo 2
PERSEVERE NELA	Capítulo 3
PREGUE-A	Capítulo 4

Divisões Principais com Passagens-Chave

Capítulo 1: RETENHA-A
"Aumente a chama do dom de Deus" (v. 6)
"Não se envergonhe" (v. 8; cf. vv. 12, 16)
"Retenha... as sãs palavras" (v. 13)
"Guarde o precioso depósito" (v. 4)

Capítulo 2: ENSINE-A
"As coisas que você ouviu... confie a homens fiéis... aptos para ensinar também a outros" (v. 2)
"Suporte as dificuldades juntamente com [nós]" (v. 3; cf. v. 9)
"O Senhor lhe dará entendimento em todas as coisas" (v. 14)
"Um servo do Senhor deve ser... qualificado para ensinar" (v. 24)

Capítulo 3: PERSEVERE NELA
"Virão tempos difíceis" (v. 1)
"Você, porém, tem seguido meu ensino, conduta, propósito" (v. 10)
"Continue nas coisas que você aprendeu" (v. 14)

Capítulo 4: PREGUE-A

"Eu o incumbo" (v. 1)

"Pregue (ou "Proclame") a palavra" (v. 2)

"Faça o trabalho de um evangelista; cumpra plenamente seus deveres como ministro" (v. 5)

Esboço com Divisões e Subdivisões

Capítulo 1: RETENHA-A "Não se envergonhe"

A. Como Lóide e Eunice fizeram

B. Como eu, nunca se envergonhar do evangelho

C. Como Onesíforo fez: não se envergonhou de minhas cadeias

Capítulo 2: ENSINE-A "Suporte as dificuldades juntamente com (nós)"

A. Traz grande galardão; seu glorioso conteúdo

B. Pelo contrário, as discussões friteis não contêm um propósito útil

Capítulo 3: PERSEVERE NELA "Virão tempos difíceis"

A. Sabendo que se levantarão inimigos, que terão sua forma, porém não seu poder

B. Sabendo que está baseada nas Sagradas Escrituras, como aprendeu de pessoas dignas de confiança

Capítulo 4: PREGUE-A "Eu o incumbo"

A. A tempo e fora de tempo, porque a apostasia vem. Permaneça fiel, considerando que estou de partida

B. Assuntos de informação pessoal, petições e saudações

ESBOÇO DO CAPÍTULO 1

Tema: *O Apóstolo Paulo Diz a Timóteo o Que Fazer no Interesse da Sã Doutrina*

	Retenha-a "Não se envergonhe"
1.1-7	(Retenha-a) como fizeram Lóide e Eunice. Os versículos 1 e 2 contêm o destinatário e a saudação.
1.8-14	Como eu, nunca se envergonhe do evangelho.
1.15-18	Como Onesíforo fez: não se envergonhou de minhas cadeias. Contraste: "todos os que estão na Ásia", que me abandonaram.

CAPÍTULO 1

— < • > —

2 TIMÓTEO 1 .1,2

1 Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus em harmonia com a promessa de vida [que se centra] em Cristo Jesus, 2 a Timóteo [meu] bem-amado filho; graça, misericórdia, paz da parte de Deus o Pai e de Cristo Jesus nosso Senhor.

3 Reconheço [minha] gratidão a Deus, a quem eu, como meus antepassados, sirvo com uma consciência pura, assim como acalento aquela constante lembrança de você em minhas súplicas noite e dia; 4 ansioso por vê-lo, ao reviver em minha memória suas lágrimas, a fim de que [ao vê-lo novamente] eu me encha de alegria; 5 havendo recebido uma prova de sua fé não fingida, o tipo [de fé] que primeiro habitou em sua avó Lóide e em sua mãe Eunice e, estou convencido, também em você. 6 Por essa razão, torno a lembrá-lo que mantenha viva a chama daquele dom de Deus que está dentro de você mediante a imposição de minhas mãos. 7 Porque Deus não nos deu o Espírito de timidez, mas de poder e amor e de disciplina pessoal.

1.1-7

1, 2. Paulo, apóstolo de Cristo Jesus pela vontade de Deus em harmonia com a promessa de vida [que se centra] em Cristo Jesus, a Timóteo [meu] bem-amado filho; graça, misericórdia, paz da parte de Deus o Pai e de Cristo Jesus nosso Senhor.

As frases iniciais das duas cartas dirigidas a Timóteo se assemelham muito, como todos podem ver pessoalmente. Nas colunas abaixo, as palavras que diferem são grafadas em itálico:

1 Timóteo 1.1,2	2 Timóteo 1.1,2
Paulo, apóstolo de Cristo Jesus *por ordem* de Deus *nosso Salvadore* Cristo Jesus *nossa Esperan-*	Paulo, apóstolo de Cristo Jesus *pela vontade* de Deus *em harmonia com a promessa de vida* [que

ça, a Timóteo [meu] *genuíno* filho *na fé-,* graça, misericórdia, paz de Deus o Pai e Cristo Jesus nosso Senhor.

se centra] *em* Cristo Jesus, a Timóteo [meu] *bem-amado* filho; graça, misericórdia, paz da parte de Deus o Pai e de Cristo Jesus nosso Senhor.

Daí, para uma discussão mais detalhada do material que é comum às duas passagens, remeto o leitor à explanação de 1 Timóteo 1.1,2.

Em termos breves, pois, o significado de 2 Timóteo 1.1, 2 é o seguinte:

Paulo se apresenta como o representante oficial de Cristo Jesus. Ele tem o direito de dizer "de Jesus Cristo", porque pelo mesmo foi separado para este elevado ofício. Pertence a Cristo e deve exercer suas funções em *seu* serviço. Além do mais, Paulo não se autodesignou, mas foi investido de autoridade para tal comissão "pela vontade de Deus" (cf. "por ordem de Deus", 1Tm 1.1). Ainda que não passasse de um prisioneiro, sua palavra tem o respaldo divino. Cf. Efésios 1.1; Colossenses 1.1, também escritas da prisão.

Ora, esse apostolado pela vontade de Deus estava "em harmonia com [ou era 'segundo'] a promessa de vida", ou seja, era o resultado da promessa no sentido em que se não houvera tal *promessa,* não haveria um *apóstolo designado pela vontade divina* para proclamar a promessa. Essa promessa e garantia é a que já se acha implícita em Gênesis 3.15 e é declarada definitivamente no Salmo 16.11; 138.7, 9; João 3.16; 6.35, 48-59; 14.6. Era a promessa "de vida", ou seja, a promessa que tem como conteúdo a *vida eterna. É* muito oportuno que Paulo, o prisioneiro que se defronta com a *morte,* tenha firmado sua atenção na promessa de *vida* indestrutível. Esta é, naturalmente, a vida que se centra (implícito) *ou está* "em Cristo Jesus", porque sem sua expiação ou intercessão ninguém jamais entraria na posse dessa *vida,* dessa *salvação* (ver C.N.T. sobre João 3.16).

Paulo está se dirigindo a "Timóteo [meu] bem-amado filho". Cf. 2 Timóteo 2.1; 3.14. Assim como, num sentido secundário, um filho deve a vida natural a seus pais terrenos, Timóteo devia sua vida espiritual a Paulo (ver p. 48). Além do mais, como o filho serve a seus pais, assim Timóteo servia a Paulo e, com Paulo, ao evangelho. Ver Filipenses

2.19-22, passagem que também mostra por que o apóstolo chama Timóteo meu filho *bem-amado* ou *querido* (cf. 1 Tm 1.2: "genuíno"). Além disso, a expressão de afeto é natural nos lábios de alguém que, ao enfrentar a morte, em sua mente e coração revê toda sua associação pregressa com o precioso jovem amigo e colaborador, cuja vida se entrelaçara com a sua, de muitas maneiras.

I Paulo saúda este "bem-amado filho", dizendo *graça* (perdão imerecido e favor que transforma), *misericórdia* (afeto terno, cordial, demonstrado a quem está numa situação difícil) e aquela bênção que flui da graça e da misericórdia, como a corrente de água flui de uma fonte, a saber, a bênção da *paz* (a consciência de haver sido reconciliado com Deus pela obra medjaneira consumada por Cristo).

Tais dons são considerados como provenientes de sua fonte: "Deus o Pai e Cristo Jesus nosso Senhor". O Pai os outorga. O Filho os conquistou.

3-5. Quando Paulo acrescenta às palavras introdutórias uma expressão de sincera e humilde gratidão a Deus, ele está seguindo um costume (ver C.N.T. sobre 1 e 2 Tessalonicenses), Com respeito às cartas escritas por Paulo, a estatística é a seguinte:

"Dou [damos] graças a Deus"	"Reconheço [minha] gratidão"	"Bendito seja...'	Ausência de ações de graças ou doxologia introdutórias
Rm 1.8	1Tm 1.12 ("a Cristo Jesus")	2Co 1.3	Gálatas
ICo 1.4	2Tm 1.3 ("a Deus")	Ef 1.3	Tito
Fp 1.3			
Cl 1.3			
ITs 1.2			
2Ts 1.3 ("devemos sempre dar graças a Deus")			
Fm 4			

Mas ainda que, como já se demonstrou, o apóstolo estivesse acostumado a associar palavras de gratidão ou louvor, para ele isto não era só um *mero* costume. Ora, devemos considerar a situação da seguinte maneira: assentado em sua sombria masmorra e já encarando a morte, Paulo, longe de queixar-se, como muitos teriam feito em condições semelhantes, medita sobre as bênçãos passadas e presentes, e deseja sinceramente expressar sua gratidão. Este é o cenário das palavras:

Reconheço [minha] gratidão a Deus, a quem eu, como meus antepassados, sirvo com consciência pura, assim como acalento aquela constante lembrança de você em minhas súplicas noite e dia; ansioso por vê-lo,
a. ao reviver em minha memória suas lágrimas,
b. a fim de que [ao vê-lo novamente] eu me encha de alegria;
c. havendo recebido uma prova de sua fé não fingida, o tipo [de fé] que primeiro habitou em sua avó Lóide e em sua mãe Eunice e, estou convencido, também em você.

Paulo afirma que *reconhece sua gratidão a Deus.* Ainda que tão logo morra a morte de um criminoso, ele não tem medo de falar acerca de *servir*[113] a Deus, porque, ao proclamar o evangelho, ele fez o que sua *consciência purificada* pelo Espírito Santo o mandara fazer. (Para o significado de *consciência,* ver sobre 1Tm 1.5; e para *consciência pura,* ver sobre 1Tm 3.9.) Neste aspecto, ele era como seus *pais* ou *ancestrais* (cf. 1T 5.4, mas nessa passagem a palavra é usada com referência aos progenitores *ainda vivos).* Eles também serviram ao mesmo Deus, e eles também o fizeram com uma consciência pura. O pensamento é o mesmo também expresso em Atos 24.14, 15:

"Confesso-te, porém, que adoro o Deus de nossos antepassados como seguidor do Caminho, a que chamam seita. Creio em tudo o que concorda com a Lei e no que está escrito nos Profetas, e tenho em Deus a mesma esperança desses homens: de que haverá ressurreição tanto de justos quanto de injustos."

Os "pais" de nossa presente passagem são, com toda probabilida-

113. O original usa o verbo Àaxpeúto aqui, não Àeiioupyíw. O último tem sempre uma conotação *oficial.* O primeiro abrange uma área mais ampla, e pode denotar ou serviço ou culto oficial ou não oficial. Ver R. C. Trench, *op. cit., XXXV.*

de, os "pai.s" da passagem de Atos. O *sewiço* prestado é o mesmo em ambos os casos.

Portanto, o que Paulo enfatiza é que ele não introduziu uma *nova* religião. *Essencialmente,* o que agora crê é o que Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Isaías e todos os antepassados piedosos também criam. Há continuidade entre a antiga e a nova dispensações. Os antepassados criam na ressurreição; Paulo também. Esperavam a vinda do Messias; Paulo proclama o mesmo Messias que de forma real fizera seu aparecimento. E *Roma* que mudou de atitude. E o *governo* que, depois do incêndio da capital no ano 64, começou a perseguir os cristãos. A consciência de Paulo é *pura*. O *prisioneiro* desfruta de paz no coração e na mente!

Literalmente, Paulo diz: "a quem eu *clescle* meus antepassados sirvo." Quer dizer: "a quem sirvo com uma fé *derivada de* meus antepassados", ou seja, com uma fé que teve suas raízes na religião deles, e é portanto semelhante à deles. Por isso é justificada a tradução: "a quem eu, como meus antepassados, sirvo."

Ao agregar: "quando me lembro constantemente de você em minhas orações noite e dia", Paulo está dizendo que cada vez que se lembra de Timóteo, o vê como um homem que, *da mesma maneira,* serve ao Deus verdadeiro com uma consciência pura. Em suas *súplicas noite e dia* (ver sobre lTm 5.5) o apóstolo se deleita na lembrança sempre recorrente de Timóteo. Tais súplicas são *acompanhadas de* (e provavelmente até certo ponto, *provocadas por)* um ardente *anelo:* "anelando ver você."

Para esse profundo anelo há dois motivos expressos: um vem de dentro; o outro, de fora. A motivação *provinda do interior* é declarada com estas palavras: "ao *reviverem minha memória* (ou: ao relembrar)"[4]

114. Essa passagem, versículos 3-5, contém *três* expressões diferentes que têm que ver com *a memória.* Acrescentando o versículo 6, *são quatro.* Não obstante, devem ser cuidadosamente distinguidas, o que nem sempre ocorre (ver as diversas versões e comentários). Note o seguinte:

a. "Tenho, ou aprecio, a (constante) lembrança de você" ou (o) tenho em (constante) memória." Assim poderíamos traduzir *xr\v* nepl aoü *\ivcítxv.* Isso corresponde ao latim: *Icontinuam tui) memoriam teno.* Ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 3.6, mesma expressão Esta não deve ser confundida com "faço menção (de vocês)", que é a tradução correta de *[U't Um* úfrfw tioioíinai; latim: *mentionem facio.* Ver C.N.T. sobre I Tessalonicenses 1.2; ver também Romanos 1.9; Efésios l.ifv. Filemom 4.

suas lágrimas." É inteiramente provável que quando Paulo e Timóteo se separaram pela *última vez,* Timóteo tenha derramado lágrimas. Sem dúvida, Paulo também fizera o mesmo, mas agora não faz referência a suas lágrimas, mas às de Timóteo. Essa separação não era a mencionada em l Timóteo l .3, mas uma muito posterior que, com toda probabilidade, ocorreu depois do regresso do apóstolo de Espanha. Ver p. 55, não o ponto 4, mas o 8. Por meio de suas lágrimas, o jovem havia demonstrado quão sincera e genuína era sua dedicação a Paulo, quão terno e cordial, seu afeto, e quão profunda a sua tristeza ao pensamento da separação, especialmente ante as circunstâncias que então viviam. Um lembrete: era um tempo de perseguição religiosa; realmente, Paulo estava próximo de ser preso. A lembrança das lágrimas de amor de Timóteo levou Paulo a anelar vê-lo novamente. O apóstolo estava ansioso para que seu amigo o visitasse em sua cela em Roma.

A motivação *exterior* é um tanto obscura. Tudo o que Paulo diz é: "havendo recebido a lembrança de *sua fé não fingida* (literalmente: *sem hipocrisia).* Não sabemos como chegou a Paulo essa informação exterior. Alguns intérpretes opinam, dizendo que acabava de ocorrer algo em Roma que fizera com que o apóstolo se lembrasse da fé de Timóteo. Outros crêem que Paulo havia recebido uma carta de Timóteo. Ainda há quem sugira que alguém, que sabia *tudo* sobre a infância do jovem e sua conversão, visitara o apóstolo na prisão, e que esse amigo contara de memória incidentes do remoto passado na vida do ausente Timóteo. Qualquer que tenha sido a natureza precisa da informação externa, um fato é indubitável: como resultado de ambas as motivações, a interior e a exterior, a alma de Paulo se enche de vontade de *ver* Timóteo."[5]

b. "revivendo em minha memória" ou "relembrando". O original tem p^vrpévdç, nom. sing. masc. part. perf. "reflexivo" de pi|ivtíoK(j. No Novo Testamento, esse verbo nunca aparece na voz ativa, sempre na voz média ou passiva. Daí. pi^vf|aKopa,i; e perfeito com significação presente: (iépvri^i; de onde vem o particípio usado aqui. Pode ser traduzido livremente: "ao reviver em minha memória", ou "ao relembrar". Cf. a mesma idéia média ou reflexiva no holandês: "ais ik mij (uw tranen) herinner". Semelhantemente, o alemão tem a expressão: "... *wenn ich mich recht erinnere"* (se não me falha a memória).

c. "havendo recebido uma advertência." Desse modo se deve traduzir útrópyrioiv AapGÒv (lf[Ç *ÍV* 00L (XVUTTOKpIHOn TILÜTÉXÜÇ)

d. "lembro-o." O original tem áv<xp.Lp.viíaKü).

115. Ver a passagem (vv. 3-5) na p. 278. Na forma em que está redigida, a. e c. modificam

Paulo está convencido de que Timóteo não é um crente só para quando as coisas andam bem, mas que a fé desse "bem-amado filho" é do tipo (ΙΓΠLÇ) que primeiro habitou em sua avó Lóide e em sua mãe Eunice.

O apóstolo não diz que a avó e a mãe de Timóteo tinham "servido a Deus com uma consciência pura", mas que a fé havia feito morada no coração delas *primeiro; depois,* no coração de Timóteo. O que ele pretende com *fé,* aqui? Era apenas uma fé israelita ao estilo do Antigo Testamento, ou era fé em Cristo Jesus como o cumprimento das promessas do Antigo Testamento? Creio que o segundo ponto tem todas as probabilidades em seu favor:

(1) Atos 16.1 ensina claramente que assim que a mãe de Timóteo é apresentada, no princípio da segunda viagem missionária, ela é chamada de "crente judia". Este qualificativo, "crente", é o que, com uma ligeira modificação, se usa no mesmo capítulo com respeito a Lídia ("fiel", At 16.15). Isso foi *depois* do batismo de Lídia. *Antes de* sua conversão à fé cristã, ela é chamada "quem adorava a Deus" (At 16.14).

(2) O mesmo capítulo também ensina que depois que o carcereiro obedeceu à exortação dos missionários, foi chamado *crente* (At 16.31, 34).

(3) Na terminologia de Paulo, são "crentes" as pessoas da antiga dispensação que confiavam nas promessas cristocêntricas; por exemplo, Abraão, bem como os da nova dispensação que recebem a Cristo como o cumprimento dessas promessas (Rm 4.12; Gl 3.9). No que respeita à nova dispensação, "crentes" são os *cristãos* (2Co 6.15). Segundo Lucas, os judeus convertidos à fé cristã são "os crentes da circuncisão" (At 10.45).

Portanto, parece que a avó Lóide (que morava, talvez, com sua filha) e a mãe Eunice haviam se convertido em alguma data não posterior à da primeira viagem missionária de Paulo, de modo que haviam visto em Cristo o cumprimento das promessas, e haviam posto sua confiança nele; e, além disso, essas duas mulheres, tudo indica, havi-

"desejando vê-lo", mas b. modifica somente a última parte dessa expressão, a saber: "vê-lo." Ao *ver* Timóteo novamente, o cálice de Paulo se encherá de alegria. Para um ponto de vista diferente quanto à construção gramatical de b., ver C. Bouma, *op. cit.,* p. 243.

am cooperado com Paulo na gloriosa obra da graça que resultou na conversão de Timóteo.

6, 7. Então, sobre a base dessa fé que habita no coração de Timóteo, e que anteriormente havia estabelecido sua morada no coração de Lóide e no de Eunice, Paulo está em condições de prosseguir, dizendo: **Por essa razão, torno a lembrá-lo que mantenha viva a chama daquele dom de Deus que está dentro de você mediante a imposição de minhas mãos.**

Paulo sabia que o fogo do *carisma* de Timóteo (o dom da graça de Deus que capacitava o jovem para ser o representante escolhido do apóstolo) estava com a chama baixa. Na carta anterior, o apóstolo escrevera: "Não negligencie o dom que está em você, que lhe foi concedido por profecia com a imposição das mãos do presbitério" (1Tm 4.14; ver comentário sobre essa passagem). A repetição ligeiramente alterada dessa exortação realmente não surpreende. Devemos ter em mente o seguinte:

a. Timóteo estava limitado por freqüentes sofrimentos físicos (1Tm 5.23).

b. Era naturalmente tímido ("ora, se Timóteo vier, cuidem para que ele esteja entre vocês sem temor", ICo 16.10).

c. Em certo sentido, ele era "jovem" (1Tm 4.12; cf. 2Tm 2.22).

d. Os efésios que seguiam o erro, seus opositores, eram muito decididos (1Tm 1.3-7, 19, 20; 4.6, 7; 6.3-10; 2Tm 2.14-19, 23).

e. Os crentes eram perseguidos pelo Estado. Pense em Paulo (1Tm 4.6).

Naturalmente, não sabemos se *todos* ou somente alguns destes fatores contribuíram para o resultado expresso, a saber: que a chama do ofício ministerial de Timóteo reclamasse atenção, nem sabemos até que ponto cada um deles contribuiu. Não obstante, a idéia principal é clara. Assim Paulo, havendo escolhido o verbo mais suave, *lembra* a Timóteo que "ative o fogo" do dom divino da ordenação. A chama não havia se extinguido, mas estava bem baixa e era preciso ativá-la para que fosse uma chama viva. Os tempos eram sérios. Paulo estava a ponto de deixar o cenário da História. Timóteo devia assumir o cargo no ponto em que Paulo o deixava. O dom do Espírito não deve ser apaga-

do (cf. lTs 5.19). Timóteo ama Paulo. Então, que Timóteo se lembre de que no tempo de sua ordenação as mãos de *Paulo* também haviam pousado sobre ele como símbolo de que se lhe comunicava o dom do Espírito.

Aliás, o ministério é o dom do Espírito Santo, e este é o Espírito *de poder* (At 1.8; 6.5, 8). Conseqüentemente, Paulo prossegue: **Porque Deus não nos deu Espírito de timidez, mas de poder e amor e disciplina pessoal.**

Nessa passagem, alguns (em concordância com A.V., A.R.V., R.S.V.), grafam Espírito com letra minúscula ("espírito"), enquanto outros, com letra maiúscula. Os primeiros às vezes argumentam dizendo que o genitivo descritivo ("...de poder e amor e disciplina pessoal") exclui qualquer referência ao Espírito Santo.[116] Mas o uso de tal genitivo não decide por si mesmo o assunto, porque em outra passagem, na qual indubitavelmente a referência é ao Espírito Santo, é usado um modificador *semelhante.* Assim, ao falar acerca da vinda do Consolador, Jesus o chama "o Espírito *da verdade*" (Jo 14.17; 15.26; 16.13). Há outras frases semelhantes nas quais muitos intérpretes encontram uma referência ao Espírito Santo (Is 11.2; Zc 12.10; Rm 8.2; Ef 1.17; Hb 10.29). Além disso, Paulo usa a expressão "não o Espírito de... mas (o Espírito) de..." em outras passagens que à luz de seus contextos específicos parecem referir-se ao Espírito Santo, ainda que nem todo intérprete esteja disposto a reconhecer isso (Rm 8.15; ICo 2.12). E, além disso, não vão de mãos dadas o *carisma* (v. 6) e o *pneuma* (v. 7, no sentido do Espírito Santo?

O fio do argumento de Paulo, pois, parece ser o seguinte:

"Meu querido filho, Timóteo, combata essa sua tendência de demonstrar temor. O Espírito Santo que lhe foi dado, a você e a mim, bem como a todos os crentes, não é o Espírito de timidez, mas de poder, amor e autodicisplina. Beneficie-se desse *poder* (õúvcqaiç, cf. nossa palavra "dinamite") sem limites, que nunca falha, e você proclamará *a verdade* de Deus; *desse* amor inteligente, poderoso (áyáTrri, ver C.N.T. sobre João, Vol. II, pp. 494-501), e você ministrará consolo aos *filhos* de Deus ao ponto de visitar-me no cárcere romano; além disso,

I 16. Cf. Lenski. *op. cit.,* p. 755

beneficie-se da sempre indispensável *disciplina pessoal* ou *autocontrole* (otoc))povio|J.óç, note o sufixo; daí, *a disposição de uma mente sã em ação,* palavra usada somente neste lugar no Novo Testamento; ver nota 193) você deflagrará *batalha* de Deus contra a covardia, tomando você mesmo a iniciativa."

Se uma pessoa *teme* o poder de Satanás de perseguir mais do que *confia* na capacidade e disposição de Deus para ajudar, então perdeu seu *equilíbrio mental.* Naturalmente, Timóteo não chegara a tanto. Então, que ele *se apodere* da verdade. Que se apodere dela, *dando-a a conhecer...* como fizeram Lóide e Eunice.

8 Não se envergonhe, pois, do testemunho concernente a nosso Senhor, nem de mim, seu prisioneiro, mas, em comunhão comigo, sofra as dificuldades em prol do evangelho, segundo [o] poder de Deus, 9 que nos salvou e nos chamou com santa vocação, não segundo *nossas* obras, mas segundo seu próprio propósito e graça, a qual nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos, 10 mas que agora se manifestou por meio do aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus, que, por um lado, derrotou completamente a morte,"[7] e, por outro, trouxe à luz vida e incorruptibilidade por meio do evangelho, 11 para o qual fui designado arauto e apóstolo e mestre.

12 Por essa razão estou também sofrendo essas coisas, porém não me envergonho, porque sei em quem tenho posto minha confiança, e estou convencido de que ele é capaz de guardar com vistas àquele dia o que me foi confiado.

13 Quanto ao padrão das sãs palavras, retenha aquelas que você ouviu de mim [e faça isso] em [o espírito de] fé e amor [que se centra] em Cristo Jesus. 14 Aquela coisa preciosa que lhe foi confiada, guarda-a mediante o Santo Espírito que habita em nós.

1.8-14

Timóteo devia pensar em Lóide e Eunice... *e em Paulo.* Este último pensamento é enfatizado nesta seção (vv. 8-14) na qual o apóstolo faz referência a si mesmo de forma específica não menos de dez vezes: sua disposição em sofrer dificuldades em prol do evangelho; sua designação divina; sua confiança em Deus; sua firmeza na doutrina; e seu método de proclamar o evangelho ("em fé e amor"). Paulo forneceu o "esboço" ou "roteiro". Timóteo o preencheria com os detalhes.

117. Literalmente, "a morte", a bem conhecida morte, em seu sentido mais abrangente, que é o resultado do pecado.

Mas ao fazer isso deveria ser absolutamente fiel ao "padrão". Ele deveria reter o que recebera de Paulo. Semelhantemente, um ministro de nossos dias deve ser estar atualizado em sua pregação. Em *sua aplicação*, ele deve considerar as condições do tempo atual. Mas *a verdade.* que ele aplica deve ser a "antiga" doutrina da Escritura, não algum substituto "liberal"!

Esta seção, mais ou menos extensa, pode ser dividida em três parágrafos (vv. 8-11; v. 12; vv. 13, 14). No primeiro parágrafo, a menção *do evangelho*, pelo qual Paulo sofre dificuldades e pelo qual Timóteo deve estar disposto a sofrer dificuldades juntamente com ele, leva o apóstolo a introduzir sua "bela digressão" com referência à obra da redenção: *seu caráter, sua motivação* e *seus resultados.* Aqui deparamos com uma interessante característica de estilo, a saber, a *duadiplosis,* na qual se consegue que as frases se unam entre si como telhas que se sobrepõem,"[8] algo mais ou menos assim:

Após dizer que Timóteo deve sofrer dificuldades em prol do evangelho segundo o poder de
DEUS, Paulo continua:
QUE nos salvou
e
nos chamou com SANTA VOCAÇÃO
[VOCAÇÃO] NÃO segundo nossas obras
mas
segundo SUA GRAÇA
QUE nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos
porém
agora se manifestou mediante o aparecimento
de NOSSO SALVADOR CRISTO JESUS
QUE de um lado derrotou a morte

do outro trouxe à luz

118. Outro exemplo notável, porém ligeiramente diferente, se encontra na Epístola de Tiago, especialmente 1.3-6. Ver meu *livro Bible Survey,* Grand Rapids. MI, **3"** edição, 1953, pp. 329 e 332. A diferença é que Tiago desenvolve o pensamento pela repetição de uma palavra; Paulo principalmente por meio de particípios modificadores, que podem ser traduzidos por meio de frases relativas.

vida e incorraptibilidade por meio
DO EVANGELHO
PELO QUAL fui designado, etc.

8. Timóteo não tem justificativa legítima. O dom de Deus está nele (v. 7). Portanto Paulo continua: **Não se envergonhe, pois, do testemunho concernente a nosso Senhor, nem de mim, seu prisioneiro.** O *testemunho "concernente a nosso Senhor"* (genitivo objetivo; cf. 1Tm 2.6) é, naturalmente, o evangelho, como o indica o próprio paralelismo da cláusula composta. "Não se envergonhe *do testemunho* concernente a nosso Senhor" é explicado por: "Mas, em comunhão comigo, sofre as dificuldades em prol *do evangelho."* E cf. Romanos 1.16. No evangelho encontramos o testemunho concernente às obras e palavras do Senhor (Jo 15.26, 27). Não envergonhar-se do evangelho significa ter orgulho dele.

Uma vez que *Paulo* está tão intimamente associado ao evangelho, não nos surpreende ler: "Não se envergonhe do testemunho de nosso Senhor, *nem de mim, seu prisioneiro."* Paulo não é prisioneiro *de Nero,* não obstante parecer que esse era o caso, mas "de nosso Senhor". O apóstolo *sempre* enfatiza esse pensamento em relação à idéia de ser prisioneiro (Ef 3.1; 4.1; Fm 1, 9). Ora, a expressão "seu prisioneiro" não só significa que a prisão de Paulo fora em decorrência da defesa do evangelho "de nosso Senhor", mas também que tudo quanto dizia respeito ao seu encarceramento estava inteiramente seguro nas mãos do Soberano que dispõe dos destinos.

E assim Paulo prossegue: **mas, em comunhão comigo, sofra as dificuldades em prol do evangelho, segundo [o] poder de Deus.** Timóteo deve estar disposto a *suportar sofrimentos* (cf. 2Tm 2.3) *juntamente com* Paulo. Ele deve estar disposto a receber sua parte na perseguição; e isso não em seu próprio poder, o que seria impossível, mas "segundo [o] poder de Deus". Esse poder é infinito. Ele capacita uma pessoa a resistir até a morte. Esse é o poder *desse* Deus:

9. que nos salvou e nos chamou com santa vocação. O resultado da operação do poder divino no interior de todos os crentes (inclusive Paulo e Timóteo) é caracterizado, aqui, de acordo com a. sua natureza ("que nos salvou") e b. seu propósito ("e nos chamou com santa voca-

ção"). O que significa *salvo* já foi explicado detalhadamente em conexão com I Timóteo 1.15; ver comentário sobre esta passagem. Em suma, Deus nos libertou do maior de todos os males e nos pôs na posse da maior de todas as bênçãos. Mas ao nos salvar nos fez recipientes da *vocação eficaz do evangelho* (ver C.N.T. sobre 1 e 2Ts 1.11, nota 116), que sempre é "uma vocação santa", porque não só revela a santidade de Deus, mas que é também uma vocação clara para a santidade de vida, para uma tarefa santa e uma condição de santidade e virtude de vida (Ef 4.1; Fp 3.14; 2Ts 1.11).

Ora, quanto à sua *base jurídica* e ao seu glorioso *motivo,* essa vocação (e em geral esse ato de salvar-nos) foi **não segundo nossas obras, mas segundo seu próprio propósito e graça.** Este é o pensamento que ocorre repetidas vezes nas epístolas de Paulo, especialmente em Romanos e Gálatas (Rm 1.17; 3.20-24, 28; 10.5, 9. 13; 11.6; G1 2.16; 3.6, 8, 9-14; 6.14, 15; Ef 2.9; Tt 3.5). A salvação não tem por base nossas realizações, mas o *propósito* soberano de Deus (Rm 8.28; 9.11; Ef 1.11), em seu plano sábio (não arbitrário), fixo e definido, e portanto tem por base *sua graça* ou favor soberano. E se é pela *graça,* não pode ser pelas *obras.* Isto fica bem claro à luz de duas considerações: a. graça, em virtude de sua própria natureza, é algo que nos é *dado,* e *não pode ser conquistado por nós* (ainda que, naturalmente, é merecido *em nosso favor)',* e b. a graça *precede* nossas obras, porque idealmente já éramos seus objetos antes começassem a transcorrer os tempos. Portanto Paulo prossegue: **a qual nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos** (literalmente: "antes dos tempos das eras"). O tempo, "como um fluxo de corrente contínua", que *corre sem interrupção.* Mas *antes* mesmo de começar, já estávamos incluídos no propósito da graça divina.[119]

10. Esta graça que nos *foi dacla,* ou seja, *designada a nós* (cf. Ef 1.11) "antes dos tempos eternos", *agora* foi claramente revelada. Daí, Paulo prossegue: **mas agora se manifestou mediante o aparecimento de nosso Salvador Cristo Jesus.**

119. Daí, não posso concordar, aqui. com C. Bouma, que, ao comentar esse versículo *(op. cit.,* p. 255), expressa o conceito de que a expressão irpò %póycov auuvíw significa "imediatamente depois da queda no Paraíso". Romanos 16.25 c Tito 1.2, propriamente interpretados, não militam contra minha interpretação. Ver sobre Tito 1.2.

Aquela graça de Deus que estivera oculta desde a fundação do mundo e só podia ser discernida de forma obscura na antiga dispensação, porém "agora se revelou ou se manifestou". O verbo *manifestar* aparece com freqüência no evangelho segundo João (ver C.N.T. sobre João 21.1, especialmente nota 294). Paulo também a usa várias vezes (Rm 1.19; !Co4.5;2Co 2.14; 11.6; Cl 4.4; Tt 1.3). Foi pela *epifania* ou *aparecimento* (empregado em outros lugares para designar a segunda vinda, 2Ts 2.8; lTm 6.14; 2Tm 4.1, 8; Tt 2.13, mas aqui indica a primeira vinda), ou seja, por meio do *nascimento* do "sol da justiça trazendo salvação em suas asas" (Ml 4.2; cf. Lc 1.78, 79; cf. Tt 2.1), que a graça de Deus se manifestou. Note o título do Senhor: "nossó Salvador Cristo Jesus." Cf. Tito 2.13. Quando se pensa na *graça,* naturalmente se pensa em *nosso Salvador* divinamente ungido por Deus (daí chamar-se *Cristo, o Ungido)* para a tarefa específica de *salvar* (pense no nome *Jesus:* "certamente salvará") seu povo dos pecados deles (Mt 1.21). Por meio de *toda* a primeira vinda (desde sua concepção até sua coroação) a graça de Deus passou a manifestar-se. O que Cristo fez pelos pecadores, em necessidade da graça, é lindamente resumido nas palavras: **que, de um lado, derrotou totalmente a morte, e, do outro, trouxe à luz vida e incorruptibilidade por meio do evangelho.**

Em conexão com sua primeira vinda, *ele derrotou completamente, pôs fora de ação, tornou ineficaz* (ver C.N.T. sobre 2Ts 2.8) a morte. Como resultado da expiação de Cristo, para o crente já não existe a *morte eterna.* A *morte eterna* é vencida cada vez mais nesta vida e completamente vencida no momento em que a alma apartar-se de seu envoltório físico. E a *morte física* perdeu sua maldição e se converteu em vantagem (Jo 11.26; em seguida, Fp 3.7-14; e então, ICo 15.26, 42-44, 54-57). *Isso,* de um lado, foi o que aconteceu; e, do outro, ele trouxe *à luz* (ver C.N.T. sobre João 1.9) vida e incorruptibilidade. Ele as trouxe à luz exibindo-as em sua própria e gloriosa ressurreição; ainda mais: ele as trouxe à luz por meio de *sua promessa',* daí, por meio *do evangelho.* Os dois conceitos, "vidae incorruptibilidade" provavelmente constituam uma hendíadis; daí, *vida incorruptível* (ou imperecível).

Esta é a *imortalidade* (cf. 1 Tm 1.17) que no evangelho é prometida aos crentes. Ela transcende em muito a mera existência infindável ou existência consciente sem fim. O evangelho de nosso Salvador Cristo

Jesus é muitíssimo melhor que qualquer coisa que Platão jamais cogitou!

Naturalmente, é claro que embora aqui e agora o crente receba esta bênção *em princípio,* e no céu *em desenvolvimento muito mais pleno,* ele não a recebe plenamente antes do dia do reaparecimento de Cristo. Até a chegada daquele dia, o corpo de cada crente ainda estará sujeito às leis da deterioração e da morte. A *vida incorruptível,* a *salvação imperecível,* no sentido pleno, forma parte do novo céu e da nova terra. E uma herança reservada para nós.

11. Refletindo sobre as *boas-novas* que proclamam esta maravilhosa bênção e que convidam os homens a receberem-na pela fé, Paulo prossegue: **pelo qual fui designado arauto e apóstolo e mestre.** Este é o mesmo pensamento expresso em 1 Timóteo 2.7; ver sobre esta passagem (também sobre 2Tm 4.2). Como *arauto,* Paulo deve anunciar e proclamar em alto som esse evangelho. Como *apóstolo,* ele nada deve dizer nem fazer exceto aquilo que lhe foi ordenado dizer e fazer. E, como *mestre,* ele tem de comunicar prudentemente a instrução acerca das coisas pertencentes à salvação e à glória de Deus, e deve admoestar para a fé e obediência. Para essa tríplice tarefa evangélica, Paulo foi divinamente *designado* ou *comissionado.*

12. E assim o fio do pensamento retornou para aquele do versículo 8: a fidelidade de Paulo ao evangelho como exemplo para Timóteo. Em conformidade com isso, o segundo parágrafo dessa seção é de caráter muito pessoal. O apóstolo diz: **Por essa razão, estou também sofrendo essas coisas.**

Por causa do cumprimento de minha tarefa de apóstolo de Jesus Cristo, eu sofro aqui, nesta terrível prisão romana - uma lúgubre masmorra subterrânea com um buraco no teto para a entrada de luz e ar com a perspectiva de ser executado como criminoso! **Porém não me envergonho.** Ainda que Paulo tenha estado sujeito à ignomínia, não se sente desgraçado. Juntamente com outros, como José, Jeremias, Daniel, João Batista e Pedro, ele se une às fileiras dos prisioneiros pela melhor das causas. Acima de tudo, o lugar de desonra pode ser o lugar cie honra mais elevada. Jesus não foi crucificado entre dois malfeitores? Cf. 1 Pedro 4.16.

A razão pela qual Paulo não se envergonha é declarada nestas pala-

vras memoráveis: **Porque eu sei em quem tenho posto minha confiança, e estou convencido de que ele é capaz de guardar com vistas àquele dia aquilo que lhe tenho confiado.**

Paulo pôs de uma vez por todas sua confiança no Deus soberano (ver vv. 8, 9). Pode também ser traduzido como a A. V.: "pois eu conheço aquele em quem eu cri", ou seja: Eu conheço o Deus que se revelou em seu precioso Filho, "nosso Salvador Cristo Jesus" (v. 10). O apóstolo ficou permanentemente convencido do infinito poder de Deus, seu terno amor e absoluta fidelidade.

Literalmente traduzido, o apóstolo diz: "...e eu estou convencido de que ele é capaz de guardar *meu depósito* (ir]v TTapa9r)Kr|V fiou) com vistas a (ou para: elç) aquele dia." Isso conduz à pergunta acerca da qual os comentaristas estão divididos sem esperança de concordância: "Que significa *meu depósito*? E o depósito que me foi confiado? ou é "esse depósito que eu lhe confiei?"[120] Ou, expressando-o em termos diferentes: é *o evangelho* ou é *eu mesmo e minha completa salvação?*

Como eu o vejo, o último ponto de'vista merece a preferência, pelas seguintes razões:

(1) Evidentemente, *não é Paulo, mas Deus* (em Cristo) quem *guarda* esse depósito ("*ele é* capaz de guardar"). Daí, o ponto de vista de que ele é o depósito que Paulo confiou a Deus tem as probabilidades de seu lado. No versículo 14 (ver comentário sobre esse versículo), e também em 1 Timóteo 6.20, não é Deus, mas Timóteo quem deve fazer a guarda. Daí, nesse caso ele é o depósito que Deus confiou a (Paulo e a) Timóteo.

Ora, se o versículo 12 tem a ver com o depósito que Paulo confiou a Deus, então o ponto de vista de que a referência é à *minha alma* ou ao *meu espírito* ou à *minha completa salvação* tem o endosso lógico de seu lado. Aqui alguns comentaristas favorecem *minha almcv,* outros,

120. Em favor da primeira tradução estão, entre outras, as seguintes: A.R.V.N. margem. R.S.V. no texto, holandês (nova versão); Crisóstomo, Gealy (em *Interpretei s Bible),* Koole, Lenski, Phillips, Seott, Van Dyk, Wuest. Em favor da última estão, entre outros: A.V., A.R.V, texto, R.S.V. margem, Goodspeed, Verkuyl (Berkeley Version), Weymouth. Williams, holandês (versão antiga); e mais: Barnes, Bouma, Calvino, Lock, Robertson, Simpson, Van Andei, Van Oosterzee (em *Lange's Commentary),* White (em *Expositor'.? Greek Testament).*

minha salvação. A referência, porém, não é muito importante: "eu e minha completa salvação" inclui ambas as coisas.

(2) O contexto imediato favorece esta interpretação. Paulo acaba de escrever: "eu sei em quem tenho crido", significando, à luz da cláusula que se segue: "Eu sei que este Deus, em quem tenho posto minha confiança, é de confiança, e certamente guardará de forma plenamente segura o que lhe confiei para guardar e proteger."

(3) As palavras do versículo 10 também endossam este ponto de vista. O apóstolo acaba de referir-se à "vida e incorruptibilidade". Mas, como se observou na explicação do versículo 10, o crente não recebe *plenamente* esta bênção enquanto não chegar o glorioso dia do regresso de Cristo. Daí, a idéia do versículo 12 é que esta vida verdadeiramente imortal, possuída já *em princípio,* e depositada nas mãos de Deus para ser guardada, será devolvida a Paulo *mais gloriosamente que antes* em "aquele dia", o dia da grande consumação (cf. v. 18; também 2Tm 4.8; então, 2Ts 1.10).

(4) A idéia de um tesouro que é guardado por Deus é também encontrado em outros lugares; às vezes num sentido ligeiramente diferente (1Pe 1.4).

(5) Cf. as palavras de nosso Senhor quando morreu na cruz (Lc 23.46; cf. SI 31.5; 1Pe 4.19). O espírito de Cristo, sendo *confiado* ao Pai, é no terceiro dia reunido ao corpo, agora gloriosamente ressurreto.

Os argumentos dos que defendem o ponto de vista oposto são respondidos na nota de rodapé.[121]

121. Estes argumentos são os seguintes:

(1) Se *depósito* significa *evangelho* em 1 Timóteo 6.20 e em 2 Timóteo 1.14, por que não aqui em 2 Timóteo 1.12?

Resposta: Porque o "contexto" da palavra é completamente diferente. Nas outras passagens, *Timóteo é o* guardador; aqui, em 2 Timóteo 1.12, *Deus é o* guardador. Além do mais, uma palavra nem sempre tem a mesma referência. Por exemplo, o apóstolo acaba de usar a palavra *aparecimento* (v. 10) com referência à *primeira* vinda de Cristo, enquanto que em todos os demais lugares ele a usa em referência à *segunda* vinda.

(2) A adição de "meu" à palavra "depósito" não basta para mudar a referência.

Resposta: Concordamos. "Meu depósito" poderia significar uma destas: a. "o que eu depositei", ou b. "o que foi depositado comigo". Mas a solução não está aqui. O argumento em qualquer sentido não deve basear-se na palavra "meu".

(3) A referência a "mim mesmo e a minha completa salvação" não se ajusta às palavras que se seguem, a saber: "com vistas àquele dia."

13. Paulo esteve falando de si mesmo e de seu fiel Senhor que o recompensará naquele Dia dos dias. Que Timóteo, pois, imite a Paulo. Que complete os detalhes no roteiro que Paulo esboçou. Assim, no terceiro parágrafo (vv. 13, 14) desta seção (vv. 8-14), o autor volta novamente à questão do dever de Timóteo. Diz Paulo: **Quanto ao padrão das sãs palavras, as quais você ouviu *de mim,* [e faça isso] em [o espírito de] fé e amor [que é centrado] em Cristo Jesus.**[122]

Como um artista que tem seu *roteiro* (ver sobre lTm 1.16), assim Timóteo também tinha seu modelo pelo qual orientar-se. Esse roteiro, modelo, ou padrão consistia nas palavras que havia ouvido de Paulo. Que ele se sujeite às mesmas, usando-as sempre como exemplo, sem apartar-se jamais delas. Isso é importante, porque o ensino de Paulo consistia de *sãs palavras.* Note a ênfase sobre o ensino de Paulo (em confronto com o dos mestres do erro de Éfeso): literalmente, "que *de mim* tem ouvido". E é exatamente a necessidade de permanecer *são* e de transmitir a *sã* doutrina o que é enfatizado por meio da epístola e, até certo ponto, de todas as Pastorais (cf; lTm 1.10; 6.3; 2Tm 4.3; Tt 1.9, 13; 2.1, 2, 8). O lema, tão popular hoje, "Não importa *o* que você crê, basta que você seja sincero no que crê", é categoricamente contraditado nas Pastorais! Não obstante, *o espírito* no qual alguém adere à verdade e a transmite a outros, isso, sim, é o que importa. Por isso o apóstolo acrescenta: "(Faça isso) em fé e amor (que estão centrados) em Cristo Jesus." A fé em Deus e em sua revelação redentora, o amor a ele e aos irmãos é o espírito no qual Timóteo deve aderir à verdadeira doutrina. É por si só evidente que estes estão centrados "em Cristo Jesus". Sem seus méritos, seu Espírito e seu exemplo, não pode haver fé nem amor.

14. Paralelo ao pensamento já expresso é o conteúdo no versículo

Resposta: Ela se ajusta maravilhosamente, como já demonstramos no texto.

122. A construção da oração é a seguinte: sujeito: *você* (subentendido). Predicado: *reienha* ou *tenha sempre.* Frase modificadora: *em* (o espírito *de) fé* e *amor.* Daí, "tenha sempre ...em fé e amor". Modificador de "em fé e amor": (que está centrado) *em Cristo Jesus.* Objeto direto do verbo principal: *"as* [palavras] *que você ouviu de mim."* Objeto predicado em oposição a este objeto direto: *quanto ao padrão das sãs palavras.* Tradução literal: "Quanto ao padrão das sãs palavras, tenha sempre as que você ouviu de mim, cm fé e amor". Aqui, cov poderia ser construído como tendo sido "atraído para o caso de seu antecedente" (assim Lenski e muitos outros), mas isso não é necessariamente verdadeiro. Não há uma regra rígida e fixa acerca do caso do objeto de IXKOÚU, como Robertson demonstrou. Ver *Word Pictures,* vol. III sobre Atos 9.7, p. 118.

14: Aquela coisa preciosa que lhe foi confiada, guarde-a mediante o Espírito Santo que habita em nós.

O "depósito precioso" é, naturalmente, *o evangelho,* tomado em seu sentido mais amplo (ver comentário sobre 1Tm 6.20). Consiste de "as sãs palavras" que Timóteo ouviu de Paulo (ver o versículo precedente). É *precioso* ou *excelente* porque pertence a Deus e resulta em sua glória pela salvação dos que as aceitam pela graça soberana (ver vv. 8-10 acima). Uma vez mais (como em 1Tm 6.20) ele exorta a Timóteo que de uma vez por todas guarde tal depósito. Deve defendê-lo contra todo ataque e jamais permitir que o mesmo seja mudado ou modificado no mais leve grau.

Visto, porém, que o inimigo é forte e Timóteo é frágil, de uma forma muito sábia Paulo acrescenta o pensamento de que esta ação de guardar não pode ser efetuada senão "mediante o Espírito Santo que habita em nós", ou seja, dentro de Paulo, de Timóteo e de todos os crentes" (Rm 8.11).

Timóteo, pois, deve reter o evangelho puro, a doutrina sã, como Paulo sempre fez.

15 Você está ciente disto, que todos os estão na Ásia se afastaram de mim, entre os quais estão Figelo e Hermógenes. 16 Que o Senhor conceda misericórdia ü casa de Onesíforo, pois com freqüência me confortou e não se envergonhou de minhas cadeias. 17 Ao contrário, quando foi a Roma, ele diligentemente procurou por mim e me encontrou. 18 Que o Senhor lhe conceda achar misericórdia da parle do Senhor naquele dia! E os serviços que ele prestou em Éfeso, você conhece melhor [que eu].

1.15-18

15. Timóteo deveria imitar Lóide e Eunice. Também deveria seguir o exemplo de Paulo. Há mais um padrão que ele deveria seguir, a saber: o de Onesíforo. Em todos os aspectos, esse maravilhoso homem era leal ao sentido de seu nome. Ele era realmente um "portador de benefícios", um mensageiro da coragem e da alegria. A beleza de seu caráter e a nobreza de suas ações se destacam claramente no obscuro cenário da triste conduta de "todos os que estão na Ásia".

Considerando o fato de que Timóteo nessa ocasião estava vivendo na província romana da Ásia, Paulo pode dizer-lhe: **Você está ciente**

disto, que todos os que estão na Ásia se afastaram de mim, entre os quais estão Figelo e Hermógenes. É provável que vários cristãos principais da província da qual Éfeso era a capital haviam recebido a solicitação de Paulo de ir a Roma, a fim de apresentar-se como testemunhas em seu favor. Não obstante, com a possível exceção da pessoa mencionada nos versículos 16-18, ninguém havia respondido à sua petição. Com toda probabilidade, foram detidos pelo temor. Isto se deu com dois deles, a saber: Figelo e Hermógenes, conhecidos de Timóteo, porém não nosso, visto não haver maiores referências a eles nas Escrituras. Porventura se mencionam esses dois pelo fato de ser especialmente surpreendente *seu* erro em não agir como "amigos na adversidade é que são verdadeiros amigos"?

16. Não obstante, parece que houve *uma* exceção significativa. É preciso reconhecer, porém, que nem mesmo é certo que este fora uma das pessoas a quem Paulo *apelara.* O certo é que ele atendeu, quer por solicitação expressa ou por iniciativa inteiramente pessoal. Com carinho e entusiasmo, Paulo exclama: **Que o Senhor conceda graça à casa de Onesíforo, porque com freqüência me confortou e não se envergonhou de minhas cadeias.** Onesíforo havia mostrado misericórdia a Paulo na masmorra romana. Conseqüentemente, que o Senhor (Jesus Cristo) lhe conceda misericórdia em troca! Isto está em concordância com a norma estabelecida em Mateus 5.7. Por que, porém, à casa de Onesíforo (tanto aqui quanto em 2Tm 4.19), em vez de simplesmente "a Onesíforo"? Aqui só se pode fazer conjetura. Algumas das possibilidades são as seguintes:

(1) Onesíforo, ao comparecer em defesa de um prisioneiro acusado de um delito capital, e havendo demonstrado grande interesse em seu caso, foi preso e encarcerado. Portanto, o coração de Paulo, cheio de simpatia para com a família do herói, expressa o desejo de que o Senhor use de misericórdia para com esses seres queridos.

(2) Paulo sabe que a partida de Onesíforo, de Éfeso para Roma, causou preocupação aos que deixara para trás, porém haviam prontamente consentido em sua viagem. Por isso não só Onesíforo, mas também sua casa, mereciam ser mencionados por Paulo. Além do mais, nas circunstâncias que eram uma "prova" para todos os membros da família, a misericórdia do Senhor se fazia necessária a todos.

(3) Onesíforo já não vivia (fora executado?). Por isso Paulo expressa o desejo de que o Senhor concedesse misericórdia à *família dele.* (Não obstante, se esse é o caso, pareceria um pouco estranho que não se faça menção de sua morte de herói. Não obstante, mesmo para este fato - se foi um fato - se pode supor uma razão.)

A própria enumeração de alguma das possibilidades indica que estamos aqui na esfera da conjetura. Simplesmente não sabemos.

Paulo declara que Onesíforo o *confortara*, que *o fizera,* por assim dizer, *respirar mais livremente.* E Onesíforo fizera isto não só uma vez, mas com freqüência. Não se diz de que forma o visitante realizara tão tonificante e reconfortante ministério. Talvez apenas com sua presença, presença essa que implicava sacrifício de si mesmo e amor; além disso, levando notícias a Paulo de pessoas e igrejas; alentando-o com base nas promessas de Deus; levando-lhe comida, bebida e literatura. Com isto é possível lembrar-se dos serviços que, com risco da própria vida, Jônatas prestou a Davi (1Sm 18, 19, 20). Inclusive Paulo, homem de coragem, intrépido e de fé assombrosa, podia às vezes precisar de alento. Assim foi nos casos de Davi, Elias, Jeremias e João Batista. É consolador saber que, ainda que o tratamento que o apóstolo recebia estava longe de ser o que se lhe deu na primeira prisão, o privilégio de receber visitas e "de ser confortado" não lhe fora tirado totalmente. Cf. 2 Timóteo 4.13.

O fato de que Onesíforo não se envergonhara das *cadeias* de Paulo o enchera de gratidão. Com toda probabilidade, essa *cadeia* deve ser tomada literalmente; pelo menos deve incluir o sentido literal (cf. Mc 5.3,4; Lc 8.29; At 12.6, 7; 21.33; 28.20; Ef 6.20; Ap 20.1). Note, nesse capítulo, a recorrência significativa da expressão "não envergonhar-se". Timóteo não devia envergonhar-se (v. 8). Paulo não se envergonhava (v. 12). Onesíforo não se envergonhou (v. 16). A disposição de sofrer pela causa de Cristo, se for necessário, é a marca do cristão (2Tm 3.12; então, Jo 16.33; Rm 8.17).

17. Longe de envergonhar-se, Onesíforo se comportara de um modo muito distinto. Por isso, Paulo diz: **Ao contrário, quando ele esteve em Roma, diligentemente procurou-me e me encontrou!** Onesíforo chegou em Roma, começou a procurar por Paulo. Mas, por que teve que *procurá-lo*? Diversas respostas são aventadas, e em algumas delas

há indubitavelmente algum elemento de verdade. Por exemplo: a. Onesíforo não estivera antes em Roma, por isso não sabia aonde ir. b. Parte da cidade fora destruída pelo grande incêndio. Isso causava confusão, c. Por algum tempo, o lugar da prisão de Paulo não era conhecido nem mesmo pelos crentes em Roma. d. Os crentes em Roma se viam grandemente reduzido em número em decorrência de perseguição e fuga, e nem todos os que ficaram desejavam informar a "um estranho" sua afinidade espiritual com o "prisioneiro do Senhor". E assim alguém poderia prosseguir. Não obstante, seja o que for, foi preciso uma busca *diligente* para encontrar Paulo. As palavras "e me encontrou" soam como uma exclamação. Havendo localizado a "prisão", não teria sido fácil para Onesíforo obter um acesso imediato a Paulo. O sistema de encarceragem de então era sinistro (cf. 2Tm 1.9). Tudo isso aumentava o crédito de Onesíforo! Daí, Paulo prossegue:

18. Que o Senhor lhe conceda achar misericórdia da parte do Senhor naquele dia!

O apóstolo expressa um devoto desejo de que *naquele grande dia de juízo* (ver v. 12, acima; cf. 2Tm 4.8; então 2Ts 1.10) o Senhor (Jesus Cristo) permita que o homem que tivera tantas dificuldades para *encontrar* Paulo, por sua vez *encontre* misericórdia (note o jogo de palavras), da parte do Senhor, o que provavelmente signifique "de Deus o Pai".[123]

O fato de que Paulo expresse o desejo de que Onesíforo encontre misericórdia "naquele dia" (contraste isso com o que se disse sobre a *casa* de Onesíforo, v. 16), significa que esse amigo verdadeiro e leal já havia partido *desta* terra e que não poderia receber mais misericórdia *nesta* vida? E possível, mas considerando que o apóstolo às vezes expressa o desejo de que se conceda bênçãos escatológicas a quem ainda vive na terra enquanto o apóstolo está escrevendo (por exemplo, ITs

123. Aqui não posso seguir o raciocínio de Lenski (op. cit., p. 775). Se Paulo quisesse dizer: "Que o Senhor *lhe* (a Onesíforo) conceda achar misericórdia da parte do Senhor naquele dia", com a palavra "Senhor", em ambos os casos, referindo-se ao Senhor Jesus Cristo, bem que poderia ter substituído "dele" para "do Senhor". Tal substituição de um pronome (dessa vez num caso diferente que um pouco antes) não teria sido ambígua. Naturalmente, Onesíforo não podia achar misericórdia "da parle de *si mesmo".* O verdadeiro antecedente, a saber, "Senhor" (Jesus Cristo) teria sido óbvio.

5.23b), não é necessário chegar à conclusão de que Onesíforo realmente havia morrido. Aqui novamente devemos confessar nossa ignorância.

Ao revisar os serviços que Onesíforo prestara a Paulo, este começa com os mais recentes ("com freqüência me confortou", v. 16), então retrocede o relógio de sua memória ("quando esteve em Roma, diligentemente procurou-me e me achou", v. 17), e agora (v. 18.b) o retrocede ainda mais: **e os serviços que prestou em Éfeso, você o sabe melhor [que eu].**[124] Ainda antes que fosse em sua missão a Roma, Onesíforo, estando ainda em Éfeso, prestara muitos serviços valiosos à causa do evangelho. Esse trabalho de amor fora realizado ante os olhos de Timóteo. Por isso Paulo diz: "você sabe melhor que eu".

Timóteo, pois, devia demonstrar uma firmeza, lealdade e coragem semelhantes.

Síntese do Capítulo 1

Ver o Esboço no início deste capítulo.

Depois de outra saudação com "graça, misericórdia e paz", Paulo confessa sua gratidão ao Deus dos pais, que é também o Deus de Paulo e de Timóteo. Ele diz a este "bem-amado filho" que seu coração anela ver-se cheio de alegria ao vê-lo novamente. E que esse anelo foi fortalecido pela memória das lágrimas deste quando os dois se separaram pela última vez, e por uma recente lembrança de sua fé não fingida, em Cristo.

Quanto a essa *fé,* Paulo a "reconhece", porque a viu primeiro em *Lóide,* avó de Timóteo, e em *Eunice,* sua mãe. Que Timóteo, pois, se *lhe* apegue, como *elas* o fizeram. Sim, que a reaviva, para que o dom divino que recebera seja como uma chama viva. Timóteo ama Paulo? Certamente que sim. Então, que ele se lembre de que, no momento da ordenação, também as mãos *de Paulo* pousaram sobre ele, como símbolo da comunicação do dom do Espírito; e que este não é o Espírito de limidez, mas de poder, amor e autodisciplina.

124. *Melhor,* no original, é péÀxiov. Cf. raxiov no sentido de "mais rápido" (Jo 13.27; 20.4). Não obstante, o uso elativo depéA/uiov aqui em 2 Timóteo 1.18 (ver também At 10.28 em D) não pode ser completamente excluído. Timóteo sabe "muito bem" os serviços que ()ncsíforo havia prestado em Éfeso. Ver também M.M., 1. 108.

Que Timóteo, pois, se apegue a esta fé como Paulo o havia feito, e ainda o faz. Que não se envergonhe do evangelho, nem do "prisioneiro do Senhor" (note bem: não "prisioneiro de Nero!"), como o escritor chama a si próprio.

Pela causa do evangelho, Timóteo deve estar disposto a sofrer dificuldades juntamente com Paulo. O poder infinito de Deus o sustentará, porque foi este mesmo Deus quem incluiu Paulo e Timóteo (juntamente com todos os escolhidos) em seu propósito de graça desde a eternidade. A salvação deles, o precioso tesouro que, mediante a vocação eficaz do evangelho, vieram a possuir, jamais lhes será tirada. Razão: não está fundamentada em *obras humanas,* mas na *graça divina.* E essa graça "nos foi dada em Cristo Jesus antes dos tempos eternos, mas agora se manifestou pelo aparecimento (primeira vinda) de nosso Salvador Cristo Jesus". E para seu próprio consolo e fortalecimento, Timóteo deveria lembrar que foi este mesmo Cristo quem, de um lado, venceu completamente *a morte*; e, por outro, trouxe à luz *vida* e *incorruptibilidade* (imortalidade) por meio do evangelho. Que Timóteo, pois, olhe com alegria para frente, na antecipação de entrar um dia na posse dessa vida incorruptível para o corpo e a alma. Paulo mesmo se regozija no fato de que, com respeito às boas-novas, fora designado arauto, apóstolo e mestre. Certamente que a lealdade a essa comissão traz como resultado o sofrimento. A refletir sobre isso, Paulo exclama: "Mas não me envergonho, porque eu sei em quem tenho crido..." O professor E. K. Simpson escreve *{op. cit.,* p. 127) que, quando o doutor James Alexander de Princeton jazia em seu leito de morte, sua esposa citou essas palavras de forma inexata: "Eu sei *em* quem tenho crido", o moribundo corrigiu suavemente sua versão, porque não queria que nem sequer uma preposição se interpusesse entre sua alma e seu Senhor.*

Paulo prossegue: "e estou convencido de que ele é capaz de guardar para aquele dia o que lhe fora confiado". O apóstolo depositara sua alma e toda sua salvação nas mãos de Deus para que fossem guardadas. Nesse aspecto, também seguiu o exemplo de Jesus que encomendou seu espírito às mãos do Pai (Lc 23.46). Ao terceiro dia, o depósito

* Ela disse "1 know *in* whom I have believed"; ela deveria ter dito: "for 1 know whom I have believed" ["pois eu conheço aquele em quem eu cri", segundo a versão A.V.] (N.R.).

foi devolvido a Jesus, por assim dizer, "com juros": um espírito glorioso dentro de um corpo agora glorioso. Assim também, *naquele* dia, ou seja, no dia do juízo final, a alma de Paulo, tendo sido guardada acima nas mansões do Pai, será vestida com um corpo semelhante ao glorioso corpo de Cristo. A vida imortal, em seu significado pleno (ou seja, para o corpo e para a alma), começaria ali e continuaria para além.

Incentivado pela certeza de um futuro tão glorioso, que Timóteo, pois, *retenha* a forma das sãs palavras que Paulo lhe entregou; e que o faça num espírito de fé e amor centrados em Cristo Jesus. Sim, que guarde de uma vez por todas o precioso depósito do ministério do evangelho que Deus lhe confiara. O Espírito Santo, que habita nele, lhe dará a capacidade para isso.

Outro exemplo excelente que Timóteo deve imitar é *Onesíforo.* Quando o apóstolo pensa nele, exclama: "Que o Senhor conceda misericórdia à sua casa"; e um pouco mais adiante: "que o Senhor lhe conceda que encontre misericórdia da parte do Senhor naquele dia." Quando Iodos os que estavam na Ásia se apartaram de Paulo, e nenhum (nem mesmo Figelo e Hermógenes) esteve disposto a ir a Roma a fim de testificar em seu favor, Onesíforo atendera, talvez mesmo antes que lho solicitasse. De diversas maneiras ele confortara Paulo, sem envergonhar-se das cadeias do apóstolo. Ao chegar em Roma, procurara o prisioneiro, e depois de consideráveis dificuldades o encontrara. E ainda antes de partir de Éfeso para Roma, este maravilhoso portador de benefícios prestara muitos e valiosos serviços ao evangelho, em Éfeso, como Timóteo sabia melhor que Paulo.

ESBOÇO DO CAPÍTULO 2

Tema: *O Apóstolo Paulo Diz a Timóteo o que Fazer no Interesse da Sã Doutrina*

Ensine-a	"Sofra dificuldades juntamente conosco"
2.1-13	Ainda que este ensino produza dificuldades, também traz grande galardão.
2.14-26	Pelo contrário, as discussões fúteis não têm um propósito útil.

CAPÍTULO 2

2 TIMÓTEO 2.1, 2

2 1 Você, pois, meu filho, seja fortalecido na graça [que está] em Cristo Jesus; 2 e as coisas que você tem ouvido de mim entre muitas testemunhas, essas coisas confie a homens confiáveis, os quais estejam também qualificados a ensinar a outros. 3 Como um nobre soldado de Cristo Jesus, sofra dificuldades juntamente com [nós], 4 Nenhum soldado em serviço ativo se embaraça nos negócios da vida civil, visto que seu alvo é agradar ao oficial que o alistou. 5 Além disso, se alguém está competindo num evento de atletismo, esse não deve receber o louro do vencedor, a menos que compita cumprindo as regras. 6 O agricultor que trabalha arduamente deve ser o primeiro a tomar sua parte nas colheitas. 7 Ponha sua mente no que eu digo, pois o Senhor lhe dará discernimento em todas as questões. 8 Guarde na memória Jesus Cristo como ressurreto dentre os mortos, da semente de Davi, segundo meu evangelho, 9 pelo qual eu sofro dificuldades, ainda em cadeias como malfeitor; porém a palavra de Deus não está presa. 10 Por conta disso eu suporto todas as coisas por amor dos eleitos, a fim de que também eles possam obter a salvação [que está] em Cristo Jesus com eterna glória.

11 Fiel é a palavra:

Porque, se morremos com [ele], também com [ele] viveremos;
12 se suportamos, também com [ele] reinaremos;
se [o] negamos, ele por sua vez também nos negará;
13 se somos infiéis, ele por sua vez permanece fiel,
porque não pode negar a si próprio.

2.1-13

1, 2. Você, pois, meu filho, seja fortalecido na graça [que está] em Cristo Jesus; e as coisas que você tem ouvido de mim entre muitas testemunhas, essas coisas confie a homens confiáveis, os quais estejam também qualificados a ensinar a outros.

Em vista, pois, de tudo o que se disse no capítulo 1 - os exemplos

de fé e firmeza (Lóide e Eunice, o próprio Paulo, Onesíforo), o dom do Espírito Santo a Timóteo, a grande salvação que aguarda aos que perseveram, a maravilhosa vocação que Timóteo *se esforce* (ver 2Tm 1.6-8, 14; e quanto à própria palavra, ver At 9.22; 1Tm 1.12; 2Tm 4.17; e então Rm 4.20; Ef 6.10; Fp 4.13) nessa graça cristocêntrica que, como já se indicou, lhe fora dada "antes dos tempos eternos" (ver sobre 2Tm 1.9). A fortaleza de Timóteo na esfera da graça crescerá se for cultivado *o dom* que a graça lhe concedeu. O apelo é uma vez mais expresso em linguagem de um terno afeto como a de um pai com seu filho; note a ênfase: *"Você,* pois", e o apelo *ao coração*: "meu filho" (ver sobre 2Tm 1.2). O que o pai (espiritual, Paulo) quer do filho (Timóteo) se encontra nos versículos 1-7. O que o pai espiritual, como exemplo ao filho, está dizendo é incluído nos versículos 8-10a. O que *todos os crentes* deveriam ter em mente constantemente com respeito ao modo como se recompensa a fidelidade a Cristo e se castiga a infidelidade, está expresso de forma bem clara nos versículos 10b-13, e já está implícito nos versículos 4-6.

Ora, uma forma segura de fortalecer-se na graça é transmitindo a outros as verdades que se acham engastadas no coração e que estão guardadas na memória. De conformidade com isso, que Timóteo aja como mestre. Mais ainda, que produza mestres. Timóteo necessita dessa experiência, e o que é muito mais importante, a igreja necessita de mestres. Paulo está para partir desta vida. Por muito tempo ele carregou a tocha do evangelho. Daqui em diante ele a põe nas mãos de Timóteo, o qual, por sua vez, deve passá-la a outros. O *depósito* que foi confiado a Timóteo (1Tm 6.20; 2Tm 1.14) deve ser depositado em mãos de homens dignos de confiança. Além do mais, estes devem ser homens *aptos para ensinar* a outros (1Tm 3.2), de modo que esses outros *também, tanto quanto* seus mestres, sejam instruídos na verdade redentora de Deus.

Essa verdade redentora ou evangelho de salvação, que Timóteo deve transmitir, aqui é exposto como "as coisas que você ouviu de mim entre muitas testemunhas". Esta expressão indubitavelmente se refere a toda a série de sermões e lições que o discípulo havia ouvido da boca de seu mestre durante o tempo em que esteve associado a ele desde o dia em que pela primeira vez se encontraram.

Muitos haviam sido testemunhas[125] dessa pregação e ensino. Que Timóteo se lembre de que a mensagem que ouvira da boca de Paulo lhe fora entregue *entre* ou *em meio a*[126] muitas testemunhas ou pessoas que estavam sempre dispostas a apoiar o testemunho do apóstolo.

3. A tarefa de confiar o evangelho a homens de confiança (e, de fato, o ministério do evangelho em geral) significa *trabalho árduo* (v. 3). Não obstante, quando um homem luta de todo o coração pela boa causa, compete segundo as normas e trabalha com energia, ele receberá uma gloriosa recompensa (vv. 4-6; cf. 10b-13).

Diz Paulo: **Como nobre soldado de Cristo Jesus, enfrente as dificuldades juntamente com [nós].**

125. A palavra usada no original tem vários matizes de significado. A conotação exata é às vezes difícil de determinar. Às vezes é como se não significasse muito mais que *um espectador e/ou auditor*; não obstante, alguém que pode, se quiser, dar um testemunho competente (cf. 1Tm 6.12). Outras vezes, porém, parece atingir a idéia de realmente *dar testemunho* do que alguém viu e ouviu. De forma semelhante, em nosso idioma, uma *testemunha* pode ser a. uma pessoa competente para testificar, quer ou não faça isso, ou b. uma pessoa que efetivamente testifica. Nesta passagem (2Tm 2.2) provavelmente a palavra está sendo usada neste segundo sentido. As *testemunhas* de quem Paulo fala não eram apenas observadores e ouvintes silenciosos. Eram obedientes à exortação: "*Digam-no* os redimidos de Jeová." É fácil ver que o sentido legal em que se usa a palavra *testemunha* está relacionado com esse significado (ver At 6.13; 7.58). Finalmente, a palavra poderia significar um *mártir* (ver também C.N.T. sobre João), alguém que selou com sangue seu testemunho. Assim, por exemplo, Estêvão e Antipas foram *mártires.* Não obstante, ainda quando esses sejam chamados pap-cupoi, é discutível a pergunta: Em Atos 22.20 e Apocalipse 2.13, devemos escolher como equivalente em nosso idioma a palavra *testemunha* ou *mártirl* Com freqüência, como no caso deles, as *testemunhas* fiéis se converteram em *mártires.* Isso também se aplica às *testemunhas* mencionadas em Apocalipse 11.3; ver o versículo 7; e em Apocalipse 17.6.

126. Não posso seguir Gealy *(The Interpreteis Bible*, Vol. II, pp. 478, 479) sobre esta passagem. Certamente 5IK não tem que significar/;»/' *meio de.* O sentido *entre* ou *em meio a é* mais facilmente explicável. A preposição parece ter sido derivada do número *dois* (cf. Súo e õiá). Disso passou para "por dois", o qual, ligeiramente modificado, converteu-se em *entre* ou *em meio de* (e por uma reversão semântica diferente, chegou a *por meio de).* Cf. o uso de ÕLá em 2 Coríntios 2.4. Neste contexto, deve-se notar que o sentido *em meio a* não é só no "grego posterior", como às vezes é afirmado. Homero já usava a preposição nesse sentido *(Ilíada* IX, 468; *Odisséia* IX, 298). Nesta nota apontei somente para alguns das mudanças semânticas. É tempo de dedicar-se a estudo mais intensivo ou às origens e à evolução das preposições do Novo Testamento. Tentei fazer isso em relação a *àvxí.* Ver minha tese doutorai *The Meaning ofthe Preposition àvxí in the New Testament.* Biblioteca do Seminário Princeton. Quanto a 6iá, é um bom *princípio* o que se encontra na Gram. N.T., pp. 580-584.

Timóteo, pois, como um *nobre* ou *excelente soldado* de Cristo Jesus, que lhe pertence e está comprometido na guerra na qual a "cruz de Jesus" vai sempre adiante, não deve retrair-se, mas deve estar disposto a *enfrentar as dificuldades* (ver sobre 2Tm 1.18; 2.9), que nesse contexto significa muito mais que viver destituído de comodidades como soldados. Implica *sofrer perseguição* (2Tm 3.12). Deve estar disposto a suportar isso, diz o apóstolo Paulo, "juntamente com..." Surge a pergunta: juntamente *com quem!* Em vista do fato de que no versículo precedente Paulo referiu-se apenas a si mesmo e a muitas testemunhas, é melhor traduzir: "juntamente *conosco",* e não "juntamente *comigo",* como em 2 Timóteo 1.8.[127]

4, 5, 6. Esses versículos contêm uma tríplice figura, começando com o símile do soldado, que é uma continuação do versículo 3. As três ilustrações seguem juntas e é evidente que devem ser consideradas como uma unidade para serem compreendidas:

(a) Nenhum soldado em serviço ativo se embaraça nos negócios da vida civil,[128] visto ser seu alvo agradar ao oficial que o alistou.

(b) Além disso, se alguém está competindo num evento de atletismo, esse não deve receber o louro do vencedor, a menos que compita cumprindo as normas.

(c) O agricultor que trabalha arduamente deve ser o primeiro a tomar sua parte nas colheitas.

Paulo compara o ministro cristão (aqui com particular referência a Timóteo, porém cf. Fp 2.25; Fm 2) a um soldado, um atleta e a um agricultor. 1 Coríntios 9.6, 7, 24-27 apresenta a mesma tríplice figura,

127. **A.V.:** "suporte as dificuldades" se baseia numa interpretação inferior. A.R.V.: "Enfrente as dificuldades *comigo"* acrescenta o pronome errado. O contexto favorece *nós.* Outra tradução (R.S.V. e outras): "Tome parte nos sofrimentos", ainda que um tanto menos literal é boa.

128. Esta. necessariamente, é uma tradução um tanto livre. Literalmente, a passagem diz: "Ninguém no exercício de soldado se intromete (ou "se mostra intrometido") em ocupações (ou "nas atividades") da píoç." M.M., p. 532, mostra que Trpayiiaxtía pode ter ou o significado mais restrito, "negócio que proporciona sobrevivência", ou o sentido mais amplo de "assunto", "atividade". A palavra (3íoç pode ter um de vários sentidos, segundo o contexto: modo de vida, sustento, o mundo em que vivemos, biografia, vida sedentária ou civil, etc. Aqui em 2 Timóteo 2.4, o contexto parece estabelecer um contraste entre a vida militar e a civil; daí, a tradução *vicia civil* parece ser a melhor. E aquela ou "subsistência", ou sustento. No último caso, a frase inteira seria: "negócio de produzir subsistência."

porém com uma aplicação diferente. A semelhança aqui em 2 Timóteo é a seguinte:

a. Primeiro, como um soldado em serviço ativo, talvez ainda comprometido numa campanha, Timóteo deve realizar sua t a r e f a i *todo o coração.* Se um soldado prosseguisse com seus negócios pessoais, tanlo que absorvesse seus interesses, de modo que viesse a "envolver-se" nele, não seria capaz de entregar-se à tarefa designada de soldado.[129]

No campo de batalha, o soldado tem um único propósito, a saber, satisfazer o oficial que o alistou. De igual modo, Timóteo - e no tocante a isso, todo ministro - deve compreender que sua elevada tarefa "exige sua alma, sua vida, seu todo". Uma santa paixão deve encher seu ser. Deve dedicar-se completamente ao Senhor que o designou ("o alistou") e que o capacitou para sua tarefa. Todo verdadeiro e fiel servo de Jesus Cristo se dedicará *realmente* e de todo o coração a sua tarefa, com o fim de *agradar* a seu mestre (cf. ICo 7.32-34; cf. Uo 3.22; e ver C.N.T. sobre ITs 2.4). "Nenhum soldado alistado", diz Paulo, agirá de modo diferente!

Está implícito este pensamento: à guisa de recompensa, o Superior de Timóteo certamente provera tudo o de que porventura necessite. Esse pensamento implícito se expressa com crescente clareza nas figuras que se seguem:

b. *Devoção de todo o coração é* tudo o que se exige. Há que obedecer às *normas.* Nesse aspecto a melhor figura é sempre a de um homem que compete numa prova atlética. Paulo o representa no próprio ato da competição.[130] Ora, a menos que esse atleta (para uma descrição mais

129. É verdade que Paulo fazia tendas, mas isso não era uma ocupação na qual se engajasse para se *estabelecer* financeiramente. Seu coração estava em seu único grande esforço. A fim de obter os melhores resultados para Cristo e seu reino, ele fazia boas tendas. Ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 2.9.

130. Com respeito às implicações gramaticais dos tempos nessa oração, atrevo-me a discordar (naturalmente, com muito respeito.') de duas autoridades: Primeiro, não creio que o presente ativo do subjuntivo (cc9A.fi) necessariamente implique que o apóstolo está pensando em *uni atleta profissional.* E verdade que ele poderia estar pensando em tal pessoa, mas o tempo presente poderia também ser usado com respeito a qualquer outro. Simplesmente considera a ação quando *em progresso.* Quanto ao ponto de vista oposto, ver Bouma, *op. cit.*. p. 273.

Segundo, não creio que o primeiro aoristo ativo do subjuntivo (à0Xrio^) necessariamente signifique: "a menos que num torneio particular participe", como mantém Robertson (*Word*

completa, ver sobre lTm 4.7b, 8) compita *legitimamente,* ou seja, de conformidade com as normas estabelecidas, não recebe o *louro do vencedor,* o diadema de folhas ou medalha de ouro. Igualmente, se o homem que executa um serviço especial no reino de Deus não observa as normas - por exemplo, pregar e ensinar *a verdade,* e fazê-lo com *amor,* exercer a disciplina no mesmo espírito; e ver especialmente os versículos 10-12 -, não receberá a coroa da justiça (2Tm 4.8) e de glória (lTs 2.19; cf. lPe5.4;Tg **1**.12; Ap 2.10; ver A. Deissmann,*op. cit.,* pp. 309, 369).

c. Timóteo, pois, deve lutar *de todo o coração* pela boa causa. Além do mais, deve *competir segundo as normas.* E agora, terceiro: deve trabalhar *com muita energia,* como *o* (uso genérico do artigo) agricultor que trabalha arduamente (cf. ICo 3.9). Deve ser completamente o oposto do "preguiçoso" retratado vividamente em Provérbios 20.4; 24.30, 31. Se o agricultor trabalha arduamente, deverá ser o primeiro a participar das colheitas (Dt 20.6; Pv 27.18). Semelhantemente, se Timóteo (ou qualquer trabalhador na vinha do Senhor) se esforça plenamente na realização da tarefa espiritual confiada por Deus, também será dos primeiros a ser recompensado. Não só *sua própria* fé será fortalecida, sua esperança avivada, seu amor aprofundado e a chama do dom avivada, para que seja bem-aventurado em seus feitos (Tg 1.25), mas além disso ele verá na vida dos *demais* (Rm 1.13; Fp 1.22, 24) o início daqueles gloriosos frutos que são mencionados em Gálatas 5.22, 23. Ver também Daniel 12.3; Lucas 15.10; Tiago 5.19, 20.

7. Ponha sua mente no que eu digo, porque o Senhor lhe dará discernimento em todas as questões.

Posto que belos pensamentos foram expressos numa figura tríplice, e não se forneceu explicação alguma, diz-se a Timóteo que *ponha sua mente* (vóei, presente, imperativo ativo de *v*oéco; cf. voüç, *mente)* no que[131] Paulo acaba de dizer (nos vv. 4, 5, 6). A mera *leitura* não é

Pictures, vol. IV, p. 617). O tempo aoristo simplesmente resume a ação, tira uma fotografia dela, em vez de vê-la em movimento. É justo dizer que em outro lugar o próprio Robertson afirma isso; ver Gram. N.T., p. 832.

131. O aparato textual em N.N. indica claramente que o, aqui, é preferível a a. Também mostra que "dará" (Swaei) é a melhor interpretação. Além do mais, não é difícil dar a razão para as variantes.

suficiente. O que foi escrito deve ser *ponderado.* O que foi falado deve ser *digerido* (cf. Mt 11.29; 13.51; 15.17; 16.9, 11; ICo 10.15; e especialmente Ap 10.9, 10). Timóteo não precisa temer que tal atividade mental seja infrutífera. Não deu o Senhor sua promessa definitiva? Ver Lucas 19.26; Jo 14.26; 16.13. Seguramente, em todas as questões com respeito às quais Timóteo carece de discernimento (aúyecnç, compreensão, introspecção), isto lhe dará dado se ele aplicar-se somente a isso. Que Timóteo, pois, compare uma passagem da Escritura com outra. Que ore pedindo sabedoria (Tg 1.5). Que reflita sobre sua experiência pregressa e sobre a experiência dos demais filhos de Deus. Que preste atenção ao que outros têm a dizer. Por meios como esses, o Espírito Santo lhe dará toda diretriz de que porventura careça na execução de sua tarefa. Poderá aplicar a si próprio e a seu ofício o rico significado da tríplice figura, e extrairá disso o conforto que ela propicia.

8. Em vista de perseguição feroz, certamente necessita-se de conforto. A fiel adesão ao dever significa dificuldades (vv. 3-6). Que Timóteo não perca a coragem. Que não tema a morte. Que deposite sua confiança naquele que derrotou completamente seu terrível inimigo (2Tm 1.10). Em conseqüência, Paulo prossegue: **Guarde na memória Jesus Cristo como ressurreto dentre os mortos, da semente de Davi, segundo meu evangelho.**

Note aqui "Jesus Cristo", em vez de "Cristo Jesus", como em outros lugares de 2 Timóteo. Se isto fosse algo mais que uma variação estilística, a possível razão para isso bem que poderia ser esta: que o apóstolo Paulo desejava que a atenção de Timóteo se fixasse, em primeiro lugar, no **Jesus histórico,** sobrecarregado com maldição (Gl 3.13; 4.4, 5), com o fim de que este pudesse lembrar-se do fato de que esse Jesus foi feito (foi publicamente revelado) *Cristo* em recompensa por sua obediência até a morte, ou seja, morte de cruz (At 2.36; Fp 2.5-11; ver também nota 19). Que Timóteo dirija imediatamente sua atenção para a ressurreição; não, melhor ainda, que continue pensando concentradamente *no próprio Cristo ressurreto.* "Lembre-se de Jesus Cristo como ressurreto dentre os mortos", diz Paulo. Tendo ressuscitado de uma vez por todas da esfera na qual reina a morte, Jesus Cristo agora permanece para sempre como aquele que ressuscitou; daí chamar-se aquele que vive (Ap 1.17, 18). Coordenada com essa exortação está

aquela outra: "Lembre-se de Jesus Cristo, da semente de Davi". Isto se deduz naturalmente; porque *o ressuscitado* é certamente, além do mais, *o que. reina* (cf. Mt 28.18; ICo 15.20-25; Hb 2.9; Ap 22.1-5). Note também como nos versículos 11 e 12, *viver* e *reinar* seguem um ao outro.

Jesus Cristo é "da semente de Davi" (2Sm7.12,13;S1 89.28; 132.17; At 2.30; Rm 1.3; Ap 5.5; e cf. Mt 1.20; Lc 1.27, 32, 33; 2.4, 5; Jo 7.42).[132] Ele é o "filho de Davi" **(Mt 1.1; 9.27;** 12.23; 15.22; 20.30, 31; 21.9, 15; 22.42-45; Mc 10.47,48; 12.35; Lc 18.38, 39; 20.41). Ele está sentado no trono à destra do Pai como herdeiro legítimo e espiritual de Davi, como glorioso Antítipo de Davi.

O conforto implícito é: "Timóteo, se você e eu, e todos quantos crêem, já morremos com ele, também *viveremos com ele.* Se suportarmos, também *reinaremos com ele".* O que está *implícito,* está *explícito* nos versículos 11 e 12.

Entretanto, está implícito mais que isto, ou seja: Timóteo, lembre-se constantemente que, como Senhor que vive e reina, Jesus Cristo é poderoso e quer ajudá-lo e fazer com que tudo lhe saia bem. Não é Nero, mas Jesus Cristo, exaltado à destra do Pai, quem tem as rédeas do universo em suas mãos e continuará governando todas as coisas para o bem da igreja e para a glória de Deus. Por isso, não perca a coragem, aconteça o que acontecer. Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.

Ora, essa apresentação de Jesus Cristo como aquele que reina e vive para sempre é "segundo (ou 'em harmonia com') meu evangelho", diz Paulo. Ele era o evangelho de Paulo, porque: a. ele o havia recebido por revelação imediata (Gl 1.12); b. ele continua proclamando-o ainda nessa carta, pois fora designado como seu arauto, apóstolo e mestre (2Tm 1.11); e c. ele ainda está firmado nele de todo o coração, inclusive agora que está encarando a morte.

9. Exatamente como em 2 Timóteo 1.10-12, aqui também a menção que Paulo faz do *evangelho* é seguida imediatamente por uma declaração de seus *sofrimentos.* Diz Paulo: **pelo qual eu sofro dificulda-**

132. Discuti o problema genealógico com respeito à origem davídica de Cristo cm sua natureza humana em meu livro *Bible Survey*, pp. 135-139.

des, ainda em prisões como malfeitor. Note no capítulo precedente "dificuldades" (v. 12). Aqui, sofro "dificuldades" (cf. 2Tm 1.8). As dificuldades que Paulo agora está sofrendo chegam "até em prisões como malfeitor". A tradução "prisões" tem a mesma flexibilidade do significado que a palavra usada no original. Pode referir-se literalmente a *algemas, cadeias* ou *grilhões* (Lc 13.16; At 16.26), mas também a todas as asperezas de um *encarceramento* (At 20.23; 23.29; 26.31; Cl 4.18; Fm 10, 13). Paulo geralmente a usa no último sentido, que é mais geral. Não obstante, a "cadeia" está certamente incluída no significado da palavra (2Tm 1.16) ao ser usada aqui. Teria sido impossível que o apóstolo não pensasse nela, aqui!

"Ainda em prisões como malfeitor", diz Paulo. "Malfeitor" (ou "operador do mal") é uma tradução literal e boa. Uma tradução livre seria *criminoso.* Alguém lembra imediatamente dos "malfeitores" que foram crucificados com Jesus (Lc 25.32, 33). Este segundo encarceramento de Paulo deve ter sido muito penoso!

Entretanto, em meio a todo seu sofrimento e opróbrio, houve duas considerações que lhe propiciava muito conforto: primeiro, "o caminho da cruz conduz ao lar", porque o olho vigilante de Cristo Jesus que vive e guia está constantemente sobre mim. Ele pode guardar meu depósito para aquele dia (2Tm 1.12). Segundo, ainda que eu esteja preso, **a palavra de Deus não está presa.** Outros prosseguirão quando eu tiver deixado este cenário terreno. As autoridades me puseram numa masmorra, porém não podem aprisionar *o evangelho.* Ele triunfará. Cumprirá sua missão preordenada sobre a terra. Nenhum inimigo pode detê-lo. Ver o belo comentário que a própria Escritura fornece em passagens tão conhecidas como Isaías 40.8; 55.11; Filipenses 1.12-14; 2 Timóteo 4.17.

Aqui o leitor poderá lembrar-se do imortal hino de Lutero: *Ein [este Burg ist unser Gott,* as últimas duas estrofes:

Em alemão:	Versão brasileira [Novo Cântico 155]:
lJnd wenn die Welt voll Teufel wár'	Se nos quisessem devorar
IJnd wollt uns gar verschlingen,	Demônios não contados,
So fürchten wir uns nicht zu sehr	Não nos iriam derrotar

Es soll uns doch gelingen.
Der Fürst dieser Welt,
Wie sau'r er sich stellt,
Thut er uns doch nichts;
Das macht, er ist gerechft;
Ein Wõrtlein kann ihn fállen.

Das Wort sie sollen lassen stan
Und kein'n Dank dazu haben.
Er ist bei uns wohl auf dem Plan
Mit seinem Geist un Gaben
Nehmen sie den Leib,
Gut, Ehr', Kind und Weib;
Lass fahren dahin,
Sie haben's kein'n Gewinn;
Das Reich muss uns doch bleiben.

Nem ver-nos assustados.
O príncipe do mal,
Com seu plano infernal,
Já condenado está!
Vencido cairá
Por uma só palavra.

De Deus o verbo ficará,
Sabemos com certeza,
E nada nos assustará
Com Cristo por defesa!
Se temos de perder
Família, bens, prazer,
Se tudo se acabar
E a morte enfim chegar,
Com ele reinaremos!

10. O triunfo do evangelho faz com que Paulo prossiga com estas calorosas palavras: **Por isso suporto todas as coisas por amor dos eleitos.** Mais literalmente, alguém poderia traduzir: *"por causa de* (ôiá) isto suporto todas as coisas *por causa de* (de novo õiá) os eleitos." *Por causa do* fato de a palavra não estar presa, Paulo não perde a coragem, mas persevera na fé e no testemunho mesmo em meio às mais amargas provações. E tudo isso somente *por causa dos* eleitos, para que obtenham a salvação. As duas considerações que o fazem prosseguir firme na carreira que lhe fora proposta, na realidade formam uma só: a convicção gloriosa e profundamente arraigada de que a Palavra de Deus certamente triunfará na vida e no destino dos eleitos. Ainda quando Paulo está nesta masmorra, não desespera. Em sua bandeira está escrita a palavra "Vitória".

O apóstolo suporta *todas as coisas,* ou seja, todas suas múltiplas provações, por amor do evangelho (cf. 2Co 11.16-33; cf. Rm 8.35-39; note "todas as coisas", Rm 8.37). Ele as *suporta,* ou seja, tem a coragem de *carregá-las,* a coragem da perseverança positiva e a firmeza mesmo quando todas as coisas parecem estar contra ele (cf. ICo 13.7). *Suportar* significa mais que *não se queixar.* Significa mais que *aquiescência.* Significa seguir em frente (crendo, testificando, exortando)

mesmo quando o fardo sob o qual alguém está viajando pelas sendas da vida se torna muitíssimo pesado. Ver mais em C.N.T. sobre 1 e 2 Tessalonicenses, pp. 71-73.

O apóstolo, pois, suporta todas as coisas "por amor aos eleitos". (Para um sumário da doutrina paulina da eleição, ver C.N.T. sobre 1 e 2 Tessalonicenses, pp. 71-73. Cf. C.N.T. sobre João, vol. II, p. 307.) *Esses eleitos são aqueles em quem Deus pôs seu amor peculiar desde a eternidade.* Cf. Colossenses 3.12. São os objetos de seu soberano beneplácito, escolhidos não com base em sua bondade ou sua fé prevista, mas porque Deus assim o quis. Não foi a fé do homem que causou a eleição; mas foi a eleição que causou a fé do homem. Se alguém deseja ver isso por si mesmo, então que leia passagens tais como as seguintes: Deuteronômio 7.7, 8; Isaías48.11; Daniel9.19; Oséias 14.4; João 6.37, 39, 44; 10.29; 12.32; 17.2; Romanos 5.8; 9.11-13; 1 Coríntios 1.27, 28; 4.7; Efésios 1.4; 2.8; 1 João 4.10, 19.

Essas referências *ensinam claramente que Deus não escolheu os seus* porque foram mais numerosos, mas *por causa dele mesmo;* que os ama *livremente;* que são dados ao Filho pelo Pai; *trazidos* pelo Pai ao Filho; e com respeito a eles, Deus exerce *seu* amor que é de um tipo muito especial. Ensinam que este amor que predestina tem como seu objeto *os pecadores,* vistos em toda sua necessidade e debilidade; que outorga seu favor àqueles que não têm *nada,* e que nunca terão nada, salvo o que *recebem;* os quais diferem de outras pessoas pela simples razão de Deus, ao levar à consumação seu decreto de eleição, *fazer que sejam diferentes;* os quais, longe de serem eleitos com base em seu caráter imaculado, são escolhidos *para que sejam imaculados* e sem ruga e impolutos diante dele; sim, *aos que o amaram porque ele os amou primeiro.*

Em vez de *condenar* essa doutrina, uma pessoa deveria primeiro demonstrar que ela não é bíblica! Ela se enquadra lindamente no presente contexto. Paulo corajosamente suporta todas as coisas porque ele sabe que a palavra de Deus certamente triunfará no coração e na vida dos eleitos. Cf. Efésios 3.13; Filipenses 2.17. Se fosse verdade que a salvação deles tem suas raízes mais profundas em *suas próprias obras,* teria o apóstolo podido enfrentar a morte com tal vigor?[133]

133. Lenski, *op. cit.*. p. 791, em conexão com esta passagem, ataca a doutrina calvinista. Ele

Mas mesmo que para o eleito a salvação é infalível desde toda a eternidade, *ela deve ser obtida.* A doutrina bíblica da eleição, longe de pôr alguma restrição ao exercício da vontade humana, aponta para aquele que fez o homem verdadeiramente livre. O Deus que em seu amor soberano elege uma pessoa, a seu tempo influi poderosamente em sua vontade, lhe ilumina a mente, enche seu coração de amor em gratidão pelo amor de Deus, de tal modo que essas "dificuldades", sob a direção constante do Espírito Santo, começam por si mesmas a funcionar para a glória de Deus. O decreto da eleição inclui tanto os meios quanto o fim. Deus escolheu seu povo para a salvação "por meio da santificação que vem do Espírito e fé na verdade". E para esta salvação eles são "chamados por meio de *nosso* evangelho" (ver C.N.T. sobre 2Ts 2.13, 14).

Daí o apóstolo, combinando aqui, como o faz com freqüência, o decreto divino e a responsabilidade humana, prossegue: **a fim de que também possam obter a salvação [que é] em Cristo Jesus com eterna glória.**

Paulo está interessado não só em sua própria salvação (2Tm 1.12), mas também na de outros, a saber: na salvação de quem inclusive agora (enquanto está escrevendo) são crentes em Cristo, e os que depois serão levados a crer. Ele suporta o sofrimento, a fim de que também *eles* possam obter esta salvação que foi merecida por Cristo, proclamada por ele e experimentada na comunhão viva com ele (daí, "salvação *em* - ou *centrada em* - Cristo Jesus"). Ele tem presente nada menos que a *plena salvação* (para o significado de *salvação*, ver sobre 1Tm 1.15). Ainda que os crentes já nesta vida desfrutem da salvação *em princípio* (2Tm 1.9; cf. Lc 19.9), eles não a receberão em perfeição (para o corpo e para a alma) até o grande dia da consumação de todas as coisas (ver sobre 2Tm 1.10-12; cf. Rm 13.11). E esta palavra *salvação* tem dois modificadores: a. é uma salvação "em Cristo Jesus", como já se explicou; e b. é uma salvação "com glória eterna" (Cl 1.27; 3.4). O segundo é seqüência do primeiro. A união com Cristo torna alguém

é elogiável, visto que mostra qual é sua posição. Mas não apresenta provas de que esta doutrina não é bíblica. Além do mais, se seu ataque à posição calvinista significa que o calvinisla não indica que o crente deve "procurar fazer firme sua vocação e eleição (2Pe 1.10)", então respondemos que este é um ponto que o calvinista bem equilibrado *enfatiza.* Ver L. Berkhof (por certo calvinista!): *The Assurance OfFaith,* Grand Rapids, MI, 1928, todo o livro!

radiante, tanto no que tange à *alma* (como explicado em 2Co 3.18) como no que tange ao *corpo* (como expresso em Fp 3.21). E esta glória, em conexão com o Eterno, nunca termina (Jo 3.16). Tanto em qualidade quanto em duração, ela difere da glória terrena.

11-13. Conseqüentemente, Paulo está disposto a suportar *todas as coisas* - dificuldades inclusive prisões, com a perspectiva de morte - a fim de que, por meio de seu sólido ministério, os eleitos possam obter sua salvação plena, eterna e centrada em Cristo (ver vv. 3, 9, 10). E necessário manter na mente esta conexão. Do contrário, o que se segue poderá ser mal interpretado.

Em harmonia com o que o apóstolo acaba de declarar, ele agora introduz o quarto dos cinco "confiável é a palavra" (ver sobre 1Tm 1.15). A opinião de que as linhas que ele cita foram tomadas de um antigo hino cristão, um hino de um portador da cruz ou mártir, provavelmente seja correta. É evidente que ele não cita o hino inteiro (a menos que yáp, aqui, não signifique *porque*; todavia neste caso "porque" provavelmente seja o certo). Ora, a palavra "porque" indica que algo precedia a citação. A probabilidade é que a linha não citada e que precedia seja algo semelhante a isto: "Permaneceremos fiéis a nosso Senhor até a morte"; ou: "Resignamo-nos ante o vitupério, o sofrimento e até mesmo a morte por amor a Cristo." Em qualquer dos casos, a linha seguinte, a primeira citada por Paulo, poderia então ser: "*Porque,* se já morremos com ele, também viveremos com [ele]". Note que esta característica da citação é semelhante à que encontramos em relação às linhas citadas em 1 Timóteo 3.16. Também neste caso cita-se algo que tinha uma porção precedente que não foi citada. Neste caso, a linha presumivelmente precedente ao início da citação terminava provavelmente com a palavra *Logos, Christos* ou *Theos* (ver comentário sobre esta passagem).

Aqui em 2 Timóteo 2.11-13, depois da fórmula introdutória (explicada em conexão com 1Tm 3.16),

Confiável é o provérbio,

as linhas citadas são as seguintes:

Porque, se morremos com [ele], também com [ele] viveremos;
se suportamos, também com [ele] reinaremos;

se [o] negamos, por sua vez também nos negará;
se somos infiéis, ele, por sua vez, permanece fiel.[134]

Nas primeiras duas linhas, a oração condicional demonstra a atitude e ação que procede da *lealdade* a Cristo: morremos com [ele], suportamos (permanecer firmes). *Nas duas últimas linhas,* a oração introduzida pelo "se" condicional afirma a atitude e ação que procede da *deslealdade.*

As primeiras duas linhas são uma clara ilustração do paralelismo sintético ou construtivo. Não expressam um pensamento idêntico, mas há uma correspondência progressiva entre as duas proposições. Quanto às orações que começam com o se condicional, as pessoas que se supõe já terem morrido com Cristo são também as que suportam, sendo fiéis até à morte. E quanto às conclusões, tais pessoas não só *viverão* com Cristo, mas também *reinarão* com ele. Estas duas condições vão juntas. Note que nas quatro orações o sujeito é *nós* ("nós... nós... nós... nós").

134. Gramaticalmente, as quatro linhas são semelhantes em que todas são orações condicionais de primeira classe. Neste caso, *supõe-se* que a condição é fiel aos provérbios. Se é *realmente* um fato, ele não tem nada que ver com a forma da oração condicional.

Neste tipo de orações, achamos ei com qualquer tempo do indicativo na prótase. Nas quatro linhas citadas, a apódose também está constantemente no indicativo. Não obstante, nas primeiras três linhas, a apódose está na forma de uma predicação (tempo futuro); na última, está na forma de uma declaração de fato (tempo presente).

Sumário:

Prótase	*Apódose*
Linha 1: Primeira pessoa plural aoristo do indicativo.	Primeira pessoa plural futuro do indicativo,
Linha 2: Primeira pessoa plural presente do indicativo.	Primeira pessoa plural futuro do indicativo,
Linha 3: Primeira pessoa plural futuro do indicativo.	Terceira pessoa singular futuro do indicativo,
Linha 4: Primeira pessoa plural presente do indicativo.	Terceira pessoa singular presente do indicativo.

Não posso concordar com Lenski, *op. cit.*. p. 793, quando afirma que o uso do aoristo mostra que, posto que nem o apóstolo nem Timóteo haviam morrido amda fisicamente, Paulo, ao escrever "Se já morremos com ele", não poderia estar pensando na morte física. O tempo aoristo não indica necessariamente que uma ação já havia ocorrido no passado real. Simplesmente considera a *ação como um todo.* Conseqüentemente, a interpretação "Porque, se em algum momento temos (ou "teremos") morrido com [ele], também com ele viveremos", não é gramaticalmente impossível.

As duas últimas linhas, que sugerem o caminho da deslealdade, diferem das primeiras duas quanto *a. forma.* Aqui não temos o "nós... nós", mas duas vezes "nós... *ele".* Na terceira linha ("se o negamos, ele por sua vez também nos negará"), a conclusão é a *esperada* (tal como nas linhas 1 e 2). Não obstante, na quarta linha, a conclusão vem como algo surpreendente. É necessário refletir cuidadosamente antes de compreender que a conclusão surpreendente, depois de tudo, é a única possível. Uma vez que aceitamos seu significado, entendemos também que as linhas três e quatro expressam um pensamento paralelo, e são ilustrações de paralelismo sintético.

Antes da tentativa de fazer-se uma análise detalhada destas quatro linhas, deve-se enfatizar que, tomadas como um todo, elas comunicam *um* pensamento principal, a saber: *a lealdade a Cristo, a firmeza em meio à perseguição, é recompensada; e a deslealdade é castigada.* Isto está em harmonia com a idéia de todo o capítulo (ver o esboço).

O sentido das linhas tomadas individualmente:

Linhas 1 e 2:

Depois do "porque", o qual já foi explicado, a *linha* 1 imediatamente nos confronta com uma dificuldade. Há *duas* linhas *principais* de interpretação - há também outras que não levaremos em conta porque mesmo à primeira vista elas são irracionais -, e a primeira delas se subdivide em dois ramos ou formas principais:

A primeira linha principal de interpretação, em *sua primeira forma,* é a seguinte: "Se temos (ou seja, "Se teremos", ou "Se em alguma ocasião temos") experimentado a morte física, tendo sido mortos em decorrência de nossa lealdade a Cristo, também viveremos com ele em glória." A referência na cláusula condicional "se" seria a uma morte violenta, morte como a que Cristo sofreu. No caso dos crentes seria *a morte de mártir.*[135]

Esta interpretação, certamente, é possível. Não conflita com o conlexto. O apóstolo deseja que Timóteo esteja disposto a suportar as prisões juntamente com os outros servos de Deus (v. 3). Paulo acaba de declarar que ele mesmo está sofrendo dificuldades até mesmo de pri-

135. Bouma, *op. cit.,* pp. 283, 284, interpreta a passagem desta forma.

sões como malfeitor, e que suporta todas as coisas por amor dos eleitos (vv. 9, 10). Todos seus sofrimentos foram impostos de fora. Daí, quando no versículo 11 continua dizendo "porque se *morremos com* [ele]", bem que poderia estar pensando nesta forma final de aflição física (a morte de mártir) que a qualquer momento poderia ser imposta sobre os servos leais a Cristo.

Não obstante, é provável que esta interpretação precise de alguma modificação. Isto nos leva à *segunda forma,* em que a primeira linha principal de interpretação se apresenta. Como na primeira forma, aqui também entra no quadro a *morte de mártir.* Mas, de conformidade com este ponto de vista, o sentimento não seria que os crentes (inclusive Paulo e Timóteo) estão representados como se houvessem em algum momento experimentado a morte de mártir, mas, antes, como quem está completamente resignado a ela e a todas as aflições que a precedem. Paulo estaria dizendo: "Por amor a Cristo, e em harmonia com seu exemplo, temos sido entregues, de uma vez por todas, a uma vida que inclui a exposição à dor, às torturas, ao opróbrio e, finalmente, à morte de mártir. Portanto, *morremos* para a comodidade, para vida fácil, para as vantagens e honras mundanas. Se, pois, neste sentido já morremos com [ele], também com [ele] viveremos, aqui e agora, e mais ainda no porvir, na glória celestial e, especialmente, no dia do juízo no novo céu e na nova terra." Seguem esta linha Calvino, Ellicott e Van Andei (para os títulos, ver a Bibliografia).

Em favor desta interpretação estão as seguintes considerações:

(1) Não entra em conflito com o contexto, o qual, como já se observou, relata os sofrimentos a que estavam expostos os crentes.

(2) Está em plena harmonia com a linha que segue imediatamente, porque a pessoa que renunciou à ambição terrena e se resignou ao vitupério, ao sofrimento e até mesmo à morte violenta por amor de Cristo, é o mesmo homem que "suporta", ou seja, "permanece firme até o fim".

(3) Está em concordância com o pensamento de Paulo expresso em outro lugar. Ver especialmente 2 Coríntios 4.10: "Levando *sempre* no corpo *o morrer* de Jesus, para que *a. vida* de Jesus também se manifeste em nosso corpo." Compare isto com 1 Coríntios 15.31: "Cada dia morro" (explicado pelo v. 30: "estamos expostos a perigos toda hora").

Se esta é a interpretação correta, e creio que tem muito a seu favor, o pensamento de Paulo, ao citar o hino, é aquele com o qual estamos familiarizados. Foi expresso poeticamente nestas belas linhas:

"Fora os tesouros terrenos!
Tu és todo meu prazer,
Jesus, toda minha escolha.
Fora, ó glória fútil!
Inútil para mim é tua história,
Contada com voz tentadora.
Dor, perda, vergonha ou cruz
Não me apartarão de meu Salvador,
Já que ele se digna amar-me.

Fora, todo medo e tristeza!
Porque o Senhor da alegria,
Jesus, já entrou.
Os que amam o Pai,
Ainda que contra eles se juntem tempestades,
Ainda terão a paz interior.
Sim, não importa o que eu devo suportar,
Tu és ainda meu prazer mais puro,
Jesus, meu tesouro inestimável."

(Johann Frenck, 1653, tradução para o inglês de Catherine Winkworth, 1863)

A interpretação enunciada, em qualquer uma de suas formas, é preferível à *segunda linha principal de interpretação*, segundo a qual aqui em 2 Timóteo 2.11, o apóstolo está se referindo, *em. geral* (sem nenhuma referência à morte por martírio), ao *processo de morrer para o pecado*, o processo de conversão e santificação que é simbolizado pelo rito do batismo. Este é um ponto de vista muito popular, em apoio do qual geralmente é citada uma passagem que soa de forma semelhante, Romanos 6.8.[136]

136. Entre os muitos comentaristas que compartilham este ponto de vista, numa ou noutra forma, estão: Barns, Gealy (em *The Interpretei-'s Bible),* Lenski, Lock (em *The Internationnal Criticai Commentary),* Scott (em *The Moffatt New Testament Commentary),* Van Oostcrzee (em *Lange's Commentary),* White (em *Expositor's Greek Testament).*

Mas esta passagem, 2 Timóteo 2.11, *ocorre num contexto inteiramente diferente.* Naturalmente, Romanos 6 trata da "morte para o pecado". O tema do começo daquele capítulo é o da renovação espiritual ("E então? Continuaremos no pecado para que a graça abunde? De modo nenhum. Se já morremos para o pecado, como perseveraremos nele?... nosso velho homem foi crucificado com ele para que o corpo do pecado fosse destruído", etc.). E a partir do versículo 10 até o final do capítulo aparece em cada versículo a palavra *pecado* (o substantivo ou o verbo pecar) ou um sinônimo.

Assim, pois, os contextos das duas passagens (Rm 6.8 e 2Tm 2.11) são inteiramente diferentes. Um tem que ver com a santificação em geral, enquanto o outro tem em vista o levar a cruz e a morte de mártir. As coisas que diferem não devem ser confundidas.

Interpretada corretamente a linha 1, a linha 2 não é difícil. Significa: "Se *permanecemos firmes* até o fim (para o significado de *suportar,* ver C.N.T. sobre 2Ts 3.5), seremos reis em íntima associação com ele".

Se for adotada a interpretação 1, forma 1, o viver e reinar teriam que referir-se meramente à existência dos crentes *depois* da morte. Se se preferir a interpretação 1, forma 2, o viver e o reinar, em princípio correspondem também ao período prévio à morte, mas chega ao seu clímax imediatamente depois da morte (cf. Mt 10.32; Ap 20.4), alcançando seu clímax eterno no dia do juízo e depois dele, quando os santos viverem e reinarem com Cristo em corpo e alma (Dn 7.27; Mt 25.34; Ap 22.5).

Viver com Cristo significa *estar* com ele, ter comunhão com ele, deleitar-se nele, ser semelhante a ele, amá-lo e glorificá-lo (ver, por exemplo, Jo 17.3; Fp 2.5; Cl 3.1-4; Uo 3.2; 5.12; Ap 14.1; Ap 19.11, 14; 22.4).

Reinar com Cristo significa alguém experimentar na vida pessoal a restauração do ofício régio. Em virtude da criação, o homem exercia o tríplice ofício de profeta, sacerdote e rei. Como profeta, sua *mente* era iluminada para que pudesse conhecer a Deus. Como sacerdote, seu *coração* se deleitava em Deus. Como rei, sua *vontade* estava em harmonia com a vontade de Deus. Este ofício tríplice, perdido em decor-

renda da queda, é restaurado pela graça de Deus. A resposta jubilosa da vontade do crente à vontade de Cristo, resposta esta que constitui a verdadeira liberdade, é o elemento básico neste *reinar* com Cristo. Além do mais, mesmo durante o período anterior à morte, os cristãos governam o mundo por meio de suas orações, no sentido em que repetidas vezes ocorrem juízos em resposta à oração (Ap 8.3-5). No céu estão mais perto do trono do que os próprios anjos (Ap. 4.4; 5.11). De fato se sentam com Cristo em seu trono (Ap 3.21), participando de sua glória régia. E quando Cristo regressar, os santos se sentarão e julgarão com ele (SI 149.5-9; ICo 6.2, 3).

Linhas 3 e 4:

Havendo declarado nas duas primeiras linhas o que acontecerá aos que suportam ou estão dispostos a suportar dificuldades, até mesmo a morte violenta, as duas últimas linhas da porção citada do hino se referem ao caso dos que, havendo confessado a Cristo (pelo menos com os lábios), tornam-se-lhe desleais. "Se *o negarmos* (cf. ITm 5.8), ele por sua vez também nos negará." Quando uma pessoa, em decorrência de sua indisposição em sofrer dificuldades por amor a Cristo e sua causa, ela *desonra* o Senhor ("Não conheço o homem"), então, a menos que se arrependa, *será desonrada* pelo Senhor no grande dia do juízo ("Não o conheço.") Ver Mateus 26.72; então Mateus 25.12; também Mateus 10.33.

Negar a Cristo significa *ser infiel.* (O paralelismo e também a conclusão - "permaneça fiel" - mostra que aqui o significado do verbo usado no original não pode ser: ser incrédulo.) Daí, o hino continua: "Se somos infiéis, ele por sua vez...", mas obviamente a continuação não pode ser "também será infiel". Alguém *pode* dizer: "Se o negarmos, ele por sua vez também nos negará", mas *não pode* dizer: "Se formos infiéis, ele por sua vez também será infiel." Não obstante, a conclusão da quarta linha corresponde *em pensamento* àquela que lhe é paralela, a terceira linha; porque a cláusula, "ele por sua vez permanece fiel" (linha 4) é, além de tudo, o mesmo (expressa ainda com mais força) que "ele por sua vez também nos negará", porque a *fidelidade* ile sua parte significa cumprir suas ameaças (Mt 10.33) tanto quanto suas promessas (Mt 10.32). A fidelidade divina é um maravilhoso consolo para os que são leais (lTs 5.24; 2Ts 3.3; cf. ICo 1.9; 10.13; 2Co

1.18; Fp 1.6; Hb 10.23). É uma advertência muito séria para os que viessem a sentir-se inclinados a ser desleais.

Dificilmente se faz necessário acrescentar que o significado da última linha não pode ser: "Se somos infiéis e o negamos, não obstante ele, permanecendo fiel a sua promessa, nos dará vida eterna." Além de ser errônea por outras razões, tal interpretação destrói a evidente implicação do paralelismo entre as linhas 3 e 4.

A cláusula final do versículo 13 provavelmente deva ser considerada como um comentário pessoal de Paulo (não uma parte do hino): **...porque, ele não pode negar-se a si mesmo.** Se Cristo não permanecesse fiel à sua ameaça, bem como à sua promessa, ele estaria negando *a si próprio,* pois neste caso ele cessaria de ser a Verdade. Ver também Números 23.10; Jeremias 10.10; Tito 1.2; Apocalipse 3.7. Para ele, porém, negar a si próprio é, naturalmente, impossível. Se fosse possível, ele não mais seria Deus!

14 Lembre-os dessas coisas, advertindo-os na presença do Senhor a não envolver-se em batalhas de palavras totalmente inúteis, as quais confundem os ouvintes. 15 Faça o máximo para apresentar-se a Deus aprovado, um obreiro que nada tenha de que se envergonhar, manejando corretamente a palavra da verdade. 16 Fuja, porém, de falatório profano e fútil, porque aqueles [que cedem a ele] avançarão rumo a uma impiedade crescente. 17 E a palavra deles devorará como a gangrena. Entre eles se encontram Himeneu e Fileto, 18 o tipo de pessoas que têm se desviado da verdade, dizendo que [a] ressurreição já transcorreu, e pervertem a fé de alguns. 19 Não obstante, o sólido fundamento de Deus permanece firme, tendo este selo:

O Senhor conhece os que são seus,
e
que todo aquele que invoca o nome do Senhor se aparte da injustiça.

20 Numa grande casa, porém, há não só utensílios de ouro e prata, mas também de madeira e barro, e alguns [são] para honra, alguns para desonra. 21 E assim, se alguém efetivamente se purificar dessas coisas, o mesmo será um utensílio para honra, santificado, muito útil para o Senhor, preparado para toda boa obra. 22 Fuja, porém, dos desejos da juventude, e vá após a justiça, a fé, o amor, a paz com aqueles que invocam o Senhor de coração puro. 23 Mas as inquirições insensatas e ignorantes, rejeite-as, sabendo que engendram contendas. 24 E o servo do Senhor não deve ser contencioso, mas amável com todos, qualificado para ensinar, paciente ante as injúrias, 25 que com suavidade corrija os oponentes, na esperança de que possivelmente Deus lhes conceda a conversão [que os leve] ao

conhecimento de [a] verdade, 26 e possam voltar à sobriedade [libertando-se] dos laços do diabo, por quem foram feitos cativos para [fazer] sua vontade.

2.14-26

14. O tema dos versículos 1-13 segue em frente, sendo a diferença que o que foi declarado positivamente no parágrafo anterior é declarado negativamente agora (cf., por exemplo, v. 2: "Estas coisas confie a homens confiáveis, os quais sejam também capazes de ensinar a outros"; v. 14: "advertindo-os... a não envolver-se em batalhas inúteis de palavras"; ver também vv. 16, 21, 23, 24).

Diz Paulo: **Lembre-se dessas coisas, advertindo-os na presença do Senhor a não envolver-se em batalhas de palavras[137] totalmente inúteis, as quais confundem os ouvintes.**

A Timóteo é dito que lembre a "homens confiáveis" ("ministros") que permaneçam firmes na execução das tarefas dadas por Deus, a saber, o ensino, a pregação, etc., confiadas por Deus. Em meio às suas lautas aflições, que eles olhem para Cristo Jesus, o Salvador ressurreto c reinante, que comunica força a seus fiéis e os recompensa. É evidente que a expressão "dessas coisas" se refere especialmente a todo o parágrafo precedente (vv. 1-13), e, talvez mais diretamente ainda, aos versículos 8-13.

Timóteo, pois, tem uma "responsabilidade" em relação a esses líderes, assim como Paulo tinha em relação a Timóteo. Em ambos os casos, uma "responsabilidade na presença *de Deus*" ou (no presente caso) "*do Senhor"* (ver sobre 1 Tm 5.21; 2Tm4.1). Assim, solenemen-

137. *Nota sobre as variantes textuais em 2 Timóteo 2.14.* Ainda que N.N. favoreça TOÜ Ik< oi) era vez de TOÜ Kupíou, a evidência textual em favor da primeira não é suficientemente preponderante para excluir a idéia de que pudesse ter sido substituída por toü Kupíou a fim de fazer com que a frase tivesse uma exata concordância verbal com 1 Timóteo 5.21; 2 Timóteo 4.1. Essencialmente, porém, a diferença não é importante.

Quanto às variantes restantes, os textos adotados por N.N. provavelmente são os melhores. O *infinitivo Xo^o\ia%Av* é natural nesta construção. Quanto à diferença entre as duas frases que começam com èirí, a primeira seguida *pelo acusativo(* uma frase adverbial: "aferlai se-batalhas-de-palavras *para nada úteis")* a segunda *pelo dativo* (indicando resultado: "para catástrofe dos ouvintes"), os esforços para eliminar esta diferença na construção depois da mesma proposição (quer fazendo com queéiú seja seguida pelo dativo, em ambos os casos, ou substituindo eLç, em lugar do primeiro ÍTTÍ) evidentemente provém de um dese-|o de ter uma sintaxe menos austera.

te Timóteo deve advertir os líderes eclesiásticos do "distrito de Éfeso e arredores" a não envolver-se em batalhas de palavras totalmente inúteis (literalmente, "não aferrar-se-a-batalhas-de-palavras para nada úteis"). Para tal astúcia verbal, ver sobre 1 Timóteo 6.4 *(ali é* usado o substantivo; *aqui,* o infinitivo; em ambos os casos, o único exemplo de seu uso no Novo Testamento). Tal astúcia verbal visa "à catástrofe (confusão) dos ouvintes". Paulo está se referindo, naturalmente, às controvérsias oriundas das investigações dos "mitos e genealogias infindáveis" (1Tm 1.3, 4), "mitos profanos e de velhas caducas" (1Tm 4.7a), o tipo de sandice que foi denunciado anteriormente (ver sobre 1Tm 1.3-7; 4.7a; 6.3-10). É evidente que durante o período que transcorrera entre o escrito das epístolas a Timóteo, as condições religiosas na região de Éfeso não haviam melhorado. Os líderes e futuros líderes tinham que ser advertidos, a fim de que não se desviassem, rumo às sendas dos debates fúteis.

15. O exemplo pessoal de Timóteo deve servir como arma poderosa contra o erro: **Faça seu máximo para apresentar-se a Deus aprovado.** Timóteo deve esforçar-se de todas as formas possíveis, a fim de conduzir-se pessoalmente de tal modo que agora mesmo, *perante o tribunal do juízo de Deus,*[liH] ele seja *aprovado,* ou seja, como alguém que, depois de um exame completo por nenhum outro senão do Supremo Juiz, tenha a satisfação de saber que assim foi de seu agrado e o enaltece (note o sinônimo em Rm 14.18 e 2Co 10.18). Ora, este feliz resultado será alcançado se Timóteo for achado:

a. **obreiro que nada tem de que se envergonhar,**
portanto também:
b. **manejando corretamente a palavra da verdade.**

Timóteo, pois, deve ser um *obreiro,* não um *sofista.* Além do mais, sua obra deve ser de tal natureza que não reflita vergonha sobre ele quando ouvir o veredicto divino a respeito.

Naturalmente que isto significa que ele é o tipo de líder que está preocupado em "usar corretamente a palavra da verdade". Esta palavra da verdade é "o testemunho acerca de nosso Senhor" (2Tm 1.8), o

138. A palavra Trapíair]jH parece ter o sentido judicial aqui (e também em At 27.24; Rm 14.10; ICo 8.8) como às vezes tem nos papiros. Ver M.M., pp. 494, 495.

"evangelho" (a mesma referência, e ver Ef 1.13), "a palavra de Deus" i 'Tm 2.9). E a verdade redentora de Deus. O modificador "*da verdade*" enfatiza o contraste entre a inabalável revelação especial de Deus, de um lado, e o *palavrório* sem valor dos seguidores do erro, do outro.

A expressão "manusear corretamente" tem provocado muita con-Imvérsia. E verdade que o significado do elemento básico principal do verbo composto do qual se toma este particípio presente masculino (òpOoTopoüvTK) é primariamente "cortar". Não obstante, o ponto de visla de que *o verbo composto* retém seu sentido literal ou quase literal "dividir" é discutível. Em um verbo composto, o sentido enfático pode ser substituído pelo prefixo, ao ponto que no processo semântico se perde o sentido literal da base. Assim *cortar* direto começa a significar usar *direto,* usar *reto.* Não é estranho que, por meio de uma transição simples da esfera física para a moral, uma noção tal como "cortar um caminho ou uma vereda direta" tenha chegado, no curso do tempo, ao uso exclusivamente moral da expressão. Assim Provérbios 11.5 (LXX) nos informa que "a justiça do perfeito *corta direto seu caminho"* o que significa *"conservar seu caminho reto"* o leva a fazer o que é *certo.* Cf. Provérbios 3.6 (LXX). Assim se faz compreensível que aqui em 2 Timóteo 2.15 o significado é "manusear corretamente".[139]

Não causa estranheza que a base ("cortar") perca seu sentido original literal quando se lhe acrescenta um prefixo ("reto"). Mesmo *sem* um afixo, a palavra "cortar" é freqüentemente usada num sentido não lileral. Assim o grego fala de *"cortar* [fazer] um juramento", *"cortar* |diluir] um líquido", *"cortar* [trabalhar] uma mina", etc. Também usa a expressão "cortar curto" (conduzir a uma crise), e "cortar as ondas", lal como usamos na linguagem moderna. E compare com nossas expressões "cortar caminho", "cortar cartas", etc.

Voltando ao *verbo composto,* eu enfatizaria que o *contexto* confirma

139. Uma razão possível pela qual esse verbo tenha causado dificuldades aos leitores de lula inglesa pode ser que, neste idioma, a expressão "cortar reto" ou mesmo "dividir corretamente" não seja imediatamente captada *como* uma expressão *que* se deva interpretar figu- i adamente. Em contrapartida, os que estão familiarizados com a Bíblia holandesa (*Staten- i'rrltiliiig)* não têm dificuldades, porque esse idioma tem a expressão: "die het Woord Gods *irrlu snijdt"*\ "aquele que corta a Palavra de Deus honestamente", o que imediatamente é entendido como: "o que usa a Palavra de Deus de uma maneira adequada, correta."

o sentido que quase todas as autoridades lhe atribuem. À luz dos versículos 14 e 16, a idéia que Paulo deseja comunicar é claramente esta: "*Manuseie corretamente* a palavra da verdade em vez de pôr demasiada atenção nas batalhas de palavras totalmente inúteis, as quais confundem os ouvintes, e em vez de prestar atenção a palavrório profano e fútil."

O homem que manuseia corretamente a palavra da verdade, não a muda, não a perverte, não a mutila nem a distorce, nem faz uso dela com um propósito errôneo em mente. Ao contrário, ele interpreta as Escrituras em oração e à luz das Escrituras. Aplica seu sentido glorioso, corajosamente e com amor, a situações e circunstâncias concretas, fazendo-o para a glória de Deus, para a conversão dos pecadores e para a edificação dos crentes.

16-18. O manuseio próprio da palavra da verdade implica a rejeição do que está em conflito com seu conteúdo e significado. Daí, Paulo continua: **Fuja, porém, de falatório profano e fútil, porque aqueles [que cedem a ele] avançarão rumo a impiedade crescente. E a palavra deles devorará como gangrena.**

Este palavrório profano já foi tratado anteriormente (ver sobre 1 Tm 1.4; 4.7a; 6.4, 20). A palavra se refere às disputas ímpias e inúteis sobre histórias genealógicas e fictícias ("mitos de velhas caducas") e debates minuciosos acerca de sutilezas na lei de Moisés. O versículo 18 parece indicar que os homens que foram afetados por esta enfermidade submetiam os ensinos de Paulo ao mesmo abuso. Começaram "interpretando-as" com vistas a pô-las no olvido, tal como está ocorrendo em nosso próprio tempo e época.

Aqui, como em 1 Timóteo 6.20, Paulo usa o plural, de modo que se pode traduzir para "sofismas fúteis". Quando Timóteo os encontrar, deve fugir deles, *ciar meia-volta* com o fim de *evitá-los.* Envolver-se num debate com os seguidores do erro os tornará ainda piores, porque *eles* (não *os sofismas,* mas *os charlatões,* como o revela o restante da sentença) *seguirão avantel* Tais mestres estariam pretendendo seguir avante, continuar progredindo? "Assim é", diz Paulo! "Eles continuarão... *rumo a mais impiedadel* Um estranho método de avançar! Eles avançarão direto para frente com firmeza, removendo todo e qualquer obstáculo, avançando rumo ao seu alvo: *uma impiedade crescente.* Paulo seguramente sabia como fazer uso da *ironia* de forma eficaz.

E sua *palavra* ou *palavrório* os *devorará.* "Terá pastagem",[140] justamente como o gado "tem pastagem", comendo em todas as direções. As disputas néscias dos charlatães parecerá uma *gangrena* ou *tumor maligno.-O* câncer não só devora os tecidos sadios, mas também agrava a condição do paciente. De forma semelhante, a heresia que recebe publicidade, quando se lhe presta demasiada atenção, se desenvolverá tanto em extensão quanto em intensidade. Ao afetar de forma adversa uma proporção crescente da membresia, tentará destruir o organismo da igreja.

Agora se mencionam nominalmente os líderes: **Entre eles [literalmente, "entre os quais"] se encontram Himeneu e Fileto, o tipo de pessoas que têm se desviado da verdade, dizendo que [a] ressurreição já transcorreu, e pervertem a fé de alguns.**

O Perigoso Erro de Himeneu e Fileto. Os fatos a seu respeito podem ser resumidos da seguinte maneira:

(1) Eram mestres da heresia no distrito de Éfeso.

(2) O líder era possivelmente Himeneu. Pelo menos, nas duas passagens em que aparece seu nome, vem mencionado em primeiro lugar. I im 1 Timóteo 1.19, 20 (ver comentário sobre esta passagem) Paulo o associa a Alexandre; aqui, em 2 Timóteo 2.16-18, com Fileto. Não sabemos por que não se menciona Alexandre com Himeneu. Teria o mesmo ido para outro lugar? Teria morrido? Ter-se-ia arrependido? Quanto a Fileto (que significa "amado"), nada se sabe, exceto o que aqui se encontra.

(3) Himeneu e Fileto eram *o tipo de* pessoa (oítLveç) que se havia *extraviado* (ver comentário sobre lTm 1.6; 6.21) da *verdade,* ou seja, da verdadeira doutrina da salvação em Cristo. É imediatamente evidente que Paulo não está discutindo uma diferença sem importância acerca de opiniões entre pessoas que basicamente pensa da mesma forma. Ao contrário disso, ele se refere a um erro capital.

(4) O erro deles consistia nisto, que diziam: "A[141] ressurreição já

140. Esta parece ser uma expressão médica. Cf. 2 Timóteo 4.11: O Dr. Lucas estava com Paulo!

III. É verdade que a evidência textual favorece em parte a omissão do artigo. Não obs-l.inle, o contexto mostra que a referência é a um erro pernicioso, fundamental. Se Hrmeneu

aconteceu." Nisso eles se assemelhavam aos liberais da atualidade que, embora não queiram ser surpreendidos dizendo: "não há ressurreição", alegorizam o conceito. Ora, é preciso admitir que Paulo também cria numa ressurreição *espiritual,* o ato de Deus por meio do qual ele comunica nova vida a quem está morto em delitos e pecados (Rm 6.3, 4; Ef 2.6; Fp 3.11; Cl 2.12; 3.1; e cf. Lc 15.24). Mas o apóstolo também mais definidamente ensinava *a ressurreição do corpo* (1 Co 15; Fp 3.21), justamente como Jesus fizera (Jo 5.28). Segundo o ensino de Paulo, *negar a ressurreição corporal implica na completa subversão da fé,* pois "se não há ressurreição dos mortos, então Cristo tampouco ressuscitou; e se Cristo não ressuscitou, então nossa pregação é em vão, e sua fé é vã, ...e vocês ainda estão em seus pecados" (ICo 15.13, 14, 17).

(5) O que fazia a situação ainda pior era que Himeneu e Fileto professavam ser cristãos. O contexto (ver v. 19b) parece indicar que eles estavam entre os que "invocam o nome do Senhor". Até sua excomunhão (para a qual cf. 1 Tm 1.20), eles tinham sido membros da igreja!

De fato, esses falsos profetas pretendiam ser "especialistas" em todas as coisas relativas à religião. Majoravam ser mestres da lei, ainda quando "não entendiam as palavras que estavam falando nem os temas sobre os quais discorriam com tanta confiança" (1Tm 1.7). Pervertiam a lei e o ensino de Paulo.

(6) A negação deles (por implicação, pelo menos) da ressurreição corporal provinha provavelmente de um dualismo pagão, segundo o qual tudo o que é espiritual é bom, e o que é material é mau. O modo de raciocinar deles bem que poderia ser mais ou menos assim: "Posto que a matéria é má, nosso corpo é mau. Portanto, ele não ressuscitará." O mesmo erro básico levaria outros a deduções errôneas (ver comentário sobre 1Tm 4.3).

(7) Em vista da convicção deles de que, no caso deles mesmos, "a ressurreição" - a única que reconheciam, a saber, a do pecado para a santidade, do erro para o conhecimento - já havia ocorrido, por que

c Fileto apenas tivessem ensinado que houve *urna* ressurreição que já havia ocorrido, o apóstolo não se teria perturbado um mínimo sequer, porque isso teria sido plenamente bíblico (e *paulino).* Mas esses mestres de heresias negavam completamente a ressurreição física. Daí, quanto ao artigo há esta alternativa: ou aceitamos a leitura de A.C., texto koinê, D pl., ou devemos supor que ávaoiaoiç pode ser determinativo mesmo sem o artigo.

liaviTiam de preocupar-se ainda com o *pecadol* Eram justos a seus próprios olhos e preconcebidos ("inchados"). Daí, a lei de Deus não os li i "quebrantado". Usavam-na como instrumento para adquirir mais lama como mestres, como já se explicou (ver sobre 1Tm 1.9).

(X) Esta indiferença para com o pecado trazia como resultado o 'avanço" da impiedade para "uma impiedade mais crescente" (ver o contexto, v. 16; e cf. v. 19b, "injustiça").

(9) Por exemplo, eles chegavam ao ponto de *blasfemar* - desdenhavam de - o verdadeiro evangelho (1Tm 1.20).

(10) Seu falso ensino ("gnosticismo incipiente") era contagioso. *'Perturbam* a fé de alguns." Eles "viravam de ponta-cabeça" (ver C.N.T. •obre João 2.15) as convicções religiosas desses membros da igreja. I al vez ainda *não fossem muitos* os que foram assim afetados por esta leiTÍvel heresia (note, *"de alguns"),* mas isto era só o princípio. Como um tumor maligno percorre a carne sã, assim esse ensino perverso corroía a "fé" cristã.

19. Isto significa, pois, que a verdadeira igreja de Deus pode ser li st ruída? Diz Paulo: **Não obstante, o sólido fundamento permanece firme, tendo este selo:**

O Senhor conhece aqueles que são seus,

e

que todo o que invoca o nome do Senhor se aparte da injustiça.

Os falsos profetas podem desencaminhar a muitos (Mt 24.11). Aliás, se fosse possível, enganariam até mesmo os eleitos (Mt 24.24). O Bom Pastor, porém, *conhece* suas ovelhas e lhes dá a vida eterna, e *das* jamais perecerão, para sempre, e ninguém *as* arrebatará de sua mão (Jo 10.14, 28). Posto que Deus está no meio dela, a cidade de Deus não será abalada (SI 46.5). Seu reino não pode ser abalado (Hb I 2.28). Ainda que Paulo esteja justamente realçando que certos indivíduos têm se desviado da verdade e têm transtornado a fé de alguns (v. 18), deve-se ter sempre em mente que nem todo o Israel é de fato Israel (Rm 9.6), e que, a despeito das apostasias, "todo o Israel" será salvo (Rm 11.26; cf. IJo 2.19).

Seguindo a mesma linha, ele agora escreve: "Não obstante, o *sólido* fundamento (ou, *compacto-,* cf. 1Pe 5.9; Hb 5.12, 14) de Deus *está*

firme" Çéaxr\Kev, terceira pessoa, singular, indicativo peifeito). Mas, o que está implícito neste "sólido fundamento"? Entre as muitas respostas que se têm dado - tais, como, o Antigo e o Novo Testamentos, a ressurreição física, a religião cristã, etc. -, as seguintes são, talvez, as mais importantes: (1) A eleição desde a eternidade; (2) o próprio Cristo; (3) a igreja.[142]

Com respeito a (1): Esta idéia não pode ser de todo descartada. Paulo acaba de mencionar a eleição (v. 10). Sem dúvida, nela entra a idéia do amor divino que predestina - note especialmente as palavras: "O Senhor conhece (desde a eternidade) os que são seus"; não obstante, em parte alguma o apóstolo chama a eleição d*& fundamento.* Além do mais, a segunda inscrição do selo (v. 19b) dificilmente concorda com esta interpretação, e o contexto não o exige.

Com respeito a (2): É verdade que Cristo é chamado *fundamento* em 1 Coríntios 3.10-12. Não obstante, isto não resolve a questão. Nem sempre se pode atribuir exatamente o mesmo sentido às metáforas de Paulo. Assim, em Efésios 2.20, Cristo não é chamado "fundamento", mas "a pedra angular". Aqui em 2 Timóteo 2.19, não há nada que pressuponha ser Cristo considerado o fundamento.

Com respeito a (3): Considero ser este ponto de vista o correto. *A igreja estabelecida sobre a rocha do amor de Deus que predestina é seu fundamento, seu edifício bem fundado.* Razões para a adoção deste ponto de vista:

a. Isto harmoniza-se de uma forma muito bela com o contexto: a *verdadeira* igreja de Deus é constituída de todos os que são seus, os que estão separados da injustiça (note o selo). Ao chamá-la "*sólido fundamento* de Deus", Paulo enfatiza o caráter permanente e inamovível da igreja. Naturalmente, alguns se têm extraviado, etc., mas a *verdadeira igreja* é inamovível.

b. Isto concorda com 1 Timóteo 3.15. Ali também a igreja é cha-

142. Para o primeiro ponto de vista sobre essa passagem, ver Calvino; também J. L. Koole; para o segundo, C. Bouma; para o terceiro, Gealy, Lenski, Van Dyk, White e Wuest. Ver os títulos na Bibliografia. Bouma, comentando 2 Timóteo 2.19, rejeita categoricamente a idéia de que *o fundamento* indica a igreja, *op. cit.,* p. 297 (ainda mais definidamente em seu *Korte Verklaring,* p. 150). Não obstante, *op. cit.,* p. 146, comentando 1 Timóteo 3.15, ele declara: "A Igreja do Senhor é uma coluna; e ainda mais, ela é um fundamento."

mada *"o fundamento"* ou "o *suporte*" (ali, éôpaíwiia; aqui em 2Tm 2.19, egfiéÀmç).

O fundamento de Deus tem *um selo* (não uma *mera* inscrição!). Ora, um selo pode *indicar autoridade,* e deste modo *proteger* ou, pelo menos, *advertir* contra toda e qualquer intromissão. Assim temos que o túmulo de Jesus, que foi selado (Mt 27.66). Além do mais, ele pode ser uma *marca de propriedade.* "Põe-me como selo sobre teu coração" (Ct 8.6). Ou pode *autenticar* um decreto legal ou outro documento, *certificando* e *garantindo* seu caráter genuíno. E assim o decreto de Assuero foi selado (Et 3.12; cf. ICo 9.2).

Ao lermos agora que o sólido fundamento de Deus, a igreja, tem um selo, provavelmente seja inadequado aplicar a *esse* selo somente *uma* dessas três idéias. O selo com o qual os crentes são selados protege, indica propriedade e certifica, as três coisas ao mesmo tempo.[143] Of. Apocalipse 7.2-4. Deus o Pai os *protege,* para que nenhum deles se perca. Ele os *conheceu* desde toda a eternidade como seus (o contexto exige esta idéia). Deus o Filho os *possui.* Foram-lhes *dado.* Além do mais, os *comprou* ou *redimiu* com seu precioso sangue. A idéia de propriedade se expressa claramente aqui ("O Senhor conhece *os que são seus").* E Deus o Espírito Santo *certifica* que certamente são filhos de Deus (Rm 8.16). Esta proteção, propriedade e certificação divinas os *selam.*

Como, porém, os crentes experimentam o consolo proveniente do selo? A resposta é: tomando sinceramente tudo o que está escrito no selo. O selo leva duas inscrições intimamente relacionadas. O decreto <*le Deus* e a responsabilidade *do homem* recebem igual reconhecimento:

A primeira inscrição desfere um golpe mortal no *pelagianismo*; a segunda, no *fatalismo.*

A primeira tem sua data *na eternidade*; a segunda, *no tempo.*

A primeira é uma declaração em que devemos *crer,* a segunda, uma exortação a que devemos *obedecer.*

A primeira exalta *a misericórdia de Deus que predestina',* a segunda enfatiza *o inevitável dever do homem.*

I I V Assim também D.M. Edwards em seu excelente artigo "Selo" em I.S.B.E.

A primeira se refere à *segurança;* a segunda, à *pureza* da igreja (Wuest, de conformidade com Vincent).

Entre os dois há uma conexão muito estreita. Esta conexão é interpretada de forma bela em 1 Coríntios 6.19b, 20: "Vocês não pertencem a vocês mesmos, porque foram comprados por preço (cf. a primeira inscrição); agora, pois, glorifiquem a Deus em seu corpo" (cf. a segunda inscrição).

A estreita conexão entre as duas inscrições é evidente, ademais, pelo fato de que as palavras de ambas provavelmente se derivem do mesmo incidente do Antigo Testamento, a saber, a rebelião de Coré, Datã e Abirão (Nm 16). Himeneu e Fileto, em sua rebelião contra a verdadeira doutrina e a vida santa, se assemelhavam a esses perversos da antiga dispensação. Nesses dois casos de rebelião contra a autoridade constituída, havia incredulidade em referência ao que Deus havia revelado claramente. Em ambos os casos, os líderes envolveram outros em seu delito. A implicação é que, assim como a rebelião de Coré e os demais terminou em duro castigo contra os rebeldes e seus seguidores, assim também sucederá na presente rebelião de Himeneu e Fileto, que terminará em desastre para eles e seus discípulos, a menos que se arrependam.

A similaridade entre as referências do Antigo Testamento e as palavras de Paulo pode ser vista, pondo-as em colunas paralelas:

Números 16.5, 26 (LXX):	2 Timóteo 2.19:
"Deus... conhece os que são seus."	"O Senhor conhece os que são seus."
"Afastem-se das tendas desses homens perversos... para que não sejam destruídos juntamente com eles em todo seu pecado."	"Que todo aquele que invoca o nome do Senhor se ponha longe da injustiça."

Não obstante, é provável que, em adição à história da rebelião tão vividamente retratada em Números 16, Paulo estivesse pensando em outras referências veterotestamentárias. Assim, é possível que as seguintes passagens (e outras similares) tenham servido como base para a primeira inscrição: o Senhor *conhece* a Abraão (Gn 18.19), a Moisés

(Êx 33.12, 17), aos que se refugiam nele (Na 1.7). O tempo aoristo aqui em 2 Timóteo 2.19, "o Senhor *conhece,* ou *conheceu* ('éyvco)", poderia ser chamado *sem tempo. Em virtude de sua soberana graça, desde a eternidade ele os reconheceu como seus, e em conseqüência os fez. recipientes de seu amor especial e de sua comunhão (no Espírito).* Cf. João 10.14, 27; Romanos 8.28. Por essa razão, estão completamente seguros. Não podem perder-se jamais (Jo 10.28).

Esta segurança, porém, não chega a ser deles de uma maneira arbitrária ou mecânica. *A primeira inscrição carece completamente de sentido sem a segunda, e a segunda, sem a primeira.* O Senhor dirá aos perversos que nunca os *conheceu* (Mt 7.23; Lc 13.27). As duas inscrições sempre vão juntas, no caso de quem se destina a ser uma pessoa *selada.* A segurança e a pureza estão completamente unidas. Ler, quanto a isso, 2 Tessalonicenses 3.12: "Que Deus os escolheu desde o princípio para a salvação, mediante a santificação do Espírito e a fé na verdade". Cf. 1 Pedro 1.1,2: "Eleitos segundo a presciência de Deus Pai em santificação do Espírito, para obediência", etc.

Daí, a segunda inscrição segue bem de perto a primeira. No selo, as duas estão juntas, *uma* de um lado do selo, a *outra* do outro lado. Veja uma moeda americana com suas duas faces, com uma inscrição em cada face, uma indicando Deus como a fonte da liberdade; a outra nos lembrando o fato de que, embora sejam muitos os Estados, formam uma só nação, implicando que todos devem cooperar. *Num lado:* IN GOD WE TRUST [Em Deus Confiamos]; *no outro:* E PLURIBUS UNUM [um formado por muitos].

Quanto às palavras da segunda inscrição ("que todo aquele que invoca o nome do Senhor aparte-se da injustiça"), além de Números 16.26, são básicas passagens veterotestamentárias, tais como Isaías 26.13 (LXX: "invocaremos teu nome"); Salmo 6.8; Isaías 52.11; cf. 2 Coríntios 6.17 (exortações para afastar-se do mal e dos maus obreiros). Se o apóstolo derivou os pensamentos incorporados nas duas inscrições *diretamente* do Antigo Testamento, ou se primeiro foram incorporadas num bino cristão, como pensam alguns, é algo que não pode ser respondido, e é de pouca importância.

O significado da segunda inscrição é este: a confiança expressa em Deus deve revelar-se numa vida que está consagrada à glória de Deus.

A confissão de uma pessoa deve ser exemplificada por um andar santo e uma conduta santa. A pessoa que em oração e louvor "invoca o nome do Senhor" declara que aceitou a revelação de Deus acerca de si mesma na esfera da natureza (SI 8) e da redenção (Jo 16.24). Tal pessoa deve ser consistente. A firmeza é o que faltou a Himeneu e Fileto. Invocavam o nome do Senhor e fomentavam a injustiça! Literalmente, Paulo diz: "Que todo aquele que invoca o nome do Senhor *apóstata."* Quanto a isso, porém, deve-se ter em mente que o grego usa este verbo (apostatar, manter-se afastado, retirar-se de) tanto num sentido favorável, quanto num sentido desfavorável. Que apostatem... não *da fé (*1Tm 4.1), mas *da injustiça*, em todas suas variedades.

20. Ainda que o eleito de Deus jamais pereça, **Numa casa grande, porém, há não só utensílios de ouro e prata, mas também de madeira e barro, e alguns [são] para honra, alguns para desonra.**

Timóteo não pode admirar-se do fato de que haja algo uma coisa chamada defecção [apostasia]! Precisa lembrar-se de que a igreja *visível* é como uma "casa *grande".* Uma cása *grande* contém todo gênero de *utensílios,* ou seja, móveis, vasos, recipientes, talheres, etc., em suma, todos aqueles objetos materiais que alguém espera encontrar numa mansão, todo o "conteúdo de uma casa". Daí não haver apenas ouro e prata, mas também artigos de madeira e de barro; não só artigos preciosos que são guardados e exibidos, mas também os que são postos no quarto de despejo ou no fundo do quintal, quando não mais servem a nenhum propósito. De passagem, note que Paulo deve dizer casa *grande,* porque uma casa *pequena* poderia não conter utensílios de ouro e prata. Semelhantemente, a igreja visível, segundo se manifesta na terra, contém *crentes genuínos* (alguns muito fiéis, comparáveis ao ouro; outros menos fiéis, comparáveis à prata) e contém *hipócritas.* Cf. Mateus 13.24-30: o trigo e o joio. Os membros genuínos têm por objetivo ser para *honra* (ver Mt 25.34-40); os demais, para *desonra* (ver Mt 25.41-45). Cf. 1 Samuel 2.30b; Romanos 9.21.[144]

144. A referência a 1 Coríntios 3.10-15 ou a 1 Coríntios 12.12-31 só serve para confundir as coisas. A primeira discute os materiais de construção (obras, ensinos); a segunda, a distribuição dos talentos. 2 Timóteo 2.20, 21, porém, retrata os *membros da igreja,* genuínos e falsos. Scott *(op. cit.,* p. 114) diz que o escritor de 2 Timóteo usa um símile inadequado que se torna mais e mais confuso. Bouma *(Korte Verklarmg,* p. 152) pensa que a casa do

21. Como pode alguém estar certo de ser um utensílio para honra? A resposta é: E **assim, se alguém efetivamente purificar-se dessas coisas, o mesmo será um utensílio para honra, santificado, muito útil para o Dono, preparado para toda boa obra.**

A associação estreita e íntima com os hipócritas pode facilmente conduzir a contaminação moral e espiritual (ICo 15.33; e ver C.N.T. sobre 2Ts 3.14). Deve-se evitar a tentação de cair nessa armadilha. O pecado de aceitar as doutrinas e/ou de imitar o exemplo de tais pessoas perversas (quer se pense que estas estão ainda na igreja ou que já estão fora dela) deve ser evitado (cf. v. 19b); e se já foi cometido, deve ser confessado, e o mal deve ser vencido com o bem. Assim, uma pessoa deve purificar-se "efetivamente" ou "completamente" *dessas coisas,* ou seja, dos homens maus ("utensílios para desonra") e suas doutrinas e práticas que contaminam; de homens tais como Himeneu e Fileto e seus discípulos, e de seus falsos ensinos e seus maus hábitos.

Ora, se alguém se purifica efetivamente, será utensílio para honra.[145] A realidade se ergue acima da figura: uma vasilha de má qualidade sempre será uma vasilha de má qualidade, porém a graça de Deus capacita o pecador para ser santo, "um utensílio para honra". Tal pessoa, havendo se purificado, está *santificada.* Pela operação purificadora do Espírito Santo, agora veio a ser "santo em experiência e em posição" (K. S. Wuest, *Golden Nuggets,* p. 72), havendo sido completamente *separado* para o Senhor e para sua obra, e isso de forma perma-

versículo 20 está construída sobre *o fundamento* do versículo 19. Esta *é uma* razão pela qual não pode identificar a igreja com o fundamento, porque, como poderia a igreja estar edificada sobre a igreja? No versículo 20, porém, ele não diz que *a casa* aqui está edificada sobre o fundamento do versículo 19. Estes dois intérpretes não fazem justiça ao fato de que a cada metáfora se deve dar sua própria e clara interpretação. Isto ocorre com freqüência nas Escrituras. A igreja é *tanto* uma casa *quanto* um fundamento (assim também em 1Tm 15, embora as palavras usadas no original variem ligeiramente das usadas aqui em 2Tm 2.19, 20). Em *um* sentido, é como uma casa; em outro, é um fundamento. Assim também em João 10, Jesus é tanto a porta como o bom pastor. Seus inimigos são estranhos, ladrões e assalariados. E no livro de Apocalipse, a igreja é tanto uma esposa como uma cidade. Essas são metáforas *mescladas,* mas *diferentes.*

145. A construção é regular: uma oração condicional futura mais vivida, que usa ἐάν com o aoristo do subjuntivo na prótase, e o futuro do indicativo na apódose. A condição se concebe como uma realidade futura possível. Ver C.N.T. sobre João. A expressão "utensílios para honra" tem três modificadores: "santificados" e "preparados" são particípios perfeitos passivos; "muito úteis" é um antigo adjetivo verbal.

nente. Conseqüentemente, agora é muito útil a seu *Dono,* aquele que exerce plena autoridade sobre ele (cf. lTm 6.1, 2; Jd 4; Ap 6.10), a saber: Jesus Cristo. De uma vez por todas está *preparado* para *toda* boa obra (cf. 2Tm 3.17; Tt 1.16; 3.8, 14; então, 2Co 9.8).[146]

22. O modo de purificar-se é afastando-se do que é mau e chegando-se para o que é bom. Daí, Paulo prossegue: **Fuja, porém, dos desejos da juventude, e vá após a justiça, a fé, o amor, a paz com aqueles que invocam o Senhor de coração puro.**

Quando Paulo escreveu essas palavras, Timóteo deveria ter entre 37 e 42 anos de idade (ver comentário sobre lTm 4.12). Era jovem ainda, especialmente em relação à posição de confiança e responsabilidade que ocupava. Daí o apóstolo adverti-lo contra "os [ou, 'aqueles bem conhecidos', note o artigo) *desejos* da juventude". Mas, o que isso significa?[147]

146. Não obstante, isso não significa necessariamente que os "utensílios para desonra" não tenham propósito útil na igreja. Eles *têm,* e isso a despeito deles mesmos. Estude Romanos 9.17, 22, 23. Até mesmo Faraó foi de alguma utilidade (Ex 7.4, 5; 9.16; 10.1, 2). Os pratos de má qualidade têm um propósito útil ainda quando sejam logo descartados!

147. A palavra "desejo" (èpri0up,La) tem os seguintes usos: (1) desejo legítimo: Lucas 22.15 (o desejo de Cristo de comer a Páscoa com os discípulos); Filipenses 1.23 (o desejo de Paulo de partir e estar com Cristo); 1 Tessalonicenses 2.17 (o desejo de Paulo e seus assistentes de voltar a visitar os tessalonicenses).

(2) Desejo ilegítimo ou pecaminoso (o desejo de coisas más, ou simplesmente um desejo indevido):

a. Com uma ênfase definida sobre pecados da esfera sexual: Romanos 1.24; 1 Tessalonicenses 4.5.

b. Com uma ênfase mais geral, em que o contexto às vezes indica um ou mais dentre os seguintes: os pecados do sexo e de idolatria intimamente relacionados, o vício alcoólico, os desejos desordenados de posses materiais, a atitude de pressionar com as opiniões pessoais (de onde, contendas, zelos, vaidade, desejo de dominar): Marcos 4.19 (os "espinhos" que sufocam a boa semente); João 8.44 (os desejos de Satanás); Romanos 6.12 (o desejo injusto contra a justiça); Romanos 7.7, 8 (cobiça); Romanos 13.14 (note os sinônimos); Gálatas 5.16, 24 (sexo, idolatria, paixões pessoais em diversas manifestações, bebedice, etc.); Efésios 2.3 (provavelmente com o mesmo contexto mental de G1 5.16, ainda que *ali* o contexto seja mais específico); Efésios 4.22 (em oposição a "justiça, santidade e verdade"); Colossenses 3.5 (cf. G1 5.16); 1 Timóteo 6.9 (cobiça pelo dinheiro e seus resultados); 2 Timóteo 2.22 (a passagem que estamos discutindo); 2 Timóteo 3.6 ("impulsos diversos", ver comentário sobre esta passagem); 2 Timóteo 4.3 (muito geral: desejar "mestres conforme suas próprias concupiscências"); Tito 2.12 ("paixões mundanas"); Tito 3.3 ("malícia, inveja", etc.); Tiago 1.14, 15 (provavelmente o mesmo contexto mental de G1 5.16); 1 Pedro 1.14; 2.11 (para o contexto, ver lPe 2.1: "malícia, engano, hipocrisia, inveja, detrações"); 1 Pedro 4.2, 3 (pecados sexuais e idolatria, bebedice e seus resultados); 2 Pedro 1.4 (muito

A palavra *desejo,* que é usada no original, quer no sentido favorável, quer no desfavorável, sempre indica *um forte desejo.* Como indi- i ado na nota de rodapé 147, é usada mais amiúde num sentido desfa- s orável do que no sentido favorável. Nesta passagem, refere-se a um desejo definitivamente *pecaminoso* ("fuja dos desejos da juventude"). Iitis desejos pecaminosos, como o demonstra também a nota, podem et classificados mais ou menos à maneira da psicologia moderna (embora aqui tais desejos dificilmente poderiam chamar-se *pecaminosos),* i nino segue:

(1) Prazer, etc., o desejo desmedido de satisfazer os apetites físicos: o "desejo" de comer e beber, a loucura por desfrutar de prazeres, desejos sexuais descontrolados (Rm 1.24; Ap 18.14, etc.).

(2) Poder, etc., a paixão descontrolada de ser o número 1, o desejo de "brilhar" ou de ser dominador. Isto produz inveja, intrigas, etc. Esta tendência pecaminosa está incluída de forma proeminente em referências, tais como Gálatas 5.16, 24; 2 Pedro 2.10, 18; Judas 16, 18.

(3) Possessões, etc., o desejo descontrolado de chegar a ter possessões materiais e desfrutar da "glória" que deles se deriva (ver 1Tm 6.9 em seu contexto).

Objetivamente falando, Cristo triunfou sobre o primeiro quando, ii.i primeira tentação, disse: "Não só de pão viverá o homem, mas de Ioda palavra que sai da boca de Deus" (Mt 4.1-4); sobre o segundo quando, na segunda tentação, se negou a lançar-se do pináculo do templo (Mt 4.5-7); e sobre o terceiro quando, na terceira tentação, se nevou a receber como prêmio da mão de Satanás, "todos os reinos do mundo e a glória deles" (Mt 4.8-10). Como resultado de seu triunfo,

tUMiil); 2 Pedro 2.10, 18 (sexo, atrevimento e pecados relacionados); 2 Pedro 3.3 (ênfase i ilue escárnios); 1 João 2.16, 17 ("desejos da carne e desejos dos olhos"); Judas 16, 18 i' i íirnios, desejos pecaminosos de tirar proveito, desejos animais, espírito descontente, Hl1 MMiicia); Apocalipse 18.14. Provavelmente, este também corresponda aqui (desejo de- imimado de frutos maduros que afogam o desejo de coisas espirituais).

K < ' Irench. op. cit., parágrafo lxxxvii, mostrou que, enquanto *môoç* representa o aspecto in.u'. passivo do desejo mau, ênieu^La expressa o lado ativo, e é muito mais amplo em seu *ir.n no Novo Testamento.*

recebeu de seu Pai celestial, num sentido muito mais glorioso, as mesmas coisas com as quais o diabo lhe havia tentado *(no caso cie Cristo,* todavia, as tentações foram inteiramente *objetivas*; não houve tendências pecaminosas *subjetivas).*

Posto que estes desejos desordenados com freqüência se apresentam em forma mais turbulenta na juventude do que na idade madura - à medida em que um cristão amadurece os vai superando por meio da graça santificadora do Espírito Santo, que o conduz gradualmente para a maturidade espiritual -, são adequadamente chamados "desejos da juventude" (literalmente, "desejos juvenis").

Devemos evitar dois extremos. Primeiro, é errôneo fazer com que toda referência seja exclusiva ou predominantemente aos desejos *sexuais* descontrolados. Segundo, não é necessário excluí-los completamente do conteúdo desta expressão. Na forma aqui usada, a expressão provavelmente deva ser tomada em seu sentido mais geral, indicando *todo anseio pecaminoso ao qual a alma de um jovem ou de uma pessoa relativamente jovem se expõe.* Se dentro desta conotação geral se encontra qualquer elemento com ênfase especial, este deve derivar do contexto. No caso presente, talvez a tendência do jovem fosse ser impaciente em relação aos que se põem em seu caminho. O elevado caráter moral de Timóteo, unido a seus anos juvenis, poderia induzi-lo a agir de forma um tanto irrefletida para com os que se opunham à verdade. Uma pessoa naturalmente reservada, tímida e amável, como Timóteo, às vezes pode agir de forma mais impulsiva quando, por fim, contrariamente a sua tendência natural, se vê impelida à ação. Aqui, porém, não se pode determinar se Paulo estava ou não pensando de alguma forma *nesse* perigo particular da juventude. Os desejos pecaminosos da juventude podem ser considerados no sentido mais geral, e assim como o antônimo das virtudes ora mencionadas: "a justiça, a fé, o amor, a paz."

Gramaticalmente, também é possível interpretar as palavras de Paulo simplesmente neste sentido: "Timóteo, continue fazendo exatamente o que esteve fazendo. Continue sua corrida, fugindo dos desejos juvenis e correndo após a justiça, a fé, o amor, a paz", etc.[148] Mas ainda

148. Lenski o interpreta neste sentido, p. 812.

que o tempo usado no original *permita* esta interpretação, ele não a *c\ige.* Além do mais, está em linha com a tendência muito prática da mente de Paulo presumir que esses vigorosos mandatos têm alguma icferência à realidade e eram advertências realmente necessárias, sim, necessárias até mesmo para Timóteo em decorrência de certa debilidade de caráter, ainda quando não fossem elas enunciadas de forma expressa. Em nosso desejo de fazer plena justiça à beleza do caráter de limóteo, não lhe demos asas!

O jovem associado de Paulo, pois, deve fugir constantemente das Icndências pecaminosas da juventude, e deve cultivar o hábito de cori cr após as virtudes aqui enumeradas. Notemos que no original há uma alileração nas palavras traduzidas *correr* após *ajustiça* (aqui como em I Tm 6.11); e note a estrutura quiásmica da oração, com os *vícios e virtudes* (a última, "paz", ampliada numa frase composta) em cada exi rc mo da oração; e as ações opostas - "fuja", "corra após" - uma junto da outra no centro.

Visto que a maioria dos conceitos aqui mencionados já apareceu antes, encaminhamos o leitor à explicação mais detalhada em 1 Timóteo 4.12 e 6.11. Em suma, pois, o que Paulo está pensando pode ser parafraseado da seguinte maneira:

Fuja das tendências pecaminosas da juventude e *corra, após* (persiga firmemente) o seguinte: a. esse estado do coração e da mente que está em harmonia com a lei de Deus ("justiça"); b. a confiança humilde c dinâmica em Deus ("fé"); c. um profundo afeto pessoal pelos irmãos, incluindo em seu benevolente interesse até mesmo os inimigos ("amor"); c d. uma compreensão isenta de perturbações, perfeita ("paz") para com todos os *cristãos* (os que em oração e louvor "invocam" o Senhor Jesus Cristo - cf. J1 2.32; Rm 10.12; ICo 1.2 - de coração puro). O "coração puro" é a personalidade interior dos que estão "afastados da injustiça" (v. 19) e se purificaram efetivamente (v. 21).

23. A admoestação do versículo 22 acrescenta-se agora uma segunda: **Mas as inquirições insensatas e ignorantes, rejeite-as, sabendo que engendram contendas.**

Ver o que já foi dito com referência a isto em nosso comentário do versículo 14 e sobre 1 Timóteo 1.4; 4.7; 6.4; cf. Também Tito 3.9.

Timóteo não só deve conter-se e não empreender batalhas verbais completamente inúteis (v. 14), mas também deve repelir, cortês, porém definidamente, o envolvimento com *as* (note o artigo definido) *questões* notórias que produzem, como resultado, essas batalhas verbais. Tais questões são *néscias.* Não têm sentido; são o tipo de coisas que podem ser associadas com crianças pequenas. São *ignorantes* "carentes de educação" ou "sem instrução"; ou seja, são a obra e a marca de homens ignorantes. A pessoa que tem sido *adequadamente* educada na verdade redentora de Deus é capaz de distinguir entre o que é digno e o que é indigno, e não se ocupa de questões tão inúteis (sobre genealogias e outras tradições judaicas). Timóteo deve *negar-se* constantemente a ter algo a ver com elas, porque sabe que geram ou engendram *contendas.*

24-26. Esses três versículos formam uma clara unidade. A menção de contendas no versículo 23 leva Paulo a reforçar sua admoestação no sentido em que Timóteo deve fugir do envolvimento em questões néscias e ignorantes. Tais questões engendram contendas, as quais são exatamente os obstáculos que os ministros devem evitar. Diz Paulo:

E o servo do Senhor não deve ser contencioso, mas amável com todos, qualificado para ensinar, paciente ante as injúrias, que com suavidade corrija os oponentes, na esperança de que possivelmente Deus lhes conceda a conversão [que os leve] ao conhecimento de [a] verdade, e possam voltar à sobriedade [libertando-se] dos laços do diabo, por quem foram feitos cativos para [fazer] sua vontade.]

Timóteo é *o servo* (esta é uma tradução melhor que *escravo*; ver C.N.T. sobre João **15.15,** nota sobre a palavra "doulos") *do Senhor* (Jesus Cristo; cf. Rm **1.1;** Fp **1.1;** em seguida também Tg **1.1).** Como tal ele deve ser como seu Senhor, que era manso, humilde, pacífico; que não gritou, nem levantou sua voz, nem a fez ouvir na praça; que quando foi oprimido e afligido não abriu sua boca, mas portou-se como cordeiro que é levado ao matadouro; e que não injuriou os que o injuriavam (Is **42.2; 53.7;** Zc **9.9;** Mt **11.29; 12.19; 21.5; lPe 2.21-24).** É verdade que *o servo do Senhor* - a expressão e a admoestação se aplicam não só a Timóteo, mas a todo "ministro" - deve ser *um excelente soldado* (ver vv. **3, 4),** mas não deve ser contencioso, um simples *sofista* de questões ridículas acerca de árvores genealógicas e interpretações rabínicas da lei.

Em vez de encontrar nessas palavras uma prova a mais de que Paulo não poderia haver escrito as Pastorais, alguém deveria encontrar nelas uma prova em contrário. Foi Paulo quem também escreveu 1 Tessalonicenses 2.7-12!

O servo do Senhor, pois, deve ser *amável* (esta é a melhor leitura, tanto aqui quanto em ITs 2.7, as únicas porções do Novo Testamento em que aparece), ou seja, é afável, de fácil diálogo, de conduta acessível, *não* irritável, intolerante, sarcástico, nem burlesco, nem mesmo para com os que o prejudicam. Deve tentar *conquistá-los.* Por isso, deve ser amável com *todos.*

A amabilidade é indispensável, porque o servo do Senhor deve ser *apto para ensinar*, capaz de ministrar conselho e instrução.

Não obstante, sua amabilidade nem sempre será apreciada ou correspondida. As vezes seu ensino terá de enfrentar a troça e o abuso, o insulto e a injúria. Quando isto ocorrer, ele deve ser *paciente diante das injúrias.* Ele deve *calar-se diante da maldade* (cf. IPe 2.21-24).

Não só deve ser *amável* na conduta externa; deve ser *suave* ou *manso* em sua atitude ou disposição interior, que "*com suavidade* (ver Tt 3.2; então ICo 4.21; 2Co 10.1; Gl 5.23; 6.1; Ef 4.2; Cl 3.12; Tg I.21; 3.13; IPe 3.15) corrija os oponentes"; cf. exemplo de Cristo (Mt II.29). Note aqui o jogo de palavras no original. Os *oponentes* ("os que constantemente estão fazendo oposição") nunca deixam de aparecer com questões ignorantes ou "sem instrução" (v. 23). Assim o apóstolo diz a Timóteo que instrua aos que não têm instrução, que eduque os carentes de educação, que discipline (neste caso, com a disciplina do *ensino*; em contraste com lTm 1.20) os indisciplinados, que informe os que são carentes de informação. Em vez de entrar em suas questões néscias, deve mostrar-lhes amavelmente por que não se deve preocupar com estas coisas e deve imediatamente continuar ministrando a instrução positiva para que o oponente possa receber assim a *correção.*

Agora o apóstolo declara o propósito desta obra didática e pastoral: "na esperança de que possivelmente Deus venha a conceder-lhes a *conversão* [que os conduza] ao conhecimento da verdade, e voltem à sobriedade..." Esta esperança parece ser expressa de uma maneira hesitante ("possivelmente... venha a"), porque, para os seguidores do erro,

contradizer se tornara um hábito. Até mesmo ouvir a verdade se lhes tornara difícil. Se porventura alguma mudança estava para ocorrer, ninguém, senão Deus, poderia produzi-la. É o fervoroso anseio de Paulo que ainda venha a efetuar esta grande transformação.

A palavra usada no original para indicar esta mudança básica (p,eiávoia) significa mais que *arrependimento.* É *conversão* (cf. 2Co 7.8-10), um termo que olha tanto para frente quanto para trás, enquanto *arrependimento* olha principalmente para trás. Além do mais, a *conversão* afeta não só as emoções, mas também a mente e a vontade. Aliás, *é em primeiro lugar* (como a derivação da palavra implica) *uma mudança completa na perspectiva mental e moral. E uma mudança radical de visão que conduz a uma mudança radical na vida.* Daí ser aqui adequada para a condução ao "conhecimento da verdade". Paulo nutre a esperança de que os adeptos da falsa doutrina se convertam de seu hábito de dar maior importância a coisas insignificantes, e reconheçam e confessem a grande e maravilhosa verdade revelada no evangelho e centrada em Cristo.

Por conseguinte, ele espera que "voltem à sobriedade" *(àvav-*r|\|ícoaiv). Esta é a única vez que este verbo composto aparece no Novo Testamento. Ver, porém, nota de rodapé 193. Por meio da obra do ministério, os adversários poderiam voltar ao bom senso; poderiam ser levantados de seu torpor, sendo libertados "do laço do diabo", ou seja, do laço posto pelo diabo, laço com o qual foram seduzidos a fazer sua vontade (ver comentário sobre 1 Tm 3.7). É evidente que este é o significado à luz das palavras que vêm imediatamente a seguir: "no qual estiveram cativos [do diabo], para fazer sua [do diabo] vontade" (literalmente, "havendo sido tomado cativo por *ele* - ou seja, pelo diabo pela vontade *daquele* (o diabo)".[149]

149. É difícil ver por que há tanto desacordo acerca dos pronomes aúxoO e èiceívou. O antecedente de aúroü é naturalmente o substantivo mais próximo *(o diabo*); e o antecedente de c-Kt íi/ou é o pronome mais próximo *(que,* isto *é, o diabo).* Isto tem um sentido muito bom. É o diabo que captura os homens e se esforça por retê-los. Note o particípio perfeito passivo: "havendo estado capturado (sentido primário: *caçados vivos)* de uma vez por todas." O diabo não pensa em soltá-los. Os esforços para ligar esses pronomes com antecedentes mais remotos a fim de que um deles ou ambos se refiram a *Deus* ou ao *servo de Deus* me dão a impressão de ter pouco sucesso. Por isso não posso concordar com Robertson, *op. cit.,* p. 622; Lenski, *op. cit.,* p. 818; Scott, *op. cit.,* p. 117; Lock, *op. cit.,* p. 103; etc.

A verdadeira conversão é, pois, uma mudança radical:

(1) da ignorância para o conhecimento da verdade (v. 23; v. 25);
(2) da intoxicação e do torpor para a sobriedade (v. 26a);
(3) da escravidão para a liberdade (v. 26b).

Síntese do Capítulo 2

Ver o esboço no início do capítulo.

Portanto, em vista dos exemplos e do dom que tem recebido, que Timóteo - "filho" de Paulo - se fortaleça na graça que está em Cristo Jesus. Para fortalecer a si próprio, e para o benefício da igreja, que ele instrua homens, os quais por sua vez sejam aptos a ensinar outros. Que confie a tais homens os ensinos que ele - entre muitas testemunhas - ouviu dos lábios de Paulo ao longo dos anos que andaram juntos.

Ora, esta atividade de *ensinar* - aliás, toda a obra do ministério - não será fácil, mas que resultará em dificuldades para Timóteo. Que ele seja, pois, um soldado nobre e suporte as dificuldades juntamente com Paulo e as testemunhas supramencionadas. Que se sinta animado ante o fato de que só o soldado que luta de todo o coração, só o atleta que compete segundo as normas, só o agricultor que trabalha arduamente receberá seu galardão. Assim também, Timóteo receberá *sua* recompensa. Ele deve descansar no Senhor, que lhe dará entendimento em todas as coisas. Além do mais, que ele se lembre de Jesus Cristo. Este também cumpriu sua tarefa *de todo o coração, obedientemente* - sem transgredir nenhuma norma divina - e *diligentemente.* Ele não recebeu sua recompensa? Não ressuscitou dentre os mortos? E não reina nas alturas como o legítimo herdeiro espiritual de Davi? Não é assim, segundo o evangelho, que Paulo o considera propriedade sua *("meu.* evangelho")?

Por este evangelho Paulo suporta dificuldades, até mesmo prisões, como se fosse um criminoso. Sente-se, porém, grandemente consolado pelo fato de que, embora estivesse preso, a Palavra de Deus, que ele proclama, não está presa, senão que cumpre o que Deus quer no coração e na vida de todos os eleitos, com o fim de que possam obter a salvação que está centrada em Cristo Jesus com eterna glória.

Agora ele cita quatro linhas do que provavelmente foi um hino da

igreja primitiva. As mesmas mostram que a *lealdade* a Cristo e a firmeza mesmo em meio à mais amarga perseguição sempre são recompensadas pelo privilégio de viver e reinar com Cristo, enquanto, por outro lado, *a negação e a deslealdade* são castigadas pela rejeição daquele que sempre permanece fiel às suas ameaças, bem como às suas promessas, e *não pode* (acrescenta Paulo) fazer de outro modo.

Na segunda parte deste capítulo, o apóstolo mostra que as batalhas de palavras, as palavras profanas e vãs, as questões néscias, não têm nenhum propósito útil e engendram contendas. Timóteo deve fazer todo o possível para obter a aprovação de Deus, como um obreiro que não tem de que se envergonhar, e que maneja corretamente a palavra da verdade. Naturalmente, os seguidores do erro progredirão, mas que tipo de progresso? Eles avançarão... rumo a crescente impiedade. A palavra deles se "alastra", corroendo seu caminho como um tumor maligno. Entre os líderes desses falsos mestres se contam Himeneu e Fileto, homens que ensinam que a única ressurreição é a espiritual, a qual, dizem eles, *já se consumou.* Mas ainda que eles perturbem a fé de *alguns, a verdadeira* igreja de Deus prossegue firme. Ela é seu sólido fundamento. Seus membros estão protegidos pelo Pai, pertencem ao Filho e estão certificados pelo Espírito. Em outros termos, eles estão *selados.* E naquele selo há duas inscrições, uma que enfatiza o lado *divino* da salvação: "O Senhor conhece os que são seus"; e o outro indica o lado *humano',* "que todo aquele que invoca o nome do Senhor se aparte da injustiça."

Não obstante, a igreja visível é como uma grande casa: nem todas as coisas são de igual valor: alguns "utensílios" se destinam à honra; outros, à desonra. Por isso não é de admirar que homens como Himeneu e Fileto tenham seguidores. Se alguém se purifica efetivamente desses homens e de suas más influências, este será... muito útil ao mestre, preparado para toda boa obra. Isto também se aplica a Timóteo.

Ora, com o fim de ser completamente apto, Timóteo também deve fugir dos desejos pecaminosos que atacam a geração jovem. Positivamente, deve buscar firmemente a fé, o amor, etc. Não deve ser contencioso, mas amável com todos. Somente deste modo ele será *apto para ensinar.* O ensino requererá que ele exerça grande paciência, mesmo ante as injúrias. Quando houver oposição, ele deve corrigir seus opo-

nentes com suavidade, nutrindo esperança de que possivelmente Deus lhes conceda conversão, uma volta completa, mental, moral e espiritual, que conduz ao conhecimento da verdade e à sobriedade. Assim serão salvos do laço posto pelo diabo, o qual os fez cativos para que façam *sua* (do diabo) vontade.

ESBOÇO DO CAPÍTULO 3

Tema: *O Apóstolo Paulo Diz a Timóteo o que Deve Fazer em Prol da Sã Doutrina*

Persevere nela "Virão tempos difíceis"

3.1-9 Sabendo que se levantarão inimigos, os quais terão sua forma, porém não seu poder.

3.10-17 Sabendo que ela está baseada nas Sagradas Escrituras, como você aprendeu de pessoas dignas de confiança.

CAPÍTULO 3

— < $ > —

2 TIMÓTEO 3.1

3 I Entende isto, porém, que em [os] últimos dias sobrevirão tempos terríveis; 2 porque as pessoas serão egoístas, amantes do dinheiro, presunçosas, arrogante., blasfemas, desobedientes a [seus] pais, ingratas, profanas, 3 sem sentimento, implacáveis, caluniadoras, sem domínio próprio, indômitas, desafeiçoadas para i mu o bem, 4 traidoras, irresponsáveis, preconceituosas, mais amantes dos prazeirs do que amantes de Deus, 5 tendo a forma da piedade, negando, porém, seu poder; alaste-se de tais pessoas.

6 Porque desses círculos vêm os que estão se infiltrando nos lares e tomando i ativas mulheres levianas, sobrecarregadas de pecados, dominadas por vários impulsos, 7 sempre aprendendo e nunca são capazes de chegar ao reconhecimento de |a] verdade. 8 E assim como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, assim também esses homens se opõem à verdade, homens de mente corrupta e réprobos i oni respeito à fé. 9 Eles, porém, não irão muito longe, porque sua loucura será obvia a todos, como também se deu com aqueles [dois homens],

3.1-9

I. Ser amável, paciente e manso (ver 2Tm 2.24-26) não será algo fácil, como agora o apóstolo o demonstra: **Entenda isto, porém, que < ni |os] últimos dias sobrevirão tempos terríveis.**

1 lá duas coisas que Paulo quer que Timóteo faça, segundo a extensa oração que começa em 1.1 e se estende até o final do versículo 5. Ele diz a seu amado representante que:

a. ele deve constantemente compreender que nos últimos dias haverá tempos terríveis; e

b. ele deve afastar-se constantemente do tipo de pessoas que farão com que esses tempos se tornem terríveis.

I ísses dois mandamentos estão conectados pela conjunção "e". Daí,

quando se omite a maior parte do material explicativo que há entre os dois mandamentos, fica isto: "*Entenda*, porém, que em [os] últimos dias virão tempos terríveis; porque haverá homens amantes de si... e *afaste-se* de tais pessoas."

Uma vez entendida esta ligação, também se torna claro que a expressão "nos últimos dias", na forma usada aqui, não pode limitar-se aos dias que precederão imediatamente à segunda vinda de Cristo.[150] Teria sido sem sentido dizer a Timóteo que se afastasse de pessoas que nunca o molestariam. E não se justifica "resolver" a dificuldade, dizendo: "O autor esperava que a vinda de Cristo se concretizasse a qualquer momento" (ver C.N.T. sobre 2Ts 2). A chave para uma interpretação correta é a explicação contextual da expressão "nos últimos dias".

Ora, no Antigo Testamento, essa expressão (Gn 49.1; Nm 24.14; Dt 4.30; Is 2.2; Jr 23.20; 30.24; 48.47; 49.39; Ez 38.16; Dn 2.28; 10.14; Os 3.5; Mq 4.1) se refere a "os tempos vindouros", "o futuro". O que se inclui nesse "futuro" deve ser determinado em cada caso à parte, por meio do contexto.[151] Que não pode referir-se, em cada caso exclusivamente, aos dias que precederão imediatamente à segunda vinda, é imediatamente evidente à luz do contexto de passagens tais como Gênesis 49.1. Jacó, ao abençoar seus filhos, não estava pensando primariamente no que ocorreria no final do mundo, nem ainda estava pensando em um período que para cada tribo começaria na primeira vinda do Messias. Ao contrário, estava antecipando os acontecimentos que ocorreriam na vida de seus filhos e na história das tribos de Israel. E ainda à luz do contexto de passagens, tais como Daniel 2.28, é evidente que a expressão "nos últimos dias" abarca um período que *começa* com a soberania babilônica, muito tempo antes da primeira vinda de Cristo, e que inclui a nova dispensação. Aliás, em certo sentido, o período mencionado não termina jamais, porque é proclamado um reino que "permanecerá para sempre".

150. Scott, *op. cit.,* p. 118, simplesmente declara que este é o sentido, porém não oferece prova alguma nem estudo do vocabulário do conceito. Bouma, *op. cit.,* p. 311, que interpreta de forma semelhante, declara que João, em seu Evangelho, usa com freqüência esta expressão. Isto, porém, é incorreto. "No dia vindouro" de Cristo (singular, ver Jo 6.39, 40, 44, 54; 11.24; 12.48) não deve ser confundido com "nos últimos dias" de Paulo *(plural).*

151. Ver G. Ch. Aalders, *Het Herstel Van Israel Volgens Het Oude Testament,* pp. 13, 14, 39, 46.

Como o contexto o demonstra, em passagens como Isaías 2.2; Milícias 4.1 (cf. 5.2), a expressão "nos últimos dias" se refere *à era iniciada com o aparecimento de Cristo sobre a terra.* Essa é a era do cumprimento das promessas messiânicas, promessas que alcançam sua mais gloriosa concretização na consumação.[152]

Este é também claramente o sentido em Atos 2.17 (citação de J1 2.28), onde os acontecimentos ocorridos no dia de Pentecostes estão incluídos em "os últimos dias" (cf. o uso da expressão em Tiago 5.3, interpretada de diversas maneiras). A expressão semelhante "nestes últimos dias" em Hebreus 1.2 (ver o contexto) também se refere claramente ao período que começou com a vinda de Cristo em carne. Além do mais, o apóstolo João sabia que *já havia chegado* "o último tempo" (I Jo 2.18).

De conformidade com isso, as palavras de Paulo, aqui em 2 Timóteo 3.1, são mais bem interpretadas se lhes for dado este sentido: "Timóteo, compreenda constantemente que nestes últimos dias - esta extensa dispensação - *nos quais estamos agora vivendo,* virão tempos terríveis." Esses tempos virão e desaparecerão, e o último será pior que o primeiro. Serão tempos de impiedade crescente (Mt 24.12; Lc 18.8), que culminará com o clímax da maldade, a revelação do "homem do pecado" (2Ts 2.1-12; cf. Mt 24; Mc 13; Lc 21).

"Virão [aproximando-se como uma tempestade acompanhada de relâmpagos e trovões, até chegar com toda sua força] tempos terríveis." Isso é o que a passagem diz literalmente, com certa ênfase no adjetivo *terríveis, penosos* ou *difíceis* (de suportar). Esses tempos, pois, são épocas de muita pressão para a verdadeira igreja, *épocas* difíceis da nova dispensação, definidamente designados no decreto eterno de Deus.

Como ocorria com as profecias estreitamente relacionadas sobre os "tempos vindouros" (1Tm 4.1-5), assim também essapredição tem "um cumprimento múltiplo". Mas enquanto 1 Timóteo 4.1-5 advertia contra o advento do gnosticismo *ascético* e seus seguidores ao longo do curso da História, esta profecia trata mais enfaticamente do apareci-

152. Não obstante, o Antigo Testamento não distingue claramente entre as duas vindas, mas as trata como se fossem uma só.

mento dos gnósticos *antinomianos* ou *licenciosos* e daqueles que através dos séculos, ainda que tenham rejeitado algumas das estranhas teorias básicas, imitam o exemplo de mundanismo deles.

2-5. Virão tempos terríveis, porque as pessoas serão... É *o povo* (os membros da raça humana; os *homens* genericamente falando, não os "homens" distinguidos das "mulheres") que vive durante esses tempos terríveis que provocará toda a aflição. Segue uma lista de todas suas características pecaminosas. É bom compará-la com a de Romanos 1.29-31. Note em ambas as listas: a. *jactanciosos, altivos* (ou *soberbos*); b. *desobeclientes aos pais*; e c. *sem sentimentos* (ou *sem afeto natural).* Note também os sinônimos: Romanos tem *murmuradores* e *detratores* ("caluniadores"); 2 Timóteo, *caluniadores;* Romanos, *aborrecedores de Deus;* 2 Timóteo, *antes amantes dos prazeres do ciue amantes de Deus;* Romanos, *sem misericórdia;* 2 Timóteo, *implacáveis* (ou *imperdoáveis;* literalmente, *que não dão tréguas);* etc.

Aqui em 2 Timóteo, a lista tem dezenove itens (se os modificadores "antes amantes dos prazeres que amantes de Deus" e "que têm a forma da piedade, porém negando seu poder" forem considerados cada um sendo uma unidade).[153] Não se pode determinar com certeza se Paulo tinha em seus pensamentos alguma divisão, de modo que os dezenove itens podem ser divididos em grupos, cada um dos quais enfatizando uma idéia central. Não obstante, é certo que os itens 6-10 formam uma série ininterrupta no sentido de que todos começam com um prefixo de negação (à -privativa no original). Isso dividiria toda a lista em três grupos (itens 1-5; 6-10; 11-19), considerada estruturalmente. Não obstante, note que três dos itens do último grupo também começam com um prefixo negativo.[154]

Então a lista vem a ser:

153. Não posso entender a matemática de Lenski, *op. cit.,* p. 821. Ele conta "dezoito" itens e logo em seguida parece dividi-los (esses 18) em três grupos, que contêm respectivamente 5, 3 e 12 itens. Mas isto soma um total de 20, e não 18. Dar, sua interpretação alegórica das cifras (5. três de 4, e um 3 final) também parece ser um tanto duvidosa.

154. Naturalmente, é verdade que & -privativa não precisa ser traduzida por um prefixo negativo semelhante a *sin, in* etc. Uma palavra positiva pode ser substituída por uma negativa; por exemplo, "feroz" por "indomado". Em minha tradução optei por permanecer o mais próximo possível do "sabor" do original, sem mudar inteiramente o sentido da palavra.

egoístas, amantes do dinheiro, presunçosas, arrogantes, blasfemas, desobedientes a [seus] pais, ingratas, profanas, sem sentimento, implacáveis,

caluniadoras, sem domínio próprio, indômitas, desafeiçoadas para com o bem, traidoras, irresponsáveis, preconceituosas, mais amantes dos prazeres do que amantes de Deus, tendo a forma de piedade, negando, porém, seu poder.

Essas pessoas, pois, são, primeiramente, *egoístas.* Cf. Tito 1.7: "que agrada a si mesmo." Trench (par. xciii) toma a ilustração do ouriço que a. enrola-se sobre si mesmo, formando uma bola, deixando em seu interior a penugem suave e quente (cJuAccuioç, amante de si mesmo, egoísta); e b. exibe os espinhos agudos para quem estiver do lado de fora (aú0áõr|ç, que agrada a si próprio, soberbo, arrogante).

Uma vez que amam a si próprios, são também naturalmente *amantes do dinheiro* (amantes da prata). Pense nos fariseus qualificados em Lucas 16.14.

São *presunçosos e arrogantes* (cf. Rm 1.30). Essa palavra originalmente se referia a uma pessoa que viaja pelo país. Pode estar vendendo medicamentos, jactando-se de suas virtudes curativas, de onde vem "charlatão". Nesta passagem, porém, o sentido é jactância em geral.

Enquanto se jactam de si próprios e de suas mercadorias, seus logros ou talentos, tais pessoas são *altivas* (cf. Rm 1.30; então, Lc 1.51; Tg 4.6; lPe 5.5) em sua atitude para com os demais. Também são do tipo *soberbo,* arrogante.

Não surpreende que tais pessoas também sejam classificadas como *blasfemas.* Quando falam, *elas ferem* ou *prejudicam.* Usam linguagem desdenhosa, a qual insulta a Deus e aos homens (ver sobre lTm 6.4). O grupo de palavras formado em torno desta raiz conta com muitos exemplos no Novo Testamento. Quanto ao adjetivo *blasfemo* (usado aqui cm 2 Timóteo como substantivo), ver também Atos 6.11; 2 Pedro 2.11 (cf. Jd 9). Quanto ao verbo relacionado (*blasfemar*), ver sobre 1 Timóteo 1.20; quanto ao substantivo relacionado (*blasfêmia*), ver sobre 1 Timóteo 6.4.

A tais pessoas *faltam* as qualidades excelentes da submissão, gratidão, santidade, afeto por sua própria família e a atitude que revela per-

dão. Está implícito em cada caso que elas possuem a atitude oposta; são não só *desobedientes,* mas *rebeldes*; não só *indomáveis,* mas *ferozes',* não só *carentes de santidade,* mas *iníquas,* etc. Tomando estas cinco características, uma a uma, tais pessoas são classificadas como sendo, em primeiro lugar, *desobedientes* a seus pais (cf. Rm 1.30; então, Lc 1.17; At 26.9; Tt 1.16; 3.3).

Isto mostra que são *ingratas* (cf. Lc 6.35), que não apreciam os muitos atos de bondade que seus pais derramaram sobre elas; não apreciam as demais pessoas nem a Deus (cf. Rm 1.21, "nem deram graças"). Ainda que as bênçãos sejam bastante comuns, neste mundo não há "gratidão comum". "*Graça* comum" (a bondade de Deus para com todas suas criaturas, SI 145.9, 17; Jn 4.10, 11; Mt 5.43-45; Lc 6.35), sim; *"gratidão* comum", não!

Com respeito às coisas que têm sanção divina, são *profanas* ou *ímpias* (cf. lTm 1.9). Não reverenciam a santidade estabelecida. Isso implica que são *faltos de sentimentos,* ou carentes de compreensão, *desapiedadas, carentes* mesmo de afeto natural como o que os pais sentem pelos filhos e os filhos, pelos pais (cf. Rm 1.31).

Elas mostram esta mesma insensibilidade em todas as coisas, também em sua relação com seus semelhantes. Suas contendas não terminam nunca. Em seu campo jamais se derrama uma libação para simbolizar que aqueles que estavam em desacordo entre si consentiram em fazer uma trégua. São *implacáveis, irreconciliáveis.*

O último grupo mostra como estas atitudes interiores ou deficientes se expressam exteriormente em palavras de ódio e atos de crueldade.

Tais pessoas, pois, proferem epítetos falsos e/ou hostis e lançam acusações umas contra as outras. São *caluniadoras* e *falsas,* imitadoras do grande *Diabolos* (lTm 3.6, 7; Ef 4.27; 6.11, etc., palavra de freqüente presença no Novo Testamento). Jamais aprenderam a controlar-se; daí, são *irrefreáveis,* "desinibidas", absolutamente carentes de autodomínio, desprovidas de poder de refrear suas próprias tendências ou impulsos. Não havendo "criado juízo" jamais, são *indômitas, selvagens, ferozes.* Desprezam as virtudes; são *aborrecedoras do bem.* Seus associados são *entregues* por elas a seus inimigos, mesmo *antes* de sua ruína se tornar evidente. Portanto, são *traidoras,* que recebem

MUI salário de antemão, como Judas (cf. Lc 6.16; At 7.52). Nada as delem. Apressadamente se precipitam adiante em sua maldade, são *impetuosas* ou *precipitadas* em seus atos de violência (cf. At 19.36). Ninguém pode dizer-lhes nada, porque elas "sabem tudo", tão *cegas ' sido pela presunção* (ver sobre lTm 3.6; 6.4). Além do mais, essa i rgueira tem uma causa moral, espiritual. Sua raiz está no coração e na vontade, porque tais pessoas são completamente egoístas (note que a i Irscrição, ao chegar ao seu clímax, volta ao seu ponto de partida: "amantes de si mesmos"). São *amantes dos prazeres antes que* [ou *mais do t/ue | amantes de Deus.* Isto definitivamente não significa que também amam a Deus em alguma medida. Significa que não amam a Deus absolutamente (quanto a "antes que" ou "mais do que", neste sentido, ver também Jo 3.19; 12.43; At 4.19; 17.11; lTm 1.4; cf. expressões semelhantes em Lc 15.7; 18.14). Este tipo de pessoas não é encontrado apenas fora da igreja. Elas têm se infiltrado na igreja (e não só na igreja, ver v. 6). E mesmo quando são excluídas da igreja, ainda reivindicarão 0 título de cristãs eminentes. São ostensivas como tendo uma *forma,* um *exterior* ou *aparência* (cf. Rm 2.20) de *piedade* (ver sobre lTm *2.* '; 3.16; 4.7, 8; 6.3, 5, 6, 11); *negando*, porém (literalmente, "havendo negado de uma vez por todas"), seu poder.

Tais pessoas carecem da dinamite espiritual. Não nutrem amor por 1)eus, nem por sua revelação em Jesus Cristo, nem pelo povo. Daí, visto não serem homens cheios do Espírito, não surpreende que lhes falte poder.

E afaste-se de tais pessoas, diz Paulo (ver explicação nas pp. 345-346). Cf. 2 João 10.

6, 7. A razão por que Timóteo deve afastar-se de tais pessoas é agora indicada: **Porque desses círculos vêm aqueles que estão se infiltrando nos lares e estão tomando cativas mulheres levianas.**

Desses círculos (quanto à expressão grega, ver C.N.T. sobre Jo 1.24), dos homens referidos nos versículos 1-5, procedem os falsos profetas que se especializam na arte de cativar *mulheres.* Naturalmente, não são bem-sucedidos com *todas* as mulheres. Muitas mulheres são por demais sensíveis para tomar-se vítimas dos falsos profetas. Paulo tinha um elevado conceito dessas nobres mulheres e fazia bom

uso de seus talentos (ver sobre lTm 3.11; e sobre lTm 5.9, 10). Mas, em toda época há mulheres *volúveis* (ver sobre lTm 5.13), e essas se encontram tanto *na* igreja quanto *fora* dela.

Provavelmente, essas mulheres são visitadas por esses mercadores de falsas doutrinas quando o esposo não está em casa. Havia um começo desta prática nociva nos dias de Paulo - ou teremos que remontar-nos ao Paraíso? (Gn 3.1 -6a) -; tornar-se-ia ainda pior nos dias vindouros. Nós que vivemos no século 20 [e 21], sabemos que precisamente esta prática continua ainda hoje, e que os falsos profetas que se dedicam a ela têm uma semelhança muito estreita com os que viviam no tempo e época de Paulo. Também hoje, como muitos podem testificar, os homens que visitam as mulheres a fim de estender-lhes laços não levam a sério o pecado, com freqüência negam o castigo eterno, e em geral proclamam uma religião que satisfaz "a carne".

Tais homens, pois, se introduzem *nos lares* (plural de OLKÍIX, *habitação;* então, *lar, casa, família).* Por que saem em busca de *mulheres?* Seria porque sabem que as mulheres (especialmente as mulheres desse tipo) são mais fáceis de extraviar que os homens? Seria porque arrazoam assim: Uma vez que temos as mulheres do nosso lado, os homens virão espontaneamente? (Ver novamente Gn 3.) Por métodos justos ou injustos, esses homens *estão se metendo* (não necessariamente em cada caso: estão entrando furtivamente) nas unidades familiares. Por meio da própria novidade de suas doutrinas, as quais oferecem um caminho fácil de escape para qualquer pessoa que esteja incomodada com o pecado, esses intrometidos *cativam* (sentido original: *tomando com a lança;* aqui, porém, mais geral metafórico, *cativando) as mulheres levianas.* A fim de qualificar tais mulheres, o original usa um diminutivo que tem um sentido desdenhoso. Isto é difícil de ser reproduzido em inglês. Cf. o alemão *Weiblein;* e o holandês, *vrouwtjes;* "mulherinhas" não seria exatamente a tradução correta. Provavelmente "mulheres levianas" ou "mulheres de natureza fraca" ou "mulheres tolas" (A.V., A.R.V.) fariam jus ao original; cf. o coloquial, "simplórias". Essas são, de qualquer forma, mulheres "que não valem muito", "alvos fáceis" para esses falsos profetas.

Com o uso de três frases participiais, sendo a última uma frase composta, essas mulheres levianas são designadas mais precisamente:

sobrecarregadas de pecados, dominadas por vários impulsos, sempre aprendendo, e nunca são capazes de chegar ao reconhecimento de [a] verdade.

Antes de tudo, essas mulheres estão "sobrecarregadas de pecado" (quanto ao verbo, ver Rm 12.20). São *muito perversas,* e o fato de darem as boas-vindas aos [homens] de fala mansa parece indicar que seus pecados lhes têm produzido um sentimento de intranqüilidade, embora não no sentido de Romanos 7.24. Tais mulheres provavelmente *nutrem medo* das conseqüências de seus pecados, porém não se sentem necessariamente *envergonhadas* deles.

Em segundo lugar, "são arrastadas por diversos *impulsos"* (ou "*desejos*", ver explicação de 2Tm 2.22 no tocante ao significado da palavra). Não se declara quais são esses maus incentivos. Talvez possamos pensar em coisas tais como as seguintes: o desejo de achar uma via fácil para escaparem de seu complexo de culpa, o desejo de receber reconhecimento, de ser consideradas como "bem informadas", satisfazer a curiosidade, granjear a atenção de representantes proeminentes do sexo oposto, etc.

Em terceiro lugar, essas mulheres levianas estão *sempre aprendendo.* São discípulas ansiosas que "tragam tudo", enquanto, extasiadas, se sentam a ouvir seus licenciosos mestres e a admirá-los. Mas a falta de disposição em confessar francamente e resistir aos maus impulsos de sua natureza resulta em que "*nunca são capazes* de chegar ao reconhecimento da verdade" revelada no evangelho (cf. 1 Tm 2.4; 2Tm 2.25).

Ao fazer propaganda de suas nefastas doutrinas, indo de casa em casa a fim de alistar discípulas e auxiliadoras femininas, esses falsos mestres se tornam manifestos diante de todos os verdadeiros crentes como adversários de Deus e de sua verdade. Isto também tem seu cumprimento hoje, porque as famosas "testemunhas" (ou qualquer que seja o nome que recebam) estão sempre atacando as igrejas ortodoxas e aos seus ministros.

8. Diz Paulo: E **assim como Janes e Jambres se opuseram a Moisés, assim também esses homens se opõem à verdade, homens de mente corrupta e réprobos com respeito à fé.**

Quando Moisés disse a Faraó: "Deixe meu povo ir" (Êx 5.1), e

quando demonstrou que sua comissão era divina ao realizar milagres genuínos pelo poder de Deus (Ex 7.10, 20, etc), os magos de Faraó realizaram milagres que os imitaram (Ex 7.11, 22; 8.7; mas ver também 8.18, 19). A luz da tradição judaica,[155] com a qual Paulo estava bem familiarizado (havendo estudado com Gamaliel, At 22.3), cita o exemplo dos dois líderes entre os magos que, sejam quais forem seus verdadeiros nomes, eram conhecidos pelos judeus como "Janes e Jambres" (provavelmente do aramaico: "o que seduz e o que provoca rebelião"). O apóstolo tinha em mente a seguinte comparação:

Assim como Janes e Jambres *se opuseram* a Moisés, o representante de Deus, assim também estes líderes corruptos *se opõem* à verdade de Deus como revelada em sua Palavra e como proclamada por Paulo, Timóteo e outros.

Este ponto de comparação é declarado de forma definida. (Para outro ponto indubitável de comparação, ver abaixo, sobre o v. 9.) Não se pode provar se aqui no versículo 8 há algum outro ponto de comparação. Os seguintes são apenas probabilidades:

(1) Janes e Jambres eram enganadores; assim também os provedores de doutrina estranha contra quem Paulo adverte Timóteo.

(2) Se a tradução judaica pode ser confiável neste aspecto, Janes e Jambres se fizeram prosélitos, fingindo "conversão" à religião judaica. Quando viram que não podiam impedir o êxodo de Israel do Egito, lemos que se uniram à multidão que empreendia a marcha. Mais tarde (segundo a tradição judaica), *eles* foram os que induziram o povo a fazer um bezerro de ouro para adorá-lo. Portanto, eram hipócritas e, como tais, muito perigosos. Semelhantemente, os falsos líderes, a quem Paulo afirma, são altamente perigosos, porque pretendem ser genuinamente convertidos à religião cristã.

Paulo diz que os homens que está identificando são "de mente corrupta" (particípio passivo perfeito; cf. 1 Tm 6.5). No caso deles, o próprio órgão que foi dado aos homens para que pudesse receber as verda-

155. Os nomes Janes e Jambres aparecem com freqüência na literatura judaica mais recente, na pagã e na cristã primitiva. Para referências específicas, ver o artigo "Janes and Jambres" em *The New Schaff-Herzog Encydopiedia of Religious Knowledge,* vol. VI, p. 95.

tlrs espirituais e refletir sobre elas se corrompeu total e permanente-iiieulc. Como resultado, com respeito à fé (no sentido objetivo), tais homens foram achados dignos de uma enfática reprovação; daí, são /••*probos,* condenados como indignos, inúteis, desqualificados, completamente *rejeitados.*

0. Não obstante, há um motivo de incitamento. Diz Paulo: **Eles, porém, não irão muito longe, porque sua loucura será óbvia a todos, como também se deu com aqueles [dois homens].**

Por certo, os inimigos da fé progridem constantemente, em cresceu lc impiedade, e sua palavra corrói como uma gangrena (2Tm 2.16, I /), de tal modo que por algum tempo parece que vão lograr seu propósito, e que todo o organismo da igreja será destruído. Isto, porém, nunca ocorre, em nenhum dos muitos períodos da igreja, nem tampouco no fim desta era. O propósito é sempre o de desviar: *se possível,* até mesmo os eleitos (Mc 13.22), porém isto é sempre *impossível* O pensamento aqui é como o de 2 Timóteo 2.17, 18, seguido pelo confortante versículo 19. O sólido fundamento de Deus permanece firme. E neste sentido é verdade que os seguidores do erro "não irão *muito longe"* (parac-ul *nlelov,* neste sentido, considere também At 20.9). Sua *insensatez* (ausência de discernimento, loucura) se tornará *inteiramente evidente a todos.* Sem dúvida, os verdadeiros filhos de Deus percebem esta insensatez antes de todos. Depois, os demais também a perceberão; porque as pessoas mundanas têm a tendência de seguir primeiro um enganador, e em seguida outro. Por exemplo, os que ontem *glorificavam* a Stalin, hoje o *condenam* em termos não incertos! Precisamenle este mesmo fato ocorreu no caso de Janes e Jambres.

10 *Você,* contudo, seguiu meu ensino, minha conduta, meu propósito, minha fé, minha perseverança, meu amor, minha paciência, 11 minhas perseguições, meus sofrimentos, as coisas que me aconteceram em Antioquia, em Icônio, [e] em Lislia, as perseguições que enfrentei; todavia, de todas elas o Senhor me livrou! 12 I >c falo, iodos quantos desejam viver devotamente em Cristo Jesus serão perseguidos. 13 Além do mais, os homens maus e impostores continuarão de mal a pior, enganando e sendo enganados. 14 *Você,* contudo, deve continuar nas coisas que você aprendeu e das quais você se convenceu, sabendo de quem [as] aprendeu, 15 e que desde a infância você conhece os sagrados escritos, os quais são capa/es de fazê-lo sábio para a salvação por meio da te [que está] em Cristo Jesus. I (> 'Ioda Escritura [é] inspirada por Deus e proveitosa para o ensino, para a repro-

vação, para a correção, para educação na justiça, 17 a fim de que o homem de Deus seja equipado, totalmente equipado para toda boa obra.

3.10-17

10,11. Ora, diante do fato de que virão tempos terríveis, durante os quais os homens ímpios e impostores irão de mal a pior, Timóteo, que até então seguiu o ensino de Paulo, etc., deve esforçar-se ao máximo para *permanecer nesta* sã doutrina, a qual aprendeu de pessoas dignas de confiança e a qual tem por base os escritos divinamente inspirados, nos quais ele fora instruído desde os dias da infância. Diz Paulo: ***Você,* contudo, seguiu meu ensino, minha conduta, meu propósito, minha fé, minha perseverança, meu amor, minha paciência, minhas perseguições, meus sofrimentos, as coisas que me aconteceram em Antioquia, em Icônio, [e] em Listra, as perseguições que enfrentei.**

Entre os falsos mestres e Timóteo existia um agudo contraste, a ponto de Paulo exclamar: "*Você* [com forte ênfase nesse pronome], contudo, seguiu meu ensino", etc. O verbo *seguiu,* tanto em grego quanto em nosso idioma, quando é usado num sentido figurado, pode significar ou *vigiado, observado, investigado* (cf. Lc 1.3); ou *tomado como modelo, aderido a, copiado.* Ainda que o último sentido se ajuste bem quando associado com "meu ensino, minha conduta, meu propósito, minha fé", etc., não se ajusta bem com "as coisas que me aconteceram em Antioquia", etc. Provavelmente, o que o apóstolo quisesse dizer seja isto: "Timóteo, em contraste com nossos oponentes, *você* sente um profundo e solidário interesse em meu ensino, em minha conduta", etc. Assim interpretado, o verbo implica que Timóteo havia realmente tomado Paulo como seu modelo, e que, além disso, o havia ouvido com grande interesse quando relatava suas experiências, em algumas das quais (por exemplo, as ocorrido em Listra) o próprio jovem estivera intimamente envolvido.

Paulo, próximo da morte, está olhando retrospectivamente para toda sua vida de serviço a Cristo, especialmente aquela parte dela que começava com sua primeira viagem missionária e se estendia até aquele exato dia numa masmorra romana. Com respeito a toda esta longa viagem, ele diz em suma: "Você... seguiu meu ensino, conduta", etc.[156]

156. Esta, parece-me, é uma explicação mais natural do que a favorecida, entre outros.

No original, cada um dos detalhes com respeito aos quais Timóteo havia "seguido" a Paulo é definido. Daí, a tradução correta não é "meu ii si no, conduta, propósito", etc. (A.V. e A.R.V.), mas "meu ensino, minha conduta, meu propósito", etc., com "meu, minha" repetido an-Irs de cada item.

A lista de nove detalhes revela alguma ordem ou agrupamento de-l mulo? É impossível responder categoricamente a esta pergunta. Natuliiicnte, se alguma seqüência é salientada, deve ser uma caracterísi-i .i natural (pelo menos em alguma medida) de Paulo.[157] Uma divisão .nbilrária não seria de nenhum proveito. Não obstante, é preciso admi-i n que hoje não podemos estar certos de que *nossa* tentativa de salien-i ai por que um item da lista segue o outro corresponda ao raciocínio do *próprio Paulo.* Não obstante, se é permissível fazer tal tentativa - com .1 compreensão definida de que não passa de uma tentativa, que pode nu não ter pleno êxito -, eu sugeriria o seguinte:

Iodos os itens expressam ou implicam *obediência ao Senhor.* Os sele itens no versículo 10 são a manifestação da obediência ativa (até mesmo a *paciência,* ou seja, "*perseverança inabalável",* é ativa; e as-MIII a *longanimidade,* "o exercício da paciência em relação a outros"), ()s dois itens no versículo 11 são a manifestação de um tipo mais *pas-*v/iwde obediência: uma pessoa é *perseguida;* como resultado, ela *sofre.*

No primeiro grupo de sete há quatro itens que provavelmente vão (iinlos ("minha fé, minha longanimidade, meu amor, minha paciência"). E característica de Paulo unir *fé, amor* e *paciência* (lTs 1.3; 1 l in 6.11; Tt 2.2). As vezes aparece *esperança* em vez de *paciência,* sendo esta o fruto daquela: Colossenses 1.4, 5 ("fé, amor, esperança"); I Coríntios 13.13 ("fé, esperança, amor"). Aqui, em 2 Timóteo 3.10, não é estranho encontrar *longanimidade* numa subdivisão que também inclui *paciência.* Nestas duas a *paciência* do cristão é expressa (quanto • i distinção, ver mais adiante).

Conseqüentemente, chegamos ao seguinte agrupamento que pode-i ia estar na mente do autor:

|ŁŁ Bouma, *op. cit.,* p. 323, segundo a qual o aoristo seria ingressivo, e significaria: "Você i'Wi) *o ser* meu seguidor quando se transferiu do judaísmo para a fé cristã."

15/. Daí não poder eu concordar com o agrupamento apresentado por Lenski. *op. cit.*. p. K 11 Paulo não separaria assim *fé* e *amor.*

A. Expressões de Obediência Ativa (v. 10)

1. meu ensino, minha conduta, meu propósito (quanto à relação possível destes três, ver abaixo).
2. minha fé, minha longanimidade, meu amor, minha paciência

B. *Expressões de Obediência Passiva* (v. 11)

minhas perseguições (aquelas que experimentei), meus sofrimentos.

Quanto aos itens em separado, note o seguinte:

a. *meu ensino.* Logicamente, este vem primeiro, porque ele foi *o ensino* de Paulo, *o evangelho* que ele pregou, que antes de tudo impressionou Timóteo, e foi santificado em seu coração para a conversão (cf. At 14.12). Sobre esta palavra, *ensino,* ver também pp. 13-14, 16-17.

b. *minha conduta.* O modo de vida consagrado de Paulo (cf. ICo 4.17), seu comportamento completamente destituído de egoísmo, dando toda honra a Deus e recusando-se a receber qualquer honra para si mesmo, havia também deixado sua impressão em Timóteo (cf. At 14.13-18). Além do mais, não só no princípio, mas ao longo de sua associação com cada um dos ensinos de Paulo, e sua conduta em harmonia com aquele ensino fora constantemente observado com solidário interesse pelo jovem. Em sua própria vida, esses dois (ensino e conduta) produziram fruto.

c. *meu propósito.* O verdadeiro propósito interior de um homem não se faz claramente evidente na primeira vez que alguém o encontra. Ainda que as palavras pudessem ser muito agradáveis, ele poderia ser um enganador. Mas quando, no caso de Paulo, o ensino e a conduta estão em bela harmonia, não fica dúvida legítima quanto ao propósito da vida de alguém. Já no tempo da primeira visita de Paulo a Listra, Timóteo, sem dúvida, se persuadira de seu propósito e o fizera o seu. O regresso heróico do apóstolo (na própria primeira viagem missionária) à mesma cidade em que o havia apedrejado quase até a morte, fez com que este propósito ficasse ainda mais claro (ver especialmente At 14.22), e ainda mais, como algo que devia ser imitado. Experiências posteriores serviram para aclarar mais ainda e dar maior intensidade a essa "meta na vida".

Voltando agora ao grupo de quatro itens que parecem irmanar-se (como já mostrei anteriormente), o primeiro na lista é:

d. *minha fé.* Ocorrendo entre "meu propósito" e "minha longanimidade", a expressão "minha fé" é mais bem interpretada no sentido subjetivo: "a fé em Deus (e em sua verdade redentora) que eu exerço". Islo também havia exercido seu poderoso efeito sobre Timóteo e fora reproduzido em seu próprio coração e vida.

e. *minha longanimidacle.* Esta "paciência em relação a *pessoas"* (distinta de *resignação,* que é "paciência em meio a *circunstâncias adversas",* ver C.N.T. sobre 1 e 2 Tessalonicenses, pp. 293-294), sim, mesmo em relação aos *perseguidores,* Paulo a demonstrara repetidas vezes, desde precisamente o dia em que pela primeira vez conheceu Timóteo em Listra.

f. *meu amor.* Provavelmente nesse contexto em relação a *pessoas,* inclusive os *inimigos.*

g. *minha paciência.* Quanto à definição, ver alínea e., acima. A inabalável perseverança em meio às circunstâncias adversas, a graça de manter-se firme, fora uma característica de Paulo ao longo de sua gloriosa carreira missionária. Até certo ponto, Timóteo havia captado o espírito.

Quanto à obediência passiva (também refletida em Timóteo), o apóstolo prossegue:

h. *minhas perseguições,* as que suportei; e, por fim, seu efeito nalural ou conseqüências:

i. *meus sofrimentos,* pela causa de Cristo, naturalmente (Rm 8.17, 18; 2Co 12.10; Cl 1.24). Para ver que tipo de perseguições e sofrimentos Paulo teve que suportar, o leitor pode ler a lista de 2 Coríntios 11.21-33. Em alguns deles Timóteo também participara.

De forma alguma causa surpresa que em relação às perseguições e aos sofrimentos, Paulo diga: "as coisas que me aconteceram em Antioquia, em Icônio, [e] em Listra", porque estes eram os mesmos lugares que ele visitara em sua primeira viagem missionária, a viagem em que Timóteo ouvira a pregação de Paulo em Listra, provavelmente fora testemunha da cura milagrosa do coxo de nascença, a forma pela qual Paulo (e Barnabé) contiveram a multidão para que não os adorasse, bem como o apedrejamento. De forma muito vivida, Timóteo teria lembrado que o povo, crendo que Paulo estivesse morto, o arrastara para

fora da cidade (cidade natal de *Timóteo*, com toda probabilidade). Leia Atos 14. Nessa ocasião, ou pouco depois, o recém-convertido poderia ter-se inteirado das tribulações sofridas pelos missionários antes de chegarem a Listra, ou seja, em Antioquia (expulsão), e em Icônio (a mente dos gentios, envenenada pelos judeus contra eles e a ameaça de dano físico). Ao dizer: "as coisas que me aconteceram", e "as perseguições que sofri", o apóstolo indica: a. o caráter ou natureza dessas dolorosas experiências (foram muito graves, muito amargas) e, provavelmente, b. o fato de que muitos sofrimentos semelhantes, por causa do evangelho, o haviam seguido em sua atividade até esse exato momento.

A vivida lembrança dessas aflições, que passam em rápida sucessão ante os olhos da mente de Paulo, levam-no, à guisa de contraste, a exclamar: **todavia** (ΚΑΙ é indubitavelmente adversativa aqui) **de todas elas o Senhor me livrou!** Que o tímido Timóteo se lembre disso (SI 27.1-5; SI 91; 125; Is 43.2; Na 1.7). O Senhor *sempre* resgata seu povo, com freqüência *da* morte, às vezes *par meio da* morte. De qualquer modo, nada os separa de seu amor (Rm 8.38, 39).

12. O fato de que os crentes estejam intimamente unidos com Cristo significa que *essencialmente* (ainda que não em grau) *todos* devem sofrer o vitupério de Cristo. Diz Paulo: **De fato, todos quantos desejam viver devotamente em Cristo Jesus serão perseguidos.**

Nas Pastorais aparece repetidas vezes a idéia de uma vida piedosa ou devota (ver p. 19; em seguida, quanto ao substantivo, comentário sobre 1Tm 2.2; 3.16; 4.7, 8; 6.3, 5, 6, 11; 2Tm 3.5; Tt 1.1; quanto ao verbo relacionado, ver 1Tm 5.4. Aqui em 2Tm 3.12 e também em Tt 2.12 usa-se o advérbio). Mas ainda que as palavras formadas a partir dessa raiz às vezes apareçam em sentido geral e também se apliquem à vida religiosa pagã (ver M.M., pp. 265, 266), Paulo fala distintamente de quem deseja viver devotamente *em Cristo Jesus.* As pessoas em quem ele está pensando haviam tomado uma séria resolução, com o auxílio e a graça de Deus, de viver uma vida de devoção *a Cristo.* Elas vivem em íntima comunhão *com ele* (Jo 15.4, 5; G1 2.20; Fp 3.10).

Agora o apóstolo faz a declaração explícita de que todos os que desejam viver devotamente em Cristo Jesus *serão perseguidos.* A experiência de Paulo (ver v. 11, supra) não é de modo algum peculiar. As

cicatrizes são o preço que *todo* crente paga por sua lealdade a Cristo. I issas são também as *credenciais* diante de Deus.

A razão por que a perseguição espera a todos os que estão firmemente resolvidos a adornar sua confissão com uma verdadeira vida cristã é que, em meio às contradições provenientes de todos os lados, eles se recusam ou a fechar seus ouvidos ou a ceder e a fazer acordo. Em vez disso, eles encaram o inimigo e o desafiam ao combate. Marcham em linha reta, defendendo ousadamente a fé contra todo e qualquer ataque, e corajosamente atacam a fortaleza da incredulidade. O resultado é a perseguição, às vezes muito amarga.

Este caráter inevitável da perseguição é uma verdade que a Escritura proclama por toda parte (especialmente em passagens tais como Ml 5.10-12; 10.28; Jo 15.17-20; 16.1-4, 33; ITs 3.4). O fato de que Timóteo sabe de antemão que também isto se acha incluso no decreto de Deus e se concretiza dentro da esfera da providência de Deus que sempre faz com que do mal resulte o bem, deve ser uma fonte de consolo para ele e para todos os crentes genuínos. O consolo se faz ainda maior quando lemos o versículo 12 à luz do contexto imediatamente precedente: mesmo em meio à amarga perseguição, os interesses de lodo crente estão perfeitamente seguros ante aquele cujo nome é Libertador.

13. Entre os versículos 12 e 13 não há contraste. Não se introduz um contraste até chegar ao versículo 14, semelhante em natureza ao que se encontra no início do versículo 10 (em ambos os casos, *"Você,* contudo"). A perseguição é a parte de cada crente; daí, continuará. I ísta é a idéia que o apóstolo esboçou no versículo 12. Agora ele declara a razão pela qual prossegue: os ímpios não desistirão jamais, senão que aumentarão sua impiedade. Diz Paulo: **Além do mais, os homens maus e impostores irão de mal a pior, enganando e sendo enganados.** Esses homens "maus" e "impostores" são os mencionados nos versículos 2-9. Não se deve ter em mente dois grupos mutuamente exclusivos (um formado só por "homens maus" e o outro, só por "impostores"). E *um só e o mesmo grupo,* com *um* predicado que se aplica a cada um dos inclusos no grupo, ainda que no sujeito sejam usadas *duas* palavras apropriadas para caracterizar esse grupo. Tais pessoas se chamam: a. *homens maus* (cf. ICo 5.13; 2Ts 3.2), homens cujas atitudes,

desejos, palavras e obras são maus (ver vv. 1-9), e cujo senhor é "o mal" (cf. 2Ts 3.3; então, Mt 6.13). b. Tais pessoas são chamadas im*postores* (YÓrycec, usada somente aqui no Novo Testamento). São enganadores, indivíduos astutos e maliciosos. Neste aspecto - não necessariamente na capacidade de operar mágica -, nos lembram Janes e Jambres (ver comentário sobre o v. 8, supra).

Tais homens maus e impostores, que perseguem os crentes sinceros e procuram extraviar a todos, "irão de mal a pior", ou seja, *interiormente:* moral e espiritualmente, enganando e sendo enganados" (ver vv. 6-8).[15S] A implicação é que enquanto estão preocupados em enganar a terceiros, eles mesmos estão sendo enganados. O castigo que recebem os que querem enganar a outros é "um poder enganoso". Sua arma é o engano; são degolados pelo engano. Eles crêem, ou tentam convencer-se de que as falsidades por meio das quais põem laço aos demais lhes lograrão a plena felicidade e a vitória final. Nisso ficarão completamente frustrados (ver C.N.T. sobre 2Ts 2.11). Não obstante, a ênfase nessa passagem não está em "sendo enganados", mas em "enganando", como é evidente à luz das palavras que seguem imediatamente. Embora alguns caiam nos embustes, Timóteo deve estar em guarda. Que ele permaneça inflexível e resoluto. Diz Paulo:

14,15. *Você,* **contudo, deve continuar nas coisas que tem aprendido e das quais você se tem convencido.**

Você (note a posição enfática no original, bem no início da oração, como no v. 10) deve seguir um curso que é o oposto exato daquele que foi seguido pelos falsos mestres e seus adeptos. Timóteo, pois, é aqui admoestado a *continuar* ou *permanecer* em "as coisas" (as doutrinas

158. A expressão é quase proverbial. Cf. Filo, *On The Migmtúm of Abraham*„ XV, "pretendendo enganar, eles são enganados". Ovídio, *Metamorphoses*, X1V.8 1: "Estando ela mesma desapontada, desapontou a todos." Agostinho, *Confissões*, VII.2: "enganadores enganados."

Depois de criar um instrumento de morte para Mordecai, Hamã descobre tarde demais que o mesmo vai ser o instrumento de sua própria execução. Perilos de Atenas, desejando queimar vivos a outros por meio de seu "touro de metal", ele mesmo foi ali queimado. Hughes Aubriot construiu a Bastilha para ali confinar outros, mas ele mesmo foi o primeiro a ser confinado nela. O bispo de Verdun, que inventou a jaula de ferro para castigo de outros, foi o primeiro homem a ser aprisionado nela. E Rebent Morton foi o primeiro a perder a cabeça na Donzela (uma espécie de guilhotina), a qual ele mesmo desenhara para a decapitação de outros.

baseadas na Santa Escritura, ver vv. 15, 16) que ele aprendera e das quais se convencera. Quando ele as aprendera? E quando se convencera delas? O tempo usado no original não especifica. Simplesmente *afirma* o fato histórico de que Timóteo aprendera e se convencera.[159] A luz do contexto (v. 15) deduzimos que os dois fatos (aprender e convencer-se) começaram a produzir-se numa idade muito tenra. E natural presumir que havia continuado até o exato momento em que Paulo o admoesta a permanecer nessas coisas. A aprendizagem havia crescido ao longo dos anos e a convicção se aprofundara.

Note que *aprender* não basta. O que se aprendeu deve ser aplicado pelo Espírito Santo ao coração, para que também *se chegue ao convencimento,* com uma convicção que transforme a vida.

Segundo a construção gramatical mais natural, Paulo declara duas razões pelas quais Timóteo deve perseverar nas coisas que aprendera e das quais se convencera. *Na realidade,* as duas razões são apenas *uma,* porque o testemunho de seres humanos a respeito dos assuntos de fé nada significam à parte da Palavra; não obstante, visto que a Deus aprouve comunicar, *por meio de indivíduos humanos devotos,* à mente e ao coração de Timóteo a mensagem da Palavra, é inteiramente próprio falar de *duas razões'.*

a. O caráter fidedigno daqueles que haviam instruído Timóteo nessas doutrinas (v. 14b); e

b. a excelência superior das sagradas letras sobre as quais essas doutrinas estão baseadas (v. 15).

A primeira razão é expressa nestas palavras: **sabendo de quem as aprendeu.** Timóteo não deve jamais esquecer que ele aprendera essas coisas de ninguém menos que o próprio Paulo (ver vv. 10 e 11, supra) e, retrocedendo no tempo, daquelas duas mui estimadas dignidades: a avó Lóide e a mãe Eunice (2Tm 1.5), mulheres que, antes de sua conversão à fé cristã, introduziram o pequeno Timóteo em "as sagradas letras", e que, havendo uma vez aceito Jesus como seu Senhor e Salva-

159. A teoria de alguns intérpretes, a saber, que o tempo aoristo expressa que Timóteo aprendera e se convencera dessas coisas num momento definido (por exemplo, "antes de vir a ser cristão", Bouma, *op. cit.,* p. 328) é questionável. Muito melhor é o ponto de vista de Lenski, *op. cit.,* p. 836: ambos os aoristos são simplesmente declarativos. Simplesmente sumariam o passado, sem indicação de tempo definido.

dor, foram usadas como instrumentos nas mãos divinas em cooperação com Paulo na importante tarefa de levar o jovem a ver em Cristo o cumprimento das promessas do Antigo Testamento.

É evidente que Paulo, Lóide, Eunice e outros que pudessem ter nutrido Timóteo, não são considerados autoridades independentes, separadas da Palavra, mas como fontes secundárias ou intermediárias de conhecimento, avenidas de instrução, e mesmo assim *só por que aceitavam as Escrituras*! - Daí, aqui não se consideram *basicamente* Tradição *e* Escrituras autoritativas (o que realmente significa Tradição *se sobrepondo às* Escrituras). A *Escritura sozinha* (ver vv. 15. e 16) *é a autoridade final,* e a tradição só é importante na medida em que adere às Escrituras e as comunica. Quando assim ocorre, ela é de importância considerável, e isso especialmente na educação dos filhos que ainda não sabem ler ou não sabem por si sós interpretar as Escrituras!

Conseqüentemente, a segunda - e única que é realmente *básica* - razão pela qual Timóteo deve perseverar nas coisas que aprendera e das quais se convencera é: **e que desde a infância você conheceu [os] sagrados escritos, os quais podem fazê-lo sábio para a salvação pela fé [que está] em Cristo Jesus.**

Princípios e Métodos de Educação em Israel
Antecedentes para a Compreensão de 2 Timóteo 3.15

(1) Entre os judeus, a educação era definitivamente *teocêntrica* quanto a princípios, conteúdo e métodos. *O israelita piedoso ensinava seus filhos porque Jeová lhe ordenava agir assim.* Ele instruía seus filhos *com respeito* à *verba et gesta Dei* (palavras e feitos de Deus), *como registrado em* "os sagrados escritos". Isto é evidente em todo o Antigo Testamento (Gn 18.19; Êx 10.2; 12.26, 27; 13.14-16; Dt 4.9, 10; 6.7, 9; 11.19; 32.46; Is 38.19; e muitas outras passagens; cf. também Josefo, *Antiquities,* IV.viii .12).

(2) Naturalmente, *o conteúdo* desse corpo de educação teocêntrica era "O temor do Senhor é o princípio do saber, e o conhecimento do Santo é prudência" (Pv 1.7; 9.10). Este era também *seu propósito:* "De tudo o que se tem ouvido, a suma é: Teme a Deus e guarda os seus mandamentos; porque isto é o dever de todo homem" (Ec 12.13).

(3) *A princípio,* como se depreende claramente de muitas das passa-

gens citadas, a educação física, mental, moral e espiritual da criança eslava centrada *exclusivamente no lar*, com a participação tanto do pai «[(tanto da mãe. Os filhos pequenos, meninos e meninas, recebiam a nisirução de sua mãe, a qual ficava encarregada da educação das meninas cm idades mais avançadas. Em contrapartida, os meninos logo ficavam sob o cuidado do pai. *Mesmo em épocas posteriores* (quando o pai e a mãe recebiam ajuda externa na educação de seus filhos; ver (14)) a influência dos pais piedosos e seus esforços em guiar seus filhos no temor de Deus continuou sendo proeminente.

(4) *As crianças,* por sua vez, eram admoestadas a prestar atenção à instrução de seu pai e a não rejeitar o ensino de sua mãe (Pv 1.8; 6.20). *i.ram ensinadas a honrar e a obedecer* aos seus pais (Êx 20.12; 21.15-17; Lv 20.9; Dt 21.18; Pv 30.17; cf. Ef 6.1-3). As Escrituras refutam a falsidade destrutiva da alma de que se deve permitir à criança fazer "o que lhe agrada". Os pais piedosos não infligiam essa crueldade a seus tenros filhinhos!

(5) A razão pela qual não se deixava tudo a critério da criança consistia em que *o pequenino era considerado* não só imaturo (esta era uma razão por si só suficiente), mas também *pecador por natureza,* e portanto incapaz de escolher por si só o bem (SI 51.5).

(6) Compreendendo que nenhuma sabedoria ou piedade humana é capaz de competir com os tremendos prejuízos causados pelo pecado, *os pais piedosos encomendavam seus filhos a Deus* e ao seu benevolente cuidado (Jó 1.5).

(7) Em Israel, a educação centrada em Deus tinha início quando a criança era ainda bem pequena (1 Sm 1.27, 28; 2.11, 18, 19; cf. Josefo, *Against Apion,* 1.12; Susana 3; IV Macabeus 18.9). O propósito de começar bem cedo é expresso de forma muito bela nas palavras de Provérbios 22.6: "Ensina a criança no caminho em que deve andar | literalmente, "segundo seu caminho"), e ainda quando for velho não se desviará dele."

(8) Em meio à difícil tarefa de educar adequadamente seus filhos, *os israelitas recebiam muito incentivo da. promessa do pacto de Deus:* "I Estabelecerei minha aliança entre mim e ti e tua descendência depois dc ti no decurso das gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e

de tua descendência" (Gn 17.7; SI 74.20; 105.8, 9), uma promessa que se concretiza organicamente no coração e na vida de todos os que pelo poder revigorante da graça soberana de Deus estão firmemente resolvidos a render-se completamente a ele. (Cf. At 2.38, 39; G1 3.9, 29.)

(9) Em vista do fato de que a criança era considerada pecadora por natureza, mas que pela graça era passível de mudança interior, *não se descartava a disciplina* como algo sem proveito ou injusto. A vara da correção não era poupada, todavia era usada com discrição, visto que a repreensão sábia era considerada geralmente melhor que centenas de varadas (Pv 13.24; 23.13, 14; em também 17.10).

(10) Acima de tudo, *os pais amavam seus filhos* e os educavam no espírito do amor (SI 103.13). As crianças judias não eram forçadas a devotar todo seu tempo ao trabalho e ao estudo. Tinham seus jogos (Zc 8.5; Mt 11.16-18).

(11) Ainda que *os israelitas piedosos* tomassem muitas decisões por seus filhos, eles *os preparavam para saber escolher por si mesmos* (Js 24.15).

(12) A *educação* em Israel *era* de um caráter *muito prático.* Tudo indica que mesmo as crianças menores muitas vezes aprendiam a ler e a escrever (Is 10.19; cf. Josefo, *Against Apion,* II. 25), embora seja impossível precisar a extensão dessa habilidade (cf. Is 29.11, 12). É bem notório que ensinavam às crianças um trabalho e as estimulavam a aprender uma profissão.

(13) Quanto à metodologia, como regra geral, os israelitas não tinham aversão pela memorização. Até certo ponto, a necessidade exigia e o senso comum ditava que a memorização recebesse um lugar de proeminência no sistema educativo (Is 28.10). As vezes esse método podia receber uma ênfase indevida, assim como na atualidade se põe *bem pouca* ênfase sobre ele.

A noção de que os educadores só deviam fazer aquelas perguntas que ninguém senão a criança deve responder (!) só era favorecida por homem como Eli ("Por que fazem essas coisas?", ISm 2.23), que fracassou miseravelmente na tarefa de criar seus filhos. *Deus exigia que, ao fazer perguntas, fossem dadas respostas definidas* (Ex 13.8; Dt 6.7; 6.20-25; 11.19; Js 12.26-28); que aos filhos fossem ensinados os esta-

lutos de Jeová; que se transmitisse de geração em geração um corpo de verdade em relação às palavras e aos feitos de Jeová.

(14) Ainda que a princípio a educação da criança fosse considerada como tarefa e responsabilidade só dos pais, em períodos posteriores os sacerdotes e levitas, profetas e tutores especiais (especialmente no caso das famílias abastadas, Nm 11.12; 2Sm 12.25; 2Rs 10.1; lCr 27.32; Is 49.23), "homens sábios", escribas e rabinos, todos davam sua contribuição para elevar o nível cultural da juventude e da nação.

Depois do exílio (especialmente no tempo de Simão ben Shatah, cerca de 70 a.C.), devido à influência dos escribas, surgiu gradualmente uma nova ordem de instituições educacionais ou "escolas". A escola era chamada "casa" ou "lugar" (hebraico, *Beth).* A escola primária ou elementar se denominava *Beth-Ha-Sefer* ("lugar de escrever"); a escola que os jovens talentosos freqüentavam se chamava *Beth-Ha-Midrash* ("lugar de estudo"), enquanto para as massas surgiu a *Beth-Ha-Keneseth* ("lugar de assembléia"). No curso do tempo, esse "lugar" (ou "casa") de assembléia começou a ser conhecido por seu nome grego, de igual significado, "sinagoga".

(15) À luz do livro de Daniel é evidente que o sistema de educação religiosa se centralizava no lar, *fosse formal* (comunicando instrução específica e sistemática) ou *informal* (ensinando *pelo exemplo)* - em conexão com as festas, uniram-se a educação formal e a informal - realmente teve eficácia. Mesmo nas terras do exílio, os jovens que haviam sido criados nos caminhos de Jeová se negavam, mesmo com o risco de perder a vida, a contaminar-se ou a render homenagem a pessoa ou coisa que não fosse o Deus de seus país. Desse modo, através da escura noite do cativeiro e do domínio estrangeiro, o exemplo de piedade paternal, a doutrinação nos estatutos de Jeová (SI 119.33), serviu como uma lâmpada para os pés e luz para o caminho (SI 119.105). Também serviu para estreitar a unidade do povo, e onde quer que fosse praticada com diligência, evitou a perda de sua identidade espiritual e, em muitos casos, fez com que fossem uma bênção para seus vizinhos pagãos.[160]

Por conseguinte, a avó Lóide e a mãe Eunice haviam instruído o

160. Além das Escrituras propriamente ditas, foram consultadas as seguintes referências i oiu respeito à educação entre os judeus:

"pequeno" Timóteo (2Tm 1.5) à maneira dos israelitas piedosos. Note a expressão "desde a infância". Literalmente, Paulo diz: "*desde pequeno.*." Em algumas passagens, a palavra usada no original indica *uma criança ainda não nascida* (Lc 1.41, 44); em outros lugares simplesmente *uma criança bem pequena*, um bebê ou infante (Lc 2.12, 16; 18.15; At 7.19; lPe 2.2). Não obstante, quando Paulo escreve: *"Você,* contudo, deve continuar nas coisas que tem aprendido e das quais se convenceu, porque... *desde a infância* você tem conhecido [os] sagrados escritos", ele não está pensando somente na *primeira infância* de Timóteo, mas está se referindo à vida de Timóteo desde os dias de sua infância *até esse exato momento.* Ao longo de todo o período, Timóteo passou a conhecer os escritos sacros, havendo aprendido a conhecê-los cada vez melhor.

Abrahams, Israel (org.), *Hebrew Ehtical Wills,* Filadélfia, 1926. especialmente o capítulo III, "A Falher's Admonition" (de Judah ibn Tibbon).

Bavinck, H., *Paedagogische Beginselen,* Kampen, 1904, especialmente pp. 26, 27.

Benzinger, I., artigo "Family and Marriage Relations", especialmente parágrafo 15, *The New SchaffHerzog Encyclopctedia of Religious Knowledge.* vol. 4, p. 277.

Berkhof, L., *Biblical Archaeoiogy,* Grand Rapids, MI. 1915, p. 68.

Day, E., *Social Life of die Hebrews,* Nova York, 1901.

Drazin, N., *History of Jewish Education from 515 B.C.E. a 220 C.E.,* Baltimore, 1940.

Edersheim, A., *The Life and Times of Jesus die Messiah,* dois volumes, Nova York, 1897, especialmente vol. I, pp. 226-234.

Finkelstein, L. (org.), *The Jews, Their History, Culture, and Religion,* Nova York, dois volumes; ver especialmente vol. II, eap. 21, "The Role of Education in Jewish History" (de Julius B. Maller).

Gispen, W. H., "Bijbelsche Arcbaeologic" em *Bijbelsch Handboek,* dois volumes, Kampen, 1935, ver voi. I, pp. 252, 253.

Guigncbert, Charles, *The Jewish World in the Time of Jesus,* versão inglesa de S. H. Jooke, Londres, 1938.

Kuiper. A. Jr.. "De Opvoeding in het Huisgezin", em *Christendom En Opvoeding* (vários autores), Baarn, pp. 33-75.

Leipziger, *Education ofthe Jews.* Nova York. 1890.

Mackie, G. M., *Bible Manners and Customs,* Londres, 1898.

Marcus, Samuel, *Die Paedagogik des israelitischen Volkes.* dois volumes. Viena, 1877.

Meyer, H. H., artigo "Education" em l.S.B.E.

Miller, M. S. e J. L„ *Encyciopedia of Bible Life,* Nova York e Londres, 1944, pp. 390-392.

Schuerer, Emil, *A History of the Jewish People,* Edimburgo, 1893, especialmente vol. II, "The Scribes", "School and Synagogue".

Seeley, *History of Education,* Nova York, Cincinnati, Chicago, 1914, Capítulo V, "The Jews" (pp. 44-49).

Straek, Hermann L., *Introduction to the Talmud and Midrash,* Filadélfia, 1931.

Isso também indica que a expressão "sagrados escritos" não significa apenas o "ABC que você aprendeu da Bíblia quando era pequeno" (como muitos intérpretes afirmam). Por "escritos sagrados", o apóstolo simplesmente quer dizer *o Antigo Testamento.* As palavras têm uma história. O fato de que ypáp(ia tenha o sentido primário "aquilo que é delineado ou traçado", daí *caráter, letra, escrito,* de forma alguma nos compele a aceitar tal significado *aqui.* Ver C.N.T. sobre João 7.14, 15. Em Josefo, "escritos sagrados" significa o Velho Testamento (*Antiquilies,* X. x. 4; *Against Apion,* I. 10). Ele apresenta a lista dos livros pertencentes a ele em *Against Apion,* I. 8. Esta lista mostra que seu Antigo Testamento era o mesmo que o nosso (ver a explanação em meu livro *Bible Survey,* pp. 19, 20).

Paulo usa a expressão "escritos sagrados" aqui no versículo 15, porém "toda escritura" no versículo 16, pela simples razão de que ele deseja estabelecer uma distinção entre o Antigo Testamento (v. 15) e *qualquer outra* que tenha o direito de chamar-se escritura divinamente inspirada (v. 16). A última compreende mais que a primeira. Não obslante, Paulo não estaria errado em dizer que Timóteo fora instruído em *"toda* escritura" *desde os dias de sua infância,* pois quando ele era bem pequeno, Lóide e Eunice só conheciam o Antigo Testamento. Mas era definitivamente certo que, desde sua mais tenra idade até o momento em que Paulo está escrevendo essas palavras, Timóteo estivera constantemente aumentando seu conhecimento do *Antigo Testamento.* Que ele, pois, permaneça firme na fé. Que ele continue apegado àquilo que aprendera tão plenamente e do que se convencera de todo o coração!

Que esta é a explicação correta, também se toma claro à luz das palavras que se segue, ou seja: "os sagrados escritos... os quais podem fazê-lo sábio para a salvação." As letras do alfabeto (mesmo quando aprendido na própria Bíblia!), o simples ABC, não pode fazer alguém sábio para a salvação; os escritos sagrados podem! Eles são "o testemunho de Jeová" e seus "mandamentos" qu*t fazem uma pessoa sábia* (SI 19.7; 119.98; em ambos os casos o mesmo verbo é usado na Septuaginta como o é aqui em 2 Timóteo 3.15; ver LXX SI 18.8; 118.98). São essas que levam uma pessoa a escolher o melhor meio com o fim de alcançar a meta mais elevada. E *essa é* verdadeira sabedoria! Note bem: "sábio *para a salvação"* (Rm 11.11; Fp 1.19; 2.12, etc.). O que

está incluso nesse rico conceito já foi explicado em relação a 1 Timóteo 1.15.

Ora, essa maravilhosa obra de Deus, pela qual os pecadores são emancipados do maior dos males e entram na posse do maior dos bens, não é produzido de uma forma mecânica por simplesmente ouvir, ler ou estudar "os escritos sagrados". É necessário aprender a visualizar Cristo Jesus no Antigo Testamento. É necessário que a pessoa *renda sua vida* (note: "pela fé") ao Salvador Ungido, sem o qual "os escritos sagrados" não têm sentido (sobre Cristo como o cumprimento do Antigo Testamento, ver Lucas 24.27, 32, 44; Jo 5.39, 46; At 3.18, 24; 7.52; 10.43; 13.29; 26.22, 23; 28.23; IPe 1.10).

16,17. Paulo agora expande a idéia que ele acaba de expressar. Ele faz isto de três formas:

a. Não é somente "os escritos sagrados" (v. 15) que são de inestimável valor; também o é "*toda* escritura".

b. Esta literatura sagrada não só "faz sábio para a salvação" (v. 15), mas é também definitivamente inspirada por Deus e, como tal, capaz de levar uma pessoa a ser inteiramente apta "para toda boa obra".

c. Beneficiará não só a *Timóteo* (v. 15), mas também fará o mesmo a *todo* "homem de Deus".

Conseqüentemente, Paulo escreve: Toda escritura[161] [é][162] inspi-

161. Não é verdade que a ausência do artigo nos obrigue a adotar a tradução da A.R.V., "cada escritura". A palavra Escritura pode ser definida mesmo sem o artigo (IPe 2.6; 2Pe 1.20). Semelhantemente, trSç Topaí^ significa "todo Israel" (Rm 11.26). Ver Gram. N.T., p. 772. Mas ainda que a tradução "cada escritura" seja aceita, o significado resultante não diferiria muito, porque, se "cada escritura" é inspirada, "toda escritura" deve ser também inspirada.

162. A tradução mais natural de SÍÓTTWUOTOÇ KKL ú(|)éA.i|IOI; é "inspirada por Deus e útil". Não posso ver nenhuma razão que obrigue a inserir a ligação entre os dois modificadores, que resulte em: "inspirada por Deus *é também* útil." Além do mais, se *"inspirada par Deus é* atributivo, «aí no sentido de *também* seria supérfluo: "Toda escritura inspirada por Deus é útil", etc., bastaria.

No abstrato se apresenta outra possibilidade, a saber, que adotemos a tradução "inspirada por Deus e útil", mas considerar ambos como atributivos; então, "Toda escritura inspirada por Deus e útil para o ensino", etc. Não obstante, quando se faz isso, a oração oscila. "Pende no vazio", sem predicado.

Portanto, é evidente que, com respeito à construção gramatical, não há uma razão sólida

rada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para preparar na justiça.

Toda escritura, distinta de "[os] escritos sagrados" (ver a respeito comentário sobre o v. 15), significa tudo o que, por meio do testemunho do Espírito Santo na igreja, é reconhecido pela igreja como canônico, ou seja, com autoridade. Quando Paulo escreveu estas palavras, a referência direta era a um corpo de literatura sagrada que ainda então compreendia mais que o Antigo Testamento (ver comentário sobre 1 Ts 5.18; também, nota 160). Depois, no final do 1.° século d.C., "toda escritura" já havia sido completada. Ainda que a história do reconhecimento, da revisão e da ratificação do cânon foi fosse um tanto complicada, e a aceitação dos 66 livros de forma virtualmente universal não lenha ocorrido imediatamente em todas as regiões em que a igreja eslava representada - sendo uma das razões o fato de que por longo tempo certos livros menores ainda não haviam *chegado* a todos os rincões da igreja não obstante permanece verdadeiro que os crentes genuínos que foram os recipientes originais dos vários livros de inspiração divina os consideraram imediatamente como investidos de autoridade c majestade divinas. Não obstante, o que se deve enfatizar é que esses livros são a Bíblia inspirada não por que a igreja, em certa data, muito lempo antes, assim tenha decidido (a decisão do Concilio de Hipona, 393 d.C.; de Cartago, 397 d.C.); ao contrário, os 66 livros, à luz de seu próprio conteúdo, imediatamente testificam ao coração do homem que ele tem o Espírito Santo vivendo nele, de que ele é um oráculo vivo de Deus. Daí os crentes se encherem de profunda reverência onde quer que ouvem a voz de Deus que lhes fala por intermédio da Santa Escritura (ver 2Rs 22 e 23). Toda escritura é canônica porque Deus a fez assim!

A palavra *divinamente inspirada,* que ocorre somente aqui,[163] indi-

|>aru afastar-se do ponto de vista que forma a base da A.V. Ainda que não seja o único ponto de vista possível, parece ser o mais natural. Sua tradução "Toda a escritura é inspirada por I >cus" é excelente. Igualmente são quase idênticas as traduções que se encontram no texto • la R.S.V.

163. StÓTiyeuoioç não significa "Deus inspirando", bafejando o espírito divino", mas é passivo: "inspirado por Deus." Cf. 2 Pedro 1.21. Ver o argumento detalhado cm B. B. Warfield, *The Inspiration and Authority ofthe Bible,* Filadélfia. PA., 1948, pp, 245-296.

ca que "toda escritura" deve sua origem e seu conteúdo ao supro divino, ao Espírito de Deus. Os autores humanos foram guiados poderosamente pelo Espírito Santo. Com resultado, o que eles escreveram não só está isento de erro, mas é de valor supremo para o homem. E *tudo o* que Deus quis que fosse. Constitui a infalível regra de fé e prática para a humanidade.

Não obstante, o Espírito não suprimiu a personalidade humana do autor, mas a elevou ao seu maior nível de atividade (Jo 14.26). E, visto que a individualidade do autor humano não foi destruída, encontramos na Bíblia uma ampla variedade de estilo e linguagem. Em outros termos, a inspiração é orgânica, não mecânica. Isto também implica que ela nunca deve ser considerada em separado das muitas atividades que serviram para levar o autor humano ao cenário da História. Ao fazê-lo nascer em determinado lugar e tempo, ao conceder-lhes alguns dons específicos, ao equipá-lo com um tipo definido de educação, ao fazê-lo passar por experiências predeterminadas, e ao fazê-lo lembrar-se de certos fatos e suas implicações, o Espírito preparou sua consciência humana. Em seguida, o mesmo Espírito o impeliu a escrever. Finalmente, durante o processo da escrita, o mesmo Autor Primário, numa conexão completamente orgânica com toda a atividade precedente, sugeriu à mente do autor humano esta linguagem (as próprias palavras) e o estilo que seria o veículo mais apropriado para a interpretação das idéias divinas para o povo de toda estirpe, posição, idade e raça. Portanto, embora cada palavra seja verdadeiramente de um autor humano, é ainda mais verdadeiramente a palavra de Deus.[164]

Embora a expressão *inspirada por Deus* ocorra somente aqui, a idéia se encontra em muitas outras passagens (Êx 20.1; 2Sm 23.2; Is 8.20; Ml 4.4; Mt 1.22; Lc 24.44; Jo 1.23; 5.39; 10.34, 35; 14.26; 16.13; 19.36, 37; 20.9; At 1.16; 7.38; 13.34; Rm 1.2; 3.2; 4.23; 9.17; 15.4; ICo 2.4-10; 6.16; 9.10; 14.37; Gl 1.11, 12; 3.8, 16, 22; 4.30; ITs 1.5; 2.13; Hb 1.1,2; 3.7; 9.8; 10.15; 2Pe 1.21; 3.16; 1JO4.6; e Ap 22.19).

Ora, em virtude do fato de "toda escritura" ser inspirada por Deus, ela é *útil* ou *benéfica* ou *proveitosa.* Ela é muito prática, sim, um ins-

164. Ver J. Orr, *Revelation and Inspiration.* Londres, 1911; H. Bavinck, *Gerefonneerde Doginatiek,* terceira edição, vol. I, p. 464.

Inimento ou ferramenta indispensável para *o mestre* (implícito aqui). Timóteo faria bem em usá-la:

a. *para o ensino.* O que está implícito é a atividade de comunicar conhecimento acerca da revelação de Deus em Cristo. Ver sobre 1 Timóteo 5.17. Isto é sempre básico a tudo mais.

b. *para repreensão* (cf. SI 38.14; 39.11). É preciso fazer advertências baseadas na Palavra. Os erros em doutrina e em conduta devem ser refutados no espírito de amor. Os perigos devem ser realçados. Os falsos mestres devem ser expostos (cf. lTm 5.20; Tt 1.9, 13; 2.15; então Ef 5.18; e ver C.N.T. sobre João 16.8-11).

c. *para correção* (ver M.M., p. 229). Se *repreensão* enfatiza o aspecto negativo da obra pastoral, a *correção* enfatiza o lado positivo. O pecador deve ser não só advertido a abandonar a vereda errada, mas deve ser também guiado na vereda *certa* ou *reta* (Dn 12.3). Isto também "toda escritura" é capaz de fazer. A Palavra, especialmente quando é usada por um consagrado servo de Deus que é diligente no cumprimento de seus deveres pastorais, é *restaurada* em seu caráter (cf. Jo 21.15-17).

d. *para a preparação na justiça* (cf. 2Tm 2.22). O mestre deve preparar seu povo. Cada cristão necessita ser disciplinado, de modo que prospere na esfera onde a vontade santa de Deus seja considerada normativa. Este é o caráter do *treinamento na justiça* (cf. Tt 2.11-14).

O mestre (neste caso de Timóteo, porém a palavra se aplica a alguém a quem as almas humanas são confiadas) necessita de "toda escritura", a fim de capacitá-lo a cumprir sua quádrupla tarefa (ensinar, administrar repreensão, corrigir, treinar na justiça), com um glorioso propósito em mente, propósito este que a sua própria maneira e a seu próprio tempo Deus levará à concretização nos corações de todo seu povo: **a fim de que o homem de Deus seja equipado, plenamente equipado para toda boa obra.**

O homem de Deus (ver sobre lTm 6.11) é o crente. *Cada* crente, considerado como pertencente a Deus, e como investido com o tríplice ofício de profeta, sacerdote e rei, recebe aqui este título. Para exercer adequadamente este tríplice ofício, o crente deve ser bem *equipado* (note a ênfase do original; literalmente, "...que equipado possa ser o

homem de Deus"); sim, uma vez por todas, *plenamente equipado* (cf. Lc 6.40) "para toda boa obra" (lTm 5.10; 2Tm 2.21; Tt 3.1). Paulo (e o Espírito Santo falando por intermédio dele) não se satisfaz enquanto a Palavra de Deus não cumprir plenamente sua missão e o crente não tiver alcançado "a medida da estatura da plenitude de Cristo" (Ef 4.12, 13).

O ideal a ser concretizado é deveras glorioso! O poder para alcançá-lo vem de Deus. Daí, que Timóteo permaneça firme. Que ele *permaneça* na doutrina genuína, aplicando-a sempre que se lhe depare a oportunidade.

Síntese do Capítulo 3

Ver o Esboço no início do capítulo.

Timóteo deve *permanecer* na sã doutrina. Deve envidar todo esforço em consegui-lo diante do fato de que nestes últimos dias - ou seja, na era introduzida pela primeira vinda de Cristo - virão tempos difíceis. Ele deve compreender isso. Os mercadores de sinistras falsidades já não estão se manifestando justamente agora? Tais indivíduos são caracterizados pelo amor ao *ego* e aos seus próprios prazeres, em vez de amar a *Deus,* pela desobediência a seus superiores, ingratidão para com seus benfeitores, atitude implacável para com as pessoas que lhes são agradáveis e uma indisposição em refrear seus próprios maus desejos. Não obstante, eles usam a religião como fachada. São impostores, porque embora mantenham uma fachada religiosa negam seu poder. Timóteo deve ficar longe de tais pessoas.

Desses círculos procedem os homens que se introduzem furtivamente nos lares dos membros de igrejas com o propósito de caçar mulheres levianas, mulheres que estão sobrecarregas com má consciência, e que não obstante são impenitentes, levadas por diversos impulsos, e que, a despeito de toda a "instrução" que recebem, nunca são capazes de chegar ao reconhecimento da verdade.

Esses homens que andam à caça de mulheres, e os demais que pertencem aos mesmos círculos, fazem com que nos lembremos de Janes e Jambres, homens que, segundo a tradição, eram os líderes dos magos de Faraó. Da maneira como aqueles *se opunham* a Moisés, estes *se opõem* à verdade. Eles têm a mente corrompida e são completamente

imiteis e desqualificados no que se refere à fé. Não obstante, não irão longe, porque sua estultícia se fará evidente a todos como o foi a de lanes e Jambres.

Outra razão pela qual Timóteo deve esforçar-se por todos os meios por *permanecer* na sã doutrina é o fato de que ela está baseada no fundamento mais digno de confiança. Timóteo não tem tido o apóstolo como modelo de obediência ativa *("minha* confiança, *minha* conduta, etc.) e passiva *("meus* perseguidores, *meus* sofrimentos")? Não nutrira ele um vivo interesse pelas perseguições que Paulo enfrentara, começando com a primeira viagem missionária - Antioquia, Icônio e Listra , viagem essa que havia significado tanto para o próprio Timóteo? Paulo recorda vivamente especialmente esse fato, o qual deveria animar Timóteo, a saber, que embora a perseguição seja a porção de quem desejar viver uma vida cristã sincera, visto que os homens maus e impostores continuam de mal a pior, enganando e sendo enganados, não obstante o Senhor proteja os seus fiéis! Não livrou ele a Paulo de Iodas essas perseguições? Que Timóteo, pois, *permaneça* nas coisas que aprendera e das quais se convencera, tendo constantemente em mente de que tipo de pessoas recebera esse conhecimento, a saber, daquelas que foram suas sábias mentoras desde os dias de sua mais tenra infância. Desde a infância até então ele conheceu os escritos saciados - o Antigo Testamento -, havendo aprendido a conhecê-los cada vez melhor. Estes são os escritos que são capazes de tornar um homem sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Além do mais, isto vale não só com respeito aos escritos inspirados do Antigo Testamento, mas também com respeito à revelação ainda mais especial de Deus que foi depositada na forma escrita. De fato, *toda* esta escritura (hoje diríamos: tanto o Antigo quanto o Novo Testamento) é inspirada por Deus e *útil* - indispensável ao mestre ! - para ensinar, para advertir o pecador ,i afastar-se da injustiça, para conduzi-lo na vereda da justiça; daí, para 11 finá-lo na justiça; a fim de que, como resultado, "o homem de Deus", nu seja, o crente, assim instruído e guiado, seja equipado, sim, *plenamente* equipado para toda boa obra.

ESBOÇO DO CAPÍTULO 4

Tema: *O Apóstolo Paulo Diz a Timóteo o que Faz.er no Interesse da Sã Doutrina*

Pregue-a "exorto-o"

4.1-8 A tempo, a fora de tempo, porque vem a apostasia.

Permaneça fiel, em vista do fato de que "estou para partir".

4.9-22 Assuntos de informação pessoal, recomendações, saudações.

CAPÍTULO 4

– < $ > –

2 TIMÓTEO 4.1

4 1 Conjuro-o diante de Deus e de Cristo Jesus, que julgará os vivos e os mortos, e por seu aparecimento e seu reino: 2 proclame a palavra; esteja preparado a lempo e fora de tempo; reprove, repreenda, admoeste, com toda longanimidade e doutrina. 3 Porque chegará o tempo quando os homens não suportarão a sã doutrina; tendo, porém, coceira nos ouvidos, acumularão para si mestres que se ajustam ás suas próprias fantasias; 4 c afastarão seus ouvidos da verdade e se voltarão para os mitos.

5 Quanto a você, contudo, seja sóbrio em todas as questões, suporte as dificuldades, faça a obra de evangelista, desincumba-se de seu ministério de forma plena.

6 Porque já estou sendo derramado como libaçâo, e o tempo de minha partida já chegou. 7 O grande combate combati, a corrida terminei, a fé guardei. 8 Para o futuro, há seguramente guardada para mim a coroa da justiça, que o Senhor, o justo Juiz, me dará naquele dia, e não somente a mim, mas a todos os que amaram seu aparecimento.

4.1-8

1. Subjacente ao pensamento expresso no parágrafo inicial do capítulo 4 estão os "tempos difíceis" do desvio da fé, os quais foram comentados no capítulo 3. Anda que, em certo sentido, esses tempos sejam certamente futuros (3.1; 4.3), não se deve imaginar como sendo os mesmos totalmente separados e sem qualquer relação com as condições já presentes quando Paulo está escrevendo. O próprio fato de que Paulo admoesta Timóteo a cumprir seu ministério, reprovando e repreendendo sempre que se fizer necessário, e permanecendo sóbrio em meio a todas as circunstâncias adversas, mostra que a heresia futura é vista como um desenvolvimento do erro atual. A apostasia vindoura é uma etapa a mais no desenvolvimento do desvio da verdade que já se acha presente.

Mas embora o cenário dos capítulos 3 e 4 seja o mesmo, discerne-se, não obstante, uma diferença de abordagem. O capítulo 3 realça o fato de que Timóteo, confrontado com uma crescente oposição à verdade, deve *permanecer* na verdadeira doutrina. O capítulo 4 dá preeminência ao dever de Timóteo de *proclamar* esta doutrina. Que ele "fale" enquanto o povo está ainda disposto a ouvir. Nem sempre estarão dispostos. Que o "arauto" do evangelho cumpra seu ministério até as últimas conseqüências.

Conseqüentemente, Paulo escreve: **Conjuro-o diante de Deus e de Cristo Jesus que julgará os vivos e os mortos, e por seu aparecimento e seu reino.**

Para o sentido de "conjuro-o[165] diante de Deus e de Cristo Jesus", ver sobre 1 Timóteo 5.21. E já às vésperas de sua morte que Paulo delega essa final e soleníssima incumbência. Ele dirige a atenção de Timóteo para Deus e Cristo Jesus, em cuja presença a incumbência é delegada e recebida. Ele põe Timóteo sob juramento de cumprir a incumbência. E a Deus e ao Salvador Ungido que Timóteo (e Paulo também, naturalmente) terá de prestar contas. E este é o Cristo que "está para" julgar. Em certo sentido, justamente agora se podem ouvir seus passos que se aproximam. Ele está a caminho. Paulo enfatiza a certeza de sua vinda e seu caráter iminente, porém não fixa data alguma.

Ora, este Cristo Jesus julgará "os vivos", ou seja, os que ainda estarão vivendo sobre a terra no momento da segunda vinda; e "os mortos", ou seja, os que naquela ocasião estiverem mortos. (Ver também Mt 25.31-46; Lc 18.8; Jo 5.27-29; ICo 15.51,52; 1 Ts 4.13-18; Ap 20.11-15).

A idéia de que Cristo vem para julgar surge amiúde no pensamento de Paulo (Rm 2.16; ICo 4.5; 2Co 4.5; 2Ts 1.7-9; cf. At 17.31). É possível que a expressão "julgará os vivos e os mortos" já tivesse se convertido numa fórmula fixa, como tudo indica à luz de fórmulas semelhantes em Atos 10.42 e 1 Pedro 4.5. Provavelmente já fosse parte de

165. A tradução "conjuro" (A.V., A.R.V., R.S.V.) é correta. O contexto requer esta tradução *conjurar* ou *adjurar,* não *solenemente testifique*; pois o que se segue (no v. 2) é um *encargo,* não um *testemunho.* Para o ponto de vista oposto, ver Robertson *(Word Pictures,* Vol. 4. p. 629) e Lenski, *op. cit.,* p. 850.

uma confissão batismal, explicada aos eatecúmenos e confessada depois pelos mesmos no batismo. De fórmulas como esta surgiu o *Credo tios Apóstolos.*[66]

Paulo, além disso, conjura Timóteo por um glorioso *aparecimento* futuro de Cristo, ou seja, por sua resplandecente Segunda Vinda, considerada como o nascer do sol (ver também verso 8; lTm6.14; Tt 2.13; ver sobre 2Tm 1.10; também C.N.T. sobre 2Ts 2.8; e cf. Ml 4.2), e *por*[161] *sua majestosa realeza,* realeza que então assumirá plenamente (com referência a essa realeza perfeita, ver o v. 18; então, C.N.T. sobre I Ts 2.12 e sobre 2Ts 1.5, especialmente nota *e).* Se Timóteo obedecer, ele participará da glória da epifania e do Reino (e se desobedecer, ele a perderá) (lTs 4.13-18; cf. 3.13; 2Tm 2.12; Ap 3.21; 22.5).

2. Por meio de cinco imperativos enérgicos (todos eles aoristos) apresenta-se o conteúdo da incumbência: **proclame a palavra; esteja preparado a tempo e a fora de tempo; reprove, repreenda, admoeste, com toda longanimidade e doutrina.**

a. "Proclame[168] a palavra." Isto é básico no tocante aos outros qua(ro imperativos. A tradução "*Proclame* a palavra" é inteiramente correta, se o verbo *pregar* for entendido em seu sentido primário, etimológico (do latim, *prcedicare): proclamar diante do público,* e não no senlido desfibrado que hoje amiúde se lhe dá: "enunciar um discurso moral ou religioso de qualquer tipo e de qualquer maneira." A palavra

166. Ver P. Schaff, *Creeds of Christendom,* três volumes, Nova York e Londres, edição de 1919, vol. 1, pp. 16-23.

167. O acusativo dos substantivos *epifania* e *reino* (ou "realeza") tem sido chamado de "adjuração" ou "conjuração" (cf. Mc 5.7; At 19.13; lTs 5.27; cf. LXX sobre Dt 4.26; 30.19; 31.28).

168. Em Paulo, o *verbo* "proclamar" (Kripúooo) ocorre nas seguintes passagens: Romanos 2.21; 10.8, 14. 15; 1 Coríntios 1.23:9.27; 15.11, 12; 2 Coríntios 1.19; 4.5; 11.4; Gálatas 2.2; 5.11; Filipenses 1.15; Colossenses 1.23; 1 Tessalonicenses 2.9; I Timóteo 3.16; 2 límóteo 4.2. E também de freqüente ocorrência nos sinóticos e em Atos. Encontra-se uma vez em Pedro (1 Pe 3.19): uma vez em Apocalipse (5.2). O *substantivo* "proclamação" (KT) puQ encontra-se em 1 Timóteo 2.7 e 2 Timóteo 1.11. No Novo Testamento, à parte de Paulo, aparece somente em 2 Pedro 2.5. "Proclamação por meio de um arauto", "anunciação" (Kiípuypa) se encontra em Romanos 16.25; 1 Coríntios 1.21; 2.4; 15.14; 2 Timóteo 4.17; Tito 1.3. Além de suas ocorrências em Paulo, este substantivo também ocorre em Mateus 12.41 e em Lucas 11.32.

Os sinônimos são eúaYYeÀÍÇio (anunciar boas-novas); e em certos contextos, KaiayykXXw (proclamar, declarar).

empregada no original significa *proclamar* (cf. Mt 10.27); literalmente, *anunciar*, dar a conhecer oficial e publicamente um assunto de grande significação. Naturalmente, toda pregação deve ser proclamação (Rm 10.14, 15). Paulo se denomina um *arauto* (ver nota de rodapé 168). Por ordem de seu superior, ele fez uma declaração autoritativa, pública, vigorosa. Ele aqui ordena a Timóteo que seja também um arauto.

Segundo a Escritura, pois, "*proclamar" ou "pregar" é geralmente a proclamação divinamente autorizada da mensagem de Deus aos homens. E o exercício de embaixador."*[9]

Isto é evidente à luz dos seguintes exemplos. Somos informados de que todos esses homens "proclamaram":

Noé

"Deus destruirá o mundo. Convertam-se de seus pecados!" Ou com palavras semelhantes (2Pe 2.5; cf. IPe 3.19).

Jonas

"Ainda quarenta dias, eNínive será subvertida!" (Jn 3.4; Mt 12.41; Lc 11.32).

João Batista

"Arrependam-se, porque o reino do céu está próximo!"

"Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!" (Mt 3.1,2; Jo 1.29).

O Endemoninhado Geraseno Curado

"Deus tem feito grandes coisas por mim!" (Lc 8.39).

O Apóstolo Paulo

"Jesus é o Cristo!" (At 9.20).

"Longe de mim gloriar-me, senão na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo!" (Gl 6.14).

"Mas agora Cristo ressuscitou dentre os mortos, as primícias dos que dormem!" (ICo 15.20; cf. vv. 55-58; ITs 4.13-18).

169. As palavras têm história. Portanto, não surpreende que também este verbo, como tantos outros, é às vezes usado num sentido mais geral, a saber, com respeito a urna proclamação ou anunciação que *não* é divinamente autorizada, Marcos 1.45; 7.36.

Semelhantemente, lemos que os doze, Filipe o evangelista, Pedro em Cesaréia, "um anjo forte" e outros "pregaram" ("proclamaram"). O verbo é ainda usado em conexão com Cristo, pois ele também estava trazendo a mensagem de Deus aos homens.

O arauto leva a mensagem *de Deus.* Hoje certamente se inclui criteriosa exposição do texto na obra de "proclamação" ou "pregação". Mas a proclamação ou pregação genuína é vivida, não seca; oportuna, não obsoleta. *E a proclamação fervorosa de novas iniciadas por Deus. Não é a especulação abstrata sobre pontos de vista excogitados pelo homem.*

O tímido Timóteo não deve ter medo de pregar *a palavra,* ou seja, *o evangelho* (ver comentário sobre 2Tm 2.8, 9; cf. Mc 1.14; 16.15; ITs 2.9). E *a verdadeira mensagem* de redenção em Cristo, e como tal se opõe a toda *falsidade* (ver v. 4). Além do mais, em agudo contraste com a freqüente *infiltração* furtiva praticada por Satanás e seus servos (2Tm 3.6) está essa *proclamação* pública e difusa por alguém que leva as boas-novas e publica a paz (Na 1.15; Rm 10.15).[170]

Como esta proclamação deve ser realizada, ela é indicada pelos quatro imperativos seguintes:

b. "Esteja preparado a tempo e a fora de tempo." Seja bem recebido ou não, Timóteo deve estar sempre "pronto"[171] com a mensagem de Deus. Ele deve aproveitar a oportunidade (Ef 5.16).

170. Não se deve atribuir à "proclamação" qualidades que não lhe pertencem propriamente. Não é correto o ponto de vista - mantido por alguns (ver, por exemplo, Alan Richardson, artigo "Preach, Teach" em /4 *Theological Word Book ofthe Bihle,* Nova York, 1952, pp. 171, 172) - de que o termo "proclamação" e seus sinônimos nada têm que ver com a pregação de sermões aos conversos, mas sempre indica a proclamação das boas-novas *ao mundo não-cristão.* Sem dúvida, quando a igreja estava ainda em sua infância, e quando ainda no mundo romano a maioria das pessoas não havia ouvido ainda o evangelho, era posta grande ênfase na atividade missionária. E o auditório missionário naturalmente era formado exclusivamente ou em sua maioria de pessoas não-convertidas, quer judeus ou gentios. Mas isso não significa que, quando se está edificando *os crentes* na fé, a mensagem que ouvem deixa de ser "kerugma" (ver Rm 16.25) e que o mensageiro deixa de ser "arauto".

171. Visto que em todos os outros lugares no Novo Testamento o verbo tenha o sentido de "chegar", "aproximar-se", "estar presente", "estar pronto" (ou o significado bem estreitamente relacionado "apossar-se", "apressar-se"), significado que também é adequado ao presente contexto, não vejo razão para adotar aqui um sentido distinto (como "instar" ou "continuar").

c. "Reprove" ou "Convença". Ver comentário sobre 2 Timóteo 3.16 para o substantivo relacionado. O pecado deve pesar na consciência do pecador para que ele se arrependa. Ver discussão pormenorizada deste verbo em C.N.T. sobre João 16.8, especialmente nota 200.

d. "Repreenda." No processo de reprovar ou de convencer o pecador, este deve ser repreendido severamente. Não se deve reduzir a gravidade de seu pecado.

e. "Admoeste." Não obstante, as demandas do amor devem ser plenamente satisfeitas. De mãos dadas com a repreensão pertinente deve haver uma admoestação paterna, terna. Ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 2.7-12; e para uma explicação detalhada do verbo "admoestar" (exortar), ver sobre 1 Timóteo 5.1.

Modificando cada um dos três imperativos está a bela frase "com toda longanimidade e doutrina", que significa "com paciência suprema e com esmerada atividade pedagógica". Cf. uma combinação similar em 2 Timóteo 2.24: "manso com todos, qualificado para ensinar."

Esta longanimidade é uma virtude tanto distintamente cristã (2Co 6.6; Ef 4.2; Cl 1.11; 3.12; e ver C.N.T. sobre lTs 5.14), quanto (em outro lugar) um atributo divino (Rm 2.4; lTm 1.16). Note que *longanimidade* (tardio em irar-se, amável e paciente para com as pessoas que têm errado) e *disposição para ensinar* vão juntas. Nenhuma é completa sem a outra. A maneira como Paulo tratou o fornicário em Corinto ilustra o que ele tem em mente por "reprove, repreenda, admoeste com toda longanimidade e doutrina" (1 Co 5.1 -8, 13; 2Co 2.5-11). Um exemplo muito anterior é o tratamento que Natã deu a Davi (2Sm 12.1-15).

3 e 4. Agora se apresenta uma razão que mostra por que Timóteo deve ser diligente na obra de pregar o evangelho e de reprovar, repreender e admoestar. **Porque virá o tempo quando os homens não suportarão a sã doutrina.**

Em qualquer período da História (ver sobre 2Tm 3.1) haverá épocas durante as quais os homens se negarão a ouvir a sã doutrina. A medida que a História avança rumo à consumação, esta situação se tornar pior. Os homens não suportarão ou não tolerarão a verdade, a doutrina que é chamada sã, porque promove a saúde espiritual (ver sobre lTm 1.10). **Mas, tendo coceira nos ouvidos, acumularão para**

si **mestres que se ajustam às suas fantasias.** Não é o arauto do evangelho quem falha, mas *o ouvir* dos homens volúveis que formam o auditório! Eles têm ouvidos que *comicham* (de um verbo que no ativo significa *fazer cócegas;* daí, no passivo, *sentir cócegas,* e assim *coçar;* l igura: "sentir um desejo irritante"). Seu anseio é ter mestres que se ajustem às suas *fantasias* ou *gostos pervertidos* (ver sobre 2Tm 2.22). Tão grande é este anelo, que amontoam mestre sobre mestre. Isto nos lembra Jeremias 5.31: "Os profetas profetizam falsamente, e os sacerdotes dominam de mãos dadas com eles"; e Ezequiel 33.32: "Eis que lu és para eles como quem canta canções de amor, que tem voz suave e tange bem; porque ouvem tuas palavras, mas não as põem por obra." O povo aqui citado está mais interessado em algo diferente, algo sensacional, do que na verdade pura e simplesmente. E quando se lhes apresenta a pura verdade (como certamente o fez Ezequiel), não estão interessados na verdade em si, mas apenas *na forma* em que ela é apresentada, o "estilo", a "oratória" do pregador, ...o *próprio* pregador, sua voz, seu porte, sua aparência, seu maneirismo. Aqui em 2 Timóteo 4.3, 4, a ênfase está posta no apego a histórias fascinantes e especulações filosóficas: **e afastarão seus ouvidos da verdade e se voltarão para os mitos.** As pessoas não conseguem digerir a verdade redentora de Deus, a qual trata do pecado e da condenação, com a necessidade de uma mudança interior, etc. (cf. 2Tm 3.15-17). *Afastam-se* dela (como em 2Tm 1.15) e *se voltam* (como em 1 Tm 1.6) para "os mitos", aquelas velhas fábulas familiares mencionadas anteriormente (ver sobre lTm 1.4, 7; 4.7; Tt 1.14; cf. 2Pe 1.16) ou algo que se lhes assemelhe. Sempre há mestres que se dispõem a coçar e fazer cócegas nos ouvidos de quem deseja que se lhes faça assim" (Clemente de Alexandria, *The Stromata,* I. iii).

5. Quanto a você, contudo... Cf. 3.10, **14.** Note o agudo e duplo contraste. O versículo 5 é tanto o clímax dos versículos 1 -5 quanto a introdução aos versículos 5-8. *Como um clímax,* ele traça um contraste entre Timóteo e a multidão leviana dos versículos 3 e 4. *Como introdução,* ele traça um contraste entre Timóteo, ainda no meio da batalha, e Paulo que *tem enfrentado* a grande batalha. No início do versículo, predomina o primeiro desses dois contrastes; no final, o segundo.

Paulo escreve: **seja sóbrio em todas as questões, suporte as di-**

ficuldades, faça a obra de evangelista, desincumba-se de seu ministério de forma plena. A pessoa sóbria é tranqüila, estável e racional (cf. 1Pe 4.7; ver C.N.T. sobre 1Ts 5.6, 8). Ela não se deixa intoxicar por mórbido anseio por tudo quanto é sensacional ou sentimental. Não desvia seus ouvidos da verdade, nem os volta para os mitos. O apóstolo exige que Timóteo demonstre essa tranqüilidade e atitude bem equilibrada "em todas as questões". Isto significa, naturalmente, que também com respeito ao sofrimento em prol do evangelho, Timóteo não deve buscar os sofrimentos, de um lado, nem queixar-se deles, do outro. Simplesmente, deve fazer a obra de evangelista (pregador do evangelho, At 21.8; Ef 4.11), plenamente disposto a suportar maus-tratos sempre que lhe toque assim sofrer, até mesmo regozijando-se de que seja assim considerado digno de sofrer desonra pelo nome de Cristo (At 5.41; sobre o verbo, ver 2Tm 2.9; cf. o verbo similar em 2Tm 1.8). Não deve permitir que algo o detenha, mas deve cumprir seu ministério evangélico *até às últimas conseqüências*: pregando a palavra, estando preparado a tempo e a fora de tempo, reprovando, repreendendo e admoestando com toda longanimidade e doutrina.

6-8. Timóteo, pois, deve "pregar a palavra", etc., não só porque virá a apostasia (vv. 1-4), mas também em vista do fato de que Paulo está prestes a velejar para as praias da eternidade. Quando o homem mais idoso é convocado às esferas mais elevadas, o jovem terá que preencher a brecha. Deve empunhar a tocha e conduzi-la avante. Este segundo pensamento explica o "porquê" no início do versículo 6.

Numa das passagens mais sublimes e comoventes, que com respeito à magnificência de pensamento e dignidade do ritmo provavelmente seja insuperável nas epístolas de Paulo, o apóstolo conduz esta carta - e sua carreira apostólica - ao seu maravilhoso final:

Porque já estou sendo derramado como libação sobre o sacrifício, e o tempo de minha partida já chegou.

A grande batalha combati, a carreira terminei, a fé guardei.

Para o futuro, há seguramente guardada para mim a coroa da justiça, a qual o Senhor, o justo Juiz, guardará para mim naquele dia, e não somente para mim, mas para todos quantos têm amado seu aparecimento.

Um tema possível para esta passagem seria:

Em Três Tempos, Paulo, o Prisioneiro do Senhor, Expressa Triunfantemente Sua Fé

Isto é assim dividido:

1. Versículo 6: A Ratificação de Sua Fé Quanto ao Presente
2. Versículo 7: O Resumo de Sua Fé Quanto ao Passado
3. Versículo 8: A Exultação de Sua Fé Quanto ao Futuro

1. A Ratificação de Sua Fé Quanto ao Presente

Quando Paulo escreve: "Porque já estou sendo derramado como libação sobre o sacrifício", ele está fazendo uma *profissão de fé.* Ele não denomina sua horrível prisão atual, com seu resultado que já não aparenta dúvidas, de *morte,* mas de *lihação sobre o sacrifício,* comparável à libação de vinho que se derramava junto ao altar. Conforme a lei (Nm 15.1-10), quando se sacrificava um cordeiro, a libação consistia de um quarto de um hin de vinho (1 hin = 3.7 litros); quando a oferenda era um carneiro, a libação prescrita era um terço de um hin; e por um bezerro era meio hin. Como esse vinho *era derramado gradualmente,* era *uma oferenda* e era o *ato final* de toda a cerimônia sacrifieial, representava de forma muito adequada a decadência gradual da vida de Paulo, o fato de que estava apresentando sua vida a Deus como oferenda, e a idéia de que, enquanto olhava toda sua carreira de fé como "um sacrifício vivo" (Rm 12.1; cf. 15.16), considerava a etapa atual de sua vida como *o ato sacrificial final.*

Semelhantemente, quando o apóstolo acrescenta: "E o tempo de minha partida já chegou", ele uma vez mais está fazendo uma *profissão de fé.* A palavra *tempo* (Kcapóç) é inteiramente apropriada neste contexto, porque: a. o apóstolo está pensando não só no momento da execução, mas nessa prisão inteira e final que estava para terminar com a execução; e b. ele vê este período final sob o simbolismo da saída de um navio, que em sua vinda e ida está sujeito às estações (cf. Al 27.12).

()ra, esse tempo ou estação apropriada é aqui chamada "o tempo de minha partida". O significado primário da frase usada no original é "de minha *soltura"* ou "de minha *liberação".* Pense no desamarrar das cordas ou cabos de um navio ao levantar a âncora. Daí, a palavra *soltura* adquiriu o sentido secundário de *partida* (cf. M.M., p. 36). Conse-

qüentemente, Paulo diz que o tempo de sua partida *chegara* (tempo perfeito do verbo que é usado no v. 2, onde é traduzido "estar preparado", ver nota 171). Precisamente agora *o tempo* já se acha presente. O levantar âncoras e a soltura das amarras já começou. Logo o vento terá seu impacto nas velas, e então, quase imediatamente, ele alcançará o porto da eterna bem-aventurança.

E somente pela fé que as *circunstâncias presentes* podem ser apreciadas. Semelhantemente, em outras passagens, o apóstolo fala da morte do crente como uma partida com o fim de estar com Cristo (Fp 1.23), bem como estar no lar com o Senhor (2Co 5.8); lucro (Fp 1,21); supremamente melhor (Fp 1.23); dormir em Jesus (lTs 4.14).

Em outros lugares das Escrituras ela é chamada preciosa aos olhos de Jeová (SI 116.15); ser levado pelos anjos para o seio de Abraão (Lc 16.22); ir para o paraíso (Lc 23.43); ir para a casa com muitas mansões (Jo 14.2).

2. *O Resumo cie Sua Fé Quanto ao Passado*

Quando o apóstolo prossegue: "O grande combate combati", ele está uma vez mais usando a linguagem *da fé;* porque é evidente que um incrédulo, ao historiar a vida de Paulo depois de sua conversão, a teria denominado como uma "estultícia" ou mesmo "insanidade", completa loucura (cf. At 26.24), certamente não "o *grande* combate". Paulo, porém, por meio da própria ordem das palavras que ele selecionou (pondo cada um dos três objetos antes de seu verbo; ver minha tradução), enfatiza que foi realmente "maravilhoso", *grandioso,* ou nobre, *combate* aquele que ele combateu; que a vereda que ele percorreu não foi empreendida ao léu, mas *a carreira programada;* que a vida, considerada agora como concluída, fora governada não pela fantasia ou capricho do momento, mas por *aquela fé pessoal* que pela graça de Deus ele guardara até precisamente o final.

Quando Paulo resume assim seu passado, sua glória não estava em si mesmo, mas "no Senhor". Ele está relatando o que a graça havia feito no coração do "principal dos pecadores". Daí, sua ênfase não está posta no pronome "eu" - como alguém poderia equívocadamente inferir da tradução usual, a qual faz com que cada uma das três breves cláusulas comece com "Eu" mas em "o grande combate", "a carreira", "a fé".

Quando o apóstolo resume sua vida como cristão sob o simbolisino de "o grande combate", a figura subjacente provavelmente seja uma luta, uma peleja no ringue de boxe, ou uma competição (ver comentário sobre 1Tm4.7b, 8; 6.12). Ela faz essa comparação para indicar um prodigioso esforço de energia contra um inimigo muito poderoso.

Houve um combate contra Satanás; contra os principados e poteslades, os dominadores do mundo das trevas nas regiões celestes; contra os vícios e violências de judeus e pagãos; contra o judaísmo entre os gálatas; contra o fanatismo entre os tessalonicenses; contra as contendas, a fornicação e os litígios entre os coríntios; contra o gnosticismo incipiente entre os efésios e os colossenses; de fora, os conflitos; de dentro, os temores; e, finalmente, porém não menos importante, contra a lei do pecado e da morte que operava em seu próprio coração.

Paulo, porém, é capaz de dizer triunfantemente: "o grande combate *eu combati*." É inútil dizer que isto não é estritamente verídico porque Paulo não tinha realmente ainda chegado ao patíbulo. Quando a morte está bem perto e bem certa, é fácil para a mente projetar-se rumo ao futuro próximo, de onde então ele volta seus olhos para o passado e sc regozija não só nesse passado, mas na bênção presente que o passado produziu.[172] Nosso Senhor usa uma linguagem semelhante que deve ser explicada de forma também semelhante (ver C.N.T. sobre João 17.4).

Quando o apóstolo acrescenta: "a carreira eu terminei" - na verdade, uma corrida de obstáculos -, ele enfatiza o fato de que em sua vida como crente cumpriu plenamente este ministério para o qual o Senhor o chamara (a passagem que lança luz sobre esse fato é At 20.24); seu olho, como o de um corredor habilidoso, esteve todo o tempo posto no ponto final da corrida: a glória de Deus por meio da salvação de pecadores (G1 2.2; 5.7; Fp 2.16; cf. At 12.1, 2).

Paulo era certamente um homem com *esta única e santa paixão,* com este único objetivo em mente, de modo que a figura *da corrida* é muito apropriada, é evidente à luz de palavras tais como as seguintes:

"Tornei-me tudo para com todos, *para de alguma forma salvar alguns.* Faço tudo isto por causa do evangelho, para serco-participante

172. Daí, não posso concordar com Lenski *(op. cit.,* p. 860), o qual critica o gráfico de Kobertson (Gram. N.T., p. 895) pelos três tempos perfeitos em "combati, terminei, guardei".

dele... Portanto, quer comam, quer bebam, quer façam qualquer outra coisa, façam tudo *para a glória de Deus.* Também eu procuro agradar a todos de todas as formas. Porque não estou procurando meu próprio bem, mas o bem de muitos, *para que sejam salvos"* (1 Co 9.22-24; 10.31-33). Ecf. 3.7-14.

Ao inventariar o passado, Paulo finalmente deixa de lado a própria metáfora, e escreve: "A fé eu guardei." Aqui, como em 1 Timóteo 6.12, o significado provavelmente não seja: "mantive o acordo" (ou "fidelidade"), nem "mantive a *doutrina genuína"* ("fé" no sentido objetivo), mas, em harmonia com o presente contexto, "retive minha confiança pessoal em Deus, minha confiança em todas suas promessas centradas em Cristo. Na arena espiritual da vida, não só *combati arduamente* e *corri bem,* mas também fui sustentado até o fim pela convicção profundamente arraigada de que receberei o prêmio, o glorioso galardão" (ver o próximo versículo).

3. A Exultação de Sua Fé em Relação ao Futuro

Havendo considerado o presente e o passado, Paulo volta seus olhos para o futuro. Isso, como já se tornou evidente, é plenamente natural; porque a nobre batalha, deflagrada com sucesso, a carreira corrida satisfatoriamente, clamam por uma recompensa de graça. Conseqüentemente, os apóstolo escreve: "*Para o futuro",*[m] e em seguida nos diz o que ele confiantemente espera. Diz ele: "Há *seguramente depositada para mim* (note a força do verbo composto grego ánrneimi), de modo que o inimigo não pode jamais privar-me dela, *a coroa* - a coroa do *vencedor* (ver comentário sobre 2Tm 2.5) - *da justiça",*[m] ou seja, a

173. A objeção apresentada por Lenski contra a tradução futurista de ánÓKívccu *(op. cit.*. p. 862), ou seja, que o verbo que se introduz aqui é presente com sentido perfeito ("tem sido guardada"), não é válida. É o sentido de todo o versículo (8), e não o de um verbo, o que determina o sentido do advérbio. Nosso idioma também admite esse uso, por exemplo: "Quanto ao futuro, me foi proporcionado um trabalho." Para outros exemplos de Ãomóv (com ou sem o artigo), em sentido futurista, ver Atos 27.20; 1 Coríntios 7.29; Hebreus 10.13. O sentido "quanto ao resto" está representado pelas seguintes passagens: a. sem o artigo: 1 Coríntios 1.16; 4.2; I Tessalonicenses 4.1; b. com o artigo: Filipenses 3.1; 4.8.

174. Esta é uma "coroa de justiça", uma coroa *justamente* concedida ao justo. Ela *promana da* justiça, como em 1 Tessalonicenses 1.3 a obra promana da (surge em resultado da) fé, o trabalho promana do (é causado pelo) amor e a paciência promana da (é inspirada pela) esperança. Quanto a esse *genitivo de procedência,* ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 1.3,

coroa que *me é de direito* como um galardão pela vida que em princípio tem estado em conformidade com a lei de Deus (ver sobre 1Tm 6.11; 2Tm 2.22; 3.16; Tt 3.5). E evidente que essa coroa é de Paulo *por direito,* direito esse fundamentado na graça; porque:

a. Para aqueles que enfrentam a grande luta, correm a corrida e guardam a fé (em outros termos: para Paulo e outros como ele), Deus *prometeu* conferir a coroa (1Tm 6.12; Tg 1.12; 1Pe 5.4; Ap 2.10).

b. *Cristo a mereceu* para eles (ver sobre Tt 3.5, 6).

Ora, esta passagem simplesmente declara que a coroa ou recompensa é justa, porém não indica sua natureza. A luz de outras passagens sabemos que ela significa *vida eterna* (1Tm 6.12; cf. Tg 1.12; 1Pe 5.4; Ap 2.10), aqui (em 2Tm 4.8), que é como algo que se possui e se experimenta no novo céu e na nova terra.

O apóstolo continua: "a qual o Senhor, justo Juiz, me dará naquele dia." Este Senhor e Juiz é Cristo Jesus (ver sobre o v. 1). E este Juiz ou Arbitro respeita as normas do jogo que ele mesmo estabeleceu. Ele é o *justo* Juiz, que naquele dia notável, o dia de sua segunda vinda (ver sobre 2Tm 1.12, 18; cf. 2Ts 1.10) entregará *o que é devido* (note o verbo usado no original, sobre o qual passagens tais como Mt 20.8, 13 e Rm 2.6 derramam sobeja luz). Para todas as pessoas que, como Paulo, são condenadas injustamente, a idéia de um juízo vindouro, quando serão vindicados por um Juiz *justo,* está saturada de conforto.

Este Juiz justo, diz Paulo, *me* conferirá a coroa de justiça. Todavia, não a mim exclusivamente, mas *a todos quantos amam seu aparecimento,* sua radiante segunda vinda (como no v. 1). Note a palavra *amam,* não *temem,* porque o amor perfeito lança fora o medo (1 Jo 4.18). Quando o Espírito e a noiva disserem: "Vem", cada pessoa que realmente ama o Senhor também dirá: "Vem." E quando o Senhor responder: "Eis que depressa venho", a resposta imediata será: "Amém. Vem, Senhor Jesus." De todos os indícios de que alguém ama o Senhor, um dos melhores é este fervoroso anelo de que ele regresse, porque tal pessoa está pensando não só em si e em sua glória pessoal, mas também em seu

nota 35. Outros (por exemplo, Robertson, *op. cit.,* p. 631) consideram que este é um *genitivo de aposição,* o qual, todavia, comunica um sentido muito difícil no presente contexto.

Senhor e na vindicação pública dele. A coroa aguarda tais pessoas. E essa coroa, distinta das terrenas, é imarcescível (ICo 9.25).

9 Faça o máximo possível para vir ter comigo depressa; 10 pois Demas me abandonou, porque se deixou levar pelo amor do presente mundo, e foi para Tessalônica; Crescente [foi] para Galácia. Tito, para Dalmácia. 11 Somente Lucas ficou comigo. Tome a Marcos e traga-o com você, porque ele me é muito útil para [o] ministério. 12 Agora estou comissionando Tíquico para Éfeso. 13 Quando vier, traga com você a capa que deixei em Trôade com Carpo; também os livros, especialmente os pergaminhos.

14 Alexandre, o latoeiro, me causou muito dano. O Senhor lhe restituirá de acordo com seus feitos. 15 Você também, esteja em guarda contra ele, porque vigorosamente se opôs às nossas palavras.

16 Em minha primeira defesa, ninguém esteve ao meu lado, mas todos me abandonaram; que isso não lhes seja levado em conta! 17 O Senhor, porém, esteve ao meu lado, e me deu força, a fim de que, por meu intermédio, a mensagem pudesse ser plenamente proclamada, e todos os gentios pudessem ouvi-la, e eu fui resgatado de [a] boca de [o] leão. 18 E o Senhor me livrará de toda obra má, e [me conduzirá] a salvo a seu reino celestial; a ele [seja ou é] a glória para todo sempre e sempre. Amém.

19 Saúde a Prisca e Áquila e à família de Onesíforo. 20 Erasto ficou em Corinto, porém deixei Trófimo doente em Mileto. 21 Faça o máximo para vir antes do inverno. Êubulo o saúda, bem como Prudente e Lino e Cláudia e todos os irmãos.

22 O Senhor [seja] com seu espírito. A graça [seja] com vocês.

4.9-22

Este parágrafo consiste, em geral, de itens de informação pessoal, solicitações e saudações. Pode ser dividido em cinco parágrafos secundários, da seguinte maneira:

a. versículos 9-13: Paulo dá vazão à saudade que sente e à necessidade de mais obreiros para o reino, solicita sua capa, os livros e pergaminhos e a célere chegada de Timóteo.

b. versículos 14, 15: Adverte Timóteo contra Alexandre, o latoeiro.

c. versículos 16-18: À luz da maneira como o Senhor o fortalecera durante sua "primeira defesa", Paulo deriva conforto para o presente e para o futuro.

d. Versículos 19-21: Saudações a certos crentes individuais e de outros crentes, informações acerca de outros, reiteração do pedido a Timóteo de sua vinda imediata.

e. versículo 22: Bênção.

9, 10, 11a. Faça o máximo possível vir ter comigo depressa.

Paulo, escrevendo de uma masmorra fria e úmida em Roma, e encarando a morte, anseia ter a presença de seu "amado filho", Timóteo. Ide quer que o mesmo venha logo, ou seja, "antes do inverno" (ver sobre o v. 21). A razão para o sentimento de saudade, do apóstolo, é a seguinte: **Pois Demas me abandonou, porque se deixou levar pelo amor do presente mundo, e foi para Tessalônica; Crescente [foi] para Galácia, Tito, para Dalmácia. Somente Lucas ficou comigo.**

Durante algum tempo, Demas fora assistente de Paulo no ministé-I IO do evangelho (Fm 24). Durante a primeira prisão em Roma, Demas lambém estivera em Roma. Duas vezes o apóstolo faz menção dele juntamente com Lucas, o médico amado (Cl 4.14; Fm 25). Parece ser uma inferência segura dessa passagem que, durante a segunda prisão cm Roma, Demas novamente estivera em Roma e estivera servindo ao reino. Daí serem muito patéticas estas dolorosas palavras: "Faça o máximo possível em vir ter comigo depressa, pois Demas me abandonou." O verbo usado no original implica que Demas não havia meramente *deixado* Paulo (no cumprimento desta ou daquela missão), mas que *o havia deixado numa situação difícil*, o havia abandonado, desamparado. A separação não era apenas local, mas também espiritual. Paulo se sente profundamente defraudado por Demas. Este se foi porque *se deixou levar pelo amor*'[175] da presente era, o "mundo" deste lado do túmulo, a era transitória que, a despeito de todos seus prazeres e lesouros, depressa passará (ver sobre lTm 6.17). Muito se pode dizer cm abono do ponto de vista de que Demas, amando este mundo, nunca pertencera à companhia dos que amam o aparecimento de Cristo. Note o contraste agudo e provavelmente intencional entre aquele que amou este mundo (v. 9) e aqueles que amam a Epifania (v. 8). Além do mais, cm nenhuma outra parte aparece sequer uma palavra sobre a restauraçao de Demas. Provavelmente não deva ele ser posto na mesma categoria com Marcos. Não temos uma base sólida para falar com certeza

175. Por meio da tradução: "porque se deixou levar pelo amor", tentei fazer justiça a dois lalos: a. o particípio usado no original é aoristo, e h. na presente conexão é indubitavelmente causai.

acerca disso, não obstante o espírito dessa passagem e de seu contexto aponta antes na direção de Mateus 7.22, 23, como uma indicação geral da classe à qual pertencia Demas. Não se sabe por que Demas se foi *para Tessalônica* e não para outro lugar. Talvez pensasse que os desejos mais profundos de sua alma pudessem ser satisfeitos ali mais que em qualquer outro lugar. Teria ele deixado Roma por ser aquela capital, nesse tempo, o lugar mais perigoso em que um cristão pudesse viver? Porventura tinha negócios, amigos ou parentes em Tessalônica? Não sabemos.

Paulo acrescenta: "Crescente [foi] para Galácia". Em vez de *Galada,* outra redação tem *Gália.* Esta, pois, seria a região que hoje se chama França mais alguns territórios adjacentes. E impossível determinar qual dessas duas redações está certa. Daí, não sabemos para onde Crescente foi.'[76] Tampouco temos informação *confiável* sobre Crescente além daquela que esta presente passagem fornece.

176. O problema com referência à *Galácia* ou *Gália é* complexo. Em torno do ano 400 a.C., alguns gauleses ou celtas emigraram para o norte da Itália. Algumas das tribos avançaram para o Oriente, entrando em Macedônia e Trácia. Em 278 a.C., vinte mil gauleses cruzaram o Helesponto e entraram na Ásia Menor. Aqui prosperaram e aumentaram em número. Ainda que posteriormente fossem subjugados pelos romanos, foi-lhes permitido conservar seus próprios reis. A província romana da *Galácia*, que recebeu o nome deles, compreendia: a. o território da Ásia Menor central e notte, onde a maioria *desses* gauleses vivia, e b. certos distritos ao sul desse território celta.

Posto que Paulo deva ser considerado como o autor das Pastorais, e ele tinha o costume de usar os nomes oficiais das unidades políticas e províncias romanas: "Ásia" (ICo 16.19): "Acaia" (2Co **1**.1); e "Macedônia" (2Co 8.1) - eu creio que em 1 Coríntios 16.1; Gálatas 1.2; e também nesta passagem (2Tm 4.10) *se a leitura "Galácia " for aqui a autêntica, é* a província romana da Galácia (na Ásia Menor) à qual se refere. (O fato, mencionado por vários comentaristas, de que certos escritores gregos - Políbio, Plutarco e outros - usam a expressão "Galácia céltica" para designar a Gália propriamente dita, não tem nada que ver com o argumento. O que nos interessa é o uso que *Paulo* faz). *The Constitutions ofthe Holy Apostles,* VII. xlvi (ver o contexto) favorece Galácia na Ásia Menor como a província para a qual Crescente foi enviado.

Não obstante, se a leitura "Gália" for, afinal de contas, autêntica, torna-se mais fácil levar em conta a tradição que atribui a Crescente a fundação da igreja em Viena, nas proximidades de Lião. Além do mais, Eusébio diz que Crescente foi enviado à Gália, *Ecclesiastical Htstory*, III, iv. Deve-se admitir a possibilidade de que seja Gália na Europa, e não Galácia na Ásia. Com base na suposição de que Paulo tenha visitado a Espanha, é lógico crer que poderia também haver estabelecido igrejas na Gália do sul, e que Crescente poderia também ter sido enviado a fortalecer o que já se havia começado ali. Conseqüentemente, a resposta à pergunta: "Para onde foi Crescente?" depende da resposta a outra pergunta: "Qual é a interpretação correta aqui em 2 Timóteo 4.10?" É "Galácia" ou é "Gália"? E a

"Tito [foi] para Dalmácia", continua Paulo. Parece que depois da visita de Tito a Jerusalém à guisa de teste (G1 2.21), todas suas missões se voltaram para as províncias européias. Sempre que, longe de Paulo, cie estivesse numa missão, nunca ficava longe demais da costa oriental do Mar Adriático, ou de sua extensão sul, o Mar Jônico. Por sua capacidade, coragem e consagração, ele sabia manejar os rixosos coríntios, os mentirosos cretenses e os famosamente belicosos dálmatas. Cf. Romanos 15.19. Em contraste com Demas, que abandonara Paulo, devemos crer que ambos, Crescente e Tito, iam aonde o dever os chamasse. Ver também sobre Tito 3.12.

"Somente Lucas está comigo." O autor do terceiro Evangelho era uma pessoa notável. Era "o médico amado" (Cl 4.14), sempre leal a Paulo, ao evangelho, ao Senhor. Havia sido amiúde companheiro de viagens de Paulo, com o indica a seção em que ele usa o pronome nós" em Atos (16.10-17; 20.6-16; 21; 27; 28). Estivera com Paulo na segunda viagem missionária, em Trôade e em Filipos. Evidentemente, fora deixado parra trás no último lugar (At 16.17-19). Para o final da terceira viagem parece ter-se reunido com Paulo em Filipos (At 20.60), c o acompanhou a Jerusalém. Por um tempo o perdemos de vista. Mas, de repente, reaparece, porquanto está acompanhando Paulo na longa e perigosa viagem da Palestina a Roma (At 27). Está com o apóstolo durante a primeira e segunda prisão em Roma (Cl 4.14; Fm 24; 2Tm 4.1 I). Paulo necessitava de um médico e um amigo. Lucas era ambas as coisas; e *direta ou indiretamente* também servia a Paulo como secretário.

Lucas e Paulo tinham muito em comum. Ambos eram homens educados. homens cultos. Ambos eram de um coração grande, compreensivos, compassivos. Acima de tudo, ambos eram crentes e missionários.[177]

1'viiiôncia textual é por demais parcimoniosa para que se responda à pergunta com algum !'iau ile determinação final.

177. Vários autores tentaram escrever uma biografia de Lucas; por exemplo. W. Ramsay, *! nke the Physician*; A. T. Robcrtson. *Luke the Historiem in the Leight of Historical Resear-* (*li*. Nova York, 1923, cap. 2: "Um roteiro da carreira de Lucas"; D. A. Hayes, *The Most Heuiitiful Book Ever Written,* Nova York, 1913, pp. 3-54. Os relatos são todos muito inte-Kvisiinlcs: não obstante, há escasso material informativo de primeira mão de confiança que sirva para fazer uma biografia. Há muitas possibilidades, algumas probabilidades, mas há poucas coisas seguras. As autoridades nem sequer estão de acordo sobre o lugar do nasci-

Se Lucas, porém, era um amigo tão maravilhoso, por que diz Paulo: "Somente Lucas está comigo"? É possível pressupor a seguinte resposta: a. A própria presença, de vez em quanto, de ninguém mais, além de Lucas, tornou a ausência dos demais mais notável, especialmente em contraste com as circunstâncias de Paulo durante sua *primeira* prisão, quando lhe era permitido receber a todos os que viessem vê-lo (At 28.30). Além disso, b. Aqui poderia haver mais que uma expressão de *solidão.* É inteiramente possível que o apóstolo também quisesse enfatizar o fato de que ele estava carente de auxílio, que não havia ceifeiros em número suficiente; talvez nem mesmo um número suficiente para suprir adequadamente as necessidades espirituais daqueles crentes que estavam ainda em Roma.

Deve-se enfatizar que, tudo quanto é dito nos versículos 10 e lia, em relação a Demas, Crescente e Lucas, tem o propósito de insistir com Timóteo que envide todo esforço possível para vir depressa.

11b, 12,13. Olhando para essa vinda de Timóteo, o apóstolo continua: **Tome Marcos e traga-o com você, porque ele será de muita utilidade para [o] ministério.** A residência de Marcos ficava em Jerusalém (At 12.12). Ele havia abandonado Paulo e Barnabé na primeira viagem missionária, portanto, Paulo se negou levá-lo na segunda viagem. Então Barnabé tomou Marcos e embarcou para Chifre (At 15.36-41). Não obstante, posteriormente encontramos novamente Marcos na companhia de Paulo em Roma durante a primeira prisão do apóstolo (Cl 4.10; Fm 24). Mais tarde aparece com Pedro em Roma (1 Pe 5.13). A tradição endossa a idéia de que houve uma estreita relação entre a pregação de Pedro em Roma e a composição do Evangelho de Marcos. Depois do martírio de Pedro, parece que Marcos novamente chegou a ser auxiliar *de Paulo.* A pedido de Paulo, e em cooperação com Timóteo, poderia ter percorrido as igrejas da Ásia Menor no tempo em que Paulo estava escrevendo 2 Timóteo. Ele solicita a Timóteo que, ao sair para Roma, "tome-o", porque Paulo sabe que Marcos agora lhe é de muita utilidade "para o ministério". A implicação provavelmente seja esta: uma vez que Marcos experimentou uma mudança para

mento de Lucas, embora muito se possa dizer em favor de Antioquia da Síria. Ver *TheAnti-Marcianite Prologue to the Third Gospel.*

melhor, havendo levado a sério a lição que seu fracasso anterior lhe ensinara, e uma vez que ele conhece bem Roma e a situação da igreja nessa cidade, aqui *em Roma* será o homem idôneo para este lugar. O contexto indica que quando Paulo usa a expressão *ministério* ou *serviço*, ele está pensando na obra do reino, serviço no interesse do evangelho, e não significa meramente "Ele pode cumprir certos deveres para lornar a vida mais fácil para mim pessoalmente".

Continuando, pois, nesta mesma linha, o homem que mesmo na masmorra é o grande superintendente de missões, diz: **Agora estou comissionando Tíquico** (provavelmente um aoristo epistolar) **para Efeso.** Tíquico (nome próprio grego, que significa "fortuito") era um irmão amado, ministro fiel e colaborador no evangelho, homem digno de toda confiança. Era um dos vários amigos íntimos de Paulo que acompanharam o apóstolo, quando no final da terceira viagem estava regressando da Grécia para a Ásia através da Macedônia, com o propósito de ir a Jerusalém numa missão caritativa (At 20.4). Também mais tarde, durante a primeira prisão romana, Tíquico estivera com Paulo. I íle fora comissionado pelo apóstolo para levar à sua destinação a carta aos Efésios, a carta aos Colossenses e, provavelmente, também aquela a Eilemom. Além do mais, ele era a pessoa certa para proporcionar a "atmosfera" necessária - informação mais detalhada sobre as circunstâncias de Paulo -, a fim de que as cartas pudessem ser assimiladas com maior prontidão (Ef 6.21; Cl 4.7). Durante o intervalo entre a primeira e a segunda prisões romanas, Tíquico está novamente (ou *ainda)* trabalhando em estreita cooperação com Paulo (ver sobre Tt 3.12). E agora, durante a segunda prisão romana, Paulo entende que Tíquico é a pessoa lógica para enviar a Efeso com essa carta (2 Timóteo). Além disso, ele é também o homem certo para servir provisoriamente como diretor das atividades nas igrejas da Ásia Menor, como substituto de Timóteo durante a ausência deste, a qual seria de mais extensa duração, visto que Timóteo não poderia regressar a Éfeso até pelo menos abril (ver sobre o v. 21).

Timóteo, pois, não deve hesitar em deixar Éfeso. A obra continuaria sob a direção de outro líder digno de confiança, a saber, Tíquico. A i *a usa* não seria prejudicada. Quando Timóteo sair para Roma, ele deve, alem do mais, levar com ele umas poucas coisas de que Paulo necessi-

tava: **Quando vier, traga a capa que deixei em Trôade com Carpo; também os livros, especialmente os pergaminhos.**

A palavra traduzida "capa" (4>ai.A.óvr|ç =, por metátese de *§aivóXr\ç,* transliteração do latim *pcenula*) indica um tipo de manta de lã rústica que era usada como túnica externa para proteger contra o frio e a chuva. Tinha uma abertura no meio para passar a cabeça. Não tinha mangas. Em latim esse é o sentido mais usual da palavra. Em grego é o sentido que conta com maior endosso dos papiros. A conotação *pasta para documentos, protetor ele livros* ou *saco/a*, um receptáculo para documentos importantes e/ou livros, às vezes é encontrada e sempre há quem atribua esse sentido à palavra nessa passagem.[178] O apóstolo, porém, não parece estar solicitando sua pasta de documentos, mas dois tipos diferentes de objetos: a. "a pcenula" e b. "os livros, especialmente os pergaminhos." E possível que a. e b. tivessem em comum unicamente isto: que eram incômodos para ser conduzidos durante todo o tempo, por exemplo, em tempo quente. Assim Paulo poderia tê-los deixado com Carpo (se não fosse por essa menção, nada saberíamos dele), com a intenção de voltar logo e levar essas coisas consigo. Seja qual for a razão por que isso não fora feito, o apóstolo sente falta de sua capa naquela masmorra fria e úmida, e com o inverno a dar ares de sua chegada, e solicita a Timóteo que a traga consigo, quando vier. Trôade não ficava longe da sede de Timóteo em Efeso.[179]

E Timóteo deve ainda trazer "os livros, especialmente os pergaminhos". Os "livros" eram, com toda probabilidade, rolos de papiro; os

178. Milligan anteriormente defendia este ponto de vista, mas mudou de opinião (M.M., p. 665). Um defensor recente e A. Sizoo. à sua própria e bem interessante maneira. Ver seu valioso livro. *De Anlieke WereldEn Hei Nieuwe Testament,* Kampen, 1948, pp. 90, 91. Seu argumento em defesa da posição de que aqui a palavra dificilmente pode significar "capa" c que Paulo, o grande viajor, não deixaria sua capa de chuva para trás, objeto este tão necessário, não só no inverno, mas que, em certas regiões, mesmo no verão. Não obstante, por razões desconhecidas para nós, e possível que Paulo não pudesse ter reunido seus pertences.

179. Com base na referência a Trôade. Scott argumenta dizendo que estes versículos devem indicar uma carta bem anterior, porque Paulo não tinha estado cm Trôade havia vários anos *(op. cit.,* p. 138). O argumento de Scott, porem, só tem valor se o livro de Atos (ver 16.8; 20.5) e outras cartas de Paulo (ver 2Co 2.12) nos dão um itinerário completo. Especificamente, só teria valor se não houvesse uma soltura de sua primeira prisão em Roma e, depois de tal soltura, uma segunda prisão. Tais suposições são precárias.

"pergamínhos" ou "membranas" eram peles de ovelhas, cordeiros, cabras ou bezerros, especialmente preparadas para escrita. Paulo quer os livros, mas sobretudo os pergaminhos. Qual era o conteúdo desses livros e pergaminhos? Não é natural presumir que o prisioneiro do Senhor desejasse, acima de tudo, passar suas poucas semanas ou meses em meditação na Palavra de Deus? De resto, simplesmente não sabemos seu conteúdo exato, e é inútil acrescentar algo às conjeturas já feitas.[180]

É evidente que o crente, em seu anseio de prover para sua necessidade intelectual e espiritual (livros, pergaminhos) não se vê obrigado a ignorar as necessidades do corpo ("a capa"). Isto nos lembra o caso bem familiar em que, sob circunstâncias análogas, outro guerreiro da cruz escreveu um recado semelhante muitos séculos depois. Foi William Tyndale, o bem conhecido tradutor da Bíblia para o inglês, que de sua fria cela carcerária em Vilvoorde solicitou que, *em vista da proximidade do inverno* (semelhante a Paulo!), levassem-lhe uma capa, uma camisa de lã, um gorro e, sobretudo, sua Bíblia em hebraico, a gramática e o vocabulário.

14, 15. Chegamos ao segundo parágrafo (ver p. 390), uma advertência contra um aguerrido inimigo da fé: Alexandre, o latoeiro, me fez muito dano.

Não é fácil reconstruir as circunstâncias sob as quais Alexandre se opôs a Paulo e à boa causa que este representava. Não obstante, pode-se afirmar quase com toda certeza que houve um julgamento (isso, à luz do contexto sobre o julgamento; ver v. 16, embora o julgamento em referência provavelmente não seja o mesmo em que Alexandre partici-

180. Há quem pense que *os mios* continham trechos do Antigo Testamento, ou comentários judaicos, ou cópias de suas próprias cartas, ou de certos escritos de filósofos ou poetas pagãos. As seguintes são algumas das muitas conjeturas em relação *aos pergaminhos:* a Septuaginta, as palavras de Jesus que precederam os Evangelhos, anotações próprias de Paulo, documentos legais ou certificados (por exemplo, um certificado de cidadania romana) dos quais o apóstolo necessitava para seu julgamento futuro (?), etc. Este último ponto de vista é favorecido especialmente entre os comentaristas que estão convencidos de que os versículos 16-18 implicam que Paulo está ainda esperando o julgamento formal. Assim o leitor está sendo condicionado gradualmente pelo que considero uma interpretação questionável desses versículos. Há ainda quem adote o ponto de vista de que nem os livros nem os pergaminhos tinham algo escrito, O apóstolo, pois, está pedindo simplesmente algo cm que possa escrever.

pou; ver comentário sobre esse versículo). Nesse julgamento, Alexandre fora um acusador ou testemunha de acusação. Quem era esse Alexandre? Seu nome era tão comum então, como Antônio, José, Joaquim (Mc 15.21; At 4.6; 19.33,34; 1Tm 1.19, 20; 2Tm 4.14, provavelmente cinco Alexandres distintos). A luz do contexto, parece que *esse* Alexandre estava vivendo em Roma; pois é racional imaginar que foi especialmente em Roma que ele pôde opor-se a Paulo, que estava nessa cidade. Ora, se essa inferência é correta, provavelmente o mesmo não deva ser identificado com o Alexandre mencionado em 1 Timóteo 1.20, nem com o Alexandre de Atos 19.33, 34, porque esses Alexandres viviam na região de Éfeso.[18]

181. A. Não obstanle, aqueles que favorecem a identificação de "Alexandre o latoeiro" ou "metalúrgico" (2Tm 4.14, 15) com "Alexandre o herege efésio" (1Tm 1.19, 20), baseiam esta teoria na suposição de que, o que Paulo tem em mente nessa passagem ora em discussão, é: "Em minha recente visita a Efeso, Alexandre, o latoeiro, me prejudicou muito, opondo-se vigorosamente a minha proclamação do evangelho. Assim. Timóteo, enquanto estiver em Efeso, mantenha-se em guarda contra ele." Cf. John Rutherford, artigo "Alexander", em I.S.B.E., vol. I, ver especialmente p. 91.

Objeções:

(1) Sc o Alexandre de 2 Timóteo 4.14, 15 é o de 1 Timóteo 1.19, 20, Timóteo o conheceria. Se fosse necessário um objeto adicional, além da menção de seu nome, não seria do ponto de vista da passagem na primeira epístola? A adição de "o latoeiro" aponta para uma pessoa *distinta* do Alexandre mencionado em 1 Timóteo 1.19, 20.

(2) Como o contexto o indica (ver v. 16), o apóstolo não está agora pensando principalmente na oposição à proclamação do evangelho, mas na oposição às "palavras" de defesa no tribunal.

(3) O cenário de nossa passagem não é Efeso, e. sim, Roma.

B. Os que favorecem a identificação de "Alexandre o mestre em metal" (2Tm 4.14, 15) com "Alexandre o judeu", o qual foi tirado aos empurrões dentre a multidão, em conexão com o motim, a fim de proteger os judeus de Éfeso (At 19.33, 34), identificação essa favorecida, entre outros, por F. W. Grosheide, *Korte Verklaring, Handelingen,* vol. 2, p. 100, o fazem porque gostam de associar Demétrio, *o ourives* (At 19.24), com Alexandre, *o latoeiro.* Com base nessa teoria, pode-se forjar uma interessante história. Por exemplo, pode-se imaginar que. na ocasião do motim em Efeso. Alexandre disse: "Nós, os judeus, não somos culpados de oposição a Diana dos efésios. Eu mesmo, como latoeiro, faço nichos que Demétrio cobre com prata. Por isso lhes rogo que não lancem sobre nós essa culpa. Castiguem esse homem Paulo e seus companheiros Gaio e Aristarco." A *possibilidade* de que os dois (Alexandre o latoeiro e Alexandre o judeu efésio) sejam a mesma pessoa é algo que deve admitir-se, mas a crença de que isso seja mais que uma mera *possibilidade* enfrenta as seguintes dificuldades:

(1) O relato de Atos nada nos diz da ocupação *desse* Alexandre.

(2) Para assegurar tal identificação, Alexandre o judeu de Efeso deve ser levado para Roma. Ora naturalmente que isso poderia ter ocorrido, porém não há nada no relato que

Então o presente Alexandre provavelmente seria uma pessoa diferente. Ele é o *latoeiro* (o significado primário é *caldeeiro,* então *trabalhador em metal* em geral; cf. Gn 4.22 LXX). Ora, em conexão com o tribunal, Alexandre, por meio de *atos* (v. 14) e *palavras* (v. 15) conseguira prejudicar Paulo. Sem dúvida, colaborara na produção de uma decisão adversa para o apóstolo, embora não saibamos se a sentença "condenado à morte" já havia sido pronunciada ou fora comunicada ao apóstolo. Não obstante, sabemos que tal sentença era *definida*, e que Paulo já sabia. Ele sabia que estava para morrer (ver sobre 4.6, 7, 8; também o v. 18). Mas em vez de vingar-se de Alexandre, ele deixa inteiramente com o Senhor a questão da retribuição (Dt 32.34; cf. Rm 12.17-19; IPe 2.23). Dai, acrescenta imediatamente: **O Senhor lhe restituirá** [melhor redação] **de acordo com seus feitos.** Quando Cristo regressar para julgar (ver sobre vv. 1 e 8), ele não esquecerá o que fez Alexandre, *mas dará o que lhe é devido* (mesmo verbo que no v. 8, onde é usado num sentido favorável). Ver Salmo 62.12; Provérbios 24.12; Mateus 25.31-46; João 5.28, 29; Rm 2.6; 2 Coríntios 11.15; Apocalipse 2.23; 20.13.

Paulo prossegue: **Que você também se ponha em guarda contra ele, porque vigorosamente se opôs às nossas palavras.** "Ser advertido de antemão é armar-se em tempo." Que Timóteo, ao vir para Roma, se ponha constantemente de guarda contra esse Alexandre perverso, o qual fará tudo para prejudicar o discípulo ainda antes que o mesmo lenha visto seu mestre. Que ele tome as precauções necessárias para que saiba o que dizer e o que fazer se e quando se vir diante de Alexandre. E, sendo a oração em todos os tempos o melhor profilático, que ele ore sobre essa questão, a fim de que lhe sejam dadas palavras apropriadas quando tiver necessidade das mesmas, e lhe sejam sugeridas ações apropriadas.

Esse Alexandre era um perseguidor implacável, alguém que *vigorosamente* (a ênfase está posta nessa palavra) *se põe contra* - daí, *resistiu, opôs-se* (Mt 5.39; Lc 21.15; At 6.10; 13.8; Rm 9.19; Gl 2.11; Ef

eleve essa mera possibilidade à altura de uma probabilidade. Ou, de outro modo, teria que considerar que *a oposição* de que Paulo fala (2Tm 4.14, 15) ocorreu em Éfeso. isso pareceria estar em conflito com o presente contexto.

6.13; 2Tm 3.8; 4.15; Tg 4.7; IPe 5.9) - "às nossas palavras", ou seja, os argumentos da defesa, defesa esta na qual o apóstolo fora assistido por outros (Onesíforo, Lucas?, ver sobre 2Tm 1.15, 16; 4.11), como o modificador *nossas* o indica.

16-18. Essa palavra *nossas* ("nossas palavras"), em vez de *minhas,* traz à mente o passado. Teria havido outro julgamento. Nessa *primeira* defesa, ninguém tomou o partido de Paulo. Entende-se prontamente por que Paulo fala do julgamento como uma *defesa* (literalmente, "apologia", no sentido de discurso que vindica de uma acusação), porque essa fora 5£ÍÍZ parte nele. Então, nesse primeiro julgamento, Paulo ficara sozinho. *Inteiramente sozinho*? Não, porque o Senhor fizera sentir sua presença de uma forma notável. Da forma como o Senhor então o fortaleceu, Paulo extrai fortaleza para o presente e para o futuro. Timóteo também deve cobrar ânimo. Em geral, este é o sentido do terceiro subparágrafo (ver p. 390) que se segue.

Primeiro, analisá-lo-ei *positivamente,* dando uma interpretação que por muitos é considerada "a mais natural", mesmo que ainda hoje ela não seja muito amplamente aceita; então *negativamente,* mostrando as dificuldades que cercam a interpretação oposta.

Em minha primeira defesa, ninguém esteve ao meu lado, mas todos me abandonaram.

Paulo, entregue agora às reminiscências, disposição que alguém adquire quando chega ao final da vida terrena, e tem a oportunidade de olhar para o passado, lembra vividamente esse outro julgamento, o qual, se tais intérpretes têm razão, ocorrera alguns anos antes. Naquele tempo, ninguém viera para *pôr-se a seu lado* em sua defesa. Isso foi durante o tempo de sua primeira prisão em Roma. Que diferença entre então c agora, *no que se refere ao atual julgamento. Agora,* durante esta segunda prisão romana, Demas *o abandonou* (ver sobre v. 10), e "todos os da Ásia" *se apartaram dele* (ver sobre 2Tm 1.15). Onesíforo, porém, veio da Ásia, e Lucas permaneceu fiel. Mas, durante essa prisão prévia, *nem uma única pessoa* se apresentara como testemunha em defesa de Paulo. *Todos desertaram.* Por quê? Dominados pelo medo? Ou, possivelmente, o sentimento: o apóstolo não carece de nós, porque os romanos se sentem favoravelmente inclinados para ele, e não se apresentou nenhum acusador para impor sua acusação? Ver pp. 38-39.

Nau obstante, seja como for, até certa medida, Paulo se sentira frustrado. Porém sabe perdoar. Por isso, ele prossegue: **Que isso não lhes seja levado em conta.** Este desejo em forma de oração está inteiramente em harmonia com o espírito de Cristo (Lc 23.34), de Estêvão (Al 7.60) e... do próprio Paulo (ICo 13.5).

O Senhor, porém, esteve ao meu lado e me deu força. Sabemos com certeza de Filipenses 4.13 que, durante sua primeira prisão, esta foi de fato a bendita experiência de Paulo. O Senhor (Jesus Cristo) esteve ao lado dele e o *fortaleceu* (cf. ITm 1.12; a mesma palavra de I'p 4.13; e cf. At 9.22; Rm 4.20; Ef 6.10), e isto não só *durante* aquela prisão, mas ainda *em seu caminho* para ela (At 23.11; 27.23). E o propósito fora este: **a fim de que, por meu intermédio, a mensagem fosse plenamente proclamada** (literalmente, "para que por meu intermédio *a mensagem proclamada* - ou "pregação", "kerugma", ver sobre v. 2 - *pudesse ser cumprida* ou consumada"), **e todos os gentios a ouvissem.**

A seguinte interpretação é natural: Fui posto em liberdade para que, depois de minha absolvição, pudesse completar minha tarefa de proclamar o evangelho de salvação, a fim de que não só os gentios *ao miente* de Roma, mas também os do ocidente pudessem ouvi-lo. A mensagem do evangelho de Paulo, a palavra pregada por ele, deve chegar aos limites do Ocidente. A Espanha não podia ser omitida (Rm 15.24, 28).

E eu fui resgatado de [a] boca de [o] leão. Provavelmente esta seja simplesmente uma forma idiomática de dizer: "Eu fui libertado das garras da morte" (*exfaucibus mortis,* Calvino), e não uma referêni ia específica a Satanás, Nero, ou um leão literal do anfiteatro. Com Ioda probabilidade isso, como é evidente à luz de Salmo 22.21, 22 (passagem sobre a qual está baseada a expressão figurada de Paulo) significa livramento *completo.* Paulo recebeu capacitação para declarar o nome do Senhor por toda parte. Sua primeira prisão romana terminou em plena absolvição e em mais viagens missionárias.

A luz desta experiência do passado o apóstolo extrai ânimo: E **o Senhor me livrará de toda obra maligna e me salvará [conduzindo-mej para seu reino celestial.**

Nole o paralelo:

Em minha primeira defesa, *todos me abandonaram* (v. 16). Agora, Demas *me abandonou* (v. 10). O mesmo verbo em ambos os casos.

Em minha primeira defesa, *eu fui resgatado* (v. 17). Agora, "o Senhor *me resgatará*" (v. 18). Novamente, o mesmo verbo em ambas as vezes.

A ênfase recai sobre essa atividade divina de resgate. *No passado* houve perigo. Agora, também havia o que os homens consideram perigoso. No passado, porém, o Senhor interviera; agora, novamente ele *intervirá decisivamente para livrar* (que é o sentido de resgate, como em ITs 1.10). No passado, Paulo fora resgatado *da* morte. Agora, ele será resgatado *por meio da* morte. Em nenhum dos dois casos sua alma perecerá. Ele nunca estará separado do amor de Deus em Cristo.

Destruir Paulo, espiritualmente, e aniquilar o reino de Cristo é, não obstante, em todo tempo, exatamente o desígnio de Satanás. Todos os esforços que ele empreende para concretizar este sinistro propósito constituem sua *obra maligna.* Paulo, porém, está convencido de que, no passado e também agora, "o Senhor me livrará de toda obra maligna", ainda que não de todo dano físico. O homem que escreveu 2 Coríntios 11.22-33 não espera imunidade contra os maus-tratos corporais! Mas *o Senhor* (Jesus Cristo) *me salvará* (esta é uma expressão abreviada que significa "ele me salvará, levando-me a", ou simplesmente significa "me salvará *para",* ambas as interpretações produzindo o mesmo sentido resultante) *seu reino celestial.* O Senhor está para conduzir Paulo ao céu, ou seja, àquele reino que, embora visto na terra em sombras, tem sua sede no céu, e pertence ao céu quanto a sua essência e plenitude (ver sobre v. 1).

A expressão "o Senhor... me salvará a (ou *para*) seu reino celestial" implica que Paulo esperava ir para o céu imediatamente após a morte. Esta é a doutrina bíblica por toda parte. Assim, o salmista espera ser bem-vindo no reino da glória quando morrer (SI 73.24, 25). "Lázaro" é imediatamente levado pelos anjos para o seio de Abraão (Lc 16, ver especialmente v. 22). O ladrão penitente entra no Paraíso imediatamente, junto com seu Senhor (Lc 23.43). Paulo está convencido de que, quando a tenda terrena se desfizer, o edifício de Deus, "eterno nos céus", estará pronto para receber o crente (2Co 5.1); que a morte é "lucro" (Fp 1.21), o que não seria verdadeiro se ela significasse extin

•in da existência ou a passagem para o esquecimento; e que partir ili .ia lerra significa estar com Cristo, condição esta "muitíssimo me-IIn ii" que o prosseguimento da vida aqui embaixo (Fp 1.23). E o livro di Apocalipse retrata as almas dos mártires como tendo sido trasladada', imediatamente para o céu, e como estando muito felizes e ocupadlvsimas naquela região de bem-aventurança (Ap 7.13-17).

Paulo não se enche de espanto quando pensa em sua iminente par-i n l.i desta terra. Ao contrário disto, visto que esta partida é muitíssimo melhor que permanecer na terra, sua alma se enche de êxtase. Daí, não **in** preende que surja esta doxologia: **A ele, a glória para todo o sempre. Amém.** Cf. Gálatas 1.5; aqui, porém, em 2 Timóteo 4.18, a glória **que** nunca cessa é atribuída a *Cristo, o Senhor. Cf.* Romanos 9.5; 16.27.

i acrescentar a palavra solene de afirmação ou confirmação, "Amém" • ' ibre a qual, ver C.N.T. sobre João, Vol. I, p. 111, nota 51), o apóstolo .ira que de todo o coração *deseja* (se o verbo omitido for "seja") ou definitivamente *declara* (se deve entender "é", como em lPe 4.11 e iiiiqueles textos de Mt 6.13 que contêm a doxologia da oração do Senhor) que a *glória* de Cristo - o radiante esplendor de todos seus marailhusos atributos - seja (ou "é") sua possessão do mundo sem-fim.

A interpretação que tem sido apresentada, segundo a qual a expirssào "minha primeira defesa" se refere à primeira prisão romana, p.ulicularmente ao julgamento que então transcorreu e o qual resultou II I absolvição de Paulo e nas muitas viagens, é endossada pelo testemunho da tradição. Que Eusébio assim interpreta a passagem é evidenii i luz da citação que já foi apresentada (ver p. 40). Cf. também Cri-•• lomo(Hom. XI).[182]

I Entretanto, muitos comentaristas favorecem uma interpretação que IIIIITC radicalmente daquela endossada pela tradição. Sentem que a úl-**inna** está em desarmonia com as condições favoráveis da prisão regisn iida no livro de Atos. Seu ponto de vista pode ser brevemente sumariiiIn assim:

(I) "Minha primeira defesa" significa: "meu primeiro compareci-

i [1] I' litro outros que têm aceito este ponto de vista ou, embora admitindo alguma dúvida, • in . pn-sso uma preferência por ele, estão os seguintes: Barnes, Bouma, Lock, Zahn (para illiilir., vn Bibliografia).

mento no tribunal", a investigação preliminar" (*prima actio) neste julgamento atual.*

(2) "Ninguém esteve a meu lado" significa: nenhum *patrono* ("amigo" na corte, homem de importância aos olhos dos romanos) me acompanhou ao tribunal para atestar por meio de sua presença que sou uma pessoa respeitável.

Semelhantemente, "todos me abandonaram" significa: todos esses *patronos* em potencial me abandonaram.

(3) A frase: "O Senhor, porém, esteve ao meu lado e me deu força, a fim de que, por meio intermédio, a mensagem fosse plenamente proclamada" significa: o Senhor me fortaleceu a fim de que, por meio de minha defesa no tribunal, minha mensagem atingisse seu clímax (ou: para que, por esse meio, pudesse ser plenamente completada).

(4) "E todos os gentios a ouvissem" significa: a fim de que a multidão de nobres da corte, representando todo o mundo pagão, pudesse ouvir minha defesa (ou: de modo que essa multidão ouvisse minha defesa).

(5) "E fui resgatado da boca do leão" significa: e fui salvo de ser executado naquele dia.[183]

Para ser justo com os que favorecem este ponto de vista, é preciso dizer que alguns, embora desejem ser contados entre seus defensores, expressam sérias desconfianças e dúvidas a respeito. Isto não surpreende. Note o seguinte:

Com respeito ao ponto (I) supra. O fato de que a declaração: "Alexandre, o latoeiro, me prejudicou muito", seja seguida por "*Em minha primeira defesa* ninguém ficou ao meu lado", poderia implicar que o dano causado por Alexandre *não* foi feito "em minha primeira defesa", e, sim, mais recentemente. Paulo poderia estar comparando o presente com o passado. *Se este é o caso,* ele *está reconstituindo seus passos,*

183. Entre outros que aceitam ou reconhecem este ponto de vista estão os seguintes, com variações individuais quanto a detalhes de interpretação: Dibelius, Ellicott, Feine, Gealy, Jülicher, Lenski, Robertson. Scott, Simpson e White (ver Bibliografia para os títulos). Não obstante, deve-se enfatizar que o sumário que é apresentado não faz, necessariamente, plena justiça ao ponto de vista de algum dos intérpretes em particular. Ver. para uma informação mais completa, os comentários e introduções.

delineando lições e analogias à luz das experiências dos primeiros anos. *De qualquer modo, isto está inteiramente de acordo com o que ele está dizendo em outras passagens da carta* (1.5; 2.2; 3.14, 15; 4.7).

Com respeito a (2). Paulo menciona Lucas que está com ele, e Deus que o abandonou. Nenhum palavra acerca de "patronos". Além disso, se houve um julgamento de qualquer tipo ("preliminar" ou de outro lipo) *durante esta atual prisão*, é difícil crer que Paulo quisesse dizer que Lucas estava ausente ou que não estava qualificado para servir como patrono.

Com respeito a (3). A idéia de que *a proclamação plenamente executada* se refere simplesmente a uma defesa no tribunal não parece tão razoável como o ponto de vista de que ela se refere à esperança de *proclamar o evangelho* ao mundo inteiro, ou seja, ao Ocidente (Espanha) e ao Oriente.

Com respeito a (4). Dizer que a cláusula "...e para que todos os gentios a ouvissem" não significa mais que "e para que toda a corte a pudesse ouvir" pareceria fazer violência ao texto (como Gealy o admile). Ver esse auditório como que *representando* "todo o mundo pagão" parece uma exegese forçada no interesse de uma teoria.

Finalmente, com respeito a (5). A luz da passagem na qual Paulo, sem dúvida, estava pensando, a saber, Salmo 22.21, 22, a qual menciona um livramento do caráter mais completo, pode-se dizer com pouca possibilidade de contradição bem-sucedida que bastante insatisfatório é o ponto de vista segundo o qual *resgatar da boca do leão* nada mais significa que isto, a saber: que imediatamente após essa audiência preliminar de Paulo, em vez de ser executado, ele foi devolvido como prisioneiro acorrentado a sua horrível masmorra para esperar ali uma morte certa (cf. 2Tm 4.6).

Portanto, é preciso dizer que, se há uma interpretação melhor do que a oferecida pela igreja dos primeiros séculos, ainda não foi apresentada. E preciso ainda admitir sem reservas que o ponto de vista Iradicional tem suas dificuldades. Mas não são ainda maiores as dificuldades que o ponto de vista oposto tem que enfrentar?

19. O quarto parágrafo (saudações, etc., vv. 19-21; ver p. 390) começa da seguinte forma: **Saúde a Prisca e Aquila e à família de Onesíforo.**

Quanto a Prisca e Áquila, note que, em quatro das seis referências àquele maravilhoso casal, o nome da esposa vem antes (At 18.18; 18.26; Rm 16.3; e aqui em 2Tm 4.19). Em duas referências, a ordem é revertida(At 18.2; ICo 16.19). As conjeturas quanto à razão pela qual Áquila é nominalmente mencionado *depois* (e Prisca *antes)* são:

a. Prisca superava seu esposo em lealdade e zelo com respeito à obra do Senhor.

b. Prisca era oriunda de uma família mais distinta.

c. Prisca tinha sido uma "anfitriã nobre", e como tal tinha dispensado a Paulo e seus auxiliares um cuidado mais solidário.

Se a conjetura subjacente for a correta, ou seja, que um escritor concede honra especial ou uma posição mais elevada à pessoa mencionada primeiro - conjetura que nem todos aceitam -, então a razão mencionada no final poderia ser a correta; porém não sabemos.

Note que Paulo diz *Prisca* ("mulher séria ou *velha*"); Lucas, porém, diz Priscila (o mesmo significado, porém com um sufixo que denota "pequeno"; cf. o holandês "oudje"). *Aquila* significa *águia.* Estes são nomes latinos.

Áquila era "natural do Ponto" e vivera por algum tempo em Roma. Como resultado de uma explosão de anti-semitismo por parte do imperador Cláudio, Áquila e sua esposa haviam deixado Roma e se estabelecido em Corinto. Ele era fabricante de tendas como Paulo. Logo os dois homens estavam trabalhando juntos (At 18.1-3). Parece justificável inferir que foi por intermédio de Paulo que seus anfitriões foram levados a Cristo. Quando voltava ao seu ponto de partida em sua segunda viagem missionária, o apóstolo fez uma breve parada em Éfeso, Áquila e Priscila estavam viajando com ele, e "os deixou ali" (At 18.18, 19). É ali onde demonstram ser uma bênção de Deus para aquele fervoroso pregador chamado Apoio, a quem "expuseram mais precisamente o caminho de Deus" (At 18.24-26). Quando Paulo em sua terceira viagem missionária envia 1 Coríntios de Éfeso, acrescenta uma fervorosa saudação de Áquila e Priscila e da igreja "que está em sua casa" (1 Co 16.19). Quando nessa mesma viagem Paulo finalmente chega a Corinto e envia a carta aos Romanos, faz com que a saudação a Priscila e Áquila seja a primeira de uma extensa lista. (A teoria de que essa lista

não corresponde a esse lugar, ainda que tenha sido defendida com vigor, jamais foi provada. Apego-me com determinação à convicção de que ela é parte da epístola aos Romanos.) Esta saudação é não só a primeira, mas é também a mais completa e cordial. Tudo indica que agora este casal devoto tinha "arriscado o pescoço" por Paulo. Uma vez mais, como em Éfeso, o lar de Áquila e Priscila, que agora estão de volta a Roma, é o lugar de reunião para a congregação cristã (Rm 16.3-5). Finalmente, tudo indica, à luz de nossa presente passagem (2Tm 4.19) que ambos uma vez mais deixaram Roma e regressaram a Éfeso. A razão para este regresso a Éfeso poderia ter sido a perseguição de Nero. Com quanto carinho teria Paulo enviado esta saudação - escrevendo com sua própria mão! Ver comentário sobre 2 Tessalonicenses 3.17 - a seus leais amigos e colaboradores Áquila e Priscila!

O apóstolo também envia saudações à "família de Onesíforo" (ver sobre 2Tm 1.16).

20. Paulo está para transmitir os "melhores respeitos" de alguns crentes de Roma com quem mantivera certo grau de contato (ver v. 21), sem dúvida por meio de Lucas (ver sobre v. 11). Não obstante, antes disto ele toma cuidado ao indicar as razões por que duas pessoas foram impedidas de enviar saudações. A razão é que não se encontram em Roma. O apóstolo quer que Timóteo saiba disso, de modo que não comece a preocupar-se com a causa da omissão. Diz Paulo: **Erasto ficou em Corinto; Trófimo, porém, deixei doente em Mileto.** Posto que no livro de Atos esses dois *nomes* aparecem juntos ou em estreita proximidade, em conexão com a terceira viagem missionária de Paulo, viagem em que foi acompanhado por Timóteo grande parte da jornada (ver pp. 49-50), e posto que aqui em 2 Timóteo 4.20 o apóstolo menciona estes nomes como os de dois homens bem conhecidos de Timóteo, de modo que não se faz necessário dar mais pormenores para sua identificação, é possível presumir sem temor equívoco que Erasto é aquele que na terceira viagem missionária foi enviado (na viagem de ida) *com Timóteo* a Macedônia (At 19.22),[184] e que Trófimo era aquele

184. Se o Erasto mencionado em Romanos 16.23 era a mesma pessoa mencionada nas outras duas referências (At 19.22 e 2Tm 4.20), não se pode determinar. Os que rejeitam a identificação arrazoam que o tesoureiro da cidade de Corinto não teria sido capaz de achar tempo de ser um assistente constante de Paulo, a ponto de estar com ele em Éfeso, disposto

que, na mesma viagem (na volta) *com Timóteo*, acompanhou Paulo (At 20.4, 5). Foi este mesmo Trófimo, um efésio, que veio a ser a causa inocente de Paulo ser agarrado por um motim em Jerusalém (At 21.29).

E razoável presumir que, em suas notas acerca de Erasto e Trófimo, ele esteja relatando experiências recentes. Havia sido há bem pouco tempo que, enquanto Paulo, provavelmente de regresso da Espanha, de viagem ao Oriente, depois ao norte, então ao Ocidente (via Mileto, Trôade, Corinto, a Roma; ver um mapa; também pp. 55-56) Erasto havia permanecido em Corinto, e que Trófimo fora deixado doente em Mileto. Assim, nenhum desses homens está agora em condições de enviar saudações de Roma.

Deve ter sido difícil para Trófimo ser deixado em Mileto, a apenas uns sessenta quilômetros ao sul de seu lar em Efeso. E teria sido uma penosa experiência para Paulo descobrir que nessa ocasião não recebeu nenhum poder do Senhor para sua cura. Na soberana providência de Deus, os crentes também ficam doentes (Eliseu, 2Rs 13.14; Ezequias, 2Rs 20.1; Paulo, G1 4.13; Epafrodito, Fp 2.25-27; Timóteo, 1Tm 5.23; Trófimo, 2Tm 4.20). Também morrem! A passagem "por suas pisaduras fomos sarados" não significa que os crentes estão isentos das enfermidades da carne. Certamente que amiúde Deus se agrada em curá-los, bênção que chega em resposta à oração (Tg 5.14, 15). Todavia, se ainda a vontade de Deus é outra, deles é sempre o conforto de passagens tais como Salmo 23; 27; 42; João 14.1-3; Romanos 8.35-39;

a ser enviado em diversas missões.

Quem favorece a identificação, responde:

a. Timóteo e Erasto são enviados *a Corinto* via Macedônia (cf. At 19.22 corn 1 Co 16.10). c segundo Romanos 16.23, Erasto é "o tesoureiro da cidade", ou seja. *de Corinto.*

b. Também, segundo Romanos 16.23 e 2 Timóteo 4.20. Erasto tem algo que ver com *Corinto.* Segundo a primeira referência, ele é tesoureiro de Corinto; de acordo com a segunda [referência], "ele ficou em Corinto".

c. Em sua terceira viagem missionária, Paulo *estava reunindo fundos* para ajudar os irmãos carentes de Jerusalém. Um homem como o Erasto de Romanos 16.23, especialista cm assuntos financeiros, seria, portanto, a pessoa indicada para ir com Timóteo (At 19.22).

d. Não é impossível que um homem que viajara com Paulo como especialista financeiro pudesse vn- a ser tesoureiro da cidade, talvez por um ano. Além do mais, o ofício não era considerado como de grande proeminência. Até mesmo um escravo ou um liberto poderia vir a ser um tesoureiro da cidade.

Acerca de toda a questão, ver também H. J. Cadbury, "Eraslus of Corinto", *JBL* 50 (1931), 42-58. Para mim, a questão permanece duvidosa.

Filipenses 4.4-7; 2 Timóteo 4.6-8; Hebreus 4.16; 12.6, para mencionar apenas umas poucas entre muitas referências.

21. Para uma genuína apreciação da profundidade do sentimento, do comovente rasgo, que subjaz a petição que ora se segue, é preciso lembrar que à lista de *colaboradores ausentes* dada no versículo 10 agora é preciso somar os que acabam de ser citados (Prisca, Aquila, Erasto, Trófimo, e onde estava Onesíforo? Ainda na terra?). Por isso não causam estranheza as palavras: **Faça o máximo possível de vir antes do inverno.** O inverno (desde a Festa dos Tabernáculos até a Festa da Páscoa; em outros termos, de outubro a abril) estava se aproximando. Então cessava a navegação, ou, se se pretendia navegar, isso era muito arriscado, como Paulo o sabia da própria experiência (ver At 27). Além do mais, o apóstolo estava consciente de que o dia da execução se aproximava celeremente (2Tm 4.6). Se Timóteo demorasse em atender, os dois não voltariam a se ver novamente na terra. E com a aproximação do inverno, Paulo precisava de sua capa (ver sobre o v. 13).

Provavelmente, usando Lucas como mediador, alguns crentes que haviam resistido à urgência da fuga de Roma e da sanguinária perseguição pedissem que fossem lembrados: **Eubulo o saúda, e também Prudente, Lino, Cláudia e todos os irmãos.** Nem mesmo a lenda faz referência a *Eubulo,* nome próprio grego que significa "bom conselheiro", ou "pessoa prudente". Entre os gregos, *Lino* (que significa "louro") era o nome de um trovador mítico. O Lino a que Paulo faz referência parece ter sido simplesmente um crente de Roma, não um ex-companheiro de Paulo. A tradição diz que depois da morte de Pedro esse homem foi ordenado ao bispado da igreja de Roma (Irineu, *Against Heresies* III. iii. 3; Eusébio, *Ecclesiastical History* III, iv). Se esta tradição repousa sobre alguma base de fatos, ela está sujeita a dúvidas. O apóstolo não parece tê-lo numa posição tão elevada. Segundo a lenda, *Prudente* ("modesto") era um senador romano convertido por Pedro; e *Cláudia* ("aleijada") era a mãe de Lino. Estes dois últimos (Prudente e Cláudia) são nomes latinos comuns. Salvo estas breves notas aqui em 2 Timóteo 4.21, não temos um conhecimento definido e confiável acerca das quatro pessoas mencionadas.[185] Tampouco sabemos a quem se re-

185. Para lendas pouco dignas de confiança acerca de Prudente e Cláudia, ver Edmund-

fere ao dizer "todos os irmãos". Por exemplo, não sabemos se esses irmãos pertenciam à congregação original, predominantemente gentílica, ou a uma das assembléias de crentes subseqüentemente estabelecidas oriundas do elemento judaico de Roma.[186]

22. A saudação final, que é o quinto subparágrafo (ver p. 39**1)** tem duas partes. A primeira parte é dirigida somente a Timóteo: **O Senhor [seja] com seu espírito.** "O Senhor" significa "o Senhor Jesus Cristo" (cf. G1 6.18; Fp 4.23). O predicado "[seja] com seu espírito" implica que o espírito de Timóteo necessita ser fortalecido, para que possa cumprir todas suas tarefas ministeriais e no cumprimento de seus deveres tenha condições de suportar sofrimento pela causa de Cristo, e isto sem protestar. A segunda parte é dirigida não só a Timóteo, mas também a todos os que ouvirem ou leiam a carta: **A graça [seja] com vocês.** Ver comentário sobre **1** Timóteo 6.21.

Síntese do Capítulo 4

Ver o Esboço no início deste capítulo.

Timóteo deve *pregar* a sã doutrina. Esta é a incumbência final e soleníssima que o apóstolo transmite enquanto dirige a atenção de seu assistente para Deus e para Cristo Jesus, que julgará os vivos e os mortos, e em cuja presença a incumbência é transmitida e recebida. Assim ele põe Timóteo sob juramento de cumprir a incumbência. Se Timóteo obedecer, então participará da (e se desobedecer perderá a) glória da Epifania e Reinado de Cristo.

Timóteo, pois, deve ser um arauto. Deve proclamar vigorosa e fielmente a mensagem de salvação divinamente autorizada. Quer seja recebido ou não, ele deve estar sempre com as boas-novas à mão. Quanto a isso, ele deve reprovar, repreender e admoestar, fazendo isso com suprema longanimidade e grande desejo de ensinar. Deve lembrar que virá o tempo - em cada época existe esse tempo, mas esses tempos tornam-se progressivamente piores - quando os homens não suportarão a sã doutrina. Naturalmente, ainda quererão ter seus mestres; de

son, *The Church in Rome,* nota C.

186. Ver meu livro *Bible Survey,* pp. 427-432.

fato, "muitos". Esses mestres, porém, serão do tipo que se ajustam às fantasias dos homens cujos ouvidos coçam por ouvir histórias interessantes em vez da verdade. Que Timóteo, pois, seja sóbrio, disposto a suportar dificuldades enquanto se desincumbe plenamente de seu ministério evangelístico. Que ele faça isto ante o fato de que Paulo, que tem combatido o bom combate, acabou a carreira e guardou a fé, está para partir rumo às praias da eternidade, a fim de que possa receber a coroa, a qual ele pode com justiça reivindicar como propriamente sua, e qual o Senhor, o justo Juiz, lhe dará no dia do juízo, e não somente a ele, mas também a todos quantos têm esperado com amor e anelo o momento do aparecimento do Senhor, sua gloriosa segunda vinda.

O parágrafo final (4.9-22) se acha resumido na p. 390.

COMENTÁRIO SOBRE TITO

ESBOÇO DE TITO

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Tito, Ministra Diretrizes para a Promoção do Espírito de Santificação*

Capítulo 1: **Na Vida Congregacional.**

A. Destinação e Saudação.

B. Deve-se designar presbíteros bem qualificados em todas as cidades.

C. Razão: Creta não tem escassez de pessoas de má reputação, as quais necessitam ser repreendidas com toda seriedade.

Capítulo 2: **Na Vida Familiar e Individual.**

A. Todas as classes de individuos que compõem o círculo familiar devem conduzir-se de tal maneira que, por meio de sua vida, possam adornar a doutrina de Deus, seu Salvador.

B. Razão: A graça de Deus se manifestou a todos para a santificação e para a jubilosa expectativa do aparecimento em glória de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo.

Capítulo 3: **Na Vida Social (ou seja, Pública).**

A. Os crentes devem obedecer às autoridades. Devem ser amáveis para com todos os homens, visto que foi a bondade de Deus nosso Salvador, não nossas obras, o que nos trouxe a salvação.

B. Em contrapartida, é preciso evitar as questões néscias e os homens facciosos que se negam a prestar atenção às admoestações.

C. Instruções finais com respeito a itinerantes em prol do reino (Artemas ou Tíquico, Tito, Zenas, Apoio) e a crentes cretenses em geral. Saudações.

ESBOÇO DO CAPÍTULO 1

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Tito, Ministra Diretrizes para a Promoção do Espírito de Santificação Na Vida Congregacional*

1.1-4	Destinação e Saudação.
1.5-9	Deve-se designar presbíteros bem qualificados em cada cidade.
1.10-16	Razão: Creta não tem escassez de pessoas de má reputação, as quais devem ser seriamente repreendidas.

CAPÍTULO 1

— < $ > —
TITO 1.1

I Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo no interesse de [a] fé dos eleitos de Deus e de [seu] reconhecimento da verdade que é segundo a piedade, 2 [baseada] na esperança da vida eterna, a qual o Deus que não pode mentir prometeu antes dos tempos eternos 3 - mas que no devido tempo ele revelou sua palavra pela proclamação que, por ordem de Deus nosso Salvador, me foi confiada -; 4 a Tito [meu] genuíno filho no exercício de [a] fé comum; graça e paz de Deus [o] Pai e Cristo Jesus nosso Salvador.

1.1-4

1. Paulo, servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo no interesse de [a] fé dos eleitos de Deus e de [seu] reconhecimento da verdade que é segundo a piedade.

Estas são as palavras iniciais de uma extensa saudação. Nas epístolas de Paulo, somente duas são mais longas. À guisa de comparação, note a seguinte lista que, ordenada de forma ascendente, indica o número de palavras de cada saudação *no original.*

1 Tessalonicenses	19	2 Coríntios	41
2 Tessalonicenses	27	Filemom	41
Colossenses	28	1 Coríntios	55
Efésios	28 (ou 30)	**Tito**	**65**
2 Timóteo	29	Gálatas	75
filipenses	32	Romanos	93
1 Timóteo	32		

A presente saudação (vv. 1-4) assemelha-se à de Romanos mais que qualquer outra. Aqui, como em Romanos, Paulo se denomina *servo* e *apóstolo* (cf. 2Pe 1.1), e fala de uma *promessa* agora cumprida.

Além disso, como em Romanos e em diversas outras epístolas, ele atribui *a graça e a paz,* (não "graça, misericórdia e paz" como em 1 e 2 Timóteo) à mesma dupla fonte, ainda que varie a forma de expressão.

Aqui, como em outras epístolas (especialmente nas saudações extensas), a saudação está de acordo com o caráter e propósito da epístola. Assim, não surpreende que em Tito, que enfatiza a idéia de que *a sã doutrina vai de mãos dadas com a vida de santificação e a realização de boas obras*, a própria saudação já menciona *a piedade* ("a verdade que é segundo a piedade"), e em contraste com o caráter *mentiroso* dos cretenses (Tt 1.12) faz menção de Deus *que nunca mente.*

Paulo é *servo de Deus*[w] ("servo" também em Rm 1.1; Fp 1.1; cf. Tg 1.1; 2Pe 1.1; note, porém, as variações nos modificadores), e recebeu sua comissão autoritativa diretamente de *Jesus Cristo,* e portanto é seu *apóstolo.*

O serviço e o apostolado são exercidos "no interesse de" (esse parece ser o sentido de Kaxá aqui; cf. Jo 2.6; 2Co 11.21) a fé dos eleitos de Deus e [seu] reconhecimento da verdade que é segundo a piedade; ou seja, se concretiza *com o fim de fomentar* ou *promover* a confiança dos escolhidos de Deus nele, bem como seu alegre reconhecimento ou confissão da verdade redentora que se centra nele; verdade essa que, em agudo contraste com as extravagâncias dos falsos mestres, *concorda com* (ou aqui também "é no interesse de", "promove") a piedade, a vida de virtude cristã, o espírito de verdadeira consagração.[188]

187. Os tradutores e comentaristas nunca poderão, provavelmente, concordar sobre, se òoGÂoç, como usado aqui e em passagens semelhantes, deve ser traduzido por *escravo* ou *servo.* Em favor de *escravo* está o fato de que o Dono de Paulo o *comprou,* por isso o *possui,* e que o apóstolo *é completamente dependente* de seu Dono, relação da qual está plenamente ciente. Em contrapartida, esta mesma tradução choca muitos ouvidos, porque a palavra "escravo" geralmente traz à nossa mente a idéia de *serviço involuntário e tratamento rude.* Portanto, pareceria que, se a escolha é entre *escravo* e *servo,* a tradução *servo* merece a preferência aqui. Ver também C.N.T. sobre João 15.15, nota 184. Não obstante, é preciso ter em mente que, como ocorre amiúde, nenhuma tradução pode dar *numa só palavra* o pleno e rico sentido do original.

188. Diversos conceitos deste versículo têm sido discutidos mais plenamente cm outros lugares. Sobre a idéia de *apostolado,* ver comentário sobre 1 Timóteo 1.1. Sobre a idéia de *eleição,* ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 1.4. Para a expressão "Jesus Cristo", ver comentário sobre 1 Timóteo 1.1; cf. C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 1.1. E para *piedade,* ver comentário sobre 1 Timóteo 2.2; 3.16; 4.7, 8; 6.3, 5, 6, 11; e 2 Timóteo 3.5.

2. Ora, *tudo* o que até aqui se disse - o serviço e apostolado de **1'nulo** no interesse da fé dos eleitos de Deus e de seu reconhecimento da verdade que é segundo a piedade - repousa **na esperança da vida Hrrna, a qual Deus, que não pode mentir, prometeu antes dos tempos eternos.**[189] Esta esperança é um ardente anelo, uma confiante expeclaliva e uma paciente espera pela "vida eterna", salvação em seu in.ns pleno desenvolvimento (cf. Jo 17.24; Rm 8.25). Foi esta salvação que Deus, *que não pode mentir* (ISm 15.29; Hb 6.18; cf. 2Tm 2.13; em contraste com Tt 1.2) "prometeu antes dos tempos eternos".

I K▷. A expressão "na esperança da vida eterna" realmente modifica todo o primeiro verifrillo? Em outros termos, é a *esperança* aqui considerada um tipo de causa energizante Mulo do ministério apostólico de Paulo quanto a completa devoção dos eleitos a Deus? Isto pareceria ser o ponto de vista mais natural. Além disso, ele se harmoniza com o ensino de Paulo em outras partes:

Assim, com respeito a a. *a esperança considerada como um estímulo na realização de MUI própria tarefa* (e a de Timóteo), diz: "Porque com este fim trabalhamos e labutamos, porque temos posto nossa esperança no Deus vivo" (ver comentário sobre 1Tm 4.10).

E com respeito a b. *a esperança considerada como um incentivo para a vida santa do crente em geral*, a passagem de Tito 2.11-14 é muito clara. (Outras passagens que provam d ou h., ou ambas, são as seguintes: 1Tm 1.16; 6.19; 2Tm 1.12; 2.5, 11, 12: 4.1, 7, 8, 18; então também At 26.6. 7; Rm 4.18; 8.20; ICo 9.10; 15.58; ITs 1.3, 9, 10; 2.12; 4.13.) Seguramente, se mesmo Jesus "por causa da alegria que foi posta diante dele" suportou a • in/. (Hb 12.2), os crentes têm o direito de considerar sua salvação futura como um incentivo legitimo (ainda que não o único) para uma vida de serviço consagrado aqui embaixo.

Vários comentaristas, porém, aceitam somente a. no que respeita a esta passagem. Interpretam-na como segue:

O ministério e o apostolado de Pauto são:

(I) "no interesse da fé dos eleitos de Deus", etc.,

e

(2) "baseados na esperança de vida eterna, a qual", etc.

As frases (1) e (2) são consideradas como modificadores coordenados de "Paulo, servo de I)eus c apóstolo de Jesus Cristo."

Ainda que este ponto de vista possa ser correto, pareceria estar exposto às seguintes objeçocs, tornando-o menos provável:

Em primeiro lugar, neste caso não seria (2) introduzida mais naturalmente por alguma partícula especificativa?

Em segundo lugar, admitido assim estreitamente, não é o antecedente da expressão "[baseado] na esperança" remoto demais?

Em terceiro lugar, quando as palavras que precedem imediatamente esta expressão mencionam outras coisas (progresso na fé, reconhecimento da verdade, o exercício da piedade) que segundo o ensino uniforme de Paulo *também* são estimuladas por esta viva esperança, como já se mostrou, que boa razão há para dizer que *somente o* ministério apostólico de Paulo está baseado nela?

Outros pontos de vista da construção são ainda menos satisfatórios.

Assim como a graça de Deus nos foi dada em Cristo Jesus "antes dos tempos da eternidade" (2Tm 1.9), assim também a vida eterna foi prometida "antes dos tempos eternos". Antes que os séculos começassem a girar em seu curso sem fim, ou seja, antes da fundação do mundo, desde a eternidade, a graça foi concedida e a vida, prometida. Quando Deus decide chamar um povo para ser sua possessão, o cumprimento deste decreto é tão infalível que a graça que receberão pode ser considerada como já recebida, assim como se desenvolve a vida como que tendo já sido prometida. Além do mais, estritamente falando, o texto não diz: "Deus *lhes* prometeu", mas simplesmente "Deus *prometeu*". Não obstante, o contexto (ver v. 1) definidamente implica que essa promessa foi feita *para o benefício dos eleitos* dentre os judeus e gentios. No fato de que os crentes são considerados como "dados" pelo Pai a Cristo, para que herdassem a vida eterna em sua mais gloriosa manifestação, está claramente implícito que essa promessa (do Pai ao Filho no interesse de todos os eleitos) foi realmente feita no pacto de redenção desde a eternidade (Jo 17.6, 9, 24; cf. também SI 89.3, baseado em 2Sm 7.12-14; cf. Hb 1.5). Note especialmente João 17.24: "Pai, quero que os que me deste estejam comigo onde eu estou e vejam minha glória, a glória que me deste porque me amaste *antes da criação do mundo*" (Jo 17.24).

A fraseologia exata desta doutrina, "antes da fundação do mundo", não é apenas joanina, mas também definitivamente paulina. Note Efésios 1.4: "Ele nos elegeu nele [ou seja, em Cristo] para si mesmo *antes da fundação do mundo."*

Assim interpretado, Tito 1.2 está inteiramente em harmonia com o pensamento paulino, o qual remonta regularmente à salvação dos crentes a sua origem no plano redentor de Deus na eternidade (além de 2Tm 1.9 e Ef 1.4, ver também Rm 8.29, 30; ICo 2.7; 2Ts 2.13; e ver C.N.T. sobre lTs 1.4[190]).

190. As objeções que se têm apresentado contra esta explicação são as seguintes:

(1) Não se pode dizer com exatidão que a vida eterna *foi prometida* desde a eternidade. Esta objeção já foi contestada.

(2) Quem, neste contexto, pensa no decreto eterno de Deus se vê forçado a concluir que Deus deu a promessa *antes da eternidade.*

Resposta: De modo algum; ele a deu "*antes* dos tempos eternos", ou seja,"*desde* a eternidade".

(3) O verbo *prometeu* está no *tempo aoristo* (voz média). Por isso, deve referir-se a um só

3. O versículo 3 na verdade é um parêntese: - **mas no devido tempo ele revelou sua palavra pela proclamação que, por ordem de Deus nosso Salvador, me foi confiada -.**

I)esde a eternidade Deus *prometeu* a vida eterna, mas "no devido icinpo" (aqui usado como em lTm 2.6; 6.15; ver notas 102 e 105; cf. lambem Gl 4.4) ele a *revelou.* Estritamente falando, contudo, o que foi icvelado aos habitantes da terra não foi a vida eterna propriamente ilila, em sua gloriosa fase celestial (como poderia ser?), mas *a palavra* de Deus com respeito a ela. Daí a mudança de "vida eterna" no versículo 2, para "sua palavra" no versículo 3. Na forma de (ou, por meio de) as *boas-novas* que Paulo proclamou e que, por ordem de "Deus nosso Salvador" (ver sobre lTm] .1) e que lhe fora *confiada* (ver sobre ITm 1.11-13), esta *palavra* ou *mensagem* de Deus com respeito aCrislo e seu dom de graça agora se fez manifesta.

Esta declaração parentética está em plena harmonia com todo o ensino paulino. Este ensino pode ser resumido da seguinte forma:

A salvação plena em Cristo para o judeu e o gentil, considerados como iguais, uma salvação baseada apenas nos méritos de Cristo e recebida pela fé:

a. foi objetivamente *dada* e *prometida* desde a eternidade (ICo 2.7; Ef 1.4; 2Ts 2.13; 2Tm **1**.9; Tt 1.2).

b. estava *oculta* - ou seja, a mensagem com referência a ela estava oculta - nas eras anteriores e dos olhos das primeiras gerações (Rm 16.25; Ef 3.5, 6, 9; Cl 1.26a); oculta, ou seja, no sentido em que não foi *plenamente* proclamada, nem *plenamente* concretizada, nem *plenamente* entendida pelos homens da antiga dispensação, ainda que tivesse sido prefigurada (Gn 3.15; 12.3; cf. Gl 3.8; Is 60.61; J1 2.28, 29; Am 9.11, 12; Mq 4.12; Ml 1.11; também SI 72.8-11, 17; 87).

c. agora é plenamente *manifestada* - ou seja, a mensagem com referência a ela [vida] foi plenamente manifestada - por meio da proclamação universal do evangelho (ver sobre 2Tm 1.10, 11; cf. Rm 16.26;

acontecimento, provavelmente à promessa de Gênesis 3.15.

Resposta: Não é verdade que o aoristo se refere necessariamente somente a um *acontecimento.* Antes, sua função é resumir, dar uma "visão em cápsula". Mas ainda quando se refira somente a um acontecimento, esse acontecimento poderia ser a (humanamente concebida) promessa de Deus no pacto de redenção.

Ef 3.3-9; Cl 1,26b-29). Para "proclamação" ou "pregação" (literalmente "anunciação", "kerugma"), ver sobre 2 Timóteo 4.2.

O glorioso fato de que a proclamação das boas-novas concernente à vida eterna fora no momento confiada a alguém tão digno como Paulo, fato este que levou o coração do apóstolo a transbordar de gratidão, explica esta interrupção na continuidade da frase.

4. A Tito [meu] genuíno filho no exercício de [a] fé comum; graça e paz de Deus [o] Pai e Cristo Jesus nosso Salvador.

As palavras de destinação se assemelham estreitamente àquelas de 2 Timóteo 1.2, e ainda mais estreitamente às de 1 Timóteo 1.2. Note agora aqui também como a autoridade apostólica (Tt 1.1) e o terno amor ("meu genuíno filho") se harmonizam de forma muito bela.

Tito era *filho* de Paulo por dever sua vida espiritual ao apóstolo como um instrumento nas mãos de Deus, embora não nos sejam revelados o tempo, o lugar e as circunstâncias de sua conversão (ver p. 52). A designação *filho é* muito feliz, porquanto combina duas idéias: "Eu o gerei" e "Você me é muitíssimo querido". Além do mais, Tito era um filho *genuíno*, natural (não adotado), não um filho bastardo, nem meramente um crente nominal. Paulo se considera pai de Tito, não no sentido físico, mas "no exercício da fé comum", ou seja, com respeito à fé comum a Paulo e a Tito. A frase "em fé" ("meu genuíno filho em fé"), em 1 Timóteo 1.2, tem virtualmente o mesmo sentido, o verdadeiro conhecimento de Deus e de suas promessas reveladas no evangelho e uma sincera confiança nele e em seu amor redentor e centrado em Cristo.

Sobre este filho genuíno, o apóstolo agora pronuncia *graça e paz* (cf. "graça, misericórdia e paz" em 1Tm 1.2 e em 2Tm 1.2). *Graça* é o favor imerecido de Deus em operação no coração de seu filho. É seu amor perdoador e fortalecedor centrado em Cristo. *Paz* é aquela consciência que o filho tem de haver sido reconciliado com Deus por meio de Cristo. *Graça* é a fonte; e *paz é o* fluxo que emana dessa fonte (cf. Rm 5.1).

Esta graça e esta paz têm sua origem em Deus Pai, e foram merecidas para o crente por Cristo Jesus. As duas são a única fonte da graça e paz (a preposição *de* não é repetida). Embora em todas as demais saudações de Paulo (Rm 1.7; ICo 1.3; 2Co 1.2, etc., inclusive as Pastorais: 1 Tm 1.2; 2Tm 1.2) Cristo seja chamado *Senhor,* ele aqui é chama-

do "nosso Salvador". Para o significado desta palavra *salvador,* a qual ocorre tão amiúde em Tito como em todas as demais epístolas paulinas postas juntas (seis vezes: Tt 1.3, 4; 2.10, 13; 3.4, 6), e nessa carta é usada tanto em referência a "Deus" quanto em referência a "Cristo", ver sobre lTm 4.10. Aqui em Tito 1.4 o termo é usado em seu significado pleno, redentor. Cristo Jesus é Aquele que resgata do mal maior e concede ao resgatado o bem maior. Para o significado de *salvação,* ver sobre 1 Timóteo 1.15.

Ante a estreita similaridade entre Tito 1.4 e 1 Timóteo 1.2, veja o leitor as explicações de 1 Timóteo 1.2 para discussão mais detalhada. Além do mais, ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 1.1.

5 Por essa razão o deixei em Creta, para que você pusesse em ordem as coisas que faltavam fazer, a saber, para que designasse presbíteros em cada cidade, daquela maneira que lhe orientei. 6 Uma pessoa [pode ser designada] se for irrepreensível, marido de uma só esposa, que tenha filhos crentes [que sejam] não acusados de comportamento dissoluto nem de insubordinação. 7 Porque o bispo, como despenseiro de Deus, deve ser irrepreensível, não orgulhoso, não colérico, não |alguém que se demora] ao lado de [seu] vinho, não agressivo, não cobiçoso de lucro indigno, 8 porém hospitaleiro, amante do bem, sóbrio [ou sensato], justo, piedoso, dono si, 9 que se apega à palavra fiel que está de acordo com a doutrina, a fim de que ele seja apto tanto para encorajar [outros], por meio de seu sólido ensino quanto para refutar os que [o] contradizem.

1.5-9

5. Para que a vida congregacional venha a prosperar nas diversas cidades de Creta, é preciso designar presbíteros bem qualificados: **Por essa razão o deixei em Creta, para que você pusesse em ordem as coisas que faltavam fazer, a saber, para que você designasse presbíteros em cada cidade, daquela maneira que lhe orientei.**

Evidentemente, numa determinada viagem por mar, Paulo e Tito estiveram juntos em Creta. O evangelho fora proclamado, pequenos grupos de discípulos se juntaram e buscaram lugares de reunião, mas não se efetuara nenhuma organização oficial, ou, se algo nesse sentido havia sido iniciado, estava longe de tomar forma.

Se é correta a *conjetura* de que a estada temporal em Creta ocorreu imediatamente após a libertação de Paulo da primeira prisão em Roma, nesse tempo surgiram os seguintes problemas:

a. Depois de uma longa ausência de seus amigos, o apóstolo estava ansioso por ver os rostos conhecidos de antes e voltar a visitar as igrejas previamente estabelecidas. Isto é compreensível, porque ele era intensamente humano, uma pessoa de coração ardoroso. Além do mais, amava seu Senhor e aspirava promover a boa causa de todas as formas possíveis. Além disso, ele fizera o que poderia ser considerado *promessas* de visitas urgentes (Fm 22; Fp 1.25, 26). Conseqüentemente, uma longa permanência em Creta para Paulo pessoalmente estava fora de qualquer consideração.

b. Não obstante, a organização das igrejas em Creta estava longe de ser um assunto encerrado, e a indevida precipitação em designar homens para algum ofício era contrário aos princípios de Paulo (1Tm 3.6; 5.22).

A solução era: Paulo deveria seguir seu caminho e Tito devia *ficar para trás* (cf. 2Tm 4.13, 20) na ilha com a finalidade de pôr em ordem as coisas que ficaram por fazer, *a saber (KDLZÇC,* usada aqui neste sentido), estabelecer presbitérios. O apóstolo, que aprecia enfatizar o fato de que *Deus* não deixa sem conclusão sua obra da graça (Fp 1.6; 1Ts 5.23), é um verdadeiro imitador de Deus também neste aspecto; porque Paulo também tem aversão às questões não concluídas (ver 1Tm 1.3 e 1 Ts 3.10 acerca de diferentes aplicações deste mesmo princípio). E com respeito a Tito, quase se podia afirmar que nenhuma tarefa lhe era demasiadamente difícil a ponto de não tentar efetuá-la e nenhum desafio tão formidável para não enfrentá-lo, na dependência da força e sabedoria divinas (ver pp. 51, 54).

O texto denota que o apóstolo dera ordens quanto à forma *como* (wç = abreviação *de tal maneira que*) os presbíteros deviam ser designados. Isto se refere *aos requisitos para o ofício* que se deve levar em conta quando se nomeia homens para o presbiterato. Posto que os versículos que se seguem se referem tão-somente aos *presbíteros,* porém é evidente à luz de 1 Timóteo 3 que era a convicção de Paulo que (pelo menos no curso do tempo) uma igreja também carece de *diáconos,* podemos presumir que o apóstolo quer dizer que quando a obra que se deve executar se revela demasiadamente pesada para os presbíteros, deve-se designar de forma semelhante os diáconos (cf. At 6.1-6).

Por conseguinte, as diretrizes quanto aos requisitos para o ofício

de presbítero ou ancião são aqui reafirmadas. Foram dadas oralmente enquanto Paulo e Tito estavam ainda juntos em Creta, e são agora rei-**Icradas** na forma escrita: "*Por essa razão* (antecipativo TOÚTOU seguido de *Ivu,* como em Ef 3.1, 14-16) o deixei em Creta, para... de-**signasse** presbíteros *em cada cidade*" ("completamente", de "cidade **por** cidade"). Para a prática, ver Atos 14.23, e para este uso da preposi-**ção,** ver Lucas 8.1; Atos 10.23.

Razões possíveis para a repetição na forma escrita de uma diretriz dada previamente na forma oral:

(a) Para a conveniência de Tito, a fim de ajudar sua memória;

(b) Para a confirmação de sua autoridade no caso de alguém apresentar objeção;

(c) Para a posteridade.

Embora Paulo dissesse: "para que *você* designe", de modo algum exclui a cooperação responsável das congregações individualmente (ver Al 1.15-26; 6.1-6, note o mesmo verbo em At 6.3).

6-9. A lista de requisitos para os anciãos ou presbíteros é introduzida pelas palavras: "Se alguém for..." Temos aqui outro exemplo de *discurso abreviado* (ver C.N.T. sobre João 5.31, vol. I). Aqui, como cm 1 Timóteo 5.10, não é difícil completar as palavras que estão implícitas. O significado, como requerido pelo contexto precedente, é: "Se alguém for irrepreensível, etc. ..., *o mesmo pode ser designado";* ou, segundo minha tradução: **Uma pessoa [pode ser designada] se for,** etc.

Os requisitos alistados ocorrem em três grupos:

(1) A pessoa que se destina a ocupar um posto tão importante deve ler uma reputação merecidamente elevada; e, se for casada (o que será geralmente o caso), deve ser um bom chefe de família (v. 6).

(2) *Não* deve ser o tipo de pessoa que, para agradar-se, tenha perdido o interesse pelas demais pessoas (salvo para perturbá-las!) e que, se vê envolvido em uma disputa, se dispõe a sempre apelar para a violência. Apresenta-se uma lista de características *negativas*: qualidades que o bispo *não* deve ter (v. 7).

(3) Todas suas ações devem dar evidência do fato de que em *obra* **e em** *doutrina* ele deseja ser uma bênção para os demais. Apresenta-se

uma lista de características *positivas:* qualidades que o bispo deve ter (vv. 8, 9).

Os três grupos de requisitos correspondem a pessoas que por sua idade e dignidade são *anciãos*, e por sua tarefa são *bispos.* Ainda que seja verdade que o texto diz "o bispo", no singular, o faz em sentido genérico, representando com um membro toda a classe considerada pelo prisma de uma característica definida (ver C.N.T. sobre 1 e 2Ts 1.9, nota 41). Poder-se-ia parafrasear o sentido da seguinte maneira: "Porque *qualquer* bispo, em razão do próprio fato de que deve viver à altura de seu ofício de *bispo* e no que respeito à administração da casa de Deus (sendo *mordomo* de Deus; ver comentário sobre 1Tm 1.4; cf. ICo 4.1; IPe 4.10), deve ser irrepreensível", etc. Que para o autor das Pastorais as palavras *ancião* e *bispo* indicam a mesma pessoa, também se deduz do fato de que essencialmente os mesmos requisitos dados para um ancião aqui em Tito 1.5, 6 - que seja irrepreensível, marido de uma só mulher, filhos de bom testemunho - aparecem na lista com referência ao *bispo* em 1 Timóteo 3.2, *4.* A idéia hierárquica - os *vários* "sacerdotes" e suas "paróquias", superados em categoria e governados por um "bispo" e sua "diocese" - é algo estranho às Pastorais.

Para evitar uma duplicação desnecessária e ao mesmo tempo mostrar a relação entre as duas listas bastante semelhantes de requisitos (Tt 1 e 1 Tm 3), dou a explicação dos versículos 6-9 na forma de uma tabela. *Quando o requisito estipulado já estiver tratado em outro lugar (particularmente em 1Tm 3). o leitor deve buscar a explicação mais completa que encontrará ali.*

A coluna 1 contém a lista de requisitos dos anciãos ou bispos como se encontram em Tito 1. A coluna 2 dá o significado em termos breves de cada um desses requisitos. A coluna 3 dá uma lista dos requisitos *da lista de Tito 1* que tem paralelo (em forma exata ou por meio de um sinônimo) na *lista de requisitos do bispo* de 1 Timóteo 3. A coluna 4, semelhantemente, mostra os paralelos na lista *de requisitos* para diáconos em 1 Timóteo 3. E a coluna 5 dá uma lista dos antônimos de quatro requisitos para bispos que não encontra paralelo em 1 Timóteo 3. Esses antônimos aparecem na lista de 2 Timóteo 3 sobre os traços do caráter das pessoas que vivem nos "últimos dias" (ver explicação de 2Tm 3.1-5).

Tito 1	*Significado*	*1 Timóteo 3-Bispos*	*1 Timóteo 3-Diáconos*	*2 Timóteo 3*
Presbíteros				
irrepreensível	que não precisa ser chamado à atenção (particularmente com respeito aos pontos mencionados nos vv. 6-9)	cf. irrepreensível (v. 2)	irrepreensível (v. 10)	
marido de uma só mulher	fiel *no* relacionamento conjugai	marido de uma mulher (v. 2)	marido de uma só mulher (v. 12)	
tendo filhos crentes [que] não [sejam] acusados publicamente de comportamento dissoluto nem *de* **insubordinação.**	tendo filhos que participem da fé cristã de seus pais e que adornem essa fé com uma conduta piedosa. Um homem cujos filhos são ainda pagãos ou se portam corno pagãos não deve ser designado para o presbiterato. cf. Ef 5.18	cf. que governe bem sua própria casa, com real dignidade, mantendo seus filhos em submissão, etc. (vv. 4, 5)	cf. que governe bem seus filhos e sua casa (v. 12)	
bispos				
Porque o bispo, como despenseiro de Deus, deve ser irrepreensível, (Isto já foi explicado.) **não orgulhoso**	(explicação de "não orgulhoso") não auto-indulgente a ponto de exibir arrogância a outros (cf. 2Tm 3.2 e 2Pe 2.10)			contraste e cf. "amante de si mesmo" (v. 2)
não colérico	não dado a explosões de ira	cf. não agressivo, não contencioso (v. 3)		
não [alguém que se demora] ao lado de [seu] TÍ-	não bebedor de vinho, beberrão. ébrio	não [alguém que se demora] ao lado de [seu] vinho	cf. não apegado a muito vinho iv. 8)	

que adere à palavra fiel que está de acordo com a doutrina	que se apegue e que se aplique à tradição sacra que está em harmonia com a sã doutrina, ou seja, com a doutrina que por sua vez está baseada na Escritura	cf. que guarde o mistério de nossa fé com uma consciência pura (v. 9)
a fim de que ele seja apto tanto para estimular [outros] por meio de seu ensino sólido quanto para refutar os que o contradizem	com o fim de que todo bispo, por meio de seu ensino sólido, possa inclinar o coração e a vontade ao alegre serviço prestado ao Senhor, e a denunciar os erros de quem se rebele; ou seja, resistir a esses oponentes, caso seja possível levá-*los* ao reconhecimento; pelo menos convencer os *crentes* de que esses adversários estão errados. Nem todos os bispos ou presbíteros são chamados a realizar essa tarefa (ver sobre 1Tm 5.17), porém *todos devem ser aptos* a realizá-la.	qualificado para ensinar (v. 2)

Tito 1	*Significado*	*1 Timóteo 3-Bispos*	*1 Timóteo 3-Diáconos*	**2** *Timóteo 3*
não agressivo	não violento, não belicoso, não irascível	**não violento (v. 3)**		
não cobiçoso de lucro indigno	não desfalcador, ladrão, simonita (cf. Tt 1.11; também cf. 1Pe 5.2, advérbio)	**cf. não amante do dinheiro (v. 3)**	**não cobiçoso de proveito vergonhoso (v. 8)**	
mas hospitaleiro	"amor pelos estranhos"; aqui, especialmente, pronto a amparar e a dar abrigo a crentes desamparados, viajantes ou crentes perseguidos (cf. 1Pe 4.9)	**hospitaleiro (v. 2)**		
amante do bem	que ame a bondade, virtuoso, disposto a fazer o que beneficie os demais			**contraste e ef. "aborrecedores do bem" (v. 3)**
sóbrio ou sensato	de mente sã, discreto, ponderado (cf. Tt 2.2, 5)	**sóbrio (v. 2)**		
justo	que cumpra seu dever para com o homem			
piedoso (ou "'santo")	que cumpra seu dever para com Deus (cf. 1Tm 2.8)			**contraste e cf. "ímpios" "impuros" (v. 2)**
senhor de si mesmo	que possua o *vigor moral* para refrear ou dominar as inclinações e os impulsos pecaminosos de si mesmo (cf. Gn 39.7-9; 50.15-21)			**contraste e cf. incontinentes" (v. 3)**

10 Porque há muitos insubordinados, palradores luteis e enganadores, especialmente os do partido da circuncisão, 11 cuja boca precisa ser fechada, visto que, ao ensinarem, [estão] pervertendo famílias inteiras, por amor ao lucro vergonhoso, o que não é próprio. 12 Um deles, um seu profeta, fez a afirmação:

"Os cretenses [são] sempre enganadores, brutos maus, ventres inativos".

13 Este testemunho é verdadeiro. Portanto, reprove-os severamente para que sejam sadios na fé 14 em vez de devotar-se aos mitos judaicos e a mandamentos de homens que voltaram as costas para a verdade.

15 Todas as coisas [são] puras para os que são puros; mas para os que são contaminados e incrédulos nada [é] puro; ao contrário, contaminadas são até mesmo a mente e a consciência deles. 16 Professam conhecer a Deus, porém por suas ações [o] negam, porque são desprezíveis e **dcsobedientes e** inaptos para toda boa obra.

1.10-16

10. A razão por que é *especialmente* indispensável que haja homens tão altamente qualificados para o ofício espiritual em Creta é agora exposta:

Porque há muitos insubordinados, palradores fúteis e enganadores, especialmente os do partido da circuncisão.

Esse grupo (vv. 10-14a) é o mesmo de que se faz menção em 1 Timóteo 1.3-11; note as semelhanças:

Tito 1	1 Timóteo 1
insubordinados (v. 10)	insubordinados (v. 9)
palradores fúteis (v. 10)	certos indivíduos... se desviado para a conversão fútil (v. 6)
ensinando o que não é próprio (v. U)	a fim de que você ordene a certos indivíduos a não ensinarem de forma diferente (v. 3); cf. 6.3
sempre mentirosos (v. 12)	mentirosos (v. 10)
a fim de que sejam sadios na fé (v. 13)	Contrário à sã doutrina (v. 10); cf. 6.3
devotando-se aos mitos judaicos (v. 14)	a não devotar-se a mitos e genealogias intermináveis (v. 4) cf. 4.7a.

I isses homens estão presentes aqui em Creta *em número alarmante* i"*muitos* insubordinados"; contraste com "certos indivíduos" em lTm I í). Isso poderia dever-se ao fato de que seus erros peculiares estives- i in em linha com o caráter nacional cretense e que estivessem sob a lorle influência de rabinos judaicos (*intrusos,* vv. I4b-16). São *insubordinados,* ou seja, desobedientes à Palavra de Deus. Além disso, são *hxptazes fúteis,* não atingindo nenhum propósito *proveitoso* com seus contos fictícios acerca de Adão, Moisés, Elias e outros e com seu legalismo minudente (cf. lTm 1.6); todavia *enganam a mente* (ver M.M., p. 675) dos fracos. Especialmente "os do partido da circuncisão", ou seja, judeus membros da igreja (cf. At 10.45; G1 2.12), pertencentes à classe dos palradores fúteis e enganadores. Provavelmente considerassem sua circuncisão como uma marca de excelência suprema, o que lhes daria o direito de ser ouvidos e estimados por outros.

II. Paulo, porém, discordando agudamente da opinião que nutriam sobre si mesmos, diz com respeito a eles e igualmente com respeito ao restante dos palradores fúteis e enganadores: **cuja boca precisa ser fechada, visto que, ao ensinarem, [estão] pervertendo famílias inteiras, por amor ao lucro vergonhoso, o que não** é **próprio.**

Ao dizer a Tito o que deveria ser feito com tais pessoas, Paulo usa um verbo raro (ver M.M., p. 246), o qual tem como seu significado primário, "interromper a boca pelo uso de um freio, uma focinheira ou mordaça". Os enganadores, pois, não devem ser tolerados, mas devem ser silenciados; e isso deveria ser feito *por Tito e pelos presbíteros,* como o contexto parece indicar (vv. 5-9).

Nesta passagem não se diz *como* deverão ser silenciados. Não obstante, ver comentário sobre I Timóteo 1.3, 4; 1.20; 4.7; 2 Timóteo 2.16, 21, 23; 4.2; Tito 1.13b; 3.10. De início, os errados deveriam ser cordialmente admoestados com o intuito de ganhá-los para a verdade. Se recusassem, deveriam ser repreendidos severamente e ordenados a desistir. A pessoa que persistisse em seus caminhos maus tinha de ser coibida pela igreja e disciplinada. A medida suprema, a excomunhão, poderia ser empregada com o fim de salvaguardar a igreja e para que o pecador fosse conduzido ao arrependimento. Na igreja de Deus não há aquilo que se chama "liberdade de falar *de maneira desorientadora".* Razão: seria perigoso demais. Os mestres de falsa doutrina "pervertem

(cf. Jo 1.15) famílias inteiras", levando-as a se desviarem da verdade (ver sobre 2Tm 3.6). Fazem isto ao ensinar "o que não é próprio", ou seja, "mitos judaicos e mandamentos de homens" (ver sobre v. 14). E seu propósito é *obter proveito vergonhoso,* proveito esse vergonhoso porque os homens que vão após ele são ávidos por enriquecer-se mesmo que seja a expensas da ruína de outros. São totalmente egoístas, nada mais almejando senão dinheiro e prestígio. (Cf. 1Tm 3.3, 8; 6.5; Tt 1.7; e sobre todo o tema da remuneração para a obra espiritual, ver C.N.T. sobre ITs 2.9.)

12. Esses *membros da igreja, judeus* do tipo farisaico e matizados com gnosticismo incipiente, o qual às vezes conduzia à licenciosidade e às vezes ao ascetismo (ver sobre 1Tm 4.3, 4), eram *cretenses* - havia muitos judeus em Creta (cf. At 2.11) -, e, além de serem influenciados por judeus incrédulos (ver sobre 14b-16), haviam absorvido as piores características de seus compatrícios não-judeus. Isto não tinha sido algo difícil, porque o judeu e o cretense tinham algo em comum: ambos se caracterizavam pelo emprego de artimanhas ou enganos para uma vantagem egoísta (cf. Jo 1.47 com Tt 1.12). Um judeu honesto ou um cretense honesto, ao que tudo indica, era então uma exceção. E certamente a combinação *judeu-cretense* não era muito feliz.

Quanto aos cretenses, eles se condenavam "por sua própria boca". Diz Paulo: **Um deles, um seu profeta, fez a afirmação: Os cretenses [são] sempre enganadores, brutos maus, ventres inativos.** >

Um profeta *dentre eles* estaria mais disposto a fanfarronar-se de seus compatriotas diante de outros do que a *condená-los.* Não obstante, condená-los é precisamente o que um profeta seu havia feito. Clemente de Alexandria (*Stromata* I. xiv. 59) e Jerônimo atribuem a devastadora caracterização a um poeta e reformador cuja data fornecida varia entre 630 e 500 a.C. Seu nome era Epimênedes, natural de Cnossos, nas proximidades de Iráklion (Candia) na costa norte de Creta, onde ainda hoje se pode visitar o museu que contém os tesouros extraordinários da era minóica. Em um hino "A Zeus", Calimaco (cerca de 300-240 a.C.) havia citado as primeiras palavras: "Os cretenses [são] sempre enganadores." Quanto à pergunta se Paulo havia ou não lido *realmente* Epimênedes, nem todos dão a mesma resposta. Alguns sustentam que, já que a citação é realmente um provérbio, poderia ter sido

i \traída por Paulo de uma tradição oral extensamente difundida. Ou-u os crêem que não é necessário confinar o conhecimento *obtido por meio de leitura*, por parte de Paulo, a limites tão *estreitos.*[1'"]

Ora, os antigos consideravam Epimênedes *um profeta*, "um homem divinamente inspirado" (segundo Platão), "um homem querido dos deuses" (segundo Plutarco). Paulo não tenciona dizer que o reformador cretense é realmente um profeta no sentido bíblico. Quer dizer "um homem que, por eles e outros, era considerado profeta, um porta-voz. dos deuses". Com referência à atividade supostamente *profética* de Epimênedes, Platão (*Laws* I. 642 D e E) escreveu o seguinte:

"Esse homem divinamente inspirado, Epimênedes... nasceu em ('reta, e dez anos antes da guerra persa, de acordo com o oráculo de deus, foi a Atenas...; e quando os atenienses se viram tomados de temor em razão das forças expedicionárias dos persas, fez esta profecia: I iles não virão por dez anos, e quando vierem, voltarão outra vez, não havendo realizado nada do que esperavam (realizar), e havendo sofrido mais dores do que terão infligido."

Muitos consideravam Epimênedes como um dos "sete sábios" do mundo antigo. Estes sete eram: Bias de Priene, Cleóbulo de Lindo, 1'ilaco de Mitilene, Jilon de Esparta, Solon de Atenas, Tales de Mileto e Epimênedes de Creta, ou Piandro de Corinto, ou Anajarsis o cita (ver Plutarco, *Lives, Solon* XII. 4-6; cf. Clemente de Alexandria, *Stromata* I. xiv).

Foi esse Epimênedes que, segundo Diógenes Laércio, aconselhou aos atenienses que fizessem sacrifícios "ao deus mais conveniente", conselho que pode ter levado à edificação do famoso altar "ao deus desconhecido", que proporcionou a Paulo o ponto de partida para a proclamação *do Deus vivo* (At 17.23).

A citação de Epimênedes, aqui em Tito 1.12, é um poema que consiste em seis pés métricos (verso hexâmetro), algo como a *Evangeline* de Longfellow.

"Esta é a floresta primaveril. Os pinheiros murmurantes e acicuta..."

I') I. Cf. R. Stob, *Chrisiianity and Classical CMMzation*, Grand Rapids, 1950, pp. 61, 62, i' A. T. Robertson, "Paul the Apostole" em I.S.B.E., especialmente IV, 3.

Tentei preservar o ritmo, e portanto traduzi o verso assim:

"Os cretenses são sempre enganadores, brutos maus, ventres inativos."

A representação dos cretenses como *enganadores* ou *mentirosos* pode ter surgido da pretensão deles de terem em sua ilha o túmulo de Zeus. Mas a reputação dos cretenses de serem mentirosos a fim de lograr fins egoístas (note o contexto, v. 11) era tão amplamente difundida que deu origem ao substantivo "cretismo", que quer dizer "conduta cretense", ou seja, "mentir" (Plutarco, *Aemilius* 26); e ao verbo "cretensiar" ou "falar como cretense", que significa "dizer mentira", "enganar" (exemplo, Políbio VIII. 19). Cf. "corintianizar", que significa "viver de forma devassa como um coríntio".

A expressão "brutos maus" demonstra o caráter selvagem e cruel dos cretenses dos dias de Epimênedes e dos dias de Paulo e Tito. Costumavam arredar todos de seu caminho para obterem vantagem pessoal. Alguns vêem nesse epíteto conhecido uma alusão ao mitológico Minotauro cretense, metade touro e metade homem, a quem Minos escondeu no labirinto de Creta, onde até ser morto por Teseu, devorava jovens e donzelas atenienses que lhe eram levados como tributo a cada nove anos.

"Ventres inativos" estigmatiza os cretenses como glutões, indolentes e ávidos por sexo.

Os cretenses, pois, são *falsos, egoístas* e *amantes dos prazeres.* Ora, alguns escritores consideram que a ação de Paulo ao citar esse veredicto devastador com respeito ao caráter dos cretenses mostra uma singular falta de tato, uma "nódoa" no bom nome de toda uma população. Entretanto, o caráter dos cretenses se exibe tão claramente, que a confirmação do severo juízo vem de todas as direções e não se limita a um só século. O leitor pode ver isso por si mesmo. Além do substantivo "cretismo" = *mentira,* e do verbo "cretensear" = *enganar, dizer mentiras,* temos os seguintes (as datas são aproximadas):

Políbio, historiador grego (203-120 a.C.):

"Com efeito, o amor ao lucro desonesto e à cobiça predomina a tal ponto, que de todos os homens, os cretenses são os únicos em cuja estima não haver lucro é sempre uma desgraça" (*The Histories* VI. 46).

Cícero, orador romano, estadista e filósofo (106-43 a.C.):

"De fato, os princípios morais [dos homens] são tão divergentes, que os cretenses... consideram os assaltos em estradas (ou "banditismo") como algo honrado" (*República* III. ix. 15).

Lívio, historiador romano (59 a.C. - 17 d.C.):

"Os cretenses seguiram [a Perseu] na esperança de receber dinheiro" (XLIV.xlvi).

Plutarco, ensaísta e biógrafo grego (46-120 d.C.):

"De seus soldados, [somente] os cretenses o seguiram, não por serem favoravelmente dispostos [para com] ele, mas porque eram tão devotados às suas riquezas como são as abelhas às suas colmeias. Porque ele levava abundantes tesouros, e entregara para que se distribuíssem entre os cretenses taças e vasilhas e outros utensílios de ouro e prata, avaliados em cinqüenta talentos" *(Aemilius Paulus* XXIII. 4). Werner Keller, *The Bible as History*, Nova York, 1956, pp. 172, 173, afirma que os antigos cretenses eram "bebedores poderosos" e apresenta uma interessante evidência arqueológica, o fato de que foram encontradas grandes quantidades de taças para vinho e cerveja, estas providas de filtros, nas colônias filistéias que, segundo as Escrituras (Am 9.7), vieram de Caftor, ou seja, Creta.

13 e 14. Não surpreende, pois, que Paulo tenha dito: **Este testemunho** é **verdadeiro.** As ações dos cretenses demonstravam tão claramente o caráter de falsidade e cobiça, que Paulo não pôde fazer outra coisa senão confirmar o juízo expresso no hexâmetro de Epimênedes.

Tem-se feito tentativas para mostrar que o veredicto de Epimênedes e o de Paulo é realmente uma autocontradição. Isto é feito por meio do seguinte sofisma:

"Epimênedes, um cretense, disse que os cretenses sempre mentem. Portanto, o mesmo estaria mentindo quando disse isso. Assim, não é verdade que os cretenses sempre mentem. Ou (o que é pior): Portanto, os cretenses não mentem. Mas, se os cretenses não mentem, então Epimênedes, um cretense, teria dito a verdade. Mas então ele também, sendo um cretense, estava mentindo quando disse que os cretenses sempre mentem." E assim nos encontramos de novo no ponto de partida.

Mas certamente tudo o que Paulo quis dizer era que *Creta era no-*

tória por seus muitos e constantes mentirosos. Sua afirmação deixa espaço suficiente para as seguintes proposições:

a. Mesmo os cretenses mentirosos às vezes dizem a verdade.

b. Alguns cretenses não são tão mentirosos.

c. Este cretense em particular, a saber, Epimênedes, disse a verdade quando afirmou que os cretenses, de modo geral eram mentirosos constantes.

Portanto, reprove-os severamente para que sejam sadios na fé. Os errados e os que lhes derem ouvidos devem ser *reprovados* (cf. 2Tm 4.2) *severamente* (cf. 2Co 13.10), decisivamente, e isto não só pelos presbíteros (ver sobre v. 9 acima), mas também por Tito pessoalmente, a fim de que sejam (isto é, *venham a ser)* o que presentemente não são, isto é, *íntegros* (cf. 1 Tm 1.10) em sua posição com respeito à verdade como revelada em Cristo.

Paulo prossegue: **em vez de devotar-se aos mitos judaicos e a mandamentos de homens que voltaram as costas para a verdade.**

Para escapar do impacto da lei de Deus, os amantes do erro se devotavam (ver sobre 1 Tm 1.4) aos "mitos judaicos", isto é, a histórias fantasiosas sobre seus ancestrais; e a "mandamentos de homens", isto é, a mandamentos formulados pelo homem. Estes, provavelmente, eram em grande parte também de caráter judaico. Na medida que podiam, *diziam que tinham* por base a lei de Deus. Não obstante, *na verdade* obscureciam a real intenção e significado da lei. Cf. Mateus 5.43; 15.3, 6, 9; Marcos 7.1 -23; Lucas 6.1 -11; e ver C.N.T. sobre João 5.1-18.

Por conseguinte, os enganadores cretenses se entretinham com anedotas talmúdicas e decisões meticulosas de caráter legal para as quais se mantinha a pretensão de tê-las extraído da lei. Os mandamentos que eles elogiavam e tentavam pôr em vigor sobre os demais, na verdade eram mandamentos de "homens que voltaram suas costas para a verdade". Por tais homens estão implícitos *os judeus,* particularmente os rabinos e escribas judaicos. A situação, pois, era a seguinte:

Os crentes firmes da ilha de Creta se relacionavam diretamente com membros da igreja que não eram tão firmes, porém estavam dispostos a dar ouvido a enganadores judaizantes de retórica altissonante, matizada com gnosticismo. Esses falsos mestres, por sua vez, estavam

sob a influência de homens que estavam completamente fora da igreja, por exemplo, os judeus que faziam propaganda farisaica e que rejeitavam simplesmente a Cristo, dando as costas para a verdade redentora de Deus revelada em seu Filho.

15. A natureza - pelo menos em parte - da doutrina subversiva que literalmente estava sendo *vendida* (ensinada por falsos mestres com vistas a "lucro vergonhoso") em Creta é sugerida pelas palavras do versículo 15. Os enganadores, que por sua vez estavam sendo enganados por enganadores de fora, isto é, pelos judeus, estavam *negando* que: **Todas as coisas [são] puras para os que são puros; mas para os que são contaminados e incrédulos nada [é] puro; ao contrário, contaminadas são até mesmo a mente e a consciência deles.'**[92]

Os falsos mestres que pertenciam às igrejas de Creta tentavam conciliar a servidão judaica (cerimonialismo) com a liberdade cristã. Muitos deles, sem dúvida, tinham sido educados desde a infância na religião das sombras, e lhes parecia difícil entender que, com a vinda e morte do Senhor, essas sombras se dissiparam. Influenciados, como certamente estavam, pelos judeus impenitentes não pertencentes à igreja, atribuíam um certo grau de valor *salvífico* (valor esse que nem sequer a própria lei ensinava) às ordenanças cerimoniais - e ainda mais aos refinamentos farisaicos dessas ordenanças - acerca do que é "limpo" e o que "impuro" com respeito a produtos alimentícios, móveis e utensílios, corpo humano, etc. Consideravam a pureza como um atributo não da mente e consciência do homem, mas das coisas materiais. Como foi mostrado em conexão com 1 Timóteo 4.3, provavelmente se viram tam-

192. De acordo com a maioria dos comentaristas, eu também considero que o provérbio "Todas as coisas [são] puras para os que são puros" é parte do ensino de Paulo. Ou foi ensinado por ele, ou teria sido formulado por outros (talvez Jesus Cristo mesmo; cf. Lc 11.38-41), e em seguida adaptado por Paulo e citado contra a diferenciação judaica entre "puro" e "impuro".

Outros intérpretes (por exemplo, J. Van Dijk. *Paraphrase Heilige Schrift, Timotheus, Titus en Philemon,* p. 68) o consideram como um dito dos falsos mestres, sendo uma desculpa para seus ensinos e conduta imorais.

Este ponto de vista, porém, não reconhece o fato de que esses propagadores do erro eram, em sua maioria, "da circuncisão" (v. 10), pessoas que estimavam muito a *Halacha* judaica (v. 14; cf. também v. 16 e 3.9). Era muito mais provável que suas regras morais tendessem mais à rigidez do que à liberalidade (ver 1Tm 4.3; cf. Cl 2.2 1). Além do mais, se Romanos 14.14, 20 e 1Tm 4.4, 5 contêm ensino paulino positivo, por que não Tito 1.15?

bém fortalecidos nesse erro pelo dualismo pagão que considerava a matéria como algo inerentemente pecaminoso. Mas tudo indica que a principal influência sinistra aqui em Creta provinha dos judeus.

Jesus combatera tal erro de forma vigorosa. Ele dissera: "O que contamina o homem não é o que entra nele, mas o que sai dele, porque é de dentro que vêm os maus pensamentos" (ver Mt 15.11, 15-20; Mc 7.14-22; Lc 11.38-41; e cf. Pv 4.23). A igreja primitiva seguira por onde Cristo a levara (como está implícito em At 10.9-16; 11.1-18; 15.20). Paulo também, em suas demais epístolas, defendera consistentemente a tese de que "nada é inerentemente impuro" (Rm 14.14, 20; cf. ICo 6.12; 10.23; Gl 2.11-21; Cl 2.16-23), e que é a disposição do coração e o propósito da mente o que se converte puro ou impuro (Rm 14.23; ICo 10.31). Em Romanos e 1 Coríntios, esta verdade básica foi aplicada numa direção (é pecaminoso comer sem levar em conta o irmão mais fraco); aqui é aplicado noutra direção (contamina comer com uma mente incrédula ou uma consciência contaminada).

"Todas as coisas [são] puras para os" que são puros; mas para os que são contaminados e incrédulos, nada [é] puro." A expressão "todas as coisas" é melhor explicada pelo próprio Paulo. Eqüivale a "toda criatura de Deus" (1Tm 5.5), ou seja, tudo o que foi criado por Deus para ser consumido como alimento. Não é a coisa impura que faz os homens impuros, como os judeus erroneamente sustentavam (ver C.N.T. sobre João 18.28), mas os homens impuros é que fazem *cada* coisa pura ou impura, uma verdade prefigurada em Ageu 2.13.

Homens puros são aqueles que foram purificados de sua culpa pelo sangue de Cristo e, tendo sido regenerados pelo Espírito Santo, estão sendo constantemente purificados pelo mesmo Espírito da contaminação de seus pecados (ver sobre Tt 3.5; então, Mt 5.8; Jo 3.3, 5; ICo 6.11; Ef 1.7; 5.26, 27; Uo 1.7, 9; ver também C.N.T. sobre João 13.10; 15.3). Estes são os que não rejeitam o que Deus criou como alimentos bons, mas "participam deles com ações de graças" (ver sobre 1Tm 4.3, 4).

Em contrapartida, os que são contaminados, sujos ou poluídos, isto é, os judeus, e havendo rejeitado a Cristo são ao mesmo tempo incrédulos, tendo com isso maculado *todos* os dons puros de Deus. Mesmo a *mente* deles, aquele órgão que reflete sobre as coisas espirituais e guia a vontade, e a *consciência,* ou seja, seu ser moral no ato de julgar

seus atos, *são* - e a não ser que Deus intervenha, *permanecem* - note o indicativo passivo imperfeito - *contaminadas.* (Para o conceito *consciência,* ver sobre 1Tm 1.5.) Isto é evidenciado pelo fato de que seus juízos morais são pervertidos e que não chegam a um arrependimento que os leve à piedade.

16. Prossegue a procissão de "homens que viram as costas para a verdade", a qual fora iniciada no versículo 14b. Referindo-se, pois, *aos judeus* (particularmente aos líderes farisaicos que, embora forasteiros, estavam exercendo influência sinistra sobre os falsos líderes da igreja de Creta), Paulo acrescenta: **Professam conhecer a Deus.** Como fizeram outrora seus pais (Dt 6.4), assim também esses judeus proclamam diante de todos os que querem ouvi-los, que conhecem o único Deus verdadeiro como seu Deus (ver C.N.T. sobre João 8.54, 55; e cf. Rm 2.17). "Nós o conhecemos", declaram eles; e o que querem dizer é: "com um conhecimento intuitivo e direto" (note o verbo usado no original).

Ora, é verdade que Deus se revelara a seus antepassados de uma forma muito especial, como a nenhuma outra nação (SI 96.5; 115; 135; 147.19, 20; Am 3.2; Rm 3.1, 2; 9.1-5); mas em vez de compreender que, quanto maior a oportunidade, maior a responsabilidade, especialmente em relação *aos que não conhecem a Deus* (cf. Gl 4.8; ITs 4.5), tornaram-se vangloriosos e rejeitaram terminantemente o Messias. Daí, Paulo está apto a afirmar que, embora esses judeus professem conhecer a Deus, **[o] negam por suas ações.** Suas ações desmentem sua profissão [de fé]. (O verbo *negar,* embora não ocorra nas epístolas anteriores de Paulo, encontra-se repetidas vezes nas Pastorais; ver sobre 1Tm 5.8; 2Tm 2.12, 13; 3.5; Tt 2.12.) Para um relato vivido das ações dos líderes judaicos em quem Paulo está principalmente pensando, ver Mateus 23. Tais ações podem ser desdobradas em duas palavras: hipocrisia e rejeição a Cristo. Continuam rejeitando-o a influenciar erroneamente os falsos mestres de Creta.

Declara-se agora a razão por que cometem esses atos perversivos: **porque são desprezíveis e desobedientes, e inaptos para toda boa obra.**

Fazem o que fazem por causa do que *são* em sua natureza interior. Não surpreende que Paulo caracterize aqueles que são "imundos em

sua mente e em sua consciência" (ver sobre o v. 15) como sendo *desprezíveis, detestáveis,* ou *abomináveis,* aos olhos de Deus. Além disso, são desprezíveis porque, *a despeito de* serem tão prontos a defender regras e regulamentos de autoria humana (cf. Is 1.12-15; Jr 6.20; Am 5.21-23; Mt 23.23-33; Lc 18.11, 12) - ou, antes, diríamos: *por causa* desse mesmo fato? são desobedientes à santa lei *de Deus.* Por isso, em vez de serem "homens de Deus plenamente equipados para toda boa obra" (ver sobre 2Tnr 3.17; cf. 2Tm 2.21), são exatamente o oposto: "*inaptos* para toda boa obra" (depois de testados, são rejeitados como indignos), completamente incapazes de realizar qualquer obra que proceda da fé, feita de conformidade com a lei de Deus, e que redunde para sua glória.

Síntese do Capítulo l

Ver o Esboço no início deste capítulo.

A dirigir esta carta a Tito, apresentado aqui por Paulo como filho legítimo na fé comum, o apóstolo se apresenta como servo de Deus e apóstolo de Jesus Cristo. Declara que cumpre esse ministério para promover a fé dos eleitos de Deus e o conhecimento da verdade que se harmoniza com (ou: promove) a vida de devoção cristã. Ele considera seu apostolado e a devoção deles como baseados na esperança de vida eterna. E esta esperança que estimula Paulo e os crentes em geral a serem fiéis ao seu chamado. O Deus que, em contraste com os crentes, nunca engana a ninguém, prometeu vida eterna antes que começasse o processo dos tempos sem fim; ou seja, ele fez a promessa "desde a eternidade". No tempo devido, sua palavra a respeito dessa grande salvação começou a ser proclamada de modo pleno e com autoridade na "pregação" (kerugma, proclamação) de Paulo, a quem ela foi confiada.

Paulo pronuncia "graça e paz de Deus o Pai e Cristo Jesus nosso Salvador" sobre Tito.

Foi no interesse de promover o espírito de santificação na vida da congregação que Paulo deixara Tito na ilha de Creta. Tendo este propósito em mente, ele agora lembra a Tito, *por escrito,* a ordem que lhe dera *oralmente* antes, ou seja, que devia corrigir o que faltava fazer e designar presbíteros em cada cidade. Os requisitos para o ofício de presbítero estão sumariados nas pp. 422-427.

Que a idéia da *santificação* na vida congregacional é dominante na mente do *apóstolo* enquanto escreve este capítulo, se vê claramente *pela razão* que dá, mostrando por que era preciso *de forma muito especial,* nas igrejas de *Creta*, designar homens tão altamente qualificados para o ofício de presbítero. Ele fala *de, falsos mestres* no seio da igreja, homens insubordinados, faladores fúteis, enganadores, interessados em lucros desonestos ou vergonhosos; descreve os *cretenses* como "sempre enganadores, brutos maus, ventres inativos"; e fala de certa classe *de judeus* a quem ele descreve como "homens que viraram as costas para a verdade", e estão "contaminados em sua mente e sua consciência". Conseqüentemente, é uma necessidade imperiosa ter uma liderança sábia e uma disciplina salvífica, a fim de que a *santificação* substitua a *imundícici.*

Os seguintes são artigos interessantes sobre Creta (todos em inglês): "Greece, The Birthplace of Science and Free Speech" [Grécia, berço da ciência e do discurso livre], em *Everyday Life in Ancient Times*, publicado por The National Geographic Society, Washington, D.C., 1953, especialmente pp. 189, 191, 202, 203; e "Crete, Cradle of Western Civilization" [Creta, berço da civilização ocidental], em *The National Geographic,* novembro, 1953, pp. 693-706. Ver também E. G. Kraeling, *op. cit.,* p. 463.

ESBOÇO DO CAPÍTULO 2

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Tito, Ministra Diretrizes para a Promoção do Espírito de Santificação*

Na Família e na Vida Individual

2.1-10 Todas as classes de indivíduos que compõem o círculo familiar deveriam conduzir-se de tal maneira que por sua conduta adornem a doutrina de Deus, seu Salvador.

2.11-15 Razão: A graça de Deus se manifestou a todos para santificação e para esperar com alegria o aparecimento glorioso de nosso grande Deus e Salvador, Jesus Cristo.

CAPÍTULO 2

— < $ > —

TITO 2.1

2 1 Quanto a você, porém, fale o que é consistente com a sã doutrina: 2 [inste com] os homens idosos a serem temperados, dignos de respeito, equilibrados, sadios em sua fé, em seu amor, [e] em sua paciência; 3 [inste com] as mulheres idosas, semelhantemente, [a serem] reverentes em sua maneira de viver, não caluniadoras e não escravizadas a muito vinho; mestras daquilo que é excelente, 4 de modo que possam orientar as mulheres mais jovens a amarem a seus maridos, e a amarem a seus filhos, 5 equilibradas, castas, obreiras domésticas, bondosas, submissas a seus próprios maridos, a fim de que a palavra de Deus não venha a ser vituperada. 6 Semelhantemente, inste com homens [mais] jovens a exercerem o aulocontrole com todo respeito, 7 demonstrando você mesmo um modelo de feitos nobres; em seu ensino [demonstrando] incorruptibilidade, dignidade; [8] [sendo sua] linguagem sadia, acima de censura, de modo que quem está do [lado] oposto se sinta envergonhado, não tendo nenhum mal a dizer a respeito de nós. 9 [Inste a que] os escravos sejam submissos a seus senhores em todos os aspectos, que nu- (ram desejo de [os] agradar, não retrucando, 10 não defraudando, mas evidenciando a máxima fidedignidade, de modo que em todos os aspectos adornem a doutrina de Deus nosso Salvador.[193]

2.1-10

1. Foram dadas diretrizes para a promoção do espírito de santificação na *vida congregacional.* Paulo insistiu com Tito para que complelasse a organização das diversas igrejas da ilha, para que, por meio da obra de presbíteros verdadeiramente consagrados, fosse silenciada a voz das pessoas que, por meio de suas falsas doutrinas e práticas, estavam contaminando as igrejas, e para que viesse a florescer a vida congregacional. Esta é a substância do capítulo 1.

I')}. Por causa da extensão desta nota, colocamo-la no final do capítulo.

Ora, no capítulo 2 Paulo focaliza a atenção de Tito na *vida familiar e individual.* Ele dá mandamentos relativos à conduta apropriada de cinco classes de indivíduos: *anciãos, anciãs Jovens casadas, jovens* (o próprio Tito deve dar o exemplo) *e escravos.* A ênfase posta na família se faz evidente especialmente à luz dos versículos 4 e 5: "de modo que [as mulheres idosas] orientem sabiamente as mulheres mais jovens a amarem a seus maridos, a amarem a seus filhos", etc.

Para o ensino de Paulo com respeito à família cristã, ver também 1 Timóteo 5.1 -8; então, Gálatas 3.28; Efésios 5.22-6.4; Colossenses 3.18-21. Sobre os escravos e seus senhores, considerados como membros da família, ver também 1 Timóteo 6.1, 2; então, Efésios 6.5-9; Colossenses 3.22-4.1; Filemom.[194]

Posto que Tito é o homem que deve entregar as diretrizes de Paulo com respeito aos cinco grupos, o apóstolo começa escrevendo: **Quanto a você, porém, fale o que é consistente com a sã doutrina.** Note a palavra de contraste, "Quanto a você, *porém".* Cf. um contraste semelhante em 1 Timóteo 6.11; 2 Timóteo 3.10, 14; 4.5. A vida e o ensino de Tito devem contrastar agudamente com os dos inimigos "imundos e incrédulos" da fé, os quais estavam causando tanto dano em Creta (como se viu no capítulo 1). Esses propagandistas do erro não só devem ser reprovados severamente (Tt 1.13), mas *o mal deve ser vencido com o bem. Os presbíteros* não só devem cumprir seu dever contra os mestres da falsa religião (capítulo 1), mas *Tito pessoalmente* deve dar o exemplo! Mesmo em sua *conversação* informal diária, ele deve "falar" o que é consistente com a sã doutrina. Note o verbo "falar" ou, literalmente, "conversar" (ÀáÀei), o que indica articulação vocal informal.

Ora, falar "o que é consistente com (ou "o que é próprio", cf. 1 Tm 2.10; Ef 5.3) a sã doutrina" certamente significa que, como o autor a concebe, *a doutrina e a vida devem harmonizar-se.* Eis a chave de tudo o que se segue nos versículos 2-10. Por conseguinte, a posição defendida por alguns, a saber, que a moralidade exigida aqui não é *de modo algum* no sentido especificamente cristão, está em conflito com a de-

194. Para um belo resumo do ensino bíblico com respeito ao lar cristão, pode-se consultar (além de diversas obras sobre ética, artigos e enciclopédias e tratados especiais) os excelentes esboços temáticos no índice de *New Chain Reference Bible* de Tompson, pp. 62-66, artigo "Home".

duração de Paulo. Naturalmente, é verdade que mesmo fora da igreja alguns dos traços do caráter aqui mencionados - por exemplo, *ser Temperado,* ou *sóbrio, ter domínio próprio* ou *sensatez* — são dados em listas de requisitos morais para os que ocupam certas posições importantes na vida: o filósofo estóico, o general, etc.[195] Até mesmo o incrédulo tem "alguma consideração pela virtude e a boa conduta exterior", verdade que jamais poderá ser negada (ver sobre lTm 3.7 e os *Cânones de Dort,* capítulos terceiro e quarto, art. 4; note, todavia, a condição no final do artigo). Mas quando nesta carta se menciona estas mesmas qualidades (ou em lTm 3), não se podem separá-las de seu conlexto, nem devem ser dissociadas do sentido geral dos ensinos das Escrituras. Não se pode separar Tito 2.1, 2 de Tito 2.12, 13. O contraste aparece claramente assim que se formula a pergunta: "Qual é a fonte dessas virtudes, como são motivadas, de acordo com que padrão deve a exibição delas ser julgada e com que propósito devam ser usadas?" Então surge imediatamente o grande contraste. Conseqüentemente, as qual idades que são mencionadas nos versículos que se seguem são virtudes *especificamente cristãs* neste sentido, a saber: elas pressupõem a graça dinâmica de Deus operando no coração, são motivadas pelo exemplo de Cristo, são medidas pela santa lei de Deus e têm a glória de Deus como seu alvo.

2. A primeira regra se refere aos "homens idosos".[196] Diz Paulo **que os homens idosos devem ser temperados, dignos de confiança, sensatos, íntegros em sua fé, em seu amor, fe] em sua paciência.**

Os anciãos devem ter as mesmas características morais que os

195. Ver as listas na p. 201 *The Pastoral Epístles,* de Burton Scott Easton, Nova York. 1947.

196. Tito tem a seqüência: *anciãos, anciãs, mulheres mais jovens, homens mais jovens,* uni arranjo quiásmico. 1 Timóteo 5.1, 2 tem: *homem [mais] idoso, homens [mais] jovens, mulheres [mais] idosas, mulheres [mais] jovens.* Note que três das palavras da primeira lista diferem das três correspondentes na segunda. "Ancião" (iip€<JpÚTTJÇ, cf. Fm 9) não pode significar ancião da igreja, mas a palavra que em 1 Timóteo é traduzida por "homem [mais] idoso" (upeopúiepoç) tem em outros lugares nas Pastorais o significado de presbítero da igreja (ITm 5.17, 19; Tt 1.5). "Mulher idosa" (upeopOTiç) é feminino de upccpúrnç, a forma de prosa de Tipeapuç, porém "mulher [mais] idosa" é adjetivo comparativo usado como substantivo. Finalmente, "mulher jovem" é o adjetivo *jovem, juvenil,* com terminação feminina. Não obstante, como se destacou com respeito a 1 Timóteo 5.1, às vezes a idéia comparativa parece quase ter-se desvanecido.

presbíteros e diáconos. Tito deve *insistir* (aqui no v. 2 o verbo do v. 6 está provavelmente implícito) com eles para que sejam *temperados* ou *sóbrios,* ou seja, moderados com respeito ao uso do vinho (ver v. 3) e em todos os gostos e hábitos (cf. 1Tm 3.2, 11). Também devem ser *dignos de confiança,* ou seja, sérios, veneráveis, graves, respeitáveis (cf. 1Tm 3.5, 8, 11); *sensatos* ou que tenham *autodomínio,* ou seja, homens de juízo maduro e que saibam refrear-se (cf. Tt 1.8; então 1Tm 3.2); e *sadios* (ver sobre o v. 1; especialmente nota 193); não *mórbidos* (cf. 1Tm 6.4; então Rm 14.1), mas saudáveis e que comuniquem saúde: que em toda direção difundam saúde moral e espiritual (cf. Tt 1.9, 13; então 1Tm 1.10; 6.3; 2Tm 1.13; 4.3).

Essa saúde deve ser demonstrada em relação *à* fé, *ao* amor e *à* paciência. Aqui o artigo talvez seja melhor traduzido pelo possessivo *sua... seu... sua.* Sua fé, afim de ser sadia, não deve ser nem indiferente nem mesclada com erro (cf. Tt 1.14). Seu amor não deve degenerar-se em sentimentalismo nem deve arrefecer (Mt 24.12; Ap 2.4). E sua paciência não deve ser substituída pela pusilanimidade, de um lado, e pela obstinação, do outro.

Em sua atitude *para com Deus,* que os homens idosos demonstrem *saúde em sua fé.* Que confiem totalmente nele e em sua palavra revelada. Em sua atitude *para com o próximo,* que eles *evidenciem saúde em seu amor.* E em sua atitude *para com as provações amargas,* que eles *revelem saúde em sua paciência* ou *firmeza* (para um estudo dessa palavra, ver C.N.T. sobre 1Ts 5.14, nota 108; 2Tm 14 e 3.5).

3. Aos quatro requisitos para os homens idosos acrescentam-se agora os quatro requisitos um tanto semelhantes para as mulheres idosas: **[inste com] as mulheres idosas a [serem] semelhantemente reverentes em sua maneira de viver, não caluniadoras e não escravizadas a muito vinho, mestras daquilo que é excelente.**

Em toda sua paciência (daí, não só em seu *vestuário,* 1Tm 2.9), tanto quanto em seu comportamento, as mulheres mais idosas devem ser *reverentes,* conduzindo-se como se fossem servas no templo de Deus, porque na verdade é isso que são! Cf. Ap 1.6. O tema da vida dessas anciãs (assim como o de todos os membros da família cristã) deve ser sempre:

Senhor meu Deus, enche minha vida,
Em todas suas partes, com louvor,
Para que todo meu ser proclame
Teu ser e teus caminhos.
Louvor não apenas dos lábios,
Nem ainda louvor só do coração,
Mas uma vida feita
Toda de louvor.

Louvor nas palavras comuns que eu falar,
Nos olhares e tons da vida comum,
Na mesa ao conversar
Com meus entes queridos;
Suportando o erro, a repreensão ou a perda,
Com doçura e firme decisão,
Amando e abençoando os que odeiam,
Retribuindo o mal com o bem.

(Horatius Bonar, 1866)

Note como "*não caluniadoras"* (sobre o que ver 1Tm 3.11) e "*não escravizadas a muito vinho"* são combinados. Amiúde beber vinho e gracejo malicioso vão juntos. (Para beber vinho, ver as observações sobre 1 Timóteo 3.8 e sobre 1 Timóteo 5.23.) As anciãs, pois, devem ser temperadas, justamente como os anciãos. Não devem deixar-se *escravizar a* (para o sentido figurado, ver também Rm 6.18, 22; ICo **9**.19; **Gl** 4.3) muito vinho. Ao contrário, mediante seu exemplo piedoso, devem ser "mestras daquilo que é excelente" (cf. IPe 3.1, 2).

4 e 5. Tal "ensino por meio do exemplo" tem com um de seus propósitos a "orientação" das jovens casadas. Daí, Paulo prossegue:

cie modo que orientem as mulheres mais jovens a:

a. amarem seus maridos (ou amantes de seus maridos) e a
b. amarem seus filhos (ou amantes de seus filhos), a serem
c. autocontroladas,
d. castas,
e. obreiras domésticas,
f. bondosas,
g. submissas a seus próprios maridos.

É possível entender imediatamente que ninguém - nem mesmo Tito - é mais apto a orientar uma jovem casada do que uma anciã mais experiente. Note a ênfase sobre o *amor.* A jovem cristã deve ser orientada a *amar* seu esposo e a *amar* seus filhos. Não foi o *amor* que a salvou? Ver João 3.16. Este amor, vindo do céu, sendo derramado no coração, deve "fluir" para os demais; e certamente entre aqueles "outros", seu esposo e seus próprios filhos devem ocupar o lugar proeminente. Além do mais, a virtude cristã do *domínio próprio*, "sensatas" - a mesma virtude que se exige não só dos bispos (Tt 1.8; então lTm 3.2), mas também dos presbíteros em geral (v. 2), e que está implícito no que se exige das anciãs (v. 3) - é um requisito imprescindível para toda esposa e mãe cristã prática. As mulheres mais jovens devem evitar escrupulosamente toda imoralidade de pensamento, palavra e ação. Além do mais, devem concentrar a atenção na própria família. Por isso, não só devem ser *castas,* mas também *domésticas* (ver sobre 1 Tm 2.10 e especialmente sobre lTm 5.13). As duas virtudes se encontram obviamente relacionadas. Ora, enquanto desenvolvem suas tarefas na família, essas jovens devem tomar cuidado para que o constante empenho das lides domésticas não as faça irritáveis ou cruéis. Devem orar pedindo graça para continuar sendo *amáveis,* e isto não só em relação ao seu esposo e aos filhos, mas também em relação aos escravos.[197] Além do mais, para que as mulheres cristãs não comecem a pensar que a igualdade em posição espiritual perante Deus e a grande liberdade que agora lhes pertence como crentes (Gl 3.28) as autorizem a ignorar a ordenança divina de criação acerca de sua relação com o marido (Gn 3.16), Paulo, inspirado pelo Espírito Santo, acrescenta que elas devem ser "submissas a seus maridos" (ver também sobre lTm 2.11 -15, e cf. Rm 7.2; ICo 7.4; 14.34, 35; Ef 5.22-24, 33; Cl 3.18; lPe 3.1-6). Certamente que, à luz de Gênesis 24.67; Ef 5.22-33; Cl 3.19; lPe 3.7), quando o marido também é crente, isso não é um fardo. E quando ele não é crente, então "como para o Senhor" faz com que o fardo seja tolerável.

197. E possível aceitar uma pontuação diferente, de modo que. em vez de traduzir "obreiras domésticas, bondosas", teríamos que traduzir (com Bouma e outros): *"boas obreiras* domésticas." Mas a primeira está mais em sintonia com toda a lista de requisitos. Note que nenhum dos quatro precedentes tem um modificador; cada um é uma só palavra (no grego): amantes-de-seus maridos (apenas uma palavra), amantes-de-seus-filhos (novamente uma só palavra no original), autocontroladas, castas.

Acrescenta-se então uma cláusula que indica propósito, com toda probabilidade qualificando não só o último requisito, mas todos os sete: **a fim de que a palavra de Deus** *não seja* **vituperada.** Ver sobre **1** Timóteo 6.1. Esta é uma linguagem caracteristicamente paulina; cf. Romanos 2.24. Ele, por sua vez, tomou-a por empréstimo do Antigo Testamento (Is 52.5). A má conduta por parte da jovem casada facilmente conduziria a observações caluniosas com respeito ao evangelho. Não é só *os gregos* que julgam uma doutrina por seu efeito prático na vida cotidiana (Crisóstomo), mas também o mundo em geral. Se as mães jovens, que professam ser cristãs, manifestassem falta de amor por seus maridos e por seus filhos, falta de autocontrole, de pureza, de apego ao lar, de bondade e de submissão, levariam a mensagem da salvação a ser vituperada pelos de fora. Além do mais, é preciso ter em mente que, quando diz: "a fim de que a palavra de Deus *não venha a ser vituperada",* sua intenção seja: "a fim de que a palavra de Deus *seja honrada."* Como notamos antes, isto também é um modo tipicamente paulino de se expressar (ver pp. 23-24).

6. A admoestação que se deve comunicar a "os [mais] jovens" das diversas congregações é breve, porém em sua própria brevidade inclui tudo: **Semelhantemente, insista com os homens[198] [mais] jovens a exercerem autocontrole em todos os** *aspectos. O fato* de essa admoestação ser breve faz com que seja bem provável que a frase "em todos os aspectos" tenha sentido próprio aqui e não deva ser construída com o versículo 7. *Em todos os aspectos*, pois, seja a atenção focalizada na moral ou na doutrina, *os jovens* devem pôr-se sob a disciplina do evangelho, e devem guardar-se contra os desvios, sejam provenientes das más inclinações de sua própria natureza pecaminosa, ou das opiniões e dos costumes que prevalecem no mundo pagão que os rodeia. Que não ponham suas próprias conclusões, sentimentos ou ambições acima da vontade de Deus (cf. Rm 12.3; cf. 2Co 10.5). Que aprendam a domi-

198. Em que limite de idade o apóstolo está pensando quando se refere a esses "mais jovens"? Estaria ele pensando somente naqueles com menos de 40 anos? (Ver sobre 1Tm 4.12 e 2Tm 2.22.) Mas então, se por "anciãos" se indicam os de 60 anos para cima, restaria um grande grupo - os de 40-60 - para o qual não se faz admoestação alguma. Daí, "homens | mais] jovens pode indicar aqui aqueles abaixo de 60 anos; ou também poderia baixar-se o limite de idade que separa as duas classes - "anciãos" e "[mais] jovens" - por exemplo, 50 anos. Ver Irineu, *Against Heresies* II. xxii, 5; também João 8.56, 57.

nar-se. O verbo traduzido "exercer domínio próprio" é da mesma raiz que o adjetivo traduzido "autocontrolado". Daí, os jovens são aqui instados a exercerem a mesma virtude que é demandada dos bispos (Tt 1.8; cf. lTm 3.2), dos anciãos (Tt 2.2), das jovens (v. 4) e, por implicação, das anciãs (v. 3).

7 e 8. Visto que Tito, ainda que não tão jovem como Timóteo (ver p. 54), deva provavelmente ser ainda considerado entre os "os [mais] jovens", é lógico que Paulo insista para que ele seja um exemplo para o grupo mencionado no versículo precedente. Diz Paulo: **demonstrando você mesmo um modelo de feitos nobres; em seu ensino [demonstrando] incorruptibilidade, dignidade; [sua] linguagem [sendo] sadia, acima de censura.**

Uma admoestação similar foi endereçada a Timóteo. Ele também fora admoestado a ser um *modelo para os crentes* (na linguagem, na conduta, no amor, na fé, na pureza). O termo *modelo* é também precisamente o mesmo; daí, ver sobre 1 Timóteo 4.12 (cf. 2Ts 3.9; Fp 3.17). Note a bela coordenação: Tito deve a. *admoestar* os [mais] jovens (v. 6); e b. *dar-lhes um bom exemplo* (vv. 7 e 8). *Preceito e exemplo elevem seguir de mãos dadas.* O preceito isolado nunca funcionará, porque amiúde "onde *o preceito* fracassa, *o exemplo* logra êxito".[m] Os [mais] jovens das diversas congregações, confiados aos cuidados de Tito, devem ser aptos a ver em seu líder quais são realmente os *feitos nobres.* Note a ênfase constante, nas Pastorais, sobre esses *feitos nobres* ou *boas obras.* Não poderia isso ser considerado uma reação, da parte de Paulo, contra a desfiguração e abuso de sua doutrina da "salvação pela graça"?

Tito deve, em seu ensino, demonstrar *incorruptibilidade.* Deve ministrar a instrução de forma clara e corajosa na verdade bem-equilibrada do evangelho para que se faça evidente a todos que ele não tem sido e nem pode ser *infectado* com as mentiras e distorções dos adversários. Além do mais, a atitude e o modo em que apresenta seu ensino deve ser de *dignidade* e *seriedade.* Seu ensino mais formal não deve

199. "A doutrina será de pouca autoridade, a menos que sua força e majestade resplandeçam na vida do bispo como o reflexo de um espelho. Por isto ele diz que o mestre deve ser um padrão ao qual os discípulos possam seguir." (João Calvino, *As Pastorais.* Edições Parakletos, p. 331.)

ser apenas caracterizado pela pureza do conteúdo e seriedade do método, mas que toda sua *linguagem* (sua *palavra* sempre e onde quer que for expressa), quer expressa na forma de sermão, de lição, de mensagem de consolação ou mesmo na conversação cotidiana comum, deve ser *sadia* e *acima de censura*, ou seja, não sujeita a reprimenda justa (cf. sinônimo em 1Tm 6.4).

Ora, o resultado ou propósito que se quer alcançar com tal conduta e: **de modo que** [ou: **a fim de que] quem está do [lado] oposto se sinta envergonhado, não tendo nenhum mal que dizer a nosso respeito.** Quanto à expressão "do [lado] oposto" ou "do [partido] contrário" - a elipse é obscura -, note que foi o centurião que se pôs "de frente" ou "encarava" Jesus na cruz (Mc 15.39). Lemos de ventos *contrários* (Mt 14.24; Mc 6.48; At 27.4). Na passagem em discussão, o composto com *àvxi é* usado num sentido metafórico; a oposição aqui adquire o caráter de *hostilidade* (cf. At 26.9; 28.17; ITs 2.15). O que está em oposição é o *adversário* espiritual (cf. 1Tm 5.14; 2Tm 2.25). A referência é especialmente a qualquer um dos defensores do erro em Creta, citados em Tito 1.10-16.

Ora, quando o oponente começa a notar que fracassa seu plano pouco engenhoso de espalhar boatos maliciosos acerca de Tito, ou de proferir acusações formais contra ele, em virtude da irrepreensível conduta do representante de Paulo, o qual refuta plenamente as insinuações e acusações que lhe são dirigidas, esse inimigo da verdade se sentirá envergonhado (como em 2Ts 3.14; ICo 4.14). O mesmo parecerá um tolo, "não tendo nenhum *mal* (cf. 2Co 5.10) a dizer a seu respeito de"... aqui esperaríamos que a palavra seguinte fosse "você" (Tito), mas realmente é "nós", porque o antagonismo não está dirigido contra Tito como um indivíduo isolado, mas contra ele como discípulo de (Visto; daí ser realmente contra Cristo e todos os seus mensageiros.

9 e 10. Os *escravos* também pertenciam à família. Em sua primeira carta a Timóteo, o apóstolo distingue entre escravos que têm senhores crentes e os que não os têm (1Tm 6.1, 2). Aqui em Tito tal distinção não existe. E preciso transmitir o mandamento a todos os escravos que ouvem o evangelho; sem dúvida, especialmente a todos os escravos *crentes.* Diz Paulo: **[Inste a que] os escravos sejam submissos a seus próprios senhores em todos os aspectos, que nutram desejo de [os]**

agradar, não retrucando [ou: não sendo rebeldes], não defraudando, mas evidenciando a máxima fidedignidade.

Para uma discussão da questão da escravatura nos dias de Paulo, ver sobre 1 Timóteo 6.1, 2. Se todos os senhores e escravos tivessem levado a sério as palavras inspiradas de Paulo acerca da escravatura, esta instituição teria chegado ao seu término sem banhos de sangue. Um relance superficial na passagem ora em discussão poderia levar alguém a pensar que seu autor dificilmente poderia ser tido por justo em relação aos escravos, negligenciando a igualdade entre escravo e senhor aos olhos de Deus, e aparentemente fechando os olhos para os pecados do senhor. Tal inferência, porém, seria errônea, pois ela deixa de ver dois fatos importantes: a. Tito 2.9, 10 contém apenas *parte* do ensino de Paulo com respeito à relação senhor/escravo (ver também Ef 5.8, 9; Cl 3.25: 4.1; Fm 16); e b. ainda aqui na passagem de Tito o contexto que se segue imediatamente (note particularmente o v. 11) enfatiza a plena igualdade de *todos* os crentes, escravos e livres, pelo prisma da graça redentora de Deus.

O verbo do versículo 6 está novamente implícito; daí, "*inste* ou *admoeste* os escravos". Os três pontos com respeito aos quais os escravos devem ser admoestados são:

(1) Conduta

Os escravos devem atender aos desejos de seu senhor, e isso "em todos os aspectos" (cf. Cl 3.22; então Ef 5.24). Desde manhã até à noite, e em toda categoria de trabalho, o escravo deve sujeitar-se ao seu senhor. Só é necessário acrescentar que esta frase, "em todos", não deve ser tomada em sentido absoluto, como se o apóstolo quisesse dizer que mesmo quando o senhor lhe peça que minta ou roube, cometa adultério ou homicídio, o escravo deva obedecer. A frase que indica propósito no final do versículo 10 implica uma restrição, porque certamente, ao aceitar o cometimento de um pecado, o escravo não poderia jamais estar em condições de "adornar a doutrina de Deus nosso Salvador". Ver também Atos 4.19; 5.29; Efésios 5.21.[200]

200. Portanto, não vejo necessidade de adotar o ponto de vista de Bouma e outros, de que àY<x0r|v, (v. 10, o melhor texto) é um termo limitativo e deve ser traduzido "com respeito ao que é bom". Mais natural parece ser a construção que deu lugar à tradução encontrada em

(2) Disposição

Não basta, contudo, o cumprimento externo da vontade do senhor. Também é proibido defraudar e murmurar secretamente. Uma disposição mal-humorada jamais logrará a conquista de uma alma para Cristo. ()s escravos, pois, devem ser *solícitos por agradar, ter boa disposição.* I íste adjetivo é tipicamente paulino: em outros lugares o apóstolo o usa não menos que *sete* vezes, enquanto no resto do Novo Testamento ele aparece *uma vez* (Hb 13.21). E mesmo se acrescentarmos a esta única ocorrência o número de vezes que Hebreus emprega o verbo cognato e o advérbio (a justiça exige que façamos esta adição), a razão da freqüência ainda é de 7 a 5 (ou se a referência em Tito for incluída, 8 a 5) em favor de Paulo.

O aspecto negativo de ter a disposição de agradar é *não retrucar.* Este composto de âvTÍ aparece nove vezes no Novo Testamento: Lucas 2.34; 20.27; João 19.12; Atos 13.45; 28.19; 28.22; Romanos 10.21; lilo 1.9; *2.9. O* substantivo cognato ocorre em quatro passagens: Hebreus 6.16; 7.7; 12.3; e Judas 11. Embora o sentido básico seja o de *retrucar,* ele às vezes comunica o matiz de *desobediência ativa, resistência, rebelião, porfia.* Veja, por exemplo, Romanos 10.21; Hebreus 12.3; Judas 11. Provavelmente ele tenha aqui também o mesmo matiz. Interpretadas deste modo, as duas expressões formam um par que se complementa: "solícito em agradar" e disposição "não rebelde".

(3) Confiabilidade

Quando o senhor voltava as costas, amiúde se cometiam pequenos íuríos. A defraudação ou roubo, por meio do qual o escravo *retém* (cf. o uso do verbo em At 5.2, 3) ou *retira* (põe à parte para si) uma porção daquilo que pertence ao seu senhor, ele não deve escusar-se, dizendo: "O senhor me deve muito mais que isto, porque ele me subtraiu a liberdade e está roubando-me as forças e os talentos, sem uma justa compensação." O escravo deve dar demonstrações de "máxima *fidedignilade"* (ou que é digno de confiança, Rm 3.3b; cf. lTm 5.12; e em seguida, Gl 5.22).

K. V. c A.R.V.: "demonstrando toda boa fidelidade". Poder-se-ia considerar o original *como* uma expressão idiomática para "evidenciando a máxima fidedignidade". Cf. o original em filo 3.2; 2 Timóteo 4.14.

Ora, a razão para a demanda que escravos exibam uma conduta submissa, uma disposição de agradar e a máxima fidedignidade é esta: **de modo que em todos os aspectos adornem a doutrina de Deus nosso Salvador.** A vida santificada, que faz saltar à vista todos os frutos da graça transformadora - obediência, alegria, integridade, etc. - que resplandece como tantas gemas preciosas, é um ornamento à "doutrina de *Deus nosso Salvador*" (ver sobre 1 Tm 1.1), a fé cristã. Ela levaria os senhores à exclamação: "Se a religião cristã age assim até mesmo em relação a escravos, então deve ser algo maravilhoso!"

11 Porque a graça de Deus se manifestou trazendo salvação a todos os homens, 12 educando-nos a fim de que, tendo renunciado à impiedade e àquelas paixões mundanas, aqui e agora vivamos vidas de autodomínio, de justiça e devoção, 13 enquanto aguardamos a bendita esperança, a aparição em glória de nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, 14 o qual se deu a si mesmo por nós a fim de redimir-nos de toda iniqüidade e purificar para si um povo, propriamente seu, que se deleita em feitos nobres.

15 Continue falando[-lhes] essas coisas e instando [com eles] e reprovando com toda autoridade. Que ninguém o menospreze.

2.11-15

11-14. *A graça de Deus considerada como a razão pela qual todo membro da família cristã pode e deve viver uma vida cristã* - eis o tema de uma das passagens mais ricas da Santa Escritura. Note os quatro pensamentos principais:

1. versículo 11 *A graça de Deus em Cristo é a grande ação penetrante, que dissipa as trevas trazendo a todos a salvação.*

Diz Paulo: **Porque a graça de Deus se manifestou, trazendo salvação a todos os homens.**

A graça de Deus é seu favor ativo em outorgar o maior dom aos que merecem o maior castigo. (Para o conceito graça, ver um estudo de vocabulário em C.N.T. sobre lTs 1.1.) Essa graça *penetrou* em nossas trevas morais e espirituais. Ela "apareceu". O verbo usado no original se relaciona ao substantivo *epifania,* ou seja, *aparecimento* ou *manifestação* (por exemplo, do sol ao amanhecer). A graça de Deus surgiu repentinamente sobre os que estavam nas trevas e na sombra da morte

(ver também Ml 4.2; Lc 1.79; At 27.20; e Tt 3.4). Ela despontou quando Jesus nasceu, quando de seus lábios emanaram palavras de vida e beleza, quando curava os enfermos, limpava os leprosos, expulsava os demônios, ressuscitava os mortos, sofreu pelos pecados dos homens e quando deu sua vida pelas ovelhas para a reassumir na manhã da ressurreição. Assim a graça derramou sobre o mundo a santa luz de Cristo ("afugentou a escura noite do pecado". Então nasceu o sol da justiça 'Irazendo cura em suas asas". A graça de Deus apareceu "*salvadora* (owTiípioç) a todos os homens". Em todas as demais partes do Novo I estamento, a palavra *salvadora*, quando precedida pelo artigo e usada como um substantivo, significa *salvação* (Lc 2.30; 3.6; At 28.28; Ef (). 17), no sentido espiritual do termo. Daí, também aqui em Tito 2.11, o significado é: a graça de Deus fez sua aparição "trazendo salvação". A graça veio resgatar o homem do maior mal possível, a saber: a maldiçao de Deus sobre o pecado; e conceder-lhe o maior benefício possível, a saber: a bênção de Deus para a alma e para o corpo por toda a eternidade. (Para um estudo terminológico do conceito *salvação,* ver sobre 1Tm 1.15.)

Ela trouxe esta salvação a "todos os homens". Para uma explanaçao detalhada sobre esta expressão, ver sobre 1 Timóteo 2.1. Aqui em Tito 2.11, o contexto faz o significado bem claro. Masculino ou feminino, idoso ou jovem, rico ou pobre: *todos* são culpados diante de Deus, c dentre *todos* eles Deus congregou seu povo. Anciãos, anciãs, homens o mulheres mais jovens, e até mesmo escravos (ver vv. 1-10) devem viver vidas consagradas, *porque* a graça de Deus manifestou salvação a *todos* esses vários grupos ou classes. "Todos os homens" aqui no versículo 11 = "nós" do versículo 12. A graça não passou por alto os de idade avançada só porque são idosos, nem mulheres só porque são mulheres, nem escravos só porque são meramente escravos, etc. Manil'cslou-se a *todos,* sem consideração de idade, sexo ou posição social. Por isso ninguém pode derivar, desde seu grupo ou casta particular a que pertence, razão plausível para não viver a vida cristã.

2. versículo 12 *A graça de Deus em Cristo é o sábio pedagogo.*

As palavras que comunicam este pensamento são: **educando-nos u fim de que, tendo renunciado à impiedade e àquelas paixões**

mundanas, aqui e agora vivamos vidas de autodomínio, de justiça e devoção.

A graça *educa.* Ver sobre 1 Timóteo 1.20. O verbo usado no original é do mesmo teor que o substantivo *pedagogo.* Um pedagogo é alguém que conduz as crianças passo a passo. Assim também a graça amoravelmente conduz e guia. Não precipita as coisas em confusão. Não subverte súbita e forçosamente a ordem social. Por exemplo, não ordena abruptamente aos senhores que dêem alforria aos seus escravos; tampouco ordena insensatamente aos escravos que se rebelem contra seus senhores. Ao contrário disso, gradualmente leva os senhores a perceberem que o abuso da liberdade de seus semelhantes é um grande mal, e convence os escravos que apelar para a força e para a vingança não é solução para nenhum problema. A graça *educa* ensinando (At 7.22; 22.3), disciplinando (1Tm 1.20; 2Tm 2.25; então Lc 23.16, 22; ICo 11.32; 2Co 6.9; Hb 12.6-11; Ap 3.19), aconselhando, confortando, incentivando, admoestando, guiando, convencendo, retribuindo, restringindo, etc.

O propósito de tudo isto é expresso primeiro negativamente, então positivamente (que é um estilo caracteristicamente paulino). *Negativamente*, nos induz a *renunciar* à *impiedade,* à profanidade, à perversidade (ver sobre 2Tm 2.16), ou a *rejeitar* tudo isso (o verbo tem aqui o mesmo significado que em At 3.13; 7.35). Observe a prática vivida de "impiedade" em Romanos 1.18-32 (note a mesma palavra em Rm 1.18; cf. 11.26). Tal impiedade é *idolatria* mais *imoralidade,* ambos os termos tomados em seu significado mais abrangente. Quando a graça toma posse do pecador, ele repudia a impiedade. Tal repúdio é um ato definido, uma decisão de renunciar àquilo que causa desprazer a Deus. Ninguém consegue ir para o céu sendo negligente. Rejeitar a impiedade implica igualmente a renúncia "às paixões mundanas" - desejos fortes e pecaminosos. (Ver estudo terminológico do termo *paixão* ou *desejo* em conexão com a exegese de 2Tm 2.22.) Segundo o uso bíblico do termo, os desejos mundanos ou pecaminosos incluem o seguinte: o desejo sexual desordenado, o alcoolismo, o desejo excessivo de possessões materiais, a agressividade (daí, caráter belicoso, vaidade, ânsia de exercer domínio), etc. Em suma, ele aponta para os anseios desordenados por prazeres, poder e possessões. Ver também 1 João 2.16 e sobre Tito 3.3.

Positivamente, a graça nos educa a fim de que, "aqui e agora" *(nesta presente era;* ver lTm 6.17; 2Tm 4.10; então Rm 12.2; ICo 1.20; 2Co 4.4; contrastados com a *era por vir* em Ef 1.21; cf. Mc 10.30), vivamos vidas que mostrem uma relação transformada:

a. *para consigo mesmo*: "domínio próprio", fazer uso adequado dos desejos e impulsos que em si mesmos não são pecaminosos, e vencer os que são pecaminosos;

b. *para com o próximo:* "justiça", honradez, integridade no relacionamento com os demais;

c. *para com Deus:* "devoção", piedade, verdadeiro fervor e reverência para com o único que é objeto de adoração.

3. versículo 13 *A graça de Deus em Cristo é o preparador eficaz.*

Nós - anciãos, anciãs, homens e mulheres mais jovens, escravos, etc. - devemos viver uma vida cristã real porque, pelo poder da graça de Deus, **aguardamos a bendita esperança, a aparição em glória de nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus.**

A graça de Deus nos educa a fim de vivermos vidas consagradas, *enquanto aguardamos*[201] a bendita esperança. A expressão *aguardar* ou *olhar para frente com paciência* modifica o *viver,* atitude esta que é uma circunstância presente ou explicação adicional. E "a bendita esperança" que os crentes estão aguardando. Esta é uma metonímia para expressar *a realização daquela esperança* (isto é, a realização de nosso anelo mais ardente, expectação confiante e espera paciente). Encontramos uma metonímia semelhante em Gálatas 5.5; Colossenses 1.5 (aos quais alguns intérpretes adicionariam Hb 6.18).

Essa esperança é chamada *bendita.* Ela comunica bênção, felicida-

201. O particípio presente upoaõexófEy'H e usado aqui num sentido no qual Lucas com freqüência (e nunca Paulo em outros lugares) emprega a palavra (Lc 2.25,38; 12.36; 23.51). Paulo a *usa no* sentido de *receber favoravelmente, dar boas-vindas* (Rm 16.2; Fp 2.29; assim também Lucas em Lc 15.2). Mas este não é um argumento válido contra a paternidade paulina das Pastorais ou contra a paternidade de Lucas em Lc 15.2. Lucas e Paulo eram amigos. Além do mais. se o sobrinho de Paulo podia usar a palavra no sentido de *esperar* (Al 23.21), por que o próprio Paulo não podia fazê-lo? E, se a resposta a isso for: "Mas é Lucas, e não o sobrinho de Paulo, o responsável pela palavra de Atos 23.21", a resposta a isso seria novamente: "Lucas e Paulo eram amigos!"

de, deleite e glória. O adjetivo *bendita é* usado em conexão com *Deus* em 1 Timóteo 1.11; 6.15; ver sobre estas passagens.

Ora, ainda a *possessão* de um espírito esperançoso e o *exercício* da esperança são benditos, por causa de:

(1) o fundamento imutável da esperança (lTm 1.1, 2; então Rm 5.5; 15.4; Fp 1.20; Hb 6.19; lPe 1.3, 21);

(2) o glorioso autor da esperança (Rm 15.13; cf. 2Ts 2.16);

(3) o maravilhoso objetivo da esperança (vida eterna, salvação, glória: Tt 1.2; 3.7; então lTs 5.8; então Rm 5.2; Cl 1.27);

(4) os preciosos efeitos da esperança (paciência, lTs 1.3; "franqueza no falar", 2Co 3.12; e purificação da vida, 1 Jo 3.3);

(5) e o caráter eterno da esperança (ICo 13.13).

Então, seguramente a *realização* desta esperança será deveras bendita! Leia Daniel 12.3; Mateus 25.34-40; Romanos 8.20b; 1 Coríntios 15.51,52; 1 Tessalonicenses 4.13-18; 2 Tessalonicenses 1.10; Apocalipse 14.14-16; 19.6-9. De fato, a certeza da realização comunica vigor à esperança, e resulta nas graças mencionadas sob o item (4) supra.

Ora, a realização da bendita esperança é "a aparição em glória".[202] Note as duas aparições. Já houve *uma* (ver sobre v. 11; cf. 2Tm 1.10). Está para haver *outra* (ver C.N.T. sobre 2Ts 2.8; cf. lTm 6.14; 2Tm 4.1, 8). Será a boa aparição... de quem? Ao longo da história da interpretação, essa pergunta tem dividido gramáticos e comentaristas. Esperamos a aparição em glória de *uma* pessoa ou de *duas pessoasl*

Os que endossam o ponto de vista de *uma pessoa* favorecem a tradução:

"de nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus". (Outra redação

202. O texto diz literalmente: "a aparição da glória". Alguns (por exemplo, as versões inglesas, A.V., Berkeley, Goodspeed e algumas brasileiras) preferem a tradução: "a manifestação gloriosa". Outros, por exemplo Lenski e White, impugnam essa tradução. Não obstante, não vejo essa objeção como sendo de muito peso. Se a expressão "o despenseiro da injustiça" (Lc 16.8) significa "o despenseiro injusto", por que a frase "a aparição da glória" não pode significar "a aparição gloriosa"? Se uma pessoa, porém, traduzir de um modo ou de outro, o significado resultante acaba *sendo o* mesmo, ou seja: "a aparição em glória" (como Weymouth traduz a frase e como Bouma e outros a interpretam). Cf. Mateus 25.31; Marcos 13.26; 2 Tessalonicenses 1.10.

traz "Jesus Cristo", mas isso não faz diferença quanto ao ponto de vista em questão.) Ora, se esse ponto de vista é o correto, quem aceita a infalibilidade das Escrituras tem nessa passagem um texto de prova adicional para a deidade de Cristo; e mesmo os que não aceitam a infalibilidade da Escritura, porém aceitam a tradução que resulta *numa só pessoa,* deve admitir pelo menos que o autor das Pastorais (talvez erroneamente, segundo eles) sustenta que Jesus era um em essência com Deus o Pai. A tradução como sendo *uma pessoa* é favorecida por A.R.Y. *{margem),* Weymouth, Goodspeed, Berkeley Version, R.S.V. e muitos comentaristas: Van Oosterzee, Bouma, Lenski, Gealy, Simpson e outros. O grande gramático neotestamentário, A. T. Robertson, fez uma poderosa defesa deste ponto de vista pelo prisma gramatical, baseando seus argumentos na regra de Granville Sharp.

Entre outros, João Calvino se mostrava relutante em escolher entre a tradução que se refere a *uma pessoa* e a que se refere a *duas pessoas.* Não obstante, ele enfatiza que em qualquer dos dois casos o propósito da passagem é afirmar que, quando Cristo se manifestar, a grandeza da glória divina se revelará nele (cf. Lc 9.26); e que, em conseqüência, a passagem de forma alguma endossa os arianos em sua intenção de demonstrar que o Filho é menos divino que o Pai.

A teoria que defende o ponto de vista de *duas pessoas* é apresentada com pequenas variantes por diversas versões inglesas: Wyclif, Tyndale, Crammer, A.V., A.R.V. (texto), Moffatt e R.S.V. (margem). Tem sido apoiada por uma longa lista de comentaristas (entre os quais se encontram De Wette, Huther, White [em *The Expositor's Bible*], E. F. Scott e outros) e especialmente pelo gramático G. B. Winer.

A tradução, pois, vem a ser:

"do grande Deus e o [ou "e do"] Salvador Jesus Cristo."

Winer reconhece que seu respaldo a este ponto de vista não está baseado tanto na gramática - a qual, como chegou a admitir, *permite* a tradução como sendo uma pessoa - quanto sobre "a convicção dogmática derivada dos escritos do apóstolo Paulo, no sentido que esse apóstolo não pode ter chamado Cristo *o grande Deus".* (Essa argumentação se vê em dificuldades para interpretar Rm 9.5; Fp 2.6; Cl 1.15-20; Cl 2.9, etc.) Mas ele deveria ter notado que mesmo o contexto atribui a

Jesus (v. 14) funções que no Antigo Testamento são atribuídas a Jeová, tais como atos de *redimir* e *purificar* (2Sm 7.23; SI 130.8; Os 13.14; então Ez 37.23); e que a palavra *Salvador,* em cada um dos três capítulos de Tito, primeiro se aplica a *Deus* e em seguida a *Jesus* (Tt 1.3, 4; 2.10, 13; 3.4, 6). Portanto, é evidente que o propósito do autor desta epístola (isto é, Paulo) é demonstrar que Jesus é plenamente divino, tão plenamente como Jeová ou como o Pai.

Devemos considerar correta a tradução como *uma pessoa.* Ela recebe o endosso das seguintes considerações:

(1) A menos que haja alguma razão específica em sentido contrário, a regra sustenta que, quando o primeiro de dois substantivos do mesmo caso e unidos pela conjunção *e* vem precedido do artigo, o qual não se repete antes do segundo substantivo, ambos se referem *à mesma pessoa.* Quando o artigo se repete antes do segundo substantivo, então está falando de *duas pessoas.* Exemplos:

a. O artigo precede o primeiro de dois substantivos e *não* se repete antes do segundo: "o irmão seu e co-participante." Os dois substantivos se referem *à mesma pessoa,* João, e a expressão é corretamente traduzida: "seu irmão e co-participante" (Ap 1.9).

b. Dois artigos, um precedendo a cada substantivo: "Que o mesmo seja para você como *o* gentio e *o* publicano" (Mt 18.17). Os dois substantivos apontam para *duas pessoas* (neste caso, cada uma representando uma classe).

Ora, segundo esta regra, as palavras discutidas em Tito 2.13 indicam claramente *uma só pessoa,* a saber: Cristo Jesus, porque, traduzi* da palavra por palavra, a frase diz: "do grande Deus e Salvador nosso Cristo Jesus." O artigo que está antes do primeiro substantivo não se repete antes do segundo, e por isso a expressão deve ser traduzida:

"de nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus."

Jamais se descobriu alguma razão válida que demonstre que a regra (de Granville Sharp) não se aplica no presente caso.[203] De fato,

203. Ver Gram. N.T., pp. 785-787; também do mesmo autor (A. T. Robertson), *The Minister And His Greek New Testament,* Nova York, 1923, pp. 61-68. Ora, se se pudesse estabelecer que ouxiíp não é apenas um nome próprio, mas que, além do mais, Paulo geralmente liga a epifania a duas pessoas, teríamos algo paralelo à expressão "*do* Deus nosso e Salva-

reconhece-se geralmente que as palavras aparecem no final de 2 Pedro 1.11, no original, se referem a *uma* pessoa e devem ser traduzidas: "nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo." Mas, se isto é assim, por que não pode ser também assim na expressão *essencialmente* idêntica em 2 Pedro 1.1 e aqui em Tito 2.13, e então traduzir: "nosso Deus e Salvador Jesus Cristo" (ou "Cristo Jesus")?

(2) Em nenhuma parte do Novo Testamento se usa a palavra *epifania (aparição* ou *manifestação)* com respeito a mais de *uma* pessoa. Além do mais, a pessoa *a* quem se refere é sempre Cristo (ver 2Ts 2.8; 1Tm 6.14; 2Tm 4.1; 2Tm 4.8 e 2Tm 1.10, onde a referência é à primeira vinda).

(3) A fraseologia aqui em Tito 2.13 bem que poderia ter sido traçada como reação ao tipo de linguagem que amiúde os pagãos usavam com respeito aos seus próprios ídolos, os quais consideravam como "salvadores", e particularmente à fraseologia usada em relação ao culto aos reis terrenos. Ptolomeu I não foi chamado "salvador e deus"? Não se referiam a Antíoco e a Júlio César como "deus manifestado"?[204] Paulo indica que os crentes esperam a aparição de Alguém que *realmente* é Deus e Salvador, sim, "nosso grande [exaltado, glorioso] Deus e Salvador, a saber, Cristo Jesus".

O "ponto" real da passagem, em conexão com tudo o que a precedeu, é que nossa jubilosa expectação do aparecimento em glória de nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus nos *prepara efetivamente* para a vida com ele. Como ele faz isso? Primeiro, porque a Segunda Vinda será tão completamente gloriosa que os crentes não desejarão "perdê-la", mas desejarão "manifestar-se com ele em glória" (Cl 3.4). Segundo, porque a bendita expectação enche os crentes de gratidão, e a gratidão produz estado de alerta pela graça de Deus.

4. versículo 14 *A graça de Deus em Cristo é o purificador pleno.*

dor Jesus Cristo" onde, apesar de haver *um só* artigo, a referência é com toda probabilidade a *cluas* pessoas, e a frase pode ser traduzida "de nosso Deus e do Senhor Jesus Cristo" (2Ts 1.12). Ver C.N.T. sobre ITs 1.12, nota 117. Mas 2 Tessalonicenses 1.12 e Tito 2.13 não são idênticas.

204. VerE. Stauffer, *Christandthe Caesars.* Filadélfia, 1955 (revisado em *WThJ,* XVIII, Número 2 (maio de 1956), pp. 171-176. Ver também nota 76.

Nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus, cuja aparição em glória os crentes esperam com tanta esperança e alegria é aquele **que se deu a si mesmo por nós a fim de redimir-nos de toda iniqüidade e purificar para si um povo, propriamente seu, que se deleita em feitos nobres.**

Para o significado de "que deu-se a si mesmo por nós a fim de redimir-nos", ver sobre 1 Timóteo 2.6: "que deu-se em resgate por todos." Quem quer que porventura nutra dúvidas sobre o caráter necessário, objetivo, voluntário, propiciatório, substitutivo e eficaz do ato de Cristo pelo qual ele se deu por nós, deve fazer um estudo diligente e contextual das seguintes passagens:[205]

Antigo Testamento	*Novo Testamento*		
Gênesis 2.16,17	Mateus 20.28	1 Coríntios 7.23	Hebreus 9.28
Êxodo 12.13	Mateus 26.27, 28	2 Coríntios 5.18-21	1 Pedro 1.18, 19
Levítico 1.4	Marcos 10.45	Gálatas 1.4	1 Pedro 2.24
Levítico 16.20-22	Lucas 22.14-23	Gálatas 2.20	1 Pedro 3.18
Levítico 17.11	João 1.29	Gálatas 3.13	1 João 2.2
2 Samuel 7.23	João 6.55	Efésios 1.7	1 João 4.10
Salmo 40.6, 7	Atos 20.28	Efésios 2.16	Apocalipse 5.12
Salmo 130.8	Romanos 3.25	Efésios 5.6	Apocalipse 7.14
Isaías 53	Romanos 5	Colossenses 1.19-23	
Zacarias 13.1	1 Coríntios 6.20	Hebreus 9.22	

Ele deu nada menos que *a si próprio,* e isto *por nós,* ou seja, em nosso interesse e em nosso lugar. A contemplação deste sublime pensamento deve resultar em uma vida que seja para sua honra. Além do mais, por sua morte expiatória ele teve os méritos para que o Espírito Santo pudesse operar em nosso coração. Sem este Espírito, nos seria impossível viver uma vida santificada.

Cristo entregou-se por nós com um duplo propósito: o primeiro é negativo (ver SI 130.8); e o segundo, positivo (ver 2Sm 7.23). Negativamente, ele deu-se por nós "para redimir-nos", ou seja, para resgatar-

205. Ler também A. A. Hodge, *The Atonement,* Filadélfia, 1867; e L. Berkhof, *Vicarious Atonement Through Christ,* Grand Rapids, MI, 1936.

nos de um poder maligno. O preço do resgate foi seu precioso sangue (IPe 1.18, 19). E o poder do qual ele nos livra é o do "pecado" (ver C.N.T. sobre 2Ts 2.3), ou seja, a desobediência à santa lei de Deus, qualquer que seja a forma na qual a desobediência se manifesta *{"toda* iniqüidade").

Positivamente, ele deu-se por nós "a fim de purificar para si mesmo um povo", ou seja, para purificar-nos por meio de seu sangue e seu Espírito (Ef 5.26; Hb 9.14; lJo 1.7, 9), para que, assim purificados, estejamos em condições de ser um povo, *propriamente seu* (ver nota 193 e cf. Ez 37.23). Outrora, *Israel* era o povo peculiar de Jeová; agora é a *igreja.* E como Israel se caracterizava por ser zeloso no tocante à lei (At 21.20; cf. Gl 1.14), assim agora Cristo purifica seu povo com este mesmo propósito em mente, a saber, para que ele seja um povo de sua própria possessão "zeloso pelos feitos nobres", feitos esses que, procedentes da fé, sejam feitos em consonância com a lei de Deus e para sua glória (cf. IP 3.13).

Em suma, os versículos 11-14 nos ensinam que a razão pela qual todo membro da família deveria viver uma vida de autodomínio, justiça e piedade é para que a graça de Deus em Cristo penetre nossas trevas morais e espirituais e traga salvação a todos os homens; para que essa graça seja também nosso grande pedagogo que nos afasta da impiedade e das paixões mundanas e nos guie pela vereda da santificação; que é o preparador eficaz que nos faz olhar com anseio para a manifestação em glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus; e, finalmente, que é o purificador total, de modo que, redimidos de toda desobediência à lei de Deus, sejamos transformados no tesouro exclusivo de Cristo, cheios de zelo pelos feitos que são excelentes.

15. Como uma conclusão adequada para todo o capítulo (em certo sentido, para ambos os capítulos), Paulo acrescenta: **Continue falando[-lhes] essas coisas e instando [com eles] e reprovando com toda autoridade.**

Tito não deve jamais ser faltoso em seu dever. Deve prosseguir fazendo o que vem fazendo até aqui. Deve *falar* constantemente (ver sobre v. 1) sobre esta gloriosa vida de santificação como uma oferta de gratidão apresentada a Deus por sua maravilhosa graça em Cristo. Deve *insistir* com o povo sobre isto, fazendo-o sempre que lhe apresentar

boa ocasião, *admoestando* (ver sobre v. 6) os que carecem de admoestação especial, e até mesmo *reprovando* (ver sobre Tt 1.9, 13) os que acaso mereçam reprovação. Tudo isto deve ser feito "com toda autoridade", a autoridade de Cristo a quem ele representa.

Que ninguém o menospreze. Cf. I Timóteo 4.12. Tito deve conduzir-se de tal maneira que ninguém tome suas palavras de modo leviano, ou seja, que ninguém, em seu coração e mente, o desrespeite ou ignore, pensando: "Não importa o que *ele* tenha dito sobre isso ou sobre aquilo." Embora este mandamento tenha sido dirigido *diretamente* a Tito, o qual deveria levá-lo a sério, o mesmo o ajudará também, *indiretamente,* no cumprimento de seus deveres, a saber: quando o mesmo for lido aos diversos presbíteros e congregações.

193. Devido às suas muitas palavras ou expressões que aparecem uma só vez - *hapax legomena* - o segundo capítulo de Tito está entre as porções das Pastorais nas quais os críticos se concentram com o fim de provar que Paulo não poderia de forma alguma ter sido seu autor. Mas, *os fatos* endossam tal conclusão? *Estou convencido de que não.* Uma longa lista de tais palavras pode parecer impressionante, mas cm última análise não é o mero *número* de tais palavras que conta, mas sua *natureza.*

Por meio do resumo que se segue, desejo mostrar que *cada palavra* deste capítulo é de tal natureza ou caráter que ninguém tem o direito de dizer: "Paulo não poderia tê-lo escrito." O vocabulário de Tito 2 pode ser resumido da seguinte maneira:

(1) Muitas das palavras usadas neste capítulo são mais ou menos comuns no idioma grego ou, pelo menos, no grego koinê. Certamente, nenhum argumento contra a paternidade paulina da epístola pode ser baseado nelas.

(2) Então, entre as palavras restantes existem aquelas que em outros lugares do Novo Testamento são usadas somente por Paulo. Como podem elas demonstrar que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais?

(3) Além do mais, temos aquelas que. em outros lugares, são usadas somente pelo companheiro assíduo e íntimo de Paulo, Lucas, ou somente por Lucas e por Paulo. Tampouco nenhum argumento contra a autoria paulina pode derivar-se delas, como é óbvio.

(4) Entre as palavras que no Novo Testamento só ocorrem aqui no segundo capítulo de Tito ou somente nas Pastorais, há aquelas que são conhecidas como sendo usadas por outros autores que viviam nos dias de Paulo ou em épocas próximas, Como se pode argumentar dizendo que Paulo não poderia ter usado essas palavras, que ele ouvia ao seu redor? Ou. algumas das palavras eram familiares para Paulo por havê-las encontrado na LXX.

(5) Também há palavras que. embora apareçam somente uma vez ou bem poucas vezes nas Pastorais e em nenhum outro lugar do Novo Testamento, são cognatos bem próximos de palavras usadas por Paulo e/ou por Lucas. Ora, se um autor tem escrito "agradavelmente", é impossível que escreva "agradável" também?

Quanto a isso há palavras que, embora apareçam unicamente aqui, elas seguem um padrão tipicamente paulino. Suponhamos que um autor, John Brown, em obras que, pelo reconhecimento geral, são-lhe atribuídas, usou uma série de expressões nas quais empregou

como componente básico a palavra *neve*\ por exemplo, "campo de neve", "camada de neve", "espuma de neve", tempestade de neve", etc. Ora, num escrito de paternidade literária duvidosa (atribuído por alguns a ele) aparece a expressão "bola de neve". Seria razoável dizer que neste caso "John Brown não poderia ter escrito tal livro, só porque a expressão *bola de neve* não aparece em nenhuma de suas produções literárias reconhecidas como tais"? Não seria mais razoável dizer: "Certamente é possível que John Brown tenha escrito este livro, porque ele costuma fazer combinações que contêm a palavra neve"?

Análise das Palavras Que Ocorrem em Tito Capítulo 2

A. *Palavras de uso mais ou menos comuns*

Todas as palavras do versículo 1 pertencem a esta classe. Palavras tais como "Porém", "você", "fale" e "a" são, naturalmente, bem comuns.

Quanto a "ser sadio", também é uma expressão que de forma alguma se limita às Pastorais. Lucas e João também a usam. Não obstante, tem-se dado importância exagerada aos três seguintes argumentos:

(1) Nas Pastorais usa-se esta palavra num sentido imatevial; em outros escritos, num sentido meramente físico.

(2) Nas Pastorais ela tem um sentido filosófico. Significa "em consonância com a razão". E neste sentido que o ensino ou doutrina de alguém deve ser "sã". Daí, *Paulo* não poderia ler escrito as Pastorais, porque declarou que *seu* evangelho não tem por base a razão humana, senão que é "loucura" para o mundo (ICo 2.6, 14). Um autor desconhecido tomou palavras e conceitos da literatura helenística de seu tempo. (Ver M. Dibelius, *Die Pastoralbriefe,* segunda edição, Ttibingen, 1931, p. 14.)

(3) Nas Pastorais, esta palavra é usada com grande freqüência.

Mas em confronto com este tríplice argumento contra a autoria paulina está o seguinte:

Em resposta ao item (1). Ver Provérbios 13.13 (LXX). Aqui "ser sadio" não pode restringir-se ao físico do homem.

Em resposta ao item (2). Nas Pastorais, "ser sadio" não é um antônimo de "ser irracional", mas de "ser moral e espiritualmente pervertido", como se vê mais claramente em Tito 1.12, 13. Naturalmente, é verdade que o intelecto do homem também está obscurecido quando ele resiste à vontade de Deus.

Em resposta ao item (3). A freqüência com que se usa essa palavra não prova necessariamente uma diferença de autor. Simplesmente prova uma diferença em tema e situação geral. E realmente impossível imaginar-se *Paulo,* o ancião, profundamente preocupado sobre a questão se a igreja permaneceria leal à "sã" doutrina?

A palavra final do versículo 1 - a saber, "doutrina" - é também bastante comum. Mateus e Marcos, ambos, a usam. Assim Paulo em Romanos 12.7; 15.4; Efésios 4.14; e Colossenses 2.22.

Portanto, não podemos basear-nos em nenhuma das palavras do versículo 1 para pôr-nos contra Paulo como autor das Pastorais. E o mesmo vale com respeito às "palavras mais ou menos comuns" usadas no restante do capítulo. Portanto, seria perda de tempo dar demasiada atenção às palavras desta classe neste breve resumo.

B. *Palavras que em outros lugares no Novo Testamento ocorrem somente nas Epístolas <le Paulo*

Assim, "dignos" ou "honrados", afora seu uso em Tito 2.2 e I Timóteo 3.8, no Novo Testamento só aparece em Filipenses 4.8; "aparição" (Tt 2.13; cf. lTm 6.14; 2Tm 1.10; 4.1, 8) aparece unicamente em 2 Tessalonicenses 2.8; e a palavra traduzida "autoridade" (Tt 2.15; cf. 1.3; lTm 1.1) se encontra somente em Romanos 16.26; 1 Coríntios 7.6, 25; 2 ('oríntios 8.8, ainda que o verbo cognato apareça também em Marcos, Lucas e Atos.

Essas palavras parecem apontar *para* Paulo e não na direção *oposta.*

C. *Palavras que em outros lugares do Novo Testamento se encontram somente em Lucas ou somente em Paulo e. Lucas*

A palavra "ancião" (Tt 2.2) se encontra somente em Filemom 9 c em Lucas 1.18; "defraudar" ou "furtar" (Tt 2.10) aparece somente em Atos 5.2, 3; "aparecido" (Tt 2.11; cf. 3.4) se encontra somente em Lucas 1.79; e "trazendo salvação" (Tt 2.11) aparece somente em Efésios 6.17; Lucas 2.30; 3.6; Atos 28.28, ainda que nesses vários casos seja neutro como substantivo, "salvação".

Interessante, ainda que não totalmente confinada a Paulo e Lucas, é também a palavra "esperando" (ver sobre v. 13). O sentido em que ela é aqui usada denuncia a influência de Lucas?

Este grupo de palavras não oferece qualquer endosso à teoria de que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais.

D. *Palavras que no Novo Testamento não ocorrem em nenhum outro lugar fora das Pastorais, mas que ocorrem em fontes anteriores e/ou contemporâneas*

O versículo 3 contém a palavra "comportamento". Ela aparece também em Josefo, *Jewish Antiquities* XV.vii. 5. Ele faz menção do suposto *comportamento* intrépido de Mariana, esposa de Herodes o Grande. Foi uma das causas que a levaram à morte por ordem de seu cruel esposo. Plutarco (46-120 d.C.) também usa a palavra.

No versículo 7 usa-se a palavra "incorruptibilidade" ou "incorrupção". "Sem mácula", "pureza" seria outra boa tradução. Em Ester 2.2 (LXX) encontra-se o adjetivo cognato no sentido de *pura* ou *casta:* "Busquem-se para o rei jovens virgens *[castas],* de boa aparência."

O versículo 14 tem a expressão "povo que seja sua possessão". Aqui nepioúoi.oç é do verbo nepíetpL *estar sobre* e *por cima*; daí, *ser deixado sobre.* Ela indica aquilo que fica para alguém; por exemplo, depois que o preço é pago; por isso se aplica a tudo aquilo que alguém pode chamar "próprio". A expressão é uma citação que aparece reiteradas vezes na LXX (Êx 19.5; 23.22; Dt 7.6; 14.2; 26.18). Em Deuteronômio 7.6, o original hebraico, sobre o qual a LXX se baseia, tem *'am s ᵉgullah,* "tesouro peculiar". Como esta passagem prova, indica que Israel é "possessão especial" de Jeová, seu "povo santo", porque ele o escolheu. Este ato da graça divina elevou Israel acima de todas as demais nações.

Paulo, naturalmente, estava bem familiarizado com a LXX. Então, esta citação (cf. Ef 1.14; então lPe 2.9) não apresenta grande problema.

E. *Palavras que no Novo Testamento não ocorrem em nenhum outro lugar fora das Pastorais, mas que seguem um padrão paulino na formação das palavras*

Quase todas as palavras que se seguem poderiam ter-se incluído na alínea D. Porém, além de serem de uso corrente no mundo de fala grega daquele tempo, como o era a maioria delas, seguem um padrão na formação de termos paulinos, como se verá:

O versículo 3 contém a palavra "ancião" (irptopütiç). Mas trata-se simplesmente do feminino de npeapikriç. Ver também nota 196. Esta forma feminina se encontra não só também em 4 Macabeus 16.14 (LXX) e em diversas outras fontes anteriores e posteriores, mas Paulo pessoalmente usou o masculino em Filemom 9 (cf. Tt 2.2).

O mesmo versículo (Tt 2.3) também contém a palavra t-epoirptTnjç, "como é próprio para quem está empregado no serviço do templo" (ou *em serviço sacro):* daí, reverente, piedoso. Esta palavra encontra-se na emocionante história macabéia da mãe e seus sete filhos que foram martirizados por sua lealdade a Jeová. Com referência à morte do filho mais velho, lemos: "E tendo dito isto, o *piedoso* jovem morreu" (4 Macabeus 9.25; cf. 11.20; cf. Josefo, *Jewish Antiquities* XI.viii.5). Embora as duas expressões não tenham exatamente o mesmo sentido, a de Tito ("como convém àqueles que se empregam no serviço do templo") c a de

Hfésios 5.3 ("como convém aos santos", e cf. ICo 11.13) tem bastante em comum para que não se diga que o autor da segunda não poderia ser também o autor da primeira.

Voltando uma vez mais ao versículo 3, encontramos a palavra KaÀoÔLõáaKaXoç, "mestras daquilo que é excelente". Ora, era precisamente Paulo que gostava de tais compostos, e eles nào estão limitados a nenhum período particular de sua vida como autor. Ver p. 25. Portanto, por que não poderia ele que escreveu cm 2 Tessalonicenses 3.13, *"praticantes* do que é excelente" também escrever "mestras daquilo que é excelente"?

O versículo 4 contém o verbo oaxt>poi'í.£oj. moderar, refrear, sossegai", então, como aqui, "ensinar". Foi Xenofonte (430-355 a.C.) que, usando como ilustração o adestramento de cavalos, disse: "O medo dos lanceiros os *reprime" (The Tyrant* X). No Novo Testamento, esse verbo se encontra somente aqui. E o cognato trepicjipovéu "menosprezar" se encontra somente no versículo 15. Outra palavra do mesmo teor, que também ocorre somente uma vez em todo o Novo Testamento, é aQxjjpóvuç, "com autocontrole" sensatamente (v. 12). Poder-se-ia acrescentar que o adjetivo cognato, "autocontrolado", se encontra somente em I Timóteo 3.2; Tito 1.8; 2.2, 5; e que o substantivo cognato, "autocontrole" se encontra somente em 2 Timóteo 1.7.

Mas isto significa que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais? Ao contrário, descubro que a metade das palavras que aparecem em listas separadas no léxico, e baseadas na raiz (|>piív, ou seja, *coração, mente, pensamento,* aparecem em uma ou mais das dez epístolas comumente atribuídas a Paulo. O apóstolo era muito afeiçoado às palavras formadas a partir dessa raiz (ver, por exemplo, o original das seguintes passagens: Rm 2.4; 2.20; 8.6; 12.3; ICo 10.15; ICo 13.11; ICo 14.20; 2Co 2.2; 2Co 11.1; 2Co 11.23; Gl 6.3; Ef 1.8; e Fp 2.3). E lógico crer que um autor que em Romanos 12.3 usou o termo üirc-p^povéw, e que em Filipenses 2.3-5 usou tanto cjipovéu quanto TonTfHvoctipoaúvri não poderia ter usado irepLcjipovtcü em Tito 2.15? Quanto ao último termo, Plutarco descreve fábula como algo que às vezes está obviamente *desdenhando* tornar-se convincente (*Vidas Paralelas,* Teseu I). A palavra também se encontra em 4 Macabeus 6.9; 14.1 (LXX). Mas muito antes disso, Tucídides já a usava.

O versículo 4 contém também a expressão (jiuavôpoç KAÍ C|UIÓTEKVOÇ, aqui plural, "amando seus maridos e amando seus filhos". Plutarco usou ambas as palavras no sentido indicado aqui. E ver Deissmann, *Light From the Ancient East,* p. 315. Ora, as Pastorais contêm muitos compostos baseados em (juA.-, e entre eles há diversos que não se encontram em outros lugares no Novo Testamento (<j>i.A,r|6ovoç, c|)iA.ó9eo<;, <j)ÍA,avôpoç, cjiiÀÓTtKvoç, cjjLÀávaSoç, «(jiiActYaQoç, <j>LÀapyupia e 4>UCIUTOC;). Mas este uso das palavras baseado em cj)iX- também parece ter sido característico de Paulo e Lucas. Paulo, por exemplo, em suas demais epístolas, *é o único autor neotestamentúrio* que usa o seguinte: (jHÀóvciKoç, (j>ü.oao<|>ra, <j)iAóoropYOç e (|HA,OTL|ICOH(U; enquanto seu bom amigo e assíduo companheiro, Lucas, é o único autor ncotestamentário em cujos escritos encontramos cfjiA.avSpúnuç, (jnA,oveiKÍa, 4>LAÓOO4JOÇ e i|)LA.ocjjpórw<;.

Seguramente, dizer que Paulo não poderia ter escrito as Pastorais, só porque elas contêm muitos compostos baseados na raiz (j)U-, dificilmente convence.

O versículo 5 contém o substantivo OÍKOUPYÓÇ, obreira doméstica. (Considerarei esta como sendo a melhor interpretação, posto que parece ser a que concorda melhor com o contexto.) Ora, esta realmente é uma palavra alheia a Paulo, que prova que ele não poderia ter escrito as Pastorais? (Podemos sem receio permitir que o escritor médico do segundo século que também a usou descanse em paz.) Era precisamente Paulo que mais gostava da formação de palavras com épy-, quer usando-as livremente onde quer que as encontrasse ou, talvez, cunhando-as ele mesmo. Quanto a compostos com rpv- nos escritos de Paulo, examine no

original as seguintes referências (cada uma indica uma forma distinta): Atos 14.17 (Paulo falando); Romanos 4.15; Romanos 15.16; Romanos 16.3; 1 Coríntios 3.9; 2 Coríntios 1.11; 2 Coríntios 12.16; 2 Tessalonicenses 3.11. Seguramente, parece indefensável dizer que o único escritor neotestamentário a usar TmvoOpYoç (2Co 12.16) não poderia ter escrito oÍKoupYÓç. - Lucas também gostava dos compostos com épy-. Lucas e Paulo eram amigos!

Semelhantemente, o versículo 8 apresenta o único caso no Novo Testamento da palavra àKaiáyvuoToç, não passível de censura, irrepreensível. No sentido de *não condenado* ou *inocente* em 2 Macabeus 4.47 (LXX): "Ele [o rei] absolveu Menelau de todos os seus crimes, autor de toda maldade, e condenou à morte os inocentes que, se diante dos citas tivessem como defender sua causa, teriam sido considerados *inocentes"* (N.C.). Mas, por que haveria de ser impossível que o mesmo autor que em Gálatas 2.11 empregou o verbo KaxayivúaKtt) use a palavra áKnTáyvuoroç em Tito 2.8? Ela é uma palavra alheia a Paulo? De modo nenhum!

Um raciocínio semelhante é válido com respeito a outras palavras que no uso neotestamentário ocorrem aqui em Tito 2 e nas outras Pastorais; palavras tais como *temperados* ou *sóbrios* (Tt 2.2; cf. 1Tm 3.2, 11); *piedade* (Tt 2.12; 2Tm 3.12); e *dignidade* ou *seriedade* (Tt 2.7; cf. 1Tm 2.2; 3.4). Alguém deseja realmente manter a tese de que um autor que escreveu *ímpio* (Rm 4.5; 5.6) e *impiedade* (Rm 1.18; 11.26) não poderia ter escrito *piedade!* Que aquele que escreveu *digno* ou *honrado* (Fp 4.8) não poderia ter escrito *dignidade?* E que quem escreveu *despertado para a sobriedade* (ICo 15.34) não poderia ter escrito *sóbrio?*

CONCLUSÃO: *Depois que todas as palavras do segundo capítulo de Tito forem examinadas, esta conclusão se torna clara: não há uma só entre elas que Paulo não poderia ter escrito.*

Note também que aqui em Tito 2 há vários conceitos que. embora também se encontvem em vários outros lugares do Novo Testamento, são tratados *mais plenamente por Paulo* nas dez epístolas que por qualquer outro escritor neotestamentário. Refiro-me a conceitos tais como os presentes aqui em Tito 2, os quais estão realçados pelas palavras: a.*feitos nobres* (ou excelentes, admiráveis) (Tt 2.7. 14; cf. 3.8; 1Tm 3.1; 5.10, 25; 6.18); com o que se deve comparar a expressão *boa(s) obra(s)* (Tt 1.16; 3.1; cf. 1 Tm 2.10; 5.10; 2Tm 2.21; 3.17); b. *graça* (Tt 2.11, etc.); e c. *o aqui e agora* ou *a era atual* (Tt 2.12, em distinção *da era futura* ou *por vir).*

É verdade que um sinônimo às vezes se encontra em adição à palavra ou no lugar dela nas epístolas anteriores. Assim, nas Pastorais, encontramos tanto *feitos nobres* (cf. Mc 14.6) quanto *boas obras,* enquanto nas epístolas anteriores só se encontra a última expressão. Mas certamente não é admissível assentar sobre uma base tão débil como esta a afirmação de que Paulo não poderia ter sido o escritor responsável das Pastorais. Por que seria impossível assumir que, desde que ambas as expressões são de uso corrente, o autor, ao escrever extensivamente sobre o assunto, como ele faz aqui nas pastorais, tenha escolhido variar a terminologia, ou que aqui e ali o "secretário" esteja usando seu próprio vocabulário com a plena aprovação de Paulo? Ainda neste caso, o autor real e responsável poderia muito bem ser *Paulo.*

Quando a tudo isso se somam as diversas características do estilo paulino de Tito 2, às quais tenho chamado a atenção no próprio comentário (e ver também pp. 23-28), far-se-á evidente que a responsabilidade de apresentar provas recai totalmente sobre quem rejeita a autoria paulina.

Síntese do Capítulo 2

Ver o Esboço no início do capítulo.

A santificação nas relações mútuas, com ênfase na família cristã, é o lema deste capítulo. A doutrina e a vida prática devem estar em harmonia. l'or isso, Tito deve exortar os anciãos que sejam sóbrios, dignos, etc.; as anciãs que sejam reverentes; que os jovens exerçam o domínio próprio (c 'fito mesmo deve ser o modelo); que os escravos sejam submissos em seu comportamento, com disposição de agradar e de uma confiança inquestionável. Além do mais, ele quer que as mulheres mais idosas orientem as mais jovens quanto ao amor devido ao marido e aos seus filhos; a serem sensatas, castas, operosas, amáveis e submissas ao marido. Todas estas diversas classes de pessoas devem sentir-se motivadas pelo desejo de que a Palavra de Deus seja honrada, a sã doutrina seja adornada e os inimigos da verdade sejam envergonhados.

Nenhum grupo ou classe social deve deixar de pôr-se sob a influência santificante do Espírito Santo. A graça de Deus não se manifestou trazendo salvação a todos eles? Esta graça é a grande ação penetrante que invadiu o reino das trevas e trouxe luz, a saber, a luz do conhecimento, a santidade, a alegria e a paz ("salvação"); Ela é o sábio pedagogo que nos ensina a crucificar as paixões mundanas e a viver uma vida de piedade cristã; é o preparador eficaz, que aponta para a concretização de nossa bendita esperança quando nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus regressar em glória; e o purificador completo, redimindo-nos de toda injustiça e transformando-nos num povo para a possessão de Cristo, cheio de zelo pela realização de feitos nobres. Tito deve falar constantemente desta gloriosa vida de santificação por parte de todos. Esta vida deve ser apresentada a Deus como urna oferenda de gratidão por sua maravilhosa graça. Tito, pois, deve zelar para que ninguém o menospreze, bem como a suas palavras.

Quanto à questão da escravatura e das relações inter-raciais, ver também o seguinte: *Everyday Life in Ancient Times*, publicado por *National Geographic Magazine,* 1953, pp. 175, 302, 303; J. C. Furnas, *Goodbye to Uncle Tom,* Nova York, 1956, especialmente pp. 285-388; note a extensa bibliografia nas pp. 397-418; Frank C. J. McGurk, "A Scientist's Report on Race Differences", *U.S. News and World Report,* 21 de setembro de 1956; e os artigos pertinentes na revista *Life,* 3 de setembro de 1956.

ESBOÇO DO CAPÍTULO 3

Tema: *O Apóstolo Paulo, Escrevendo a Tito, Ministra Diretrizes para a Promoção do Espírito de Santificação*

Na Vida Social (ou seja, Pública)

3.1-8	Os crentes devem obedecer às autoridades. Devem ser amáveis com todos os homens, visto que foi a bondade de Deus nosso Salvador, não nossas obras, o que nos trouxe a salvação.
3.9-11	Em contrapartida, é preciso rejeitar as questões néscias e os homens facciosos, que se negam a prestar atenção às admoestações.
3.12-15	Orientações conclusivas còm respeito aos itinerantes do reino (Artemas ou Tíquico, Tito, Zenas, Apoio) e aos crentes em geral. Saudações.

CAPÍTULO 3

— < • > —

TITO 3.1-8

3 1 Lembre-os que estejam em submissão aos governantes [e] às autoridades, sejam obedientes, estejam preparados para toda boa obra, 2 que a ninguém difamem, não sejam contenciosos, sejam gentis, demonstrando toda mansidão para com todas as pessoas.

3 Porque em outro tempo nós também vivíamos sem entendimento, desobedientes, extraviados, escravizados a várias paixões e prazeres, vivendo em malícia c inveja, detestáveis e odiando-se mutuamente. 4 Quando, porém, apareceu a benignidade de Deus nosso Salvador e seu amor para com o homem, 5 ele nos salvou, não por virtude das obras que nós mesmos houvéssemos realizado em [um estado de] justiça, mas segundo sua misericórdia pela lavagem da regeneração e renovação proveniente do Espírito Santo, 6 que ele derramou ricamente sobre nós por meio de Jesus Cristo nosso Salvador, 7 a fim de que, havendo sido justificados por sua graça, viéssemos a ser herdeiros na esperança da vida eterna. 8 Confiável [é] esta afirmação, e sobre essas questões quero que você fale com confiança, a fim de que, os que depositaram sua fé em Deus sejam criteriosos em aplicar-se aos feitos nobres. Estas questões são excelentes e benéficas a [toda] pessoa.

3.1-8

Às orientações para a promoção do espírito de santificação na vida congregacional (capítulo 1) e na vida familiar e individual (capítulo 2) acrescentam-se agora:

Diretrizes para a promoção do espírito de santificação na vida pública.

A parte *positiva* desta seção encontra-se nos versículos 1 -8; a parte *negativa,* nos versículos 9 e 10, enquanto os versículos restantes do capítulo formam uma conclusão adequada a toda a carta. Quanto à parte positiva (vv. 1-8), note:

I. O lembrete: obediência aos magistrados e bondade para com todos (vv. 1 e 2)

2. A razão: outrora éramos como os de fora, e se não fosse pela benignidade soberana do Deus Triúno hoje seríamos como eles (vv. 3-7)
   a. O que fomos outrora: sem entendimento, etc.
   b. A benignidade soberana do Pai
   c. A obra do Espírito Santo
   d. A graça de Jesus Cristo
   e. O propósito de tudo isso: vida eterna para nós.
3. A reafirmação: essas questões devem ser asseveradas com confiança, pois são excelentes e benéficas para [toda] pessoa (v. 8).

1 e 2. Lembre-os que estejam em submissão aos governantes [e] às autoridades, sejam obedientes, estejam preparados para toda boa obra, que a ninguém difamem, não sejam contenciosos, sejam gentis, demonstrando toda mansidão para com toda pessoa.

Embora os crentes, por terem uma mentalidade celestial, esperem com alegria o dia do glorioso aparecimento daquele que os comprou com seu próprio sangue, não devem jamais negligenciar seus deveres aqui na terra. Tito deve lembrá-los disso (cf. 2Tm 2.14), a fim de que em todo tempo sejam *bons cidadãos* e *bons vizinhos.*

Para a relação do cristão com o Estado, ver também sobre 1 Timóteo 2.1-7; cf. Mateus 17.24-27; 22.15-22; Romanos 13.1-7; I Pedro 2.13-17. A expressão "*Lembre-os* que estejam em submissão" provavelmente implica que Paulo havia falado aos cretenses sobre esta importante questão enquanto esteve com Tito na ilha (cf. 2Ts 2.5). Além do mais, à luz dos escritos de Políbio e de Plutarco, tudo indica que os cretenses estavam impacientes e enfurecidos sob o jugo romano. Portanto, é *possível* que essa circunstância tivesse algo que ver com a natureza precisa do presente "lembrete". Diversos comentaristas têm realçado que, enquanto *Timóteo* em Éfeso recebia a ordem de velar para que os crentes não deixassem de *orar* pelos governantes, *Tito* recebe a ordem de lembrar aos cretenses seu dever de *sujeitar-se* aos governantes. Mas veja também Romanos 13.1-7. Seja o que for, a mensagem cristã será ineficiente, a menos que, em obediência ao quinto mandamento em seu sentido mais amplo, os crentes "dêem a César aquilo que é de César, e a Deus aquilo que é de Deus."

E assim, aos que não só *governam* realmente, mas como tais também têm sido investidos com *autoridade* divina (Rm 13.1) - daí, "aos governantes e autoridades" - os crentes devem não só de forma *externa* e em geral submeter-se, mas devem também obedecê-los *interiormente*, cumprindo com um coração disposto *todos os mandamentos em particular,* por exemplo, aqueles com respeito a pagar impostos, observar uma conduta ordenada, mostrar honradez nos negócios, etc. (A exceção a que se refere At 5.29 é válida sempre que as regulamentações humanas se choquem com a lei de Deus).

Não só isto, mas sempre que depara com uma necessidade - pense em epidemias, guerras, conflagrações, etc. - os crentes devem dispor-se a mostrar seu bom espírito, em completa cooperação com o governo que os protege. Note a mesma ligação em Romanos 13.3. Não só devem estar "plenamente equipados", mas também "dispostos" e solícitos para *toda boa obra* (cf. Tt 3.1 e 2Tm 3.17).

A expressão "preparados para toda boa obra" forma uma ponte natural entre os deveres que os crentes têm para com o governo e os que têm para com seu próximo.

Nos cinco requisitos que se seguem, observa-se claramente um clímax. É lógico que os crentes não devem *difamar* a quem quer que seja (ver sobre 1Tm 6.4). Muitos crentes nem sequer necessitarão desse lembrete. Insultar e usar de linguagem abusiva é algo que certamente é fora de propósito para qualquer pessoa, e certamente para os crentes. Uma exigência mais estrita é a que requer que os crentes não sejam *contenciosos* ou *polêmicos* (cf. 1Tm 3.3). Deles, porém, se espera mais que a mera ausência de um vício. Devem exibir uma virtude positiva em todos os contatos com os de fora da igreja: os cristãos devem ser *gentis* (ver também 1 Tm 3.3), ou seja, dispostos a abrir mão do proveito pessoal, solícitos em ajudar o necessitado, bondosos para com o débil, compassivos para com os caídos, sempre cheios do espírito de doce moderação. O clímax é seguramente alcançado com as palavras: "mostrando *toda* mansidão (cf. 2Tm 2.25) para com *toda* pessoa." Note o jogo de palavras,[206] refletido também nas versões A.V. e A.R.V. Pare-

206. As traduções que vão longe demais em seu afã de "ocidentalizar" o Novo Testamento *perdem de vista* o jogo de palavras que existe neste versículo, e então, contrariamente ao

ce não ser difícil mostrar *alguma medida* de mansidão em relação a *algumas* pessoas. Tampouco é difícil mostrar *toda* (ou seja, *completa, total*) mansidão em relação a *algumas* pessoas, ou *certa medida* de mansidão em relação a *todas* as pessoas. *Mostrar,* porém, *toda* mansidão em relação a *todas* as pessoas, até mesmo a todos aqueles cretenses "mentirosos, brutos maus e ventres preguiçosos" era uma tarefa impossível sem a graça especial de Deus!

3. A razão pela qual isto *deve,* não obstante, ser feito (e *pode* ser feito) é declarado na bela passagem que começa com as palavras: **Porque em outro tempo nós também vivíamos sem entendimento, desobedientes, extraviados, escravizados a várias paixões e prazeres, vivendo em malícia e inveja, detestáveis e odiando-nos mutuamente.**

A reflexão sobre nossa própria condição anterior torna mais fácil para nós o cultivo da mansidão e da bondade em relação aos outros. Note: "Porque em outro tempo nós também vivíamos..." *Nós* significa: Eu, Paulo, que escreve a carta; você, Tito, que a recebe; e mais: todos os crentes de Creta e, aliás, todos os crentes em todos os lugares. Paulo também tinha sido escravo do pecado. Naturalmente, fora "zeloso das tradições", mas que ao mesmo tempo estivera "perseguindo a igreja" (ver sobre lTm 1.13; então Gl 1.11-17). Quanto ao que Tito havia sido, leia Gálatas 2.2, 3. Esta misericordiosa inclusão de si mesmo é muito eficaz e desperta aprovação. Faz com que o leitor (Tito) e os ouvintes (os crentes cretenses quando a carta lhes for lida) sintam que o autor está pisando no mesmo terreno que eles e os compreende (cf. Tt 1.4; então ITs 5.9; Ap 1.9). Além do mais, o agudo contraste entre o que os homens *eram* em seu estado de pecado e o que *vieram a ser* desde que ingressaram no estado de graça fomenta a gratidão a Deus; Além disso produz boa vontade para com o próximo que foi criado à imagem de Deus (o vivido retrato deste contraste é característico de Paulo; ver lTm 1.12-17; então Rm 6.17-23; ICo6.11;Ef2.2-13; 5.8; Cl 3.7; ecf. IPe 4.3).

Não nos surpreende, pois, que em contraste com as sete virtudes

original, porém em harmonia com as versões inglesas A.V. e A.R.V., *inserem* um jogo de palavras no versículo seguinte: "odiosos e odiando uns aos outros." Em ambos os casos, tenho tentado reter na tradução o sabor do original.

mencionadas nos versículos 1 e 2, mostrando *o que os crentes (cretenses) deveriam ser*, se apresente um igual número de vícios (v. 3), revelando *o que noutro tempo fomos.*

Éramos *destituídos de entendimento* ("insensatos", 1Tm 6.9), não simplesmente ignorantes, mas inerente e realmente *incapazes* de discernir as coisas do Espírito (ICo 2.14; cf. Rm 1.21; Ef 4.18).

Desobedientes à autoridade divina e à humana (Tt 1.6, 10; 3.1; então 2Tm 3.2; Rm 1.21, 30), não dando atenção à voz da consciência nem às admoestações dos pais nem às leis dos magistrados civis.

Extraviados (ver sobre 2Tm 3.13), induzidos a vaguear longe da verdade, vivendo num mundo alheado da realidade, imaginando que ser licencioso é ser livre. Embora nos considerássemos livres, fomos transformados em escravos:

Escravizados a várias paixões e prazeres, permitindo que esses maus desejos assumissem o controle de nossa vida e conduta. (Quanto a *paixões,* ver sobre 2Tm 2.22; 3.6; e quanto a *prazeres,* cf. Lc 8.14; Tg 4.1, 3; 2Pe 2.13.) Quando se olha para o mundo sem Cristo, que triste espetáculo vemos! Aqui vem o "nós": o glutão e o beberrão; o avaro e o perdulário; o impulsivo e o senil; o amante dos esportes e o mandrião; o farsante e o janota; o sádico e o raptor; o "tigre" e o "lobo". Cf. Romanos 1.18-32; Gálatas 5.19-21. Alguns servem a um senhor, outros a outro, mas por natureza todos são escravos dos terríveis impulsos que nunca aprenderam a controlar, e os quais, segundo alguns psicólogos modernos, não deveriam nem mesmo tentar reprimir demais!

Vivendo (literalmente *"levando",* com *uma vida* implícito; cf. 1Tm 2.2) *em malícia e inveja.* Esta malícia não é mera "travessura". Não, é maldade, perversidade, iniqüidade; especialmente a disposição da mente para o mal. Uma de suas manifestações mais destrutivas da alma é a *inveja,* um mal que, como está implícito na etimologia da palavra grega, leva alguém a *consumir-se.* Não se tem falado da inveja como um vício cujo furor nada pode apaziguar, "o primogênito do inferno"? Não se alimenta ela dos vivos, sem cessar até que estejam mortos? Não é ela a podridão dos ossos"? (Pv 14.30). Ver também o que *Paulo* diz sobre ela em outras partes (1Tm 6.4; então Rm 1.29; Gl 5.21; Fp 1.15) e cf. Mateus 27.18; Marcos 15.10; Tiago 4.5; e 1 Pedro 2.1. Nossa

palavra *inveja* provém do latim *in-video,* que significa "olhar contra", ou seja, olhar com má disposição para outra pessoa por causa do que ela é e do que possui. *(O ciúme,* segundo o pensamento popular, tem medo de perder o que possui; a *inveja* sente ódio ao ver que outra pessoa possui algo. Assim, o Sr. Fulano tem ciúme de sua própria honra, e nutre inveja da habilidade superior do Sr. Sicrano.) Foi a inveja que provocou o assassinato de Abel, lançou José numa cisterna, levou Coré, Datã e Abirão a se rebelarem contra Moisés e Arão, convenceu Saul a perseguir Davi, abriu espaço às amargas palavras que o "irmão mais velho" (na parábola do filho pródigo) dirigiu a seu pai.e foi ela que crucificou a Cristo. O *amor* jamais inveja (ICo 13.4).

Detestáveis, odiosos, repugnantes, ofensivos, asquerosos, repulsivos. No Novo Testamento, a palavra usada no original aparece somente aqui, porém o judeu Filo (20 a.C.-50 d.C.) também a usa. O pecador não convertido provoca aversão por sua atitude para com Deus e para com os homens. Por isso:

Odiando-nos mutuamente. Este é o resultado natural quando a pessoa detestável, com toda sua repugnância, se vê de algum modo forçada a viver com outros e a encontrar-se com os demais de cem maneiras diferentes.

"Tais fomos nós noutro tempo", diz Paulo. Daí, não sejamos duros demais com pessoas que ainda estão nessa condição, mas empenhemo-nos por conquistá-las para Cristo por meio de nossa conduta piedosa.

4-6. E ajamos assim movidos pela gratidão pelo que temos recebido. Portanto, Paulo prossegue: **Quando, porém, apareceu a benignidade de Deus nosso Salvador e seu amor para com o homem, ele nos salvou.** Que surpreendente contraste! Aliás, um *duplo* contraste. (1) Em contraste com "a desumanidade do homem para com o homem" descrita no[v] versículo 3, retrata-se a *benignidade* (palavra usada *unicamente* por Paulo: Rm 2.4; 3.12; 11.22, etc.) de Deus e seu *amor* para com o homem (cf. At 28.2). E (2) sobre as trevas infernais de nosso *passado* (v. 3) nasce dramaticamente a luz do Pai misericordioso e piedoso que nos conduz ao presente estado de graça. (Aqui uma vez mais está aquela gloriosa *epifania* supramencionada; ver sobre Tt 2.11.)

Isto, por amor à ênfase, é mais que um mero *argumento. É* um

argumento, por certo, como já se realçou. Porém é *mais* que isto. É o derramamento (em linguagem proverbial; ver sobre v. 8) de um coração que extravasa de amor que corresponde ao amor de Deus. É preciso ter em mente que Paulo escreve como alguém queja *experimentou* cm sua própria vida tudo isso. Ele não se põe ao lado de sua história, mas ele mesmo é parte dela. Daí, estas palavras sobre a benignidade de Deus nosso Salvador e seu amor para com o homem são tão ardentes e ternas como era o coração desse mesmo apóstolo, homem que amiúde era visto chorando, e que uma vez escreveu de forma comovente: "O Filho de Deus *me* amou, e deu-se a si mesmo... *por mim*\" (G1 2.20).

A expressão "a benignidade e o amor para com o homem" é *um só* conceito; por isso o verbo no original está no singular. A *expressão* como tal se encontra também nas obras dos moralistas pagãos, porém o *conteúdo* na forma usada aqui em Tito 3.4 é único. Aqui a "benignidade e amor" não são atribuídos a algum governante terreno sobre quem os louvores dos homens estão sendo derramados, louvores que dificilmente ele merece; aqui, porém, é a benignidade e amor *reais.* A expressão *amor para com o homem é uma* só palavra, exatamente como nossa palavra "filantropia". Não obstante, posto que no uso atual a palavra "filantropia" é entendida apenas em referência a "obras de beneficência prática", uma obra da qual os homens são os autores e os receptores, provavelmente seja melhor conservar a bela tradução que se encontra em nossas versões; porque certamente, na forma que Paulo usa a palavra, esta combina o amor em si e seu generoso derramamento sobre a humanidade. Ao reter a tradução "*amor* para com o homem" alguém se lembra imediatamente de João 3.16, que expressa de forma bela a verdade que o apóstolo tinha em mente.

Foi a benignidade e o amor de *Deus nosso Salvador* (ver sobre 1Tm 1.1; Tt 1.3; 2.10) que vieram para o resgate do homem. Foi ele, a saber, Deus o Pai, quem nos *salvou*, resgatando-nos do maior dos males e outorgando-nos a maior das bênçãos (ver sobre 1Tm 1.15). Ele *nos* salvou: Paulo, Tito, na verdade todos quantos, no curso do tempo, vieram a ser os recipientes desta grande bênção.

Ora, com o fim de predispor-nos plenamente a ajudar outros que ainda não se acham salvos, e evitar que digamos: "Mas eles *não merecem* nossa ajuda", Paulo realça o fato de que nós, de nossa parte, tam-

bém não merecíamos nossa salvação. Ele faz isto realçando que, *negativamente,* o Pai nos salvou **não por virtude das obras que nós mesmos houvéssemos realizado em [um estado de] justiça;** e, *positivamente,* **mas segundo sua misericórdia.** Tão forte é a ênfase de Paulo sobre este caráter completamente *soberano* (ou seja, completamente imerecido de nossa parte) de nossa salvação, que (como se faz evidente no original; e ver também as traduções da A.V. e A.R.V.) ele faz com que essa extensa oração composta *preceda* o verbo *salvar.* Assim, a A.V. tem:

"4 Mas quando se manifestou a benignidade de Deus nosso Salvador, e seu amor para com o homem, 5 não por obras de justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia ele nos salvou..."

Quanto à ordem das palavras, esta tradução é correta. A única objeção que alguns lhe fazem é que, a menos que alguém preste muita atenção à pontuação, ele corre o risco de construir mentalmente a frase composta como se fosse um modificador do verbo *manifestou,* e não do verbo *salvou.*

"Não *em virtude de* (ou seja, em conseqüência de, com base em; cf. Gl 2.16) obras que nós mesmos tivéssemos realizado num estado de justiça." A implicação é: tais obras não existiram. Nem Paulo, nem nenhum outro jamais realizou tal obra, porque diante de Deus e sua santa lei, *todos* - tanto judeus quanto pagãos - estão por natureza "debaixo do pecado" (Rm 3.9). Daí, se os homens têm de ser salvos de alguma forma, só é possível "segundo sua [de Deus] própria misericórdia". Note que os homens não só são salvos *por* ou *em virtude de* ou *com base em* sua misericórdia (tudo isto, por certo, está implícito), mas *segundo* sua misericórdia, sendo a "amplitude da misericórdia de Deus" a medida que determina a amplitude da salvação deles (cf. Ef 1.7). Outras passagens da Escritura que igualmente enfatizam o caráter completamente soberano da graça de Deus ao salvar o homem são citadas em C.N.T. sobre João 15.16.[207] A *misericórdia* de Deus (acerca da qual ver sobre 1 Tm 1.2) é sua *benignidade* e *compaixão* para com os que se acham premidos pela *necessidade* ou pela *angústia.*

207. Ver lambém Edwin H. Palmei", *The Five Poinis of Calvinism,* publicado por The **Men**'s Society of lhe Chrislian Reformed Church, 422 E. Exchange St., Spring Lake, MI, especialmente pp. 21-33.

O meio empregado para salvar-nos é indicado por um modificador adicional do verbo *ele salvou,* a saber: **pela lavagem da regeneração e renovação proveniente do Espírito Santo.** Note "pela *lavagem"* (Xourpóv -oü), não "por meio de *lavatório ou fonte para lavagem".* A lavagem a que se refere é completamente espiritual. E a [lavagem] da *regeneração e renovação,* consideradas como um só conceito.

A expressão *regeneração* aplicada a *indivíduos* aparece somente nesta passagem do Novo Testamento (Mt 19.28 tem referência à regeneração cósmica). Literalmente significa *novo nascimento,* ser nascido outra vez (*palin* = novamente, mais *genesia* = nascimento; daí, *palin-genesia).* Ainda que, porém, *a palavra* ocorra somente esta única vez, *a idéia* se encontra em muitas outras passagens (Jo 1.13; 3.3, 5-8; lPe 1.23; 1 Jo 2.29; 3.9; 4.7; 5.1,4, 18; cf. também 2Co5.17; G1 6.15; Ef 2.5; 4.24; e Cl 2.13). Não conheço definição melhor que aquela dada por L. Berkhof, a saber: "Regeneração é o ato de Deus por meio do qual o princípio da nova vida é implantado no homem, a disposição governante da alma se faz santa e assegura-se o primeiro exercício santo desta nova disposição."[208]

Esta passagem, com relação ao seu contexto, põe a ênfase nos seguintes detalhes em conexão com esta maravilhosa obra de Deus:

(1) *Ela é obra do Espírito Santo.* Isto é lógico, porque na Escritura é especialmente a terceira pessoa da Trindade a que é representada como quem outorga a vida; daí, ela também outorga a vida *espiritual.* Além do mais, é ele, o Espírito Santo, quem toma a iniciativa na obra de fazer o homem *santo.*

(2) Ela precede e origina o processo da *renovação.* Enquanto esta é uma atividade que dura toda a vida, a regeneração é um só ato, uma mudança instantânea.

(3) Ela afeta o homem por inteiro. Note: "ele *nos* salvou."

(4) E uma mudança *radical,* de tal modo que quem anteriormente se achava dominado pelos sete vícios mencionados no versículo 3, agora é adornado *em princípio* com as sete virtudes mencionadas nos versículos 1 e 2.

208. *Systematic Theology,* Grand Rapids, 1949, p. 469.

A palavra *renovação* se encontra também em Romanos 12.2. Esta passagem indica que, embora esta obra, assim como a regeneração, seja atribuída ao Espírito Santo, existe esta diferença: a *regeneração é* uma obra inteiramente de Deus, porém na *renovação* ou *santificação* quem toma parte é Deus e o homem. Enquanto a *regeneração* não é percebida diretamente pelo homem, que só conhece por seus efeitos, a *renovação* requer a rendição *consciente* e *contínua* do homem e de toda sua personalidade à vontade de Deus.

Para a definição, cito uma vez mais L. Berkhof (p. 532 da obra mencionada na nota 208):

"Santificação é aquela operação graciosa e contínua do Espírito Santo, pela qual isenta o pecador justificado da contaminação do pecado, renova toda sua natureza à imagem de Deus e o capacita a realizar boas obras."

E claro, à luz de passagens tais como João 3.3, 5 e especialmente Efésios 5.26 (cf. Hb 10.22), que esta "lavagem da regeneração e a renovação" tem certa relação com o rito do batismo. Sem lugar a dúvidas, também aqui em Tito 3.5 há uma referência implícita a esse sacramento. Não obstante, discutir *aqui* este problema, enquanto comentamos uma passagem na qual nem sequer se menciona a *água,* nos afastaria muito de nosso tema. Não obstante, ver C.N.T. sobre João 3.3, 5.

Ora, com o fim de colocar ainda mais ênfase no fato de que os crentes não têm razão válida para deixar de cumprir seu dever de conquistar outros para Cristo por meio de uma conduta piedosa, Paulo acrescenta as seguintes palavras, com referência à benignidade de Deus em salvar-nos e comunicar-nos seu Espírito *capacitador:* **que** [ou **a quem,** ou seja, o Espírito] **ele** [ou seja, Deus o Pai] **derramou ricamente sobre nós por meio de Jesus Cristo nosso Salvador.**

Note que nesta passagem Deus o Pai, Deus o Espírito e Deus o Filho são combinados de forma muito bela.

Deus o Pai não só dá seu Filho, mas também derrama seu Espírito. A referência é ao Pentecostes (At 2.17, 18, 33). Organicamente falando, o Espírito foi derramado sobre a igreja do presente e do futuro; porque o Espírito, havendo estabelecido sua morada na igreja, nunca mais volta a deixá-la. Por isso Paulo pôde dizer: "a quem derramou ricamente sobre *nós."*

O advérbio *ricamente* indica a abundante provisão de dons espirituais que vêm como resultado desse derramamento. Ninguém tem o direito de dizer: "Eu não posso fazer nada no reino de Deus, posto que 1)eus nada me deu". A bela frase "por meio de Jesus Cristo nosso Salvador" indica que este, por meio de seu sacrifício expiatório e pela oração obteve para seu povo o dom do Espírito Santo (Jo 14.16; 16.17).

7. Nosso estado anterior, contido no versículo 3, terminou. As bênçãos arroladas nos versículos 4-6 já foram e continuam sendo recebidas. Agora seu propósito e resultado são declarados: **a fim de que, havendo sido justificados por sua graça, viéssemos a ser herdeiros na esperança da vida eterna.**

O processo de raciocínio que achamos nestes versículos (3-7) é conhecido de quem estuda as epístolas de Paulo. Note as três etapas:

Por natureza *éramos* filhos da ira -*recebemos* vida - *agora esperamos,* pela fé, as eras vindouras, quando receberemos uma glória ainda maior (Ef 2.1-10);

Éramos adoradores de ídolos - *agora* servimos ao Deus vivo e verdadeiro - *esperamos* do céu a vinda do Filho de Deus (ITs 1.9, 10) e nossa eterna comunhão com ele (ITs 4.13-18).

Éramos ímpios e governados por paixões mundanas - agora *renunciamos* a tudo isto e vivemos uma vida de domínio próprio, justiça e piedade - *estamos esperando* a realização da bendita esperança (Tt 2.11-13).

Tendo já mencionado "Jesus Cristo nosso Salvador", Paulo, ainda pensando na graça de Deus em Cristo, prossegue: "a fim de que, tendo sido justificados por *sua* graça" (como causa eficaz e meritória), etc. Note o particípio aoristo passivo *havendo sido justificados.* Isto não significa "havendo sido feitos retos'[1],[8]® Significa *haver sido declarados justos.* A justificação é o ato de Deus o Pai pelo qual ele considera nossos pecados como sendo de Cristo, e a justiça de Cristo como sendo nossa (2Co 5.21). E o contrário de *condenação* (Rm 8.33, 34). Implica ser isentado da maldição de Deus porque essa maldição foi posta sobre Cristo (Gl 3.11-13). Significa *perdão* completo e gratuito (Rm 4.6-8).

209. Ver L. Berkhof, *Systematic Theotogy,* p. 510.

É o dom gratuito de Deus, o fruto da *graça soberana,* e de modo algum é o resultado da "bondade" ou de conquistas humanas (Rm 3.24; 5.5, 8, 9). Traz paz à alma (Rm 5.1), paz esta que vai além de todo e qualquer entendimento. Enche o coração com tal gratidão que produz na vida do crente uma rica colheita de boas obras. Por isso a justificação e a santificação, ainda que sempre distintas, nunca se separam, mas estão na mais estreita relação possível uma com a outra (Rm 6.2; 8.1, 2).

O propósito, pois, da obra de Deus em salvar-nos consiste em "que... fomos feitos herdeiros ... da vida eterna"; ou seja, que *mesmo agora nesta presente vida* podemos ter o direito como filhos de esperar pela plena possessão daquilo que agora possuímos apenas *em princípio.* Quando chegar aquele dia futuro, nos alegraremos na mais rica comunhão possível com Deus (porque será sem pecado) em Cristo (ver também C.N.T. sobre João 3.16; 17.3), no aconchego de seu amor (Jo 5.42) e participando, na medida mais plena possível ao homem, de sua alegria e glória (Jo 17.13). Esta vida, pois, difere *em essência* da "vida" (?) do incrédulo, e *em grau* da vida do crente aqui embaixo. Além do mais, ela é realmente *eterna,* ou seja, *nunca acaba.* Nós somos *agora* os possuidores daquela vida em princípio; e *mesmo agora* somos herdeiros daquela vida como será em sua perfeição, porém somos herdeiros em esperança, herdeiros que aguardam. Esta esperança, porém, *certamente* se concretizará (Rm 5.5).

8. Ponderando sobre a suma do evangelho dada nos versículos 4-7, o apóstolo prossegue: **Confiável [é] esta afirmação, e sobre essas questões quero que você fale com confiança, a fim de que os que depositaram sua fé em Deus sejam criteriosos em aplicar-se aos feitos nobres.**

Esta, pois (ou seja, os vv. 4-7), é a última das cinco grandes "afirmações". Ver sobre 1 Timóteo 1.15 quanto ao sentido da fórmula introdutória "confiável é a afirmação". É acerca *destas* matérias - a saber, a. a bondade do Pai e seu amor para com o homem; b. a obra do Espírito Santo na regeneração e renovação do homem; c. a graça de Jesus Cristo considerada como a causa efetiva de nossa justificação; e d. o propósito de tudo isto: que pudéssemos vir a ser o que somos hoje, herdeiros em esperança da vida eterna - que Paulo quer que Tito *fale com confiança.* Outros falam com confiança sobre questões frívolas;

questões, além do mais, sobre as quais nada conhecem (ver sobre 1Tm 1.7; e ver sobre v. 9 abaixo). Tito, pois, tem que enfatizar os assuntos a respeito dos quais ele se convenceu de modo firme e correto, com o propósito de que, quem tem sua fé posta em Deus (note o particípio perfeito, indicando tanto uma ação passada quanto o resultado presente permanente), *sejam criteriosos em aplicar-se* aos feitos nobres. Devem concentrar seu *pensamento* nesses feitos de gratidão, *aplicando-se* com diligência à sua concretização, e fazendo delas sua principal preocupação. **Estas questões** - ou seja, as coisas já mencionadas: a benignidade do Pai, a obra do Espírito Santo, etc. - **são excelentes e benéficas para [toda] pessoa.** Estas coisas são não só excelentes em si mesmas, mas também *benéficas (úteis, proveitosas*; ver sobre 1Tm 4.8; 2Tm 3.16; também no grego clássico e nos papiros). Além do mais, quando apropriadas pela fé, beneficiam *os homens em geral,* não esta ou aquela classe particular. Trazem vida, luz, alegria e paz onde antes só havia morte, trevas, tristeza e medo.

9 Quanto, porém, a investigações tolas, genealogias, disputas e conflitos acerca da lei, evite-as, porque são sem proveito e fúteis. 10 Depois de uma primeira e segunda advertência, não tenha nada mais que ver com uma pessoa facciosa, 11 sabendo que tal indivíduo está pervertido e peca, por si só está condenado.

3.9-11

9. Umas poucas diretrizes são agora adicionadas: **Quanto, porém, a investigações tolas, genealogias, disputas e conflitos acerca da lei, evite-as, porque são sem proveito e fúteis.**

Isto está em forte contraste com o precedente: Tito *deve fazer* um, porém deve *evitar* o outro. A ordem das palavras na oração (o objeto composto colocado antes do verbo) e a ausência do artigo antes dos quatro substantivos são fatos que demonstram claramente que toda a ênfase possível está posta na qualidade e no conteúdo do objeto. O que se deve evitar é exatamente as *investigações tolas, ou* seja, investigações na ciência genealógica. É precisamente as disputas, ou seja, os conflitos em torno da lei, o que é preciso evitar. Ver também sobre Tito 1.9, 10, 14. Os assuntos em referência foram escritos detalhadamente em conexão com 1 Timóteo 1.3-7, 19, 20 e 1 Timóteo 6.3-5 (ver sobre estas passagens). Tito deve evitar (cf. 2Tm 2.16) as lendas judaicas e

suas estipulações, as investigações e as disputas sobre isto. Quando as vir chegar, que ele dê meia-volta e fuja! Que ele veja nessas coisas o que elas são realmente: *destituídas de proveito, fúteis.* Que agudo contraste entre todas estas futilidades *inúteis* e os assuntos *utilíssimos* acerca dos quais Paulo acaba de falar nos versículos 4-7 (ver também v. 8). O ministro que faz justiça ao último não terá tempo para o primeiro.

10 e 11. E qual deve ser a atitude de Tito para com esses membros da igreja, que "atraídos" por esses especialistas em conhecimento genealógico e esses apologistas de questões em torno da lei, começam a fazer propaganda em prol dessas coisas indignas? Diz Paulo: **Depois de uma primeira[210] e segunda advertência, não tenha nada mais a ver com uma pessoa facciosa, sabendo que tal indivíduo está pervertido e peca, por si só está condenado.**

Paulo fala de uma pessoa "herética". Originalmente, a palavra "heresia" (aípeoiç) significava simplesmente "o que alguém escolhe para si mesmo", "uma opinião". Este significado deu origem a outro, a saber: "um grupo de pessoas que professa"certos princípios ou opiniões definidas", daí uma *escola* ou *partido;* por exemplo, o "partido dos saduceus" (At 5.17), e o "partido dos fariseus" (At 15.5; cf. 26.5).

Embora em certos contextos este sentido neutro permanecesse por algum tempo, a palavra começou a ser também usada num sentido desfavorável. Cf. nossa palavra *facção.* Neste sentido havia *facções* em Corinto ("Eu sou de Paulo", "eu de Apoio", etc.). Quando Tértulo chamou Paulo "líder da *seita (ou facção)* dos nazarenos", ele não estava tentando elogiá-lo. Cf. também Atos 24.14, onde Paulo afirma: "segundo o Caminho que eles chamam *heresia* (ou *seita)."* E ver Atos 28.22.

Portanto, uma *pessoa facciosa* é aqui alguém que sem justificativa cria divisões. A luz do contexto, é provável que a tradução "herege" não estaria muito longe da realidade. De qualquer forma, a palavra se move nessa direção. A pessoa facciosa na qual o apóstolo está pensando abraçou a sinistra filosofia dos cretenses hereges que se especializavam nas investigações tolas e as disputas em torno da lei (ver sobre v. 9). Com ficou claro, o erro deles era tanto no que tange à

210. O Koine muitas vezes substitui o eardial pelo ordinal; cf. Mt 28.1; Me 16.2.

doutrina quanto à vida, como geralmente sucede. Naturalmente, é verdade que aqui a palavra usada não deve restringir-se a um tipo particular de fanático. Aqui se condena *toda e qualquer pessoa* facciosa.

O apóstolo requer que, chegado o momento oportuno, tal pessoa deve ser *repelida.* A expressão "nada mais tenha que ver com" deve ser tomada no sentido de *recusar, rejeitar* (cf. 1Tm 5.11; 2Tm 2.23). Tudo indica haver aqui uma referência a Mateus 18.15-17. Provavelmente se indica a exclusão oficial da membresia da igreja. Tal coisa não surpreende, porque Tito saberá que *tal indivíduo* (cf. Rm 16.18, etc.), que causa não só divisões, mas persiste nesta prática depois de reiteradas advertências, "está pervertido" e está pecando. A palavra traduzida "está pervertido" é muito destrutiva. Tal pessoa não está vivendo nem vendo *corretamente.* Está *mental e moralmente desviada ou distorcida.* E pior que o homem excêntrico. Aliás, ela vive em pecado. O que leva seu pecado a ser ainda pior é o fato de *saber* que está pecando. Se sua consciência ainda não lhe falou claramente, pelo menos já recebeu advertências, e isso não uma, mas duas vezes. Daí, peca "estando por si só condenado".

Em relação a isto, o requisito é muito importante, a saber, "depois de uma primeira e segunda *advertência* (ou *admoestação).* Tanto este substantivo quanto o verbo relacionado (*advertir, admoestar;* literalmente, *pôr na mente)* são usados somente por Paulo em outros lugares (ver o substantivo em ICo 10.11; Ef 6.4; para o verbo, At 20.31: Paulo falando; Rm 15.14; ICo 4.14; Cl 1.28; 3.16; 1TS5.12, 14; 2Ts 3.15). O requisito indica que, segundo o ensino paulino, a disciplina sempre deve fluir do amor, do desejo de curar, jamais do desejo de descartar um indivíduo. É preciso demonstrar muita paciência. Mesmo quando o erro é muito atroz e perigoso, como no presente caso, deve-se fazer todo esforço na tentativa de conquistar o errado. Se depois de carinhosa admoestação, o membro se recusa a arrepender-se e dá seguimento à sua obra perversiva no seio da congregação, a igreja, por meio de seus dirigentes e por meio de toda a congregação, deve redobrar seus esforços. Que haja uma segunda advertência. Mas se ainda tal remédio falha, então que seja expulso. Mesmo esta medida extrema tem como propósito a recuperação do pecador. Não obstante, este não pode ser o único propósito. Não se deve jamais perder de vista o bem-estar da

igreja (cf. Mt 12.25) para a glória de Deus. Afinal de contas, este é o principal objetivo da disciplina (ver também C.N.T. sobre 2Ts 3.14, 15).

12 Assim que eu tiver lhe enviado Artemas ou Tíquico, faça o máximo possível para vir ter comigo em Nicópolis, porque decidi passar ali o inverno. 13 Faça tudo o que puder para ajudar Zenas, o especialista em leis, e Apoio, em sua viagem, de modo que nada lhes falte. 14 Além disso, que nosso povo também aprenda a aplicar-se a feitos nobres nessas ocasiões de necessidades imperiosas, a fim de que não sejam infrutíferos.

15 Todos os que estão comigo lhe enviam saudações. Saúde aos que nos amam na fé. Graça[211] [seja] com todos vocês.

3.12-15

12. O *corpo* da carta está concluído (Tt 1.1-3.11). Teria sido ela escrita por *um amanuense* que fielmente reproduziu a mensagem de Paulo, retendo em cada instância o estilo da carta, daí também a maioria de suas palavras, porém aqui e ali fazendo uso de seu próprio vocabulário, havendo o todo subseqüentemente sido aprovado pelo apóstolo? E teria Paulo, então, adicionado os versículos 12-15, escrevendo-os "com seu próprio punho"? Ver C.N.T. sobre 2 Tessalonicenses 3.17. Qualquer que seja o caso, o fato é que, como se poderia esperar, a seção conclusiva consiste quase inteiramente em palavras que também se encontram nas Dez epístolas (de Paulo à parte das Pastorais).[212]

Diz Paulo: **Assim que eu tiver lhe enviado Artemas ou Tíquico, faça o máximo possível para vir ter comigo em Nicópolis, porque decidi passar ali o inverno.**

Nesse momento provavelmente Paulo estivesse em algum lugar da Macedônia (Filipos?). Certamente não está em Nicópolis, embora uma inscrição (fora do texto) em manuscritos posteriores declare que a carta a Tito foi enviada desse lugar. Se esse fosse o caso, então Paulo não poderia ter escrito: "decidi passar *ali* o inverno."

211. Literalmente, "a graça", ou seja, a graça de Deus.

212. Não obstante, note que mesmo nesta conclusão "feitos nobres" substitui "boas obras", e o verbo irpo-í(m)(H é usado num sentido que não possui nas Dez. Mas, como já se notou antes, é possível que o vocabulário do apóstolo tenha sofrido alguma mudança. Além disso, nem sempre é fácil descobrir a extensão exata do que Paulo escreveu "com seu próprio punho".

O apóstolo deseja passar o inverno com Tito. Decidiu que Nicópolis seria o lugar de encontro. Embora este nome seja mencionado sem qualquer esclarecimento adicional, é provável que se refira à mais famosa de todas as cidades, Vitória, ou seja, a que fica situada no promontório sul ocidental de Epiro na Grécia. Sua localidade ficava a uns poucos quilômetros ao norte da moderna Preveza. A antiga cidade de Nicópolis fora fundada e constituída como uma colônia romana por Augusto, em memória de sua *vitória* sobre Antônio e Cleópatra nas cercanias de Actium (31 a.C.).

Nicópolis era indubitavelmente um lugar de reunião adequado, e isso por uma ou mais de várias razões possíveis, tais como:

Estava localizada mais ou menos no centro: Paulo teria que viajar em direção sudeste, enquanto Tito teria que viajar para o nordeste. Consultar um mapa.

Era um belo lugar para passar o inverno. Além do mais, os meses de inverno não eram adequados para viagens marítimas (ver também At 27.12; 28.11; ICo 16.6; e 2Tm 4.21).

Era uma excelente base de operações para atividade missionária na Dalmácia. Parece que Tito realmente chegou a Nicópolis e realizou ali trabalhos de evangelização na Dalmácia, lugar ao qual voltou algum tempo depois (ver sobre 2Tm 4.10).

Era um ponto estratégico para chegar a lugares mais ao ocidente. Teria Paulo intenções de ir dali a Espanha quando o inverno tivesse passado?

Ainda, porém, que Tito devesse fazer *seu melhor* (ou "o máximo", cf. 2Tm 2.15; 4.9, 21; Gl 2.10; Ef 4.3; ITs 2.17) para ir ter com Paulo em Nicópolis, Creta não pode ficar sem um bom líder. As condições eram por demais graves para permitir mesmo um curto tempo de vacância. Logo que chegasse um substituto, Tito poderia partir, mas não antes. Note que Paulo não diz: "Os cretenses podem facilmente cuidar de si mesmos durante sua ausência." Ele compreende que as igrejas não podem "nacionalizar-se" da noite para o dia. Embora seja necessário ter liderança "de fora", é preciso providenciá-la.

Assim Paulo está para enviar Ártemas ou Tíquico. Esses dois homens podem ser considerados colaboradores de Paulo e seus enviados,

os quais realizavam a obra do reino sob sua autoridade e supervisão. O nome Artemas provavelmente é uma abreviatura de Artemidoro, que significando "dom de Artemisa", a rainha grega da caça, correspondente à Diana romana. Não temos mais informação fidedigna com referência a esse homem. O que se sabe de Tíquico está resumido em 2 Timóteo 4.12; ver comentário sobre esta passagem. Seu nome, que significa "fortuito", pode relacionar-se com o da deusa grega, Tique, ou seja, Fortuna ("destino").

Há quem pense que quando Paulo teve que decidir a quem enviar a Creta, Artemas ou Tíquico, comissionou Artemas para a tarefa. Deduzem isso do fato de que, durante a segunda prisão, o apóstolo diz que comissionou Tíquico para ir a Éfeso (2Tm 4.12). Esta poderia ser uma dedução questionável.

13. Com referência aos portadores da carta, Paulo tem uma palavra amistosa: **Faça tudo o que puder para ajudar Zenas, o especialista da lei, e Apoio, em sua viagem, de modo que nada lhes falte.**

Que gênero de especialista em leis era Zenas? Antes de converter-se a Cristo, teria sido ele um expositor da lei de Moisés ("mestre da lei" ou "escriba"), ou era um jurista ou "advogado" romano com cuja assistência se fazia^um testamento ou se instituía um processo judicial? Alguns preferem o segundo ponto de vista, apresentando como razão o fato de que o homem dificilmente poderia ter sido judeu, uma vez que ele tinha um nome grego, nome esse que, provavelmente, era abreviatura de Zenodoro, que significa "dom de Zeus". Havia, porém, muitos judeus que tinham nomes gregos. *Paulo* e *Apoio* não eram judeus com nomes gregos? Outros, "somando dois mais dois" de uma maneira interessante, sugerem que Zenas, assim como Apoio, era judeu, e que esses dois bons cristãos, que também eram autoridades nas doutrinas judaicas, foram enviados a Creta a fim de pôr freio à influência de quem se especializava em fábulas judaicas a expensas do verdadeiro evangelho.

É possível que esse fosse o caso, mas tudo o que realmente sabemos é que Zenas, especialista em leis em algum sentido, e Apoio, que possivelmente eram os portadores da carta, estavam de viagem, e que a Tito se ordena que faça todo o possível para *ajudá-los* (ou "encaminhá-los") a *seguirem* nessa viagem. Qual era seu destino final? Uma

vez mais, não o sabemos. Era preciso dar comida e alojamento a esses dois homens enquanto estivessem em Creta, e era preciso ajudá-los de todas as formas para que, *nada lhes faltando,* fossem capazes de continuar suas viagens.

Apoio é uma figura familiar. Era judeu, natural de Alexandria (At 18.24), a famosa cidade universitária egípcia, e que tinha uma biblioteca, fundada por Alexandre Magno no ano 332 a.C. Além do mais, ele era orador, poderoso nas Escrituras. Tendo chegado em Éfeso, onde falou com denodo na sinagoga, Priscila e Áquila lhe ensinaram mais precisamente o caminho de Deus (At 18.26). Assim equipado, ele fora para a província de Acaia, onde foi uma grande bênção para os crentes e refutou poderosamente os judeus, e isso publicamente, demonstrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo (At 18.27, 28). Depois regressou a Éfeso (ICo 16.12). Ele era um bom amigo de Paulo ("Eu plantei, Apoio regou; porém é Deus quem deu o crescimento", ICo 3.6). Podemos estar certos de que tanto Paulo quanto Apoio sentiam-se angustiados pelo espírito faccioso da igreja de Corinto ("Eu sou de Paulo", "Eu sou de Apoio", ICo 1.12).

14. Ora, Tito deve ajudar esses homens em sua viagem, porém não deve tentar sobrecarregar-se *sozinho* com toda a responsabilidade. Por isso Paulo prossegue: **Além do mais, nosso povo deve aprender a aplicar-se aos feitos nobres nessas ocasiões de necessidades imperiosas, a fim de que não sejam infrutíferos.**

À luz do contexto imediato, o sentido deve ser: Tito, não deixe de estimular *nosso povo,* ou seja, os crentes da ilha de Creta, a cooperar, de todo o coração, em todas essas manifestações de generosidade. Deveriam continuar aprendendo coisas desse gênero, ou seja, deveriam *chegar a ser pessoas experientes* na prática do bem (cf. 1Tm 5.4; Fp 4.11), assim como Paulo aprendera a viver contente com em todo e qualquer estado em que se visse. Este "aprendizado por meio da prática" é a mais excelente auto-educação que alguém poderia desejar.

Os crentes cretenses, pois, deveriam aprender a "aplicar-se aos feitos nobres" (ver sobre v. 8; cf. v. 1) "para essas necessidades imperiosas" (assim diz literalmente). Cf. Atos 20.34; 28.10. Se Paulo estivesse em Filipos quando escreveu essa carta, ele não teria que olhar para muito longe a fim de ver os brilhantes exemplos de homens e mulheres

que entendiam o dever e estavam aprendendo cada vez melhor (ler Fp 2.25; 4.16). O propósito é este: "para que não sejam infrutíferos" (cf. Mt7.15; 13.8, 23; Jo 15.8; Gl 5.22). O autor dessa epístola compreende plenamente que embora a graça seja *a raiz.* (cf. Ef 2.8), as ações nobres são *o fruto* (cf. Ef 2.10) da árvore da salvação.

15. A saudação de despedida consiste em três partes: **Todos os que estão comigo o saúdam.** Todos os colaboradores que acompanhavam o (peiá) apóstolo enviam saudações a Tito. Cf. 2 Timóteo 4.21; então Atos 20.34. **Saúde aos que nos amam na fé.** Ele solicita que Tito seja o portador das saudações de Paulo e de seus companheiros aos que estão cheios de afeto por eles na esfera da fé cristã. **Graça [seja] com todos vocês.** A bênção é pronunciada sobre todos os crentes que porventura ouvissem a leitura desta carta, pedindo "o favor de Deus em Cristo em prol de quem não o mereciam". Esse favor habitará em seu *meio* (pera), enchendo o coração deles com paz e alegria. Para detalhes, ver C.N.T. sobre 1 Tessalonicenses 1.1.

Síntese do Capítulo 3

Ver o Esboço no início deste capítulo.

No presente capítulo é enfatizada a santificação nas relações públicas. Os crentes devem ser obedientes às autoridades. Devem ser bondosos para com todas as pessoas, visto ter sido a benignidade de Deus nosso Salvador - não nossas obras! - que trouxe a salvação. Para uma síntese dos primeiros oito versículos , ver pp. 469-470. Em contrapartida, as investigações insensatas na ciência genealógica e as disputas sobre a lei devem ser rejeitadas, porque são inúteis e fúteis. Os homens facciosos que rejeitam a admoestação devem ser rejeitados. Tais pessoas estão mental e moralmente pervertidas. Além do mais, *sabem* que estão pecando, porque se sua consciência ainda não lhes fez saber isso, pelo menos já foram informados a respeito pela igreja com base na Palavra. Por isso pecam contra melhor conhecimento.

Em suas *Diretrizes Conclusivas,* Paulo diz a Tito que providencie as pessoas para preencher a vacância com sua partida de Creta. Ele enviará Ártemas ou Tíquico para substituir Tito na ilha. Assim que o substituto chegar, ele quer que Tito faça o máximo possível para en-

contrar Paulo em Nicópolis, provavelmente a de Epiro, onde o apóstolo decidiu passar o inverno. Também solicita que Tito e os crentes cretenses em geral façam tudo que puderem para ajudar os amigos cristãos em sua viagem, bem como os ajudantes que, com toda probabilidade, eram os portadores da carta, a saber: Zenas, o especialista em leis, e Apoio, o famoso orador de Alexandria. Note bem: não só *Tito* deve tomar providência em prol desses homens, mas "nosso povo" também deve aprender a aplicar-se às ações nobres nas ocasiões de necessidades imperiosas, a fim de que não sejam infrutíferos. Todos os colaboradores que estão com Paulo enviam saudações a Tito, o qual, por sua vez, deve transmitir as saudações de Paulo e de seus companheiros aos que estão cheios de afeto cristão por eles. A carta termina com uma breve bênção: "A graça [seja] com todos vocês".

BIBLIOGRAFIA SELETA

Foi feita uma tentativa no sentido de tornar esta lista *a menor possível.*

Bouma, C., *De Brieven van den Apostei Paulus aan Timotheus en Titus* (em *Kommentaar op het Nieuwe Testament),* Amsterdã, 1942.*

Calvino, João, *Comentário às Pastorais,* tradução para o português, Edições Parakletos, 1998, São Paulo, SP.

Simpson, E. K., *The Pastoral Epistles,* Londres, 1954.

* No presente comentário, "Bouma, *op. cit.",* se refere a este livro, não à obra menor de Bouma sobre as Epístolas Pastorais (em *Korte Verklaring).*

BIBLIOGRAFIA GERAL

Ante-Nicene Fathers, The, dez volumes, reimpressão Grand Rapids, MI, 1950.

Arminius, The Writings o/(trad. por James Nichols e W. R. Bagnall), reimpressão Grand Rapids, MI, 1956.

Barnes, A., *Notes on the New Testament, Thessalonians-Philemon,* reimpressão Grand Rapids, 1949.

Bavinck, H., *Gereformeerde Dogmatiek,* terceira edição, Kampen, 1918.

Bavinck, H., *The Doctrine ofGod* (trad. por William Hendriksen), Grand Rapids, MI, 1951.

Bengel, J. A., *Gnomen Novi Testamenti,* Tübingen, 1742.

Berkhof, L., *The Assurance ofFaith,* Grand Rapids, 1928.

Berkhof, L., *Teologia Sistemática* (trad. Odayr Olivetti), Campinas, SP, 1990.

Berkhof, L., *Vicarious Atonement Through Christ,* Grand Rapids, MI, 1936.

Blackwood, A. W„ *The Fine Artof Publk Worship,* Nashville, TN, 1939.

Bouma, C., *I, II Timotheus en Titus* (em *Korte Verklaring),* segunda edição, Kampen, 1953.

Bouma, C., *De Brieven van den Apostei Paulus aan Timotheus en Titus* (em *Kommentaar op het Nieuwe Testament),* Amsterdã, 1942.

Brooks, A. E., "The Problem ofthe Pastoral Epistíes", *JThS* 23 (1922).

Burrows, Millar, *The Dead Sea Scrolls,* Nova York, 1956.

Calvino, João, *Comentário às Pastorais* (trad. Valter Graciano Martins), Edições Parakletos, São Paulo, 1998.

Davis, John, *Dicionário da Bíblia,* Editora Candeia, São Paulo.

Deissmann, A., *Light From the Ancient East* (trad. L. R. M. Strachan), Nova York, 1922.

De Wette. W. M. L., *Kurze Erklãrung der Briefe an Titus, Timotheus,* Leipzig, 1844.

Diebelius, M., *Die Pastoralbriefe,* segunda edição, Tübingen, 1931.

Easton, B. S., *The Pastoral Epistles,* Londres, 1948.

Ellicott, C. J., *Commentary on the Pastoral Epistles,* Londres, 1864.

Erdman, Charles R., *The Pastoral Epistles ofPaul,* Filadélfia, PA, 1923.

Everyday Life in Ancient Times, publicado por The National Geographic Society, Washington, 1958.

Falconer, R., *The Pastoral Epistles,* Oxford, 1937.

Goodspeed, E. J., *Paul,* Filadélfia e Toronto, 1947.

Greydanus, S., *Bizondere Canoniek,* Kampen, 1949.

Grosheide, F. W., *De Openbaring Gods In Het Nieuwe Testament,* Kampen, 1953.

Harrison, P. N., *The Problem ofthe Pastoral Epistles,* Oxford, 1921.

Hawkins, R. M., *The Recovery ofthe Historical Paul,* Nashville, TN, 1943.

Hendriksen, W., *The Meaning of the Preposition, ANTI in the New Testament* (dissertação doutorai não publicada submetida ao Seminário de Princeton), 1948.

Hendriksen, W., *Bible Survey,* Grand Rapids, MI, quarta edição, 1953.

Hendriksen, W., *Mais que Vencedores, Interpretação do Livro de Apocalipse* (trad. Valter Graciano Martins), São Paulo, 1987.

Holtzmann, H. J,, *Die Pastoralbriefe,* Leipzig, 1880.

James, J. D., *The Genuineness and Authorship ofthe Pastoral Epistles,* Londres, 1906.

Jeremias, Joachim, *Die Briefe an Timotheus und Titus,* Gõttingen, 1934.

Keller, Werner, *The Bible as History,* Nova York, 1956.

Knox, João, *Chapters in a Life ofPaul,* Nova York e Nashville, 1946.

Koole, J. L., *I e II Timotheus en Titus* (em *De Bijbel In Nieuwe Verta-*

ling), Kampen (sem data).

Kraeling, Emil G., *Rand McNally Bible Atlas,* Nova York, 1956.

Lock, W„ *The Pastoral Epistles* (em *International Criticai Commentary),* Edimburgo, 1924.

Loeb Classical Library, Nova York (várias datas). Os volumes desta coleção foram consultados em relação aos escritos de Homero, Josefo, Menander, Filo, Platão, Plutarco, Tucídides, Xenofonte e outros.

Michaelis, W„ "Pastoralbriefe und Wortstatistik", *ZNTW* 28 (1929).

Michaelis, W., *Pastoralbriefe und Gefangenschaftbriefe. Zur Echtheitsfrage der pastoralbriefe,* 1930.

Moffatt, J., *Introduction to the Literature ofthe New Testament,* Nova York, terceira edição, 1918.

Moulton, W. F., e Geden, A. S., *A Concordance to the Greek New Testament,* Edimburgo, terceira edição, 1950.

Moulton, J. H., e Milligan, G., *The Vocábulary ofthe Greek Testament,* Edimburgo, 1930.

Nageli, Th., *Der Wortschatz des Aposteis Paulus,* Gõttingen, 1905.

National Geographic Map, *Lands ofthe Bible Today,* dezembro, 1956.

Parry, John, *The Pastoral Epistles,* 1920.

Pherigo, Lindsey P, "Paul's Life After the Close of Acts", *JBL* 70 (dezembro, 1951).

Plummer, Alfred, *The Pastoral Epistles* (em *The Expositor 's Bible),* reimpressão Grand Rapids, MI, 1943, Vol. 6.

Riddle, W., e Hutson, H. H., *New Testament Life and Literature,* Chicago, 1946.

Robertson, A. T., *Word Pictures in the New Testament,* Nova York e Londres, 1931, Vol. IV.

Robertson, A. T., *The Minister and his Greek New Testament,* Nova York, 1923.

Robertson, A. T., *Grammar ofthe Greek New Testament in the Light of Historical Research,* Nova York, 1923.

Sauer, E., *In the Arena of Faith,* Grand Rapids, MI, 1955.

Schlatter, A., *Die Kirche der Griechen im Urteil des Paulus,* Stuttgart, 1936.

Schleiermacher, F., *Ueber den Sogenannten Briefvon Paulus an den Timotheus,* 1807.

Schweitzer, A., *The Mysticism ofPaul the Apostle,* Nova York, 1931.

Scott, E. F., *The Literature ofthe New Testament,* sexta edição, Nova York, 1940.

Simpson, E. K., "The Authenticity and Authorship of the Pastoral Epistíes", *EQ* 12 (outubro, 1940).

Simpson, E. K., *The Pastoral Epistíes,* Londres, 1954.

Sizoo, A., *DeAntieke Wereld en hetNieuwe Testament,* Kampen, 1946.

Sizoo, A., *Uit de Wereld van hetNieuwe Testament,* Kampen, 1948.

Spicq, P. C., *Saint Paul, Les Epitres Pastorales,* Paris, 1947.

Tenney, Merrill C., *The New Testament, A Survey,* Grand Rapids, 1954.

The Good News, The New Testament with over 500 lllustrations and Maps, publicado pela American Bible Society, Nova York, 1955.

Torm, F„ "Ueber die Sprache in den Pastoralbriefen", *ZNTW* 18(1918).

Trench, R. C., *Synonyms ofthe New Testament,* edição Grand Rapids, MI, 1948.

Tucker, T. C., *Life in the Roman World of Nero and St. Paul,* Nova York, 1922.

Van Andei, J., *Paulus' Brieven Aan Timotheus,* Leiden, 1904.

Van Dijk, *Paraphrase van de Eerste Brief aan Timotheus,* Franeker (sem data).

Veldhoen, N. G., *HetProces van den Apostei Paulus* (dissertação doutorai não publicada submetida à universidade de Leiden), 1924.

Warfield, B. B., *The Inspiration and Authority ofthe Bible,* Filadélfia, PA,1948.

Westminster Dictionary ofthe Bible, de J. D. Davis (revisado e reescrito por H. S. Gehman), Filadélfia, PA, 1944.

Westminster Historical Atlas to the Bible, Filadélfia, PA, 1945.

White, N. J. D., *The First and. Second Epistíes to Timothy and the*

Epistle to Titus (em *The Expositor's Greek Testament*), reimpressão Grand Rapids, MI, vol. 4 (sem data).

Wohlenberg, G., *Die Pastoralbriefe,* Leipsig, 1906.

Wuest, Kenneth S., *The Pastoral Epistles in the Greek New Testament* (décimo segundo na série de *Word Studies),* Grand Rapids, MI, 1954.

Wuest, Kenneth S., *Golden Nuggets from the Greek new Testament,* Grand Rapids, MI, 1939.

Zahn, Th., *Einleitung in das Neue Testament,* 1897-1900, Vol. II.